

WILLIAM AGEL DE MELLO

OBRAS COMPLETAS

VOLUME I

FICÇÃO

- **EPOPEIA DOS SERTÕES**
(romance)
- **GEÓRGICAS – ESTÓRIAS DA TERRA**
(contos)
- **O ÚLTIMO DIA DO HOMEM**
(romance)
- **METAMORFOSE**
(contos)



WILLIAM AGEL DE MELLO
OBRAS COMPLETAS
VOLUME I
FICÇÃO

1. Epopeia dos Sertões (romance) / p. 15
2. Geórgicas – Estórias da Terra (contos) / p. 183
3. O Último Dia do Homem (romance) / p. 277
4. Metamorfose (contos) / p. 361

William Agel de Mello, ao recorrer à mitologia para compor a urdidura de suas tramas narrativas, e isso ele faz tanto em romances como em contos – dotou sua obra de um recurso que lhe garante interesse permanente e durabilidade assegurada.

VERA MARIA TIETZMANN SILVA

Mitos e costumes, narrativas postas com firmeza numa arquitetura verbal conscientemente planejada e erguida, tornam este cântico rural chamado Epopeia dos Sertões de uma força capaz de marcar a ficção brasileira desta segunda metade de século XX.

ANTÔNIO OLINTO

O autor, homem de espantosa erudição, entrelaça sua trama com a mitologia grega, latina, germânica e até egípcia. Cada episódio importante pode ser comparado, num aprofundamento da leitura, a episódios míticos, o mesmo acontecendo com numerosos personagens que se afinam com seres da vasta e complexa mitologia. Também há referências sutis e alusões significativas a obras da literatura clássica universal. É uma leitura a ser feita em dois níveis, o literal e o de fundo.

ENÉAS ATHANÁZIO

**© REPRODUÇÃO AUTORIZADA, ILIMITADAMENTE,
DESDE QUE CITADO O NOME DO AUTOR.**

Declaro, para os devidos fins, que renuncio, perpetuamente, a todos os direitos autorais que me são devidos, em favor das editoras e entidades públicas e privadas que desejarem publicar os meus livros. Ainda no que concerne estritamente aos meus direitos autorais, autorizo as editoras e entidades públicas e privadas a publicarem os meus livros sem consulta prévia a mim ou aos meus descendentes.

Todos os livros das **Obras Completas** * poderão ser reproduzidos livremente, sem ônus, por parte das bibliotecas, das universidades, dos professores, dos alunos e do público em geral – sem a necessidade de consulta ao autor.

* com exceção da **Obra Poética de Lorca e João Guimarães Rosa – Cartas a William Agel de Mello**, cujos direitos autorais pertencem aos herdeiros.

email para correspondência: williamagel@hotmail.com
site: www.williamageldemello.com

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

MEL Mello, William Agel de
obr Obras Completas – Volume I – Ficção. / William Agel de Mello.
Goiânia: Kelps, 2020.

502p.
ISBN

1. Obras Completas. Coleção. I. Título.

CDU:

OBRAS COMPLETAS

VOLUME I – FICÇÃO

1. Epopeia dos Sertões (romance)
2. O Último Dia do Homem (romance)
3. Geórgicas – Estórias da Terra (contos. Prêmio Caixa Econômica, julgado pela ABL)
4. Metamorfose (contos)

VOLUME II – TRADUÇÃO

1. Livro de Poemas (F. G. Lorca)
2. Poema do “Cante Jondo” (F. G. Lorca)
3. Primeiras Canções (F. G. Lorca)
4. Canções (F. G. Lorca)
5. Romancero Gitano (F. G. Lorca)
6. Três Romances Históricos (F. G. Lorca)
7. Poeta em Nova York (F. G. Lorca)
8. Pranto por Ignacio Sánchez Mejías (F. G. Lorca)
9. 6 Poemas Galegos (F. G. Lorca)
10. Divã do Tamarit (F. G. Lorca)
11. Poemas Esparsos (F. G. Lorca)
12. Cantares Populares (F. G. Lorca)
13. Sonetos Inéditos (F. G. Lorca)
14. Antologia Poética de Lorca
15. Cancioneiro
16. Carta da Liberdade do Congresso Nacional Africano
17. Programa de Ação Contra o Apartheid, da Assembleia Geral das Nações Unidas

VOLUME III – ENSAIOS

1. UJAMAA – O Socialismo Africano: O Modelo da Tanzânia
2. O Processo de Independência da Namíbia
3. O Processo de Dissolução do Apartheid e as Consequentes

Transformações na África Austral. As Opções Estratégicas
Brasileiras

4. O Idioma Panlatino e outros Ensaio Linguísticos

VOLUME IV. – MONOGRAFIAS E ARTIGOS

1. Como Corrigir uma Tese
2. João Guimarães Rosa – Cartas a William Agel de Mello
3. Um Povo é a Língua que Fala
4. A Antártica – Aspecto Físico e Conquista do Território
5. Origens da Guerra Fria
6. Dicionário Elétrico Falante Ilustrado – Uma Invenção Brasileira
7. Federico García Lorca
8. Artigos

VOLUME V – FORTUNA CRÍTICA

VOLUME VI – COMO CORRIGIR UMA TESE

**VOLUME VII – DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS
ROMÂNICAS**

1. Francês-Português
2. Português-Francês
3. Sardo-Português
4. Português-Sardo
5. Provençal-Português
6. Português-Provençal
7. Italiano-Português
8. Português-Italiano
9. Espanhol-Português
10. Português-Espanhol
11. Mirandês-Português
12. Português-Mirandês
13. Reto-Românico-Português
14. Português-Reto-Românico
15. Galego-Português
16. Português-Galego
17. Latim-Português
18. Português-Latim
19. Catalão-Português
20. Português-Catalão
21. Romeno-Português
22. Português-Romeno
23. Asturiano-Português
24. Português-Asturiano

25. Aragonês-Português
26. Português-Aragonês
27. Aranês-Português
28. Português-Aranês

Apêndice

O Idioma Panlatino

VOLUME VIII – DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS DA PENÍNSULA IBÉRICA

1. Mirandês-Português
2. Português-Mirandês
3. Asturiano-Português
4. Português-Asturiano
5. Aragonês-Português
6. Português-Aragonês
7. Espanhol-Português
8. Português-Espanhol
9. Catalão-Português
10. Português-Catalão
11. Galego-Português
12. Português-Galego
13. Aranês-Português
14. Português-Aranês

Apêndice

O Idioma Panlatino

INTRODUÇÃO GERAL

Junito de Souza Brandão

A obra de William Agel de Mello enquadra-se nos seguintes gêneros: ficção, tradução, lexicografia e ensaio.

No campo da ficção, sua contribuição é inestimável. Introduziu uma temática inteiramente nova na literatura brasileira. Sirvam de exemplo os seguintes contos: *O vendedor de tapetes*, *Omar*; *O espírito do vinho*; *As marionetas encantadas*; *Gitano*; *O coveiro de Notre Dame*; *Rômulo e Rêmulos* (estória de salineiros e lenhadores); etc.

Fez do mito greco-latino um dos pontos centrais de sua narrativa, na qual mitologia e realidade se fundem, numa perfeita simbiose. Na maioria das vezes, a mesma personagem desempenha simultaneamente dois papéis: o próprio papel, na vida real, e o papel que lhe cabe na mitologia. Tudo muito naturalmente. Um dos exemplos mais expressivos é a guerra de Troia em pleno sertão goiano, um dos pontos altos do romance *Epopéia dos Sertões*. É a recriação do mito, ou melhor, a arte de recriar o mito.

No que tange à forma, há uma preocupação constante com a língua. Em quase todas as páginas desenvolve-se uma intensa pesquisa linguística. Para o autor, as palavras têm vida, cor, musicalidade, valor, peso, medida. Se cada palavra tem sua função na frase, é preciso encontrar a palavra que sirva melhor aos seus desígnios. A tal ponto que, conforme se expressou o crítico Medeiros e Albuquerque, a prosa de William Agel de Mello, em certos trechos, provoca a vontade irresistível de declamá-la. Além disso, talvez nenhum outro autor brasileiro tenha usado, com tanta profusão, a palavra em seu sentido etimológico. O conto *Baalbek*, por exemplo, que narra a história de um mascate sírio no sertão, está impregnado de palavras de origem árabe.

Não menos importante é a contribuição de William Agel de Mello no âmbito da tradução. Traduziu – seguindo os parâmetros

da tradução a mais fiel possível – os grandes poetas do Ocidente, inclusive a obra poética completa de Federico García Lorca.

No campo da lexicografia marcou a sua presença de forma indelével e espetacular. Escreveu nada menos que 28 dicionários. A maior obra de dicionários bilíngues de línguas românicas do mundo, com base na língua portuguesa. O português é uma das poucas línguas da família neolatina que conta com dicionários de um grande número de línguas congêneres. Coube-lhe a primazia de escrever o primeiro dicionário catalão/português/catalão, e ainda hoje, alguns de seus dicionários constituem os únicos dicionários bilíngues existentes no campo da lexicografia em nível mundial: sardo/português/sardo, reto-românico/português/reto-românico, provençal/português/provençal, asturiano/português/asturiano, aranês/português/aranês, aragonês/português/aragonês, português/romeno além do monumental dicionário geral das línguas românicas e o dicionário geral das línguas da Península Ibérica.

Quanto aos ensaios, escreveu três sobre política internacional e um no campo da linguística. Tornou-se um dos maiores africanólogos brasileiros com os seguintes ensaios:

UJAMAA, O Socialismo Africano: O Modelo da Tanzânia

O Processo de Independência da Namíbia

O Processo de Dissolução do Apartheid e as Consequentes Transformações na África Austral. As Posições Estratégicas Brasileiras.

A sua tese sobre linguística – *O Idioma Panlatino e outros Ensaios Linguísticos* – é realmente *sui generis*. O latim deu origem às línguas neolatinas, e as línguas neolatinas, em seu processo evolutivo normal, dão origem à língua síntese – o panlatino. A ideia básica é formar uma superlíngua para cada família de línguas. Ou seja: o pangermânico, o pan-eslavo, o panlatino, etc. Uma nova linguagem universal, ou uma reconstrução da Torre de Babel. Se sua tese tiver validade, poderá até mesmo ser indicado para o Prêmio Nobel, caso contribua efetivamente para uma maior comunicação entre os homens.

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

A técnica da composição

De certa forma, escrever é como esculpir. O período – ou um trecho – equivale a uma parte da pedra bruta; o roteiro, ao tamanho do bloco que se quer esculpir; a estória, o enredo, à figura ou imagem.

Primeiro, é preciso deixar o pensamento fluir normalmente, para não prejudicar a inspiração. Depois é que se inicia o processo que visa o aperfeiçoamento do texto. Às vezes o trecho já sai de forma definitiva, e dispensa o crivo. *Mutatis mutandis*, o mesmo ocorre na escultura e pintura. O processo de aperfeiçoamento do texto varia de escritor para escritor. Muitos não atribuem a menor importância à forma. Para outros, entretanto, constitui verdadeira obsessão e, só depois de muito trabalho, é que surge a versão definitiva. Para se corrigir de forma conveniente um texto, é necessário ler palavra por palavra, frase por frase, linha por linha – com toda a atenção. Conforme o trecho, é mister efetuar várias leituras. Ou até mesmo uma leitura para cada item da correção. A correção compreende dois aspectos: o objetivo e o subjetivo. Os itens que poderiam ser arrolados: disposição, apresentação, iniciais, estrangeirismos, pontuação, impropriedades de estilo, correlativas conjuncionais, siglas, estilo simplista, emprego vicioso de pronome e artigo, flexão do infinitivo, partição de vocábulo, falta de técnica, título, emprego do gerúndio, palavras empregadas erroneamente, grafia errada, erros de concordância: gênero e número, impropriedade lexical, hífen, contração da preposição per + artigo definido, acentos e trema, uso indevido (ou omissão) do artigo, regência nominal e verbal, falta de clareza, indicações erradas, falta de originalidade, colocação em relevo de detalhes secundários, emprego de verbos de tempos diferentes no mesmo parágrafo, trechos obscuros que dificultam a compreensão, falta de revisão adequada, etc.*

O estilo é o homem – já foi dito, e com muita propriedade. O conhecimento profundo da língua é o instrumento, a ferramenta

do escritor. Às vezes o escritor escreve um trecho em estilo pouco recomendável – propositadamente, para obtenção de certos efeitos. Guimarães Rosa, por exemplo, lançava mão do recurso às rimas, assonâncias, aliterações e também à ressonância ou eco – marca inconfundível de seu estilo. Alguns autores empregam uma linguagem onomatopaica para se atingir um objetivo, evocar determinada imagem. A própria ambiguidade, em muitos casos, é passível de enriquecer o texto, dando margem a múltiplas interpretações, conforme a intenção do autor. Outros escritores preferem um estilo conciso – cada palavra com uma função, nenhuma palavra a mais. O importante é a intenção do autor e a correta avaliação dos resultados. *Ars est condere artem*. Mas a regra básica é dada por Unamuno: quem pensa claro, escreve claro. Nesse contexto, a colocação dos parágrafos é de suma importância. O parágrafo é uma unidade de composição e deve encerrar uma ideia – uma só. Ideia simples é a que contém um só elemento; e composta, dois ou mais. Por exemplo: numa descrição curta de várias personagens, deve haver um parágrafo específico para os atores. Se bem que, em cada caso, o autor possa abordar vários aspectos. A imagem de uma árvore serve de ilustração: os galhos (elementos) estão ligados ao tronco (ideia central). Para as descrições longas, é óbvio, prevalece a regra geral: um parágrafo para cada assunto. Para Othon M. Garcia, parágrafo padrão é a unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, a que se agarram outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela. Para a redação do parágrafo é mister observar a delimitação do assunto, a fixação do objetivo, a formulação da frase-núcleo ou tópico frasal, a formulação do desenvolvimento e a formulação da conclusão. Às vezes o autor infringe propositadamente a regra, para obter um efeito especial. Ainda no tocante ao estilo, outros fatores também devem ser levados em consideração. A elipse do verbo, por exemplo, pode dar concisão à frase, com um efeito significativo. No latim é comum a elipse verbal. Outro recurso que confere elegância ao estilo é a posposição do pronome – desde que observado o fator de próclise. Guimarães Rosa dizia que – em certos casos – o diálogo enfraquece o estilo. O diálogo – como as palavras – deve ter a sua função, notadamente em determinadas circunstâncias.

A técnica e a arte devem andar juntas. Pode-se aprender a técnica, mas o escritor traz consigo a marca do berço. Mas não basta nascer escritor. É preciso criar as condições para que o dom de escrever se manifeste em toda a plenitude. A escolha do tema, por

exemplo, exerce uma influência poderosa no ato da criação. Um bom escritor deve dominar o assunto sobre o qual está escrevendo – o conhecimento de causa. E é nesse contexto que se insere o verdadeiro sentido da humildade – difícil, difícilíssima de ser praticada. O aprendizado consiste em aguçar as ferramentas para a execução da obra, no exato cumprimento do dever, na atenção constante, na perseverança, no exame meticuloso de cada palavra, no trabalho árduo, na pesquisa em busca do perfeccionismo, na aceitação sincera da crítica bem-intencionada – condições *sine quibus non* para se exercer com responsabilidade o nobre ofício.

A última edição de um livro é a que vale. As outras podem ser comparadas aos *estudos* dos pintores. Para os escritores exigentes, qual a última edição, *quantum satis*?

Quanto a mim, todas as vezes que leio os meus livros com suma atenção, sempre encontro um modo de aprimorá-los. Tudo conta, até mesmo o mais mínimo pormenor. E nesse sentido, o livro é uma obra inacabada. O que vale dizer que ainda estou a escrever o meu primeiro romance, escrito cinquenta anos atrás. Cabe indagar: não é terrível a sina do escritor? Para completar, cite-se a frase de Terenciano: *Habent sua fata libelli* – os livros têm seu próprio destino. O importante é seguir o conselho de Plínio, o Velho: *Nulla dies sine linea*.

Para alguns escritores, a obra deve ter corpo e alma. O corpo é a parte episódica. E a alma é a mensagem que transmite, a simbologia, a discussão de temas transcendentais e, conforme o caso, a inclusão de hipertexto, hipotexto, palimpsesto, o contraponto com a mitologia e/ou obras universais, etc.

Por último, algumas considerações sobre a literatura:

Primeira. O escritor nasce escritor. Para ele escrever é mais que uma compulsão, é uma necessidade biológica. O conjunto de sua obra é a medida exata de sua contribuição. Alguns escritores se dedicam a um gênero literário; outros, a vários.

Segunda. A fama e o valor da obra são dois conceitos distintos. Às vezes coincidem, mas a maioria das vezes, não. Uma obra de grande porte pode não alcançar a fama merecida, por várias razões. E a recíproca também é verdadeira. A fama pode ser: mundial, continental, nacional, regional.

Falta mencionar a literatura de cunho especializado, de número reduzido de leitores, e que raramente ultrapassa os limites de seu universo. Mas são obras de referência obrigatória. É o caso, por exemplo, de três lingüistas de renome: Max Leopold Wagner, Matteo

Bartoli e José Leite de Vasconcelos, as maiores autoridades no que concerne ao estudo do Sardo, Dalmático e Mirandês.

Max Leopold Wagner escreveu *II Sardo: storia, spirito e forma*.

Matteo Bartoli escreveu *Das Dalmatische*.

José Leite de Vasconcelos escreveu *Estudos de Filologia Mirandesa e O Dialecto Mirandês*.

Um caso particular é o das obras clássicas, cujos autores têm fama mundial e de valor mais alto possível. E, no entanto, seus leitores se restringem ao mundo acadêmico e aos intelectuais.

Em contrapartida, a subliteratura tirou espaço da literatura séria. A propósito, pode-se invocar a lei de Gresham na economia: a moeda má expulsa a moeda boa do mercado.

Terceira. O mundo moderno sofreu transformações radicais, antes impensáveis. É a época do divertimento, do lazer, da busca incessante do prazer. É a vez das discotecas, dos shoppings, do i-pad, i-phone, smartphone e outros meios de comunicação, que preenchem as necessidades da juventude.

A literatura e a cultura perderam a importância. As Academias de Letras perderam o prestígio de que desfrutavam no passado. Os grandes autores raramente são lembrados, fora do universo acadêmico.

A literatura é um ato solitário, que requer concentração. O que vai de encontro às preferências atuais. Antes lia-se mais porque as opções eram limitadas. Antes, um crítico renomado, ou um escritor famoso, consagrava um escritor. Antigamente, a cultura dava prestígio. Hoje não.

Que dizer do Humanismo? O estilo de vida moderno não tem tempo para o Humanismo. A cultura geral cedeu lugar ao pragmatismo, à especialização. Como disse Junito de Souza Brandão: “Nosso século em ruínas está sofrendo de oligandropia – fome de homens humanos... não de homens que se metamorfosearam em máquinas e computadores”.

Que dizer do conteúdo da frase *Quem não lê, não fala, não ouve, não vê?* Como é possível abrir a janela do mundo sem o aprendizado das línguas, ou o prazer da leitura dos grandes autores no original? Quem nunca leu os clássicos, jamais experimentará a sensação de prazer que a leitura proporciona. A falta de leitura é a própria limitação do ser humano.

Se a Humanidade continuar nesse ritmo, como será o mundo de amanhã?

Finalmente, uma palavra sobre a imortalidade. A frase *ad immortalitatem* perdeu a razão de ser. As academias não mais consagram escritores. O Prêmio Nobel só dá notoriedade passageira. Para não mencionar a ação anulatória do tempo. Autores há que são famosíssimos em determinada época, mas acabaram por cair totalmente no esquecimento. Em compensação, algumas obras de importância despendida entraram para a História da literatura por causa da época em que foram escritas. Se fossem escritas hoje, passariam totalmente despercebidas. Muitos autores permaneceram apenas por ser representantes de escolas literárias.

Quanto aos escritores, é o caso de se indagar: *ubinam gentius sumus?*

* Para informações pormenorizadas a respeito, ler *Obras Completas, Volume VI, Como Corrigir uma Tese*, William Agel de Mello. Goiânia: Kelps, Goiânia, 2010.

COPIA.

Chefe da Divisão do Pessoal

1º agosto

66

D7/79

Desligamento do Cônsul
WILLIAM AGEL DE MELLO.

Chefe da Divisão do Pessoal

1º de agosto de 1966

07/79

Desligamento do Cônsul
WILLIAM AGEL DE MELLO

Cumpre-me levar ao conhecimento de Vossa Excelência — e o faço com pena — de que concedi hoje o desligamento, de suas obrigações no Serviço de Demarcação de Fronteiras, do Secretário WILLIAM AGEL DE MELLO, designado para as funções de Vice-Cônsul em Barcelona.

Bom caráter, exato cumpridor de seus deveres, inteligente e sensível, estudioso, há de continuar a bem servir a esta Casa, estou certo.

Rogo a Vossa Excelência o obséquio de mandar constar nos seus assentamentos pessoais este reconhecimento do seu primeiro Chefe.

Atenciosamente,

a) *Guimarães Rosa*
João Guimarães Rosa,
Chefe do Serviço de Demarcação
de Fronteiras.

Atenciosamente,

É CÓPIA AUTÊNTICA

João Guimarães Rosa
Chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras

É CÓPIA AUTÊNTICA

AGP/LG.

Bem feito!...

W. Agel de Mello

*... e formalmente detido para
a decisão junto a nova Direção
— e que acho, acho, acho. E que você, o
"discípulo" Guimarães, sempre estará no comando
do setor. Abraço de Guimarães Rosa*

EPOPEIA DOS SERTÕES

PREFÁCIO

Vera Maria Tietzmann Silva

Do regional ao universal: epopeia dos sertões

Escritor grande e feito, fez do mito greco-latino um de seus pontos de partida. Mas sendo o mito intemporal, voltando sempre sobre si mesmo, e como a cada retorno há uma reiteração, uma nova criação, William mitifica para criar. O grande escritor não se repete. Repete-se o mito, que se realiza.

JUNITO DE SOUZA BRANDÃO

O senhor vá ver, em Goiás, como no mundo cabe mundo.

JOÃO GUIMARÃES ROSA

1. O sertão e o mito

Os grandes espaços abertos sempre exerceram poderosa atração sobre a mente humana, que neles vê a possibilidade de uma travessia, cheia de riscos, embora. O oceano, no século XVI, ou o espaço sideral, na segunda metade do século XX, cumprem o mesmo papel que as enormes pradarias da América do Norte, as geleiras dos polos ou os desertos e as savanas da África. Esses vazios postam-se diante do homem como ameaça e desafio, como oportunidades de testar os limites humanos (e, mesmo, de ultrapassá-los). Se essas imensidões falassem, diriam, certamente, como disse a Esfinge a Édipo: “Decifra-me ou devoro-te!” Incansavelmente, o homem enfrenta esses espaços, subjuga-os, imprime-lhes a marca de sua superioridade ou, enquanto não é capaz de fazê-lo, povoa seus vazios com as criações de seu imaginário.

O sertão inclui-se também nesse conjunto de terrenos inóspitos que o homem precisa domar e vencer, e a literatura

brasileira o vem de longa data transformando em cenário e, às vezes, mesmo, em personagem de narrativas de ficção, bastando lembrar, como exemplo, as obras clássicas de um Euclides da Cunha ou de um João Guimarães Rosa. William Agel de Mello, em **Epopéia dos sertões**, retoma esse espaço, dando-lhe um tratamento diferenciado dos demais ficcionistas brasileiros, ao transformá-lo em contraponto de mito clássico greco-romano. Veremos, adiante, que a aproximação maior se faz com a célebre epopeia **Iliada**, atribuída a Homero, e que narra os episódios diversos da guerra entre gregos e troianos, defronte às muralhas de Troia.

Ainda que a etimologia da palavra “sertão” não tenha sido definitivamente estabelecida até agora, há quem veja nela um vocábulo derivado de deserto (*deserto deserto sertão*), apoiando-se essa hipótese nos atributos de aridez, despovoamento, e travessia de viajantes que o sertão tem em comum, semanticamente, com o deserto.

Estendendo-se como uma mancha imprecisa pelo interior do país, cobrindo parte das regiões Centro-Oeste, Sudeste, Norte e Nordeste, marcando-se pela baixa densidade populacional e, em alguns locais, pela aspereza inóspita da vegetação, o sertão assinala a fronteira que separa dois mundos, o arcaico e o civilizado. No romance de William Agel de Mello, o recorte de sertão que se apresenta ao leitor é o cerrado goiano, reconhecível através das descrições de sua flora e fauna, bem como no modo de vida rural, o que se observa, por exemplo, na bela passagem descritiva que fecha a primeira parte do texto:

Na frente, o bacuri, com as palmas curvas sombreando o chão. Os anus-brancos bicavam larvas ou vermes na beira dos córregos ou tranqueiras. Os pequis caíam de maduros. Mijo quente de boi cheio de espuma e aquele cheiro que vinha do curral. A perdiz imitava seu canto, lá no campo sujo: fugia dos lugares altos e barrancos em forma de não cair. A andorinha voava de perfil. Arvoreção. Nem vassoura atrás da porta para mandar embora a derradeira gente. O monjolo de mão, debaixo de árvore no começo do laranjal. Os passarinhos afinavam o assobio. Em cima dos galhos: aprontando-se para outra aurora a orquestra das cigarras cantava justa em z menor. O monjolo nunca erra, como um martelo de juiz.

Mesmo reconhecendo esse espaço como goiano, enquanto imagem literária, o sertão não pode ter seus limites determinados em mapa, porque esse lugar mágico onde se desenrola a ação tem muito de concreto e um tanto de imaginário. Como diz o crítico literário Benedito Nunes, “*o Sertão fero e não manso, sem lei e guerreiro, por coisa alguma delimitado, está em toda a parte e em lugar nenhum*”.

Opinião semelhante é partilhada pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão. Em sua recente obra **Memória sertão**, ele chega a comparar o sertão ao destino, quando diz:

Pois tal como o destino, o sertão é um lugar absolutamente real, desde que seja ilimitadamente indefinível. De que ele exista não deve haver dúvidas. Mas de que ele esteja em um lugar onde a própria existência seja limitada e limitadora, eis onde o sertão não está. Tendo, como o destino, um começo e um fim, ele está por toda a parte e, então, as próprias ideias contidas em “começo” e “fim” deixam de ter um sentido. Deixam de indicar qualquer coisa: mesmo a direção de um rumo. Será por isso que, ao final, nada importará a não ser a travessia? E tornará ela o homem humano, justamente porque é o que existe entre o começo e o fim? Entre as certezas?

Entrar no sertão é retroceder no tempo, é regressar a uma época anterior às leis escritas e à ordem codificada. É um mundo de leis próprias, não raro de desmandos, de arbitrariedades e de violência. Um mundo que para o tempo e não aceita a República, como no episódio da Guerra de Canudos; ou um mundo onde ainda podem existir donzelas guerreiras e serem feitos pactos com o demônio, como no romance de Guimarães Rosa. Um mundo de homens que se expressam por meias palavras, por aforismas e frases feitas, sem os requintes ou a discursividade (e a hipocrisia) dos salões elegantes das cidades grandes.

Porém, mais do que retratar um tempo passado, poderíamos dizer que o sertão retrata um tempo fora do tempo. Neste situar-se à margem da cronologia temporal legitima-se a aproximação entre sertão e mito, proposta pelo autor em seus contos e romances. Libertando-se das amarras do tempo, a narrativa de William Agel de Mello, com as lendas, os relatos míticos, os contos de fadas e os

nossos sonhos, possibilita uma leitura alegórica, um desvelamento de significados ocultos.

O mito é a tentativa humana de devassar as fronteiras de seu ser e de seu conhecimento, é uma busca de explicação para os mistérios do mundo e da alma. Como nos sonhos, o mito transforma o abstrato em concreto, os conceitos em imagens. A linguagem do mito, portanto, é eminentemente simbólica. Por detrás dos enredos ora trágicos, ora heróicos, ou até prosaicos, os relatos míticos guardam um outro sentido, que revela algo importante sobre os mistérios do mundo físico que nos rodeia, ou do mundo psíquico, que nos habita. Por isso eles continuam a exercer seu fascínio pelos séculos afora.

William Agel de Mello, ao recorrer à mitologia para compor a urdidura de suas tramas narrativas, e isso ele faz tanto em romances como em contos – dotou sua obra de um recurso que lhe garante interesse permanente e durabilidade assegurada. Veremos como ele integra elementos recolhidos do repertório da tradição clássica em seu romance que, sem esse ingrediente, seria apenas mais uma obra regionalista na literatura goiana.

2. Epopeia dos sertões, estrutura e leituras

2.1. *Características gerais da obra*

O romance de William Agel de Mello apresenta-se como uma narrativa contínua, escassa em diálogos, sem segmentação em capítulos e sem subtítulos ou numerações. Contudo, o autor divide a narrativa em duas partes, marcando a transição de tempo e alterando significativamente o rumo da trama e o ritmo das ações. Neste estudo, para fins de análise, porém, passaremos a considerar uma outra proposta de divisão da narrativa, mais de acordo com os elementos que nela se podem observar.

Dentre os muitos personagens que povoam a **Epopeia dos sertões**, pouco a pouco toma corpo e estatura de herói o jovem Rolando – cujo nome se apresenta também ao leitor sob diversas variações (Lando, Landim, Olandim, Eolando) – e é pelo seu papel na trama que podemos repartir a narrativa em três momentos, que são: a juventude do herói, até seu casamento, e que chamaremos de “o idílio”; a idade adulta de Rolando e sua participação nas lutas, e que identificaremos como “o combate”; e a peregrinação do herói, transformado em justiceiro, no encalço do vilão, e que chamaremos de “a vingança”. Portanto, mantendo o foco de atenção sobre o

herói, analisaremos a obra nas três fases da vida de Rolando. A primeira corresponde à primeira parte proposta pelo autor e as duas últimas estão contidas na segunda parte do livro.

Como toda obra literária, este romance admite diversas leituras. O nível mais evidente, e que está ao alcance de todo leitor, é o episódico, ou o nível das ações que compõem a trama visível. O autor, porém, optou por não se limitar a esse nível superficial, compondo uma espécie de trama ternária, ao superpor outros dois níveis, o regional e o mítico, que se combinam e se entrelaçam às ações vividas pelos personagens principais.

Ao nível das ações, o leitor acompanha a trajetória de Rolando desde sua infância até sua idade madura, compartilhando seu crescimento físico, intelectual e afetivo e, depois, participando das lutas travadas por seu grupo contra os antagonistas, no episódio central do cerco à fazenda Olímpia. Finda a batalha, o leitor acompanha Rolando em sua busca de justiceiro no rastro do arqui-inimigo Virgilino. O fio da narrativa mantém aceso o interesse do leitor até o desfecho inesperado.

As notações regionais instigam o leitor a fazer uma leitura de sua própria cultura (se ele for goiano) ou de tomar contato com aspectos pitorescos de uma parte específica do Brasil (se ele for de outra região). Diferentemente do plano das ações, o nível regional não tem uma estrutura organizada com começo, meio e fim, tampouco mantém um ritmo regular. Às vezes intensifica-se, outras quase desaparece, no intervalos das ações. Observa-se, no entanto, que a presença do regional é mais forte na primeira parte do romance, talvez pelo fato de, não estando o herói ainda em ação efetiva, existir um espaço maior a ser preenchido de outra forma. Trataremos desse nível regional na quarta parte deste estudo, intitulada “Indo além da trama romanesca”.

O nível mítico, mais sutil do que os anteriores, requer um leitor mais atento e familiarizado com a cultura clássica. Para atender às inúmeras alusões a fontes mitológicas de origem variada, é fundamental a consulta às notas acrescentadas ao final do texto, regidas pelo mitólogo e professor Junito de Souza Brandão, que foi a maior autoridade brasileira neste campo de estudos. Na análise dos conflitos entre os dois grupos adversários, que trataremos adiante no item 2.3: “O combate, ou: na força da virilidade”, será dada ênfase à atualização da *Ilíada*, de Homero, feita por William Agel de Mello.

2.2. *O idílio, ou: nos albores da juventude*

O romance inicia sem focalizar imediatamente aquele que desempenhará o papel central. De fato, o narrador introduz o personagem de maneira causal, como se o leitor já o conhecesse, depois de despender quase quatro páginas, em tom dissertativo, falando sobre Goiás. Em recurso que lembra um “script” cinematográfico apresenta o protagonista Rolando, ainda menino, e revela traços de seu caráter puro e amoroso através de suas ações e pensamentos:

Flagrante de uma cena típica do interior. Um horror de meninos no mato a pegar frutas, trepados na ingazeira.

A paisagem: o cerrado.

No caminho de volta Rolando viu atrás do capão seco a margarida-do-campo. Catar e levar para mãe. Ela ia ficar alegre, alegre. Os outros estavam longe? Tinha importância não. Depois ele corria e os alcançava.

Em contraste, a mesma cena introduz também o antagonista do herói, o temível jagunço Virgilino, caracterizado pelo narrador como “a sombra preta”, “o Mal”, “o homem cruel”, “o guatambu enorme”, o homem, em cujos “olhos impossíveis, ele via o fogo do inferno”. Seus domínios, localizados na fronteira que separa Goiás de Minas Gerais, assemelham-se ao reino dos mortos da tradição grega. Escuro e limitado por um rio que “fedia defunto em certos trechos”, é habitado por um canoeiro encapuzado, “barqueiro sozinho, o das curvas do rio”, versão cabocla do velho Caronte.

De pura maldade, Virgilino maltrata e humilha o menino, sem motivo ou justificativa, num contraste gritante entre a delicadeza de sentimentos de um e brutalidade gratuita do outro. Essa cena ficará gravada na memória do herói também na do leitor – e vai intensificar os motivos da peregrinação que o herói fará na última parte do livro, em busca de vingança.

A narrativa prossegue, revelando traços da personalidade do menino Rolando que, como todo herói, tem sede de aprender, não se satisfaz com os apertados limites da mediocridade e desenvolve diversas habilidades: “Landim não era menino comum”.

É nesse início da narrativa que o autor estabelece as oposições principais do elenco de personagens. Rolando e Virgilino, como vimos, identificam-se, desde sua primeira intervenção na narrativa, como o herói e o vilão, respectivamente. Contrastando com essa

primeira oposição, Rolando e Auda, também desde o primeiro momento, formam o par romântico da trama. A cena em que o herói vê sua amada pela primeira vez é verdadeiramente epifânica, de deslumbramento e revelação. Observe-se como nesta passagem o narrador assume um tom emocional e desliza para a fronteira que separa o gênero épico do lírico, ao adotar os recursos próprios da linguagem do lirismo:

Foi que de repente viu, desviando por acaso o olhar – gente em cima de gente, mistura de povo – os pezinhos mais pezinhos que ele tinha visto e ouvido. Aquele ser, como se no Céu. Era a felicidade? Os grandes olhos grandes verdes – ela. Coração tremeu, cara suou. Como se ninguém na multidão, ela só. Auda ela se chamava. A presença dela era o mar. Ela era a mensagem, será? O destino jogava certo: fogo e palha se encontraram. Gostaram-se, como as coisas acontecem.

Também a oposição maior, que reparte todo o elenco de personagens em duas facções inimigas, desenha-se nesta primeira seção do livro, imediatamente após o encontro de Rolando e Auda, constituindo uma das muitas digressões que o narrador faz interrompendo o curso das ações. Num enclave narrativo, ele remonta à antiga rixa entre as duas famílias que mandavam na cidade de Catalão, os Calaveiras e os Coelícolas, e aqui, também, imitando o procedimento do narrador do romance, cabe uma digressão de nossa parte.

Como diz um provérbio latino, o nome é um presságio. Se isso poucas vezes é verdadeiro na vida real, na ficção é uma regra. Por isso, os nomes dados aos personagens sempre merecem a atenção do leitor. Temos no cerne dos conflitos que movem a ação de **Epopéia dos sertões** os seguintes nomes: Rolando, Auda, Virgilino, Calaveiras e Coelícolas.

Rolando e Auda têm seus nomes extraídos do par romântico da **Chanson de Roland**, conforme atesta Junito de Souza Brandão. O destino trágico do cavaleiro de Carlos Magno, no célebre poema narrativo francês, já antecipa ao leitor, como presságio, um destino funesto também para o herói e sua amada.

Virgilino, o vilão, tem seu nome derivado do poeta romano Vergílio, autor da **Eneida**, poema épico cuja ação inicia com o final da guerra de Troia, vencida pelos gregos. Portanto, assim como os nomes do protagonista e de sua amada, também o nome do antagonista reforça a ideia contida em um dos elementos do título

do livro, que é a epopeia. Isso, se considerarmos a linha mítica das ações e, pois, das associações de ideias; se, ao contrário, nos ativermos a uma perspectiva de sertão, Virgilino será um nome fonicamente muito próximo a Virgulino, o lendário Lampião, o mais temido cangaceiro do Nordeste.

As famílias inimigas expõem seus atributos nos sobrenomes que trazem: os Calaveiras originam seu nome na palavra castelhana que significa caveira, imagem que conota morte. Como adjetivo, calaveira significa caloteiro, enganador. O terrível Virgilino faz parte desse grupo. A outra facção é a dos Coelícolas, vocábulo criado pelo autor e que significa, literalmente, habitantes do céu. Como se percebe, a divisão é nitidamente maniqueísta e repete, em escala maior, a oposição expressa pela dupla protagonista/antagonista, vivida por Rolando e Virgilino.

William Agel de Mello utiliza toda a primeira parte como se fosse uma tela, ou um pano de fundo, para compor o cenário das ações que passam a acontecer em ritmo mais acelerado na segunda parte do romance, ao fechar-se o cerco e desencadear-se a luta.

2.3. O combate, ou: na força da virilidade

Já na primeira parte de **Epopeia dos sertões**, o leitor percebe, pela consulta às notas, que William Agel de Mello constrói sua narrativa constantemente aludindo a outras, pré-existentes a seu romance. Esse procedimento é conhecido como intertextualização, sendo largamente utilizado pelos escritores na construção de seus textos. Vejamos em que consiste esse procedimento.

No aproveitamento intertextual, ocorre uma espécie de superposição: na superfície, o leitor tem acesso ao texto que está sendo objeto de sua leitura; debaixo dele, com menor visibilidade, situa(m)-se outro(s), que ele busca descobrir. O teórico francês Genette criou os termos hipertexto (texto que está em cima) e hipotexto (que está debaixo) para se referir a esse diálogo entre obras, que é a intertextualização. O hipertexto é o texto novo como este **Epopeia dos sertões** e os diversos hipotextos pertencem ou à tradição oral (mitos, lendas, contos de fadas, etc), ou a obras e autores importantes e conceituados. **Grande sertão: veredas**, de Guimarães Rosa, por exemplo, tem como um de seus hipotextos o célebre **doutor Fausto**, do alemão Goethe. Em outras palavras: o hipotexto, (o que está apenas sugerindo), é sempre maior, mais importante ou, pelo menos, mais conhecido do que o hipertexto (o que está nas mãos do leitor).

Por que, então, os escritores recorrem à intertextualização, se ela, por assim dizer, “faz sombra” à sua obra? Porque esse procedimento, além de evidenciar a erudição do autor, provoca o leitor a uma participação mais ativa durante a leitura. Ele precisa estar atento, com todos os seus conhecimentos a postos, para reconhecer as alusões, comparar o texto que está lendo com os outros que lhe serviram de fonte, tirando dessa comparação dados novos que irão, com certeza, dar uma dimensão mais profunda e universal à obra que lê e, por conseguinte, à sua experiência de leitor.

Vimos há pouco que William Agel de Mello se vale da intertextualização para nomear diversos personagens e, fazendo isso, induz o leitor, inclusive, a antecipar, de certa forma e com limites, o rumo das ações e o destino dos personagens. Rolando e a Auda (Roland e Aude, em francês) vivem um amor trágico na **Chanson de Roland**, clássico da literatura francesa. Por isso, sabe-se de antemão que a história de amor do protagonista de William Agel tampouco terá um final feliz. O mesmo ocorre com o vilão que, pela associação com o nome do célebre jagunço nordestino, está fadado à perseguição, para pagar por seus crimes. A intertextualização pode manter uma relação de semelhança entre hipertexto e hipotexto, como no caso desses nomes próprios; de oposição (e neste caso estará ocorrendo um tratamento irônico); ou pode trabalhar infinitas nuances de significação entre os extremos da identidade e de oposição. Sempre, porém, convida o leitor ao deciframento e lhe dá o prazer da descoberta.

Na segunda parte de **Epopéia dos sertões**, a intertextualização assume um caráter peculiar, que a torna semelhante a um palimpsesto. O **Dicionário de termos literários** assim define o palimpsesto:

Primeiramente denominados codices rescripti, códices reescritos, os palimpsestos consistiam de pergaminhos cuja escrita havia sido apagada a fim de receber outro manuscrito (...)

Quer dizer, o palimpsesto consiste num texto que se escreve todo sobre outro texto, que foi apagado, mas cujos vestígios se conservam debaixo do texto novo. Assim, o palimpsesto, tomado metaforicamente como uma modalidade de intertextualização, constitui-se no reaproveitamento de diversos elementos de um mesmo texto. É exatamente isso que William Agel de Mello faz, ao construir o episódio da luta entre os dois grupos políticos rivais

tendo por base a **Ilíada**, de Homero. O cerco à fazenda Olímpia e o cerco às muralhas de Troia constituem o elemento-chave de identificação que leva o leitor à epopeia grega. Contudo, neste romance o palimpsesto toma uma feição um pouco mais complexa.

O autor cria sua história sobre diversos hipotextos, entre os quais se destacam a epopeia grega e os evangelhos. Esses textos anteriores se deixam perceber por fragmentos, embaralham-se, adquirem novos sentidos. Como nos velhos pergaminhos reutilizados, à escrita nova agregam-se fragmentos mal-apagados das escritas anteriores. No início da segunda parte do romance, quando os jagunços decidem reunir-se, o narrador explica:

Conforme o pacto da confederação dos bandidos, nas questões de suma importância, quando um estivesse ameaçado de perder o controle do próprio território, todos tinham o dever de prestar-lhe socorro. Assim era a lei dos sertões.

Quem conhece os relatos míticos relativos à Guerra de Troia, logo reconhece nessas palavras o pacto firmado entre os pretendentes à mão de Helena, que possibilitou aos gregos se unirem como um só exército e avançarem sobre Troia, a fim de resgatar a esposa do rei de Esparta, raptada por Páris. Ocorre, porém, que, na **Ilíada**, os guerreiros unidos por tal pacto são os heróis; no romance de William Agel de Mello, são os vilões. Há, portanto, um tratamento irônico nessa intertextualização. A ironia torna-se ainda mais aguda, transformando-se em paródia, quando o narrador sugere aproximações com episódios evangélicos da paixão de Cristo, na mesma passagem narrativa:

Os treze assentados – bandidos jagunços do Estado mais os outros em pé, malfazejos (...) Virgilino no centro, o último a sentar-se à mesa, de costas para o quadro da “Santa Ceia”, tomando ventura com o Diabo.

O chefe dos jagunços, então, caracteriza-se como um anticristo, a suprema manifestação do Mal. Esse substrato cristão – ainda que trabalhado “pelo avesso” na caracterização do jagunço Virgilino, vai articular-se com o desfecho da trama, também calcada sobre valores do cristianismo e, pelo contraste entre vilão e herói, servirá de reforço à exaltação do protagonista, conforme

veremos em 2.4. “A vingança, ou: na sabedoria da experiência”, seguinte etapa desta análise.

Aliás, os dois grupos beligerantes são descritos maniqueisticamente, já no início deste segmento narrativo: sentado na ela direita do bar, o partido branco, com a insígnia do gavião; na esquerda, o partido negro, com a insígnia do lobo. “Os dois bandos, irreconciliáveis pela própria natureza como o *bem* e o *mal* situam-se em territórios delimitados” (grifo meu), explica o narrador.

Na perspectiva hebraico-cristã, o líder Virgilino aparece como aliado do demônio; na perspectiva da tradição greco-latina, encontra seu contraponto mitológico no sangrento deus da guerra, Ares, rebatizado pelos romanos com o nome de Marte, paralelismo que se percebe nas entrelinhas do texto: “Virgilino dava as ordens, era o chefe no comando, regia. Tomou ares de guerra a seguiu a direção do vento, marcial, invocando o deus da violência, movido por força maligna”. Na Guerra de Troia, segundo relata Homero, os deuses tomam partido e, mesmo, chegam a intervir nos combates. Ares, por exemplo, é um dos deuses aliados de Troia, a cidade sitiada (que neste romance tem seu contraponto na fazenda Olímpia, cercada pelos partidários de Virgilino), o que confirma a liberdade com que William Agel de Mello trabalha o mito grego em sua obra.

De acordo com o mito, o motivo da guerra entre gregos e troianos foi a rapto de Helena. Se o autor tivesse optado por apenas atualizar os aspectos periféricos do relato mítico, poderia ter criado uma situação semelhante em torno da bela Auda. Contudo, conhecendo a rudeza da vida do sertão e a tradição de poder centralizado que impera nesses espaços, William Agel preferiu reinventar o mito. Sabendo que no sertão a paixão pela política é mais avassaladora do que a paixão amorosa, faz eclodir a guerra entre os partidos branco e negro a partir de um motivo político e fútil: uma briga de bar às vésperas da eleição.

Atacar à traição é o que o decidem os negros, e rumam ao reduto do partido branco. “A fazenda Olímpia como uma cidade sitiada. Fizeram o cerco; o laço apertava”. O narrador do romance interrompe a descrição das escaramuças e estratégias de guerra de ambos os lados para introduzir um novo personagem-narrador, sugerindo o artifício da história-dentro-da-história.

O cronista Demódoco, testemunha ocular dos acontecimentos, descrevendo os horrores da guerra, imortalizou as passagens mais cruentas da peleja.

Na qualidade de observador, guardando distância conveniente, media a força dos adversários e avaliava as possibilidades reais de cada bando. Em posição privilegiada para assistir às investidas das duas facções, acompanhava com binóculo o desenrolar dos acontecimentos, na expectativa. “A ver quem pode mais.”

Demódoco é um personagem que o autor recolheu da **Odisseia**, onde aparece como cantor em vários festins e banquetes. É uma espécie de Homero atualizado, que mantém o distanciamento próprio ao narrador épico, sem se envolver emocionalmente com a matéria relatada, e que cobre igualmente as ações de ambas as partes, dispondo de um moderno binóculo para sua observação. Esse novo Homero, que retorna várias vezes no decorrer da batalha, reforça os laços com o substrato mítico do romance. Por outro lado, o binóculo (que garante uma visão mais acurada dos acontecimentos), assim como a existência de uma crônica dessa guerra, conferem verossimilhança à narrativa, que passa a contar com a palavra e o aval de dois narradores, o do romance e o cronista Demódoco, “testemunha ocular dos acontecimentos”.

O primeiro confronto corpo a corpo entre os dois grupos de antagonistas constitui-se numa grande carnificina, como ocorre também com a primeira batalha da **Ilíada**, e o narrador, antes de entrar em pormenores, assim resume o fato:

*O que aconteceu o que não aconteceu, o inenarrável.
A luta para prolongar-se até o aniquilamento total de
uma das partes litigantes. Era fogo por tudo quanto
é lado. Tiro estourava e riscava de claro a noite.
Os estragos da guerra. Fedor de carne esturrada
e de cavalo morto, apodrecendo; gritos de dores;
lancinantes brados. Aquele combate não perdoou...*

O desenrolar da batalha em **Epopéia dos sertões**, como na **Ilíada**, traz à cena um grupo de heróis guerreiros, e não um único herói em destaque, Rolando, cujo perfil de protagonista se vinha desenhando na primeira parte do romance, desaparece em meio a tantos nomes e tantos rostos, confundido na multidão de personagens em luta. A sucessão dos ataques, ora favorecendo um partido, ora o outro, entremeados por breves intervalos de trégua para sepultamento dos mortos, reprise o desenrolar dos

feitos da **Ilíada**. O tratamento maniqueísta que vinha sendo dado aos grupos rivais se dilui bastante, e cenas de bravura podem ser observadas nos dois acampamentos. Concorre para isso a maneira como William Agel de Mello procede à intertextualização do material mítico.

Os nomes mais conhecidos da epopeia de Homero – Menelau, Aquiles, Ajax, Agamêmnon, Ulisses, Pátroclo, entre os gregos; ou Páris, Príamo, Hécuba, Heitor, Eneias, Andrômaca, entre os troianos não estão explícitos em **Epopeia dos Sertões**. Contudo, podem ser notados traços de suas personalidades e ações no comportamento de outros personagens, que tanto podem pertencer a uma facção política, como a outra. Bravura e covardia, misericórdia e crueldade, sensatez e ira distribuem-se igualmente nos dois lados em conflito. O autor, com esse procedimento, que contraria a nitidez com que anteriormente marcara os antagonistas com os rótulos do Bem e do Mal, parece sugerir ao leitor que a guerra, em si, é insana e que o sofrimento não tem cor nem partido.

Nesse procedimento, percebe-se a intertextualização à maneira de um palimpsesto, onde fragmentos desses personagens emblemáticos vêm à tona, como se fossem borrões mal-apagados do texto que ficou por baixo. Outros nomes buscados entre personagens secundários das epopeias homéricas ou, mesmo, de outros relatos míticos, como Dânao, Alcides, Agenor, Antenor, Diomedes, Leandro, Alceu, Nestório são reaproveitados pelo autor com grande liberdade.

Cenas marcantes da **Ilíada**, como a cólera de Aquiles, os funerais de Pátroclo e a morte de Heitor podem ser reconhecidas, em seus traços principais, nas ações de combatentes de um e de outro partido. Virgilino, o líder dos invasores, à semelhança de Agamêmnon, recusa-se a desistir do cerco; como Menelau e Aquiles, que se bateram em lutas individuais contra Páris e Heitor, respectivamente, Virgilino propõe “um duelo de morte entre ele e o mais forte dos adversários”; e como Aquiles, é ferido no calcanhar.

Na discussão entre o chefe dos jagunços e Alcides, “indômito, dono de força colossal”, pode-se entrever parte do episódio da cólera de Aquiles e, na sequência, a atuação apaziguadora do velho comandante Gerênio sugere a intervenção do veterano Pátroclo no conflito. O argumento de Gerênio era a favor da união entre os mesmos partidários, mas, reforçando a alusão à **Ilíada**, o narrador comenta: “Nenhum dos dois depôs a cólera, instalada no fundo do ser”. Como Aquiles, no poema homérico, o teimoso guerreiro Alcides desdenha diversas tentativas de aproximação.

A guerra atinge o clímax com a invasão da sede da fazenda Olímpia não pelo ardil do cavalo de pau, como na **Ilíada**, mas pelos fundos da casa, através da porta malguarnecida de vigilância. Os do partido branco, alertados, reagem e decidem a guerra a seu favor. Entre os mortos, encontra-se Auda, colhida por um disparo de Virgilino. A cena do velório é densa de emoção e marca a transição da segunda para a terceira parte da trajetória de Rolando, que aparecerá, cada vez mais, com o nome alterado para Eolando, retomando um papel ativo na trama.

2.4. A vingança, ou na sabedoria da experiência

Morta a esposa Auda, Rolando parte em busca de vingança. Mais do que vingador, ele se considera um justiceiro. Jurou somente voltar à fazenda Olímpia trazendo “a cabeça de Virgilino no saco, sangue pingando, arrastada no chão”. Os elementos que se agregam ao personagem, a menção às três feiticeiras do inferno, o talismã com “uma figura de homem com capacete, com asas de ambos os lados”, seu cavalo Crisaor, que “parece que tinha asas”, a decisão de capturar o vilão sutilmente compõem a imagem de Perseu, o herói mítico matador da Medusa.

A peregrinação de Rolando se desenrola por semanas, meses, anos, varando os ermos e as cidades de Goiás, numa travessia solitária, de penitente. O Landim menino, depois Rolando guerreiro, transforma-se em Eolando, o que anda no vento em seu cavalo alado. Pelos lugares que passa, pergunta por Virgilino; dele ninguém sabe notícia. Encontra um seu capanga, com o qual se bate em duelo e sai vencedor. É a preparação, o teste para a grande luta que terá à frente.

Adere à comitiva que conduz uma boiada sertão afora, até seu destino. Segue viagem sozinho, até Planaltina. Lá, numa taverna, ouve um cantador popular que “pegou a cantar uma toada que ele próprio compusera sobre os trágicos acontecimentos da guerra na fazenda Olímpia”. A reação do herói leva-o a ser reconhecido pelos presentes. Essa é uma cena típica de poemas épicos, e pode ser encontrada, por exemplo, na **Odisseia**, de Homero, quando Ulisses ouve suas próprias aventuras cantadas por um poeta durante um jantar, na ilha dos feácios. Na taverna se encontra também um jagunço do bando de Virgilino e repetem-se o desafio, o duelo e a morte do bandido, preparando-se o clima para o confronto final.

Um imprevisto, como um anticlímax, muda súbito o rumo e o ritmo das ações: Eolando é subjugado por um grupo de oito

jagunços de Virgilino. Consegue safar-se, mas muito ferido, encontra abrigo na morada de três velhas irmãs fiandeiras. Os vínculos com a mitologia clássica, presentes ao longo de todo o romance, reiteram-se nessa passagem. As três irmãs são em tudo semelhantes às Parcas, que na cultura grega regulam a vida dos homens. Uma tece o fio da vida, a segunda mede sua extensão e a terceira o corta, quando é chegada a hora de sua morte. Entre chás, banhos medicinais e conselhos, Eolando cura o corpo e revigora o espírito, saindo de lá pronto para cumprir seu destino.

A peregrinação prossegue, pelos caminhos de Goiás, até o dia em que encontra “Siá-Moira velha moça”, personificação da Morte, que o faz ver o verdadeiro sentido da vida e a vacuidade da vingança. Depois dessa revelação, Eolando finalmente defronta-se com Virgilino, não o feroz jagunço da guerra ocorrida na fazenda Olímpia, mas um pobre diabo, vinte anos mais velho: “banguelo, zarolho, papudo e babão, sumido em enfermidades”. E refletiu:

Estranho animal, o homem. Cheio dos maiores defeitos, mas capaz de abrigar as mais sublimes virtudes como o perdão, por exemplo. O apequenamento ou a grandeza do ser humano.

O périplo de Rolando/Eolando, que iniciaria sob o signo guerreiro e mítico da missão justiceira a cumprir, encerra-se numa perspectiva, humanista e cristã, que substitui a vingança pelo perdão. A paródia contida na aproximação entre Virgilino e Cristo, no início da segunda parte do romance, é relembrada neste final inesperado, dando ao herói uma dimensão mais elevada, porque de acordo com os valores de humanismo e de solidariedade defendidos pelo cristianismo.

3. Indo além da trama romanesca

Paralelamente às ações que compõem o nível episódico do romance, o autor vai entremeando personagens e situações buscados, por analogia, na tradição clássica, especialmente na mitologia grega, e na mitologia nórdica, e vai, também cumprindo cor local à sua narrativa através de diversos expedientes.

É interessante observar que essas suas linhas interpretativas, a mítica e a regional, que ladeiam o enredo, atuam como forças opostas. Por um lado, os personagens e as situações buscadas na mitologia puxam a narrativa para fora da marcação espacial

e temporal. As ações adquirem, então, um sentido alegórico, ou exemplar. Como ocorre nas histórias de fadas, por exemplo, também neste romance o leitor pode fazer uma leitura simbólica, que ultrapassa o nível das ações. Por outro lado, os dados regionais presentes na obra situam os acontecimentos narrados num tempo e num espaço reconhecíveis, datáveis e, até certo ponto, localizáveis geograficamente. Portanto, essas duas linhas se entrecruzam tensionando a trama em direções opostas que equilibram o regional e o universal.

Vimos que Rolando entra em ação com algum atraso. O retardamento de sua entrada deve-se à preocupação do narrador em situar o cenário onde as ações irão acontecer, detendo-se, mesmo, em aspectos históricos de domínio geral, como as façanhas do bandeirante Anhanguera, tipo semilendário, considerado fundador de Goiás. Essa preocupação do narrador faz com que ele hesite entre o verso e prosa e assumam um tom dissertativo em linguagem denotativa.

A primeira parte, relativa à meninice e à juventude de Rolando, é pródiga em notações regionais. A localização geográfica, a descrição e a história da cidade de Catalão podem ser conferidas em várias passagens. Alusões e atividades profissionais (“Campo Limpo, ponto de tropeiros e carreiros”), sugerem o tipo de economia que domina esta sociedade de modelo arcaico. Os animais e a vegetação do cerrado insinuam-se entre as ações vividas por Rolando, e mesmo o diminutivo de seu nome (Landim, Olandim) aponta para o modo característico do falar goiano. Além disso, o leitor reconhece, a cada momento, aspectos diversos da cultura do Centro-Oeste, como, por exemplo, as festas populares, sempre relacionadas ao calendário litúrgico:

Era tempo de reisado. As folias percorriam os pousos em derredor cobrando esmolos para a festa. De repente, a cavalhada. Cristãos e Mouros, entre lutas, para impor a fé. O alferes vem cantando “Sor dono da casa...” entregando a bandeira do santo, por cavaleiros guardada em presépio. Adufes rouquejam e tambores, com clavinotes e roqueiras. O emblema do Campeador. E Ximena.

A convivência harmoniosa entre a tradição católica trazida ao Brasil pelos portugueses e as celebrações de origem africana incorporadas pelos escravos também compõem, dando o matiz de brasilidade desta região do país:

Era chegar o primeiro domingo de outubro, e o povo a rezar. Todos saíam às ruas para festejar Nossa Senhora do Rosário, padroeira, com danças e romarias. Em frente da Casagrande os cordões dos moçambiques para ensair o derrenge completo: apareciam de camisola branca, cinta de seda alaranjada, chocalhos nos tornozelos (...)

Os congos vestiam túnicas verdes, enfeitadas de muitas rendas, calças vermelhas e capacetes redondos com listas. Por cima das vestes pendiam vidrilhos, espelhos, guizos, como escamas grandes prateadas luzindo ao sol. Meias brancas compridas com laços, fechadas no Joelho. Do coro, em requebro congado: “Bença, mia mãe”(...).

O bispo ia passar por lá, dar bênção geral e celebrar a santa missa. Os da Ação Católica tinham preparado um caminho de rosas, até a cadeira ao lado do altar de Maria, onde os fiéis ajoelhados beijariam o anel episcopal.

A festa de Trindade e a história de Santa Dica também são reveladas ao leitor neste livro. Muitos outros detalhes ajudam a compor a cor local que identifica Goiás como o cenário das ações de **Epopeia dos sertões**, como o fascínio por histórias de assombração contadas ao pé do fogo ou a culinária goiana, na descrição do cardápio da festa do casamento de Rolando e sua amada Auda: “arroz com pequi e frango, capado com pimenta cumari. Tacho de rapadura mais farinha de mandioca e pinga januária com murici”. As ervas medicinais, as mezinhas e simpatias curativas também comparecem, na parte final da narrativa, quando o herói busca abrigo e medicamento na choupana das três velhas:

Ferviam folhas de fumo bravo para aplicar nas partes doloridas e desinchavam-nas com banhos e cozimentos de canforeiro. Preparavam sementinhas de quioiô tiradas da cerca (...) As feridas curavam-lhe com cipó-de-leite. Raiz de quina para as febres e sangue-de-cristo.

Qual o propósito que moveu o autor a abrir um espaço tão significativo em seu romance para os aspetos regionais de seu

Estado? Vimos que o narrador repassa os fatos ao leitor sem muita pressa, recheando-os de digressões antes de chegar aos personagens e a seus conflitos. Como consequência, a trama se obscurece a se minimiza, relegada, em muitas passagens, ao segundo plano. Se, com isso, o enredo perde em força atrativa, em compensação, preserva-se o mundo sertanejo nesses hiatos. É aí que o narrador intruso toma a palavra e disserta, descreve, comenta, adotando, frequentemente, o modo de ditos sentenciosos, como em:

*Assim é a vida dos mortais – como um sopro.
O destino jogava certo: fogo e palha se encontravam.
A grande certeza da vida é a dúvida.
Todo lugar pode ser inferno.
Saber perder é aprender a ganhar.*

Através do narrador e dos personagens, William Agel de Mello traz ao leitor o mundo sertanejo, com seus valores e princípios morais, seus costumes e superstições. O sertanejo aprende, com a sabedoria herdada dos antepassados, lições aprendidas duramente na escola da vida. Por isso, empenha-se em preservar e seguir a tradição herdada, que aparece neste romance sob muitas faces: são as lendas e credices folclóricas próprias da região; o catolicismo de tintas populares, com as festas de Nossa Senhora do Rosário, os ternos de reis, as congadas e moçambiques; a hierarquização rígida nas relações familiares e políticas; a medicina popular, baseada na rica flora regional; as rixas envolvendo linhagens familiares e facções políticas.

Ao colocar a mais rica e significativa tradição cultural do Ocidente, que é a cultura grega – aqui representada por fragmentos de seus relatos míticos lado a lado com fragmentos do mundo sertanejo brasileiro, buscado em seu passado de menino em Catalão, o autor demonstra sua preocupação com a preservação da memória cultural. É pela preservação da memória que um povo é capaz de reconhecer-se único, de ter uma identidade distinta, de definir-se como cidadão. Nestes tempos de globalização, todos nós corremos o risco de esquecermos quem somos, de onde viemos e a quem devemos o estádio cultural que pudemos atingir, seduzidos que estamos pelo canto das sereias da tecnologia, submetendo-nos, sem o percebermos, a um novo processo de colonização. **Epopeia dos sertões**, de William Agel de Mello, transitando entre o regional e o universal, dá a sua parcela de contribuição para que não se perca de memória nem a cultura grega, nem o sertão goiano.

Epopéia dos Sertões é um dos melhores romances da literatura brasileira.

ANTÔNIO OLINTO

O sertão naquele tempo, apartado dos centros mais avançados – em virtude das enormes distâncias e da falta de comunicações – mantinha resquícios de um passado remoto. Se fosse possível traçar um mapa hipotético entre as diversas épocas da História, assinando-lhes os pontos comuns, talvez não fosse absurdo estabelecer um paralelo entre o sertão e a Europa, na Idade Média, principalmente no que tange ao padrão de comportamento humano diante de determinadas condicionantes. Os duelos por questão de honra, por exemplo, em que os contendores eram movidos pelo sentido do dever, não lembram até certo ponto as justas, se excetuada a forma? O heroísmo do cavaleiro andante, imbuído de um ideal sublime, o qual as canções de gesta immortalizaram, não poderia ser comparado ao herói do sertão, guardadas as devidas proporções?

Catalão, a palavra quente, era o próprio chumbo pegando fogo. Povoado de fronteira a Sudeste do Estado, demorava uns quantos dias da Capital em lombo de cavalo. Quando chegava o tempo da política, até a população da cidadezinha diminuía, por causa da violência e guerra entre os bandos. A Funerária Paraíso. O conceito de honra tinha a força de um dogma; intocável como hóstia em tabernáculo – ou como as muralhas de Roma de modo nenhum podiam ser ultrapassadas. (1) O insulto grave era pago com a morte. Catalão da guerra, a que fazia tremer. Pela repercussão dos crimes cometidos, aquela era conhecida como *terra dos homens maus*, ou o faroeste brasileiro. A Justiça enxergava na hora da bala – a espada impotente, a balança desequilibrada.

Flagrante de uma cena típica do interior. Um horror de meninos no mato a pegar frutas, trepados na ingazeira.

A paisagem: o cerrado.

No caminho de volta Rolando viu atrás do capão seco a margarida-do-campo. Catar e levar para mãe. Ela ia ficar alegre, alegre. Os outros estavam longe? Tinha importância não. Depois ele corria e os alcançava. A margarida-do-campo é um solzinho amarelo e muitas pétalas brancas. Agachou. Garrou a pegar. E aí foi que viu – a sombra preta. Encontrou o Mal? O Mal a gente encontra é quando começa a pensar. Na indecisão do minuto o medo adivinhou. Só a dúvida deu coragem para olhar. Sim e não. Aquele homem, ele era muito. Virgilino, que vira a cabeça de menino. O homem cruel; o guatambu enorme. Guardou o ar e pôs sentido. Só o barulho do coraçãozinho compassando o silêncio. Ficou pasmado.

– Aonde vai, menino, que mal pergunte?

Nos olhos impossíveis ele via o fogo do inferno.

“Aonde é que vai?” – falou mais alto. O fogo do inferno. Rolandim falava para dentro, não falava, que não fazia por querer não, que... que ia logo para casa; encoelhou-se o menininho. Desculpou-se de sua falha. Virgilino esfregou a cara de Landim no chão e acalçou despropósito: “Gosta de mim, moleque safado, gosta de mim que eu quero ver”. Os seus olhos, a pantera. No escuro do instante, alma tombou no abismo. Não longe, gavião veloz com as garras afiadas capturando a presa.

Rio da Lenda, rio sujo, grosso, chupador. Parecia língua de tamanduá, fedia defunto em certos trechos. Ali os gemidos. Tomar banho lá era perigoso. Se descuidasse, morria. Mais de um já foi puxado para o fundo das águas turvas. Virgilino devia de gostar. Rio do oblvio, o que esquece e dorme; rio de sombra vaporoso. Quem bebesse daquela água...

Diz que tem assombração, será? É de madrugada que ele aparece, quando tem neblina, atrás da cachoeira do Dourado-Quara. Ali mora o canoeiro encapuzado. Fica remando de um lado para o outro, ou nas margens varejando. Aí, quando vem gente, ele chama, com os olhos feiticeiros. Quem vai com ele nunca volta. Barqueiro sozinho, o das curvas do rio... (2)

Goiandira, a cidade vizinha rival; antiga Campo Limpo, ponto de tropeiros e carreiros. Plantada sobre lençol de terra branca natural, com o povoado do Veríssimo.

Tempo de reisado. As folhas percorriam os pousos em derredor cobrando esmolas para a festa. De repente, a cavahada. Cristãos e Mouros, entre lutas, para impor a fé. O alferes vem cantando “Sor dono da casa...” entregando a bandeira do santo, por cavaleiros guardada em presépio. Adufes rouquejam e tambores, com clavinotes e ronqueiras. O emblema do Campeador. E Ximena.

A fazenda muxambambo – desde a aba da mata até passar o rio Castelhanao – por dono o Nhor Nicanor. A sede ficava no alto; casarão rosa com portas e janelas azuis, cercada com arame e pau de capoeirão. Um dia por lá apareceu e deixou-se ficar um anão por nome Coboldo (3) que dizia ter vindo para ajudar nos serviços: batia pastos, cortava lenha, arrumava cerca e levantava roça. Mas já tinha tido outros ofícios, sabia como ninguém lidar com os metais – torcia-os, dava-lhes formas – fazia martelos ou ferraduras, anéis, colares e coisas de muita precisão. Prometia revelar o futuro pela leitura das mãos ou de umas cartas de baralho, nelas desenhados símbolos que só ele interpretava com voz grossa e sabedoria. Punha reparo em tudo, gostava de observar o bicho-preguiça empurrando sua moleza na casca de árvore, nos galhos dependurado em forma de ninho. Trazia barbas até ao joelho e roupas cor de cobre – desprendido, todas as suas coisas cabiam num jacá – guardava cheiro de bode, dormia com os animais no palheiro. De noitezinha, à luz de lamparina costumava escrever com seu estilo, gravava com afiada ponta de osso palavras numas tabuinhas presas à parede interna do celeiro.

No outro lado da vila o morro das Três Cruzes, carregado de lendas. Que havia três almas encerradas no topo, arrastando corrente, prisioneiras do grão-tinhoso. Madrugada, escutam-se gritos e ranger de dentes; a voz dele misturada com a ventania. Lá ninguém passasse em noite de quarta-feira, onde o diabo aparece de amarelo.

Landim não era menino comum. “Quando eu ficar grande, vou ser presidente.” Ficava ojerizado quando o pai não deixava mais estudar; se passasse da hora, convinha não abusar. “Esse menino ainda vai ficar doido da cabeça.” Mas a vontade é pirrarenta. Depois da aula ficava até tarde na chácara do padre, por amor de saber mais. Lugar aprazível onde funcionava a escola, chamado pelo salesiano de Platônia, com grande fartura de frutas – quase todas as variedades de mangas, amora, jambocha, jenipapo, tamarindo... Os bancos dos alunos eram de angico-vermelho, compridos, à sombra das paineiras e dos tamarindeiros. Nos quadros-negros, gizes de várias cores. Em cada qual que errava o padre Aristeo (4) batia com vara de marmelo. “Vamos repetir cinco vezes.” De vez em quando, dava aulas particulares em domicílio, para aumentar a renda. Jogava as provas ruins ao lixo, para que todos vissem, propositadamente. Filólogo: “Virgem Nossa Senhora, Virgem, viche, iche, iii!” Tinha uma criação de abelhas-jataí dentro da casa, nas estacas de cera, para tirar o mel medicinal que curava bronquites e tosses rebeldes. “É da mais mansa. São quatro: jataí amarela, preta, mosquito e da terra.” Conhecida como ninguém a vida das abelhas, estudava-as, passava o

dia tirando conclusões. “Tiúba ou tiúva brava, de mel grosso e muita cera. É grande, rajada. Mora em oco de pau ou em mato seco e beira de serra.” Também gostava de cuidar das plantas, fazendo enxertos, ou tirar e coalhar leite para queijo, além de conservar em garrafas de um litro o mel de quase todas as abelhas. Chamavam-no de Mestre. Inteligente, aprendeu a ler dentro das pessoas, conhecia a alma de um por um. Ninguém deixava de ouvir os seus conselhos, tinha a maior autoridade. Ele era menos, dizia, nada mais que um soldado no ministério da fé. Um dia chegou adoeceu quando as abelhas morreram, a causa de uma enfermidade contagiosa que não deixou nem uma. A cera dava aos pobres: “Para fazer vela”, era como dizia sincero; com amizade, simpático. Não acreditava em credices nem em coisas de outro mundo. Mas contava que – e nada o havia deixado tão surpreso quanto aquilo – quando era jovem, voltando do bosque aonde tinha ido fazer penitência, ouviu umas vozes que o mandavam seguir pelo atalho de água choca. E então viu maravilhado carcassas de quatro touros e bezerros, sumidos havia nove dias. E foi que, no ventre dos animais em putrefação, numerosos enxames de abelhas, umas zumbindo e se alimentando da fétida carne, outras nos ares formando nuvens; outras, finalmente, estando como cachos nos galhos das árvores. A estória de que mais gostava sobre as abelhas era aquela da moça picada pela serpente, causando-lhe a ferida mortal. Sentia enorme devoção pela mãe, que ela nunca o deixava de atender. Escrevia seu nome no catecismo – “Cirene” –, não podia esquecer que um dia o achara numa gruta perto de um rio e lhe dera um conselho que acabou mudando o curso de sua vida. Disse que havia corrido todo o mundo e que seu desejo era ser enterrado num lugar chamado o Cós, não longe de uma fonte cuja água cristalina ia dar no mar. Ali havia de traçar uma cruz, sem nome, que o vento logo apagaria. Dava as aulas de História – com dureza de caráter, um homem muito entregado aos deveres – lia, gesticulava de um púlpito velho. Tomava notas em folhas de papel almaço brancas. “Quem não estudar repete o ano.” Seu tema predileto era a saga do Ananguera.

O território foi descoberto em 1722. Ali era, no começo, apenas tosca cruz de madeira para assinalar o feito dos bandeirantes e a conquista das terras. Lenda e História fundem-se nas origens. As crônicas relatam como o Ananguera lá chegou, plantando roça e abrindo o porto velho – primeiro ponto da bandeira depois de transpor o Paranaíba. Desmembrando-se da expedição, ali ficou um, com ânimo definitivo – o “Catalão” – para cultivar a terra. Lugar

forçado de referência, ou passagem, em torno foi surgindo o arraial. Primitivamente a fazenda do espanhol, que doou o Patrimônio à N. S. Madre de Deus. Primeiro a Sesmaria do Ribeirão, depois a vila...

Na hora do recreio, os meninos à sombra da almecegueira. O moinho, o registro, a farinha de fubá. Aquele lugar fora palco de uma estória de triste fim, tragédia de Romeu e Julieta. O vulgo havia desenhado, no tronco da amoreira descorada pelo tempo, o resumo da estória: dois corações, meia parede, um lenço vermelho, a onça pintada, algumas flechas e o facão; namorado, namorada e sepultura. Ela chamada Tisbe, morta como a flor que cruéis mãos despedaçam, (5) o melhor aluno da escola.

Depois de certa idade os alunos passavam para o colégio dos salesianos, grande, de três andares, rodeado de altos muros terminados em ponta de vidro, impondo respeito. De manhãzinha, quando batia o primeiro sino, os alunos dispunham-se em fila para entrar na capela ainda inacabada; os trabalhadores nos andaimes, os vitrais coloridos representando os Martírios de Jesus, a *Via Crucis*, o Sudário, o Manto de Verônica, Cristo e os dois ladrões, a Ressureição. Todos de pé, o padre conselheiro lia uma página do breviário e fazia o sermão diário, ajudado pelo clérigo que selecionava as orações e as músicas sacras. Quantos haveriam de, no prazo de alguns anos e movidos pelas palavras daquele homem que tanto impressionava, seguir a carreira eclesiástica em Bonfim!

Foi naquele colégio que Rolando, Olandim, com o correr imperceptível dos anos, montou no cavalo do Tempo e partiu célere para a juventude. Assim é a vida dos mortais – como um sopro; por sua condição, não lhes é permitido guardar memória dos acontecimentos, salvo uma parte mínima. Como um relevo erodido, onde sobram os montes testemunhas.

Sozinha. No alto do morro da Saudade ficava, contemplativa, a capelinha de São João. Caminho torto, a subida, custava um tanto chegar até lá. No tempo das águas muita a lama, cascalho molhado escorregava, vários fiéis não ascendiam. Lá de cima a gente olhava, em tamanho pequeno, a cidadezinha como que grudada no chão. Fundos de quintais, cercados com bambus e amarrados com arame. A praça, a mata, o campo, o buritizal, o ribeirão Pirapitinga.

Era chegar o primeiro domingo de outubro, e o povo a rezar. Todos saíam às ruas para festejar Nossa Senhora do Rosário, padroeira, com danças e romarias. Em frente da Casagrande os cordões dos moçambiques para ensaiar o derrengue completo:

apareciam de camisola branca, cinta de seda alaranjada, chocalhos nos tornozelos.

Os congos vestiam túnicas verde-amarelas enfeitadas de muitas rendas, calças vermelhas e capacetes redondos com listas. Por cima das vestes pendiam vidrilhos, espelhos ou guizos, como escamas grandes prateadas luzindo ao sol. Meias brancas compridas, com laços, fechadas no joelho. E cantavam loas com louvores a São Sebastião.

O Bispo ia passar por lá, dar a bênção geral e celebrar a santa missa. Os da Ação Católica tinham preparado um caminho de rosas, até à cadeira ao lado do altar de Maria, onde os fiéis ajoelhados beijariam o anel episcopal.

Desde a anteauroa o centro estava apinhado de gente. Os alunos desfilavam uniformizados, ao som da banda do quartel de Araguari, chegada de véspera para a festa. As ruas ostentavam faixas e bandeirolas com as cores do Estado. As autoridades no palanque. Os prefeitos das localidades próximas constantemente aplaudidos. Realizava-se toda classe de competições no Estádio Municipal. Armavam-se barraquinhas. Concorridos leilões, para aproveitar a renda em benefício da paróquia.

A procissão era um caminho de fogo e aquele mundéu de gente. Saía da igreja, em direção à praça, percorrendo um trajeto preestabelecido.

Brincando e pulando, os meninos iam na frente junto com o Luizim. Nas festas de São João, dizia-se que pulava a fogueira e andava no braseiro, descalço sem se queimar – graça que Deus concedia. Nem sempre fazia aquilo, porém. Nem todos os anos comparecia às festas. Luizim vivia sorrindo, enchia a mão de cuspe, chegava atrás do sujeito e despejava a carga. Em quem pagava ele não cuspiu. Escondidinho, esperava com paciência no coreto da praça, ou defronte do bar. Bobo também tem malícia. Era só passar alguém, fazia pontaria – da cabeça aos sapatos – acertava em qualquer lugar. Luizim não *errava* nunca. Criatura como ele não tem pecado.

Os mendigos nos pontos estratégicos, apelando para o sentimento religioso do povo. Um cego, conhecido por Ajutório, fingia que morria – enganar para ganhar mais – modo de dar ênfase às palavras.

Rolando (6) por essa época estudante na Capital, em fase de colar grau universitário, de visita à sua cidade, acompanhando a procissão. Foi que de repente viu, desviando por acaso o olhar – gente em cima de gente, mistura de povo – os pezinhos mais pezinhos que ele tinha visto e ouvido. Aquele ser, como se no Céu.

Era a felicidade? Os grandes olhos grandes verdes – ela. Coração tremeu, cara suou. Como se ninguém na multidão, ela só. Auda ela se chamava. A presença dela era o mar. Ela era a mensagem, será? O destino jogava certo: fogo e palha se encontraram. Gostaram-se, como as coisas acontecem. Tinha vindo de muito longe, dum lugar chamado Buriti Vermelho, entre Formosa e Santa Luzia, aonde corre torto o Piriripau. “Lá é o verde” – ela dizia, enxugando os olhos. “Depois o mato cresce, e tem chapada...” Dava gosto vê-la em toda a formosura, só alma e luz, com pinguinhos de chuva no cabelo.

Eu ainda vou me contar um caso, num dia de frutas, das duas famílias que mandavam em Catalão: os Calaveiras e os Coelícolas. Por causa de uma demanda de terras na região do Indaiá – 5.600 alqueires de mentira – as duas famílias, havia na cidade um homem chamado Antero. Homem de lei, Juiz de Direito, alto e baixo, branco, solteiro, pai de família, deu o parecer contrário. Madruginha – tropel de cavalos. Jagunços, tiros. Eles, a casa. Gritos que ecoavam no silêncio. Os cavalos entraram, arrombando portas e afundando o assoalho. Tiraram a criatura da cama, corda no pescoço, e arrastaram no açougue. Jogavam para cima e aparavam com a faca. O corpo imitante o movimento de quando a balança busca o justo equilíbrio. A Justiça é cega? Pés firmes no ar, o gancho entrou na mandíbula, rasgando carne e empurrando a língua. Os olhos dele, ele não tinha olhos. Ninguém teve coragem de tocar. O cheiro da morte fedia de perto. A cara do Virgilino. O homem morto falava, clamava por vingança? Nos arredores, os bois pastavam, bovinamente.

A ponte lógica entre os acontecimentos. Rolando e Auda, os dois quase sem querer foram ao encontro do destino. O dia do casamento; na festa havia arroz com pequi e frango com molho de açafrão, tutu, carne de capado com pimenta cumari. Tacho de rapadura mais farinha de mandioca, e pinga Januária com murici enterrada no corgo, modo de esfriar. A comida era colocada nas vasilhas, papel prateado, nas gamelas, e em folhas de bananeira, como era de usança nos casamentos do interior. Também biscoitos de queijo e de goma, doce de cidra, de leite e de casca de laranja, arrozes-doces, bolo de fubá. O café era servido pela mãe da moça em xícara de esmalte verde com florzinhas vermelhas, sem pires, vinte ou trinta na bandeja. Para carne cozida, conforme o costumado: matar a vaca dois-três dias antes para não ajuntar serviço, cortar pedaços grandes, cozinhar na panela de ferro, depois guardar em lata de querosene com a manteiga da banha de porco.

A noiva comprara a roupa do casamento no comércio mais próximo: lamê para combinação, pano de seda branco lumiento,

meia branca fio-de-escócia, sapato branco meio salto feito por medida, e véu de filó curto com babado na frente. O carretel, a linha e os botões. Perfume Dirce, pó-de-arroz Lady. No quarto de dentro ela intimava, mostrava com orgulho de donzela o branco do enxoval. Enxoval bom é o que tem linho; se não tem, dá vergonha – conforme o preceito de então. Tudo novo e bonito; só a liga é que era velha para dar sorte. A grinalda de cera esbranquiçada, cheia de florinhas de laranja para enfeite. Quem fez o vestido foi a Dona Zefina, mulher do Agapenor (7) do Anceu, fundador de cidade e construtor de igreja. Untavam-lhe o cabelo com tutano três moças (8) rendeiras, cheias de graças lixavam-lhe as unhas com escamas de pirarucum. Enquanto teciam um manto vermelho por encomenda, contavam estórias de encanto e bom fim. “...Pasiteia sobressaía a todas pela beleza. Um dia apareceu-lhe em sonho a alma de um guerreiro...” Davam-se as mãos ou, com os braços nos ombros uma da outra, dançavam unidas qual companheiras, de agradáveis gestos. E para provar que as aparências enganam, ou o que vale é as qualidades do espírito, cantavam com um sorriso: “Nem tudo que reluz é ouro”. Deleitavam os ouvintes com doces cantares. Principalmente aquele do pai e filho encerrados na torre, prisioneiros para toda a vida. O pai – divino arquiteto que construiu intrincado labirinto, lúgubre edifício cheio de altos e baixos, armadilhas e corredores sinuosos como meandros – caído no desagrado do rei por iníqua amizade com a rainha. Por terra e por mar, em vão tentou escapar da prisão que o maltratava. Um dia teve a ideia, logo. Hábil artifice, com plumas e cera fabricou asas para voar, imitante os pássaros. Ao filho disse, vigilante, com o coração cheio de temor: “Toma tento: se voas além de certo limite, o Sol derreterá as tuas asas; e se voas aquém, a umidade do mar as tornará muito pesadas para os teus ombros. Guarda altura conveniente e agita os braços sem parar”. Ato contínuo, ensinou-lhe a direção do vento e ajudou-o a vestir as asas. Abraçou-o fortemente com os olhos cheios de lágrimas. “Vem. Imita-me os movimentos.” E foram-se pelos ares como quando o gavião voa com o filhote. Mas abismo não chama abismo? Maravilhado com o próprio poder, o jovem alado quis ascender até o céu. O Sol derreteu a cera, e o corpo caiu com estrépito; como um barco a vela maldirigido se choca contra os escolhos. (9)

As meninas do colégio das freiras, de uniforme, ao lado do sebastião-arruda armavam barracas de lona para arranchamento. Ofertavam uma imagem do Sagrado Coração revestida de madeira. “A ver quem chega mais primeiro.”

Os convidados saracoteavam, como enxame de abelhas. Antes de tomarem alimento, separavam porciúncula para as almas, pela força do costume. Por nervosa, a noiva só beliscava, com medo de fazer mal. O cheiro de fumaça misturada com fedor de chiqueiro, que ficava na banda direita do quintal. Joões-de-barro mostravam o caminho do gato selvagem, ou onde no mato cascavel se achava. Lá na frente, dependurados no lenho do pau-d'óleo, nos chifres polidos do boi figuravam os raios do Sol – para favorecer a cultura e afugentar o mau-olhado. Cachorro dormindo para cima era sinal de chuva. Depois da árvore do jacaré os meninos brincavam. Em redor, nos cupins ou troncos de árvores procuravam mel azedo de arapuá, que também dá em buracos de pedras. Iam fazer molecagem: a abelha zumbe quando fica presa no cabelo. Malcriadezes. Uns vinham vindo em carreira, que detrás da moita encontraram cobra macheando. O que mais logo iriam tirar da arapuca: o povi-marrom, cantor, de coleira e bico curto, pegado com frutinhas de escova e gameleira. Do mato seco a fêmea chamava, em cima da árvore onde faz o ninho. A Pitenga emburrada porque o filho da Rumana havia pulado por cima dela. Conforme a superstição, agora não ia crescer mais? Estacionar no crescimento?

Ganimedes, o copeiro, com a incumbência de servir bebidas aos convidados.

Dava de bunda ou batia com o pé, na cadência. Manel d'Ebreia cantava, tirava tudo de ideia. A sanfoninha pé-de-bode para encantar todo o mundo. Ele era do lugar, entre a das Areias e o Tucano-Açu, depois do grosso cerradão onde faz barra o Paranaíba. “Na cachoeira do Mata-Padre.” Abas largas de palha, calça de algodão cru, camisa de banda de fora e botina mateira: Manoel da Ebreia, trabalhador cativo na fazenda Micuim. Cantando e sorrindo sempre, aquele nunca era tristeza. Foi o Virgilino? O machado violento rebentou a cabeça do Manel. Mosquito assentava para mor de chupar sangue. Aquela ferida enorme, e a testa partida – a gente queria vomitar o estômago para fora. Foi Tomezim Carroceiro quem achou o corpo na estrada, perto do Buritizal. Botou o cantador na carroça e vinha trazendo. Os pés vivos, de fora, balangando. O machado ficou na cara, o olho saiu para fora. Quando o corpo chegou na cidade... Ele morreu. Mas das suas musiquinhas o povo jamais se esqueceu. Ninguém teve coragem de enterrar o Manel d'Ebreia sem a oito-baixos que ele tanto amava. O enterro do Manel foi a lágrima. Em silêncio, como é muda a morte.

Siá-Moira não perdoava enterro. Trazia sempre uma coroa de flores: raminhos de moça-velha, maravilha, beijo, guerra-de-amor,

açucena, noite-branca, onze-horas, degredo, que-toque... Bastasse um ficar doente, e Siá-Moira aparecia para ajudar com mezinhas, fazer a visita de praxe – prestimosa, carinhos, fagueira, sorrisos. Supersticiosa, com rezas fortes para afugentar as forças do Mal. Cachorro latisse esquisito era sinal de mau agouro na casa do enfermo. Ou encontrar sapo embaixo da cama, aquilo era ruim. Recomendava não deixar sapato virado, pois morria a mãe da gente. Nem dormir de meia ou cortar unha à noite para não amanhecer defunto – conforme ensinavam os antigos. Quando alguém morria, ela consolava: “A gente vive por sorte”. Mulher boa aquela, via-se logo. “A gente assusta com a morte à toa, devia de assustar é quando vive.” Morava numa casa isolada além do cemitério, com uma plantação de cereais. “Já sei-o” – e falava com aquele tom característico. Tinha um modo de olhar – simples como a esperança. Mas às vezes a sua presença era um mistério. Dela emanava uma força interior tão grande que chegava a desconcertar. Na diária usava um vestido preto – comprido, arrastando no chão. A pele cor morena, os olhos bem fundos. Pano na cabeça, os cabelos não eram nunca adivinháveis. Ela era um segredo?

E a festa continua. Ninguém falava de outra coisa, nas redondezas, a não ser do casamento. Desde madrugada ouviam-se os caracarás ou acará-pinhéns, rondando o pasto onde estava o grosso do gado. Cachorro espojado no chão vale dizer que vem mais gente. Os convidados chegavam aos montes, de todas as partes, arranchando por ali mesmo, principalmente na parte que dava para a pinguela de pau roliço. Homem chegava na frente, depois a mulher, logo atrás o resto da obrigação. As autoridades também estavam presentes: juiz, delegado, sargento, coletor e prefeito. Nesse dia o quero-quero não parou de dar sinais. Os pássaros-pretos nos galhos folhosos. E o pavão abrindo todo o leque, como que enfeitado de cem pequeninos olhos coloridos. (10) Benteveiras chamavam o seu nome de dentro da gaiola. A mesa enfeitada toda de vasos, toalha branca, com flores de são-josé e cravinas. Aleluias e paquinhas nadavam no prato cheio de água. E um papagaio.

Agora arribavam os de além-Paranaíba. capitão daquelas terras era um mineiro de André Quicé de sobrenome o Geriberto, peão e tanto. Pessoa de exemplo: “Cada dia, um tostão”, amealhava dinheiro toda a vida, benzia-o, guardava em lugar de nunca mais se tirar: um segredo no assoalho que só ele mais a mulher conheciam. Começou com umas terrinhas de dado, ajuntou um gado, aprendeu o ofício com o sírio Bussalum. Era contra seus princípios desperdiçar um nada que fosse, ou seja, aproveitava todas as sobras; ridicava.

Nunca comprou sapatos de loja – mentia que sofria dos pés –, ele mesmo curtia o couro e fazia os seus de catingueiro ou chinelos largos de caititu. Respeitivo à sua palavra, todos estavam ali para comprovar. Soubera gastar bem a vida com moderação: isto é, não fora dado a jogo e muito menos a mulheres-damas. Só uma vez passou da conta em Nazário, mas quando a gente é moço é preciso fazer um desconto. Tirante isso, ninguém tinha um pingaço para lhe reprochar ou debicar dele. Gabava-se de que fizera um trato com cigano a propósito de um cavalo baio equipado, e que havia saído felizmente do negócio. Perto do sobo e debaixo de uma sombra tomava aperitivo para abrir o apetite, pois que nas festas dos outros um tinha por obrigação comer dobrado, variar de comedoria. E toca a trinchar a rez.

Averaldo, raizeiro. Apertado no terno de brim amarrotado; com camisa de amorim, sem gravata, abotoada. E botina de goma de couro de jaguatirica – “Besteira maior de festa, essa!” – não esbarrou o trabalho, só esbarrava para ouvir o relógio de parede anunciar as horas com um passarinho de madeira cantor. Vivía por ali, conhecido pelas garrafadas e pelos santos remédios. Tinha aproveitado o acúmulo de gente para fazer um negocinho. Insinuava-se, valorizava o seu. Que para buscar aquela planta tivera de ir à Serra Dourada, que só em lugares altos dá. “Pro preço a gente faz diferença.” E era a arnica-do-campo, bom para machucaduras em chá ou banhos quentes.

Ilo, com planos de construir sua futura morada perto dali, no lugar dito Colina do Erro.

Em três carroças puxadas por éguas vinha a gente do Marra-val, vendinha próxima à beira da estrada carreira. Ali era a casa do Sanito. Família conhecida, aquela; iam levantar a capelinha de adobe, semente talvez de futura cidade, para cumprir promessa à Nossa Senhora do Desterro pela cura de umas febres que um deles trouxera de lugar baixo e maleitoso. Pediam desculpas pelo Goiânio que não veio, empolado e inchado pelo pólen da aroeirinha enquanto cortava madeira para vigamento e construções. Comitiva, de amigos, vinha para ajudar. A mãe, Dona Quita, mexia cinza e sebo misturados com pinhão de purga para fazer sabão. A filha mais velha chegava com um sorriso: trazia saietta, flores secas do campo e muitas outras coisas. Doroteia ela se chamava, cheia de dons, olhos verdes, com um presente em cada mão – tirados da caixinha. (11)

O Clube dos Pretos homenageava com cantigas, ostentando em cordões bandeira pintada de azul e um amarelo-gualdo.

Em boa hora chegava a caravana do Esperidião; na frente Dona Urumeia, da verde colina. No alto o velho espanhol Goyaz enxergava toda a gente. Falava de sua terra: “Lá é bonito, um campo, a montanha, o rio...” nas Vascongadas. Dona Astreia ia, vinha e ralhava; “o senhor tira o mapa, se uma coisa dessa tem cabimento!” – contrariada porque o filho pequeno tinha escorregado do galho da goiabeira e quebrado o braço em dois.

Os meninos, uns faziam gestos e armavam sarceiro para mostrar que uma coisa importante estava acontecendo: e era o bobo Balduíno que começava a dançar; balançando com as mãos um pedaço de pau para manter o ritmo. Batia palmas para si, arreganhava os beiços como faz boca de cavalo. E o papagaio pintado de azul e verde musicava o provérbio “quem nunca comeu melado, quando come se lambuza”.

Vinha cantado bom o carro de bois pelo caminho da lagoa Suriada, passava à porta da casa. Era o turco Abdón, com suas coisas de vender. Trazia fumo de Bela Vista, de mais fama no Estado. Rolos de arame, cordas, objetos de carpintaria e outros trens chinfrins.

Uns sentados, outros em pé, os homens falavam: do ladrão que roubou a novilha, do casal de porcos, da peste que deu, da lavoura na fazenda, da pescaria no rio do Ferreira, do rendimento: “Este ano plantei dois alqueires, cerquei com pau; até que a chuva foi boa, mas depois veio o sol quente e queimou quase todo o arroz”, do cavalo que fugiu, do canguçu que o Jorgim viu ali perto, da chuva de ontem, do raio que partiu o barbatimão, da paridura...

O Averaldo Dariel, e agora era a vez de falar do amaro-leite. “Tem muito no rio Vermelho. Serve para tratamento de sangue e é depurativo. É colher as batatas em época de lua adequada, cortar em rodela para secar no sol, e depois moer.”

As mulheres ferravam na prosa: falavam das faenas da cozinha, da mulher do Vitalino, de reza, mau-olhado, simpatia e doenças. Juvenília, experta no fazer farinha de milho, dava explicação para o caso da Maria Quirina: era perigoso que fosse estuporada porque, atacada de sarampo, havia saído no sereno em véspera de São Geraldo. Mulher malmaridada, aquela.

As moças – umas entravam que saíam, um sem-número de vezes, caçando jeito de ser notadas; outras com lenços ensaiavam a dança dos namorados.

Os moços, agrupados, contavam estórias de assombração: do cavalo no meio da estrada que viu dois olhos e parou. Medo não faz o animal correr dobrado? A ordenha, assunto que sempre vem à tona. Referências à casa da Ditinha, também chamada Taís, onde

muito macho teve ocasião de mostrar proezas. A mula fancha de sela, famosa em toda a região. “Isso é pelego do fofo.” Cavallo bom de trote, mas empacador. O arreio prateado que fazia moça bonita olhar. O papagaio repetia o provérbio: “Mais vale dois pássaros na mão que dois que voando vão”.

Uma contava, outra tocava... todas irmãs, eram nove que cuidavam, e cada uma com um dom. (12) Chegadas pelo cume do monte ou pela margem do rio onde nascem as três fontes. Vinham disfarçadas para entreter os convidados. Eram as do Sacro Colégio, expertas em Arte e Ciência. Ninguém cantava melhor do que elas, já se sabe. Formavam um quadro, no fundo a paisagem das duas colinas. Embaixo da palmeira predileta brincavam, ensinavam, davam-se as mãos.

Aquela dançava no meio, de gênio muito agradável; coroada de flores do campo e com flauta de seis furos feita por ela mesma com talo comprido de mamoeiro – em cada mão.

Eloquente a outra, recitava mais poesia que narrava feitos de heróis. Trazia presa com ramona uma fita bordada em volta da cabeça, simbolizando o laurel nas tēmporas. Numa das mãos a trombeta; três grossos volumes na outra. “Geme o teu destino!” – o que outrora fora senhor da guerra hoje era prisioneiro dos filhos de Alaon: Oto e Efiates – tais qual o pai – que por treze meses o mantiveram atado por grossas correntes de ferro. Assim teria consumido a vida – tanta era a fadiga que o molestava – se hábeis mãos não o tivessem furtivamente liberado da bronzínea cadeia. (13)

Esta com lira e grinalda de flores secas, e leves gestos dirigindo a dança. Contava como as filhas do rei foram transformadas num horrível pássaro negro de reflexos metálicos. (14)

Bambolina, que finge os céus e as estrelas.

Com mirto e rosas, aquela lia atenta poesia lírica, portando antigo instrumento de cordas ou uma flecha com aguda ponta de osso, como que arrastando umas correias.

Uma veio pronta para representar um ato de tragédia (15) – encarnava uma figura sinistra, esquerda – com couro de bode como já se tinha feito em outra ocasião, aliás. Ricamente vestida, de máscara, e enfeitada com diadema, empunhando cetro, e um punhal pela metade tingido de sangue. Dizia palavras severas, apoiava o corpo. Lia em voz muito alta: “Tu, Bóreas, que uma vez afundaste a nau do esforçado varão que retornava à pátria terra, a Ítaca, depois de vinte anos de ausente”. (16)

Incrustadas em seu manto de veludo estrelas de papel prateado. E era a que melhor fazia contas ou media com compasso. Ainda não havia acabado de pronunciar o discurso...

A primeira, em ordem de lugar, lia páginas de História. Hera na cabeça e clarim de mentira para aumentar a voz – brincava de comédia com careta-de-mamão-macho e vela por dentro. “Não veio com um nem com outro.”

Nesse doce folgar, assim passavam todas as horas da tarde. E iam esperar a chegada da Aurora, de rosáceos dedos, mensageira do Sol, a que precede o nascimento do dia. Aurora – montada no seu carro ofuscante puxado por quatro cavalos brancos com crinas douradas – espalha o orvalho e faz brotar as flores. A noite e o sono fogem à sua presença, e o brilho das estrelas míngua. Recitavam em tercetos o seu desventurado amor: Aurora tomou por esposo um príncipe convertido em cigarra. Por isso, cada vez que ouvia o seu canto, derramava tristes lágrimas. E foi assim que apareceu o orvalho. (17) Quem as instruía: representando o deus das artes, um rapazelho imberbe – sua idade variava de quatorze a dezesseis anos – cabelos compridos despenteados, castanho-escuros, fingindo estar com uma lira na mão, cingida a fronte com coroa de laurel. Despedia raios de papelão. (18) Aprontavam-se para nova representação, como num teatro ao ar livre. (19) Ensaíavam, tomavam posição. Iam celebrar seis dias com suas noites. “O vencido ficará à mercê do vencedor.” E era a história de Mársias, (20) primeiro entre os músicos, que achara uma flauta de ouro perto da fonte. Com ela costumava modular sonoras melodias. Um dia descobriu que algum outro compunha melhor do que ele, notícia trazida pela fama. Mársias então lançou o repto. E quem perdesse seria atado a tronco de árvore e esfolado vivo. Os habitantes do lugar foram os juízes do famoso duelo. Mársias, inspirado, imitava o canto dos pássaros, o barulho do vento, o mar, a fonte, a cachoeira e a floresta – maravilhando a toda a natureza. Mas o outro, de sua boca saía o canto mais perfeito: o que nenhum mortal seria capaz de fazer melhor:

“Ariadne, (21) carpideira e gemebunda...”

Quando o padre chegou, um tanto atrasado, os meninos correram ao seu encontro, puxando-o pela batina, e atrapalhando-lhe o passo. “Esperar aí” – ralhou brando o pai da moça, arredando os menores. “O padre daqui a pouco vai benzer.”

O noivo era o centro de atenção. Alto, elegantemente vestido com roupa de cidade. Pelo nervoso, o anel quase não escorria na hora de colocá-lo no dedo.

Congregados no lugar adrede preparado, o padre oficializava o ato. *Ego conjugo vobis in matrimonium*. A assistência mantinha-se calada, conforme o silêncio do respeito. O padrinho tossia, porque nessas horas o padrinho tosse e olha de lado. Mal podia esperar o término para descalçar sua botina nova testa-de-touro, e falar para o pé aliviado: “Esparrama, dedo!...”, dependurando na forquilha as esporas de rosetas grandes.

Coisas de mar; e as nove irmãs. O Oceano, (22) filho do Céu e da Terra, pai dos rios. De como era o cortejo da rainha das águas: sentada no carro seu em forma de concha, alteza, com o cetro todo purpurino na mão. De Dóris, o esposo, Nereu, pai de ilustre prole, quem enxerga com clareza. (23) E agora donzelas nos cavalos-marinhos, com tridentes, coroas; e um delfim que as acompanha. Viviam nas covas dos rochedos ou nos bosques, também nas margens dos ribeirinhos. São loiras e formosas, adornadas com pérolas e conchas, os cabelos de paina ou ráfia. A fábula de Alfeu e Aretusa. (24) Ele transformado em rio, ela convertia em fonte. Nem assim morreu o amor que os danava. A corrente do rio atravessa o mar, eternamente sem se misturar com as águas salgadas, para abraçar as da fonte cristalinas. O adivinho do mar, (25) sabedor do presente, passado e futuro. Ao meio-dia sai das profundezas para a gruta onde mora. Quem quiser saber algum segredo, há de empregar toda a força e manha para subjugá-lo. É que primeiro ele se transforma, para enganar ou escapar, vira ave, peixe ou dragão, água, chama, árvore, coisa. Se vencido, revela a sorte ou o que o Destino tem reservado para cada um. Glauco, (26) que era pescador. Por acaso descobriu que os peixes que comiam aquele lodo verde da praia voltavam ao mar com extraordinário vigor. E eis o fruto da curiosidade que o molestava: comeu-o, e nunca pais pôde conter a força que o impelia a viver para sempre no fundo das águas, triste sabedor. Um dia viu a moça da fonte, estirada na areia, o corpo todo prateado pela luz da Lua. E via-a todas as tardes, àquela mesma hora, de um lugar entre pedras que só ele conhecia. Até que não pôde mais guardar aquele amor só para si. Mas a moça ao vê-lo – feito de escamas, a forma humana desfigurada – soltou gritos de espanto e fugiu horrorizada. O moço, entregue ao desespero, o amor doía? Foi procurar a maga filha do Sol para que lhe desse consolo, ou filtro. Mas a ocasião tem navalha na mão. A maga apaixonou-se por ele, convertido em deus marinho. E por não ser correspondida: “Estás entre dois perigos.

Se escapas de um, morrerás pelo outro”. E despejou na fonte um líquido... E era outro ato que ia começar.

O padre acabava de celebrar a missa. Depois, no meio do corguinho, com uma cabaça na mão batizava calmoso as criaturas, a batina levantada e presa entre os joelhos, recomendava que repetissem com ele em voz alta: “O primeiro dos sete sacramentos, que apaga o pecado original, e que consiste em derramar água pela cabeça do neófito”. Distribuía medalhinhas e retratos de santos com orações no dorso. Logo mais inaugurou a cruz de aroeira de cinco metros na frente da capelinha improvisada de palha, em cima do morrinho, entre o Bonito e as Gameleiras.

O papagaio modulava, trepado no pau arrancado da aroeira: “Mestre Gil faz os aytos del rei e não tem nem um ceitil”.

No ato de amamentar o filho, olhando para a Via-láctea Alcmena balangou o peito com tenção de enxugar e não desperdiçar leite. Depois, com alguidar e talo de goiabeira, machucou folha de erva-babosa e esparramou de leve no bico do seio – era “porque gosto ruim faz menino desmamar” – o que falou para Dona Ignácia, vigiando os movimentos do gato e relatando fatos de serpente. “Menino mais forte, esse!” – erguendo-o ao colo. (27) Saiu ao pai, esculpido e encarnado. Tinha dado à luz trigêmeos e sofrera muito nas gravidezes. Depois colocou o filho ao berço.

Narcísio a beber água da Fonte do Espelho.

Passarinhos faziam desenhos no ar com voo ondulado. Joviano, gaioleiro, e um bem-te-vi escuro do peito amarelado; de bico curvo, comprido. “Come frutinha, come vermes na lagoa.” Explicava, desdobrava: que a fêmea perde a voz no choco. Faz o ninho em galhos altos ou perto das forquilhas entrelaçado. Briga com o gaviãozinho-de-cerrado, que lhe vem roubar os filhotes.

O papagaio, Vox Populi:

“Mulher de bigode
nem o diabo pode, será?”

A Deolinda, atrás da touceira de bananeira para fazer serviço, fazer precisão, com pretexto de que havia se esquecido de algo – no caminho apanhando folha de cajueiro, desembestada. A Maria do Júlio comentou, abanando a cabeça em sinal de dó: “Destemperada a Deolinda. Meizinha boa é erva-de-andorinha, ou flor de macela, que é de curar tenesmo”. Nos arredores os convidados continuavam falando daquilo que falavam antes. Com o cuidado de desviar a

vista de onde se encontrava a Deolinda. Povo da roça respeita o código, ninguém repara, tudo é simples no sertão.

Euricleia lavando e enxugando os pés. Grande cicatriz – “mordida de animal”.

Anticleia e a volta do filho pródigo – após dez anos de ausência. Ia vir com o seu Cavallo, companheiro inseparável, pelo qual tinha muita predileção. Ganhara-o de presente, potro ainda.

Rodeavam-na muitos: vovó Adalarda contava estórias de era uma vez. Que contrário dali havia um lugar, cheio de sombra no meio do brejo. Era uma caverna de três bocas guardada pelo cão malvado (28) e onde habitava o Gênio do Mal. De noitão, apareciam de capuz almas enfileiradas entoando cânticos. “Cem anos sem sepultura”, (29) aos que não haviam recebido o batismo, com pouco ela dizia. Depois, que passava um rio grosso, de gemidos e água pesada. “O que a gente esquece...” (30) É do outro lado o lugar (31) mais feio que havia: cheio de escarpa e precipício, de pântano, água saloba e poço sem fundo – como se em sonho ou pesadelo. Ali o Diabo malinava, e seus asseclas. Então sofriam as almas todos os horrores; o frio mais frio, o calor do fogo. O breu da escuridão era como se houvesse cem braços e olhos para empurrar e vigiar os condenados; e um vento horroroso que sibila. Falava: da dura luta dos gigantes (32) e o castigo merecido. A loura moça Lídia – ninguém bordava melhor do que ela – e a figura de uma aranha em alto relevo num tecido que ela escolhera para determinado fim (33). A estória do feiticeiro que desceu da montanha mágica e central, que virava cisne branco ou boi bonito (34) para encantar e roubar moça donzela. De como o mais forte foi carregando o mundo nas costas. (35) E: “Por doze vezes vencedor” – a lenda do herói (36) que matou o monstro das nove cabeças. No céu a constelação do Caranguejo, que a fada piedosa havia colocado lá. Um que quis voar até o Sol com asas de cera carregando um peso. (37) Propunha um enigma: “Que é que não é: de manhã tem quatro patas, ao meio-dia tem duas, e de tarde tem três?” (38) Vovó Adalarda. Crianças a dormir em seu colo. Uma canção de ninar.

Ela desajeitada – Auda – sorria e esperava. Acabava de casar como nasce uma criança. “A benção, padre” – ela falou, quase beijando a mão do sacerdote como sinal de reverência. Bolinhas de suor quente minavam no vermelho do rosto. “Deus te abençõe, minha filha, para serem muito felizes os dois.” O pó-de-arroz aparecendo em rodela, e a meia branca que escorregava aos poucos. Ela a mão punha de leve no braço dele, e os dois caminhavam, arrastando o olhar dos outros.

Os foguetes estouravam no alto, desenhando a cores no quadro-negro do céu. O monjolo descascava arroz. Um casal de bem-te-vis brigava eriçado, por duas razões. Patos e marrecos nadavam. A cocá repetia sempre: “Tou fraco, tou fraco, tou fraco”. Laranjeiras pingando água depois da chuva que deu. Com as perninhas finas marcava o chão a pataquirra-marrom – aonde o rio passa mais ligeiro. O papagaio olhava de lado:

“Cá o pé, louro,
Cá o pé, meu bem.
Ai, meu Deus!
Para que tanta fermosura?”

Gensérico, o bobo da fazenda. Trabalhava com madeiras: bálsamo, canela cheirosa, chapada, gonçalo, capitão-do-mato e outras de lei. Com o lenho da gameleira fazia bateias, gamelas, colheires de pau. Ia em mato seco atrás de cortar capoeirão: para cercas de arame, vigamentos, lenha, mata-burros ou pontes, e moirões – quando não vendia dormentes encomendados pela estrada de ferro que ia chegar para as águas. Vinha carregando dois baidas ovos de emas, porque tinha achado um ninho comum, que é como as emas fazem em época poedeira.

“Dois bicudos não se beijam” – de novo o Joviano, e apontou para a lagoa para realçar a valentia dos bicudos. “É azul, escuro, ou escuro-marronzado. Tem belo canto. Há um, o de bico-de-pimenta, é o mais apreciado.”

O anão Coboldo (39) também contava estórias, rivalizava com os melhores contadores. Que na terra dos gelos havia uma árvore, tão grande para sustentar o mundo. Deitava raízes numa fonte que lhe dava eterna juventude, guardada por deusas que regem o destino e o tempo. Quem beber daquela água há de um dia ver mais claro, isto é, a sabedoria. Sua copa chegava até o céu – como uma coluna gigante chamada imensa – ia banhar-se em nuvens de luz e orvalho, e os galhos não paravam mais. Árvore sempre verde, aquela, apesar de ser devorada a cada instante pelos animais. No galho mais alto vive um galo de ouro e vigia; no mais baixo, a serpente-dragão. Na beira de um rochedo, por vontade de altos poderes um gavião monstro rói-lhe sem cessar as entranhas, sempre renovadas, como o Sol renasce a cada dia. (40) “Antes de tudo era o abismo” – que não tem fundo. (41) Contava a origem do mundo, lia em voz alta um livro de poemas e os seus altos segredos. “Não havia no princípio nem areia, nem mar, nem ondas salgadas, nem Terra, nem Céu; o

abismo não tinha fundo, e a erva não crescia em nenhuma parte.” Só havia o frio e o Sol; e então foi que surgiu a primavera. De como morreu o primeiro Gigante: seus filhos o mataram à traição. Do sangue nasceram os rios; da carne, a terra; dos ossos, as montanhas. Primeiro veio a noite, e depois veio o dia. E com as chispas do Sol foram feitas as estrelas, encravadas na abóbada celeste. Também contava casos de assombração. Que nas noites de tempestade se ouvia no céu um tropel de cavalos. E eram as almas dos jagunços mortos em combate – entoando gritos de guerra e deixando um rastro de fogo misturado com raios e trovões – dando caça selvagem aos inimigos. Comandava o mais forte, de aparência cambiada; sombra de cavaleiro de capa e chapéu, com uma couraça e arma invencível. “Os do Barba Roxa!” “Quinhentas portas e quarenta mais.” E agora falava de palácios encantados com duas famílias de nobre linhagem. Contos de bruxos, mulheres guerreiras invisíveis que elegem os vencedores, espíritos das águas dos bosques, adivinhos e magas, coisas de signos mágicos com uma cruz e martelo de ouro e três cornos entrelaçados. A esposa bem-amada que tinha um manto de penas para voar mais rápido que os pássaros, caída do céu por malefício em dia de sexta-feira. A estória que tinha um lobo capaz de engolir gente, que veio do fundo do precipício. O menino que morreu pela flor. “Era tão manso, e todos o choraram.” A lenda do príncipe intemorato da espada encantada: (42) cortou a cabeça do monstro e assou o coração na fogueira. Não vacilou em atravessar com o cavalo o castelo cercado de chamas, para libertar a princesa adormecida e casar-se com ela. Na morada do meio vive a serpente guardiã, com cristas e escamas, com os anéis pronta para enroscar. Ao menor sinal ela avança, entumescida – os olhos acesos, a cauda cheia de veneno – mexendo a língua e contorcendo o corpo. Mais além fica o reino tenebroso – aonde corre um rio de fogo que circunda os seus domínios – lugar de muita bruxaria e estórias de enredo. E então Ela aparece, filha da Chama: “Por aqui passa o réu” – uma ponte inclinada que dá para o outro lado – designando a cada qual um lugar na hierarquia rigorosa, conforme é grande a sua vontade. Depois aparece uma floresta, lembrando figuras de gigantes distorcidas. À meia-noite dois troncos gemem, feitos à imagem do homem e da mulher. Na última estância está o sítio fatal; ali reina altíssimo o deus do inferno, sentado no tronco de chifres, armado de tridentes.

E os noivos da Fazenda Olímpia? Assim como as ondas uma após outra formam as espumas do mar, o mês de abril, aberto às inspirações do alto, é propício ao nascimento do Amor. Como as ondas, o amor se renova sempre, e nunca fenece. (43) Os dois foram

para junto da mangueira, no banquinho de jatobá de quatro pés, longe dos outros, contra a regra do costume. E ela toda de branco. Os dentes alvos, bagos de milho verde. Quando o sol batendo, o azul do Céu brilhava nos olhos graúdos. O diálogo:

– Auda?

– Que é, Lando?

– Do fundo do coração, gosta de mim?

– Gosto é demais da conta.

– Mas por que a tristeza, que mal pergunte?

“Tristeza não; fiquei é com medo. Sonhei sonho ruim, que a gente se separava. Deu abafamento no coração, e a noite toda não parei de chorar. É perigoso que pensei no acauã; quando canta não é sinal de mau agouro? Depois invoquei a imagem do Divino Padre Eterno e fiz promessa de ir a Trindade, no dia da festa, acender vela e levar prenda. Lando, a gente combina nunca se separar, mesmo se acontecer o pior?” Ciúme de fêmea em cio.

– Melhor não pensar nisso agora, que faz mal.

– Tem hora que a gente pensa uma coisa mesmo quando não quer pensar. Parece até que tem outra cabeça dentro da cabeça da gente.

– É cisma. Força positiva afasta os maus pensamentos. Por que não vamos para lá? O Manel d’Ebreia vai cantar, todo o mundo alegre. É festa! Forró para todos.

“Muita alegria dá tristeza depois, para contrabalançar. Dia quente não dá chuva? São as forças invisíveis do Universo, vedadas ao entendimento.” Ela, professora. Aprestando-se para rezar o terço com lágrimas-de-nossa-senhora. Olhava para a lombada dos montes, atrás das toças do canavial. O mato cheirava a mato molhado; era tempo de temporona.

Mas as coisas têm de acontecer quando chega o momento. Sem querer, de repente olharam para cima – como se por efeito de um gesto combinado. Por entre os galhos folhosos passarinhos piavam em ninho acasalados. Sorriram e estremeceram. Ela foi toda fêmea para escorar o corpo na forquilha, Y da árvore – as mãos atrás, um pé no alto – fazendo pose, como quando a cobra se insinua, enroscada no tronco ou se deslizando. O sol refletia o desenho das folhas da macieira num canto do seu rosto. “Eu falo, falo, falo. Fala, meu papagaíinho.”

O papagaio, Vox Populi:

“Ei o meu doce pecar,
amor com amor se paga”.

O cocho cheio, suspendia-se o pau do monjolo para aprontar nova batida. Ao longe, a chaminé da fábrica expelia fumaça cinzenta, que acabava por se misturar com as nuvens.

Ela então contou-lhe a estória da donzelinha que preferiu ser tranformada em árvore de louro, uma vez, para escapar de ser perseguida. (44) Vai, e contou outra estória: a da filha do rei encerrada na torre, num quarto escuro subterrâneo com paredes forradas de bronze, para evitar que mãos profanas a tocassem. Chorava triste a sua sina até que a chuva encantada... (45)

Com a faca recém tirada da bainha, sentado no toco o moço descascava pedaço de cana, enquanto punha a vista nela. No seu íntimo gustou-a, como fava ou mel.

O riachinho escorria um filete de água limpa numa toada bonita e sempre igual.

“É grande que nem cabe na mão”, ela disse, roçava os dedos no tronco verde do bambu, acariciava suas dobras e folhas. E logo – para disfarçar a timidez, desviando a vista para o lado – traçou com pedaço de galho seco linha reta em sua direção.

As garças vinham que pousavam na beira da lagoa do lado que dava o vento.

Apareceu o Menino (46) de cabelos louros cacheados abraçado com um cisne – detrás da árvore fazendo arte, procurado por sua mãe mais três companheiras – atirando coisas com seu instrumento estrambólico. Brincava com os olhos vendados e um pé no ar, rodava um aro, perseguia uma mariposa ou agitava os braços. O papagaio dobrava a língua:

“A dor do amor,
tarará
me livra Virgem Nossa Senhora!”

E foi que ela começou a chorar: porque tinha rasgado a barra do vestido e a renda, e o véu. Portava um suspiro, lágrima guardada: “O meu vestidinho branco...” Escorregou, sentiu vergonha. E ouviu-se o baque surdo do monjolo socando arroz...

As jabuticabeiras já estavam prontas para as florzinhas, que vinham com as primeiras chuvas. Chuva-de-ouro caía na frente da moça e nos cabelos, fazendo ligeira alusão. Berrava a vaca chamada Audunlada, (47) que ia ter de novo bezerrinhos.

O arco-iris – bifronte, unindo dois pontos – como uma ponte imensa ao lado da cachoeira.

O papagaio com uma verdade:

“Água mole
em pedra dura
tanto bate
até que fura.”

Os meninos. O trezinho de ferro entrava no túnel de papelão, apitava, soltava fumaça, na curva descarrilava.

Agora voltava o anão Coboldo. Recitava mais poemas; citava as palavras da Vidente: “Colares e anéis me foram dados para saber o futuro e compreender os sortilégios; vi todos os mundos”. Ia representar a última batalha, num palco improvisado de latão. Imitava a guerra entre dois bandos heróicos. Tinha manias de gigantes ou coisas grandes, que seu desejo era crescer mais. “Ninguém escapa do destino fatal” – com mímicas de ator, segundo louca profecia. Assim acabava o ato: contava que a terra toda tremia, no começo e no fim de tudo era fogo. Daquele combate ninguém saiu vencedor, nem vencido. (48)

“Faz de conta...” e Vovó Adalarda contava. Contava casos de sereias com sua flauta de encantar. Ou então, agora era a vez do jardim que dava frutos de ouro; por ordem do rei fora a arca lançada ao mar – encerrados um menino e a mãe. (49) A arca foi seguindo sua sorte, indo arribar na terra azul de Serita. Um pescador encontrou-a; levou os estrangeiros à presença do soberano. Um dia, muitos anos que passaram. “Vai, meu filho” – disse-lhe então o rei bom ao jovem. Matar os três monstros que mal faziam, impossíveis de fitar – filhas do mar, cabelos de cobra feito raízes a se mexer, brilhantes as asas, mão de ferro e tronco cheio de escamas – um olho, um chifre, um dente. Tomou de um escudo mágico, ninfas do céu deram-lhe sandálias mágicas que o fizeram voar por cima das árvores ou das altas montanhas. Armou-se o moço de sabedoria; aprontou-se. Enxergou de viés o monstro do fundo da caverna cheia de serpentes – “Eis o fruto do teu orgulho, hórrida donzela” – e de um golpe só decepou-lhe a cabeça.

Das árvores próximas do bosque fora feito o navio por um grande construtor, ágil para cortar as ondas, ágil para passar entre os rochedos. Era a aventura do tesouro no outro lado do mundo. (50) E logo fez-se ao mar a primeira expedição. Tinha por chefe um moço, nobre, muito talhado para pelejar e conquistar. Mas tudo tem o seu começo. Havia um reino perto de outro reino, cujo rei enfermo e cansado entregara o mando a um irmão enquanto durasse a menoridade do filho. Quando o tempo chegou, apresentou-se aquele

príncipe para cingir a coroa. Então, com muita astúcia, o manhoso tio convenceu o jovem impetuoso que devia partir, reclamar o tesouro que por direito legítimo pertencia àquelas terras. E a embarcação chegou a uma terra, e a... Ali reinava um Rei de Tal muito poderoso e que tinha uma filha, demais ensinada em artes, dita também a feiticeira. Prometeu-lhe amor o moço que durasse toda a vida, caso fosse ajudado na dura empresa. Isto é, o tesouro estava guardado no fundo de uma gruta sagrada, por dragão que nunca dormia. O dragão no seu aspecto formidável; esguinchava fogo pelas narinas. Inteira ela toda hesitou, jogada no meio da dúvida. Decidiu-se, finalmente; ganhou o equilíbrio. Tramou contra o próprio pai e – “Heureca” disse a feiticeira, e achou. A poção mágica de adormecer o dragão. Ao rei o moço disse o que era de se dizer. Respondeu-lhe o monarca que sim, se o príncipe forasteiro concordasse em participar das provas. Primeiro – tinha de amansar dois touros bravos de patas de bronze e com eles arar a terra. Segundo – semear os dentes da Cobra Gigante prateada; daí, então, surgiriam os guerreiros armados para lutar contra ele. No dia marcado, a arena toda encheu-se de gente. O príncipe não titubeou. Pronunciou algumas letras do alfabeto que a feiticeira lhe ensinara e em seguida fez gestos e movimentos harmônicos. “Fiat” – e fez-se o clarão. Os bois foram vistos arando a terra domesticados e, dos dentes da Cobra, apareceram os guerreiros. Não esperou mais o moço. Com a princesa reuniu a equipagem, e lançou-se ao mar o navio. Muitos ficaram na danosa travessia. Quando os heróis chegaram à terra querida, mas a estória continua. É que, no meio de tanta alegria, o jovem tinha um íntimo desejo. “Tu que podes tanto” – disse à feiticeira. O seu pai era velho e já estava no leito para morrer. Ela encheu os olhos ternos de lágrimas e – num zás – abaixou do céu num carro dourado, puxado por serpentes que voavam. Pronunciou palavras mágicas à escuridão da noite. E disse: “Ó filha do Céu e da Terra, e que de seu irmão foi esposa”. Ou: “O tempo tudo devora”. Ervas e essências mexeu num caldeirão com pedaços de ramo verde. Um pé de coelho chifre de boi macerado orelha e perna de coruja cauda de escorpião. Salamandra salamandra. Queimou incenso nos altares e deu duas voltas. Acendeu o fogo sagrado com as mãos de donzela. Chamando o nome dos que têm cem braços, (51) ou os dos gênios das tempestades – o fulgor do relâmpago, as nuvens da tempestade, o estrondo do trovão: – “Nunca vereis a luz”. Pensando na longevidade: “Das cinzas da ave nasce a ave, e não fenece”. (52) Depois chamou o nome da Quimera, (53) não humana, cabeça de leão, cauda de dragão e corpo de cabra, que também respira chamas. Pediu ao

Poder das águas que tocasse a trombeta e, aos ventos, que soprassem. Na encruzilhada depositou a estátua das três cabeças: “Senhora da sombra eterna...” (54) No alto da montanha, acompanhada de doze virgens vestidas de branco, sacrificou esplêndida hecatombe de cordeiros primogênitos. E invocou os deuses, queimando em sua honra gordura de cabras escolhidas. (55)

– Ó tu, que das profundezas cinges e bates a terra

(Coro.) Que sacodes a terra e o mar; de cerúlea cabeleira e espada terrível.

– Acode, esposa ilustre, veneranda, dos olhos de novilha

(Coro.) E dos níveos braços.

– Tu, que levas arco de prata

(Coro.) Que feres de longe.

– Tu, máximo, Pai, que levas a égide, que lanças o raio e amontoas as nuvens

(Coro.) Obra conforme a tua vontade.

– Fama, que espalha a glória, e Íris mensageira

(Coro.) De pés velozes como o vento, de douradas asas.

– Ó filha da manhã

(Coro.) Aurora dos rosados dedos, Aurora de dourado trono.

– A dos olhos de coruja

(Coro.) Que vence na guerra, e nos combates dispõe do raio.

Fez votos de libações; purificou-se. Lavou o corpo com água cristalina, untou-o com unguento perfumado. Formosas sandálias calçavam-lhe os pés. Tomou de um cálice todo em relevo trabalhado: de metal, com pedras preciosas incrustadas, e duas asas de ouro, terminadas com o Terror e a Fuga, e três cabeças entrelaçadas que surgiam de um mesmo pescoço. No centro: estava desenhada a figura da Fortuna – de olhos vendados e um corno da abundância em cada mão, ou sobre uma roda e provida de asas – como que respondendo a perguntas com lento movimento da cabeça, por claros gestos. Passou azofre no cálice e despejou o negro vinho. Levantou os braços dirigindo votos. Orelha de sapo, pé de sapo, fígado de bezerro recém-parido. Entranha de lobo, sangue de carneiro, e coisa de cobra. Salamandra. Rabo de lagarto, casco de tartaruga e asa de morcego. O velho recuperou o vigor antigo, e muitos anos foram acrescentados à sua vida. Mas toda mulher tem seus gênios. Irritada pelo fato de o rei não entregar o reino ao seu marido, acenou-lhe com promessas de juventude e pá! – desencantou o caldeirão. “Súplicas que vão atrás de Ate, filhas do alto, enrugadas, coxas e vesgas, que não deixam de vingar quem sofreu injusta ofensa.” Fugiram os dois, os que outrora foram príncipe e princesa. Buscaram refúgio com amigos e passaram

a viver bem longe de lá. Até que um dia... “Cruza o rio, cruza” – dissera-lhe a velha para atravessar o rio, com voz disfarçada. E ele foi encontrar a sua amada, uma outra que... Indignada com tanta ingrati-dão, a feiteira partiu no carro encantado, a arquitetar vingança. (56) Pouco antes de morrer, o jovem encostara-se ao rochedo para ouvir o barulho do mar. “Quero” – disse – de cima do monte despediu-se de seu fiel cavalo ensinado; ensinara-lhe muitas coisas. Lembrou-se de uma velha estória do delfim mensageiro: “Vem, delfim, traze-a de volta”. E despediu-se da vida num suspiro.

O lendário rapto da moça solteira. (57) Casta, colhia as flores do campo. E então, do fundo da Terra, surgiu o Ser mais feio que havia: de barba comprida, com os olhos de repugnar. Ela em vão tentou saltar-se, o corpo todo abraçado. Debateu-se, que gritar não podia. Procurou-a em vão a mãe por todos os lados. Só encontrou sinais de luta e pedaços de pano. Os dois foram vistos pela última vez num carro de fogo e aonde a terra se abriu em direção do reino proibido.

Agora contruía o poço de Babel. No mais fundo do inferno, o rei soberbo que quis construir a torre agora tinha de cavar eternamente o poço sem fim. Uma ilha que vagava pelo mar até que o Sol e a Lua... Ou: uma ilha que vagava pelo mar porque os dois irmãos gêmeos, porque o Sol e a Lua... Suas estórias não paravam mais. Vovó Adalarda recitava lá os seus versinhos:

“A menina que montou num cabrito tonto
deu dois saltos
deu dois pulos
perdeu o equilíbrio
e caiu num ponto”. (58)

Pelo caminho da mata tinha chegado da cidade, alisava o pelo muito lustroso da vaca Bársis. Cortou uns pedaços de couro seco e em seguida pegou a advertir, no modo seu de ver as coisas de mansinho: perigoso que nas matas e florestas aparecem os duendes malevas, isto é – tinham pés de bode, barba de bode, chifres e cheiro de bode. Gostavam de abusar de moça donzela, ou assustar os caminheiros assoprando com um canudo na boca; faziam das suas capetagens. (59) Chegasse alguém de fora, era ela que gostava de mostrar as crianças. “O mais pequeno”, com sapinhos. Sabia de cor a idade de todos. Falava com eles, rezava como eles: “O Paizinho Nosso que estais no Céu...” Os pexotes com as más-criações.

Faziam-lhe cafuné, o papagaio ouvia e repetia, ensinando: “Mulher casada, amizade acabada”.

“Pelo visto, a gente não acaba o serviço hoje.” E era o circo do Baudílio que indagorinha acabava de aportar do último pouso. Tinham vindo por pura amizade, na melhor intenção. “O circo também está presente.” Fincavam estacas para a lona, aprontavam-se para o espetáculo os artistas. O trapezista alemão que parecia um risco no ar. O palhaço o Torto. O domador que fazia pirueta em cima dos cavalos e saltava de um para outro. A mulher que virava o corpo de todo jeito. O globo da morte: dois motociclistas dentro de um globo de ferro girando em todas as direções sem se chocarem. Um disco enorme de madeira no qual ficavam dançando uns palhaços, fazendo acrobacias, enquanto outros embaixo com toda força ajudavam a impulsionar. Furou-se o pneu da bicicleta de três rodas, de aros grandes.

Tourada também, no curral menor. O Zezuíno mais três profissionais do ofício que percorriam os municípios por ocasião das festas locais. Toureavam com trajes chamativos, enquanto uma vitrola a todo volume tocava *paso-dobles* e flamencos. Depois que acabar a festa.” Iam ir para o Triângulo, mas antes quiseram dar a sua colaboração.

Uns que tinham nada para fazer pegaram o caminhão e foram ver o Ovídio trabalhar, no outro lado do rio pela ponte velha. Esse tinha por ofício a embalsamação e o empalhamento de aves e animais. Convidou os homens a entrar. Primeiro de tudo, tomou as devidas anotações num caderninho à parte. Depois, pondo toda a atenção, com uma navalha abriu pelo meio a ave – era um tucano do bico preto – um corte só, vigoroso e reto. Separou cuidadosamente os músculos dos pés, das asas e da cauda. Após a limpeza, envenenou a pele com um pincel molhado de sabão arsenical. Em seguida encheu de algodão o corpo, dando-lhe a justa forma e medida. Na mesa de trabalho o material usado para a seriação. Separou as pinças, a serragem, fécula de batata, as etiquetas, o verniz cristal, esmalte preto, a estofa de calafeto e o prato esmaltado. Que tudo não cabia num lugar só. Limpou-os um por um, como costumava fazer. Na prateleira, nos respectivos lugares, enfileiravam-se pássaros e animais: araponguinha, ema, inhambu, socós, jacu, seriema, pavãozinho, beija-flor, andorinhão, surucuá. Agora ia recomeçar, montando ave para fins ornamentais, que o Museu havia encomendado. Tirou da garrafa de boca larga cheia de álcool uma saracura guardada há meses. Esfolou-a à maneira das seriadas. Depois, com arame galvanizado e palha, construiu uma carcaça, segundo prévias medidas. Costurou com agulha apropriada a pele da ave em cima do esqueleto e, com a ajuda de alicates, enfiou as pontas do arame

nos pés, nas asas, na cabeça e cauda. Aprontou-a para secagem e escovou-a com leves gestos. Colocou os olhinhos de vidro, pintou o bico e os tarsos. Com martelo, tachinhas e pregos firmou-a num galho que terminava numa tabuinha encerada da mesma cor. Para a montagem da onça, adaptou o couro recém-curtido na bacia do curtume ao esqueleto feito todo de arame e barro linguento, modelando a língua com gesso, tina, anilina e parafina. Findo o trabalho, rapou a barba e o bigode.

Lá fora, com os trovões parecia que ia chover. Seu Astrápio tinha pavor de relâmpago.

E a festa na Fazenda? O pagode varando a noite, com quadras e trovas, com modinhas e toadas. Lá fora, o sapateado e palmeado do catira. Até que despertou a aurora, filha da manhã. Uns outros pelas tantas saltavam e gritavam à moda de cabritos; excediam. Amoça Hebe àqueles servia cestas de frutas e canecas de vinho aguado. “O senhor é servido?” Um – dizendo nomes próprios ou todo o tempo fazendo caretas – parrudo, a cara suja de amoras, perto da figueira bebia aguardente colocada dentro de um chifre, sentado em cima de onde estava o de-beber. Ora coroava-se de rosas; ora trazia um gorro torto de carnaval na cabeça desenhado com cascavéis. “Como?” – dizia, lembrava alguma coisa. Apanhou uma boneca estropiada do chão e pegou a fazer graça. E saiu correndo com um pau em forma de lança, espetando todos e um mamão-macho. Dava vivas a Baco e revivas, catarolava:

“Uva branca
e rosa
que dá”.

Evandro e os demais cobertos de pele de bode traziam o pânico: em carreira desordenada com chicote na mão açoitavam a três por dois, pegando susto nos desprevenidos para provocar o riso do povo. Camila também, tiro certo. Homem nenhum atirava melhor do que ela.

Latino, para não brigar com a esposa Amata...

Enéias, depois de uma longa viagem, escolheu um sítio aprazível para morar, perto do rio. Evandro, seu leal companheiro.

Lavínia, filha do Ânio, com o segundo marido a cuidar do filho Sílvio.

Telégano e o encontro com o pai, depois de muitos anos sem vê-lo. Abraçaram-se fortemente, como que para matar a saudade.

Iole, vestido vermelho, tomando conta do menino.

O filho da Canente: “Passarei por casa primeiro”. Adornado com dois cornos na cabeça e um rabo peludo, nariz achatado, cabelo preto comprido, barba falsa – formando parte do grupo que jogava pó-de-mico para todo o mundo pular. Dançava que tocava uma flauta feita com talos de cana, com sete tubos de tamanhos desiguais, dispostos paralelamente. Junto com Silvano recolhia frutos e separava as primeiras crias dos rebanhos.

Sileno é um velho baixo e gordo, disforme, de orelhas grandes e cabeça chata. Quase sempre bêbado, vinha cai não cai em cima de seu burrico. Estimado pela gente do lugar pela maneira de ser, agradável fazedor de verso. (60)

A moça que cuidava das flores como Flora. (61) Cheia toda de ramos e pétalas nas mãos. Pales com palha. E Pomona (62) enxertando laranja com mexerica ou, sentada ao lado de uma cesta de maçã e outros frutos, ouvia a palavra da anciã que mudava, variava, próximo à árvore.

A Dri, menina, escondia-se no oco da árvore dura e resistente: “Não machuca a árvore, que faz mal”. (63)

Filomela modera a língua sem querer. E sua irmã a preparar matula para o marido, que mais logo ia viajar.

O anão Coboldo também ajudava. Preparava coisas fermentadas ou despejava as sobras de cerveja num recipiente único. Repetia com autoridade um provérbio conhecido: “Depois de beber um homem vale por dois”.

Velas de cera de abelha iluminavam o terreiro e alguns poucos lampiões. Tra-la-lá. A maria-é-dia anunciava toda a manhã; um dia bonito de estrelas.

O Túlio Pê mais os seus pernambucanos que de manhãzinha tinham saído para cortar a cana de soca e levar para o engenho. A sorte sempre fora carinhosa para com ele – dizia alto e bom som – o rendimento de ano em ano aumentava. Mas era preciso ter amor ao trabalho e muito boa-vontade. Não era como o irmão, parasito da família. Agora acabavam de amarrar a cana com o olho em feixes de dez a vinte, mediam-na, transportavam-na em carros de bois – em cada um, oitocentos quilos. Sol cheio, esplêndido. Puseram então a cana na moenda puxada por roda-d’água, e o caldo sem parar de escorrer para os tachos de cozimento montados em cima do conduto da chaminé. O Jeromo Moscardo no primeiro punha todo o leite de cal, depois com a escumadeira ia tirando a espuma para boi beber ou para a destilaria. Recebera ordens para terminar o serviço quanto antes. À medida que o mestre ia mudando o caldo de uma tacha para outra conforme concentração, ou na última batendo-o grosso

com um pau de marmelo, outros chegavam da sede, cavaleiros, para levar melado com farinha, mais rapadura e moça-de-engenho que ainda sobravam. E o trabalho continua. Para uma forma de madeira cônica, pães-de-açúcar, com furo no fundo por onde o mel escorre no tanque. O Túlio Pê dando as ordens. Mais os irmãos o açúcar secavam ao sol ou no forno pegado à chaminé. Das formas tiravam o somenos que ficava em cima, açúcar mais limpo, e o mascavo debaixo. A obrigação ao serviço era necessária.

“Ah! Pelo visto o Sol inda vai demorar a abaixar” – disse o Jô à Nhá Estrela – em pé no carro pintado de verde puxado por dois cavalos brancos, projetando sua sombra a modo de calcular a hora. “Quem por derradeiro?” Havia tomado dinheiro emprestado a alguém, e agora precisava saldar a dívida – homem de palavra era. Deu sua palavra de honra em que não causaria prejuízo a ninguém.

O Luizialdo depois de fabricar algumas cargas de rapadura no engenho velho junto com os da casa começou a sapecar um capado – abriu-o no meio, separou a barrigada, pôs toucinho nas latas de querosene – logo mais deixou tudo bem preparado na salga. Pediu ao amigo que pusesse o arroz ao fogo.

Agorinha ia começar a corrida de cavalo. Os cavaleiros ajeitavam-se na sela, tomavam posição. Iam dar a volta várias vezes no curral maior, e o prêmio era aquele que a irmã da noiva ia entregar com um beijo e ramo de flores. Apostava em que o cavalo branco venceria a corrida.

A bandazinha ainda ensaiava um dobrado no palanque, mais por fita.

A moça orgulhosa – a que pretendia ser a mais bonita – olhando para a água parada deixou de tocar a flauta ao ver que as maçãs do rosto se inchavam, e que aquilo muito a enfeiava. “Minervinha” – chamou – e saiu de fasto. Tinha um sócia? De seus vinte anos já, gabava-se de nunca ter deixado de cumprir nenhuma promessa em toda a vida. Também gostava de pintar e bordar. Uma vez encontrou por acaso um bordado tão perfeito que era impossível fazer melhor ou igual: sobre a tela estavam desenhados o touro branco, o cisne, a águia, a máscara, a torre e a chuva, o pastor. (64)

Adonias, caçador experimentado, depois de oito dias que tinha ido atrás de um caititu ferido e escondido na mata lá do adobe.

A folia acabou quando o sol dava em cheio, o calor crestava as plantas. O Teodoro do pandeiro com as pernas esticadas quase roncava numa moderna. Com a cabeça na porta batia o Catalano – cap, cap, cap e cap. “Barriga cheia, pé na areia.” O Polastrino violeiro virou o cavalo sabino nos pés e rumou para o comércio;

seguia-o sua filha mais moça pronta para ajudar. Ele depois de forte dor de cabeça encontrou por fim a sabedoria, isto é, a prudência de não beber mais. Despediu-se cantando, pedindo ao ferreiro que batesse o malho. “Até na festa do São Beneditinho.” Ia comprar uma pouca de terra nas redondezas, mas acabou se desinteressando por causa do preço. “Trazer o meu” – cochichou o Depois-Eu-Pago – “retalho de encomenda”, ralando o dedo na mão ou arrumando as suas musengas, esforçando-se por disfarçar a calvez. Não tinha dinheiro para pagar ao armazém. Vivia à custa da mulher. O violão do Gregório descansava, em meio-tom, embaixo da caviúna. Edécio do cavaquinho recontente: “Quase que vou!” E iam para a Gruta da Moça, (65) advertida em sonho que ia ser transformada em pedra, conforme a lenda. Lá com as mãos em concha chamavam o eco, com o propósito de ouvir o som. Eco repetia, obrigatoriamente, as últimas palavras. Tinham dado quentão até para o pretinho Cuiu-Cuiu, que vomitava amarelo. Acordou logo mais. “Coitado, nada” – ralhou a mãe. “Vai dar goiaba aos porcos, trem à-toa.” Aí ele deu mostras patentes de que estava zonzozinho; pegou a chorar. “Remédio com fruta de cutia faz melhorar” – conforme um dos presentes. Mais logo o menino com medo do óleo de rícino arregaçou a manga e pegou a exhibir o muque. Chamava a atenção para que pusessem reparo: o músculo teso formava a figura de um ratinho agachado no braço. Depois murchava a barriga pela respiração, e outras coisas de circo. Todos riam dele, inclusive o mais rabugento.

Avante; adiante. O porco bagaceiro.

Dona Estazinha pediu que não passassem vassoura de capim por perto que dava sempre uma gastura que doía nos dentes e fazia arrepiar as penugens dos braços. Depois foi, até à despensa, buscar uma pouca de paçoca de carne-seca mais rapadura e um cuité d’água para desentalar. Dona de casa das mais prendadas.

O papagaio trazia de volta a música que o circo trouxera de longe; imitava o baixo e o saxofone:

“E Pedro fugiu coa noiva
Na hora de ir pro altar”.

Na beira da lagoa cantava a saracura – “Três potes, três potes, três potes” – anunciando que ia chover. O baguari, como a cegonha, andava devagar com as pernas altas. O mergulhão o peixinho trazia no bico, que o voo rápido lograra pescar.

Cação veio assustado do poço: e... era uma sucuri de 5 metros, com a cabeça de fora. Tinha vindo do pântano ou beira do rio e

comia porcos, galinhas, bezerros. Assustava a caça, matava capivaras, veados. Ali havia-se instalado desde a noite de sexta-feira. “Menos de dois ficaram por lá.” Depressa foram chamar o Adeão para acudir, benzedor de cobra – rezador de mão forte. O homem fez uns passes de mágica ao derramar azougue no patuá, atrás do cupim seguindo rigorosa disciplina em estado de concentração profunda. E pronunciou: “Saíndo de nove a oito, de oito a sete, de sete a seis, de seis a cinco, de cinco a quatro, de quatro a três, de três a duas, de duas a uma, até ficar cobra nenhuma”.

A moça Belonária (66) preparava a carroça para seu irmão que ia sair, mais um chicote de corda ensebada para fustigar os animais.

Jacinto parou de jogar quando o vento começou a soprar forte. Punha sobre a ferida inchada bálsamo para curar as dores. Encostou-se ao muro.

Gumersindo, garimpeiro, uns gramas de ouro na sacola.

Lateo ainda estava escondido.

Délia, (67) namorada, passava sozinha as noites espiando a Lua, do alto da pedreira ou no lugar dos três caminhos.

O orador levantando uma corrente dourada fazia um discurso de improvisado para saudar os recém-casados. Ia dar-lhes um talismã, com uma varinha que tinha a propriedade de acalmar as brigas e ajudar a fazer as pazes.

O papagaio, biquento. Depois de comer restos que lhe davam: “O que não mata, engorda”. Atiçava os namorados a abraçarem-se e a beijarem-se.

Mexiam com o Bobo para atenazá-lo, umas vozes escondidas no bambual.

Todos esperavam com ansiedade o desfile de despedida: a turma mascarada vinha descendo o morro com estrepolia. Os foliões – fantasiados com couro de onça, de bode e outros animais, a cara pintada de vermelho e o roxo da amora – dançavam de todo jeito e gritavam o mais que podiam. Atrás do cordão vinha um velho montado no jumento, com caretas para fazer a gente rir. (68) “Muito bem, meu filho, muito bem!” Gritava o pai para o filho. E era o moço Tioneu que dirigia o séquito, repousando à sombra da parreira ou sentado no tonel. “Livre”, exclamava, livre de qualquer acanhamento ia fazer outra proposta para casar-se com a moça, desta vez ajudado pelo álcool. (69)

Só as três moças do sobrado não quiseram participar da festa, que tinham um bordado para terminar por encomenda. (70) Íris mais as irmãs, que pelas tantas desistiram do trabalho por não poder com barulho. Também porque acabou a luz, e o casarão ficou às escuras.

Chegaram contando: um morcego passou relando a orelha da mais nova quando baixava ao porão.

O Aristeu chupava mel, enquanto o Tioneu falava bem de si: quando estava perdido, morto de sede, implorou a proteção divina. E então surgiu como por encanto um carneiro que o levou até o riacho.

E o Alfeo? (71) Tinha ido buscar água na fonte, que é mais limpa e fresca. Levava uma bonita jarra enfeitada com os desenhos que ele mesmo fizera da noite para o dia.

Efigênia, de madrugada, acendendo a fogueira para espantar o frio, depois de salvar a corça de morte certa.

Uns outros em roda comentavam o namoro e casamento do Acôncio com a Cidipa. Debalde ele tentou por todos os meios conquistar-lhe o coração. Mas a vida reserva as surpresas nas trilhas sinuosas. Foi que ela topou, ao ir pelo caminho que costumava, fruta de sua predileção com os dizeres: “Juro ser esposa de Acôncio”. Foi ela ler em voz alta e...

La haver mutirão para a capina atrasada; aproveitar o amontoo de gente. Era tempo de vaquejada, e reunia-se o gado para a ferra de bezerros. Não iam esbarrar serviço até o Sol topar com o outro lado. Uns já tinham ido na frente para a picaria. Queriam deixar as árvores cortadas no jeito para a derrubada. Enquanto os outros trabalhavam o Nenzico – cabaceiro, de hora em hora buscava água fresca do córrego – tocava viola e cantava uma sextilha sobre a vida do jagunço José Barbosa, o terror do Norte que tinha vindo de Pernambuco, e a guerra de Porto Nacional. Para a matula, Dona Guilhermina preparava chã-de-dentro, parte da coxa de boi que seu marido tanto apreciava, biscoitos de ovos, frango e farofa – mais umas garrafas para lambadas de pinga. Como ameaçava chuva braba, os dos serviços mais afastados mandaram buscar na sede palma benta do Domingo de Ramos para queimá-la com o responso costumeiro.

A Aglaé (72) desde o seu banquinho abanava a mão e sorria todo o tempo, rodeada de flores, enquanto as irmãs dançavam e cantavam em quadrilhas o casamento da raposa mais o rouxinol.

Egisto e sua mulher preparando o jantar para o hóspede que chegara de longe, amigo de infância. Dez anos que não se viam.

E o Horieste foi? Foi ao açude ou à lagoa, onde mora taraíra. Pescador experimentado, cavoucava com uma pá para catar minhoca. “De noitezinha, que é a melhor hora.” Ensinava aos visitantes ofício seu. “A traíra também tem outros nomes. Gosta de lugar parado, onde não tem lambari que come os ovinhos.” Contava que na Lagoa Feia havia um tipo em tudo parecido à traíra de rio, com escama escura, roliça, e crista bonita. Seo Horieste tinha muitos casos para contar.

Fora ele quem havia pescado aquele enorme dourado de escamas grandes e língua roxa e que alcançara o maior preço no mercado local. Um fato o deixara deveras impressionado (e tinha pesadelo cada vez que se lembrava daquilo): em véspera de santo de quem era devoto arpoou aquele pirarucu, o que tem a força de um boi. Então o peixe o arrastou durante muito tempo, até que numa curva a canoa virou. Ele ficou com o pé preso na corda, de cabeça para baixo sem poder respirar. Se não fossem os índios que tinham vindo do sangradouro...

As nove irmãs, (73) professoras, cada uma com um dom. Vestido comprido de linho branco com brocado, corrente dourada na cintura e coroa de mirto. Cada qual ocupando o seu lugar. Liam trechos de livro ou representavam como em teatro de arena.

A primeira. Os braços cruzados no peito, cabisbaixa, reverente. Em atitude de orar.

– Ó gloriosíssimo Atrida, (74) rei dos homens, que das cônca-vas naves...

A segunda. Disfarçada de Mensageira, apontando para o arco da aliança. Trazia os pés enfeitados de muitas cores, aprontava-se para correr. (75)

– O Alto Poder me manda, que lança os raios. Cessa a guerra agora e prepara o negro vinho para sacrifício às deidades.

A terceira. Tomando a figura do velho Nestor, (76) experto em conselhos. Fazendo gestos com as mãos para melhor acompanhar o discurso.

– Depõe a cólera, Aquiles. (77) O rei te envia ricos presentes – ouro, vestidos de linho, maravilhosos corcéis mais a Briseida das formosas faces. Nunca nenhum mortal foi tão agraciado e honrado. Esquece a velha rixa, e vem. O ódio só se aninha no coração do desventurado. A Pátria te chama, Aquiles.

A quarta. Aumentando a voz. Um braço esticado para a frente, o outro no peito.

– O guerreiro então tomou as armas reluzentes, vestiu a couraça invencível que o magno artífice por pedido construíra para durar. A cidade inteira tremeu, Ílion.

A quinta. Os olhos prontos para lágrimas. Ajoelhada com os dois pés, a cabeça apoiada no cipreste.

– Eu agora canto a dor de Aquiles ante o corpo do companheiro sublimado. Ordenou que se celebrassem as mais altas honras fúnebres, levantassem a pira para que o fogo consumisse o corpo, que fizessem sacrifícios aos deuses três dias com suas noites. Preparou-se para a vingança contra os inimigos: o ódio passou todos os limites.

A sexta. Em plano superior. O olhar como que acompanhando a linha do horizonte, fazendo gestos imitantes aos movimentos das ondas.

– Divino Ulisses, (78) inigualável em ardis, que o vento um dia levou a tua nau às regiões das trevas distantes...

(Ulisses sentado, chorando, junto ao espírito da mãe.)

– Dá-me notícias de meu pai, se morto já, ou se ainda vive.

(A mãe, abrindo os braços.)

– Há muito tempo deixei aquela morada. Mas sei que está vivo e sofre injusta pena. Receia por ti, filho amado, e anseia por tua volta.

(Ulisses. Afligido, relatando os seus padecimentos.)

– Longe da terra pátria por imperiosa vontade do destino.

(A mãe. Respondendo às perguntas.)

– Tua mulher permanece fiel, cosendo paciente o velho manto.

Mas os pretendentes cada vez se tornam mais ousados e ofendem a casa de Ulisses.

A sétima. Cobrindo o rosto com o manto. Mudando de posição. Em tom declamatório.

– E o medo se apoderou dos membros de Heitor.

A oitava. Trocando de pessoa, de máscara.

– Recobra o ânimo,

Heitor valoroso,

que teu braço vencedor

sair-se-á bem na batalha.

Vem,

infunde coragem em teu peito.

Só o covarde

foge

e não aceita o desafio.

A nona. Apontando com o indicador.

– Os guerreiros reuniam-se na ágora.

A décima. E o pomo da discórdia:

– Ela, Helena, resplandecente de luz.

O chinezinho também queria brincar; veio vestido de dragão, com uma máscara tão grande que escondia a sua pessoa. Ensinava aos outros a tomar chá com jasmim, debaixo da jabuticabeira. Falava alto, tonal, cheio de gestos: “O país do meio”. E desenhava um quadrado com um risco no centro.

O papagaio com o dicionário:

“Água-bruta,

água-brava,

água-de-briga,
água emendada”.

Eumeu – cuidando do chiqueiro, sujas as botas de estrume – como que falando consigo mesmo: “Ele voltará depois de muitos anos, e primeiro passará por aqui”. Com uma vara arredava os porcos do lugar.

O papagaio:

“Água-redonda,
água-só,
águas puladeiras...”

As nove irmãs ainda representavam; mudavam a decoração para a cena seguinte.

(Ulisses entrando na casa paterna.)

A primeira. No centro, com os efeitos da iluminação.

– Não me reconheces?

Coro. Declamando.

– Sou eu,

Ulisses,

Filho de Laerte,

rei de Ítaca.

(Ulisses disfarçado de mendigo.)

A segunda. Estendendo a mão.

– Bem-aventurado o varão que se compadece do infortúnio alheio, pois seu coração é capaz de abrigar altas virtudes.

Coro. Em atitude de indignação.

– Pedinte na própria casa

aquele que nela devia reinar.

A terceira. Com pele de carneiro.

– Ninguém é meu nome.

(Ali dentro da caverna escura aterrorizados os companheiros, de ânimo rendido. Por fim, Ulisses recobrou coragem e, acercando-se do ciclope horroroso, disse-lhe com voz trêmula: “Agora experimenta o doce vinho”.)

O coro. Dando voltas.

– Ninguém é meu nome.

Ninguém é meu nome.

(O episódio da feiticeira.)

A quarta. De perfil.

– Haveis aqui.

(E a embarcação chegou a uma ilha deserta onde morava terrível feiticeira. Ulisses então lhe falou dentro da caverna):

– Por que o coração me atormentas mais ainda?

– Esquece as tuas mágoas, Ulisses. E sem temer vem partilhar as delícias do leite.

Coro. De costas.

– Não bebe o negro vinho

que te encantará,

misturado às ervas daninhas.

(Ulisses exortando os companheiros dentro do cavalo de pesado ventre.)

A quinta. Voz alta.

– Nenhum ouse fraquejar na peleja dura.

O coro. Sentenciando.

– As vossas armas

à ventosa cidade

levarão

a ruína e a morte.

(Ulisses recordando.)

– Assim o vaticínio: – o fado dispôs que voltarás à escabrosa ilha.

O coro:

– Ó néscios!

Será dura e lutuosa

a volta

dos argivos vencedores.

A sétima. Com vigor.

– A prova do arco.

O coro:

– Só um mortal dentre os mortais

é capaz

de retesar o arco assim.

E foi então que a oitava das irmãs e a nona passaram a cantar a matança dos pretendentes e o diálogo com Penélope.

Tália, cômica, brincando com as palavras: “Narigão foi nosso Mestre.” E ia mudar de roda?

Ciparísio, não correspondido, chorava por causa de seu amor, atrás do cipreste que é o símbolo da tristeza. Bêbedo, não dava três passos, senão caísse. À saída, nem sequer se despediu.

Alcides, neto de Anceu, pediu licença para fazer os seus trabalhos. (79) Primeiro buscou o touro albardado, amarrou a suçupara

pegada no monte e a trouxe nos ombros. Pôs os pássaros na gaiola, limpou o lugar dos cavalos, deu de comer às quatro éguas, depois poliu com paciência a fivela dourada do cinturão, comendo umas maçãs de vez que alguém ali tinha deixado. Finalmente, embrulhou com muito cuidado a capa que sua mulher Djanira lhe dera de presente, cor de sangue, para as festivas ocasiões. Estava pronto para partir. Atravessou o córrego, montado em seu cavalo Nesso. E abanava a mão para a irmã, à medida que se afastava.

O papagaio enchia a boca: “Aí que a porca torce o rabo”.

Dona Lucina (80) nunca faltava a festa de casamento, com sua maneira de ser agradável. Preparava-se para ajudar num parto. “Que é quando a esposa mais necessita de proteção e conselho.” Sua filha – correndo de um lado para outro, dando recados – com um vestido bonito de todas as cores chamando a atenção, contente e alegre. Mulher mais ciumenta, Dona Lucina. Gostava era de ver o pavão abrindo a cauda. (81) Berrava com a vaca Preta para não chegar perto, ou ferroava-a. Uma vez foi castigada pelo marido – fato conhecido por todos. Ele usando superlativos dependurou-a de cabeça para baixo, com as pernas amarradas em dois troncos de árvore.

Dionísio, hóspede de honra, com outro que tocava flauta dupla. Atrás de si um cortejo – todos bebendo, cada um dançando do seu modo.

Leda (82) com os ovos, brincava com o cisne, manso de aparência.

Ao lado, dois jovens atletas – chamados os gêmeos, amigos inseparáveis – queriam correr mundo a cavalo. Vistos com bons olhos por uns, mal por outros: conta-se que quiseram casar-se com as noivas dos primos no dia do casamento destes, e que aquilo motivou um duro ódio entre famílias. O primeiro agora lutava boxe com o troncudo Amico, aplaudidos pela assistência.

As três mais belas (83) disputavam a palma da beleza num demorado concurso organizado por elas em cima do morrote – de tarde, para que todos vissem – e o juiz era o moço mais cobiçado, vindo de longe, criador de ovelhas no Rio Grande. Eis o pomo da discórdia – quando saiu furiosa por ter perdido a que trajava um bonito vestido de seda enfeitado, imitando a cauda do pavão real. Inconformada: faltava opinarem os demais.

Demétria, (84) no meio da terra cultivada, gostava demais de correr pelas planuras a cavalo. Falava de colheitas e outras coisas. Para casar-se com o primeiro marido, foi preciso fugir em égua e cruzar o rio de noite. Teve uma filha, roubada ou desaparecida de casa. Procurou-a sem descanso durante nove dias com suas noites

e, até hoje se lembra, num lugar chamado Pedra-sem-alegramento, chorava sem parar para que a devolvessem. Fez promessa: ficaria em jejum até encontrá-la. Por fim, no meio da estrada, junto de um passo onde a coruja canta: a filha sem graça lhe disse – comendo romã – que agora era impossível voltar atrás; casara-se com o tio, de nome Baltasar. Fizeram as pazes, malgrado o marido: iam ficar juntas a metade toda do ano. “Essa menina é igual a mim.”

Pampineia, Fiameta, Filomena, Emília, Laurinha, Neífile, Elisa. Palestras sobre o que mais deleita a cada uma.

Alonso e a ilusão de ótica – os moinhos de vento. Seu companheiro ventruado.

As estrelas ainda madrugavam. A Aurora tirou o véu cor de açafreão, e tocava de leve o fino orvalho que o frio da noite tinha deixado. Titônio, seu marido.

Enquanto isso, as últimas caravanas preparavam-se para partir; desfaziam o arranchamento; estava-se em fim de festa.

Manel d’Ebreia, que ainda cantava – fazendo uma descrição:

“A cor da madrugada,
a samambaia da cisterna,
o sapo pulador,
a porteira rangedora,
a bananeira preguiçosa,
o grilo cantador.
Milho, arroz, cana, pasto, capim-gordura,
a casa da fazenda
e o corguinho corredor”.

Na frente, o bacuri, com as palmas curvas sombreando o chão. Os anus-brancos bicavam larvas ou vermes na beira dos córregos ou tranqueiras. Os pequis caíam de maduros. Mijo quente de boi cheio de espuma e aquele cheiro que vinha do curral. A perdiz imitava seu canto, lá no campo sujo: fugia dos lugares altos e barrancos em forma de não cair. A andorinha voava de perfil. Arvorezão. Nem vassoura atrás da porta, para mandar embora a derradeira gente. O monjolo de mão, debaixo de árvore no começo do laranjal. Os passarinhos afinavam o assobio. Em cima dos galhos: aprontando-se para outra aurora a orquestra das cigarras cantava justa em z menor. O monjolo nunca erra, como um martelo de juiz.

O dia da eleição, na cidade, galopava inevitável. Os dois partidos políticos majoritários, encabeçados pelas duas famílias mais influentes, pelejavam como onça-sucuri. Iam de rancho em rancho, de casa em casa, de gente em gente; para eles, o voto era a coisa mais importante. Promessas eleiçoeiras. Disputavam cada palmo de terreno dentro dos limites da jurisdição. As ruas estavam plenas de faixas e cartazes de propaganda eleitoral. Os cabos eleitorais em atividade de colmeia. Em vários pontos estratégicos ergueram-se palanques para uso em comícios. Para as agremiações partidárias, o voto era o *quid* da questão para deter o poder. O eleitorado estava virtualmente dividido. Quem vencesse, venceria com uma margem mínima de vantagem. Aquela era a eleição mais renhida de que se tem notícia. Cédulas eram distribuídas a mancheia. Os dois partidos – o branco e o negro. O primeiro tinha um gavião por insígnia; o segundo, um lobo.

Nas vésperas da eleição registrou-se um acontecimento já previsto pelos analistas, assim como o mecanismo das guerras em casos específicos determina o comportamento das nações. Foi no meio do dia, depois do almoço, no bar do Righetto. Os adeptos do partido branco concentravam-se na ala direita, ostentando o seu emblema. E os integrantes do partido negro para si haviam reservado o outro lado. Os ânimos exaltados. O consumo exagerado de álcool destampava o ódio visceral, rebentava as barragens interiores. E espuma de cerveja a molhar mesas. Havia uma música que, se cantada ou solfejada, tinha a força de um repto. Os dois bandos, irreconciliáveis pela própria natureza – como o bem e o mal situam-se em territórios delimitados.

Foi de repente, sem ninguém saber porquê. Era como se já esperassem dentro de si – o gesto combinado, o som da palavra, o momento. “Pisa aqui se for homem”, foi a frase que entornou a

briga. Mesas quebradas, cacos de vidro, tapas e pescoções. Quando começou o tiroteio – ainda estavam a disputar sobre um ponto. Não havia nenhuma solução para o problema. E choveram balas.

A cidade ficou sozinha nas ruas, a cidade estava fechada. O medo vinha macio como sombra. As casas de comércio fecharam as portas, obstruindo a entrada com mercadorias, para maior garantia em caso de arrombamento. O silêncio estava prenhe de segredos; o que ia acontecer esperava. (85)

Foi nada não. Com pouco se reuniu na sede do partido – na parte baixa da cidade, seu reduto mais forte – o grupo dos negros, grêmio poderoso, à luz do lampião, na mesa comprida de jacarandá. De primeiro chegou o Vicente Ignácio, tomando assento com o Virgilino. Depois o Lé, o Ilidinho, Galdininho, Zé Pimenta, Caterva e o Totôe Castro, malquerente. Do outro lado o Agenor Inácio, o Ozório Alves, o Avelino e o Adelário. Os treze assentados – bandidos jagunços do Estado mais os outros em pé, malfazejos. E ainda tinham convocado o Bianor, peixense, e o preto Memédio, companheiros dos Barbosas. O Agenor Firmino, com providências para buscar o de-comer na venda do Jacundá, simpaticante. Todos os grandes compareceram, expertos na tática da guerra. Conforme o pacto da confederação dos bandidos, nas questões de suma importância, quando um estivesse ameaçado de perder o controle do próprio território, todos tinham o dever de prestar-lhe socorro. Assim era a lei dos sertões. Aquela assembleia durou pouco. Virgilino no centro, o último a sentar-se à mesa, de costas para o quadro da Santa Ceia, tomando ventura com o Diabo. Atacar à traição. Decidiram. Aquela a melhor conclusão a que chegaram. Era preciso seguir à risca o plano para não se darem passos em falso. Aprontaram os cavalos e armaram as carabinas. Advertiu os homens de que não se envolvessem em conflitos de rua. Saíram aos pares para não provocar desconfiança, e foram reagrupar-se fora da cidade no morro das Três Cruzes, as fileiras bastante engrossadas com os outros seguidores. Virgilino dava as ordens, era o chefe no comando, regia. Tomou ares de guerra e seguiu a direção do vento, marcial, invocando o deus da violência, movido por força maligna. Secundavam-no dois, aptos para o temor e terror: um, o Manirrota, de rosto sanguento; outro, o Êneo Daimão, de baixos sentimentos, um homem que vivia com o barulho para escapar de si mesmo. Estavam a poucos quilômetros do objetivo. Fizeram alto, na ponte do rio Verde.

Vestiam o uniforme de guerra: calça e camisa da mesma cor, para não confundir com os inimigos. Ninguém de chapéu. Não fosse um atirar no companheiro por engano.

O grupo de batedores pelo atalho acabava de aportar ao acampamento. Foi que deram de testa com o cabo desertor, pegado em flagrante quando tentava fugir. Obra de uns quinze homens. Trouxeram-no jungido pelo pescoço, fortemente amarrado. Implorou que lhe poupassem a vida – não tanto por ele, mas pela família. – Salve, meu capitão. Viva o Chefe!

E Virgílio: “Faço questão de saber quem é” – disse, maior, os olhos duros de carrasco – “que das nossas fileiras ninguém sai impune”. Reconheceu-o logo. Era uma pessoa em quem não confiava. E geralmente confiava nos seus homens, exceto naqueles que falavam cabisbaixos. E estabeleceu-se o tribunal em célebre colina, à sombra de atambu. Julgaram o prisioneiro e aplicaram a pena: enterrado vivo, com os gritos de piedade afogados pela terra. Virgílio – juiz larápio, fugia à cruz como o próprio diabo foge à cruz.

Feito o quê, abalaram. Em direção da Colina do Erro. Avante sem esbarrar, em que pese à forte chuva. E pronto rumaram para a Fazenda Olímpia – os cavaleiros velozes. Era lá que se aquartelava o grosso dos opositores, em torno do Chefe, dito também o Mestre. Em chegando, tomaram posição para o ataque, não antes de bem estudar a conformação do terreno, segundo a estratégia de guerra. Primeiro avançaram os da infantaria, para ocupar posição privilegiada. Amarraram os cavalos nas proximidades da Gruta do Orco, camuflando-os no bambuzal. Na qualidade de inimigos, perigosos, arrastando-se de mansinho, como quando a jiboia define o bote. Ao passarem para o outro lado do córrego, postaram guardas na ponte. O lobo uivava na madrugada em mato seco ou cerradão. A Fazenda Olímpia – como uma cidade sitiada. Fizeram o cerco; o laço apertava. O mais graúdo recomendou: “De lá ninguém sai, só morre”. Inventava malinagem, calculando o golpe com arremedos de aranha, para não mal usar a inteligência. À medida que a turma da frente avançava, para o sistema de comunicação procediam conforme o combinado: mexer os galhos ou piar como a coruja para fazer os sinais. O segundo ataque estaria a cargo da cavalaria, de prontidão nos lugares estratégicos. Todos a postos, contando com a vantagem do elemento surpresa. Mas nunca que conseguiram o intento. Não era fazível. Espantaram-se de, ao invés de encontrar uma coisa, encontrar outra. Os peões da Fazenda Olímpia, preparados para a guerra, conheciam o plano, estavam a par de tudo. A sentinela dera o sinal. Vendo que o plano inicial falhara, os chefes invasores – de

cima de um outeiro, para melhor dirigir as operações – convocaram os guerreiros para alterar a técnica do combate.

Do outro lado também eram intensos os preparativos. Mobilizavam-se a uns cem passos da sede, o grosso da tropa concentrava-se na direção do curral maior. A tática consistia em deslocar o centro de operações para mais distante, no meio da planura, a fim de melhor proteger a sede da fazenda – pelo menos nos primeiros embates revidaram o ataque.

De modo que era iminente o choque entre os dois exércitos, em pleno campo aberto. O corneteiro Eindal, neutro, perto da ponte ia tocar o seu instrumento para o começo das hostilidades.

O cronista Demódoco, testemunha ocular dos acontecimentos, descrevendo os horrores da guerra, imortalizou as passagens mais cruentas da peleja. Na qualidade de observador, guardando distância conveniente, media a força dos adversários e avaliava as possibilidades reais de cada bando. Em posição privilegiada para assistir às investidas das duas facções, acompanhava com binóculo o desenrolar dos acontecimentos, na expectativa. “A ver quem pode mais!” Falava para o acompanhante, com forte sotaque gaúcho. Exaltava a qualidade dos dois exércitos.

O que aconteceu e o que não aconteceu – o inenarrável. A luta para prolongar-se até o aniquilamento total de uma das partes litigantes. Era fogo por tudo quanto é lado. Tiro estourava e riscava de claro a noite. Os estragos da guerra. Fedor de carne esturrada e de cavalo morto, apodrecendo; gritos de dores; lancinantes brados. Aquele combate não perdoou...

Protesilau, a primeira baixa na guerra. Sua mulher, ao saber da notícia – aos prantos, inconsolável. Desde o início soube-se das atrocidades. Um carcamano, moço, que tinha caído prisioneiro dos invasores. Amarraram-no em pau-roliço e vieram carregando, balançando, como bandeira dependurada em mastro. Depois acenderam uma fogueira, rodaram o corpo, fizeram como se assam os porcos no brasido. E davam gritos de guerra tomados de furor. Poupar-lhe-iam a vida somente em caso de rendição incondicional.

Do lado de dentro, a consternação. A mãe do moço Leonídio arrancava os cabelos com gestos de loucura; ora rolava no chão, movida pelo desespero, ora falava sem nexos, ausente. Abraçou com a força daquele sentimento indefinível as pernas do chefe da Fazenda Olímpia – conhecido por todos como o Mestre – impedindo-lhe os movimentos. “O senhor pode tanto, salve o meu filho!” O chefe permanecia imóvel, aparentemente inflexível para dar exemplo aos combatentes, mas em seu espírito a compaixão atuava como ferro

em brasa na carne viva. A cena traduzia a impossibilidade de ação. “Assim caem os incautos” – advertiu, recomendando o máximo de cautela nas lides da batalha. E com as mãos em concha, para aumentar a voz, gritou para o lado de fora, mesmo sabendo que com a distância não poderia ser ouvido. Mais como um desabafo, ou para abafar o ruído da consciência. A impassibilidade só por fora. Sobre os ombros pesava a dura tarefa de conduzir os homens para a vitória. Uma decisão errônea poderia trazer a perniciosa ruína com as terríveis consequências. Tinha plena noção das responsabilidades do mando. A seu cargo encontrava-se a segurança da povoação.

No outro lado da cerca, reuniam-se os chefes contrários para deliberar. Como o cientista no laboratório verte os líquidos nos tubos de ensaio, na dose certa, também o destino distribui na medida que melhor lhe convier as alegrias ou as tristezas dos mortais, ora com parcimônia, ora com abundância. Àquela altura dos acontecimentos a sorte do moço Leonídio já fora selada, destinado que estava a ter curta vida, a não deixar descendência. Sua idade variava entre 18 e 23 anos. No dia seguinte apareceu no meio do campo da batalha, amarrado em um tronco fincado no chão, sangue coalhado, o corpo inchado cheio de escoriações e aberto em algumas partes. Sua morte penalizou a todos. Trazia um bilhete cravado com um punhal. Queriam parlamentar. As opiniões divergiam na cidade sitiada. Após minucioso e prolongado exame da situação, chegou-se afinal a um consenso sobre a conveniência do encontro. Talvez daí adviesse a paz, benfazeja. Mandaram um emissário para impor algumas condições, sobretudo quanto ao local da reunião e à disposição das tropas; era conveniente guardar certa distância como medida de segurança para a defesa do povoado, assim haviam disposto os estrategas. Os exércitos manter-se-iam equidistantes, enquanto os maiores dos dois lados avançariam a cavalo para o centro, em pleno campo aberto. Na hora aprazada, procederam conforme o estatuído. Enfileiraram-se cara a cara, em cima dos cavalos, as armas amontoadas e guardadas por dois de cada bando.

Qual não foi a surpresa quando um tiro, disparado não se sabe de qual direção, provocou a desconfiança de ambos os contendores, e pôs fim ao acordo, antes mesmo de terem concluído as conversações. Como consequência lógica – a guerra. As forças mantenedoras da ordem, devido ao número reduzido de seus representantes, eram literalmente impotentes para conter o avanço da massa humana. Limitaram-se apenas a observar de longe o desenrolar dos acontecimentos. “Tinha tanta gente ali do jeito que tem lobeira no mato” – conforme se expressou mais tarde o delegado, referindo-se à contenda. Como quando duas massas de água desgovernadas, impelidas com toda a

força, se chocam entre si – tal assim o fragor da batalha, o embate dos dois exércitos produzindo um grande tumulto. Os lances mais representativos da peleja foram retratados magistralmente pelo cronista Demódoco, com episódios de bravura registrados de parte a parte.

Depois do espetáculo bélico, a morte fazia o inventário. Para além da canjerana, marco de referência, aquele entre lágrimas se estorcia: “Piedade para quem morre” – com as mãos sujas de barro segurando as próprias vísceras, os olhos cravados no Sol celeste. Urubus bicavam-lhe as entranhas, estirado em cima de uma pedra grande, sem acabar de morrer. Pensava: “Não errou quem pensou antes” – seu ato de arrependimento. Ou, pronunciando as últimas palavras: “Nem todos os males do mundo podem castigar os pecados dos mortais”. Aqueloutro, como animal que perde o sentido de direção, outro tanto se movia. “A esperança é a última que morre”, procurando injetar ânimo em suas forças combalidas, arrastando o corpo deformado como se isso significasse um derradeiro esforço para reter a vida. Por fim, pôde mais que o medo da morte o sono irresistível que tomava conta dos membros. Um que era só ferida, companheiro seu, o sangue jorrando copiosamente pela falta de alguns membros separados do corpo. “Acode, me acode, gente!” Outro acertou com a pedra na cabeça do inimigo, os miolos à mostra. O jovem Pirro, pelas costas, desferiu o golpe mortal contra o inimigo. Era de impressionar aquela cena. Empresa malparada. Quem pode inculcar juízo na mente dos mortais, ou mudar-lhes a natureza e o espírito?

Heleno, o adivinho, com prognósticos para o final da peleja.

O saldo da guerra mostrava nítida vantagem para os que portavam o emblema do gavião, símbolo da Olímpia. O inimigo, e não eles, retirou-se mais cedo da batalha. Filipe, amigo dos cavalos, contava dezoito anos: “Foi fácil para mim vencer a refrega”.

No acampamento dos invasores reinava o pesar e a desolação. Virgilino, o abismo nos olhos, falou o inconformado como sofrendo da ideia: “Dividir? Nunca!” Só é grande quem aspira ao poder todas as coisas. Não tinha jurado vingança até ao último dia? “A gente pode não ter vencido a guerra, mas a eleição quem ganhou?” Não comportava. Retorcendo os membros, ele todo se enrolava – qual cipó no arvoredado. Depois falou sem sentido, igual bobo quando é gago. Olho virado, boca virada: deu acesso, Virgilino babava... Rangendo os dentes, o mais forte dos homens maquinava: “Isso não fica assim”. Olhava de esguelha, sentado no cupim, e mastigava as unhas invejoso. Cerrava os punhos e esbracejava – o dorso nu.

Subitamente acudiu-lhe ideia de malícia. E retirou-se para atrás da árvore, reincidente. À forra – quer chova, quer não.

Fora decretada a trégua por parte dos contendores, para vigorar durante três dias com suas noites, com o propósito de enterrar e honrar os mortos.

Antes mesmo de decorrido o prazo estipulado, os dois grupos rivais já se encontravam em franca atividade, preparando-se para as futuras investidas. Os invasores, decididos a exercer um bloqueio mais efetivo dos caminhos. Em tais coisas ocupavam-se os defensores: reabrir trincheiras, cavar fossas profundas para dificultar o acesso aos pontos mais fracos, fincar estacas de bambu terminadas com ponta em diversos locais, para atravancar a marcha do inimigo. Na divisa da área agricultável, erguia-se uma paliçada.

A tática da guerra modificava-se de acordo com as circunstâncias. A ideia partiu do lado dos atacantes. Virgilino, inexcedível nos combates, lançava o repto, um duelo de morte entre ele e o mais forte dos adversários. De acordo com os princípios morais vigentes, era imperioso aceitar o desafio, que tinha força de lei, por questão de honra.

Naquela noite capitão Virgilino não experimentou a tranquilidade do sono, não pregou olho. Passou em revista o acampamento, enquanto os soldados dormiam. As fogueiras espalhadas combatiam o frio da noite. Sua mente ocupava-se de projetos funestos, ou o meio de causar a maior matança possível entre os sitiados. O prêmio seria a glória, o saque, o rapto das fêmeas, a servidão e humilhação dos vencidos.

A notícia chegou ao outro lado como um golpe sem defesa. Como encontrar um adversário à altura daquele portento? A cidadela inteira tremia, os mais velhos temendo o pior para os filhos.

Lá estava ele no meio do campo, na manhã seguinte, para dar curso ao duelo. A estatura de gigante impondo respeito. Quem se atreveria a manejar as armas contra ele? Valoroso, a coragem para a luta desconhecia limites. Virgilino, matador de homens, o perigo formidável. Irrequieto, seu cavalo esquipado como que pressentindo a iminência de luta, relinchando com as patas dianteiras no ar.

Ninguém ousava medir forças com ele. O conselho, composto pelos cidadãos mais eminentes, após deliberar toda a noite, havia optado pela recusa ao repto.

Foi de repente, sem ninguém esperar como. Dânao, o moço loiro, seu cavalo branco, o arreio prateado despedindo raios de sol pelo efeito do reflexo. Burlando a vigilância dos companheiros, transpôs as barreiras e deixou a cidadela. A todo o galope em dire-

ção à arena. Apercebeu-se da arma para enfrentar o inimigo. Ele correr da batalha? Nunca jamais! Se acaso não vencesse, não ficaria desonrado. Não o tachassem de covarde. Ganhar ou perder não são da guerra? Assim como dois animais que, antes de começar a luta que só terminará com a morte de um ou de outro, primeiro buscam com astúcia, orientados pelo instinto, posição favorável para atacar o adversário – assim também aqueles dois homens, como num tabuleiro de xadrez, cada qual estudando a melhor maneira de lutar com o outro. Qualquer descuido pode ser fatal. Primeiro a investida dos cavalos, e o barulho produzido pelo choque, os relinchos, as patas como arma de ataque. Depois os homens no chão. Virgilino com forte soco atingiu as têmporas do oponente, por um momento desnortando-o, logrando uma vantagem inicial. Mas este, devido ao preparo físico e à juventude, não tardou em se refazer, ganhando de novo o equilíbrio. Não se deixou intimidar pela fúria do adversário. E lançou-se contra ele com toda a força de vencer. A peleja foi descrita em páginas memoráveis, com todas as minúcias, pelo historiador Demódoco, para apreciação dos pósteros. Trepou à árvore mais alta para observar melhor. A luta permaneceu equilibrada durante muito tempo. Até que prevaleceu a força maior, tal como os fados haviam disposto que acontecesse. Virgilino, os olhos inchados de ódio, quebrando a espinha e o pescoço do adversário. Exaurido, refazendo-se pouco a pouco do esforço descomunal empregado na refrega. Depois, com sanha assassina, vomitando sangue pela boca, amarrou os pés do cadáver para arrastá-lo algumas dezenas de metros com o cavalo. Para injuriar e deformar o corpo, extravasando a vingança contra a massa inerte. Fizera isso por quê?

Antes mesmo de completar a tarefa inglória, os soldados da povoação sitiada, indignados com o malévolos proceder do vencedor, lançaram-se em massa contra o exército inimigo, como quando a represa transborda ou o dique arrebenta com a pressão das águas. As forças do flanco direito continuavam alerta, comandadas por Roldão, filho de Leandro, vencedor de batalhas. As tropas do flanco esquerdo marchavam sob a liderança de Rugero, que tinha a maior autoridade entre os seus. O grosso do exército, cujas manobras se restringiam ao campo central, conforme a divisão das tarefas, estava sob o comando do Mestre, que atuava como chefe supremo. Um dos guerreiros que defendiam as cores do partido branco, atirando de longe, alvejou o capitão Virgilino, e a bala foi alojar-se na altura do calcanhar esquerdo, pondo-o fora de combate temporariamente, pelo menos enquanto se restabelecesse do ferimento. O fato não passou despercebido, tanto de um quanto de outro lado. A notícia causou grande satisfação no seio

dos defensores do partido branco, infundindo-lhe vigor e ânimo para a batalha. Mesmo debilitado em razão da perda de sangue, o capitão Virgilino, apoiado em dois de seus homens, mostrava-se incansável no incitar os soldados à luta. Acompanhava os lances da batalha, e enviava os mensageiros para a linha de frente com instruções para a tática da guerra – deslocando homens, fortalecendo determinadas posições, ordenando a retirada de divisões.

Com o cair da noite, os exércitos retiraram-se para os respectivos redutos. Mais uma vez o balanço da guerra com as consequências funestas, registrando-se pesadas baixas por parte de ambos os contendores. Até o advir da manhã, os dois bandos encarregaram-se de retirar os feridos do campo de batalha, e enterrar os mortos com os devidos ritos fúnebres. Embora não declarada, passou a vigorar a partir da meia-noite uma trégua tácita. Quantas vidas ceifadas naquela escaramuça, de origem confusa e inexplicada, como é confusa e inexplicada a origem do dever.

Como um furacão que fustiga determinada zona durante algum tempo, e depois toma outra direção, causando grandes estragos atrás de si – danos materiais e sacrifícios de vidas humanas – de igual maneira a guerra deixa as marcas inconfundíveis. No teatro de operações, após a retirada das tropas, qualquer vitória tem sabor de derrota, com as cenas dantescas que se registraram naquele conflito de tão grandes proporções. Figuras deformadas, membros deceparados, a morte por todos os lados, a grandeza e pequenez do gênero humano. Todo lugar pode ser inferno – basta mudar de perspectiva. Em toda a parte sofrimento, lágrimas, destruição. Quem poderia descrever a angústia da mãe no campo de batalha à procura do filho extraviado? Ou aquele moço de marrafas loiras ensanguentadas, de dor mordida o chão e engolia terra, arrancando os cabelos, atingido na parte torácica, gritos para espantar, lembrando sons primitivos de voz não humana. Cláudio, mancando, a perna direita a ser amputada. Tapou o nariz para não sentir o fedor de carne podre. O soldado vagando desorientado, tolhido do sentido da visão. Ou aquele episódio nefando que deveria ser sepultado para sempre na mente dos mortais. Parecido às aves de rapina que se lançam em direção do animal ferido e indefeso, para devorá-lo ainda vivo, um soldado moribundo (não importa no caso de que procedência), arregimentando suas últimas forças e contando somente com as armas de que dispunha, segurando a cabeça do inimigo exangue entre os braços, igual que os animais, ele os olhos e o couro cabeludo do adversário mastigava – tal a fúria assassina que o movia. Domínio dos sentimentos inferiores e primitivos impossível de descrever. Assim num gesto extremo, consumiu

o último alento, não na tentativa de salvar a própria vida, mas na ingente e inglória tarefa de, como juiz supremo, decidir o destino do semelhante, inconsciente, situado na fronteira entre a vida e a morte – agonia. Uma reação igual não era de entender. Tal assim a natureza dos homens, muitas vezes indigna do nome.

Outro capítulo, dentro da bem-guardada povoação. Durante a refrega, grupos dianteiros haviam resgatado o corpo do jovem exímio Dânao, morto prematuramente, livrando-o da sanha assassina que ameaçava corromper o cadáver. A ser velado na capela como herói; breve criar-se-ia em torno dele uma lenda. Todos os habitantes vinham prestar-lhe a última homenagem. Seu nome para ter fama imorredoura entre os mortais. Os mais velhos, reverentes, vinham beijar-lhe a mão. Ia ser enterrado na própria capela, ao lado do santo padre que a fundara. A mãe, em estado de choque, como se dali em diante passasse a viver no limbo, perdida a noção dos valores. O pai resignado, orando de joelhos no recinto sagrado da capela.

Uma pausa na guerra: havia sido pactuada a trégua, devendo os dois bandos proceder à retirada dos feridos e à troca dos prisioneiros, cuja relação atingia mais de cem. A iniciativa partiu dos da cidadela, atendendo aos rogos e choros das mulheres que intercediam por parentes e amigos. Estabeleceu-se o seguinte modo de permuta: os exércitos ficariam a distância um do outro, e os prisioneiros marchariam – em fila indiana – para o centro do campo, num local predeterminado. A um sinal convencionado, juntar-se-iam ao bando respectivo. Do modo como foi estipulado, assim aconteceu. Não houve incidentes a registrar, exceto o fato de um dos soldados que fazia parte do plantel dos invasores ter preferido permanecer na cidadela sitiada.

Virgilino, e o episódio dos traidores. As provas não deixavam lugar para dúvidas. Os depoimentos contestes – testa com testa. Mandou o chefe que se levantasse um cadafalso para punir os culpados de traição, deserção e covardia na luta. Dois deles – Reinaldo, outrora político influente no Norte do Estado; e Polidoro, ex-diligente servidor público, e que agora engrossava as fileiras do partido – foram enquadrados num dos três itens. Reinaldo confessou a culpa de tentativa frustrada de deserção – não por covardia, mas por ideal, já que havia chegado à conclusão que deveria engajar-se no outro grêmio, como mandava a consciência que assim procedesse. Não tinha medo do patíbulo, homem de muita coragem era. Estava pronto para suportar o castigo com dignidade e sem vacilação. Agiu com a melhor boa-fé. Os lábios não pronunciariam uma só palavra de pedido de perdão. Fizessem com ele o que melhor lhes conviesse.

Não achava justo, porém, um homem não ter o direito de seguir as próprias convicções. Foi o primeiro a sofrer a punição decretada pelo conselho, composto de Virgilino e mais três. Apenado por um crime que não cometera. Com grossas cordas no pescoço, o corpo ficou balançando na árvore enquanto o vento forte soprava. Conforme decidido pelo conselho, que o cadáver ficasse exposto, sem receber o benefício da sepultura, sujeito à putrefação com a ação do tempo e dos elementos – um caso para servir de exemplo aos demais. Da lei ninguém escapa, não pode haver exceção. Foram unânicos.

Aquela altura dos acontecimentos, ocorreu um fato, que ficou gravado para sempre na memória dos combatentes, passível mesmo de mudar o curso da guerra. Virgilino, o comandante supremo; e Alcides, indômito, dono de força colossal, que gozava do maior conceito entre os seus, e quem trouxera o maior contingente de homens quando da convocação dos chefes guerreiros. Os dois entraram em desavença por questões menores e, como nenhum cedia em nada, a ruptura tornou-se iminente. Virgilino increpou-lhe com estas palavras:

– Incréu! Com que então pretende contestar as ordens e desafiar a autoridade?

O outro, falando com veemência, queixoso por ter sofrido ultraje, com o coração cheio de ira, exclamou: “Ordens de combate, eu não discuto, obedeço às regras. Mas na minha honra pessoal ninguém toca, sob pena de morrer na mesma hora”. Ninguém o chamasse à atenção na presença de outrem.

Encolerizado, Virgilino, que não permitia que ninguém se lhe opusesse, com uma voz de cem espadas:

– Basta! Nem mais uma palavra.

O comandante Gerênio, respeitado pelos conselhos e pela sabedoria, compreendendo a gravidade da situação e medindo as consequências que adviriam com a cisão de forças, interveio para aplacar a ira que tomava conta dos dois maiores condutores de homens. Tomou a palavra, e todos lhe escutaram. Pedia atenção ao que ia dizer. Em tom de discurso.

– Gente insensata! Quando acudi ao chamado das armas, conforme o acordo estabelecido entre os bandos, deixando o convívio da família – e nessa idade o sacrifício é muito maior, pois ao ancião só restam poucos anos de vida – eu pensava que a guerra fosse ser travada como nos velhos tempos, em que os homens de antigamente ou venciam ou morriam; não havia meio termo. Homens de fibra, eram. Eu ainda me lembro muito bem da guerra do Peixe, os episódios bem vívidos na memória, na qual os nossos comba-

tentes lutavam contra as forças do Governo, muito superiores em número, na proporção de oito soldados por um. Pois bem, nenhum dos nossos se deixou intimidar por isso, incomparáveis na coragem e no valor. Homens daquela estirpe? Não se veem hoje em dia. A guerra só terminou quando os soldados bateram em retirada. Os nossos, então, saquearam a aldeia, mas respeitando os mais velhos e a honra das famílias. Eu mesmo servi de juiz em muitas querelas, e tenho a consciência tranquila de não ter cometido nenhuma injustiça, de acordo com as normas do código da guerra. A discórdia não vingava entre eles, e a decisão do juiz era acatada com força de lei. Podia ser até que fizessem parte de bandos rivais, mas na hora de lutar contra o inimigo comum, todos permaneciam unidos. Não é a união que faz a força? Mas agora, o que vejo é o contrário. Como explicar que os dois maiores, sob quem recai a pesada responsabilidade de conduzir o exército à vitória, estejam discutindo entre si, e incutindo a confusão na mente dos comandados? Quem tem a ganhar com isso é somente o inimigo, que a esta hora já deve estar ciente do que se passa entre nós. Eia, vamos! Fazer as pazes como manda a prudência e esquecer a rixa.

Mas as palavras do ancião não encontraram eco nas mentes dos homens que não sabiam perdoar, e em cujos peitos se abrigava o desejo de vingança e a raiva incontida. Nenhum dos dois depôs a cólera, instalada no fundo do ser. E lenitivo nenhum, naquele momento, teria a propriedade de acalmar a dor do ódio. Os homens brigavam entre si mesmos.

Assim como um rio caudaloso que se bifurca – da mesma forma as forças daquele poderoso exército se dividiram, quando Alcides dali em diante se absteve de combater. E seus homens o seguiram. E sem partilhar com ninguém os projetos, preparava-se para voltar, deixando a guerra inacabada. Antes, porém, tomou tempo em dar sepultura ao melhor amigo, um dos que o acompanhavam desde os primeiros tempos daquele duro ofício. Era quase um irmão para ele, sócio a meias, quem mais de uma vez lhe salvara a vida. De uma fidelidade a toda prova: de uma feita, quando caiu prisioneiro, tinha a escolher somente entre duas opções: ou trair ou arriscar a própria vida. Ele, parecido aos heróis, definiu-se pela solução honrosa, intemorato. Avultava entre os mais valentes.

Alcides, com o coração afligido, mandou que cavassem uma cova para abrigar o cadáver. Um fosso profundo para evitar que os animais, guiados pelo olfato, revolvessem a terra e saciassem o vil apetite. Terrível é a vontade de chorar, reprimida no homem valente. Lágrima furtiva escorria-lhe pelo canto dos olhos, no penoso adeus

ao companheiro. Conviveram muito tempo. Enterrou-o sob a sombra aprazível de uma árvore, e ordenou que seus homens passassem por lá e fizessem reverência. Absoluto silêncio, em sinal de respeito. “Ele era feito eu.” Logo mais retirou-se para o acampamento às margens do rio. Custou-lhe aceitar a realidade.

Algumas horas depois, o comandante Gerênio lançou a ideia de convocar-se o Conselho para uma reunião, sob a presidência do capitão Virgilino, a quem cabia tal atribuição pela qualidade de chefe. Este acedeu com certa relutância, já sabendo de antemão qual seria o tema a ser tratado. Assim que todos tomaram assento, o comandante Gerênio foi o primeiro a falar. Começou por demonstrar que a cisão poria em risco a própria causa, até mesmo ameaçaria o exército com a derrota, caso prevalecessem as condições adversas. Depois instou para que procurassem uma solução honrosa para o caso. Não fossem se valer os inimigos da fraqueza dos homens, do orgulho que causa muitos males, e da soberba, que impede o entendimento.

“Que parolagem é esta?” – interrompeu Virgilino entre colérico e indignado. Como que dizendo: “Estes são problemas que cabe ao chefe resolver”. Vermelho que nem pimentão. O duro olhar refletia o que estava se passando no íntimo, inconformado com o rumo que tomavam as conversações. Que se deixasse de conversa fiada. Não compartilhava aquela opinião.

O ânimo do ancião de modo nenhum deixou-se abater. “Não viemos aqui para triunfar?” Retomou o fio do pensamento e, quando terminou, auxiliado pelo dom da oratória, havia conseguido atingir o objetivo. Isto é, persuadido os chefes a enviar uma embaixada ao acampamento de Alcides com o fito de demovê-lo de sua intenção, aceitar as desculpas e, com as suas tropas, engrossar de novo as fileiras do exército, que sairia vencedor, com grande glória para todos.

Era de opinião que o próprio capitão Virgilino fosse a seu encontro para honrá-lo, e o grêmio assim permaneceria monolítico. Virgilino, pensando no bem comum, concordou em termos. Não iria ao acampamento para buscá-lo, para isso fossem os outros. Mas certamente iria recebê-lo na porta, como manda o preceito. Não quis ir contra a decisão do Conselho, acatava com urbanidade o estatuto conforme a praxe. Não fossem dizer depois que havia colocado obstáculos à confraternização e prejudicado o avanço do exército. E para provar que não guardava rancor nem animosidade contra o soldado ilustre, que tinha tanta experiência de guerra, mandou-lhe um Colt 45 de estimação com o cabo banhado a prata como presente. Talvez assim aplacasse a raiva do demandante, e as coisas voltariam ao normal. Prevaleceu o bom-senso, o único cami-

nho a seguir naquelas circunstâncias. Uma vez terminada a guerra, as divergências então poderiam vir à tona, e cada qual resolvesse à sua maneira o melhor meio de acabar com elas – até recorrendo à luta armada, se fosse o caso, como já havia acontecido muitas vezes naqueles sertões.

A comitiva fora chefiada pelo próprio comandante Gerênio. A princípio instou que o capitão Virgilino fosse também. Mas este recusou peremptoriamente, alegando que não podia abaixar da condição de chefe, sob pena de perder a autoridade. Ele era o chefe a quem todos obedeciam. Mais de um valente havia morrido por não ter dito “sim, senhor”. Por descargo de consciência, já fizera muitas concessões para implantar a concórdia e estabelecer a paz. Avançar mais não podia, havia atingido o limite. Agora era a vez de o outro estender a mão. Pediu ao comandante Gerênio, a quem dedicava o maior respeito pela sabedoria e pelos conselhos proveitosos, e aos outros que não mais tocassem no assunto; irritado, poderia mudar de ideia, nessas horas um perde o raciocínio frio e se deixa levar pelos sentimentos.

Quando a comitiva chegou ao acampamento, os integrantes foram diretamente ao lugar onde se alojava o invicto combatente, vencedor e veterano de muitas guerras, respeitado pela bravura e força de seu braço. Encontraram-no como a um grande chefe, direito que tinha adquirido não só porque comandava o maior número de homens, mas também por ser o mais forte e valente entre os guerreiros. Mandou-os entrar. Em vão tentaram por todos os meios que mudasse de opinião a respeito. Mas de nada adiantaram os rogos dos membros da comitiva, de nada valeram os dons oratórios do comandante Gerênio, que apelava com toda a veemência para os seus bons sentimentos. Se não quisesse ir, pelo menos que mandasse os homens – assim o exército poderia ser salvo, e grande glória se alcançaria. Mas ele, não. Irredutível. Não era homem de voltar atrás na palavra, quebrar o juramento, contrariar a sua natureza. Não lutava nem liberava os homens. Sua liderança sobre os companheiros era incontestável.

A comitiva empreendeu o caminho de volta, lastimando o fracasso da missão. Tão logo Virgilino inteirou-se da notícia, movido por furor marcial, a custo foi contido no impulso de ir até lá tomar satisfação, desafiá-lo para um duelo de morte. Disse não ao invés de dizer sim. Excedera os limites. Mas iria acertar as contas em outra oportunidade. Ninguém pisasse o seu calo. Homem nenhum até hoje que fez desfeita para ele saiu impune. Era só esperar para ver.

A insígnia do lobo, uma bandeira tocada pelo vento, e que simbolizava as cores do partido – ia ser hasteada no campo inimigo,

quando a fortaleza cedesse ao assalto avassalador. Não poderiam resistir indefinidamente, os víveres escasseavam, fato sabido por todos, e seria muito difícil que furassem o bloqueio. Não tentaram várias vezes, e em todas fracassaram? Havia que se organizar a ofensiva. Os homens parecia que estavam confiantes na vitória, mas quem conhece a natureza humana?

Do outro lado, dentro da cidadela sitiada, não eram menores as preocupações. O médico, doutor Peão, ajudado pelo enfermeiro Macaão, mostrava-se infatigável no socorrer os doentes e feridos, com os poucos meios de que dispunha, lutando sobretudo contra a escassez de remédios. O que mais lamentava era a falta de anestesia, o que o obrigava às vezes a intervenções dolorosíssimas. Na enfermaria improvisada contava com o concurso de algumas mulheres que, à falta de pessoal experiente, muito o auxiliavam na tarefa. Os feridos eram atendidos à medida que chegavam e, nos casos mais graves, isolados em aposento à parte. Fora criado até mesmo um corpo de salvamento, com a tarefa específica de recolher os necessitados no campo de batalha, constituído pelos mais jovens e, nos resgates menos perigosos, até mesmo por mulheres.

Macaão, cuidando da ferida de Filoctetes. A perna, por causa da gangrena, teria de ser amputada.

Laodâmia, inconsolável, chorava a morte do marido. Abraçava com força o corpo morto, como para atrasar o enterramento.

Naquele agitar intermitente, durante uma das pausas da guerra, em que todos se preparavam para dormir e assim recobrar as forças gastas nos últimos combates – não puderam gozar das delícias do sono naquela noite nem Rolando nem a sua mulher Auda. Ele ternamente segurava-a nos braços, fazendo-lhe mil recomendações, caso não voltasse do combate que ia travar no dia seguinte. Aquele forte pressentimento que se alojava no mais recôndito do ser. Não receava tanto por ele, mas por ela, que muito haveria de sentir a falta do esposo. Em caso de derrota, se a fortaleza fosse tomada, quem iria pôr cobro à desordem, coibir os abusos? Da maneira como o náufrago agarra-se a um pedaço de madeira desgarrado do navio acidentado para não se afogar, defendendo como pode a própria vida, também aquela com toda a força apertava-o entre os braços, como se com o abraço estivesse impedindo-o de ir-se; como que para defendê-lo, do jeito que a ave protege os filhotes ameaçados no ninho. O amor se paga por si mesmo. Ela então tirou do pescoço uma corrente de ouro que tinha desde menina, que era como um anjo da guarda que a protegia de todos os males. Pediu-lhe que a levasse consigo para a luta, que a usasse para sempre. Ele, em movi-

mentos contínuos como as ondas do mar, a acariciá-la como fêmea. Eles, como se fosse a última vez de suas vidas, a praticarem o doce exercício do amor, naquele longo diálogo de suspiros. E depois ele adormeceu, ouvindo o corpo da mulher amada. Até que a aurora, de cores douradas, chegara para anunciar o novo dia. Não queria partir nem queria ficar – o amor e o dever.

Enquanto isso, lá fora estalava outra vez a guerra. Uma guerra que, pelas circunstâncias, havia chegado a um impasse. Sem vencedor nem vencido – tudo levaria a crer que os dois lados manteriam indefinidamente sua posição. Além disso, não havia condições para um prolongamento das hostilidades por muito mais tempo ainda. Não só pela exaustão física dos dois exércitos, cujo moral havia decaído a um grau sem precedente desde que começara a guerra, mas também pelo fato de ser iminente a chegada de tropas da Capital para pôr cobro à desordem.

Como uma nuvem de gafanhotos pousa de forma inesperada sobre uma propriedade rural, e como uma praga devora as plantações, causando prejuízo de não pouca monta; quando partem deixam atrás de si um rastro de destruição e um aspecto desolador pelo efeito depredatório. Semelhantemente o exército invasor preparava-se para uma última investida, para depois tomar outros rumos e assim evitar o enfrentamento com o reforço policial que, segundo informavam, já estava a caminho. O exército então atacou com ânimo acirrado e valentia, como um aríete é arremessado com todo o impulso contra o obstáculo. O capitão Virgilino, experiente no manejo das armas, à frente dos batalhões para dar o exemplo e comandar as operações. O comandante Gerênio, cujos conselhos tinham a maior autoridade, se bem que não pegava em armas pela avançada idade, exortava os mais renitentes e os indecisos a prosseguir na luta, infundindo-lhes valor e coragem – como um treinador atíça a cólera dos cães; a um mandato seu estes não hesitariam em trucidar o animal acuado. Tal assim as palavras do comandante Gerênio, em outros tempos exímio lutador, cumpriam a missão de incentivar os guerreiros – como o boiadeiro acicata os bois para a marcha – a fim de tomarem as armas e participarem da dura empresa. O ataque frontal tinha por objetivo causar o maior estrago possível nas hostes inimigas, levando-lhes a destruição e a morte. E quando se retirasse, a horda invasora, apresentar um saldo positivo da guerra a seu favor – já que a fortaleza era inexpugnável.

Aquela batalha não durou o tempo previsto, mas a mortandade que causou ultrapassou bastante as expectativas. Os relatos posteriores das testemunhas oculares dão bem conta disso. Como

um vulcão, cujos efeitos avassaladores se fazem sentir depois de muito tempo após a erupção, o balanço da guerra trouxe o luto e a desolação à cidadela sitiada, e o espetáculo terrível ficaria indelevelmente gravado na mente dos mortais.

Virgilino foi o primeiro a penetrar na falange dos opositores, ferindo de morte a Agenor, um dos varões mais esforçados na peleja, com tiro certeiro na altura da cabeça. O tiro, perfurando a região occipital, abriu um grande orifício por onde escorriam os miolos e a vida do cavaleiro. O corpo, caído no chão com estrépito, foi pisado por cavalos de ambos os lados, a ponto de tornar-se irreconhecível. O tropel dos cavalos levantava uma nuvem de poeira que atrapalhava a visão dos contendores.

Antenor, do partido branco, infiltrando-se em demasia dentro do território inimigo, viu-se cercado pelos contrários. E ali teria perecido nas mãos dos inimigos, se Nestório não tivesse chamado a atenção dos companheiros para assistirem o guerreiro necessitado e livrá-lo do triste transe em que se encontrava. A batalha que travaram deixou como saldo dois mortos de cada lado, inclusive o próprio Antenor.

Empenhados em luta corpo a corpo: um era o Lício, que viera de longe para defender a cidade ameaçada; o outro era o Êneo, conhecido pela valentia e pelas artimanhas. Quando este se aprestava para matar aquele, por pura sorte ou obra do destino, os dois homens se reconheceram, unidos por laços de parentesco, fazia muitos anos que não se viam. Abraçaram-se como irmãos; confraternizaram: “Eu nunca poderia imaginar que o compadre estivesse aqui!” Adversários, não inimigos.

Despencados cavalos e cavaleiros quando a terra se fendeu: no encarniçado combate, os que caíram ou ficaram gravemente feridos ou pereceram por causa da queda.

O belicoso Alceo, um dos próceres do exército negro, havia encurralado a Leandro, desaparecido para a guerra, um dos homens mais ricos da região – dono de terras e muito gado – um dos dirigentes do partido claro. Tomou um tapa na cara e nem sequer esboçou uma reação. O medo da morte fê-lo perder a dignidade e a soberba: ajoelhou-se aos pés do inimigo e, chorando e trêmulo, olhos de cavalo assustado, agarrou-se à bota daquele que estava em cima do cavalo apontando a arma assassina. Implorou que o poupasse. Prometeu dar-lhe tudo o que possuía em troca da vida. Mas de nada lhe valeram nem os bens materiais nem o poder que antes detinha, na hora em que todos os homens são iguais.

Exímio atirador, Calixto, defendendo as cores alvas, causava grande estrago nas fileiras dos adversários, havendo atingido mais de doze. E muito mais estragos teria feito, se não fosse o tiro desferido por detrás, que o alijou para sempre do convívio dos homens. O mais pequeno em tamanho, mas um dos mais valentes. Caiu já sem sentidos, prostrado no chão, como uma pedra que descola da encosta. Mas estava escrito que o culpado de sua morte não ficaria impune. Testemunhando o ocorrido, o irmão mais novo arremeteu-se contra o inimigo, movido pelo desejo de vingança, e desconhecendo o perigo de andar afoito e sem cuidado em pleno campo de batalha, desfechou-lhe uma coronhada na cabeça com tanta força que seria inconcebível que um ser humano que recebesse golpe de tamanha violência escapasse com vida. Pagara na mesma moeda.

Virgilino, cuja natureza se inclina para o mal, instigando os guerreiros para que pelejassem sem descanso até o término da refrega, “não poupar ninguém!” E entregue às suas maquinações, concebeu um plano para penetrar na cidadela. Malvadez. Que procurassem os melhores homens possível. Despachou apenas três exímios atiradores – Éaco, Sinon e Gasabar – a fim de retrocedendo à distância de uns dois quilômetros, longe do teatro de operações, tomarem o caminho do contorno e ataquem pelos fundos a fortaleza desprevenida no lugar das figueiras, onde por certo haveria pouca resistência, já que os guerreiros estavam concentrados na batalha campal. E não se enganara nos cálculos otimistas. Dois guardas apenas compunham a defesa da amurada, um paredão que, sem vigia, e com os meios necessários para escalá-lo, era relativamente de fácil acesso. Tiraram à sorte para ver quem ia primeiro. Dois tiros bastaram para pôr fora de combate os dois jovens guerreiros que pagaram caro a inobservância do dever. Um erro tático imperdoável por parte dos defensores. Não que não houvessem aventado tal hipótese; ao contrário, o plano de defesa foi objeto de acurada análise. Não previram, entretanto, o descuido dos vigilantes que, como ficara assentado, deveriam soltar um foguete para dar o alarma. Os homens de Virgilino, por intermédio de cordas, venceram o obstáculo e ganharam o outro lado. Levou algum tempo até que a presença dos intrusos fosse detectada. Da mesma maneira que o lobo entra no galinheiro indefeso – quando o dono da propriedade não está – sem encontrar resistência causa o maior estrago e provoca enorme alvoroço – assim o bando malquisto liderado por Gasabar causou grande mortandade. As mulheres viram-se na contingência de pegar em armas e esboçaram um simulacro de defesa. A moça Dinorah – que muitas vezes havia servido de mensageira, levando

recados de uma casa para outra – correu para o campo de batalha a fim de avisar os companheiros e buscar socorro. De pés ágeis, quando corria suas sandálias de muitas cores faziam uma espécie de risco no ar. Tão logo conseguiu alertar os soldados da retaguarda, o socorro veio com a velocidade da bala. E então travou-se um duro combate, até que foi dizimado o cruel bando de Gasabar. Um deles, caído prisioneiro, pedia clemência por sua vida. Mas nem chegou a terminar a frase, pois o gume afiado em gesto vigoroso cortou-lhe para sempre a jugular – e o sangue esguichava à medida que os membros ficavam paralisados e o entendimento entorpecido. Respirando com dificuldade, o pulmão trespassado por aço fino, apercebeu-se para a morte.

Dali a pouco desabou um aguaceiro, uma chuva providencial como para lavar a culpa dos mortais. Era no começo da tarde. O corneteiro Eindal tocava a todo sopro o seu instrumento para anunciar o fim das hostilidades, com a retirada do exército invasor. Como um furacão que muda o rumo, depois de fustigar a área por onde passou.

O reencontro de Orestes com a mãe e o padrasto. Não os via desde pequeno, por motivos que só o destino explica. Ele com dois presentes em cada mão. Com a irmã, mantinha contatos esporádios, por carta. Vinha para cumprir uma missão.

A gente chorava os mortos. Auda? O silêncio dizia as coisas terríveis... Pareceu que o tempo ficou parado. O caixão estava surdo e imóvel; alto, em cima da mesa. O forro era de seda macio como a cor do luar. O fogo da lamparina alumia a cara da tristeza. A cruz era sempre a mesma? O riso de Virgilino – imagem que guardava na memória, impossível de esquecer. Ria, mas pagava. Morria nem que ele, Rolando, tivesse de viver só para isso. Fez voto solene de juramento. Mãos suadas levantaram o peso. Dentro, a pureza; os mudos olhos – ela era como a verdade. A perna bambeou, o espírito sumiu na voragem da tontura. O caixão era de uma cor preta enorme. Os passos, a terra. O quadrado estreito da vida.

O ambiente ainda guardava a presença dela. Faziam cortejo as mulheres velhas de luto, atrás do longo véu escondiam o rosto voltado para o chão, enfeitando a morte com flores. E entoavam cânticos de igreja, rezavam, desfiavam o terço. Custava-lhes acreditarem na realidade.

Telégono no enterro do pai. Inconformado, abraçava com toda a força o corpo morto, como para atrasar o inevitável.

Nesse dia até o Manel d'Ebreia chorou de desgosto; ficou doente, envelheceu. “Tristeza aqui é mato.” Imitando o Poeta cego:

“Flores, flores do cerrado, que só dão bonitas aqui”. (86) E depois a canção de Adão e Eva expulsos do Paraíso. Espírito miúdo, nunca pôde compreender o porquê. Não mais o puladinho gostoso, a toada amiga que bulia com a gente e minguava a tristeza. Manel d’Ebreia era, Manel d’Ebreia foi. Vai-te embora, Virgilino, que venceu a eleição. Quem votou em ti terá castigo, só duras penas eternas, privação. Virgilino do Capeta, de capa e espada...

Edgar, em forma de poesia: “Amor igual àquele na Terra nunca existiu. Até os anjos tinham inveja, e por isso os castigaram”. (87)

Já corria a notícia de que o delegado estadual acabava de aportar na cidade com soldados de farda amarela. O homem enérgico. Veio prender o bando do Virgilino, amansar a desordem, pôr o respeito no lugar. Inventar a Lei. Que tais seus planos?

Rolando, a Fazenda Olímpia. Ajuntou o que de valor lhe pertencia e pôs na capanga. O mais que não pudera levar distribuiu. Selou o cavalo andejo, escouceador. Não estava pronto ainda para viver a morte. Em volta o mundo todo chorava. As gentes viam as cinzas da batalha, examinavam os estragos, tementes a Deus. Ninguém queria que ele partisse, mas todos sabiam que tinha de ir, como um imperativo da natureza. Compulsão.

– Deus te guia, Jesus Cristo te abençoa.

Noite calada, só se ouviam o coaxar rouco dos sapos e a toada triste de urutau no fundo da mata, pássaro fantasma. Os vaga-lumes denunciavam sua presença. Com os olhos fartos de lágrimas, montou-se no cavalo por nome o Crisaor, para andar sem rumo como o destino é cego. Não olhou para trás, o peito oprimido pela dor da saudade. Difícil era viver naquela hora. Boi, pasto, serra, estrada. Estrada, capim, monte, buriti. Buriti, lagoa, horizonte, lobeira. Cerrado, cerrado, cerrado, cerrado... Tinha andado léguas e dias no lombo do cavalo sem entendimento das coisas. Por vezes afligia-lhe a maleita-quartã. Sob efeitos do delírio, figuras disformes cortavam-lhe o pensamento; urros de voz não humana, vultos. Visões embaraçadas. Histórias que Vovó Adalarda contava, no tempo de menino: as três feiticeiras do inferno, as das roupas de sangue, que perseguem as almas penadas. “Sangue derramado exige vingança.” Socolotriz, a mais feiticeira. Uma que cozinhava homem vivo no tacho de fervura. Coisa de fantasma, um lençol branco de noite no fundo da mata: meia-noite, noite escura, cemitério, sexta-feira da quaresma: o caso do homem que virou lobisomem, comedor de defunto. Orelha pegando fogo, testa

pelando, atravessou o São Marcos, rio pródigo em peixes, entrou no Pires Belo, passou o Redondo, alguns arraiais. O tempo era como um hiato, em sua consciência. Um dia foi dar nas Caldas, o cavalo praticamente quem o levou, seguindo o rumo da estrada. Num determinado ponto, fez alto, e procurou pôr em ordem o entendimento, para melhor situar-se naquelas paragens. Como quem desperta de um sono pesado, ou pouco a pouco recobra os sentidos, a plena consciência. A serra tremia ao longe, quando ele olhava na quentura do sol. Procurou firmar as vistas, sentia uma tonteira danisca por dentro. Por primeira vez, desde que empreendera aquela viagem sem destino certo, sentiu vontade de... Nem sabia quanto tempo tinha vagado assim naquele estado. Foi, divulgou um carro de bois roncando e levantando poeira pelo estradão afora. Interpondo-se no caminho, fez sinal para o carro parar. “Boas tardes, meu patrão.” Tomavam-no por perigoso bandoleiro. “A bênção” – saudava-o o resto da obrigação, filhos do dono, na sombra do toldo de couro de boi. O moço então se aproximou do recavém e pegou informação, que não conhecia direito o lugar. Estavam cinco no carro de bois. O carreiro tirou a lapiana logo da correia para desenhar os caminhos no chão. O velho gaguejava, como se daquilo dependesse a sua vida e a dos seus. “Em paz, irmãos” – disse-lhes o cavaleiro, para aplacar-lhes o medo que transparecia nas atitudes e nos semblantes. Ao acabar de prestar-lhe a informação, “Santa Luzia guia os passos”, disse-lhe o tocador com olhar de súplica, agradecido por nada ter-lhes acontecido de mal, afora o susto. Afastou-se às arréguas, em sinal de respeito. E pôs as juntas de bois em movimento.

Caldas Novas era a cidade inevitável. Lugar onde os doentes buscavam salvação, a cura das feridas, o olho inchado, reumatismo, fogo selvagem, o aleijado que andou. A fumaça das nuvens encobrendo o alto da montanha, a linha do horizonte entortava lá na serra. Atravessou o capinzal, subindo, e chegou. O riachinho de água quente – o segredo vem da serra? De cima, a gente olhando, a água parecia cristal líquido, espelho macio, a imagem das árvores no alto, horizonte invisível, as nuvens brancas no azul do céu. Depois era só escorregar na pedra, mergulhando a cabeça, e tudo mudava a cor de repente: as formas disformes, o branco mais branco, o azul entre os dedos. A gente nem precisava tomar banho. Era só encher a cuia, com vontade, e despejar. A água do riachinho é milagrosa. (88) Era véspera de São João, que batisma?

De longe chegava a voz do coro das internas, filhas de Maria em preparação para o Retiro entoando o *Tantum ergo e o Agnus Dei qui tollis peccata mundi*.

Olhou a cor da terra e avistou a choupana – entre a mata, depois do sabugueiro – coberta de sapé. Seu estado febril, tremura de *delirium tremens*. O corpo cansado clamava por descanso. O cheiro da lobeira madura evocava outros lugares. Chuva choveu, goteira pingou; pergunta ao papudo se o papo molhou. Ah, o cerrado... Virgilino? Ele entra pelo nariz, dá nó na goela e bebe o quente. A cabeça gira, a perna treme, e o corpo cai. Monta no cangote, mete espora, agarra na crina e sai berrando: ele pula, ele berra, ele dança, ele morde, ele suja, ele mela, ele mija no chão. Ele espeta, ele mói, ele urra, ele... Virgilino – ele mora no fogo! O cerrado entra nos olhos, zune no ouvido, e gruda na alma. A goteira era o relógio. Mão ansiosa procurava os dedinhos tímidos. Pegou a mão dela, Auda, e saíram os dois, correndo no campo, beleza infinita. O agosto das paineiras. É em outubro que elas soltam as painas, tocadas pelos ventos, sementes dentro das plumas. A sombra da serra na sombra da noite. A lagoa escaldante arrotando bolhas de ar. O olho d'água, a água que queima. Depois subiram a serra para ver a nascente do córrego, outro, o de água fria. As cachoeirinhas pulavam brancas a montanha, escavando poça e fazendo barulho. Um beija-flor espalhava as flores. Na baixada, o rio corre aonde a mata cresce mais. Pirapitinga – o peixe esperto, ribeirão de água quente. Só embaixo ele esfria, encontra o Piracanjuba. Entrou debaixo da cachoeira, espuma salvadora, e jogou água nela, brincando. Ela sempre rindo. Auda, o resumo dos meus olhos. Tão humilde, agradeceu para dar-lhe alguma coisa. Depois perguntou, onde o sol fazia refletir as folhas da parreira: “Andim, se eu não estivesse aqui agora, você acharia em outra algum afeto? Vou-lhe contar um segredo: eu variando o cabelo (e fez o gesto) você não se zanga, e faz gosto? Jura?” Tinha acabado de chover; os pezinhos descalços machucavam o chão molhado. Auda – sua eterna esposa – bonita demais. Aquela era o que de bom e mais não podia, estar em sua presença era como saber todas as coisas, a busca da verdade. E pronto disse ao moço: “Agora eu queria pedir uma coisa – um retrato seu para eu levar comigo, guardar no peito, de parelha com o São Jorge?” Jogou-se aos seus braços. Uma como neblina a turvar-lhe a visão.

No dia seguinte, o sol batia forte na cara, acordou o ódio, cresceu. A Fazenda Olímpia, a realidade. Fez promessa: nunca mais voltaria lá, pisaria aquela terra sagrada. Só com cabeça de Virgilino

no saco, sangue pingando, arrastada no chão. Sem olho, sem dente, sem nariz, sem orelha. Só cabeça. Pensou – jurou. E ia pisar no piso dele. Era preciso viver para matar. Arregimentar as forças. Rumou para a bica e afiou a faca na pedra. Água, pedra, pedra, água. O gume da faca era o espelho de sua alma.

Muitos tempos procurou por Virgilino, assim como quem tem fixação de propósito. Até que num dia feio o Osmundo Gonçalves trouxera a notícia. Que carecia de procurar por ele não, Virgilino. Virgilino era macho e muito homem; intemorato. Se tinha mágoa, mandasse dizer. Ele, capitão Virgilino, ficava esperando, a qualquer hora, na ilha do Ferrador – onde o rio quebra em dois – para tirar a diferença. Que viesse quanto antes.

O caminho era curto, o caminho era longo. Viajava a galope, esporeando o boquiduro; e o ódio ia na frente com o despejo de vingança incontido. Tamanha a raiva que quase atropelou gente, concentrado que estava. O animal rosilho tropicou no toco do pau-terra, com a boca espumante e suarento. Deu-se conta do que se passava, tirou o chapéu em sinal de respeito: povo com passo de procissão no meio da estrada real segurando um caixão que, a julgar pelo tamanho, tudo indicava tratar-se de criança. “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo” – disse-lhe o padre que dirigia o séquito, em forma de cumprimento, com modos de quem esperava uma resposta cordial. “Vosso Senhor Jesus Cristo” – desembestou furioso, não em estado de graça, chamando nos pés o cavalo. “Bata na boca”, gritou-lhe o padre franciscano, rogando-lhe que não blasfemasse. Mas quem pode ter juízo numa hora em que o ódio, gigante da alma, turva a inteligência e impede o raciocínio? Tal assim a neblina, que distorce a correta visibilidade. Do mesmo modo que o barco desgovernado ao sabor da tempestade vai de encontro aos rochedos, e toda experiência e habilidade do piloto não pode impedi-lo – assim Rolando, insensato, seguia o seu destino, movido pelo ódio implacável que o regia. Ameaças de febre. Quem poderia, nesse instante de ruína, apaziguar a fera solta que rugia dentro do peito? Só a água do riachinho é que podia, no momento de doideiras, apagar aquele fogo que doía. Garrucha é muito depressa. Faça também não. É com os dentes que ele ia rasgar as carnes do Virgilino. Com a mão é que ia arrancar as tripas para fora, extramunhar o Diabo do inferno. Ele para si falava, a raiva era maleita, o brasume nos olhos – estava entretido nesse reinar como a canoa não pode escapar do redemunho. Queria era contar quantas gotas tinha o sangue dele. Deixar o corpo em carne viva para urubu comer. Urubu não, formiga. Dele para não sobrar lembrança. Até o nome do Virgilino

ele ia afogar no riachinho. A cabeça latejava forte. O corguinho – cheio de lambaris e pedrinhas coloridas, fonte de água saliente. A água do riachinho matava todas as sedes. Mas agora, não. Aquele homem tinha de morrer, maltratado, devagarinho; pisar na cara dele, a serpente. Auda – o amor-flor, os olhos cor de poema. Lembrou-se dela como é rápido o pensamento.

Tinha já chegado quase no fim do caminho, depois da curva onde o rio descansa. Na volta ela estaria, Auda. Veio à tona o duelo de morte. Teve uns começos de estremeção. Virgilino é muito forte, o corpo fechado? Ele também. E se perdesse? Mas ele sabia... Sabia? Ninguém sabe. A grande certeza da vida é a dúvida. Auda, o meu sol de julho.

Paranaíba é o rio barrento que separa, que não é espelho de céu. Chegou de madrugada, onde o claro e o escuro se encontram.

Lá.

As estrelas arregalavam o branco dos olhos, alumando a noite sem piscar. O canal do Ferrador. O entroncamento existe? Todo lugar pode ser inferno. Rio torto, rio gordo. Paranaíba, o rio rouco.

Atrás da moita de candiúva, podia ser uma emboscada. Os daquele bando não eram traidores? Cuspe na boca descia seco a garganta. Catalão é parte de um em outro; é o cabo? Toda hora a gente tem medo de errar. Ver uma vez mais Auda – era o que pedia rezando. Vencesse, podia?

Virgilino, ele vinha vestido de gente. O tronco, as mãos peludas, veias esgalhadas. Aquele fazia tremer até o riachinho. Virgilino, o que não tem nome. Virgilino, o animal feroz. Fechada a expressão do rosto, fitando com os olhos de diabo. Tinha ódio àquele homem. Quando o rio cai – é a cachoeira. Virgilino parava no meio, em pé, vencendo as forças da água, desafiando. Ninguém ombreava com ele. De corpo fechado, emaranhado em feitiços. Como que dizendo: para lutar com ele era preciso chegar até lá. O perigo do escuro, o triz do instante, a queda espiral. Equilibrar entre pedras, negacear, resistir até o fim. Pegou posição. Faltaria coragem? – é baixo; isso nunca. Não podia comportar com a ideia. Virgilino ousou, ele também ousaria. Recolheu as forças como a ema mete os esporões contra si mesma, a fim de infundir-lhe ânimo. E se perdesse? Tinha importância não. Saber perder é aprender a ganhar. Ela era o fogo do Sol nos cabelos. Ia ou não ia? Vai, e ele foi – tirou a sorte na urna do Destino. Auda, oração-poema-canto, sombra da minha vida, estrada.

Só há tempo para o Amor, no momento informal em que se morre. Na hora em que todas as coisas. Alma e infinito eram um

só. Morrer é quando a gente abre os olhos e vê a noite mais escura. Virgilino carniceiro, Virgilino excomungado, Virgilino vingador.

A pedra do rio foi que salvou. Se Virgilino não tivesse escorregado, perdido o equilíbrio, aliviado o pescoço, ele, Rolando, agora não existia mais. Virgilino não era um homem. Homem é aquele que luta leal.

Foi ela. Tudo de bom que acontecia no mundo era Auda que mandava. Só a presença do nome dela é que dava força para não morrer. Sua boca nunca deixaria de lembrar aquele nome, até com a cabeça no fundo do rio ou no gesto do último suspiro. Sentiu o corguinho no coração.

Em cima Virgilino ria como rival, batendo no peito vaidoso – sua a cara do Cão, cínico, canalha. O outro a água empurrava, com mão de ferro afastando, o corpo boiante no dorso longo do rio. Virgilino pirarara... Nunca existiu pessoa mais ruim que aquela.

A cachoeira falava alto sem parar, sua voz diminuindo de intensidade à medida que as águas descem.

Só quem presenciou a luta foi aquele homem bravo, o Onestino Radamanto, que enxerga de olho inchado. Condutor de boiada, tocava o berrante alto e forte; a jugular ficava uma corda grossa vermelha, de tal modo os músculos sobressaem no pescoço. Aparece com anel de ouro e goiaca amarela, o cabelo pixaim, olhar de cobra, corpo gordo, só ideia e pesadelo, bicho que parece gente. “No sertão o que vige é o duro” – julgava prontamente o cafuso; de cima do cavalo espetando o ferrão. Era ele que punha o bestiame no lugar, exato, nunca errava. Homem de um gesto só. Tirava o chicote do alforje de sela e estalava rijo, ordenando; depois enrolava-o na cacunda. “Ei, brabeza” – apontando a aguada, a bestiação seguindo o único trilheiro. Aquele não deixa por menos, jogando de parceria com o Cujo. É ele que ordenha as almas penadas como o guardião do rio? (89) Ele mais seus dois irmãos.

Rio que arde nos olhos com o clarão do sol. Agora ele nunca mais ia encontrar o Virgilino. Ia? É baixo! Tenha-se dó de pessoa doente que não tomou banho naquelas águas do riachinho, que limpa as impurezas.

No córrego dos Coatis ele topou com o Mija-Atoa na virada da colina a parolar por este mundo afora. Vinha atoinha comendo preá, chuchu, farinha e jiló, na maior das sornas. “Oi, Olando” – no seu muito bom dele, vagaroso como a paisagem. Sua a besta ruana, dita a Calaveira. Havia rejeitado todas as propostas para a venda do animal. Calça ensebada de tanto bater, de longe fedia mijo velho, farroupilho. Distraído, as meias pelo avesso. Quentava sol, soletrava

o abc. Cuspe batido na boca de falar, o Mija-Atoa, esse, vivia brincando, sem maldade no coração. Tinha uma viola que estimava tanto, cantava quase sempre a mesma melodia, apenas variando os tons:

“A peroba
é branca,
é rosa
e amarela”.

Viajando sozinho, de noite passava horas a fio a espiar o Céu e o brilho das estrelas, em posição de descanso, as mãos na nuca, geralmente recostado em tronco de árvore, meio arvoado. Impressionado com a beleza cênica do Universo, “o infinito é o maior de todos os mistérios”, como ele costumava se expressar quando tratava do tema. É que havia chegado notícia de que um, de tanto pensar no assunto, acabou variando da cabeça, professor, que morreu de pneumonia aguda e em deploráveis condições. Aquele professor, um homem cheio de manias. Nunca estava satisfeito com nada. Ficava horas e horas meditando nas grimpas das árvores, maneira sua de estabelecer contato com o alto, desprendendo-se das coisas terrenas. Segundo ele, havia o raciocínio justo e o raciocínio injusto, e que este era passível de derrotar aquele – era só uma questão de saber empregar bem as palavras, assim como esgrimir com técnica uma espada. Iria longe, sem dúvida. Já tinha escolhido até o nome de seu estabelecimento de ensino – “Sofia” – derivado do grego, e iria construí-lo às margens de um lago, auxiliado pelos discípulos. Quem fosse para lá, que tivesse envergadura para tal – teria que dedicar-se a fundo no aprendizado da doutrina. Além disso, a exemplo da vida monástica, uma parte do tempo consagrariam aos exercícios físicos, à plantação dos alimentos que eles próprios consumiriam, numa dieta que deveria ser seguida à risca, com o maior rigor possível. Não era uma pessoa comum – via-se logo. Para começar, tinha um modo próprio de falar – elogiado por uns e criticado por outros. Jurava pelas nuvens, talvez por crítica à religião, espírito agnóstico era. A morte prematura viera surpreendê-lo em pleno início das obras. (90) Abriu um parêntese.

O Mija Atoa. Sua família a irmã, conselheira de alegria, com os dentes branquinhos sempre à mostra num sorriso largo e espontâneo. Tinha-a muito em conta, e era quem cuidava dele quando aportava de suas andanças, nas raras aparições. A alegria é o motor da vida – ela dizia. A tristeza? – como um veneno: se ministrado em pequenas doses, prejudica o organismo; se em grande dose, mata.

Também não a tristeza? Até o passarinho, quando a dor é profunda, acaba morrendo. Aquele nunca conhecera mesmo uma fêmea, conforme o que diziam. Era natural do Triângulo, antes o Sertão da Farinha Podre. Assinava o nome mal e parcamente. Cambireiro de profissão, trazia cargas de fumo, sal, muito pano, querosene ou creolina. Andava sempre com uma arara azul do peito vermelho, pegada em cima do buriti onde armou o ninho. Imitava a arara, com ela falava. “Rói, rói, rói.” Entendia-a pelo seu modo, acostumado que estava com a sua companhia. Ia dar-lhe farinha de pirarara, como os índios fazem, que é para mudar a cor das penas. A arara repetia: “Ninguém tem a mia vida, quem houvera de dizer”. Cabelo sempre desgrenhado o do Mija Atoa, um boca-aberta. Tirava o catarro com a mão e lambuzava na calça xadrez, com as suas fortes razões. Aparência para ele não contava. Filósofo no encarar a vida, pelo menos à sua maneira. Com um tostão furado, apenas.

De tardezinha. A Lua como se por nuvens escondidas. Os curiangos esvoaçavam em grupos, por sobre o caminho, e um beija-flor procurava uma madressilva.

“Mija Atoa” – e Rolando perguntou-lhe se tinha visto por aquelas bandas o Virgilino. Não queria estar mais na duvidança. Buscava uma prova – algo de concreto, real, coisa. O outro como que coçou a barba rala, pensou que pensou, mostrou a cara sonsa e encostou-se à sucupira-preta. “É, faz tempo que não.” Mas conhecia alguém que podia ajudar. No cotovelo do rio morava um homem chamado o Pescador, (91) ancião, um que tinha a fama de saber coisas ocultas com virtudes de profeta. Vivía como ilha, isto é, isolado. Do outro lado do rio numa casa sob estacas no meio do remanso. Sua presença era como aparição: vestia um pano sujo de saco a modo de túnica, crucifixo e terço dependurados no pescoço, cabelos soltos até o chão. Ermitão modo de dizer, pois tinha família. “Geralda...” a sua mulher; gostava dela sem a violência do sexo. Homem santo dizia a gente. Pousava os olhos mansos, falava por símbolos quando respondia a consultas. “Deus te salve, nobre gente.” E abençoou o entrante. Pediu-lhe que esperasse um pouco, o tempo necessário para sua concentração. Depois de ouvir pacientemente as queixas do visitante, e a razão mesma de se achar ali, o velho meneou a cabeça e disse num sim completo o que tinha de dizer. Bastasse-lhe seguir o caminho para encontrar o inimigo do gênero humano. Nada mais revelou, apenas isso.

E o moço então partiu. Eia, avante – já com a certeza instalada no coração. Solta as rédeas de teu corcel, deixa o destino mostrar-te o rumo. O que tem de acontecer.

Nas suas andanças, na passagem para o córrego dos Martírios apareceu o Totõe Mojo, de confiança do partido dos brancos, o que primeiro levou as notícias. “Mil vezes passei por aqui.” Conhecia todos os caminhos da região e as suas encruzilhadas. Acompanhava-o um moço recadeiro dito Percival, homem de religião, estudante para padre. Este, homem sensível era, tão logo se aproximou do cavaleiro, deu-se conta do que se passava no íntimo. Conheceu pelo olhar, ou pela leitura dos olhos, que é como os ciganos fazem. Tomou então da Bíblia e passou a ler alto trechos em latim. De modo que o diálogo entre os outros dois ficou entrecortado, assim como num contraponto musical. E o fez de propósito, para neutralizar a carga de ódio que o cavaleiro andante trazia dentro de si, com seu fluido negativo. *Et super anc petram aedificabo Ecclesiam meam...* Ia construir uma igrejazinha naquele lugar chamado Ponta da Pedra.

Percival, o Cálice, o líquido cor de sangue. “Em busca do Santo Graal.” Rolando: “Meu Totõe Mojo, o seor por aqui?” Alegraram-se os dois sobremaneira com o inesperado do encontro. E depois de ambos terem igualmente saciado a curiosidade no que se refere à vida de cada um, a conversação passou a girar em torno dos acontecimentos da guerra. E Rolando então especulou sobre o paradeiro do Virgilino – um problema difícil de resolver.

Acabavam de aportar aos galhos folhosos bandos de bacuraus-tesoura. A perdiz, à sua maneira, fazia o ninho nas macegas. O arco-íris como que trazia uma mensagem de depois da chuva.

Totõe Mojo da Fonte do Cavallo. Estava coberto por um manto, espécie de capa para abrigo do aguaceiro que caiu. “Toma sentido” – advertiu, “que aquele não faz carinho a ninguém. Até beijando ele mata. Não é flor de cheirar.” Que Virgilino tinha um cão doido de bravo, cabeça enorme, olhos de Polifemo. Esquisito tal cachorro; quando latia, parece até que latia três vezes. (92) Abrenuncio. Do lado dele não desgrudava nunca. Ninguém ousasse chegar perto demais. Ninguém fosse valente na peleja, que o ânimo desanima. Convinha não se meter com gente de sua igualha. Tirou da garrafinha leite misturado com mel e sorveu uns quantos goles. Deu um pedaço de bolo para um cachorro que por ali passava. Fazia graças para a sua tartaruginha de estimação – animal viverdor, dizia – acariciava-a enquanto falava. Logo mais bebeu casca macerada de canjerana com vinho ou álcool, para cura de suas convalescenças.

No céu, uma pomba voava branca, trazendo no bico um graveto depois da tempestade. Passarinhos espiavam no mandioqueiro. E um bando de pombas do bando.

“Tem cisma não”, disse Rolando. Cachorro mau aluísse do lugar, facão afiado chuchava-lhe as entranhas.

O ajudante interveio. “Ó Senhor, aplaca a ira que tolhe o entendimento e fustiga o sossego da alma” – e falou como fala anjo da guarda. Em seguida, conforme a regra, pediu licença para ausentar-se, pois tinha de preparar sermão para a missa de domingo, que ia explicar o mistério da Anunciação. *Ecce ancilla Dei...* Antes, porém, deu-lhe um talismã, coisa de dar muita sorte – e era uma efígie de cobre em forma de moeda, desenhada uma figura de homem com capacete, com asas de ambos os lados. Esfregou-o na mão antes de dar, como quem se despede de algo precioso. “Para escapar do perigo, ser rápido como a bala.” Não disse mais, os olhos fixos na cor do marmelo.

O Totõe Mojo, ele vendia, ele comprava, conhecido pela honestidade, os comerciantes tratavam-no bem. Trazia uma sacola presa à cintura por um cordão cheia de dinheiro, quase sempre com as pontas dos dedos roçando ou contando as moedas. “Nem todo comerciante é tratante”, gambirava, assustava-se com o preço das coisas. O seu cavalo era tido como o mais veloz, chamado por ele o Leva-e-traz – limpava-o em córrego todo dia, escovava-o, examinava cuidadosamente as ferraduras, dava-lhe o melhor de-comer. “O mais grande, o mais corredor.” (93)

E o ajudante Percival? Esse começou como cozinheiro de tropa a troco do necessário, mas um dia conheceu Nhô Totõe Mojo e passou a acompanhá-lo para aprender o ofício. Nos últimos tempos tinha-se entregado quase por completo à prática da religião, fizera voto de castidade, chegava mesmo a imitar gestos de santo. “A gente tem de acreditar em alguma coisa”, senão acaba louco da cabeça, que a inteligência do homem é muito limitada. E olhava o Sol e as estrelas, e procurava não pensar que o espaço não tem limite. Aspirava a um diploma de Teologia. Ia enviar uma carta, pegava o selo no envelope.

Interrompendo o diálogo, dali a pouco chegou um muito pretinho, rapazelho malsadio. Pegou a chamar o ajudante, disse para acudir com urgência na cabana da colina, que sabiam que ele ia passar por ali e pediam ajuda. Era um doente que fazia uns dias morre-não-morre, carecia de um benzedor para encontrar a paz e morrer de vez. Dito o quê, o ajudante correu para prestar os últimos socorros ao enfermo. A mãe, bem como os irmãos e as irmãs, chorava sem parar. O avô nada sabia; queriam poupar ao ancião a mais um desgosto. Iam celebrar a missa do sétimo dia na cidade onde nascera.

Nhô Totõe Mojo garrou a pensar: é que tinha encontrado um cesto de frutas deixado numa encruzilhada propositadamente, talvez alguém para cumprir promessa ou não sei quê. Agora mesmo instruía uns sitiantes que traziam cargas de milho verde de como e onde podiam obter o melhor preço. Conforme sua profissão de andarilho – não podia ficar parado, sentia uma força por dentro que o impelia a varar mundo. Trazia sempre recados ou cartas, dava notícias de amigos e parentes. Gostava sim era de ter um lugar fixo onde pudesse deixar as suas coisas. E falava de sua terra: “Lá, onde eu moro, em cima de um monte...” Uma vez tinha sido expulso de casa por mau comportamento e desde então pegou a mania, essa loucura de viajar sem parar. Helena, a sua mulher, fazia tempos que não via. “Tem os olhos quase tristes.” Diogo, o cachorro companheiro, comia com ele, dormia com ele perto, conversavam no seu jeito de ser. Um olhar bastava para Diogo ou um tom de voz. Nem o mais mínimo detalhe escapava àqueles dois. “Homem com homem é que não se entende.” Guardava mágoa de ninguém apesar de ter sofrido muita injustiça nesta vida. Observava com rigor as regras de hospitalidade – mas nunca se queixava de quando era malrecebido – que havia quem punia essa falta. Mas o de que mais se gabava era de ter sido ilustre mensageiro entre dois bandos que fizeram guerra. Sua presença respeitada, tinha livre acesso, ninguém ousava contra ele. Com lágrimas nos olhos narrava os cruéis lances da peleja: de um lado, os sitiantes – chegados de madrugada, organizados para atacar: cavaram buracos no chão e levantaram alto muro de madeira... Contava fatos de sua infância: uma vez a mãe, tendo de se ausentar, deixara-o amarrado dentro de um caixote destampado, a modo de berço. De tanto se mexer, conseguiu soltar-se, para mais logo quase ser pisado por boiada, escapado por milagre. Anos mais tarde, que tinha encontrado um casco vazio de tartaruga e – menino sozinho, sem ter com quem conversar – ajeitou umas cordinhas finas e grossas de arame e conseguiu tocar alguma melodia de ouvido, bom músico era. Tinha tanta coisa para contar. Quando viajou com um defunto – ele sozinho e Deus – dois dias e duas noites numa carroça até chegar no rio. Homem de nunca abandonar os amigos na hora da precisão. E para isso havia gente de prova. Quando ajudou a tirar aqueles dois da cadeia, com risco da própria vida.

Outro capítulo, e Rolando descendo a ribanceira. Acabava de despertar, sonolento, ainda no claro-escuro da noite friorenta. As últimas horas precediam a aurora; era quase madrugada. Um galo das cercanias cantava repetidas vezes, e cigarras zoavam com

acento intermitente. No meio do caminho foi pensando no período, período da vida em que as coisas amadurecem de verdade. Com coisa de légua e meia de viagem, Sol alto, chegou em um prado de um verde tão vivo que dava prazer à vista, por onde corria um riacho manso de água límpida. Seguindo a trilha, deparou com a sombra e paz da gameleira. Ali que curou um pouco as dores do cansaço. Retirou o alforge da garupa do cavalo Crisaor, com intenção de refrescar-se no arroio. A Pedra apontava. Não soube porquê, mas a figura esquelética de Percival... Ia fazer fogueiro e passar café, comer naco de carne-seca, o embornal pelo meio cheio de farofa. Enrolou o fumo na palha de milho e tirou chispas com o cornimboque. Nessa folgança, nem viu o tempo passar, absorto que estava. Mas a sorte, que conduz as coisas à sua maneira, havia disposto que por ali passasse naquele momento Dona Ilítia, (94) da Fazenda Olímpia, montada no jegue Paisano, vestido de chita alegre com bolinhas brancas e vermelhas, sombrinha protegendo-a contra o calor do Sol. Aquele encontro estava carregado de significação. Primeiro ela olhou esquisito para divisar quem era, apertando o canhoto. E depois – foi aquele jorro de alegria. Um dia de saudade! Lembraram nomes e coisas de sua conhecença. Soube-se: o anão Coboldo (95) morrera. Tinha pegado de amor por uma do Curvelo – a Alvarenga, de cabelos compridos – que devia vir para casamento. Brincou com o Amor, jogou setas em Cupido. Mas ela não veio no prazo combinado, nunca. Aliás, com outro tinha-se ido, fugitiva, para os lados de Planaltina. Mesmo assim fiel, sem se desnamorar dela. Queria-a com todo o músculo do coração. Amor à segunda vista. O povo ria dele, os meninos glosavam o fato em quadrinhas. Até que um dia, ultimamente dera-se à arte de adivinhações pela Astrologia, místico. Morreu predizendo o final dos tempos – com acessos e visões. “Toca a trompa, se queres alertar”, falou por derradeiro. Mas que do fogo tudo iria renascer outra vez, um mundo mais limpo e purgado pelo sofrimento. “Não era tão feio”, diziam. “Tinha até os olhos um tanto esverdeados”, disse-se. E foi então que o povo mudou de opinião a seu respeito. Ficaram com muito dó dele, não olharam a defeitos seus. Morreu assim; um dia, distraído. Quando viu aquele vulto de mulher olhando para ele. Teve um pressentimento, um frio por dentro. *Sabia* que uma coisa de mal estava para acontecer. Premonição? O anão Coboldo – lembrava de ter falado com ele, antes de partir? Dona Ilítia, ela falava num suave que era como se sussurrasse. “Eu parece que vinha adivinhando, encontrar Olando aqui.” Companheira de todos os meninos, mulher-mãe, a que não conhecia ruindades. Do olhar macio como a lágrima do

arrependimento. Depois no meio da conversa ela falou: “Que que tem o meu Olando, tristeza que é?” – e chegou-se perto dele, a mão dela era quente como a piedade. Auda, Audinha. Ele só podia ficar alegre um instante só, quando lembrava o nome dela. O amor acaba? Ficou mudo como as coisas falam. Uns tucanos-do-bico-preto em redor passaram voando em arco, separados. E passarinho de coleira azul-ferrete. Dona Ilítia ia para a Fazenda Três Corgos, para lá do ribeirão Bravo, em seu jegue de crina preta. Estavam precisados dela; que tinham mandado recado de urgência. Ora cruzava as pernas, ora cruzava os braços – enquanto falava. A Maria Odília, barriguda, ia despachar naquela noite. Dona Ilítia falou e cruzou as pernas. Desde bem cedo enchia o ar o canto prolongado das seriemas. Alguns animais imitavam a jaó para caçá-la. Um jaguar-da-mão-pelada, que tinha vindo de muito longe ninguém sabe por quê, para assustar. O tiê aprendia outro assobio. “No fundo de cada homem existe um menino solto” – fazendo-lhe graças. Depois remexeu nas coisas que trazia. Destampou a caixinha, e deu-lhe um terço que uma vez pertenceu a Auda. Do fundo da caixa ela olhava-o, greta de se caber olho. “Se nada é promessa, tudo é esperança”, sorriu, abrindo os largos olhos verdes. O sopro do vento levantava-lhe um pouco os cabelos. O jegue passarinhos e entesourou as orelhas. As nuvens desenhavam: a costela de tatu-peba, o luís-caixeiro, dunas de areia e os dois cavalos com toda a força puxando o carro do Sol. Ele agradeceu comovido, ela foi-se embora abanando a mão devagar e compassadamente. Queria ter todos os presentes do mundo para dar.

Nos alagados voava curto a narceja rajada. Com gravetos e capins, refazia o ninho a garça-real. Encheu o peito de força, Rolando, e partiu – deu de rédeas e rompeu no rumo do mato limpo. Aquele cavalo seu parece que tinha asas. Terra-céu-terra. Sol. Virgilino não era nada naquele momento. Dali em diante ele ia piar fino. E eis o que a Providência havia reservado: vindo do morro da Mangava de Cumari, seu nome Héctor ou Heitor, capanga do grêmio negro, homem de terríveis entranhas, natural do lugar chamado Colina do Erro, que tinha fama de haver deixado muita mulher viúva. Ninguém manejava o punhal melhor do que ele – tal a fama. Sofreu o animal para descer o terreno inclinado no meio do chapadão; esbarrou rente ao tronco da árvore mirrada, onde principiava o carrascal. Sentiu umas febres por dentro. “Nem mais um passo. Aqui o derradeiro passo.” E preparou-se para assestar a murraça nos queixos do adversário. Parou de cantar assustada e encolheu-se num barulho de asas. E era a codorna-buraqueira que se esconde nas locas de tatu. O outro retrucou: “Seu caso é com o

Virgilino, Seo moço. O meu é fugir de delegado. Então deixe passar, que eu ia indo avexado”. E disse mais: “Querer eu não quero. Agora, se o companheiro insiste, aqui tem cabra turuna”. E encostou a mão na coronha da garrucha, num gesto explicativo, quis ferrar esporas na besta a modo de investir. O silêncio valeu por mil palavras. Estudavam-se como inimigos; um aquilatando a força do outro, a psicologia do combate. Iam tirar a prova dos nove. O rabo-tesoura ficava parado imitando a atitude dos galhos, de longe parecendo alma-de-gato. Era tempo de queimada, um dia cansado, o céu tingia-se de fumaça misturada com nuvens. O outro concentrado em seus pensamentos, olhou atravessado: “Vamos ver para qual dos dois o destino reservou a morte” – e passou a mão na boca num gesto que simbolizava o final da conversação. “Uma vez fiz um juramento de vingança, sendo testemunhas as que debaixo da terra castigam os mortos que foram perjuros.” E com um golpe de espora apertou o passo do rosilho para dar mais impulso em direção do bruto, assim como o aríete é arremessado contra o obstáculo. Matar aquele era tirar pedaço do Virgilino? Homem passado da conta, feito à imagem do Cujo. Os dois homens achegaram-se, prestos para o duelo de morte. Atracaram-se como animais famintos e rolaram os corpos no chão, levantando poeira com o estrépito da batalha. A confusão e a rapidez dos lances impediam o juízo dos espectadores, mesmo os mais expertos nas artes marciais de tal natureza. Durante muito tempo manteve-se equilibrado o embate, os contendores brandindo as armas brancas com mestria de campeões. Como dois hábeis espadachins manejando as espadas, cada qual procurando atingir o adversário nas partes onde o ferimento é mortal. Assim, a luta foi exata e racional: a luta entre os dois valentes foi os dois valentes em luta. Quer dizer, é difícil estabelecer a fronteira entre a lógica e o uso da força bruta.

Demódoco, no capítulo respectivo, comentando a refrega. Havia assistido a uma boa peleja. Pedaço de tripa suja como lombriga solitária enrolada no capim. Heitor pede briga nunca mais, não tinha precisão de coisa desta vida. Com cuspe gosmento na boca, ele estrebuchava, ele ardia, dizendo as últimas palavras. Um olho ficou na ponta da faca. Ajoelhado, perrengue, segurando os intestinos que escorriam pela ferida aberta. “Triste de mim!” – exclamou. E rogou ao vencedor tivesse o ânimo de enterrá-lo. “Não deixar o meu corpo tombado ser pasto de urubu faminto.” E mais: “Cuida do cavalo meu andador, que nada mais posso fazer por ele. Se alguém perguntar por mim, fala que eu lutei com bravura. E se perdi, foi por um homem valente e duro na peleja”. E perdendo o fôlego, até que

o frio da morte lhe endureceu os membros por completo. Cadáver, que morreu. O outro, ferido, capengando, ajuntando as forças como para recuperar-se do rigor da batalha, assim como um touro no meio da arena perde o sentido de orientação, quando de suas veias jorra o sangue quente. “Ainda tem coragem de implorar, cachorro, por alguma clemência? Não basta lembrar os estragos da guerra na Fazenda Olímpia? Devia era de deixar o cadáver apodrecer, entregue às aves de rapina, esquartejá-lo como se faz com os animais. Ou então amarrá-lo pelos pés e arrastá-lo com o cavalo, até deformar o corpo morto.”

Já pela tarde, os contornos da Lua começavam a ficar mais nítidos, aparecendo a figura de São Jorge montado no cavalo, com sua arma espetando o dragão.

Ainda o orvalho, depois da aurora. Rolando então resolveu romper naquela manhãzinha um pouco friorenta. Antes, porém, tomou banho de cachoeira, vestiu roupa nova, trocou de chapéu, calçou as esporas. Tudo de preto, como era de seu feitio desde o dia em que deixou a Olímpia. Encheu a cartucheira de bala e apertou o cinturão do revólver. Estava pronto para ir.

Foi que, ao sair do atalho areento para entrar na estrada carreira, divisou boiada que vinha para aquela direção. Entreparou e firmou a vista. Esperou primeiro, depois foi ao seu encontro para ver de quem era e para onde ia. Receberam-no com festas: era o Davidzinho, o Aliado, o Sizígio e outros camaradas. Estimavam vê-lo com saúde. Tinham vindo desde longe navegando naqueles gerais. Para chegarem ali, gastaram vários dias. Convidaram-no para seguir com eles, estavam carecidos de vaqueiros. Que mais de um tinha ficado na danosa travessia, por via de moléstia. E também muito animal com aguamento e morrinha, naquela quebradeira. Boiada grande, pertencia a um Sô Deosimar, que se havia atrasado um pouco em Currealinho, porém mais logo ia reunir-se com os outros antes do sonoite como ficou dito. Iam parar num pouso conhecido, mantinham marcha de três léguas e meia. Palinuro, (96) o guia, onde não havia estrada, espiava o céu para se orientar pela posição das estrelas. Mais tarde, adormeceu, com a mão direita apoiada na roda do carro de bois. Sono profundo. Por dez dias Rolando ajudou a tocar a boiada. No dia undécimo despediu-se dos companheiros, abraçou-os um por um. Não dilatava mais, não podia parar, sua vida de cavaleiro errante. Sô Deosimar deu-lhe um pelego de primeira. Depois insistiu para que viesse junto, mudasse de vida, se assentasse em um lugar. O Destino é que resolve a sorte da gente, respondeu o moço. E seguiu sozinho o seu caminho avante, andarengo.

Andou sem parar todo aquele dia. De tardinha chegou ao Arraialzinho, onde morava hábil ferreiro, muito afamado por sua arte e pelo fato de haver recebido encomendas de gente bastante graúda. Ele com toda a humildade fazia o trabalho o melhor que podia, com o máximo de esmero. Andava sempre de macacão sujo, de couro, preso por suspensórios, o peito todo de fora, cabeludo. Tinha uma força descomunal, o corpo cheio de músculos e nervos. Tão feio, sua feiúra de espantar os pássaros e fazer latir os cachorros. Matinha a oficina no fundo da própria casa, constantemente cheia de pessoas amigas. Era conhecido por todos como o Ferreiro. “O senhor seja bem-vindo na minha casa.” E convidou-o para entrar, seguindo as regras da hospitalidade. Deu ordens para que cuidassem do cavalo com todo o zelo no curral – lavassem-no, escovassem-no, dessem-lhe ração de milho com sal. Em seguida mandou que preparassem farta a mesa para o chegante, ofereceu-lhe o que tinha de melhor na despensa, presenteou-lhe com argola dourada e uma correia para sela. Brindou em sua honra, mantinha sempre cheio o copo do hóspede com licor de pequi ou jenipapo. “A gente vê que o senhor é pessoa de trato.” E: “É festa!” – disse o ferreiro apontando para a rua. Grupos de rapazes e moças desfilavam mascarados, os foliões. Depois pegou a contar a história de sua vida. Que tinha ficado manco assim por causa de uma queda brusca que sofreu quando ainda pequeno. “Essa, a perna.” Teve de lutar bastante muitos anos da vida, não por causa da enfermidade, mas porque fora expulso de casa menino ainda, talvez por ser disforme, sem ser culpa sua, ora. “A gente nasce como Deus manda.” Mas não guardava mágoa nem mesmo raiva de ninguém. Agradecia, isto sim, os dons que havia recebido, por isto nunca deixava de dar presente. Começou com um pouco de argila amassada e água do córrego: deu fé que havia sido talhado para o ofício. O fogo exercia verdadeiro fascínio sobre ele. “Tem alma.” Ou: “Este bicho indomável”. A cara cheia de suor, barba e cabelo desgrenhado, sempre batendo com um martelo. “Isto são cuscovelhices”, respondia quando não sabia do que se tratava. Seus filhos: um, Jeremio, tinha-se ido há muitos anos para fundar um arraial. O outro, mais novo, nasceu com as pernas mortas e empurrava o corpo num carrinho com a mão. O terceiro, o Caco, morto injustamente por mãos mais fortes. Morreu sem usufruir o dinheiro que havia ganhado com a venda do sítio. Ajudante-mor seu era o caolho Geri-o-mão, que tomava conta dos negócios quando ele não estava. Uma vez pegou-o sozinho no alto de uma montanha entretido com seu material: polindo anel de ouro, panela de ferro, tacho de cobre e pedaço de aço. Foi então que viu que dava para

a profissão e o chamou para trabalhar com ele. “Gente da maior confiança.” A sua mulher, um dia ao voltar inesperadamente de uma viagem surpreendeu-a no leito do cônjuge com o amante. “Eu bem que desconfiava, a desvergonha.” Seu rival era um jovem esbelto, soldado, de roupas brilhantes, de feições tranquilas. Amarrou-os no colchão com fios de arame e foi chamar os vizinhos para verem. O amante esperneava e gritava furioso, com ares de guerra. A mulher, Dioneia, dizendo ser vítima de embuste, alegava ou não alegava pura inocência. Ferreiro coitado, ferreiro torto que por mais de uma vez foi motivo de riso para os demais. (97)

Um dia um homem chegou a Planaltina. Como de costume, àquela hora da tarde estavam homens sentados à porta das casas de comércio para prostrar. Foi quando surgiu um vulto de repente na rua principal. Todos puseram a atenção no forasteiro: bem vestido, de preto, como era de seu uso, botas lustrosas e esporas de rosetas grandes, o chapéu dobrado na frente. Homem de pouca conversa, isto sim. O olhar fixo, dois revólveres de cano longo prateados na cintura. Tinha vindo não se sabe de que lugar. Que queria? Fosse perigoso bandoleiro, e todos os rechaçariam, unidos, de uma só vez. Avisar ao delegado que viesse. O homem fora direto ao bar da esquina, o qual ostentava um letreiro com o nome Taverna Feácia, parecendo não desconhecer o caminho. Amarrou o cavalo no pau roliço cheio de rédeas. Tirou alguma coisa do alforje e entrou. O bar estava quase cheio. Foi até ao balcão e pediu uma dose dupla de pinga local. “Boas tardes” disse o dono da Taverna amistoso. Ele respondeu com um meneio de cabeça o cumprimento. Dali a pouco os que estavam na mesa ao lado o convidaram para jogar o truco. Ele acabou aceitando, não antes de relutar um pouco.

– O senhor é de onde, que mal pergunte?

Ele disse que de um lugar próximo ao Paranaíba.

– Vai demorar muito?

Que não sabia.

– E para onde vai?

Não tinha rumo certo, mas que tudo dependia de umas informações.

– É alguma viagem de negócio?

E foi aí que o cronista Demódoco entrou na história. Pegou a cantar uma toada que ele próprio compusera sobre os trágicos acontecimentos da guerra na Fazenda Olímpia:

“E tudo virou fogo
no dia da destruição,
os dois lados guerreavam encarnecidos
pela suprema decisão”.

O homem começou a rilhar os dentes e piscar o olho com rápidos movimentos como se por tique nervoso. O suor no rosto.

“... cumprindo seu destino
a moça mais formosa,
sem mancha e sem culpa,
nobre donzela,
aquela que a morte arrebatou.”

O copo tremia-lhe nas mãos, e a pinga derramada em cima da mesa. Os circunstantes acompanhavam com grande atenção os movimentos do recém-chegado como à espera de uma reação.

“... o esposo ofendido jurou dedicar a vida inteira na perseguição.”

O homem não aguentou. Romperam-se os diques da resistência. Levantou-se demais exaltado, os olhos fulminantes, ordenou que parasse a música. Nem mais um nada. E deu um forte empurrão ao homem. O violeiro: “Eu bem que desconfiava!”

Rolando fora reconhecido, mas também o parceiro de cicatriz no queixo e nariz aguilenho, por nome Glauco, o “Tarabuco”, destemido, um dos mais valentes guerreiros, que havia participado da invasão da Fazenda Olímpia empunhando a bandeira do partido negro. E o diálogo então passou a ser o seguinte:

“Tenho nada com o Virgilino mais não. Nem notícias posso dar. Não sei se ainda vive ou se foi enterrado já”. Depois disse que não era mais de briga, que havia deixado a profissão por via de moléstia. Agora era só fazendeiro de paz no Moçondó.

“Como isso!?” – e o moço de fora permanecia inabalável. O mesmo que dizer: “Não há acordo entre mim e ele”. Assim como a erosão vai paulatina, mas incessantemente, modificando o terreno, o ódio e o desejo de vingança atuavam no seu íntimo, alterando-lhe a fisionomia. “O senhor pode sacar a arma quando quiser, que um dos dois tem de morrer no ato” – sem alteração, como era de seu estilo. Aquele não tinha dado morte a muitos companheiros, não jogou o

corpo do Iginio na cisterna de cabeça para baixo depois de injuriar e ofender o cadáver? Era um homem a quem todos deveriam ter ódio.

O prefeito terminava o discurso pelo rádio, realçado pelo silêncio da assistência. “Planaltina porque, desde os seus primórdios, as Bandeiras paulistas à procura do ouro...” O hiato entre as palavras e a ação. Enquanto isto, o prefeito: “Ali vivia hábil armeiro, por nome o Mestre d’Armas...”

Com pouco o relógio ia dar as horas. Concertaram: a última badalada seria o sinal convencionado para o início das hostilidades, tudo conforme as regras da justa. E assim foi. Deram nove horas. Ouviram-se dois tiros, mas um só acertou o alvo. O da cicatriz esguichava sangue, estirado na mesa, no ato de morrer.

O homem forasteiro entrou e saiu. Ninguém teve coragem de detê-lo, nem a tanto ousou o delegado.

As coisas também estão escritas pelo Destino? Como a fama tem cem olhos abertos e cem bocas para espalhar com rapidez as notícias, breve tornou-se conhecida a história do duelo. Soube-se também: que ele tinha ido atrás de uns oito do Virgilino, estados ali de véspera, acampados no Torto. A primeira coisa que fez foi romper pelo atalho do meio, que eles iam em direção sudoeste, conforme informação. Dali seguiu a pista: viu restos de comida num trempe, foguinho com brasa ainda meio acesa, rastros frescos de cascos de cavalos. Parou um pouco para dar de beber ao animal suado e com machucadura, enquanto assuntava a direção do vento. Era de madrugada: o brilho do Sol começava no horizonte. Perguntou ao carreiro se tinha visto passar os oito assim, assim. Estavam um pouco mais adiante na estrada real. Mas a emboscada mora na encruzilhada. O Gordo pegou-o por detrás, com chicotada na garganta. Desarmaram-no e amarraram-lhe o corpo todo. Foi, fizeram o julgamento. “A gente não carece de julgar, chefe. Ele não vinha detrás, não queria pegar a gente de surpresa e depois matar?” “Culpado!” os outros em coro respondiam, clamavam por vingança imediata. “Alto lá!” – disse o comandante. “Ninguém diga que o chefe aqui obra injustiça, que não é pessoa de tenência.” Discutiram entre si, perguntaram se o acusado tinha o que dizer em sua defesa, apresentaram provas em contrário, e ditaram a sentença. Aprovada por unanimidade. Ao lado o monjolo dava mais uma batida, como martelo de juiz. De noitezinha. Dependuraram-no de pernas para cima, de um galho de árvore, a cabeça quase roçando a correnteza do rio. De modo que, se se afrouxasse a corda, o corpo abaixaria. “É só o chefe dar as ordens para a execução.” Disse o segundo em comando, Calatrava: “Esse vai é passar a noite assim. Ao depois, a gente determina”. E

levantou-se para espevitar a candeia de azeite. Era preciso chover tanto? Reclamava. E Calatrava: “O capitão falou, água parou”. Mas a fortuna tem os olhos vendados, quando não olha igual para os dois lados. Dessas coisas que só a providência exemplifica: passou por lá um bando de ciganos desgarrados perdidos, no meio da escuridão para roubar, cortaram a corda sem querer. E... Quando uns e outros souberam o que aconteceu – o tiroteio, os cavalos espavoridos, a surpresa e a confusão, alguns ciganos mortos em redor – Rolando já estava na outra margem do rio, uns duzentos metros abaixo do lugar tocado pela correnteza; escapou ao afogamento. A frialdade da água, a tremura. De lá pegou o rumo do povoado mais próximo, ia fugir até quando a força desse, sem esbarrar. Madrugada friíssima. Será que ia gear?

No momento mesmo em que se sentiu a salvo, um pensamento passou a acostrar-lhe o sossego, com os aguilhões do remorso. E Crisaor, o cavalo de estimação muita que o acompanhava durante todo aquele tempo? Não podia comportar com a ideia de abandoná-lo agora, entregue à própria sina. Muitas vezes a sorte assume compromissos em nome da gente, os quais não podem deixar de ser cumpridos. Quem explica o dever? Tomou o caminho de volta, com as precauções que a astúcia lhe aconselhava. Quando chegou na cena do ocorrido, não havia mais ninguém. Só os vestígios serviam como testemunhas da realidade. Lá estava ele – Crisaor. Hirto, o brilho opaco dos olhos refletindo o pavor, lembrança da última coisa que viu. A falta do cavalo era como aquela forte rajada de vento que muda as coisas do lugar. De igual modo ele se sentia por dentro – desorganizado, falta de rumo, inconsolável, assim como as palavras que não explicam. Ficou horas a fio ao lado do cavalo, como quem não quer deixar o tempo passar, ou como quem quer impedir o curso do inevitável. Cavou um buraco embaixo de árvore e, com ingente esforço, arrastou o peso do cavalo, com cuidado para não machucar o corpo ou deformá-lo. E afastou-se dali com o coração oprimido pela angústia.

No acender do Sol, em seu movimento eterno, caminhando a esmo Rolando foi dar num lugar remoto por nome chapada do Ver-o-Verde. Ali morava a estranha família, composta de três mulheres. Perto de uma vargem de buritis aonde corria em meandros um riacho. Entretidas, elas costuravam; as Três. (98) “Cada um tem o seu qui” – elas entre si se olhavam, depois de examinar a figura do forasteiro. Capaz que já conhecia a fama daquelas desde os tempos da Fazenda Olímpia. Abaixou a cabeça, em sinal de respeito. “Tarde!” – disse a que parecia ser a mais velha do trio, em forma de cumprimento.

“Acabar de chegar. O cachorro não morde com sinceridade, não.” Referia-se ao guegué que rosnava por modo de brincar, cachorro caseiro, vinha abanando o rabo de detrás de umas touças de jaraguá. O homem dizia que estava doente, em precaríssimas condições. Pediu medicina para aplacar as dores por dentro e rodela de paratudo para estancar o sangue. A Terceira – tesoura na mão, balançando-se em rede de embira – disse experiente: “Mezinha essa cura só na hora, meu filho, mas e para a precisão do espírito?”, olhando o tempo passar. Logo mais fez um olho-de-boi que representava o olho do Sol, isto é: desenhou com o pé direito um círculo, simpatia para a chuva parar. Invocava: “São Jerônimo e Santa Bárbara!” A velha mais nova, Dona Constância, pegou um prato de folha e deu-lhe rapadura com mandioca. “Mas agora é mister banho de João-curto, e pedaço de pau-d’alho para afastar feitiço” – maneira simples de explicar. Um homem naquelas condições não estava necessitando de proteção contra os males do mundo que campeiam por força maligna? E voltou a remover os fusos da velha roca, hábil pela força do hábito, sentada na banqueta do tear.

Um casarão vetusto, com fama de mal-assombrado. Havia uma rocinha de arroz cercada com sobre, e um quintalzinho de horta, vaca maninha, capado gordo, cavalo com bicheira e galinhas carijós. Na frente, uma bananeira-leque – oito palmas de cada lado – sempre justa na repartição. E espigas de milho plantadas em redor a amarelecer.

“Fica cansado já não” – disse uma delas. Inda falta muito para completar o seu caminho. Falou. Falaram. cuidaram-no, sua vida por um fio. O corpo todo adoeceu. Acomodaram-lhe o melhor que puderam, deitaram-no em catre, entre coisas velhas de ferro e bronze, pedaços sujos de corda, badulaques. Ferviam folhas de fumo bravo para aplicar nas partes doloridas e desinchavam-nas com banhos e cozimentos de canforeiro. Preparavam sementinhas de quioiô tiradas da cerca, como coadjuvante no tratamento. As feridas curavam-lhe com cipó-de-leite. Raiz de quina para as febres e sangue-de-cristo. Tantas fórmulas de medicamentos caseiros sabiam, expertas na arte de curar as pessoas carentes. “Um mês e quê.” As horas contavam-lhe a vida. Calculavam o tempo pelo jeito dos bichos e a posição das estrelas, ou pelo tamanho das sombras de seus corpos que o Sol fazia projetar. Rezavam por ele, ali ficado com toda a necessidade. Mal podendo a vontade com suas forças. Até que um dia deu acordo de si, e à medida que se ia restabelecendo, madurava a vingança no peito. Produto das noites de delírio ou febre alta, sobrava-lhe

a lembrança nítida de um sonho, ou pesadelo. O encontro com o Virgilino. “Prepare-se, capitão Virgilino, que vou acertar contas.” Do outro lado a voz não respondeu. Não houve encontrar combate ou coisa parecida. A vida é a dúvida. Pensar é prova de existir? Pistola na mão, ele se arrastou até onde o Virgilino, imitante o movimento de cobra coral. Depois, com o cavalo campeou o terreno de cima do espigão, e veio descendo com rédea curta. O silêncio era a pedra jogada no poço. Noite clara começando, mãe-da-lua chorava uma lenda sua que os índios inventaram. Ficou no lugar até a barra do dia, quando pegou a clarear. A aurora espalhava as cores. Então pôs o animal em marcha de andadura, uma força impelia-o a continuar a perseguição em outros sítios. No passo da Vaca, Sol já bem alto, apareceu Totôe Mojo eloquente: “Não adianta, que a estas horas o inimigo já vai longe. Pode correr que não alcança. Aquele vive sempre escondido” – falou o emissário, três vezes grande, e apontou com as mãos ligeiras o plano alto, onde têm começo os antigos chapadões. Mas então era assim? Não haveria uma pausa, um descanso, a certeza do fim? Mesmo que ele tivesse de cheirar o rastro do Virgilino, mas achar ele achava; que nem cachorro atrás de perdiz. Não podia comportar com aquilo, aceitar passivamente a ideia de desistir. Matar ele matava, no sofragante. Nem que tivesse de morrer todas as vidas de sua vida. E a vida inteira estaria fadado a procurar sem achar, como ao dia sucede a noite, como o Sol esconde a sombra, como o claro afasta o escuro?

Depois da chuva, o arco-da-velha mostrava todas as suas cores.

De novo a realidade, dia-a-dia. “A gente é como planta: nasce, cresce e dá fruto” – Sinhá Carpó dizia, a do meio – batendo no peito três vezes com a mão fechada, e que o homem era fruto das próprias ações. Tentou dissuadi-lo de seu intento. Depois apontou para o alto, e disse mais: quem neste mundo movimentava os astros e punha ordem nas coisas, regia a lei do tempo e as estações do ano? “Tudo acontece marcado.”

“Disciplina” – insistiu Dona Irene. “Justiça e paz.” Em seguida, ajoelhou-se e juntou as mãos em atitude de rezar. “Orai ao Senhor. Orai.” Logo mais ia fazer penitência até que viesse a divina aurora, e fazer sacrifício para aplacar a ira das deidades. “Para tudo tem o dia certo, meu cavaleiro.”

Às vezes expressavam-se de um modo bastante peculiar, uma comunhão íntima entre si permitia a leitura mútua do pensamento, como em telepatia. Por exemplo, uma começava a frase, a outra

continuava o fio lógico da sentença, e por fim, a última terminava a oração.

A primeira (enrolando o novelo de lã):

– O Destino...

A segunda (esticando o fio):

–...mora...

A terceira (com a tesoura):

–... dentro da gente.

O cão, com as orelhas atiradas para a frente. A mandaguari amarelava o oco todo do pau. E cheiro de milho verde. Ao longe passavam carros de boi na estrada areenta repletos de cana para a moagem.

De repente, foi que pela virada do morro chegavam vozes fúnebres da procissão que trazia enrolado em banguê um menino defunto. Esse era o Lázaro, encontrado à beira do poço todo mordido de cobras. Dona Clotilde com um gesto parou o cortejo. Descobriu-o e lavou o sangue coagulado das feridas, ungiu o corpo com azeite e um oloroso unguento antigo. Mais logo envolveu-lhe o rosto com leve tela de linho bordada por ela mesma. E disse, com a fisionomia grave: “Desde que a gente nasce já tem o destino marcado. Assim é, assim há de ser. Ninguém queira descobrir os segredos do alto”. E seguiu a procissão caminho reto.

“Quase tudo de ruim acontece é de noite” – lembravam elas a ele. E: “Há-de-o!” – perto do pé de romã onde a terra não é inferior. Deram-no por curado, mas lamentavam o fato de ele persistir no erro da vingança, sua vontade inabalável. Continuavam na eterna operação de cardar, atrapalhadas com o líscio e a braçadeira. Presentearam-lhe com um breve, simpatia de se pôr em pescoço. Ficavam ao aguardo de notícias. Ele nem sabia como agradecer os favores recebidos. Tirou o chapéu em sinal de respeito e até pegou a sentir saudades. Esperança é a que nunca chega; ou, aliás, vale é seguir o destino combinado?

Pegou informação; saiu do Contenda em rumo do da Cruz de Baixo e foi beirando as faldas da serra até o ponto alto do Quebra-Xifre, meditando muitos males no coração. De lá dava para se ver o povoado. Ia fazer parada, comprar cavalo novo, e depois prosseguir viagem.

Vira-se a página dos anos – e ei-lo pouco mais velho em Trindade. A cidadezinha sossegada espreguiçava nas rugas do relevo. Velhas casas caiadas de branco com portas estreitas e compridas, de chão cimentado e telhado sem forro, no mais das vezes provistas de enormes quintais e cisternas. As ruas princi-

pais, largas; outras estreitas e em desalinho, as marginais. Fundos buracos de enxurradas para a chuva escorrer sem esbarrar. O tempo é preguiçoso nas cidades do interior; as horas demoram. Se bem que, por ocasião da festa anual renomada, o ritmo de vida alterava-se por completo. Com duas avenidas principais ou três, revestidas de cascalho ou terra melhorada – a praça e a matriz, características da cidade pequena. A má condição das estradas, no tempo das águas o atoleiro nos caminhos que retardava as viagens; ou a poeira no tempo da seca. A cidadezinha começou no século passado. Por causa de uma medalhinha achada – de barro, com a coroação da Virgem pela Santíssima Trindade – ali foi construída a primeira igreja. Patrimôniozinho que ia desde o da Cruz das Almas, seguindo o veio do Barro Preto, até a distância de uma légua. Primeiro domingo de julho é dia do Divino. Os romeiros chegavam de longe para presenciar os milagres, que segundo os mesmos fortaleciam a fé. O que é mais triste, às vezes entre eles tudo é possível ocorrer. Vinham a pé de todas as direções para cumprir promessa, rendiam graças, enfileiravam-se nas estradas. Pobre gente humana, com os seus casos de estarrecer. A história do homem que veio raspando a língua no chão, promessa para curar a papeira. O aleijado que arrastou o corpo – desde légua e meia até ao altar – para dar o sangue à Virgem Maria. Com o ciclo das festas sacras e profanas. Instalam-se nos grandes terrenos baldios circos e parques de diversão. Touradas no estádio municipal. As feiras. Jogadores, carrossel, novidades. O vulgacho. Celebram-se crismas e batizados. Novenários, quermesse. À noite, a procissão, acompanhada pela banda de música – com sermão ao ar livre e bênçãos do Santíssimo. Levanta-se o mastro da bandeira. Conduzem os do local os santos invocados em andores. Os sinos dizem amém, amém. Os vendedores ambulantes e mascates, os comerciantes de armarinho perfilam as barracas expondo as mercadorias – as feiras livres. A fisionomia da cidade transforma-se, fica virtualmente entupida com o excesso da população flutuante. Os ciganos agindo de acordo com sua escritura e seu ordenamento, consertando tachos, afiando facas, ou negociando com cavalos – passando a manta ao fazerem as baldrocas. As cigatinhas dançam com vestes longas e coloridas onde há aglomerado de gente, enquanto as mais experientes leem a sorte dos consulentes a preços módicos. Vendem-se santos, orações, terços, breviários, missais – comércio florescente. A igreja enche-se de ex-votos; muletas e retratos ou quadros para testemunharem os milagres. No curso dos três dias estavam programadas paradas e competições. Os concorrentes, isto é, os atletas – o mais forte de

todos tinha fama de matar com um soco um boi. “Tem um, tem dois, tem três, tem mil...” Era o circo que passava nas avenidas e ruas regulares chamando a atenção. O espetáculo ia começar às 20h30. Naquela hora, as luzes da cidade acendiam-se.

“Hoje tem espetáculo?
Tem sim senhor.”

Nas carrocinhas descobertas vinham fazendo piruetas os atores com as suas máscaras – ror de pessoas – que com as mãos em concha gritavam para aumentar a voz. O globo da morte, a corda bamba, o homem-girafa, o trem fantasma, e os três pinguinhos mágicos, a jiboia domesticada que ajudava a vender os produtos anunciados, as feras enjauladas, e outras atrações. O faquir, no setuagésimo dia de jejum. Os palhaços xingavam todos e eles mesmos: “Palhaços sem-vergonha na cara”. Faziam todos rir. Quem disse que o circo já não é como antes? A bandazinha vinha enchendo o ar na rua larga de alegria.

“Pirulito que bate-bate,
Pirulito que já bateu,
Quem gosta de mim é ela,
E quem gosta dela sou eu.”

A barraquinha dos leilões era formada por muro de pau de aroeira no chão e telhado de capim-jaraguá, fazendo um quadrado, em frente ao adro. Do lado de fora vendiam-se pipoca saltadeira, paçoca e curau, amendoim em casca, pé-de-moleque, outros doces, e batata-doce assada com casca na cinza do borralho. Moleques descalços atiravam sabão-de-macaco nas pessoas grandes ou rodeavam a fogueira, de onde se disparavam os fogos de artifício. Os mendigos enfileirados concentravam-se no Beco dos Aflitos, à espera de algum milagre. Todos são iguais perante a lei. Isto é, quase.

O Céu, a imensa abóbada celeste. Tudo era como uma grande repetição. A gente nem sabe o que acontece direito.

A convite, aportados de Santa Cruz os da Contradança, dançadores para os festejos do Divino. Exibiam-se nas ruas com casacas vermelhonas e galões dourados, calças brancas com as barras escondidas por meias três-quartos ou botas de cano longo. De máscara, lenço colorido amarrado na cabeça, por baixo do chapéu alto de dois bicos enfeitado de arminho. O mestre dava as ordens, enfaticamente:

– Pessoal, avante!

Depois de acabada a festa, afora os meninos, os que quisessem iam voltar a pé, deixando por onde passassem a bandeira roxa do santo, conforme tinham combinado muito antes de partir.

Num canto da praça cheia, em torno de um homem barbudo e seus discípulos havia uma pequena concentração. Esse homem dizia ser a reencarnação de um dos Profetas ou Apóstolos, que tinha vindo para alertar, para salvar o mundo antes do Juízo Final. Contava a vida de Santa Dica de Pirenópolis. Ele mesmo a vira fazendo um milagre uma vez: ela com toda a fé tirou a muleta do aleijado e mandou-o andar, os olhos prenhes de lágrimas e as mãos prontas para rezar. Benedita Cipriano Gomes – Dica – de Lagolândia, o antigo Nossa Senhora da Conceição. Tudo começou quando ela menina ainda veio a morrer por doença. Foi então que dos olhos brotaram lágrimas, o corpo todo suave e, num gesto de milagre, num átimo ressuscitou. Fama logo a tornou conhecida, e de todas as partes acorria gente para consultar com ela, redimir os pecados, curar-se dos males. Em torno da Santa foi-se engrossando a fileira de seguidores. As romarias tornavam-se constantes. O Governo começou a inquietar-se, pressionado pelos redentoristas de Trindade e pelos jornais da Capital. Mais e mais o prestígio da Santa crescia, os adeptos organizaram-se e armaram-se para defendê-la contra a ameaça iminente. Formava-se um quisto dentro do Estado; era o embrião de um novo Canudos nas margens do Peixe. Aquela sim sabia falar com o povo: no alto dos Pireneus em célebre discurso exaltou os fiéis a acompanhá-la. Os discípulos saíam pregando nas cidades vizinhas o novo culto. Foi criado um jornalzinho manuscrito – o *Estrela do Jordão* – para difundir o credo e apontar os novos caminhos da fé. Aquele estado de coisas não podia durar muito. As autoridades locais já não controlavam a situação. Um choque armado era inevitável. O Governo então resolveu enviar um destacamento policial à Lagoa para acurralar os fanáticos no rio do Peixe. Os rebeldes não se renderam, preferiram jogar a vida no combate. E muitos pereceram, metralhados duramente, ou afogados quando tentaram a travessia do rio em retirada forçada. Santa Dica fora presa e levada a julgamento. Mas o nome criou uma lenda.

Com o terminar da festa, a cidadezinha desinchava. As atividades iam pouco a pouco voltando ao normal, à medida que os visitantes regressavam.

Rolando também – e seu eterno procurar, como a roda gira, gira e gira. E não foi desprovida de significado a vinda àquele lugar, pois soubera notícias do paradeiro do Virgilino, atuando no baixo

meretrício da cidade vizinha de Campininha das Flores. Pelo menos a descrição do tipo físico coincidia em tudo. Sem mais tardança, encaminhou-se para lá, com o desejo de vingança instalado no ser.

Chegou de noitezinha. Pegou informação, já que não conhecia o local, disposto a esquadriñar cada palmo do terreno. De repente, uma voz: “Desse ponto para cima, em rumo contrário do Centro, até onde a luz termina, e o mato começa, é a *zona*. Tome tento, se o senhor é gente de fora, que muitos são os perigos para os desavisados”. Recomendou-lhe que não andasse desarmado nem sozinho. Mas quem era aquele homem que sabia o que a gente pensava no fundo sem fazer perguntação? Teria conhecido pelo jeito o que um andava buscando? Um brilho estranho nos olhos, o modo de andar. “O meu nome não tem importância.” Natural do antigo Vai-Vem, Ipameri entre águas, no vale do Corumbá, primitivamente arraial de agricultores e criadores oriundos das Gerais. Ofereceu-se para acompanhá-lo, que conhecia pelo avesso aquele baixo mundo. “O senhor tem por dentro uma raiva que quer extravasar, vê-se logo.” Rolando nem soube porque aceitou, já que não era muito dado a intimidade com estranhos. Sua presença incomodava, mas tinha uma certa autoridade. Com um pretexto qualquer, começou a pregar em forma de pastor. “É onde estão aqueles que, sem o saber, cumprindo pena, vivem numa das regiões do inferno.” Continuando a oração: “Ninguém sabe a extensão do inferno, ou qual o poder do diabo. Certo é que se veste de mil maneiras, vários os disfarces. Nasce em todos os lugares. Às vezes é a gente mesmo, o resultado da vontade? O diabo é latente, atende ao menor chamado. Deus? É força superior a este”. A surpresa. Por que a conversa fora de propósito? A falta de nexos, como um corpo estranho. Rolando ficou dando tratos à bola, ver se atinava com aquela conversação. Para quê? Para quem? Quem era mesmo aquele cicrano de tal? Declinou a sua condição: dizia ser professor de Filosofia, bem falante, com gestos de orador. Punha sentido no homem para conhecê-lo melhor. Fosse algum pistoleiro disfarçado? Ou apenas um desses que querem converter os outros à força, ingerência nos negócios alheios? Não levava arma, isto era certo. Pelo menos à primeira vista parecia pessoa de bem. Doido da cabeça, falta de juízo? Não importa. Pelo menos naquele momento servia aos propósitos. Logo mais pararam no lugar devido. “Aqui começa uma das covas do Reino tenebroso. Visto por determinado prisma, o inferno é móvel, está em toda parte. A estas está reservado um castigo rigoroso, as que vendem sentimento por dinheiro.” Apearam dos cavalos e os deixaram à solta. Rolando então contou ao Guia que estava procurando um homem assim, e que era forçoso encontrá-lo. Adentraram a casa, e coube ao

Guia fazer as indagações, já que era bastante conhecido por aquelas bandas. Ninguém com aquelas feições havia aparecido por lá, disse a dona do bordel. “Essa” – falou o Guia (99) – “que anda sem cessar, é Taís Meretriz, (100) que encontrou no amante rápido consolo depois de morto o marido seu, por nome Alexandre, guerreiro dos mais valentes.” Não a queriam como amiga, porque não lhe queriam. Sua irmã, coitada, quando morreu, se pesava pouco mais de trinta quilos. Ninguém lhe acudiu. E puxou-o pelo braço, que o tempo foge, ainda tinham muito que ver, que não era tarefa das mais fáceis encontrar uma pessoa naquele meio.

Fizeram alto em outro ponto, uma casa de cores vivas numa rua humilde e torta, mas bastante frequentada, pelo jeito. Rolando entrou junto com o acompanhante, e foram sem mais demora perguntando se havia passado por ali um homem parecido com a descrição do Virgilino. O fanhoso da botina-sanfona, de muitos maus bofes, descansava a bengala no meio das pernas enquanto falava: que havia pousado naquela mesma casa não fazia muito tempo. Capaz que voltasse, quem sabe, de acordo com o informante. A casa no lugar dito Geena era afamada pelo alto custo e pela qualidade do produto. Era um casarão velho de esquina, antiga loja de armarinho, de reboco escalavrado, com quatro portas carunchadas pintadas de azulão, fechadas por ferrolho ou tranca. O que muito chamava a atenção dos entrantes era aquela cadeira de braços com espaldar e assento forrados de veludo marrom, onde ficava sentada a dona, abanando-se com leque de espanhola, tomando conta das “tias”. “O compadre vai querer?” – engordando seus 100 quilos com doce de casca de jabuticaba e paçoca de amendoim pilado um dia antes, vai para dez anos que não via a filha, sumida no mundo. O chuveiro, ficado no cômodo onde era antes a despensa para os mantimentos. Na frente da casa, o passeio de terra socada e uma cachoeirinha para correr a água e prover os fregueses de contentamento. O lugar onde faziam as vergonhas ficava no fundo do quintal – uma casinha de caixote, encostada ao muro de taipa, coberta de zinco e fechada com taramela – como o costume nas casas do interior daquele tempo, uma vez que não era ainda difundido o sistema de água encanada. Quando o recinto destinado a abrigar as fezes se tornava cheio, com o correr dos anos, era hábito tapar a fossa com cal virgem e terra, construindo-se outro depósito para o mesmo fim em lugar diferente. Ali foi palco de uma tragédia, um caso que ficou na memória. De bem para lá de Sete Léguas chegou um homem com a vingança nos olhos. Vinha pôr cobro a uma dívida de honra. Era o amante enganado que soubera afrontosa notícia. Primeiro foi

amarrou o cavalo na estaca ao lado, fez o Nome-do-padre antes de entrar, entrou desembestado como quando é impossível soffrear o animal. Depois pegou a mulher com toda a força, jogou-a de cabeça para baixo no poço das fezes. E quando ela queria subir pela parede redonda, ou do fundo gritando desesperada, ele então sangrava-lhe o corpo, chuchava-lhe as mãos e a cabeça com vara pontiaguda, atolava-a no barro fétido abundante em vermes.

– Mirra foi seu nome, quem quis ser do pai esposa. (101)

Sabido que o esterco é bom para fertilizar as plantas, muitos anos depois surgiu como por encanto naquele lugar árvore de estranhas formas, que levou o nome daquela pelos habitantes dali.

Dentro da casa, desenrolava-se o drama da mulher da vida. Era só empurrar a cortina de dois frisos e bandas de veludo com renda para entrar-se na cozinha, depois do biombo revestido de couro verde. O fogão era feito de tijolo por baixo e cimento por cima; seis bocas e o forno. Em riba, pedaço de carne dependurado no cordão, para secar. A fumaça misturada com gordura grudava na parede e fazia picumã. O chão era carouquento ou de terra batida. Uma enorme prateleira para pôr utensílios – de canjerana para durar muito – tapando a janela e desperdiçando bom espaço.

Dona Elvira era a mulher velha curvada de magreza, com linhas de ruga e olho escondido, salientes barrigas das pernas. Mania essa de acordar antes que o galo cantasse. Dizia ser benzedeira de mão forte, filha de uma tal Maria Café. Indagada sobre alguma coisa, demorava a responder. Primeiro observava o céu ou acompanhava o voo dos pássaros, (102) augúrio; depois alisava o pelo de algum animal e meditava no seu tamborete de couro de cobra, pelo qual tinha muita predileção. “O compadre pita?” – perguntava a quem estivesse por perto todas as vezes que queria fumar, acendia o cigarro de corda com a binga. “Jesus Cristo”, para quem chegasse. “Boa sorte”, para quem partisse. Gostava de fincar os olhos vigilantes nos cumes das montanhas, porque sonhava viajar. Criava um periquito-d’anta de estimação, pintado de verde e amarelo. Coçava-lhe com carinho no encontro das asas, dava-lhe frutinhas do mato ou sementinhas; ensinava-lhe. Vivia de feitiços e encantações, desfazia coisas-feitas, gálico, tinha como enrabichar. Pouco sabia ler, mas consultava sempre uns livrinhos de poesia que um dia achara por acaso entre as suas coisas. Desconhecia o lugar de seu nascimento – pobre, mas sem motivos de vergonha – repetia. O lugar, só sabia que era um lugar muito bonito e que tinha uma fonte. Conhecia o segredo das raízes e a cura pelas plantas. Preparava garrafadas e santos remédios, de acordo com as fases da lua. Se galinha cantava

de galo, se um raio caía por perto, se os frangos não comiam logo o que se lhes dava – qualquer sinal, tudo era causa de alguma coisa para ela. Queria viver tantos anos quanto são numerosos os grãos de areia. Epiléptica, muito padecia de fortes convulsões – um desmaio súbito, a boca espumava, dizia coisas sem sentido, caía dura no chão – e depois seguia-se um cansaço longo que a extenuava. Muitas vezes falava que contava uma coisa estranha, isto é, pegava na saia e fazia vinco com o dedo, talvez para disfarçar a timidez latente, quando tratava de certos assuntos. Quando queria divulgar quem era ao longe, forçava a vista e meneava a cabeça – depois dizia o nome. Com o hábito de chamar todo o mundo de meu filho. Ou se gostasse bastante de alguém: “Isso é gente minha”. Sempre às tardes bebia martelada de pinga perfumada com amburana, usada também como cordial. Entrevada, curti as dores da velhice. Seu maior orgulho quando moça era ter sido donzela das principais na Roda de São Gonçalo, dança corrente no Norte do Estado, Natividade. Contava que moças vestidas de branco com ramos de flores andavam pela cidade cantando em louvor do santo referido. Então, em chegando no Largo da Matriz, dançavam, e cada uma mudando de lugar à medida que a música rompia. Guardava memória ainda da letra dos ventureiros: “O São Gonçalinho...” Preparando-se para dar comida ao mico no terreiro junto ao pé do ateiro. “Macaco sem-vergonha!” Porque, segurando-se ao galho da árvore, o sagui fazia gestos imorais, o rabo fino enrolado na pereira. Implicava com ele. Espia só, se uma porqueira dessa não é obra do Demo” – e agarrou-se à medalhinha do Cristo-Rei dependurada no pescoço que possuía desde pequenina, salva por promessa. Tinha ojeriza danada de uma coisa daquelas.

O doutor Persicano passava por lá, em visitas médicas periódicas. Recomendava amendoeirana, amendoim-bravo ou amendoim-faveira, planta do Sudoeste do Estado. Para curar gonorreia e outros corrimentos. “Convém que o senhor se previna.” E despediu-se com um boa-noite.

Nos aquários no centro da mesa redonda peixes ornamentais: jacará-açu, pintado de amarelo, azeitona, vermelho e lilás; acarapaguá que mora nos pequenos rios, esverdeado, com manchas escuras; sarro do Bananal, vermelho, de barbatanas amarelas e cauda grande; solha; tuvira marrom dos olhos brancos; timburê; muçum de cauda amarela; torpedinho, comprido e castanho; borboleta; peixe-folha.

O caçador e pescador experimentado falava da arraia. Algumas gostam do fundo, outras escondem-se nas areias e debaixo de folhas misturadas com lama, nas águas rasas e mornas dos rios Tocantins e

Araguaia. “Depois da chuva, rio sujo, é mais perigoso. A gente deve proceder de acordo com o ensinado: arrastar o pé ou tentar com um pedaço de pau para não pisar em cima delas. A arraia com os olhinhos miúdos e o ferrão despontado, homem macho chega chora de dor se atingido.” Os ouvintes reunidos ao redor da mesa, prestando atenção ao narrador. A caçada da cotia. Amarelada, do tamanho de uma paca, comia com as patas dianteiras. Foi no mato limpo e dentro do oco do pau. Uns dois tiros só.

Um boiadeiro que chegou por último, de faca pirai na cintura, perguntou pela Sabina, tempos que não a via, em viagem para o Norte do Estado, curioso em saber como estava. Elvira fechou a expressão do rosto, e arrolou o sucesso. Quem fosse no hospício, no fim da cidade, havia uma louca. Atrás das grades ela se comia, furiosa, os próprios dedos mastigando – como diziam?

“E a Cassiana?” – outra pergunta.

Antes de responder, ficou olhando o João-de-Barro no trabalho de fazer o ninho; construía-o em quatro partes, grande artesão. Traz nas garras o barro com que faz o alicerce e as paredes; com penas, painas e algodão forra o ninho. Mas aí da fêmea se cantasse com outro João. Contra ele se acomete, por sufocamento mata-a. Depois é que vai chorar perdido sozinho toda a vida. Quanta semelhança com os humanos, talvez estivesse a ponto de pensar, caso parecido sucedeu com a moça de Paracatu. “Descansando”, atacada de mal-triste. No quarto de fundo pequeno alumiado a candeieiro de azeite a tomar banho morno de erva-canudo, machucada por dentro, por motivo de aborto malffeito. Depois relatou que tinha intenção de mudar-se dali, que o ganhome era pouco. Queria contar uma coisa delicada sem machucar, sua maneira de dizer, mas fora interrompida pela chegada de outro boiadeiro, que reclamava benzimento de cobreiro. Dona Elvira respirou fundo, assumiu ar profissional, seguindo um rito predeterminado. Em dado momento tomou três talos de mamona, machucou as folhas e molhou-as com óleo virgem, depositando-as em cima do cobreiro. Numa das mãos tinha uma faca, com a outra ajeitava os três talos entre o polegar e o indicador.

Perguntava:

– O que eu corto?

O doente mais os outros respondiam, conforme o ritual:

– Cobreiro brabo.

Mãe Elvira fazendo cruz no ar com a faca ou agitando os braços sem cessar:

– Pois dele corto cabeça e rabo.

Cortava era os talos até não poder mais, atava-os com cordão bento, dependurava-os no fogão para secar. Cada vez depois do processo de benzedura costumava fazer o pelo-sinal. “Mas o que a gente tem de ter cuidado é com aquele que mora embaixo, nas Areias-gordas.” Pensativa enquanto mexia o anel de arame no dedo anular. E logo mais fora cuidar de um que trazia doença-do-mundo.

Havia um tucano pequeno de bico amarelo no pau. O menino que chegou mais primeiro deu-lhe frutinhas, catou para ele vermes, mais um ovinho para comer. O periquito arrepiava, mudava de lado os pezinhos pretos, com frases decoradas.

– Acerca de lá, boi carreiro. Vai dar o sal aos bois, moreno!

Enquanto isso, de fora vinha uma toada que trazia no coração a infância de volta. Eram as meninas do bairro de luz vermelha brincando de roda, proibidas de misturar-se com as outras dos quarteirões vizinhos, para o bom andamento da moral e dos bons costumes. Desde o nascimento a gente traz a marca? Ninguém pode é desatar o nó das coisas, não forma sentido.

Na hora da janta, dona Elvira comia com a mão, o ato de comer em público para ela era uma espécie de vergonha. Dava um jeito com a comida entre os dedos em rápidos movimentos mecânicos por força do hábito. Todos os dias ouvia as novelas pelo rádio. Mexia o doce de mangaba, na panela de barro, com a colher de pau. Ovos estrelados.

– Ai esta vida...

Mas antigamente, não. Quando ela passava – com água de cheiro, dengosa – todo mundo queria olhar. Ela ficava no alto, bonequinha de cristal. A festa. Para cima, para baixo, um lado, o outro, guizo batendo na cabeça do burro – ela, a madrinha. E vinha posuda, de queixo erguido e corpo teso. Pestana de couro vermelho e dentinho de algodão. Os olhinhos dela não olhavam para ninguém.

– A lá a madrinha!

A velha ria, mas se a gente visse fundo dava conta que era a menina dos olhos chorando. Trancinha de corda e beicinho de verdade. A carne dela da corzinha do céu. Sangue quente pulava aflito na carinha de algodão. Pezinhos falavam com ternura. Depois, a vida aconteceu. Ficou velha, veio trabalhar na cozinha. Urutum quando não mata, aleija. Inchou. Deixou ferida na perna. Nem amarelinha adianta. O algodão como miolo quente de boi, cheio de escuma saindo para fora. Quando ela dançava, passinhos ligeiros, vestido de bola – chuva de pedra levantando poeira fazendo barulho caindo no chão. A voz dela macia que nem o sonho. Segurava o copo com o dente, fazia pião em cima da mesa e pousava de colo em colo com graça, andorinha.

Os bracinhos no alto, borboleta voando. Cabelinho da perna picicava macio a mão da gente. O seu encanto tonteava.

– Isso é que é puta, pimenta braba, pelo piador é que se conhece.

Mas ela não era uma puta qualquer, não senhor. O marido da irmã foi parente-torto do Juiz de Paz do Termo de Lá. Não qualquer pessoa que podia ficar com ela. Nem dinheiro adiantava, nem feitiço de formiga cabeçuda. Ela precisava gostar com sinceridade. As carícias. O abraço era quente que nem cristal no sol. Bonequinha de pano, ela era sonho...

Nhá Claudina vigiava como vigiava todas as vezes na hora do parto. (103) “Nem prenhe nem parida” – ensinava reza à parturiente para aliviar as dores, mandava-a assoprar a boca da garrafa para fazer força. “Tomara que seja menininho”, seus palpites acertavam. Ajeitava o bercinho já usado em outras ocasiões, com grades de madeira pintadas de roxo e amarelo-claro e enfeitadas de desenhos carmesins.

A expectativa tomava conta das outras mulheres, que entravam que saíam em rebuliço, mudavam as flores dos vasos ou preparavam a casa para a festa de arromba que iam dar. Parecia que cada uma fosse ter aquele filho, estavam como se uma força as unisse.

As visitas também não permaneciam indiferentes ao acontecimento. Mas quando faziam qualquer pergunta a respeito, as daquela casa respondiam ou não, simplesmente, como se tivessem mais direito de saber. Cada grupo social não tem o seu comportamento?

O pastor protestante em atividade, pregando do lado de fora, agitando os braços sem parar, movimentos em conjunção com a oratória. Que no livro dos livros – Bíblia – estava a solução. Às vezes mudava o tom de voz: contava a conversão de Maria Madalena – fazia chamamento com lágrimas nos olhos – apelava às demais para mudarem de vida. E o menino em que ambiente iria crescer? A vida, muitas vezes, é quem governa a gente, meu bom pastor. Palavras somente não bastam para mudar a estrutura social.

Com pouco, alegrias. Chegava notícia que o menino tinha acabado de nascer. A mulher com o ventre inchado recebia auxílio da parteira que aplicava canforeiro. Ele se parecia muito com o pai?

Sofia, ao saber da notícia, veio correndo para abraçar a doente e permanecer ao lado dela durante o tempo que necessitasse. Só se afastava para dar algum recado de mais urgência e servir café com broas de fubá mais bolo nas xícaras e nos pratos esbeiçados que ainda guardava como lembrança do primeiro casamento. Dava uns pontos de crochê para terminar a meia e outras roupinhas.

Eugênio, bem-nascido – filho de fazendeiro dono de muito gado, ele próprio conhecido por suas terras de primeira água – tinha

ofertado um capado para a festa. Nessa noite ninguém ia dormir, para comemorar. Contratar as mulheres-damas para uma bacanal.

Começavam os preparativos: dependuravam os cordões nas vigas do teto para as bandeiras e espalhavam serpentinas em todas as direções. No centro da parede a estrela-d'alva em alto-relevo em papelão prateado. O pagode encorpava-se, sob a presidência de Santo Antônio, no fundo, com os braços levantados e o cajado na mão. Homem com homem dançava catira; os violeiros na cabeceira cantavam quadra e modinhas de nome. A bailarina espanhola Gitana executava números de dança, sapateando e tocando castanholas, enquanto os companheiros – um acompanhava com o violão; o outro batia palmas e cantava, às vezes fazia par com a moça.

O Guia? Como a personagem entra e sai da história, como se fosse uma figura postiça sem pertencer a nenhum contexto lógico, também o homem que o acompanhava desapareceu sem deixar vestígios. Nem se despediu. Acabou não sabendo o seu nome. Espírito? Aparição? Conforme a crença, era um espírito que aparecia para as pessoas perdidas, para guiá-las por aqueles sertões. Coisas estranhas acontecem no mundo dos mortais – uma das frases que disse entre muitas (104).

No centro da sala principal, um quadro enorme de um Cisne Branco, chamando bastante a atenção.

Rolando resolvera pousar ali mesmo aquela noite. Primeiro tirou as sujeiras do corpo com água morna e sabão perfumado, vestiu roupa nova. Quanto tempo fazia que não vinha parar num lugar assim, desavesado daquilo? Afastou a ideia do remorso, não queria trair uma recordação, aquela imagem que era a alma de sua vida. Auda, nunca haveria de amar com tanta intensidade outra mulher senão a ela. Adormeceu e dormiu. Arrependimento dos atos que não cometeu – é possível? A noite toda teve um sonho agitado, a mente prisioneira de pesadelo profundo. Sonhou que tinha sido enterrado vivo, que o anjo da guarda o acompanhava numa viagem ao fundo do inferno, para mostrar-lhe os suplícios e horrores. A figura essa com os mesmos traços físicos do Guia, notável semelhança. “O senhor é como eu.” Produto da imaginação? “Este é o lugar inferno, o mais inferior, lugar de morte eterna para quem cometeu pecado insanável.” Ali o ar pesado, o ambiente como se iluminado por tocha. Quando chegou num determinado ponto, acordou com a velocidade do pensamento.

Na manhã seguinte sentia-se exausto, os membros todos doloridos. Acordou com o vozerio da multidão naquela casa onde se hospedara. Mãe Elvira tinha amanhecido morta. Desde o alpendre faziam fila para beijar-lhe a mão, traziam ramo de flores de que ela

mais apreciava. O caixão meio aberto, ela parece que ainda sorria. A sala toda guardava a presença e o cheiro dela. No cômodo traseiro serviam desde cedo café com rosca mais empada e pinga de restilo. Conduziram-na para o cemitério como uma santa carregada em ombros. Levavam vela, entoavam cânticos sagrados e rezavam, a modo de procissão, orgulhosos de prestar-lhe a última homenagem. A cidade inteira parou para vê-la passar. Queriam-na bem. Dessas criaturas que o tempo demora a apagar a lembrança.

Rolando – e o complemento de sua missão. Virgilino tinha ido embora, o vento carregou. Descrençar agora? Ah, que isso nunca, não comportava. Nem que fosse preciso correr todos os caminhos, mas ele ia achar. Achava? Tudo na vida é duvidável. Não tinha paz nem sossego enquanto não o encontrasse. Como podia ser que um homem daquela envergadura, nascido para chefe, pudesse desaparecer assim?

Ariadne, puxando a linha branca da carretilha, ensinava ao forasteiro o caminho de volta.

Um dia, o próprio Destino apareceu-lhe disfarçado e mandou-o seguir por uma determinada direção. Foi num dia de sol, no areal dos Claros, Cristalina – separada pelo Corumbá de Luziânia. O areal era o deserto perdido, só areia em volta. O barulho do vento realçava naquelas lonjuras. Ele vinha triste sem saber. Tristeza que um sente – falta – quando o infinito chega perto, e a alma busca o seu elemento. Apeou do cavalo, e as esporas marcavam. Sentado no chão, desenhou com um pedaço de ramo seco a cara do Tempo. Mas então, depois de tudo, nada valia a pena? Todos os sacrifícios passados, a angústia inexplicada, ou as duras agonias? A própria vida? O pôr-do-sol foi a resposta. O vento ventava forte, a poeira ardia nos olhos; o pó, é verdade, agora ele se lembrava.

A alma – qual a sua natureza, essência e quais os seus atributos? É simplesmente uma substância? Ou movimento de sensação? A alma é o que confere movimento a todas as coisas vivas, movida por si mesma? É o primeiro princípio de todas as coisas? É o ar, o fogo, a água – ou o amálgama de elementos? É una e indivisível – ou é plural? É verdade que a consciência continua depois da morte? Se assim for, a alma só tem sentido enquanto alma, isto é, sem a prisão da matéria. (105)

De repente, “Rolando!” Ele adivinhou. Ela (106) apareceu com a foice na mão, assumindo a verdadeira identidade. “A vida por um fio” – a enrolar novelo de lã. Cheirava como broto de limoeiro. É a vida que se renova sempre, fluxo constante e necessário. Nem precisou olhar para ver quem era. Aquela voz amiga que falava de coisas familiares. Siá-Moira velha moça, Siá-Moira quando a hora chega.

Tinha medo da morte? “A morte é um bem, se chega na hora certa.” A fruta depois de madura não fica podre? Garrou na cintura dela, levantou-a com os braços, girando o seu corpo no ar com a maior das intimidades. Exultou. Ela também fez festa para ele, puxando-lhe as orelhas, fosquinha, um beijo nas faces. Como ela tinha vindo parar ali? Para entender Siá-Moira era preciso fechar os olhos devagarinho, não pensar em coisa alguma, deixar que ela dirija a conversa e fazer de conta que ela é a personagem principal. No fim acaba contando tudo o que sabe, à sua maneira, a verdade de uma vez. Passara pelo ribeirão Tumbira, perto de onde tem uma queda-d’água. Vinha para cumprir um dever, que tudo acontece no tempo certo. Respondeu a todas as perguntas. Sentaram-se debaixo da palma de buriti, fazia um dia muito quente. Ele então abaixou a cabeça e pegou a pensar. Olhou-se ao espelho da água parada da lagoa Têspias. Ocorreram-lhe à mente as palavras do Cego adivinho: “A alma quando se contempla abandona o corpo?”. Aquele pressentimento, como um aviso. Tinha chegado a sua hora? “Sozinho?” – a velha falou sorrindo, olhava-o fundo naquela brandeza toda. Ele respondeu que não era nada, só que estava enjoado, no fim as coisas também cansam. E apontou para um esqueleto de macaco cheio ainda de formigas. Com as mãos examinou cuidadosamente o crânio do símio (107) – fez pausa – e perguntou para que a gente vive, se tudo acaba igual. No fim o que resta é o nada? O tempo foge, e mal apercebemos que a vida foge também. “É que tudo é assim, meu filho. Como a jabuticabeira: cresce e dá flor.” Ser, simplesmente ser – eis a questão. (108) Ajoelhou-se e chorou, quando ela lembrou o nome: Aquela, Luz, Madrugada, Ouro Fino, o Jardim Perfeito – Auda. Por ela descia ao fundo do inferno, desafiava o Sujo: – “Há-de-o” (109) – sem olhar para trás. Súbito, estremeceu. “Mas então a senhora sabe? O Virgilino?” Quase não acreditou no impossível. “Saber eu sei, meu filho, mas desaconselho o encontro. Já passou muito tempo, o melhor é esquecer. A gente nasce para perdoar.” Correu, beijou a mão dela, e aflito pediu, rezou, jurou, implorou. Que tivesse dó dele, mostrasse o caminho, que fosse com ele, que o levasse até lá. Falou, falou até que a convenceu. Os olhos dela encheram-se, e, com muito amor de mãe, abrindo os braços, a mulher que vinha sempre de vestido preto: “Me abraça, meu filho. Vem comigo, que eu te levo” – falou e tirou o véu, cabelos soltos no ar. “Que que vale isso?” Ela ia levá-lo aonde?

Era tempo de dar flores as aroeiras, o campo todo perfumava. Periquitos azuis de bando despegaram-se da palmeira, riscando de azul o voo numa gritaria.

No caminho ele foi pensando. É chegado o dia. Vinte anos é agora. O bicho de barba, forma obscura, crescia dentro dele, grunhia, rebentava as grades do peito. No grosso daquela hora, mil anos estavam acontecendo. Ela parou. Ele compreendeu. Os olhos olhavam, ele não queria ver. O cavalo estacou. O susto perguntava: “Mas aquilo!?” Aquele homem ali pedindo bença, ocupando espaço, rindo diante da morte, sem saber que o tudo acontecia. Sentiu nojo de verme, gosma. Mas Aquele, aquele? Banguelo, zarolho, papudo e babão – sumido em enfermidades. Deu bobeia. Verdade impossível, o mundo tremeu nas raízes. O tempo parou. Pensou. Repensou. Bebeu veneno de cobra. Era só dar o tiro, ninguém viu, ninguém vê. Depois, mesmo que vissem, quem iria culpar? Alguém ia lá cuidar que foi atirado sem defesa? Na balança da dúvida gangorrou, demorou-se a dar a sentença. A verdade também tem suas mentiras. Ele não era homem de fazer uma coisa dessas. Mariposas voavam em derredor. A borboleta misturava as cores. “Tudo na vida conta, meu filho, nada deixa de mudar o destino da gente. Até mesmo se uma folha cai.” Seus olhos como um cristal refletindo a luz. Estranho animal, o homem. Cheio dos maiores defeitos, mas capaz de abrigar as mais sublimes virtudes – como o perdão, por exemplo. O apequenamento ou a grandeza do ser humano. Golpeou a rédea do cavalo, e engoliu seco, amargando. O gesto de mil vezes. Fechou os olhos com força para não se arrepender. “Eu sabia que não tinha coragem”, ela disse. “Eu queria só ver. No fim, toda vingança deixa um fundo de tristeza.” Aquela conhecia o segredo das coisas da vida. Passado o perigo, perguntou se ela vinha na garupa com ele, ou se ia para a banda da Lustrosa. “Eu fico é aqui mesmo, meu bem. Vai com Deus.”

Voltar. Sentiu-se leve. Nem houvera de fazer-lhe mal o cansaço das duras caminhadas, o frio da noite, ou a fome, e dor, aflição. Nem o espectro do remorso, o sono da morte, velhice, guerra, discórdia. Olhou para trás e chorou de saudade. (110) Catalão de amor, instante eterno. Voltar para a Fazenda Olímpia, nunca mais sair de lá, lugar onde um podia ser mais feliz – limítrofe com Estagíria. (111) Usufruir aquela paz. Súbito pegou a sentir a dor de regresso, nostalgia profunda das coisas que um dia teve de deixar como as coisas não se explicam, por mandato do destino. “São Marcos, rio da minha vida”, e pôs o pensamento nas lonjuras. Acorreu-lhe à mente a cena: – “Lá o Trovador, à maneira de proençal, fazendo um cantar d’amor”, quando nas noites de festa ele vinha trazer a sua presença. Voltar às origens. Contemplar a mata de tardinha para decifrar o segredo das árvores. A árvore sente quando o serrote a sacrifica, como é mistério o coração das coisas. Só depois que tudo passa é que se sabe o que se perdeu.

A vida é mais longa do que a morte. O riachinho cantando ensina a gente a gostar sincero. Como é grande o coração das coisas! Ele ainda era lembrado? Lá? O paiol velho, o galo cantava, é Lua cheia, o curral. A madrugada era só belezas. Os passarinhos voando a esmo. Será estrada? A Fazenda Olímpia começa...

No fim de tudo, resta uma grande verdade – resumo ou confluência de toda vã filosofia: vale a pena viver, mesmo se para padecer os maiores dissabores.

E aqui o final da estória: o herói – depois da ascese, a purificação. Estava pronto para partir. Tinha cumprido a sua missão.

NOTAS

Junito de Souza Brandão

- (1) A lenda da intocabilidade das muralhas de Roma provém da morte de Remo por seu irmão Rômulo. Este demarcava com uma charrua o círculo em que seria construída a *Urbs*, acrescentando que inimigo algum jamais ultrapassaria as muralhas que ali se levantariam. Remo, por pilhéria, pulou o sulco do arado e foi morto pelo irmão, para que servisse de exemplo aos demais.
- (2) As almas, consoante a crença popular greco-latina, eram conduzidas para a outra vida (Hades, Inferno) pelo torvo Caronte, barqueiro encanecido, mas vigoroso. São quatro os rios que separam esta da outra vida lá de baixo: Estige (o glacial, o gelado); Aqueronte (o rio das dores); Cocito (o rio dos gemidos); Piriflegetonte (o rio das chamas ardentes). Quem desce, não retorna: a crença na reencarnação (*ensomátosis*) pertencia, em princípio, aos Mistérios e não à crença popular.
- (3) Referência aos terríveis anões da mitologia germânica. Tais anões eram seres monstruosos e repelentes, por sua feiúra, crueldade e avaréza. Residiam nas entranhas da terra, no mundo subterrâneo de Nibelheim. Dentre eles o mais cruel e vingativo era Alberico, a quem uma das Valquírias, Flosilda, imprudentemente fingiu amar e depois o repeliu com desdém. O anão jurou vingar-se e o fez, furtando o Tesouro do Reno, cujas guardiãs eram as três Valquírias – Voglinda, Velgunda e Flosilda.
- (4) Aristeu, filho de Apolo e da ninfa Cirene (epônimo da cidade africana do mesmo nome), presidia à criação de rebanhos, à caça e à agricultura. Educado pelo Centauro Quirão e, depois, pelas musas, que lhe transmitiram todos os conhecimentos relativos à adivinhação e à medicina. As ninfas, por sua vez, ensinaram-lhe a arte da apicultura. Desposou Autônoe, filha

de Cadmo, de quem teve Actéon, “o grande caçador”, vitimado por ter visto nua a deusa Ártemis. Foi causador involuntário da morte de Eurídice, pois esta ninfa, fugindo-lhe às perseguições, pisara sobre uma serpente, vindo a falecer. A morte de Eurídice provocou a cólera dos deuses e das ninfas, que fizeram perecer todas as suas abelhas. O apicultor, desesperado, apelou para sua mãe Cirene, que residia num palácio de cristal, nas profundezas do rio Peneu. Cirene aconselhou-o a procurar o grande mago Proteu, o deus da metamorfose, e ela própria o acompanhou nessa aventura. Surpreendido no sono, Aristeu amarrôu a Proteu fortemente. O deus mudou de forma, mas, vendo-se cada vez mais apertado, convenceu-se da inutilidade de qualquer resistência e revelou ao apicultor como refazer suas colmeias. Deveria imolar quatro touros e quatro novilhas e deixá-los apodrecer ao ar livre. Assim fez o filho de Cirene. Nove dias depois, do ventre dos animais em putrefação saíram numerosos enxames. Públio Vergílio Marão, o Cisne de Mântua, dedicou todo o quarto livro de sua obra-prima, *As Geórgicas*, às abelhas e ao célebre episódio de Aristeu, cf. *Geórgicas*, v. 317 sqq.

Antônio Feliciano de Castilho, em estilo puro e castiço, assim começa sua célebre tradução do grande episódio:

O apícula Aristeu, morta a colmeia imensa,
 dizem, parte de fome, e parte de doença,
 dos Tempes de Peneu fugiu, costeando as águas
 té à sacra nascente; absorto em suas mágoas
 parou ali; e ali à compaixão materna
 mandou entre ais e prantos a acerba dor interna (...)

Por causa de grave pestilência que a tudo devastava nas ilhas Cíclades, Aristeu, a pedido de seus habitantes, passou a residir na ilha de Ceos, onde, graças às suas preces, conseguiu que Zeus purificasse as Cíclades com os ventos etésios.

- (5) A lenda trágica dos jovens babilônios Píramo e Tisbe nos é relatada pelo grande poeta latino Públio Ovídio Nasão, em suas *Metamorfoses*, IV, v. 55 sqq. Há duas versões do mito. A primeira, e provavelmente a mais antiga, é que a paixão entre os jovens era de tal modo intensa que não esperaram pelo casamento. Envergonhada com a gravidez, Tisbe se matou. Desesperado, Píramo se apunhalou sobre o cadáver da amante. Os deuses, comovidos com tão grande amor, transformaram os amantes em dois cursos de água. Píramo tornou-se o rio siciliano homônimo e Tisbe uma fonte que deságua no rio Píramo.

A segunda versão, bem mais elaborada literariamente, e bem mais dramática, é a das *Metamorfoses* de Ovídio. O jovem babilônio Píramo amara apaixonadamente a Tisbe, e como os seus pais se opuseram ao casamento, os dois amantes, através de uma fenda existente no muro, que lhes separava as casas, marcavam seus encontros. Um dia combinaram encontrar-se fora da cidade, à noite, junto ao túmulo de Nino (fundador mítico da cidade de Nínive e do império babilônico). Lá, junto a uma fonte, crescia um pé de amoreira, que, até então, só havia produzido frutos brancos. Tisbe chegou primeiro ao encontro e, por ali passava, no momento, uma loba com as fauces ensanguentadas de uma corça que acabava de ser devorada. Aterrorizada, Tisbe fugiu, mas deixou cair o véu que, em poucos instantes, a fera reduziu a farrapos ensanguentados. Logo depois chega Píramo e, reconhecendo o véu de sua amada, supõe-na morta pela fera. Enlouquecido pela dor, suicidou-se, cravando a espada no coração. Um pouco mais tarde, supondo que o perigo havia passado, Tisbe retornou e deparou com este quadro trágico e doloroso. Não suportando a perda de seu amor, a desditosa jovem arrancou a espada do coração do amante e cravou-a no seu, tombando sem vida sobre o corpo do bem-amado. O pé de amoreira, daí por diante, manchado pelo sangue dos amantes, passou a dar frutos vermelhos.

- (6) Roland (Rolando) e Aude (Auda) constituem o grande par romântico e trágico da *Chanson de Roland*. Roland é o grande herói das memoráveis campanhas de Carlos Magno na Espanha. Morto heroicamente em combate contra os infiéis sarracenos, Auda, não suportando a dor pela perda de Rolando, morreu também.
- (7) Agapenor, filho de Anceu e Io, participou da Guerra de Troia porque estava ligado por juramento prestado a Tíndaro, por ter sido um dos pretendentes à mão de Helena. Após a queda de Troia, uma tormenta o atirou à ilha de Chipre, onde fundou a cidade de Pafos e construiu um templo à deusa Afrodite.
- (8) Três eram as Cárites, em latim Graças: Aglaé (o esplendor), Eufrosina (a jovial) e Talia (a florescente). Eram filhas de Zeus e Eurínome. Em sua origem, divindades da vegetação, tornaram-se, ao depois, a personificação da beleza e da sedução. Habitavam o Olimpo, em companhia das Musas, com as quais formavam coros. Faziam parte do séquito do deus Apolo. Eram representadas nuas, jovens e virgens, cada uma segurando a outra pelo ombro. Hábeis tecedeiras, a elas se deve o manto de

- Harmonia. Além de Apolo, acompanhavam também a deusa da inteligência, Atená, bem como Afrodite, Eros e Dioniso.
- (9) Trata-se do mito de Dédalo e Ícaro. Dédalo era um ateniense e pertencia à família real de Cécrops. Era um artista genial: arquiteto, escultor, inventor de incríveis mecanismos. A ele se atribuíam obras de arte arcaicas, mesmo as que possuíam um caráter apenas mítico, como “as estátuas animadas” de que fala Platão, em seu diálogo *Mênon*. Dédalo trabalhava em Atenas e tinha como discípulo seu sobrinho Talos, que se destacou de tal maneira que provocou os ciúmes do mestre. Um dia, imitando a queixada de uma serpente, Talos inventou a serra. Dédalo, então, o precipitou do alto da Acrópole, matando-o. Condenado, Dédalo fugiu para a ilha de Creta, tornando-se o principal arquiteto do rei Minos. Este prometera, certa vez, a Posídon que lhe sacrificaria o primeiro animal que saísse do mar. O deus fez surgir um touro belíssimo, e o rei não cumpriu o prometido. Para castigá-lo, Posídon enlouqueceu o animal e fez com que a mulher de Minos, Pasífae, se apaixonasse loucamente pelo animal. Tendo a rainha recorrido a Dédalo, este fabricou de madeira uma vaca tão perfeita, tão semelhante a Pasífae, que enganou o touro. Pasífae foi colocada no interior do simulacro e assim pôde satisfazer a seus amores. Desses amores nasceu o Minotauro. Furioso com a cumplicidade de Dédalo, Minos proibiu-o de abandonar Creta e, em seguida, o encerrou com o filho Ícaro (que Dédalo tivera com uma escrava do palácio, Náucrates) no Labirinto, como castigo também, porque o grande arquiteto ensina a Ariadne, filha de Minos, como libertar seu amado Teseu, que havia sido lançado no Labirinto, para ser devorado pelo Minotauro, monstro metade homem, metade touro. Dédalo, no entanto, conseguiu fugir da terrível prisão, que ele próprio construía: fabricou, engenhosamente, dois pares de asas, com cera e penas e entregou um deles a Ícaro, a quem recomendou insistentemente que não voasse muito alto, porque o Sol derreteria a cera, nem muito baixo, porque a umidade tornaria as penas excessivamente pesadas. Feita a recomendação, os dois levantaram voo, mas Ícaro, não resistindo ao audacioso impulso de se aproximar do céu, subiu demasiadamente alto e, ao aproximar-se do Sol, a cera fundiu-se, destacaram-se as penas e Ícaro caiu no mar, que recebeu seu nome: mar de Ícaro (mar Egeu). Dédalo prosseguiu viagem e chegou a Cumas, Sul da Itália. Perseguido por Minos,

- refugiou-se na Sicília, na corte do rei Cócalos, que, por meio de um estratagema, matou ao rei Minos.
- (10) Argos foi um príncipe argivo de cem olhos, dos quais cinquenta estavam sempre abertos e vigilantes. Hera, com ciúmes de sua sacerdotisa, a ninfa Io, que Zeus cortejava, transformou-a em vaca e confiou-a à guarda de Argos. Zeus, todavia, ordenou a Hermes libertá-la. Hermes fez Argos adormecer ao som mavioso e irresistível de sua flauta, cortou-lhe a cabeça e libertou Io. Para compensar (ou castigar?) Argos, Hera transformou-o em pavão, em cujas penas espalhou cem olhos.
- (11) Pandora, “a cheia de todos os dons”, foi a primeira mulher, modelada por Hefesto e animada por Atená. Foi mimoseada com graças, sabedoria, talento, eloquência e grande beleza, daí o seu nome. Zeus, querendo castigar a humanidade, beneficiada por Prometeu, entregou àquela uma caixinha, onde estavam encerrados todos os males e enviou-a à Terra para tentar Prometeu: casar-se com ele e oferecer-lhe a caixinha como presente de núpcias. Prometeu, porém, “o que vê antes”, desconfiou, mas seu irmão Epitemeu, “o que vê depois”, aceitou Pandora como esposa e o presente de núpcias. Abriu a caixinha e as desgraças e misérias se espalharam pela Terra inteira. No fundo só ficou a esperança, com seus dois olhinhos verdes...
- (12) As Musas, filhas de Zeus e Mnemósina, são nove irmãs, frutos de nove noites de amor. Não são apenas as cantoras divinas, cujos coros e hinos enternecem a Zeus e aos deuses, mas presidem ao pensamento, sob todas as suas modalidades. Cada uma delas, por isso mesmo, tem sua função específica:
- Clio preside à história;
 - Euterpe, à música;
 - Talia, à comédia;
 - Melpômene, à tragédia;
 - Polímnia, à retórica;
 - Érato, à poesia coral;
 - Calíope, à epopeia;
 - Urânia, à astronomia;
 - Terpsícore, à dança.
- (13) Alóadas são os filhos de Posídon e Ifimedia: Efiltes e Oto. Orgulhosos de sua altura (dezesete metros) e de sua força, resolveram desafiar os deuses. Colocando o monte Ossa sobre o Olimpo e estes dois sobre o Pélion, ameaçaram escalar o céu e declararam-se apaixonados pelas deusas. Porque odiavam a

- Ares, lançaram-no durante treze meses num vaso de bronze, de onde foi retirado quase morto por Hermes. Zeus os fulminou.
- (14) Trata-se do mito de Procne e Filomela, filhas do rei de Atenas, Pandíon. Procne foi dada em casamento a Tereu, rei da Trácia, e dele teve um filho, Ítis. Tendo o rei violentado brutalmente a Filomela, para que ela não o denunciasse à irmã, cortou-lhe a língua. Representando sua desgraça sobre um pedaço de linho, Filomela fez-se compreender por Procne. Esta, para vingar-se, matou o próprio filho Ítis e serviu-lhe as carnes, num banquete, ao pai. Tereu descobriu o horrendo crime e perseguiu as irmãs, que se refugiaram em Dáulis, na Fócida. Ameaçadas por Tereu, imploraram a proteção dos deuses, que as transformaram, respectivamente, em andorinha e rouxinol. Tereu foi metamorfoseado em gavião e Ítis (a versão é mais recente) o foi em pintassilgo.
- (15) Os sátiros eram companheiros habituais de Dioniso ou Baco. Semideuses rústicos, maliciosos e petulantes, de nariz arrebitado e chato, com corpo peludo, cabelos eriçados, dois pequenos chifres na testa, pés e pernas de bode, personificavam os instintos e as forças da natureza. Nas celebrações do culto dionisiaco, os participantes disfarçavam-se em sátiros, bodes (em grego bode se diz *trágos*) e, como celebrassem a Baco, cantando (em grego canto é *oidé*), teria nascido daí a palavra tragédia, isto é, *trágos+oidé+ia*, em latim *tragoedia*, fonte de nossa tragédia. Mais tarde os atores, além do mais, usavam obrigatoriamente máscara e a indumentária trágica foi aperfeiçoada, ao que parece, a partir do grande trágico Êsquilo. Os atores, além da máscara, vestiam um manto riquíssimo e calçavam o coturno. (Para um estudo pormenorizado do assunto, consulte-se nosso livro recente – *Teatro grego: origem e evolução*, Rio de Janeiro, 1980.)
- (16) Odisseús, Ulisses, após a Guerra de Troia, que durou dez anos, errou mais dez, por terra e por mar, até retornar à pátria, a ilha de Ítaca, onde o aguardavam seu pai Laerte, a esposa Penélope, o filho Telêmaco e o alquebrado cão Argos.
- (17) Aurora, *Eós*, em grego, a de dedos cor-de-rosa, como lhe chama Homero, é filha de Hiperíon e Teia e irmã de Hélio (Sol) e de Selene (Lua), pertencendo, portanto, à primeira geração divina, a dos Titãs. É mãe dos ventos (Bóreas, Zéfiro e Noto), bem como da Estrela matutina (Eósforo) e dos Astros. Deusa da manhã, sua função é abrir ao Sol as portas do Oriente. Surge diariamente do Oceano com seu manto amarelo e sobe ao céu

conduzida por um carro dourado tirado por quatro cavalos alados. Após um rosário de amantes, raptou Titono, da raça troiana e o levou para a Etiópia, onde lhe deu dois filhos: Emátion e Mêmnon. Este último reinou sobre os Etíopes e morreu lutando contra Aquiles, em Troia. Aurora chorou tanto a morte do filho que suas lágrimas formaram o orvalho matutino. Tendo pedido a Zeus a imortalidade para seu esposo Titono, não se lembrou de pedir-lhe também a eterna juventude. Daí resultou apresentar-se ele, com o passar dos anos, em completa decrepitude. Contristada com o medonho estado físico do esposo, Aurora o encerrou em seu palácio, mas, à força de envelhecer, Titono transformou-se em cigarra.

- (18) Apolo era representado como um deus muito alto e belo. Seus cabelos, em longos cachos negros, com reflexos azulados, como pétalas do pensamento, lhe caíam sobre os ombros. Era o deus dos oráculos, da poesia, da medicina, das artes e da música. Coroado de louros, com sua lira presidia ao coro das Musas e das Graças e, no Olimpo, divertia os imortais.
- (19) O Teatro Grego, geralmente construído num declive, era ao ar livre, como atestam, entre outros, o Teatro de Dioniso em Atenas e o de Epidauro. As grandes festas em honra de Dioniso ou Baco (As Dionísias Urbanas) celebravam-se na primavera e duravam seis dias, sendo os três últimos dedicados aos concursos de tragédias e comédias.
- (20) Mársias era um famoso sátiro frígio, inventor da flauta de dois tubos, por oposição ao *Sýrinx*, flauta do deus Pã. Pretencioso, quis rivalizar com Apolo em talento musical e desafiou-o para uma competição. Aceito o desafio, ficou convencido que o vencedor disporia da sorte do vencido. Derrotado por Apolo, segundo o julgamento das Musas, Mársias foi amarrado a uma árvore e esfolado vivo.
- (21) Para sair do Labirinto (vide nota 9), Teseu teve o auxílio precioso de Ariadne, que por ele se apaixonara. Para facilitar-lhe a fuga, deu-lhe a filha de Minos um fio condutor, com o qual pôde Teseu escapar do Labirinto, depois de haver liquidado o monstruoso Minotauro. Em seguida, Ariadne fugiu com Teseu, mas foi abandonada na ilha de Naxos. Achava-se ali, sobre um rochedo, a chorar a ingratidão de Teseu, quando lhe apareceu Baco. Fascinado pela beleza de Ariadne, tomou-a por esposa e a conduziu para o Olimpo. Como presente de núpcias deu-lhe Baco um diadema de ouro, obra de Hefesto. O diadema tornou-se, depois, uma constelação.

- (22) Oceano é o mais velho dos Titãs, filho de Úrano e Geia, união essa idealizada porque o céu se une aparentemente à terra, na linha do horizonte visual. Casou-se com sua irmã Tétis: desse consórcio nasceram Proteu, Nereu, as Oceânidas, os rios e as fontes. Tétis, a rainha das ondas espumantes, passeava por sobre as vagas com seu carro maravilhoso, feito de concha de cor nacarada, conduzido por níveis cavalos-marinhos. Personifica a água na sua força fecunda.
- (23) Nereu é o velho do mar, filho, como se viu, de Oceano e Tétis. Desposou sua irmã Dóris e dessa união nasceram as Nereidas. Deus marinho, bem mais antigo que Posídon, é a imagem do mar calmo e tranquilo. Como a maioria das divindades marinhas, Nereu possui o poder de se metamorfosear em animais e seres diversos. Esse poder, já que era sábio adivinho, ele o usava para fugir a toda e qualquer pergunta. Para obter-lhe qualquer resposta, era preciso surpreendê-lo (sobretudo dormindo) e segurá-lo com toda a força, como o fez Hércules, quando desejou saber a localização do Jardim das Hespérides.
- (24) Alfeu, apaixonado caçador, entregava-se a seu divertimento predileto quando viu a ninfa Aretusa a banhar-se nas águas cristalinas de um regato. Deslumbrado ante tanta beleza, desejou possuí-la, mas a ninfa fugiu, sempre perseguida pelo caçador, até que, chegando à ilha de Ortígia, no meio do porto de Siracusa, na Sicília, pediu socorro à deusa Ártemis. Esta transformou Aretusa em fonte e Alfeu em rio. Mesmo assim, o rio Alfeu continuou apaixonado e é por isso que suas águas doces atravessam o mar e, sem se misturarem com as salgadas, unem-se amorosamente às águas da fonte Aretusa.
- (25) Trata-se de Nereu (vide nota 23).
- (26) Glauco foi um célebre pescador da Beócia. Era filho de Posídon e de uma Náíade. Quando nasceu, era de raça mortal, mas tendo provado de uma erva que proporcionava a imortalidade, tornou-se deus do mar. Purificado pelas Ninfas do que possuía de mortal, tomou outra forma: uma grande cauda de peixe e uma barba imensa com reflexos verdes. Ademais, recebeu o dom da profecia. Apaixonou-se por Cila, irritando, com isso, a Circe, que o amava. Para vingar-se, a feiticeira misturou certas ervas mágicas às águas da fonte em que se banhava Cila e esta foi transformada em monstro, que ficava de um lado do estreito de Messina; do outro ficava Caribdes. Daí a expressão: escapar de Cila e cair em Caribdes.

- (27) Para se imortalizar, Hércules, filho de Zeus e Alcmena, princesa tebana, teria de sugar o leite da deusa Hera, esposa de Zeus. Hera que tentava e tentaria, de todos os modos, liquidar o filho de Alcmena (símbolo da fase catártica por que passa todo herói), jamais daria de mamar a Hércules. A empresa difícilíssima foi entregue a Hermes, que esperou a deusa adormecer e colocou Hércules a sugar o leite divino. Hera levou tamanho susto, e empurrou o menino com tanta força, que o leite espirrou no céu e formou a Via-Láctea.
- (28) As portas do Hades (Inferno) eram guardadas por Cérbero, cão imenso de três cabeças, cauda de serpente e com o dorso também coberto de cabeças de serpente. Impedia os vivos de lá entrarem, e quando isto acontecia, não lhes permitia a saída.
- (29) Caronte (vide nota 2) transportava somente as almas que houvessem recebido sepultura. As demais ficavam girando no espaço por cem anos e, aí sim, eram levadas para a outra vida.
- (30) Quatro, como já se disse, eram os rios que se atravessavam na ida para o Hades. Na volta, porque todas as almas (exceto as condenadas ao Tártaro) se reencarnavam, após uma “oportunidade” lá embaixo, só se cruzava um rio: o Letes, o rio do esquecimento.
- (31) Em si o Hades estava dividido em três compartimentos. Dois temporários: o Érebo e os Campos Elísios. Ia-se para o primeiro ou para o segundo, dependendo de um maior ou menor grau de culpabilidade. O Tártaro era eterno. Lá eram lançados para sempre os grandes criminosos, mortais e imortais. Não raro, como acontece na *Eneida* de Vergílio, canto VI, iam para o Tártaro os politicamente inimigos do Imperador Augusto! Os incríveis tormentos do Tártaro são descritos minuciosamente no canto supracitado do poema épico do Cisne de Mântua. Lá, em escuridão profunda e chafurdados em lama imunda, rolando rochedos montanha acima ou presos em rodas, que giram sem cessar, estão os grandes culpados, em companhia naturalmente de Cássio, Bruto, Cleópatra, Marco Antônio... Os grandes tormentos dos réprobos têm por instrumento as Erínias ou Fúrias: Alete, Tisífone e Megera, que chicoteavam os condenados, perseguiam-nos com tições acesos ou os faziam recordar ininterruptamente os crimes cometidos.
- (32) Os Gigantes, monstros de porte colossal, filhos de Úrano e Geia, rebelaram-se contra Zeus. Sobrepueram o monte Ossa sobre o Olimpo e os dois sobre o Pélion e tentaram escalar o

- céu. Zeus os fulminou com raios forjados por Hefesto e os lançou no Tártaro.
- (33) Aracne era uma lindíssima jovem lídia de extraordinária habilidade na arte de tear e bordar. Nesse mister, tendo desafiado e vencido a deusa Atená, esta, levada pelo despeito, lançou-se contra Aracne, despedaçou-lhe os trabalhos e não lhe permitindo enforcar-se, transformou-a em aranha.
- (34) Sob a forma de cisne, Zeus conquistou Leda, esposa de Tíndaro. Como resultado desses amores, Leda botou um ovo gigante, de que saíram dois grupos de gêmeos: Castor e Pólux; Clitemnestra e Helena; Pólux e Helena, imortais; Castor e Clitemnestra, mortais. Para atrair Europa, filha de Agenor, rei da Fenícia, Zeus metamorfoseou-se em touro. Levou-a para a ilha de Creta e fê-la mãe de Minos e Radamanto, mais tarde juízes dos Infernos.
- (35) Atlas é um Gigante, filho de Jápeto e da oceânida Clímine e irmão de Prometeu, Menécio e Epimeteu. Pertence à raça divina dos “homens violentos”, anterior à geração dos Olímpicos. Participou da luta dos Gigantes (Gigantomaquia) contra Zeus. Derrotados os Gigantes, Atlas foi condenado a sustentar nos ombros a abóbada celeste. “Sua residência” estava situada no Extremo Ocidente, perto do Jardim das Hespérides ou no País dos Hiperbóreos.
- (36) Héracles, o Hércules dos latinos, após matar num ataque de loucura provocado por Hera a seus próprios filhos que tivera de Mégara e alguns sobrinhos, foi condenado pelo Oráculo de Delfos a servir seu primo Euristeu por doze anos. Euristeu impôs ao herói os célebres Doze Trabalhos, que simbolizariam “as provas catárticas” por que deve passar a alma para libertar-se da servidão do corpo e das paixões até a apoteose final. O monstro de nove cabeças é o segundo trabalho do grande herói: trata-se da Hidra de Lerna. Na luta contra este monstro Hera enviou contra Héracles um caranguejo monstruoso que lhe mordeu o calcanhar. Héracles, todavia, o esmagou. Como prêmio por sua contribuição na luta contra o filho de Alcmena, Hera transformou o Caranguejo em constelação: é o signo de Câncer.
- (37) Trata-se do mito de Dédalo e Ícaro (vide nota 9).
- (38) Édipo, o desditoso filho de Laio e Jocasta, condenado a “matar o pai e casar-se com a própria mãe”, resolveu enfrentar a Esfinge, que se postara às portas de Tebas. Afinal, a mão de Jocasta era o prêmio do vencedor. O célebre enigma proposto pelo monstro

é, literalmente, o seguinte: “Qual o ser que anda ora sobre dois pés, ora sobre três, ora sobre quatro e que, contrariamente à lei geral, é o mais frágil, quando usa o maior número de pés?” “O homem.” Esta resposta de Édipo deu-lhe o trono de Tebas e a mão de sua mãe Jocasta...

- (39) Acerca dos Anões na mitologia germânica (vide nota 3).
- (40) A grande narradora de histórias fantásticas na mitologia germânica é a “sábua” Wola. É ela que fala da gigantesca e eternamente verde árvore Igdrasil, cujas raízes mergulham na fonte da eterna juventude e cujos ramos tocam o céu. Cercam-nas as Valquírias, “moças de grande saber”. A grande vítima acorrentada ao penhasco de Gryppa, na visão de Wola, é o gigante Garmer, cuja semelhança com prometeu é evidente. O “titã” helênico, mandado acorrentar por Zeus, tinha o fígado devorado diariamente por um abutre, fígado esse que renascia a cada noite.
- (41) Na mitologia egípcia, na grega e na germânica, para citar apenas estas, tudo começa por um vasto caos ou abismo. E é a partir do Ginnung que se inicia a criação.
- (42) O grande herói da “espada encantada” é Siegfried. A história é longa. Vamos sintetizá-la. Na luta entre os heróis Sigmund e Hunding, por causa da esposa deste, Siglind, a Valquíria Brunilda, contrariando as ordens de Odín, tentou salvar a vida de Sigmund, cuja morte fora decretada por aquele. Morto Sigmund, Brunilda conduziu Siglind, que estava grávida, para local seguro. Odín, todavia, condenou Brunilda a um sono profundo e rodeou seu leito, no alto de um penhasco, de uma torrente de fogo tão espantosa que só lograria chegar até a Valquíria e acordá-la com um beijo aquele que desconhecesse o medo. Siglind, no entanto, tendo dado à luz ao filho de Sigmund, que se chamou Siegfried, faleceu. Foi exatamente Siegfried que, mais tarde, com a espada mágica de seu pai Sigmund, transpôs a barreira de fogo, que cercava o leito de Brunilda e a despertou, casando-se com ela.
- (43) Afrodite, consoante a etimologia popular, provém de *aphrós*, espuma do mar. É que do sangue de Úrano, castrado por Cronos, parte caiu no mar e formou uma *aphrós*, uma espumada, de que nasceu Afrodite. Nascida da semente de Úrano (semente em grego se diz *spérma*), Afrodite tornou-se a deusa do amor e da beleza, cuja hipóstase é Éros, o próprio amor. Um dos pontos altos do romance – o diálogo de Auda e Rolando – o Autor descreve o ato sexual em linguagem simbólica. A

forquilha e o Y da árvore evocam a imagem de uma mulher com as pernas abertas. A cobra e a macieira – a tentação de Eva no Paraíso. “Eu falo, falo, falo” – *phalus erectus*. O cocho cheio, suspendia-se o pau do monjolo – o ato da ereção. A chaminé da fábrica – símbolo fálico. Expelia fumaça – ejaculação. Faca – símbolo fálico. Bainha – vagina. Toco – símbolo fálico. Pedaco de cana – símbolo fálico. O riachinho escorria um filete de água limpa – ejaculação, esperma. Bambu – símbolo fálico. Galho seco – símbolo fálico. Linha reta – símbolo fálico. As garças vinham que pousavam – a brancura das garças representa a pureza da donzela imaculada; e o voo, a indecisão. O vento – o curso do destino. O Menino – Cupido. A barra do vestido rasgado, a renda, o véu – o hímen. O baque surdo do monjolo socando arroz – o ato sexual. As jabuticabeiras já estavam prontas para as florzinhas – fecundação. Berrava a vaca chamada Audunlada, que ia ter de novo bezerrinhos – gravidez. O arco-íris, bifronte – unindo dois pontos – como uma ponte imensa ao lado da cachoeira – união de dois corpos, o do homem e o da mulher. Arco-íris – símbolo fálico. Ponte – símbolo fálico. Cachoeira – ejaculação.

- (44) Dafne é uma ninfa, filha do rio Peneu e de Geia. Seu nome em grego, *dáphne* significa loureiro, a árvore amada de Apolo. É que perseguida pelo deus, que por ela se apaixonara, fugiu e invocou a proteção de seu pai Peneu, sendo metamorfoseada em Loureiro.
- (45) Não tendo filho homem para suceder-lhe no trono, Acrísio, rei de Micenas, dirigiu-se ao oráculo de Delfos para saber como poderia ter um herdeiro. A resposta foi fulminante: “Não terás filho varão e teu neto te matará”. Foi o bastante para que o rei mandasse construir uma câmara subterrânea e nela encerrasse sua filha Dânae. Zeus, “o fecundador”, porém, penetrou na câmara de bronze subterrânea sob a forma de chuva de ouro e fecundou a princesa, que se tornou mãe de Perseu, “o destruidor”, que um dia, sem o querer, matará seu avô Acrísio.
- (46) Eros, o cupido dos latinos, era filho de Ares e de Afrodite. Deus astuto, brincalhão e cruel, tiraniza os deuses e os homens e se diverte com suas vítimas. Espalhando sobre a terra a vida, a alegria e a fecundidade, impera no coração humano e em toda a natureza. Simboliza a força misteriosa da afinidade universal, que atrai os seres e os elementos, unindo-os em íntima harmonia, para a maravilhosa obra da geração da vida. Armado de

arco e flecha, sua pontaria é certa e mortal: não há fígado ou coração que lhe possa fugir.

- (47) Audumla é a vaca sagrada, mãe de três deuses: Odin, Vili e Ve. De seu ubre corria abundante leite, alimento dos Gigantes. Para se nutrir pôs-se ela a lamber blocos de gelo e, no fim de três dias, fez sair deles seu filho Buri (o procriador) que, por seu turno, deu à luz Bor. A vaca Audumla, na mitologia germânica, é o símbolo da fecundidade. A ponte é *bifrost*.
- (48) Wola ou Erda, esposa de Odin, “a sábia”, narra, numa visão profética, a catástrofe final. Aliás, na mitologia germânica sempre houve uma constante: homens, deuses e Universo, nada era eterno. Todos estavam submetidos a uma lei fatal: o Destino. Um dia, envelhecidos e desgastados pelas faltas cometidas pereceriam todos num combate gigantesco, para que surgisse um novo mundo, limpo e pacífico. Essa catástrofe assombrosa, relatada num dos mais belos poemas do *Edda*, é conhecida com o nome de Crepúsculo dos Deuses, denominação aliás imprópria, mas consagrada pela tradição. A batalha final foi travada entre o pérfido Loki, unido aos Gigantes e aos Demônios e os Ases. Tudo acabou, mas tudo iria recomeçar...
- (49) Perseu era um filho que Zeus, metamorfoseado em chuva de ouro, tivera da princesa Dânae, filha de Acrísio. Como o Oráculo predissera que o rei seria assassinado pelo neto, Acrísio encerrou-o com Dânae em uma caixa e os lançou ao mar. Encontrados pelo pescador Díctis, foram conduzidos à ilha de Sérifos, onde reinava o irmão de Díctis, Polidectes. Mais tarde, tendo o rei se apaixonado por Dânae e querendo desposá-la, procurou livrar-se do enteado, para o que lhe ordenou fosse combater as Górgonas (Ésteno, Euríale e Medusa) e lhe trouxesse a cabeça da última, a única mortal das três e cujos olhos tinham o poder de petrificar a quantos os olhassem. Polidectes estava certo de que Perseu pereceria na empresa, mas os deuses vieram em auxílio do filho de Dânae: Hermes emprestou-lhe suas sandálias aladas, uma espada e um alforje para colocar a cabeça do monstro; Plutão deu-lhe seu capacete, para torná-lo invisível; e Atená, seu escudo de bronze, polido como um espelho. Assim equipado, o herói dirigiu-se ao esconderijo das três irmãs das Górgonas, isto é, as Velhas Greias (Enio, Pefredo e Dino) e cuja função era barrar o caminho a quem se dirigisse à gruta, onde se escondiam suas irmãs, as Górgonas. Como as Greias usassem em comum apenas um olho e um dente, o filho

de Dânae, colocando-se atrás delas, os arrebatou, obrigando-as a revelar onde se escondiam as irmãs. Dirigiu-se rapidamente para o local indicado e encontrou os três monstros em sono profundo. Não podendo olhar para Medusa, refletiu-lhe a cabeça no escudo polido de Atená e cortou-lhe o reflexo, isto é, a cabeça. Do sangue de Medusa nasceu o cavalo Pégaso, no qual fugiu. Dirigindo-se para o Oriente, chegou à Líbia, onde libertou Andrômeda, filha de Cassiopeia e Cefeu, a qual estava condenada a ser devorada por um monstro marinho. Em companhia de Andrômeda retornou à ilha de Sérifos. Sabedor de que, em sua ausência, Polidectes maltratara-lhe a mãe e o velho amigo Díctis, petrificou-o com a cabeça de Medusa e entregou o trono a Díctis. Após doar a cabeça de Medusa a Atená, que a colocou bem no centro de seu escudo, e devolver os objetos emprestados por Hermes e Plutão, partiu para Argos, levando consigo Dânae, Andrômeda e alguns Ciclopes. Chegou a Argos, sua terra natal, exatamente no momento em que se celebravam jogos em honra de seu pai Zeus. Como herói que era, participou da competição, mas com tanta infelicidade que o disco por ele lançado foi vitimar seu avô Acrísio, que presidia os jogos. Cumpriu-se a Moira, anunciada pelo oráculo.

- (50) Trata-se do mitologema de Jasão e Medeia. Em Iolco na Tessália, reinava Esão, pai de Jasão. Destronado por seu irmão Pélias, Esão entregou o filho ao Centauro Quirão, para ser por este educado, e retirou-se da cidade. Ao atingir a maioridade, Jasão voltou a Iolco e reclamou o trono. Pélias condicionou a devolução do poder à conquista por Jasão do Velocino de Ouro, que o rei sabia ser guardado por um dragão, no bosque sagrado de Ares, na Cólquida, onde reinava o cruel Eetes, pai de Medeia. Entusiasmado com a empresa, Jasão partiu na Nau Argos, acompanhado de cinquenta e cinco heróis. Depois de longa viagem, tendo passado, entre outros locais, pelas ilhas de Lemnos e Samotrácia e pelos terríveis “Rochedos Azuis”, denominados Simplégades, os Argonautas chegaram à Cólquida. Apresentando-se a Eetes, este prometeu devolver o Velocino de Ouro, desde que Jasão executasse, de sol a sol, quatro tarefas impossíveis para qualquer mortal; pôr o jugo em dois touros de pés e cornos de bronze e atá-los a uma charrua; lavar com eles uma vasta área e nela semear os dentes do dragão morto por Cadmo na Beócia; matar os gigantes que nascessem desses dentes; matar, por fim, o dragão que guardava o Velocino de Ouro, no bosque do deus Ares.

Jasão, que havia conquistado o amor de Medeia, mágica famosa, dela obteve, sob promessa de casamento, todos os meios e ingredientes necessários para uma completa vitória. Face à recusa de Eetes, que se negou a cumprir a promessa de devolver o Velocino, caso Jasão executasse as tarefas impostas, o que realmente aconteceu, o herói fugiu com Medeia, levando o Velocino de Ouro. De volta a Iolco, o herói entregou o Velocino a Pélias, mas também este não cumpriu a promessa e se recusou a devolver-lhe o trono. Para vingar o marido, Medeia fez com que as filhas de Pélias matassem o pai. Perpretado o crime, o casal, já agora com dois filhos, fugiu para Corinto, onde reinava o idoso Creonte, pai de Glauce ou Creúsa, por quem Jasão acabou se apaixonando, pretendendo, com isso, abandonar a legítima esposa. Esta, inconformada com a traição do marido, enviou à rival uma túnica envenenada, que a devorou em chamas, bem como a Creonte, que tentou socorrê-la. E, após matar os dois filhos, que tivera de Jasão, fugiu pelos ares em um carro puxado por dragões alados e foi ter a Atica, onde desposou Egeu, rei de Atenas.

- (51) Os Hecatonquiros são gigantes dotados de cem braços e de cinquenta cabeças. Chamam-se Coto, Briaréu e Giges. Filhos de Mano e Geia, pertencem à mesma geração dos Ciclopes. Lutaram ao lado de Zeus contra os Titãs.
- (52) Trata-se de Fênix, ave fabulosa, que, consoante o mito, vivia muitos séculos e, queimada, renascia das próprias cinzas.
- (53) Quimera, monstro horrendo, filha da serpente Êquidna e de Tifão. Tinha cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente, enquanto sua boca dardejava um turbilhão de fumo e de fogo.
- (54) Deusa de três cabeças é Hécate, que não passa de uma hipótese de Ártemis. Por ser a senhora das encruzilhadas de três caminhos, os latinos chamaram-na Trívia. Hécate é a deusa dos espectros e das invocações infernais.
- (55) “A fórmula execratória” que se segue é vazada em forma e ritmo de coro grego. Muitos são os deuses invocados: Zeus, Hera, Posídon, Apolo, Íris, Aurora, Atená. Posídon, filho de Cronos e Reia, irmão de Zeus. Em partilha com seus irmãos coube-lhe o império das águas. Empunhando o Tridente, fazia tremer a terra e os mares. Por ser o deus do mar, possuía uma cabeleira azulada. Hera, irmã e esposa de Zeus, era a rainha do Olimpo. Os epítetos “olhos de vaca” e de “níveos braços” foram-lhe outorgados pela *Ilíada* de Homero.

Apolo, filho de Zeus e Leto, era o deus por excelência dos oráculos, da poesia, da medicina, das artes, da música e da beleza masculina. Hábil atirador, de seu arco de prata sibilavam flechas infalíveis.

Zeus, pai dos deuses e dos homens, era o deus dos raios e dos trovões. Supremo rei do Olimpo, senhor do mundo, agitava o Universo com um simples movimento de sua cabeça. Quando morreu a cabra Amalteia, que o aleitara, Zeus cobriu seu escudo com a pele de Amalteia (em grego cabra é *aíx*, *aigós*, donde égide), tornando esse escudo (égide) o símbolo de seu poder e força.

Íris, filha de Taumas e Electra, simbolizava o arco-íris ou mais precisamente um elo entre o Céu e a Terra, entre os deuses e os homens. Graças à velocidade de Íris, foi ela escolhida para mensageira dos deuses, como Hermes, mais particularmente da deusa Hera.

De Aurora já tratamos (vide nota 17).

Olhos de coruja era o epíteto principal de Palas Atená, deusa sobretudo da paz e da inteligência. “Olhos de coruja” explica-se exatamente por ser Atená a deusa da sabedoria, já que a coruja, segundo os gregos, somente enxerga à noite, espantando, com isso, as trevas da ignorância.

- (56) Trata-se aqui de uma parte do mito de Medeia, de que já tratamos, resumidamente, na nota 51. É que Pélias, recebido o Velocino de Ouro, recusou-se a devolver o trono a Jasão, segundo prometera. Medeia, que, por meio de poções mágicas, havia rejuvenescido a seu sogro Esão, ensinou às filhas de Pélias como rejuvenescer o pai. O que Medeia tinha em mente, e o conseguiu, era vingar a ofensa feita a seu marido. Aconselhou às filhas do rei que o degolassem e, fazendo-o em pedaços, o pusessem a ferver num caldeirão, donde, por suas artes mágicas, ela, Medeia, o faria ressurgir remozado. Acreditando na magia de Medeia, as jovens não vacilam em matar o pai, debalde esperando pela prometida ressurreição.
- (57) Alusão ao rapto de Perséfone por Plutão, rei do Hades. Perséfone ou Core, filha de Zeus e Deméter, foi raptada pelo deus dos Infernos, no momento em que colhia um narciso à beira de um abismo, e tendo caído, foi levada pela carruagem de Plutão. Procurou-a Deméter por toda parte, até que dela teve notícias em Elêusis, onde se fazia o encontro de Perséfone e Deméter, porque Plutão permitiu que a esposa passasse seis

- meses com ele no Hades e seis com a mãe, na Terra, quando então se celebravam os célebres mistérios de Elêusis.
- (58) Frixo e Hele, filhos do rei Átamas e Néfele, eram perseguidos por Ino, segunda esposa do rei. Zeus, por isso mesmo, enviou-lhes um carneiro voador de velo de ouro, que conduziu Frixo até a Cólquida, porque Hele, por causa de uma vertigem, caiu no mar, no estreito denominado, por isso mesmo, Helesponto, Mar de Hele.
- (59) A respeito dos Sátiros (vide nota 15).
- (60) Sileno, filho de Hermes ou Pã e de uma ninfa, é um nome genérico para qualificar os Sátiros envelhecidos, mas designa sobretudo o velho Sileno, pai desses mesmos Sátiros. Gordo, peludo, barrigudo, de nariz arrebitado, alegre e quase sempre bêbado, seguia, montado num asno, o cortejo de Baco. Sátiros e Mênades amparavam-lhe o corpo cambaleante. Quando sóbrio, o que era muito raro, Sileno era tido como excelente cantor, poeta e adivinho.
- (61) Flora, deusa das flores e dos jardins entre os romanos. Apesar de ser uma divindade tipicamente itálica, Ovídio atribuiu-lhe um mito grego, fundindo-a com a ninfa helênica Clóris, graciosa alegoria da primavera. Em honra de Flora celebravam-se, anualmente, as *Floralia*, a festa das flores.
- (62) Pomona era uma ninfa de grande beleza, deusa dos frutos e dos jardins.
- (63) Driades eram ninfas dos bosques e das florestas, que habitavam as cascas dos carvalhos. Embora sua vida estivesse ligada à de uma árvore, podiam vaguear livremente, o que não acontecia com as Hamadriades.
- (64) Referência ao desafio de Aracne a Atená, a minerva dos latinos (vide nota 33).
- (65) Eco é o nome de uma ninfa dos bosques e das fontes, em torno da qual se formaram lendas para explicar a origem do eco. Ora Eco é amada pelo deus Pã, que ela repele, ora Eco ama loucamente o bellissimo Narciso, que a despreza, mas sempre, ao morrer, por motivo de uma paixão, Eco é transformada em rochedo e condenada a não falar, senão quando interrogada, e a repetir apenas as últimas sílabas das palavras que lhe foram dirigidas.
- (66) Belona é uma deusa romana da guerra. A princípio, uma divindade maldefinida, foi a pouco e pouco confundida com a terrível deusa grega Enio, uma das Greias. Filha ou esposa

- do deus Marte, sua função é atrelar e conduzir o carro do deus da guerra. Tem sempre nas mãos uma tocha, espada ou lança.
- (67) Délia é um dos epítetos de Ártemis, irmã gêmea de Apolo. O epíteto se deve ao fato de os gêmeos terem nascido na ilha de Delos. Ártemis é a personificação da Lua, que erra nas montanhas, como Apolo o é do Sol. Com o nome de Hécate, a Trívia dos latinos, está ligada ao mundo das sombras e preside à magia.
- (68) Trata-se de Sileno (vide nota 60).
- (69) Dioniso ou Baco, filho de Zeus e Sêmele, foi educado, consoante o mito, no Monte Nisa, pelos Sátiros. Lá, em sombria gruta, cercada de frondosa vegetação e em cujas paredes se entrelaçavam galhos de viçosas vides, vivia feliz o filho da princesa Sêmele. Certa vez, Dioniso colheu alguns desses cachos, espremeu-lhes as frutinhas em taças de ouro e bebeu o suco em companhia dos Sátiros e Ninfas. Todos ficaram conhecendo então o novo néctar: o vinho acabava de nascer. Bebendo-o repetidas vezes, Sátiros e Ninfas, sob o comando de Baco, começaram a dançar vertiginosamente, ao som dos címbalos. Embriagados do delírio báquico, todos caíram por terra semidesfalecidos.
- Na mitologia latina Dioniso foi confundido com o deus Liber, que significa livre. Semanticamente, Liber, livre, é uma aproximação com um dos epítetos mais frequentes de Dioniso, isto é, Lieu, o Liberador.
- (70) As três moças bordadeiras são as Cárites (vide nota 8).
- (71) Alfeu (vide nota 24).
- (72) Aglaé é uma das Cárites (vide nota 8).
- (73) As nove irmãs são as Musas (vide nota 12). Através de cada uma delas, nesta belíssima encenação dramática, coseando a *Ilíada* com a *Odisseia*, o autor nos dá uma síntese admirável dos principais episódios dos dois imortais poemas homéricos.
- (74) Atrida é o epíteto de Agamêmnon e de seu irmão Menelau, enquanto filhos de Atreu, rei de Micenas. Agamêmnon foi o comandante-em-chefe dos reis gregos que lutaram contra Troia ou Ílion.
- (75) Mensageira é Iris, de que já se falou (vide nota 61), e o Alto Poder é Zeus, confundido, frequentemente, nos poemas homéricos com a própria Moira, o destino cego.
- (76) Nestor, rei de Pilos, fez-se notar, na Guerra de Troia, por sua justiça, prudência, experiência, sabedoria e eloquência.

- (77) O episódio da Cólera de Aquiles, no nono ano da Guerra de Troia, é o assunto da *Ilíada* de Homero. Filho de Tétis e Peleu, Aquiles é o herói central da luta contra os troianos. Tendo-se revoltado contra Agamêmnon, que lhe tomara a linda escrava Briseida, o herói retirou-se da luta. Com isso os Troianos chegaram até mesmo a incendiar alguns navios gregos. Agamêmnon, temendo a derrota, enviou-lhe uma embaixada em que, além de Briseida, lhe oferecia ricos presentes, para que o filho de Tétis voltasse ao combate. Aquiles permaneceu impassível. Seu amigo íntimo, no entanto, Pátroclo, tomou-lhe as armas emprestadas e lutou valentemente, mas foi morto por Heitor, o grande herói troiano. Enlouquecido pela dor, Aquiles jurou que não sepultaria Pátroclo, enquanto não matasse Heitor. E cumpriu a promessa.
- (78) Ulisses é o herói da *Odisseia*. O nome Ulisses provém da forma dialetal grega *Uliksés*, já que a forma clássica grega é *Odysseús*. É muito longa a lenda do *nóstos* (do retorno) de Ulisses e, por isso mesmo, vamos nos ater somente às referências feitas pelo autor, procurando, no entanto, englobá-las numa única sequência narrativa.
- Canonicamente, Ulisses é filho de Laerte, rei da ilha de Ítaca e de Anticleia. Mas existe uma variante, aliás desconhecida dos poemas homéricos: Anticleia, antes de se casar com Laerte, teria sido amada pelo mais inescrupuloso e astuto dos homens, Sísifo, quando hóspede de Acrísio, avô de nosso herói. Filho de Laerte ou de Sísifo, mas, com certeza, filho de Anticleia, Ulisses tem ancestrais divinos: pelo lado paterno, Prometeu, e, pelo materno, Posídon.
- Casado com Penélope, filha de Tíndaro, que, entre tantos pretendentes, escolheu Ulisses, porque este o aconselhou a exigir de cada um deles o juramento de respeitar o que Tíndaro escolhesse e de prometer que ajudaria o eleito a conservar a esposa, caso esta viesse a ser disputada por alguém.
- Deste juramento nasceria a Guerra de Troia, tão logo Páris raptou Helena. Casado, há pouco tempo, tentou fugir à Guerra, fingindo-se louco. Desmascarado por Palamedes, foi obrigado a partir com os demais reis gregos para Troia, deixando seu filho Telêmaco com um ano de idade apenas. No cerco de Troia, que durou dez anos, mostrou suas qualidades de guerreiro destemido, de hábil e astuto diplomata, de sábio conselheiro, e o idealizador do *equus troianus*, do célebre cavalo de madeira, que pôs fim a uma luta de dez anos! Sempre que lhe

foi possível, o rei de Ítaca substituiu a força e a violência pelo ardil e pela inteligência, qualidades que há de demonstrar, em grau superlativo, em seu tumultuado *nóstos* (retorno) ao lar. Na realidade, Ulisses é uma espécie de meio-termo entre Aquiles e Heitor.

Inúmeras vicissitudes marcaram-lhe a nostalgia... Finda a Guerra, o herói com seus doze navios (leia-se o Catálogo das Naus no canto II da *Ilíada*) inflou as velas e partiu, mas violenta tempestade o desviou para o país dos Cicônios, na Trácia, onde, com seus nautas, saqueou a cidade de Ísmara, matando a todos os habitantes, exceto um, Marón, sacerdote de Apolo: esse Marón deu-lhe de presente doze jarros de vinho delicioso e forte, que há de salvar-lhe a vida daqui a pouco... De lá singrou para o sul, mas, surpreendidos, ele e seus nautas, por terrível vendaval, aportaram já exaustos em Citera. Prosseguindo viagem, erraram nove dias, até que chegaram à terra dos Lotófagos, homens estranhos que se alimentavam de loto, a planta do “esquecimento”. Tendo os companheiros provado da planta amnésica, a custo Ulisses conseguiu trazê-los de novo à vida para novas aventuras.

Navegando para o norte, chegaram a uma ilha, coberta de árvores e povoada de cabras gordas. Enquanto Ulisses e doze marinheiros vasculhavam uma gruta imensa, surgiu seu habitante e proprietário: o disforme Ciclope Polifemo, com um só olho no meio da testa e mais alto que o píncaro das montanhas. Perguntando aos berros ao herói como se chamava, o astuto Ulisses respondeu-lhe chamar-se *Ú-TIS*, isto é, Ninguém: esta resposta célebre, somada ao vinho de Marón, há-de salvar-lhe a vida e a de dez companheiros, porque dois deles foram prontamente devorados pelo monstro. O engenhoso filho de Laerte, todavia, embriagou-o; vazou-lhe o olho e sob o ventre das gordas ovelhas de Polifemo escapou da gruta com as blasfêmias e maldições do horrendo Ciclope.

Acontece que Polifemo era filho do deus do mar: daqui para frente Ulisses terá de enfrentar o mar e a ira de Posídon. Da ilha maldita o herói chegou à ilha de Éolo, que lhe deu de presente, na partida, um odre com o curso dos ululantes ventos. Em liberdade ficará apenas o Zéfiro que, com seu hálito suave, fazia deslizar as naus no bojo macio do mar. Ulisses dormia. Seus companheiros, pensando que o odre contivesse ouro, abriram-no. Novas borrasças e novos tormentos! E voltou o paciente Ulisses à ilha de Éolo. De lá expulso, como amaldiçoado dos

deuses, o herói retornou às ondas do mar e, navegando rumo ao norte, chegou ao país dos Lestrigões, gigantes antropófagos. De saída, um de seus nautas foi devorado. Depois, de cima dos rochedos, lançando pedras imensas, destruíram todos os navios, exceto o do herói, que, num gesto rápido, com sua afiada espada de bronze, cortou as amarras que lhe prendiam a nau e fugiu. Reduzido a um só navio, velejou ainda em direção ao norte e aportou à ilha da divina Circe, tia de Medeia. O cauteloso Ulisses enviou, para explorar a ilha, apenas a metade de seus companheiros, sob o comando de Euríloco, que, cumprindo ordens, deveria aguardar escondido, caso se encontrasse alguém, o que aconteceria aos colegas. Estes encontraram de pronto um palácio cintilante e, convidados por Circe a participar de um banquete, tão logo começaram a comer e a beber foram transformados em animais diversos, cada um de acordo com suas tendências profundas: porcos, cães, leões... e os colocou em estábulos. Avisado por Euríloco, Ulisses, desesperado, partiu, através de florestas e matagais, refletindo como poderia libertar seus companheiros. Quando estava em profunda reflexão, eis que surge Hermes e lhe entrega uma planta mágica chamada móli, ordenando-lhe que a adicionasse à bebida que a feiticeira lhe oferecia. Assim aconteceu, mas o herói agiu como Hermes lhe ensinara e, quando a bruxa o tocou com sua varinha mágica (como fizera com os outros), Ulisses sacou de sua espada de bronze e obrigou-a a desencantar os amigos. Com Circe permaneceu um mês e deu-lhe um filho chamado Telégono. Foi ainda a conselho da mesma que Ulisses visitou a entrada do Hades, onde evocou o *eidolon* do adivinho Tirésias, que lhe traçou todo o roteiro: as provas, os sofrimentos, as vitórias e a morte longe do mar...

Deixando Circe, partiu o rei de Ítaca, e após costear a ilha das Sereias, venceu-lhes astutamente “os cantos e encantos”. Em seguida, enfrentou o estreito de Cila e Caribdes, perdendo alguns marinheiros. Na ilha de Trinácia, não obstante as recomendações do herói, seus companheiros devoraram algumas vacas brancas do deus Hélio Hipérion. O castigo foi imediato: mal os gregos se fizeram ao mar, vagalhões terríveis e os raios de Zeus sepultaram a nau de Ulisses e sua insensata tripulação. Somente o herói escapou e sobre uma quilha errou pelo mar durante nove dias. Na décima noite chegou à ilha de Ogígia, onde morava Calípo. Junto ao calor da paixão da loura Calípo, Ulisses, que via apenas na saudade Ítaca e seu

lar, passou, malgrado seu, sete anos. Os olhos garços de Atená, porém, jamais o abandonaram: foi a pedido de sua filha querida que Zeus enviou Hermes a Calipso, com ordens de permitir a partida imediata de Ulisses. A deusa Calipso, em sua solidão, saudade e grande dor, soube expressar uma grande paixão: chorou por ser imortal...

Retomando o caminho, navegou o filho de Laerte para leste, mas a cólera de Posídon é persistente. Um grande vendaval despedaçou-lhe a jangada, e agarrado a um pequeno mastro, completamente despido, foi lançado pelas ondas a uma praia na ilha dos Feácios. Encontrado pela princesa Nausícaa, foi levado à presença de Alcínoo, pai da princesa. Foi na corte de Alcínoo que Ulisses, durante o banquete em sua honra, ouvindo o aedo Demódoco celebrar-lhe as gestas em terra e no mar, se emocionou profundamente e revelou sua identidade, completando aquelas de que o aedo não tinha conhecimento. Carregado de presentes, o herói foi levado a Ítaca pelos navios feácios. Como dormisse durante a viagem, os feácios o deixaram com os presentes numa parte despovoada da ilha de Ítaca. Vinte anos se haviam passado. Ulisses, machucado pelos perigos e sofrimentos, e, mais que tudo, pela ação de Atená, estava velho, encanecido, irreconhecível. Ítaca era um caos: Telêmaco, já com vinte e um anos, considerado pela multidão de pretendentes um empecilho ao casamento de Penélope, para não morrer, viajara, por inspiração da deusa, à procura do pai. Agora, estava também de volta, guiado e orientado pela bússola dos olhos garços da deusa da sabedoria. O encontro de pai e filho se dera na choupana humilde do mais humilde dos servidores de Ulisses, o fidelíssimo Eumeu. Ulisses deu-se a conhecer ao filho e ambos combinaram o massacre dos orgulhosos pretendentes, liderados por Antínoo.

Para tanto, o “mendigo” Ulisses fez uma visita ao palácio de Ulisses. Um outro encontro emocionante o aguardava. Seu velho cão Argos, que os pretendentes odiavam, rolava sujo e doente, diante do portal, sobre os estrumes das mulas e dos bois. “Era ali que Argos estava agonizando, comido das carraças.” Vendo aproximar-se Ulisses, ainda teve forças para agitar a cauda e abaixou a cabeça: não teve forças para levantar-se. Ulisses o viu e, voltando a cabeça, chorou. Argos estava morto. Já havia matado as saudades!

Insultado pelos pretendentes e, em particular por Antínoo, foi preciso a intervenção de Penélope que, respeitando a

sacrossanta hospitalidade, acolheu o “mendigo” Ulisses e com ele manteve longo diálogo, temperado de fidelidade e de saudades de Ulisses... O zelo da hospitalidade de Penélope, todavia, quase põe a perder o plano minucioso traçado por Ulisses e Telêmaco. A velha ama Euricleia, ao lavar-lhe os pés, reconheceu-o por uma velha cicatriz provocada numa caçada a um javali. Imposto silêncio à sua velha ama fidelíssima, pôde o herói, agora disfarçado em mendigo, mas banhado e ungido, retomar o diálogo com a sensata Penélope e encher-lhe o coração de esperanças no retorno do esposo. A pressão dos cento e oito pretendentes e os insultos a Ulisses continuavam com mais intensidade. Penélope não tinha mais energias para resistir, ela que lhes havia jurado casar-se com um deles no dia em que acabasse de tecer a mortalha de Laerte, trabalho esse que, astutamente, adiantava durante o dia e desfazia em parte, à noite, para ganhar tempo...

Atená, mais uma vez, veio em socorro dos esposos. Inspirou à fiel esposa de Ulisses a ideia de estabelecer um concurso entre os pretendentes: o vencedor seria seu esposo. A ideia era simples: aquele que conseguisse dobrar o arco de Ulisses e fizesse uma flecha passar através do orifício de doze machados, a esse ela seguiria... Todos tentaram, mas em vão: nem mesmo conseguiram retesar o arco de Ulisses. É que o arco só obedecia a seu senhor, porque este lhe conhecia o nome. Pedindo o seu arco, Ulisses o inspecionou em todos os sentidos, falou com ele e o dobrou sem dificuldade alguma. Disparou o dardo que não errou nenhum dos machados e voltando-se para os pretendentes começou a matança, ajudado por Telêmaco e por alguns servos que lhe permaneceram fiéis, durante a longa ausência. Doze escravas que lhe envergonhavam o palácio, bem como o pastor Melântio, odioso aliado dos pretendentes, foram enforcados. Penélope, contudo, ainda hesitava. O velho marinheiro, porém agora remoçado, graças à varinha mágica de Atená, quebrou-lhe a última resistência: descreveu minuciosamente como fora construído o leito conjugal. O grande sinal era o pé da cama, feito de um tronco de oliveira.

E então Penélope... Ouçamos o gênio de Homero:

“– E a Penélope desfaleceram, no mesmo instante, os joelhos e o coração, reconhecendo os sinais que Ulisses dera sem hesitar. Correu logo direta para ele com as lágrimas nos olhos.

E lançou os braços em torno de seu pescoço...” (*Odisseia* XXIII, 205-209).

Talvez fosse prudente dizer que não estamos mais em pleno mar... mas em plena madrugada, no palácio de Ulisses, em Ítaca. Talvez não fosse de todo impertinente acrescentar que uma só madrugada é muito pouco para matar saudades de vinte anos... Por isso, Atená, a deusa de olhos garços, ante a ameaça pouco discreta da Aurora de dedo cor-de-rosa, resolveu detê-la em pleno oceano e simplesmente prolongar a noite...

Como verdadeira multidão dos habitantes de Ítaca se levantasse em armas para vingar a morte dos pretendentes, foi preciso a intervenção hierofânica (sob a forma de Mentor) de Atená, que desarmou os braços e os espíritos. Ulisses e Penélope... Bem, Ulisses e Penélope não foram felizes para sempre!

Já idoso, lembrou-se das predições de Tirésias de que seria morto por um dos filhos. Após um sacrifício expiatório a Plutão, Perséfone, Posídon e Tirésias, cedeu a coroa a Telêmaco e retirou-se para um local ermo da ilha. Aí se encontrava, quando Telégono, seu filho havido com Circe, ao atingir a adolescência, partiu à procura do pai. Como violenta procela houvesse arrojado a nau do filho de Circe às costas de Ítaca, Telégono e seus nautas desceram à procura de víveres. Supondo tratar-se de assaltantes ou piratas, o alquebrado Ulisses deu-lhes combate e foi morto pelo próprio filho, a quem não conhecia.

Tomado em bloco, o mito de Ulisses, purificatório e iniciatório, como todos os trabalhos e gestas dos grandes heróis, é, na realidade, uma catarse dentro de uma catarse maior. Trata-se do velho conto do retorno do esposo. Eis que o esposo, após uma longa peregrinação, retorna envelhecido, disfarçado, não importa. Três sinais (*sémata*) lhe garantem a identidade: o herói tem uma cicatriz, de que somente a esposa e a ama têm conhecimento; somente ele é capaz de armar o arco que deixou, ao partir; somente o esposo sabe (em comum com a esposa) como foi construído o leito nupcial. Claro, estes três sinais variam de uma versão a outra, sobretudo na ordem e nas circunstâncias em que são apresentados, mas são estes os três sinais canônicos, que identificam o retorno do esposo e sua catarse.

- (79) Enquanto filho de Anfitrião e Alcmena, o verdadeiro nome do maior dos heróis gregos é Alcides, porquanto seu avô se chamava Alceu. Hércules é o epíteto que o herói merecerá após a realização dos célebres Doze Trabalhos, isto é, após a grande catarse. Na realidade, todo herói tem de passar por uma fase iniciatória, uma purificação, que normalmente se

apresenta como uma luta contra “monstros” (que, no fundo, residem dentro do próprio herói), para desse modo merecer a apoteose, a imortalidade. O autor faz referência a alguns desses trabalhos, que, como já se falou na nota 36, lhe foram impostos por seu primo Euristeu, segundo decisão do Oráculo de Delfos.

O sétimo trabalho foi a tarefa de trazer de Creta o chamado touro de Minos, que Posídon fizera surgir das ondas e depois enlouquecera para castigar uma promessa não cumprida do rei Minos. Por esse touro se apaixonara a mulher do rei, Pasífae, e dele teve o monstro Minotauro (vide nota 9). O segundo foi o combate e a morte da Hidra de Lerna, serpente descomunal com cerca de cem cabeças e cujo hálito pestilento a tudo destruía. Nesse trabalho Alcides contou com a ajuda de seu sobrinho Iolan, porque cada cabeça cortada renascia imediatamente. Ordenou ao sobrinho que incendiasse a floresta vizinha ao pântano de Lerna e com tições cauterizasse as feridas, impedindo o renascimento das cabeças cortadas. Com o sangue da Hidra o herói envenenou suas flechas. A sexta tarefa consistia em exterminar as Aves do Lago Estinfalo, que possuíam bicos, asas e patas de bronze. Devastavam as colheitas e eram antropófagas. Para fazê-las levantar voo de seus escuros abrigos na floresta, Alcides recebeu da deusa Atená umas castanholas de bronze, obra de Hefesto. Com o barulho as aves levantaram voo e foram mortas pelas flechadas envenenadas com o sangue da Hidra de Lerna. O oitavo trabalho era trazer a Euristeu as Éguas que Diomedes, rei da Trácia, alimentava com carne humana. O filho de Alcmena lutou com Diomedes, que, vencido, foi lançado às suas próprias éguas antropófagas, as quais, após devorarem o rei, estranhamente se acalmaram e foram, sem dificuldade alguma, levadas a Euristeu. O nono trabalho tinha por finalidade trazer da longínqua Cítia o Cinturão de Hipólita, rainha das Amazonas, mulheres guerreiras, filhas de Ares e de Harmonia. Esse Cinturão mágico fora doado a Hipólita por Ares, seu pai, como símbolo do poder real. A rainha das Amazonas voluntariamente lhe entregou o Cinturão, mas a deusa Hera, sob o aspecto de uma Amazona, suscitou uma grande discórdia entre aquelas e o herói. Pensando que Hipólita o havia traído, Alcides a matou, trazendo, no entanto, o Cinturão. O décimo segundo trabalho impunha ao herói a obrigação de buscar as Maças de Ouro, pertencentes à deusa Hera e que esta colocara num jardim longínquo, junto ao país dos Hiperbó-

reos, vizinho do Reino dos Mortos. Essas Maçãs de Ouro eram guardadas por um dragão de cem cabeças e pelas três ninfas do poente, isto é, as Hespérides – Egle, Eritia e Hesperetusa. Prometeu, a quem o herói libertara, aconselhou-o a não colher ele próprio as Maçãs, mas que o fizesse por intermédio de Atlas, que, junto ao país dos Hiperbóreos, segurava a abóbada celeste sobre os ombros. Hércules se ofereceu para sustentar o Céu, enquanto o gigante Atlas fosse buscar as Maçãs. De posse da preciosa carga, o herói entregou-a a Euristeu. Este, sem saber o que fazer com as Maçãs, as devolveu a Hércules, que as deu de presente à deusa da Sabedoria, Atená. A deusa repôs as Maçãs de Ouro (símbolo da gnose) no jardim das Hespérides, porque a lei divina proibia que esses frutos permanecessem em outro lugar, a não ser no jardim dos Deuses.

Fechara-se o ciclo. A gnôsis estava adquirida. Agora sim, Alcides podia chamar-se Hércules, isto é, *Héra+Kléos*, “a glória de Hera”.

Após liberar-se dos Doze Trabalhos, Hércules se casou com Dejanira, filha de Eneu, rei de Calidão. Durante sua permanência na corte de Eneu, o herói matou casualmente a Ênomo, um parente de seu sogro. Embora perdoado por todos, Hércules preferiu exilar-se com a esposa na cidade de Tráquis, perto do monte Eta. Foi durante esse percurso que o Centauro Nesso, ao transportar Dejanira pelo rio Eveno (Hércules o atravessou a nado), tentou violar a esposa do herói. Este aguardou que o Centauro alcançasse terra firme e varou-lhe o coração com uma de suas flechas envenenadas. Já expirando, Nesso entregou a Dejanira sua túnica manchada com o sangue envenenado da flecha de Hércules, dizendo-lhe que a túnica seria para ela um filtro poderoso, com a força e virtude de restituir-lhe o esposo, caso este algum dia viesse a abandoná-la. Tempos depois, Hércules matou o rei de Ecália, Eurito, porque este, vencido pelo herói numa disputa, não lhe entregara, como havia combinado, sua filha Iole. Em virtude desse crime, o herói foi obrigado a servir como escravo a Onfale, rainha da Lídia, deixando Dejanira em Tráquis e levando em sua companhia a jovem Iole. Como desejasse, já na Lídia, oferecer um sacrifício a seu pai divino Zeus, mandou Licas, um de seus companheiros, pedir a Dejanira uma indumentária nova. Admoestada por Licas de que o herói certamente a esqueceria, por estar apaixonado por Iole, Dejanira enviou-lhe, para “recuperá-lo”, a túnica do Centauro Nesso. Ao vesti-la, o veneno infiltrou-se-lhe no corpo.

Alucinado pela dor, Hércules tentou arrancá-la, mas a túnica se achava de tal modo aderida às suas carnes que estas lhe saíam aos pedaços. Não mais podendo resistir aos sofrimentos, o herói é transportado para Tráquis. Dejanira, ao vê-lo, matou-se. Após entregar Iole a Hilo, filho que tivera com Dejanira, Hércules escalou o monte Eta e mandou erguer uma fogueira, onde consumiu o que ainda lhe restava de mortal. Entre relâmpagos e trovões “o herói purificado” subiu ao Olimpo. Era a apoteose. Lá se casou com Hebe, a deusa da juventude eterna. Na realidade, o que confere ao herói a imortalidade é a própria morte.

Sofrer para compreender, escreveu Ésquilo na *Oréstia*.

- (80) Lucina é o epíteto da deusa Hera em Roma. Juno Lucina na cidade de Rômulo é deusa dos partos, daí Lucina, a que faz vir à luz. Esposa de Júpiter, a rainha dos deuses, por vezes, se deixa arrebatar pelo ciúme, a violência e a vingança, contra as amantes e filhas de seu nem sempre fiel esposo. Certa feita, quando Hércules, após tomar Troia, voltava à Grécia, Juno perseguia-lhe o navio com uma grande tempestade. Júpiter furioso suspendeu-a pelos pés, com duas correntes de ouro, entre o Céu e a Terra.
- (81) Io, sacerdotisa de Juno, foi seduzida por Júpiter, que frequentemente a visitava sob a forma de uma nuvem. Como Juno estivesse mordida pelo ciúme, o deus transformou Io em vaca e jurou à esposa que jamais amara semelhante animal. Hera, precavida, fez com que Argos, gigante de cem olhos, a vigiasse noite e dia, mas Mercúrio, a pedido de Júpiter, matou Argos e libertou Io. Perseguida por um moscardo, a vaca Io percorreu alucinada quase todo o mundo, até que transpondo o Bósforo (passagem da vaca) se libertou das perseguições de Juno e recuperou a forma humana. Quanto a Argos, como prêmio de sua vigilância, foi transformado em pavão, em cuja cauda figuram os cem olhos de Argos.
- (82) Para o mito de Leda, mãe dos gêmeos Castor e Pólux (vide nota 34). Tíndaro possuía dois irmãos, Afareu e Leucipo; Afareu, dois filhos, Idas e Linceu, que se casaram com as primas, filhas de Leucipo, chamadas Febe e Hilera. Convidados para as núpcias, os gêmeos Castor e Pólux raptaram as duas jovens esposas, o que provocou uma luta sangrenta entre os maridos e os raptadores. Nessa disputa pereceram Castor e Linceu.
- (83) As três mais belas são Hera, Atená e Afrodite, que, a bordo da nau Argos, durante as núpcias de Tétis e Peleu, disputaram o

prêmio de beleza, simbolizado no pomo da discórdia, que Éris, a Discórdia, lançara à mesa, onde os deuses se banquetavam. O juiz do magno concurso foi o príncipe troiano Alexandre ou Páris, que concedeu o prêmio a Afrodite, que lhe outorgou o poder de conquistar a mulher que quisesse. Esse fato há de gerar a Guerra de Troia.

- (84) Deméter, etimologicamente, a “mãe da terra”, a grande Terra-Mãe, é filha de Cronos e Reia. Sua personalidade, simultaneamente religiosa e mística, é muito diferente da de Geia (a Terra), concebida como elemento cosmogônico. Deméter, a divindade, por excelência, da terra cultivada, é a deusa do trigo. No mito, como no culto, a grande Deusa-Mãe está intimamente ligada à sua filha Core ou Perséfone. As aventuras de ambas constituem o mitologema central, cuja significação é revelada nos Mistérios de Elêusis. Antes de se unir a Zeus, de que resultou Perséfone, Deméter foi perseguida por Posídon. Para fugir do deus dos mares, a deusa metamorfoseou-se em égua, mas, por sua vez, Posídon transformou-se em cavalo e fê-la mãe do cavalo Aríon e de uma filha, cujo nome não se podia dizer: chamavam-na A Senhora.

Dos amores de Zeus e Deméter nasceu, como já se disse, Core ou Perséfone. Quando colhia um narciso à beira de um precipício, a jovem caiu e já a esperava a carruagem de Plutão, que fez da mesma sua esposa. Desesperada, Deméter procurou a filha por todas as partes, até que, em Elêusis, soube do rapto de Core. Apelou para Zeus, que conseguiu de Plutão a promessa de devolver Perséfone, caso esta nada tivesse comido do mundo dos mortos. Como a filha de Deméter comera bagos de romã, símbolo da fertilidade, Plutão lhe permitiu, assim, passar tão-somente seis meses, na Terra, junto à sua mãe, quando então se celebravam os célebres e históricos Mistérios de Elêusis, símbolo da morte e da ressurreição, como acontece com as plantas, que morrem e renascem da própria semente lançada no seio da terra.

- (85) O Autor faz uma inteligentíssima paródia da Guerra de Troia. Em uma frase apenas, mantendo ele também o devido distanciamento, como é praxe nos poetas épicos. O Autor concentra indiretamente toda a narrativa nos lábios do aedo Demódoco (Homero):

– A ver quem pode mais.

Para que se possa acompanhar o fio condutor da grande batalha da Fazenda Olímpia (Troia), vamos apresentar uma síntese

da gigantesca peleja entre Gregos e Troianos, no nono ano da Guerra de Troia, imortalizada por Homero na *Ilíada*.

Análise da Ilíada

1. A cólera. Crises, sacerdote de Apolo, vem resgatar sua filha Criseida, cativa de Agamêmnon; este recusa entregá-la. Apolo, movido pelas orações de Crises, envia a peste, que assola o exército. O adivinho Calcas, consultado, responde que é necessário restituir Criseida. Violenta alteração de Aquiles com Agamêmnon. Este reenvia Criseida, mas, em compensação, rapta a cativa de Aquiles, Briseida. Aquiles decide retirar-se da luta. Zeus, a pedido de Tétis, consente em que os Troianos saiam vitoriosos até os Gregos fazerem condigna reparação a Aquiles.

2. Zeus envia a Agamêmnon um sonho enganador para o empenhar na luta. Decide-se a luta. Enumeração das tropas: catálogo dos navios.

3. Os Troianos descem para a planície. Tréguas. Os anciãos e Helena sobre as muralhas. Combate singular de Páris e Menelau. Afrodite salva Páris e transporta-o para junto de Helena.

4. Um Troiano atira uma seta contra Menelau; a luta recomeça. Ares e Apolo lutam pelos Troianos, Atená pelos Gregos.

5. Primeira grande batalha. Combate encarniçado. Eneas é ferido, assim como Afrodite, que o vem retirar do campo de batalha. Grande carnificina, em que o próprio Ares é ferido por Diomedes.

6. O adivinho Heleno aconselha a Heitor ordenar preces públicas a Atená. Heitor entra em Troia, manda reunir as mulheres a fim de implorarem a proteção de Atená. Heitor volta para Troia, onde se despede de Andrômaca.

7. Continuação da luta. Os Gregos são repelidos. Combate de Heitor e Ájax. Tréguas para sepultar os mortos.

8. Assembleia dos deuses. Zeus proíbe socorrer os combatentes. Segunda grande batalha. Os Gregos são ainda repelidos. Hera e Atená querem socorrê-los, mas Zeus, percebendo essa intenção, envia-lhes Íris que as impede. Objurgações de Zeus aos deuses e deusas.

9. A embaixada. Agamêmnon reúne os chefes e propõe que se desista do assédio. Nestor é de parecer que se procure aplacar Aquiles. Agamêmnon consente na restituição de Briseida e compromete-se a dar presentes a Aquiles. Fênix, Ájax e Ulis-

ses vão procurar Aquiles para lhe propor a reconciliação. Este recusa.

10. Dolonia. Expedição noturna de Ulisses e de Diomedes. Surpreendem o Troiano Dólón e o matam depois de terem sabido dele o lugar exato onde acampava Reso, rei da Trácia, que viera em socorro de Troia. Matam Reso e roubam-lhe os cavalos.

11. Terceira grande batalha. Alternativas do combate. Os Gregos são vencidos. Nestor pede a Pátroclo que tente dobrar o ânimo de Aquiles ou que ele mesmo lhe vista as armas, para aterrorizar os Troianos.

12. Os Gregos são sempre repelidos, chegam-lhes os Troianos até o acampamento.

13. Heitor tenta chegar até os navios gregos. Luta encarniçada.

14. Hera atrai Zeus para o monte Ida, onde adormece. Posídon aproveita a ocasião para acorrer aos Gregos.

15. Zeus desperta; repreende Hera e declara que os Troianos devem sair vencedores. Heitor se aproxima dos navios prestes a incendiá-los. Ájax sozinho detém os Troianos que trazem fogo.

16. Patroclia. Um navio grego é finalmente incendiado pelos Troianos. Aquiles, ao divisar as chamas, permite que Pátroclo se revista de suas armas, mas somente para repelir dos navios aos Troianos. Pátroclo é morto por Heitor.

17. Combate ao redor do corpo de Pátroclo. Os Troianos saem vencedores. Menelau, contudo, consegue trazer o cadáver de Pátroclo até os navios.

18. Dor de Aquiles pela morte de Pátroclo. Tétis vem consolá-lo, depois vai ter com Hefesto, a fim de que faça para Aquiles uma armadura completa. Descrição do escudo de Aquiles.

19. Aquiles é desagravado por Agamêmnon e prepara-se para voltar ao combate.

20. Batalha na qual os deuses, permitindo-o Zeus, também tomam parte; Hera, Atená, Posídon e Hefesto lutam pelos Gregos; Ares, Apolo, Ártemis, Leto, o deus fluvial Xanto e Afrodite, pelos Troianos. Proezas de Aquiles.

21. Aquiles põe em fuga os Troianos e os repele até os muros da cidade.

22. Heitor aguarda Aquiles sob os muros de Troia, malgrado as súplicas de Príamo. Mas, à vista de Aquiles, é possuído de temor e foge. Aquiles o persegue três vezes ao redor das muralhas. Zeus pesa os destinos de Heitor, que tem de morrer.

Heitor é morto por Aquiles, que lhe arrasta o cadáver até os navios. Desespero de Príamo, de Hécuba e de Andrômaca.

23. Aquiles, tendo vingado Pátroclo, rende-lhe as últimas homenagens. Funerais de Pátroclo. Levanta-se uma pira. O fogo devora o cadáver de Pátroclo juntamente com mais doze jovens Troianos, que Aquiles aprisionara e reservara para este suplício. Jogos em honra de Pátroclo.

24. Aquiles arrasta o cadáver de Heitor à volta do túmulo de Pátroclo. Príamo vem pedir o corpo de Heitor. Aquiles entrega o corpo mutilado do herói troiano. Trégua de onze dias. Funerais de Heitor.

(86) Referência ao livro *Paraíso Perdido*, de Milton: *Oh flowers that never will in other climate grow.*

(87) Referência ao poema *Annabel Lee*, de Edgar Allan Poe:

Foi há muitos, muitos anos atrás,

Num reino à beira-mar.

Ali vivia uma donzela conhecida

Pelo nome de Annabel Lee.

E essa donzela não vivia com outro pensamento

A não ser me amar e ser amada por mim.

Eu era uma criança, e ela era uma criança,

Naquele reino à beira do mar:

Mas nos amamos com um amor que era mais que amor

– Eu e a minha Annabel Lee.

Com um amor que os alados serafins do céu

Nos invejavam.

E esta foi a razão pela qual, há muito tempo,

Naquele reino à beira do mar,

Um vento, soprado de uma nuvem, gelou

A minha Annabel Lee.

Então veio aquele fidalgo parente seu

E afastou-a do lado meu,

Para encerrá-la num sepulcro

Naquele reino à beira-mar.

Os anjos, que não eram tão felizes no céu,

Invejavam-nos.

Sim! Foi por isso que (como todos sabem,

Naquele reino à beira-mar)

O vento veio da nuvem, à noite,

Gelando e matando a minha Annabel Lee.

- (88) O riachinho simboliza a pureza, a água benta, o batismo que apaga os pecados.
- (89) *Ars est condere artem*, a arte consiste em esconder a arte... Talvez porque os Juízes do Inferno, Éaco, Minos e Radamanto, habitassem tão longe, o Autor resolveu sintetizá-los na figura de Onestino, *honestus*, honesto. Aliás “honestíssimo”, qualquer um deles, só que esses Juízes julgavam com imparcialidade absoluta, “ordenhando” as almas, que haviam transposto os rios infernais, até a última gota.
- (90) Referência à obra *As Nuvens*, de Aristófanes.
- (91) Referência sutilíssima a Proteu, deus do mar, encarregado da guarda do rebanho de seu pai Posídon, composto de grandes peixes e focas. Em paga de sua vigilância, recebeu o privilégio de conhecer o futuro, mas negava-se a fazer predições e só respondia a consultas à custa de violências. Para fugir às instâncias dos consulentes, mudava caprichosamente de forma, transformando-se em dragão, serpente, leão, leopardo, árvore e, até mesmo, em fogo.
Menelau e Aristeu, para obterem dele uma resposta, tiveram de amarrá-lo e lutar bravamente com suas inúmeras metamorfoses. O “velho do mar” só revelava os segredos quando não tinha alternativa.
- (92) Alusão ao cão monstruoso Cérbero, de três cabeças, guardião das portas do Hades, como já se falou. No VI canto da *Eneida* de Vergílio, a Sibila, que acompanhava Eneias em “sua descida à outra vida”, para passar pelo cão Cérbero, atirou-lhe “um bolo temperado de mel e soporíficos medicamentos” (...) Caído em sono o guardião, “Eneias passa e ligeiro atravessa a margem do rio, por onde não se pode voltar”.
- (93) Hermes, além de ser o deus psicopompo por excelência, isto é, que conduz as almas dos mortos para a outra vida, de ser o deus da gnose e o mensageiro dos imortais, é também o protetor dos comerciantes, como bem o mostra o poeta cômico latino Plauto, no Prólogo da comédia *Anfitrião*.
Filho de Zeus e Maia, nasceu no Monte Cilene, na Arcádia. Apesar de enrolado em faixas e colocado no vão de um salgueiro, o menino precoce desligou-se das faixas e viajou até a Tessália, onde furtou uma parte do rebanho de Admeto, guardado por Apolo, e, após escondê-lo, voltou a Cilene. Matou uma tartaruga, arrancou-lhe a carapaça e com as tripas de

algumas novilhas furtadas, que sacrificara aos deuses, fabricou a primeira lira.

Uma de suas memoráveis missões foi a de conduzir Príamo, o rei de Troia, até a tenda de Aquiles, onde aquele foi suplicar ao herói grego que devolvesse a Troia o corpo ensanguentado e mutilado de Heitor.

- (94) Ilítia, filha de Zeus e Hera, é o gênio feminino que preside aos partos. Fiel servidora de sua mãe, pode também impedi-los, cruzando a perna direita sobre a esquerda, e o braço direito sobre o esquerdo.
- (95) E voltamos aos terríveis Anões da mitologia germânica. Dentre eles o mais hediondamente feio e cruel era Alberico, a quem uma das Valquírias, Flosilda, fingiu amar e depois repeliu com desdém. O Anão jurou vingar-se e o fez, sobretudo porque lhe tiraram o anel encantado, fabricado com o ouro do Reno. Com esse anel, Alberico sonhava dominar o mundo. Por esse anel lutariam os grandes heróis, que acabariam por provocar a catástrofe universal. Era essa a maldição de Alberico.
- (96) Palinuro é piloto da nau de Eneias, consoante a *Eneida* de Vergílio. Quando a frota troiana partiu da Sicília rumo a Cumas, na Itália, Vênus prometeu a seu filho Eneias uma viagem feliz: apenas um homem pereceria, em benefício dos demais. A vítima foi o piloto Palinuro, que vencido por um sono irresistível, a um balanço do navio, caiu no mar. Nadou três dias e três noites, chegando a Vélia, em terras da Itália, onde foi covardemente massacrado pelos aborígenes, que lhe deixaram o corpo insepulto. Eneias, ao retornar dos Infernos, lhe fará suntuosos funerais, permitindo, assim, que a alma de Palinuro possa ganhar o Hades.
- (97) O hábil ferreiro é Hefesto, o Vulcano dos Latinos. Deus do fogo, das indústrias, das artes metalúrgicas e de todas as matérias fusíveis, era filho de Zeus e de Hera. Consoante a lenda, tendo ele tomado a defesa da mãe, quando Zeus a castigava, este o agarrou por um pé e atirou-o do Olimpo à Terra. Segundo uma variante do mito, foi a própria mãe que o precipitou do Olimpo, devido à grande fealdade do deus do fogo. De qualquer forma, após rolar no espaço um dia e uma noite, o deus caiu na ilha de Lemnos, quebrando as pernas e permanecendo para sempre coxo e de andar claudicante. Aí, na ilha, montou sua forja numa gruta e se ocupava de modelar obras de arte. De suas forjas subterrâneas provinha o fogo espalhado pelas crateras vulcânicas, enquanto os ruídos assustadores dos terremotos se

atribuíam aos Ciclopes, que para ele trabalhavam. Para castigar a mãe, que o precipitara do Olimpo, fabricou-lhe um trono de ouro belíssimo, mas contendo laços invisíveis, e o mandou de presente a Hera. Esta, ao sentar-se, ficou de tal modo enleada, que os deuses não conseguiram desembaraçá-la. Foi necessário a intervenção de Dioniso que o embriagou, para que Hefesto voltasse ao Olimpo e desatasse a própria mãe. Novamente em companhia dos deuses, Hefesto desposou a formosa Afrodite. Voltando a trabalhar, forjou os raios de Zeus, o carro de Apolo e a couraça de Hércules, o palácio dos deuses e inúmeros trabalhos de arte. Modelou ainda a primeira mulher, Pandora, a quem animou, dando-lhe por alma uma faísca do fogo celeste. Como seu rude ofício o tornasse pouco atrativo, Afrodite passou a entreter relações adúlteras com o deus Ares. Tomando conhecimento do fato por denúncia do Sol (Hélio), Hefesto apanhou os amantes em flagrante, envolvendo-os em finas e invisíveis malhas de uma resistente rede de ouro e os expôs à irrisão dos deuses. Sua grande importância na mitologia residia no poder que tinha de atar e desatar, o que em todas as religiões representa o poder supremo de um deus.

- (98) O Autor nos apresenta, em forma dramática, a função da Moira, o destino irreversível, representado pelas Queres, Parcas em latim e Normas na mitologia escandinava e germânica. Diga-se, de passagem, que Moira é a personificação do destino de cada mortal, do quinhão, da parte que toca a cada um neste mundo. A princípio, cada ser humano tinha a sua Moira, ou seja, sua parte (de vida, de felicidade, de desventura), mas rapidamente essa abstração se tornou uma divindade universal, pairando sobre os próprios deuses, de que eles eram apenas instrumentos.

Após as epopeias homéricas, Moira costuma ser representada por três irmãs, as Queres ou Parcas, isto é, o que se obteve, “o quinhão”. São elas Cloto (a que segura o fuso e fia), Láquesis (a que sorteia o nome para a morte) e Átropos (a irreversível, a que corta a linha da vida).

- (99) A influência da *Divina Comédia* de Dante, a partir daqui e nos passos seguintes, é patente. O acompanhante, no caso, é Vergílio, que guiou Dante através do Inferno e do Purgatório. A presença de Vergílio é uma segurança, uma vez que o grande poeta latino já conduzira Eneias pela outra vida, no VI c. de sua *Eneida*.

- (100) Taís foi uma célebre cortesã ateniense, do Séc. IV a.C. Em sua casa, em Atenas, reuniam-se os homens famosos nas letras e na filosofia da época. Muito admirada pelo poeta cômico Menandro, Taís cativou Alexandre Magno, de quem se tornou amante. Dante, *Divina Comédia*, Inferno, c. XVIII, v. 133, fez dela um dos símbolos da luxúria e de depravação.

*Taïde è, la puttana che rispose
al drudo suo quando disse “Ho io grazie
grandi apo te?: “Anzi meravigliose!”*

- (101) O rei da Síria, Teias, tinha uma filha, Mirra ou Esmirna, que foi vítima da cólera de Afrodite, que lhe inspirou uma paixão incestuosa pelo próprio pai. A este se uniu Mirra, durante doze noites. Na última noite, o rei Teias percebeu o embuste e perseguiu a filha, com o fito de matá-la. Mirra se colocou sob a proteção dos deuses, que a transformaram na árvore que produz a mirra. Dez meses depois, a casca da árvore engrossou, abriu-se e dela nasceu um menino lindíssimo, que recebeu o nome de Adônis. Dela fala Dante: *Divina Comédia*, Inferno, c. XXX, v. 37.

- (102) Auspício (*auspicium*), observação do voo dos pássaros, e augúrio (*augurium*), cujo sentido etimológico é “acréscimo concedido pelos deuses a um empreendimento”, donde presságio favorável, acabaram, na prática, por confundir-se na religião romana, onde passaram a significar “previsão pelo voo dos pássaros”. Na religião etrusca, que Roma herdou, a direção do voo dos pássaros tinha importância capital: se voassem da direita para a esquerda (sinistra), mau presságio; da esquerda para a direita (destra), bom augúrio.

- (103) Alusão à deusa dos partos, Ilítia (vide nota 92).

- (104) O Guia, Vergílio, o Cisne de Mântua (vide nota 99)

- (105) Conforme as ideias de Platão.

- (106) Tânatos (em gr. *Thánatos*), gênio masculino alado, que personifica a Morte. Sempre de preto, com uma foice e, às vezes, um arco nas mãos. Introduzido no Teatro como personagem pelo trágico Frínico (séc. VI a. C) Tânatos teve destacada atuação na tragédia de Eurípedes, *Alceste*.

No texto em epígrafe o Autor simboliza maravilhosamente a presença da morte não apenas com a alusão a Tânatos, mas jogando com o “vento” e o “pó”, fazendo-nos recordar as palavras de Javé a Adão, no Gênesis, após o pecado original: *Memento, homo, quia pulvis es et im pulverem revertis* (*Lembra-te, homem, de que és pó e ao pó voltarás*).

- (107) Referência a um trecho da obra *Hamlet*, de Shakespeare.
- (108) Alusão à famosa frase de Shakespeare: *To be or not to be, that's the question*.
- (109) Há-de-o: belo jogo silábico e rítmico para designar o Hades, os Infernos, como lhe chamavam os latinos. A presença de Tântatos (vide nota 103) volta a impor-se.
- (110) Este fecho, um texto altamente poético, é uma página de nostalgia, tão docemente amarga como as lágrimas de Ulisses! Morte, velhice, guerra, discórdia, amor, vida... Eis a grande despedida e a ânsia de retorno a um estado primeiro: o estado de graça anterior ao primeiro pecado. Somente esse retorno, essa nostalgia, é capaz de levar a personagem de volta à Fazenda Olímpia, quer dizer, ao Olimpo! Num grande triângulo onírico, nesse epílogo majestoso, que muitos escritores ditos maiores gostariam de ter composto, o Autor contrapõe Rolando, a purificação, o perdão, o bem, a Virgilino, o demo, o réprobo, o mal. De permeio, a mansidão da morte, Siá-Moira, que surge macia, definitiva...
- Acima das personagens, pairando em penumbra “de busca”, a presença de Auda. A Filosofia? A verdade? Ou a tentativa de encontrá-la?
- Afinal, “tudo na vida conta (...) até mesmo se uma folha cai”.
- (111) Referência ao Estagirita.

POSFÁCIO

Ático Vilas Boas da Mota

William Agel de Mello, o alquimista da palavra

Narrar com todas as antenas do espírito voltadas para os diversos recursos da língua, argamassa criativa e disponível, aquela que possibilita a reinvenção do mundo ficcional, aperfeiçoando – aqui e alhures, ontem e hoje – o próprio mister estético-criador, eis o grande desafio literário.

Narrar como ourives da palavra, selecionando cada vocábulo, filigrana que bem se ajusta a cada situação – mediata ou imediata – eis o verdadeiro sacerdócio da palavra, quando do exercício cotidiano de ser em dimensão estética.

Narrar como um riacho que sabe do seu caminho, e segue, tranquilo e confiante, por entre os arbustos dos matizes estilísticos, as sugestões e os apelos de mitos e lendas, arvoredos motivadores e escondidos nas matas ciliares dos recursos da língua, eis a preocupação maior de quem faz da arte de escrever uma segunda natureza, sintonizada com o mundo do próprio escritor e da gente que o circunda. William Agel de Mello vem de outras experiências literárias e linguísticas. Seu livro **Epopéia dos Sertões** bem atesta a capacidade recriadora do escritor que soube imprimir, de modo bastante convincente, as marcas estético-literárias, que lhe garantiram um expressivo lugar no panorama das letras do Brasil Central, e, por conseguinte, de todo o País.

O sertão, fonte perene de inspiração para quantos conhecem os segredos da sua convivência e da sua reinterpretação, apresenta vários significados: para uns, não passaria de um sugestivo laboratório sociológico, vasto espaço onde as figuras patriarcais dos coronéis de ontem e de hoje deitam e esbanjam caprichos. Para outros, perene convite às novas experiências literárias.

Epopeia dos Sertões convida-nos a uma série de reflexões a partir do vestibulo do discurso literário. Título expressivo, ele bem representa a cadeia axiológica que envolve fatos, vivências, Universo reabilitado pela memória, espaço nitidamente delineado. Não se trata do sertão cerebrino e lúdico de Guimarães Rosa – fantasmagórico e despistante – em quem o discurso transfigurado lembra-nos uma experiência de “narração à chave”, cujos bois pedem aos exegetas literários os respectivos nomes. Não me referirei aos *Sertões* de Euclides da Cunha, audácia de um repórter que conhecia, antes de tudo, quase todas as armadilhas da língua portuguesa – em direção a um experimentalismo literário – no qual se representa os sertões de Canudos de forma patética, crua e altamente artística, região onde as secas e a miséria caminham de mãos dadas e dão mil voltas nas cabeças dos jagunços atentos aos apelos do messianismo xucro ou do misticismo masoquista, tudo revelado por meio dos sortilégios do idioma que vai da Terra ao Homem, passando pelos ásperos caminhos da organização social de um espaço brasileiro, abandonado e arrumado às avessas, do qual só se escapa pela resistência estoica ou pela capacidade de engolir o dia a dia – pão amargo – ou, então, enfrentando a própria morte em meio às ladainhas e às pragas, numa lição de fantasia pós-morte, simples exercício de encarar o futuro sem horizontes.

O sertão de William Agel de Mello é polifacético e espichado no tempo. Não deve ser encarado segundo a ótica euclidiana, nem a roseana. Trata-se de um sertão bem fechado nas quatro paredes do tempo medieval, tendo Catalão como referência maior, espaço onde a vida apresenta todas as gradações do espírito humano: a grandeza e a pequenez; as luzes e as sombras; o doce e o amargo. Nele a palavra explode no espaço branco, para se transformar em obra de arte: “Catalão, a palavra quente, era o próprio chumbo pegando fogo”. Numa demonstração de que sabe narrar, eis que inicialmente nos defrontamos com a recorrência à sinestesia, logo ao correr o pano do palco – espaço narrativo – local onde os personagens desfilam à maneira de Gil Vicente, em vários de seus autos, perfilados e eloquentes por si mesmos, ou expressivos pelo “tonus” hieraticamente simbólico.

Inicia a narração como se proclamasse: Eis aqui o meu espaço, o espaço de minha Idade Média tropical e, logo depois de riscar o chão da narrativa, tenta procurar, nas dobras do tempo, tudo o que se fez necessário à remontagem do texto que se pretende eloquente, pois se trata de uma epopeia. Toda e qualquer epopeia é eloquente por natureza, efusiva, gritante, ensurdecidamente altissonante.

A cidade quase personalizada segue bem próxima do narrador na terceira pessoa; alguém escondido atrás da janela com a máquina fotográfica a flagrar a vida do(s) personagem(ns) visto(s) de uma distância não esgarçante, porém vivamente multiforme e colorida, autêntico caleidoscópio às voltas com as próprias reminiscências... Rememorar é um gesto de desarrumar a gaveta da saudade. Corre-se o risco de fazer da rememoração uma simples lição de prosaísmo nostálgico, cujo valor autêntico fica prejudicado pelo excesso de egocentrismo, além de prejudicar o clima empático de que se reveste o contexto calcado na evocação, mas este se apresenta de forma sedutora e hábil, dando ao leitor a impressão de que ele foi arrebatado pela matéria narrada. Em outros termos: texto e leitor confundem-se de forma mágica. Eis aqui o segredo de narrar bem, ou seja, conseguir a tão almejada cumplicidade do leitor concriativo. Esta leitura torna-se, de imediato, um exercício pactual. Suas recorrências são diversas e, na maioria das vezes, caracterizadas pelo uso da subliminaridade.

As sugestões oriundas das fontes tradicionais, inclusive aquelas universalizadas, são frequentes na obra em discussão. Tomemos como exemplos trechos aleatórios nos quais se apontam técnicas literárias apoiadas no virtuosismo da narração:

a. Na prosa das literaturas novilatinas, existe uma tendência para a consagração do que habitualmente denominamos *ordem direta*, em contraposição ao latim, no qual a ordem é livre. O mesmo se diga quanto aos modelos narrativos populares, dos quais se destacam as estórias e as lendas com os consagrados intróitos (*incipit*) às vezes seguidas de *captatio benevolentiae*. “Era uma vez”... “Diz que havia”... “Havia”... etc. O narrador popular geralmente se mantém fiel a este estereótipo. No caso do ficcionista erudito, ele não se sente obrigado a seguir tal forma. Apesar de o narrador de *Epopéia dos Sertões* assumir o papel de narrador popular, ele se desincumbe dessa tarefa, remontando totalmente o respectivo modelo popular, ao misturar, afinal de contas, todos os elementos constitutivos da narração como se esta fosse uma charada, uma espécie de anagrama narrativo. Vejamos:

Eu ainda vou me contar um caso, num dia de frutas, das duas famílias que mandavam em Catalão: os Calaveiras e os Celícolas. Por causa de uma demanda de terras na região do Indaiá – 5.600 alqueires de mentira – as duas famílias, havia na cidade um homem chamado Antero. Homem de lei, Juiz de Direito, alto e baixo, branco, solteiro, pai de família, deu o parecer contrário.

Em face desta virtuosidade anagramática, forçoso é reconhecer, portanto, que o escritor é um exímio remontador da língua portuguesa: Por conhecer os segredos plásticos do idioma, além do mergulho nas vastas e profundas águas lexicográficas neolatinas, mantendo a melhor lição semântica de cada palavra, matéria-prima de sua reconstrução textual.

b. Os exemplos multiplicam-se em vários parágrafos.

Por terra e por mar, em vão tentou escapar da prisão que o maltratava. Um dia teve uma ideia, logo.

A um leitor despercebido e desapercibido esta passagem jamais lhe chamaria a atenção quanto à deliberada justaposição de um termo que explica o outro, graças ao sinete etimológico: *ideia* = percepção intelectual (conseguida através da palavra) baseada em *logos* (elemento grego que exprime palavra ou ideia).

c. Às vezes a explicação quase desnecessária torna-se superabundante, pois os componentes do discurso podem ser vistos como um bom exemplo de reiteração:

Perto do saibo e debaixo de uma sombra tomava aperitivo para abrir o apetite, pois que nas festas dos outros um tinha por obrigação comer dobrado, variar de comedoria.

A intenção de repetir confere ao texto bastante ênfase, características dos *mantras* e das *litanias*.

d. Prossigamos: *A irmã chegava com um sorriso: saieta, flores secas do campo e muitas coisas demais. Doroteia ela se chamava, com um presente em cada mão.* O antropônimo Doroteia prende-se ao substantivo grego *to dorón* = presente, regalo, dádiva, o que faz do trecho que lhe segue um autêntico desdobramento de significado.

Estas experiências não se prendem apenas aos instrumentos semânticos neolatinos, mas, também, a outras fontes léxicas, inclusive as orientais:

Vinha cantando bom o carro de bois pelo caminho da lagoa Suriada. Era o turco Abdón, com suas coisas de vender.

Percebe-se a aproximação analógica: Suriada (Síria) + Abdón.

Neste exemplo houve a aproximação analógica entre um topônimo (suriado) e um antropônimo (Abdón). Se o segundo nos revela a contribuição oriental, traduzida pela figura popular do mascate árabe – erroneamente denominado de *turco* – o mesmo não acontece com o topônimo Suriada no qual o termo Suria (= Síria) entra na composição vocabular de modo sugestivo. Desde os tempos de Heródoto que aos assírios lhes era atribuído o nome de *sírios*, o que fez muitos estudiosos pensarem que Síria vem de Assíria (por aférese). Mas, outros acham que o termo provém de outro topônimo

Suri, distrito da Mesopotâmia. William Agel de Mello optou pela segunda alternativa, rebatizando com ela uma lagoa fantástica talvez com a única finalidade – salvo melhor juízo – de realçar a contribuição árabe à cultura brasileira. Aliás, esta contribuição entre nós não foi ainda bem estudada.

e. Em várias passagens do livro a recorrência à toponímia costuma surtir bom efeito estético, cuja decodificação parece às vezes realçar o óbvio ou chamar a atenção do leitor para a valorização do conhecimento de domínio. A toponímia explicada estilisticamente mediante a subliminaridade, recurso sutil para aliviar a mesma descrição horizontal:

No outro lado da vila o morro das Três Cruzes, carregado de lendas. Que havia três almas encerradas no topo...

f. A onomatopeia, velho recurso traduzido pela harmonia imitativa, tem sido amplamente utilizado na música e na literatura.

Quando algum escritor lança mão da onomatopeia ou da metáfora tem-se a impressão de que ele está competindo com a Mãe Natureza na recriação do mundo, tantas são as possibilidades que lhe oferecem esses recursos estilísticos. Em William Agel de Mello algumas onomatopeias foram retiradas do populário luso-brasileiro, outras pertencem ao seu idioleto, ou seja, são frutos do próprio artesanato do autor:

A cocá repetia sempre: Tou fraco, tou fraco, tou fraco.

g. Outros efeitos são conseguidos por meio de experiências outras mais sutis. Vejamos, para elucidação deste ofício de ourivesaria literária:

E do outro lado, o lugar mais feio que havia: cheio de escarpa e precipício, de pântano, água podre e poço sem fundo como se em sonho ou pesadelo. (O grifo é nosso.)

Os dois últimos componentes que acabamos de transcrever estão interligados pelo simples fato de pertencerem ao mesmo campo semântico – ou pretensamente semântico – pois houve tão-somente o aproveitamento da analogia fônica, isto é, estabeleceu-se uma aproximação analógica entre *sonho/sono/pesadelo/insônia* etc., ao tempo em que o advérbio *como* aproxima-se de *coma* (do grego *Kome*). A sequência destes três elementos magistralmente selecionados muito contribuiu para a criação, num átimo, aquilo que bem se poderia denominar de *clima onírico*, perfeitamente ajustável à paragem textual.

Como se não bastasse a virtuosidade em armar o seu discurso literário, montando e desmontando a própria língua – herança neolatina, nosso condão estético maior – ainda fez de várias partes da obra

um verdadeiro delta de convergências textuais, remetendo o leitor às outras fontes literárias e históricas, cujo mérito maior talvez repouse no alto poder de síntese. Vale a pena atentar para a longa citação:

Aquele professor, um homem cheio de manias. Nunca estava satisfeito com nada. Ficava horas e horas meditando nas grimpas das árvores, maneira sua de estabelecer contato com o alto, despreendendo-se das coisas terrenas. Segundo ele, havia o raciocínio justo e o raciocínio injusto, e que este era passível de derrotar aquele – era só uma questão de saber empregar bem as palavras, assim como esgrimir com técnica uma espada. Iria longe, sem dúvida. Já tinha escolhido até o nome de seu estabelecimento de ensino – “Sofia” – derivado do grego, e iria construí-lo às margens de um lago, auxiliado pelos discípulos. Quem fosse para lá, que tivesse envergadura para tal – teria de dedicar-se a fundo no aprendizado da doutrina. Além disso, a exemplo da vida monástica, uma parte do tempo consagrariam aos exercícios físicos, à plantação dos alimentos que eles próprios consumiriam, numa dieta que deveria ser seguida à risca, com o maior rigor possível. Não era uma pessoa comum – via-se logo. Para começar, tinha um modo próprio de falar – elogiado por uns e criticado por outros. Jurava pelas nuvens, talvez por crítica à religião, espírito agnóstico era. A morte prematura viera surpreendê-lo em pleno início das obras.

Texto eloquente no qual se vislumbra um sem-número de referentes culturais. Em primeiro lugar, percebe-se o reaproveitamento de todos os dados sobre a vida monástica ocidental, que teve na pessoa de São Bento o seu grande instaurador, sem esquecer, evidentemente, as experiências da vida retirada comunitária dos essênios, grupo de judeus já bem estudado em nossos dias, graças à decifração dos Documentos do Mar Morto. Soma-se a tudo isso, o vetor que nos remete a vários tipos de utopias que seria ocioso numerá-los nesta simples passagem resenhal, não se descartando, também, o ambiente de quase todos os conventos medievais com as figuras dos copistas, letrados ou semiletrados, a povoarem aqueles redutos do saber da Idade Média, tão próximos do estilo de vida que levavam os integrantes das “Casas de Vida”, do antigo Egito. Modernamente, chamamos a atenção do leitor para a intertextualidade em que se faz presente *O jogo de abalórios*, de Hermann Hesse, embora William Agel de Mello o tenha apresentado de modo despojado: A comunidade sonhada por aquele professor dos confins goianos reduz-se bastante em face da comunidade utópica de Hesse com o elenco de seus *magistri*. Este trecho, sugestivo por natureza, alerta-nos para a capacidade do narrador de filtrar os mais distantes

valores universais para reintegrá-los no seu discurso, visando ao universal, o que vale dizer, apesar do aproveitamento, amplo e vertical do acervo que constitui o tesouro cultural do Brasil Central, o autor conseguiu desregionalizar o seu texto graças à capacidade demiúrgica de deixá-lo estigmatizado pelo sinete da universalidade. Soma-se ainda a sua capacidade de harmonizar o erudito e o popular, o local e o regional, este em relação ao nacional, da melhor forma possível, embora, do ponto de vista da teoria da recepção, a sua obra exige do leitor uma base cultural acima da média, não sendo, portanto, destinada ao leitor comum e, muito menos, àquele embrutecido pela leitura dos *best-sellers* ou quaisquer outros tipos de obras de encomenda, produtos teleguiados pelos departamentos de mercadologia editorial, uma das pragas do fim deste século!

h. A técnica da composição. O autor usa com mestria a palavra no seu sentido etimológico. Valorizar a etimologia é ampliar também as múltiplas possibilidades das experiências literárias, cuja recorrência à diacromia termina iluminando cada palavra no seu devir semântico. O autor foi muito feliz nos seus exercícios experimentais:

- 1) De noitezinha, à luz de lamparina costumava escrever com seu estilo, gravava com afiada ponta de osso palavras numas tabuinhas presas à parede interna do celeiro
- 2) Inteligente, aprendeu a ler dentro das pessoas
- 3) Ele era menos, dizia, nada mais que um soldado no ministério da fé
- 4) A cera dava aos pobres: “Para fazer vela”, era como dizia sincero; com amizade, simpático
- 5) Um dia teve uma ideia, logo
- 6) Tomava aperitivo para abrir o apetite
- 7) Comitiva, de amigos
- 8) Doroteia ela se chamava, com um presente em cada mão
- 9) Dona Urumeia, da verde colina. No alto o velho espanhol Goyaz enxergava toda a gente
- 10) Lagoa Suriada
- 11) Figura sinistra, esquerda
- 12) Explicava, desdobrava
- 13) Sibila
- 14) Como uma coluna gigante chamada imensa
- 15) Ciúme de fêmea em cio
- 16) Forró para todos
- 17) A cobra se insinua
- 18) Berrava a vaca chamada Audunlada

- 19) Ágil para cortar as ondas, ágil
- 20) E a embarcação chegou a uma terra, e a
- 21) Jogada no meio da dúvida que medeia
- 22) “Heureca” disse a feiticeira, e achou
- 23) “Fiat” – e fez-se o clarão
- 24) “Das cinzas da ave nasce a ave, e não fenece”
- 25) “Cruza o rio, cruza”
- 26) “Quero” – disse – de cima do monte despediu-se de seu fiel
cavalo ensinado
- 27) E caiu num ponto
- 28) “Como?”
- 29) Com a cabeça na porta batia o Catalano – cap, cap, cap e cap
- 30) Mais logo o menino com medo do óleo de rícino arregaçou
a manga e pegou a exhibir o muque. Chamava a atenção para
que pusessem reparo: o músculo teso formava a figura de um
ratinho agachado no braço
- 31) Lateo ainda estava escondido
- 32) Tioneu que dirigia o séquito, repousando à sombra da parreira
ou sentado no tonel. “Livre”, exclamava, livre
- 33) – Ela, Helena, resplandecente de luz
- 34) Máscara tão grande que escondia a sua pessoa. Falava alto,
tonal, com gestos. “O país do meio.”
- 35) Narigão
- 36) Tomou ares de guerra e seguiu a direção do vento, marcial,
invocando o deus da violência
- 37) Gruta do Orco
- 38) Situado na fronteira entre a vida e a morte – agonia
- 39) Irmãos; confraternizaram
- 40) Pirapitinga – o peixe esperto
- 41) Fonte de água saliente
- 42) Em cima Virgilino ria como rival, batendo no peito vaidoso
– sua a cara do Cão, cínico, canalha
- 43) Já tinha escolhido até o nome de seu estabelecimento de
ensino – “Sofia” – derivado do grego
- 44) Algo de concreto, real, coisa
- 45) Vivia como ilha, isto é, isolado
- 46) “Nem todo comerciante é tratante”
- 47) No meio do caminho foi pensando no período, período da
vida em que as coisas amadurecem de verdade
- 48) Com ares de guerra
- 49) “A gente é como planta: nasce, cresce e dá fruto” – Sinhá
Carpó

- 50) – Disciplina – insistiu Dona Irene
- 51) “Orai ao Senhor. Orai”
- 52) “Há-de-o!”
- 53) Os concorrentes, isto é, os atletas
- 54) Com as suas máscaras – ror de pessoas –
- 55) Ipameri entre águas
- 56) Geena
- 57) O voo dos pássaros, augúrio
- 58) Sofia, ao saber da notícia
- 59) Eugênio, bem-nascido
- 60) Por ela descia ao fundo do inferno, desafiava o Sujo: – “Há-de-o”
- 61) Fenece (Fênix)
- 62) Virgem Nossa Senhora, Virgem, viche, iche, iii!
- 63) E cantavam loas com louvor
- 64) Cheias de graças
- 65) Abismo não chama abismo? (*Abyssus abyssum vocat*)
- 66) Abismo – que não tem fundo
- 67) Eu falo, falo, falo. Fala, meu papagainho
- 68) Seo Astrape tinha pavor de relâmpago
- 69) Ninguém é meu nome
- 70) Cláudio, mancando
- 71) Os depoimentos contestes – testa com testa
- 72) Cadáver, que morreu
- 73) Juiz larápio
- 74) Filipe, amigo dos cavalos

i. A gramática revalorizada. Que não se amplie o caos na comunicação moderna, mediante a multiplicação das ambiguidades, contradições, lacunas, incongruências, confusões, bem como o significado zero no discurso literário, pois não se deve construir todos os textos orais e escritos apoiados apenas na enumeração caótica, nas jitanjáforas, tudo estribado no desconcertante estilo da tibitate. Os cânones gramaticais, se não todos, pelo menos grande parte deles, servem para tornar a mensagem mais clara e transparente e, portanto, mais funcional no ato da decodificação comunicativa, melhorando, por conseguinte, a própria comunicação de todos os seus desdobramentos. O autor ao revalorizar, fê-lo com a louvável intenção de chamar a nossa atenção para o bom uso da gramática como um eficiente recurso de labor literário e não como um detestável empecilho ao gesto de escrever. A boa escritura não repele o bom conhecimento da gramática. Todos os bons escritores, os

verdadeiros sacerdotes da língua, sabem muito bem disso. Eis aqui o elenco dos exemplos que atestam a boa intenção do autor:

- 1) Respirando com dificuldade, o pulmão trespassado por aço fino, apercebeu-se para a morte
Aperceber-se no sentido de preparar-se
- 2) Apercebeu-se de arma para enfrentar o inimigo
Aperceber-se no sentido de munir-se. Ver nota 1
- 3) O tempo foge, e mal apercebemos que a vida foge também
Aperceber ou perceber. Ver notas 1 e 2
- 4) Passarei por casa, primeiro
A palavra casa, quando não vem acompanhada de modificador, dispensa o artigo
- 5) Por descargo de consciência
E não: por desencargo de consciência
- 6) Fazia muitos anos que não se viam
E não: faziam muitos anos que não se viam
- 7) Promessas eleiçoeiras
E não: eleitoreiras ou eleiçoeiras
- 8) fosquinha,
E não: fusquinha
- 9) Tinha ojeriza danada de uma coisa daquela
E não: ogeriza
- 10) Os arrozes-doces
Arroz-doce, no singular; arrozes-doces, no plural
- 11) Nos quadros negros, gizes de várias cores
Giz, no singular; gizes, no plural
- 12) Teve problemas em todas as gravidezes
Gravidez, no singular; gravidezes, no plural
- 13) Fizera isso por quê?
Nesse caso o que recebe acento, ou seja, em final de frase, ou antes de pausa forte
- 14) não dava três passos, senão caísse
Senão equivale a sem que
- 15) Ela ia levá-lo aonde?
Aonde se usa com verbos dinâmicos, que indicam movimento. Para os verbos estáticos, usa-se onde
- 16) Estavam a poucos quilômetros do objetivo
A e não há. Quando é possível substituir há por faz, emprega-se há e não a
- 17) Um sicrano de tal
- 18) Muçum

- Muçum, e não Mussum
- 19) Escapou ao afogamento
Escapar a
- 20) Conviveram muito tempo
Conviveram – e não conviveram juntos
- 21) absoluto silêncio em sinal de respeito
E não: o mais absoluto silêncio
- 22) Na prateleira, nos respectivos lugares,
E não: em seus respectivos lugares
- 23) Não tinha outra opção
E não: outra alternativa. Alternativa já significa outra
- 24) Exultou
E não: exultou de alegria
- 25) Foram unânimes
E não: todos foram unânimes
Ou: nem todos foram concordes com a opinião
- 26) Avante sem esbarrar, em que pese à forte chuva
Em que pese ao temporal, prosseguiremos
E não: em que pese o temporal
- 27) Era de impressionar aquela cena
E não: era de se impressionar
- 28) Uma reação igual não era de entender
E não: de se entender
- 29) havia assistido a uma boa peleja
Assistir a – e não assistir
- 30) Para assistirem o guerreiro
Assistir o ou assistir ao
- 31) Desapercebido para a guerra
Ver notas 1, 2 e 3
- 32) Ergueu o filho ao colo
Ao colo – e não no colo (neste caso)
- 33) Todo o mundo alegre
E não: todo mundo
- 34) Virgilino no centro, último a sentar-se à mesa
E não: a sentar na mesa
- 35) Pediu ao amigo que pusesse o arroz ao fogo
E não: no fogo
- 36) Estimava vê-lo com saúde
E não: estimava em vê-lo
- 37) Tomava notas em folhas de papel almaço brancas
E não: branco
- 38) Adversários, não inimigos

- Expressão correta
- 39) Um problema difícil de resolver
E não: de se resolver
- 40) Os meninos. O trenzinho de ferro entrava no túnel de papelão,
apitando, soltava fumaça, na curva descarrilava
Descarrilava – e não descarrilhava
- 41) Perigo formidável
Expressão correta
- 42) Sua irmã, coitada, quando morreu, ela se pesava pouco mais
de trinta quilos
Ela se pesava – e não ela pesava
- 43) Não pisava chão frio
Não pisasse o seu calo
Pisar – e não pisar em
- 44) Tiraram à sorte, para ver quem ia primeiro
Tirar à sorte e não a sorte (neste caso)
- 45) Estavam a par de tudo
E não: ao par. Ao par se emprega para câmbio
- 46) Ele não era homem de fazer uma coisa dessas
Dessas – e não dessa
- 47) Olhou-se ao espelho da água parada
E não no espelho
- 48) E toca a trinchar a rês
Trinchar – e não destrinchar
- 49) Trepou à árvore alta para observar melhor
Tregar à e não na
- 50) Em precariíssimas condições
Precariíssimas – e não precaríssimas
- 51) Ficou pasmado
E não pasmo
- 52) Era de opinião que
Que – e não de que
- 53) dona de casa
E não dona-de-casa
- 54) Mandou-os entrar
E não mandou eles entrarem. Os verbos deixar, mandar, fazer, sentir, ver, ouvir (e sinônimos) repelem pronomes retos, precedidos de um verbo no singular
Entrar – e não entrarem. O infinitivo deve permanecer no singular
- 55) Deu à luz trigêmeos
E não – deu a luz

- 56) Com 1 tostão furado, apenas
Apenas com – e nunca com apenas
- 57) Ainda não havia acabado de ler o livro
Ainda não havia acabado de pronunciar o discurso
Acabado – e nunca terminado. O verbo terminar rejeita complemento representado por infinitivo
- 58) O faquir, no setuagésimo dia de jejum
Setuagésimo – e não septuagésimo
- 59) Senhor fulano, Seor, Sor
Os pronomes de tratamento escrevem-se com iniciais maiúsculas
- 60) Rua do Comércio
Os substantivos rua, avenida, zona, beco, praça, etc., que acompanham outros nomes, escrevem-se com iniciais maiúsculas
- 61) O espetáculo ia começar às 20h30min20
Não há espaço entre os números e as abreviaturas. Não há ponto nem s
- 62) Recebera ordens para terminar o serviço quanto antes
E não o quanto antes. Antes de quão e quanto não se emprega o
- 63) Se acaso não vencesse, não ficaria desonrado
Se acaso – e não se caso
- 64) O inimigo, e não eles, retirou-se mais cedo da batalha
Nesse caso, o verbo concorda com o primeiro pronome
- 65) Que tais os planos?
E não que tal
- 66) Encostou-se à árvore
Encostou-se ao muro
E não encostou no muro
- 67) Não compartilhava aquela opinião
E não compartilhava daquela
- 68) Iam celebrar a missa do sétimo dia
E não de sétimo dia
- 69) Não a queriam como amiga, porque não lhe queriam
Na primeira o verbo querer é transitivo direto; na segunda, transitivo indireto
- 70) Não veio com um nem com outro
E não – não veio com um e nem com outro. Depois da negativa não, não se usa e nem.
Não queria partir nem queria ficar
- 71) Custou-lhe aceitar a realidade

- O verbo *custar*, no exemplo dado, não pode ter como sujeitos os pronomes retos
- 72) Não havia nenhuma solução para o problema
E não qualquer solução
- 73) Havia que se organizar a ofensiva
Construção corretíssima
- 74) Mania de acordar antes que o galo cantasse
E não antes de que
- 75) Todos os dias ouvia as novelas pelo rádio
E não pela rádio
- 76) Falou, até que a convenceu
E não que lhe convenceu
- 77) A frialdade da água, a tremura
Frieza só se emprega para sentido figurado
- 78) Era preciso chover tanto? Reclamava
Era preciso – e não precisava
Não se deve empregar o verbo *precisar* como verbo impessoal
- 79) Contente e alegre
Estar contente é estar satisfeito interiormente. Estar alegre é estar satisfeito exteriormente
- 80) As forças do flanco direito continuavam alerta
E não alertas
- 81) Não tinha dinheiro para pagar ao armazém
Pagar ao – e não o armazém. Quem paga, paga alguma coisa a alguém. Portanto, não tinha dinheiro para pagar (a conta) ao armazém
- 82) Aspirava a um diploma de Teologia
Aspirar a – e não aspirar
- 83) À forra, quer chova, quer não
E não – quer chova, ou não (chova)
A correlativa conjuncional é *quer...quer*
- 84) Obra de quinze homens repetiram o feito
Expressão correta
- 85) Estavam cinco no carro-de-bois
E não – estavam em cinco
- 86) Mais de uma pessoa havia entrado (entrou) lá
E não entraram. O numeral (depois das expressões *mais de*, *menos de*, *perto de*, *longe de*, etc.) é que determina o número do verbo
- 87) Que se deixasse de converssa fiada
E não – que deixasse. O pronome é obrigatório
- 88) Pegado em flagrante

- E não pego
- 89) Ele se parecia muito com o pai
O emprego do pronome é compulsório. Pede com ou a
- 90) Aquele não era seu amigo, nem o outro
E não – e nem o outro
- 91) Nem todos os dias ia à fazenda
E não – não ia à fazenda todos os dias
Nem sempre fazia aquilo (a mesma coisa)
E não: não fazia sempre aquilo (a mesma coisa)
- 92) A professora... dava aula em domicílio, para aumentar a renda
E não – a domicílio. Quando o verbo indica movimento (levar, mandar, enviar, ir) usa-se em
- 93) defronte do bar
E não – defronte ao. Mas em frente de e em frente a
- 94) Convidou (autorizou) os homens a entrar
E não – a entrarem
O infinitivo não se flexiona, quando, regido de preposição, constituir elemento do substantivo, adjetivo ou de verbo regente, exceto quando houver ideia de reflexibilidade
- 95) Atiçava os namorados a abraçarem-se e a beijarem-se
E não a beijar
- 96) Vulgacho
O sufixo – acho exprime ideia pejorativa
- 97) Visto por um determinado prisma
Por ou através de. E nunca sob
- 98) Tapou o nariz para não sentir aquele fedor de carne podre
Tapar – e não tampar. Tampar é tampar com tampa. Tapar é obstruir, fechar, vedar
- 99) Como que dizendo: “Não há acordo entre mim e ele”.
Depois de preposição, empregam-se as formas oblíquas
- 100) Demonstrou muita boa-vontade pelo seu caso
Boa-vontade é substantivo composto
- 101) Havia tomado dinheiro emprestado a alguém – e agora precisava saldar a dívida – homem de palavra era
Toma-se emprestado alguma coisa a alguém
- 102) Adormeceu, e dormiu
Corretíssimo
- 103) Os Calaveiras
Nomes e sobrenomes seguem a regra para a formação do plural
- 104) Fizeram alto, na ponte do rio Verde
Ponte do rio Verde – e não ponte sobre o Rio Verde

- 105) Pegou o selo no envelope
E não: pregou
- 106) Ia comprar uma pouca de terra nas redondezas, mas acabou desinteressando-se da compra
O verbo desinteressar-se exige a preposição de. Uma pouca é expressão corretíssima
- 107) Vai para dez anos que não via a filha
Vai em cinco anos que partira dali
O verbo ir, nesse caso, é impessoal. O verbo ir (com a preposição em ou para) quando se refere a tempo, é impessoal
- 108) Homens daquela estirpe? Não se veem hoje em dia
E não: não se os veem hoje em dia
O pronome oblíquo o (e variações) não se pospõe ao pronome se
- 109) O senhor é como eu
E não – o senhor é que nem eu
Não se emprega que nem em orações comparativas a menos que haja ideia consecutiva na segunda oração
- 110) Tomou um tapa na cara e nem sequer esboçou uma reação
E não – sequer. Sequer é um advérbio que deve ser precedido de negativa
- 111) “Foi fácil para mim vencer a batalha.”
Para mim é complemento de fácil
- 112) Agiu com a melhor boa-fé
Boa-fé é um substantivo composto
- 113) Contava dezoito anos
O verbo contar, no sentido de ter idade, rejeita a preposição com.
- 114) Tais quais o pai
Tal e qual concordam com o nome a que se referem.
- 115) Nunca existiu pessoa mais ruim que aquela
Expressão corretíssima
- 116) Estes são problemas que cabe ao chefe resolver
E não – que cabem. O verbo permanece no singular
- 117) Não olhava a defeitos seus
O verbo olhar, no sentido de considerar, levar em conta, pede a
- 118) Uma pouca de água
Expressão corretíssima
- 119) Ia comprar uma pouca de terra
Expressão corretíssima
- 120) Assinava o nome mal e parcamente

- E não – mal e porcamente
- 121) Abriu um parêntese
Abriu um parêntesis
Parêntese – e não parênteses. Parêntese tem a variante parêntesis, que pode ser usado tanto no singular quanto no plural.
- 122) Tinha ódio àquele homem
Ódio a – e não ódio de
- 123) Usufruir aquela paz
Usufruir a – e não da. Usufruir é verbo transitivo direto.
- 124) Ao invés de
Ao invés de se usa quando há oposição
- 125) Cheio de luz, esplêndido. Sol esplêndido
Esplêndido significa cheio de luz
- 126) Colocou o filho ao berço
Ao berço – e não no berço
- 127) Deu um forte empurrão ao homem
E não – no homem
- 128) Saíram à rua para ver
À rua – e não na rua
- 129) Não pregou olho
E não – não pregou o olho. Pregar olho – e não pregar o olho
- 130) À medida que avançavam
À medida que – e não à medida em que
- 131) Preparando ovos estrelados
Ovos estrelados – e não estalados
- 132) Com gente de sua igualha
Igualha – e não iguala
- 133) A mãe, bem como os irmãos e as irmãs, chorou
A expressão bem como ou assim como, colocada entre sujeitos, faz com que o verbo concorde com o primeiro sujeito
- 134) Faziam todos rirem
Os verbos mandar, deixar, ver, ouvir e sentir terão flexionado o infinitivo, quando o sujeito deste é pronome indefinido ou substantivo plural. A obrigatoriedade do infinitivo no singular se restringe apenas ao caso de pronomes oblíquos
- 135) Convém que o senhor se previna
E não – convém que os cavaleiros se precavenham. O verbo precaver-se não se conjuga no presente do subjuntivo
- 136) Lembrava de ter falado com ela, antes de partir?
Antes de infinitivo, tanto lembrar quanto esquecer podem prescindir de pronome. Sem o infinitivo, a forma correta é lembrar-se de, esquecer-se de

- 137) Furou-se o pneu da bicicleta
Com o agente indeterminado, emprega-se o verbo furar-se
- 138) Naquela hora, as luzes da cidade acenderam-se
O verbo queimar é transitivo direto, mas quando o agente estiver indeterminado, exige o emprego do pronome se. O mesmo se aplica aos verbos apagar e acender
- 139) O melhor estudante da escola
Construção corretíssima. A escola é mista, logo, prevalece o masculino.
- 140) Unzinho, à tardinha, cedinho
O diminutivo, no caso em apreço, imprime ao termo afetividade, e é destituído de valor gramatical
- 141) O menino estava com sapinhos
E não – com sapinho. A palavra só pode ser usada no plural, em se tratando da doença
- 142) As moças – umas entravam que saíam
Expressão correta
- 143) Disse-lhe que esperasse
E não – para esperar. A ele é objeto indireto. Logo, não se pode usar para. A locução para que só se usa quando equivale a a fim de que
- 144) Já havia sido pactuada a trégua, devendo os dois bandos proceder à retirada dos feridos
Não se flexiona infinitivo que depende de gerúndio
- 145) Implorou que lhe poupassem a vida
E não – para que lhe poupassem a vida. Quem implora, implora alguma coisa, e não para alguma coisa.
- 146) Cuja relação atingia mais de 100
E não – atingia a mais
- 147) Não tanto por ele, quanto por sua esposa
Não tanto exige quanto como segundo elemento – e não mas ou mas também
- 148) No sertão o que vige é o duro
O verbo é viger e não vigir, e só se conjuga nas formas em que ao g se segue e
- 149) Um dos que o acompanhavam
A expressão um dos que pede o verbo no plural. Mas o verbo ficará no singular, ou irá ao plural, dependendo do sentido que se queira dar à frase.
- 150) Ganhar e perder não são da guerra?
E não – ganhar e perder não é da guerra. O verbo vai ao plural quando o sujeito é formado por infinitivos antônimos

- 151) Ia indo avexado
Os verbos ir e vir podem ser auxiliares de si próprios
- 152) Choveram balas
O verbo chover, empregado em sentido figurado, sofre flexão normalmente
- 153) O homem dizia que estava doente
E não – o homem falava que estava ferido. Com objetos oracionais, emprega-se o verbo dizer
- 154) O juiz demorou-se a dar a sentença, por indeciso
O verbo demorar – no sentido de custar, levar tempo – emprega-se com o pronome e a preposição a
- 155) Viva o Chefe. Salve, Chefe!
Viver é verbo (e não interjeição). Salve é interjeição. Depois de interjeição aparecem os vocativos, e os vocativos rejeitam artigo
- 156) Ninguém o chamasse à atenção, na presença de outros
Chamar alguém à atenção é advertir alguém
- 157) Os homens queriam poupar o ancião a mais um desgosto
O verbo poupar exige a. Pode-se optar por esta oração: Os homens queriam poupar ao ancião mais um desgosto
- 158) Os homens brigavam entre si mesmos
E não – entre eles mesmos. Quando houver ideia de reciprocidade, usa-se o pronome. Se o sujeito não é da 3ª pessoa do plural, então usa-se eles, ou eles mesmos
- 159) Respondeu a todas as perguntas
E não – respondeu todas as perguntas. Responder usa-se no sentido de retrucar
- 160) Acertou com a pedra na cabeça do inimigo
Nesse caso, o verbo acertar pede a preposição com
- 161) Exortou os homens a continuar a luta
Exortar pede a
- 162) O Chefe advertiu os homens de que não se envolvessem em conflitos de rua
E não – para que não se envolvessem
- 163) Antes de tudo
Antes de substantivos ou de pronomes substantivos, usa-se antes de. Antes que se usa antes de orações. Mas primeiro de tudo ou primeiro que tudo
- 164) O Chefe é servido?
E não – está servido
- 165) Cabelos castanho-escuros

- Nos adjetivos compostos indicadores de cor, varia só o último elemento
- 166) Procurem o melhor dos homens possível
Possível não varia quando é acompanhado por o mais, o menos, o melhor, o pior, o mais, o menos
- 167) Deram oito horas
O verbo dar concorda com o número de horas, usado nesse sentido
- 168) Sua idade variava entre 28 e 35 anos
A preposição entre pede e. A preposição de pede a
Sua idade variava de 25 a 30 anos
- 169) Ele correr de batalha? Nunca jamais
Expressão correta
- 170) Todos riam dele, inclusive o mais rabujento
Inclusive se usa quando pode ser substituído por e também
- 171) Todos três
E não – todos os três
- 172) Apostava em que o cavalo branco venceria a corrida
Apostar que, ou em que. Nunca com
- 173) Ao passarem para o outro lado, quebraram a pinguela
Ao + infinitivo exige a concordância com o sujeito
- 174) Os homens parecia que estavam confiantes na vitória, mas quem conhece a natureza humana?
O verbo parecer, nesse caso, é impessoal, e fica no singular
- 175) O mundo já não é como antes?
E não – o mundo não é mais como antes. Usa-se mais quando equivale a outra vez, de novo. Quando for sinônimo de já, é aconselhável evitar o mais
- 176) A estória de que mais gostava
E não – a estória que mais gostava. Quem gosta, gosta de
- 177) Ele era o chefe a quem todos obedeciam
Quem obedece, obedece a
- 178) Aquela era a melhor conclusão a que chegaram
Quem chega, chega a
- 179) Uma pessoa em que não confiava
Quem confia, confia em
- 180) Aquele era um homem a quem todos tinham ódio
Quem tem o ódio, tem ódio a
- 181) De nome Baltasar
E não Baltazar
- 182) Esse menino é igual a mim
E não – igual a eu. Igual é adjetivo, e não conjunção

- 183) Ele era feito eu
Corretíssimo
- 184) Obedecia às regras
Quem obedece, obedece a
- 185) Nunca haveria de amar com tanta intensidade outra mulher
senão a ela
E não – senão ela. Depois de verbo não se usam pronomes
retos
- 186) Vivía à custa da mulher
E não – às custas. As locuções prepositivas não devem ter
elementos pluralizados (exceção: a expensas de)
- 187) Geralmente confiava em seus homens, exceto naqueles que
falavam cabisbaixos
Exceto em ou simplesmente exceto
- 188) Rejeitou uma proposta para a venda da égua,
Proposta para a
- 189) Como o diabo foge à cruz
E não com o diabo foge da cruz
- 190) Um sem-número de vezes
Sem-número e não sem número
- 191) Disse alto e bom som
E não – em alto e bom som
- 192) Findo o trabalho, rapar a barba e o bigode
Rapar – e não raspar a barba e o bigode
- 193) As mulheres-damas para uma bacanal
Uma bacanal – e não um bacanal
- 194) Propositadamente
E não propositalmente
- 195) Abaixou a cabeça
Abaixou a cabeça – e não abaixou a cabeça
- 196) Os pechotes fazendo más-criações
Pexote – e não pixote. Más-criações – e não malcriações
- 197) Ela tinha um sósia
Sósia é nome sobrecomum. Usa-se tanto para o homem quanto
para a mulher
- 198) Meio arvoado
Arvoado – e não avoado
- 199) Com pretexto de que
Com pretexto, ou sob pretexto
- 200) Feito por medida
Melhor que sob medida
- 201) Para atenzá-lo

- Melhor que atazaná-lo
- 202) A impassibilidade só por fora
E não a impassividade
- 203) Tacharam-no de covarde
Taxar se emprega tanto para a qualidade boa quanto para a má. Tachar só se usa para a qualidade má
- 204) Em toda a parte sofrimento, lágrimas, destruição...
E não em toda parte
- 205) Os vaga-lumes denunciavam a sua presença
Vaga-lumes. E não – vagalumes. O hifem é obrigatório
- 206) Atingido na parte torácica
Torácica e não toráxica
- 207) Malvadez
Malvadez, ou malvadeza
- 208) Jogou a mensagem ao lixo
Melhor que no lixo
- 209) E jogou-se aos seus braços
E não – jogou-se nos braços
- 210) Ficou com muito dó dele
Muito dó, e não muita dó
- 211) Montou-se no cavalo
E não montou no animal
- 212) Confraternizaram
Há redundância em confraternizaram-se, porque a ideia de reciprocidade já está encerrada no prefixo com
- 213) Saiu ao pai, esculpido e encarnado
E não: cuspido e escarrado
- 214) Tirar a prova dos nove, ou noves
E não dos nove
- 215) Uma como neblina
Construção clássica
- 214) Madrugada friíssima. Será que ia gear?
Expressão corretíssima
- 215) Pedia atenção ao que ia dizer
Pedia atenção a
- 216) Avultava entre os mais valentes
Avultava entre
- 217) Distraído, as meias pelo avesso
Pelo avesso – e não do avesso
- 218) Olhava de esguelha
Expressão correta
- 219) Chuchu, farinha e jiló

- Chuchu – e não xuxu. Jiló – e não giló
- 220) Ninguém ombreava com ele
Ombreava com
- 221) Gumercindo, garimpeiro, uns gramas de ouro na sacola
Uns gramas – e não umas gramas
- 222) Vermelho que nem pimentão
Expressão correta
- 223) A sentinela deu o sinal
A sentinela – e não o sentinela
- 224) Arvorezão
Aumentativo de árvore
- 225) Não lutava nem liderava os homens
Não... nem – e não não e nem
- 226) Sua liderança era incontestável
Incontestável – e não inconteste
- 227) Era preciso seguir à risca o plano para não se darem passos
em falso
Não se darem – e não não se dar
- 228) Que viesse quanto antes
Quanto antes – e não o quanto antes
- 229) Ameaços de febre
Ameaços – e não ameaças
- 230) Implicava com ele
Implicava com
- 231) Curioso de saber como estava
Curioso de
- 232) Pasileia sobressaía a todas pela beleza
Sobressaía a
- 233) À saída, nem sequer se despediu
Nem sequer – e não sequer
- 234) Malcriadezas
Correto
- 235) Na melhor intenção
Correto
- 236) Revidar ao ataque
Revidar ao e não revidar o
- 237) O papagaio repetia o provérbio: “Mais vale dois pássaros na
mão que dois que voando vão”.
É o provérbio original
- 238) Apenado por um delito que não cometeu
Expressão correta
- 239) Custava-lhes acreditarem na realidade

- Custava-lhes – e não custavam-lhes
- 240) Segurando-se ao galho de árvore
Ao galho – e não no galho
- 241) Ficavam ao aguardo de notícias
Ao aguardo – e não no aguardo
- 242) O mais pequeno em tamanho, mas dos mais valentes
O mais pequeno – e não o menor
- 243) Implorou que o poupassem
Implorou que
- 244) Para chegarem ali, gastaram vários dias
Para chegarem – e não para chegar
- 245) Morreu sem usufruir o dinheiro que havia ganhado com a
venda do sítio
Usufruir o – e não usufruir do
- 256) Passava à porta da casa
Pasava à porta
- 247) Parasito da família
Parasito e não parasita
- 248) Deu sua palavra de honra em que não causaria prejuízo a
ninguém
Deu sua palavra de honra em que – e não que
- 249) Ninguém lhe acudiu
Ninguém lhe acudiu – e não o acudiu
- 250) Recomendou que não andasse desarmado
Recomendou que
- 251) E despediu-se com um boa-noite
Um boa-noite – e não uma boa-noite
- 252) Menos de dois ficaram por lá
O verbo vai para o plural.
Mais de uma pessoa ficou por lá – e não ficaram. Nesse caso,
o verbo vai para o singular
- 253) Desculpou-se de sua falta
Desculpou-se de
- 254) Próximo à árvore
Próximo à
- 255) Faltava opinarem os demais
Faltava – e não faltavam
- 256) Marrom
Marrom – e não marron
- 257) Primeiro de tudo
Primeiro de tudo ou primeiro que tudo. Ambas as formas são
corretas

- 258) E choveram balas
Expressão correta
- 259) A distância
A distância – e não à distância. É uma exceção
- 260) Pediu ao comandante Gerênio...
Pedi ao – e não pedi para. Emprega-se pedir para quando está implícita a idéia de licença ou permissão

A partir de agora, cabem aos leitores mais avisados, sem precisar de Beatriz, adentrar o texto ficcional – e, nessa travessia estética, deliciosa e surpreendente – vislumbrar outros plintos que bem caracterizam a arquitetura frásica de William Agel de Mello, aquela que se constrói no espaço branco pontilhado de construções escritas, pois de bem com a gramática, o que faz o escritor um expressivo remontador da língua. Ele procura conseguir os melhores efeitos do sistema da língua e dos seus cânones gramaticais porque se trata, inegavelmente, de um grande alquimista da palavra.

Fim de *Epopéia dos Sertões*.

SUMÁRIO

Prefácio	187
A espada e a balança	203
Baalbek	207
Euterpe	211
História natural.....	215
João Capitão.....	223
A pedra fundamental.....	227
Bâmbola	231
Os três Joãos	235
Uma tarde de maçã.....	239
A vendeta do diabo.....	241
A triste estória do bobo muito alegre	249
Interpretação de um sonho	251
O caçador de onças Januário.....	253
Cronicon.....	255
Linha torta.....	257
O criador de abelhas.....	263
O bom pastor.....	273

PREFÁCIO

Junito de Souza Brandão

William Agel de Mello e o Mito

William, herdeiro e aedo de muitos deuses de Roma, da Grécia e da velha Germânia, que ele vive rememorando e presentificando, anda a merecer os hexâmetros das *Geórgicas* de Vergílio:

*Di patrii, indigetes, et Romule Vestaque, mater, quae Tuscum
Tiberim et Romana Palatia servas, hunc saltem euerso iuunem
succurrere saeclo ne prohibete... (Georg. I, 498 – 501).*

*– Deuses pátrios, heróis tutelares e tu, Rômulo, e tu, mãe
Vesta, que proteges o Tibre Toscano e o Palatino de Roma, permiti,
ao menos, que este jovem vá em socorro do século de ruínas em
que vivemos.*

Se William Agel de Mello ainda não desfilou sobre o carro do triunfo, puxado pela quadriga branca – o que não vai demorar – já mereceu as honras da ovação. Palavras dos deuses antropomorfizados de Atenas e de Roma. Promessa formal de deuses que se revestiram de homens, não de homens que se metamorfosearam em máquinas e computadores.

Nosso século em ruínas está sofrendo de oligandropia – fome de homens humanos. Sede de humanismo.

Em *Geórgicas, Estórias da Terra*, o autor recebeu muitos deuses, não se sabe se pelo processo apolíneo-dionísíaco do êxtase e do entusiasmo. O fato é que os recebeu. Quantos e quais é mister investigar. Inventário que será feito não nos moldes de Xenófanes (séc. VI a.C.) ou de Evêmero (séc III a.C.), que desmistificaram o mito sem dessacralizá-lo, mas nas pegadas de Camões ou de William, que o dessacralizaram sem desmistificá-lo.

O mito na obra de William entra de mansinho, com naturalidade e graça, sem violência, nem sofreguidão. Penetra na frase, encaixa-se na ideia, segue tranquilo a linha paratática do Autor.

Tudo muito espontâneo – técnica sem parecer.

Vale a pena recordar esses mitos, para se conhecer mais a fundo a técnica desse jovem grande escritor.

Afinal, *ars est celare artem*. É arte esconder a arte.

1) EUTERPE

– *Fugia do convívio social, quase não falava com o povo – falava sozinho, de casaco preto (...) Seo Eutérpio não ria nunca.*

A arte de antecipar é uma das grandes armas do Autor.

A presença de Tânatos é óbvia. Basta virar a folha: *Dizem que falava com a Morte.*

1) Tânatos: (em gr. *Thánatos*), gênio masculino alado, que personifica a Morte. Sempre de preto, com uma foice e às vezes um arco nas mãos. Introduzido no teatro como personagem pelo trágico Frínico (séc. VI a.C.), Tânatos tem destacada atuação na *Alceste* de Eurípedes.

– *Uma vez olhando no espelho da água parada viu-a: um esqueleto envolto num manto encarnado carregando uma foice...*

2) “O mito do espelho das águas” tem relação direta com a Morte. Narciso, o mais lindo moço da Beócia, para chegar à velhice, jamais poderia ver-se. Profecia do velho vidente Tirésias (que era cego): *si se non viderit* (Cf. Ovídio, *Metamorfoses* III, 339), se não se vir. Narciso viu-se no espelho das águas quietas da fonte de Téspias. E morreu por ter violado o tabu do reflexo. É que a alma, quando se contempla, abandona o corpo.

– *Dona Ilítia acudia, com panos quentes para minorar as fortes dores do parto.*

3) Ilítia (em gr. *Eileíthya*) é o gênio feminino que preside aos nascimentos, assim como Tânatos preside à morte. Filha de Zeus e Hera, irmã de Hebe, Ares e Hefesto, Ilítia não raro aparece como hipóstase de sua própria mãe.

– *Logo mais pegou o caminho do rio, que é curto. Pediu ao Barqueiro que o ajudasse a atravessar para o outro lado (...) O Barqueiro olhava aturdido, mas sem fazer perguntas (...) Remava e remava, de um lado para o outro, que é ofício seu.*

4) Caronte, velho robusto e de barba hisurta, era o barqueiro dos Infernos. Calado e trabalhador infatigável, transportava as almas

através dos pântanos do Aqueronte até a outra margem do rio dos mortos. Pagava-se-lhe em óbulo, daí o hábito de se colocar uma moedinha na boca dos defuntos.

II) HISTÓRIA NATURAL:

– *Paesano e o seu Míster, cachorro bom inseparável. O cachorro brincava com ele, compreendia-o (...)*

Novamente o Autor a brincar de esconder (arte) com o leitor. Não é preciso sofrer como Ulisses para rever seu velho e fiel cão Argos. Vira-se folha, fim da página:

– *Paesano e seu meditar. Agora lembrava-se de Míster e a imensa alegria que sentiu quando ele, Paesano, chegou de viagem após muito tempo de ausente.*

Ulisses, o solerte Ulisses, voltava de Troia. Vinte anos de ausência. O cão Argos esperava-o saudoso em Itaca.

É melhor ouvir logo o velho Homero (*Odisseia*, XVII, 291-304):

– *E um cão que estava deitado, levantando a cabeça, arrebitou as orelhas: era Argos, que o paciente Ulisses havia criado, antes de ir para a guerra (...) Abandonado na ausência de Ulisses, ele rolava diante do portal, sobre os estrumes das mulas e dos bois (...) Vendo aproximar-se Ulisses, agitou a cauda e abaixou a cabeça: faltaram-lhe forças para chegar até onde estava seu senhor. Ulisses o viu e, voltando a cabeça para o lado, enxugou uma lágrima furtiva.*

Argos estava morto: já havia matado a saudade de vinte anos de ausência.

III) BÂMBOLA:

– *Tudo é triste no fim de contas, mesmo na hora da maior alegria. O tempo a tudo dá começo e fim – o Tempo – ele só a si não devora. Não há solução para nada neste mundo. A gente não devia era de morrer nunca. Só o tempo é que existe sobre todas as coisas?*

Seria talvez um equívoco pensar que o recurso ao mito representasse, nas *Geórgicas*, apenas um recurso estilístico. Ao que parece, o mito para o autor é uma tentativa de fuga. O tempo é uma obsessão de William Agel de Mello. Amargura-se com o tempo histórico e refugia-se no mito; mas se o tempo mítico é circular, o fugitivo está sempre a reencontrar-se “no tempo”. É o “eterno retorno”.

1) Cronos (em gr. *Krónos* que, por uma falsa aproximação com *Khrónos*, o tempo, tornou-se “o tempo que tudo devora”) era

filho de Úrano e Geia. Por ordem ou para livrar Geia de Úrano, que a maltratava, Cronos cortou-lhe os testículos, impondo-se como novo soberano dos deuses. Ameaçado por Úrano e Geia de que seria destronado por um dos filhos, devorava-os, tão logo nasciam. Irritada, a irmã e esposa Reia, quando nasceu Zeus, entregou ao marido, em lugar do menino, uma pedra artisticamente enfaixada. Obrigado a devolver os filhos à luz, Cronos foi destronado por Zeus, aliado aos irmãos, que haviam escapado do “bojo do tempo”.

– *De repente: Desperta, Bâmbola, que é hora de brincar. O alívio, os suspiros, de novo a claridade. Só fica é a verde esperança no fundo da caixinha – pensou.*

2) Os homens gemiam oprimidos pela miséria e pela ignorância.

Zeus, irritado com Prometeu, descarregava seu ódio sobre a humanidade, privando-a do fogo, imbecilizando-a.

Prometeu, consoante a *Teogonia* de Hesíodo, era filho de Jápeto e Clímene. Deus filantropo, escalou o Olimpo e trouxe novamente à Terra a razão, a inteligência, o fogo e o homem voltou a ser *homo faber*.

Zeus sacudiu o Céu num acesso de raiva e resolveu destruir o furtador do fogo celeste.

Hera (personalidade), Atená (inteligência) e Afrodite (beleza), cada uma forneceu sua parcela e Zeus formou a mulher ideal, cheia de todos os dons, Pandora, que desceu irresistível do Olimpo para tentar Prometeu. Dava-se em casamento e ainda oferecia o dote – uma caixinha artisticamente confeccionada. Prometeu – o que vê antes – desconfiou de tantos dons ao mesmo tempo... Restava, porém, o irmão de Prometeu, Epimeteu – o que vê depois. E viu: de dentro da caixinha de Pandora, aberta pelo imprudente esposo Epimeteu, saiu uma coorte de males, desgraças e aflições que até hoje enfermam a humanidade. Permaneceram apenas no fundo, espetados lá bem no fundo da caixinha, dois olhinhos verdes. Uma esperança talvez de dias melhores. “E amém.”

IV) OS TRÊS JOÃOS:

– *Depois de amarrar o cadáver no cavalo e arrastá-lo de bruços no chão até deformar o corpo todo.*

1) Aqui, a presença da *Ilíada* de Homero.

Quando agonizante, o herói troiano Heitor suplicou ao terrível Aquiles que não lhe entregasse o corpo em repasto aos cães e aos

corvos, mas à solicitude de seus irmãos de Troia, a fim de que eles o sepultassem, respondeu o herói grego:

– *Não me venhas, ó cão, implorar pelos joelhos meus, nem de meus pais. Oxalá a ira e a coragem me levassem até a picar, eu mesmo, a tua carne para devorá-la.* (II, III, 345-347.)

Disse, e levantando Heitor pelos pés, furou-lhe as pernas entre o calcanhar e a vergadura do joelho, puxando os tendões para fora. Meteu pelos buracos umas correias e as atou ao carro. E a loura cabeleira de Heitor varria o chão, negra e ensanguentada.

– *Mas o ódio é mais forte que a razão. Vivía com a vingança como um bicho morde dentro do corpo. Nemésia, a que o impelia.*

2) Némesis é simultaneamente uma divindade e uma abstração. Personifica a vingança divina, pois que se encarrega de punir toda e qualquer *démesure*, a desmedida resultante da ultrapassagem do *métron* (medida de cada mortal). Esta é uma das concepções fundamentais do espírito helênico. Todos os que se elevam acima de sua condição (pelo orgulho, por exemplo), colocando em perigo a ordem do mundo, o equilíbrio universal, expõem-se à vingança divina, à vingança de Némesis.

– *Dera-se que um dia o Destino quis mexer o caldeirão, isto é, tirou três nomes da urna às cegas para ver o que dava. O Destino não é cego de nascença? Ninguém escapa às suas regras.*

3) Destino, em grego Moira.

Moira é a personificação do destino de cada um, do quinhão que toca a cada um neste mundo. A princípio cada ser humano tinha sua Moira, ou seja, sua parte (de vida, de felicidade, de desgraça...) Rapidamente, porém, essa abstração se tornou uma divindade universal. Impessoal, pairando sobre os próprios deuses, de que eles eram apenas instrumento. Moira é o Destino cego, irrevogável.

Após as epopeias homéricas, Moira costuma ser representada por três irmãs, as Parcas, isto é, o que se obteve, “o quinhão”. São elas Cloto (a que segura o fuso e fia), Láquesis (a que sorteia o nome para a morte) e Átropos (a irreversível, a que corta a linha da vida).

V) UMA TARDE DE MAÇÃ:

– *Os passarinhos repetiam o assobio que a voz rouca do eco imitava, escondida no fundo da gruta ou no lugar das pedras.*

1) Eco era o nome de uma Ninfa dos bosques e das fontes, em torno da qual se formaram lendas que procuram explicar a origem do eco. Amada pelo deus Pã, que ela detestava, ou ardendo de paixão por um Sátiro, que a repelia – e então Pã, para se vingar,

manda despedaçá-la – ou ainda apaixonada por Narciso, o fato é que, ao morrer, Eco se tornou uma voz que repete as últimas sílabas das palavras que se pronunciavam.

– *A fada, sorrindo, com vestido vermelho comprido e lantejoulas prateadas. O gorro, reluzente; sapatilhas cor de íris.*

2) Íris é a mensageira da deusa Hera, esposa de Zeus.

Quando em missão de Hera, descia vertiginosamente do céu, riscando com o solado de sete cores de sua sandália a abóbada celeste, formando o arco-íris, símbolo da união Terra e Céu, entre deuses e homens.

VI) A VENDETA DO DIABO:

Neste conto o Autor, com grande habilidade e arte, fundiu a mitologia grega com a germânica, seguindo nesta o roteiro da célebre *Tetralogia* de Wagner: *O Ouro do Reno, As Valquírias, Siegfried, O Crepúsculo dos Deuses*.

– *Tiá-Gutrana, ela consentiu na morte do marido?*

1) Gutruna, irmã do rei Gunther, por artimanhas de Hagen, o pérfido conselheiro do monarca, fez com que Siegfried bebesse um filtro amoroso e por ela se apaixonasse loucamente. A Valquíria Brunilda, esposa legítima de Siegfried – e que fora por este obrigada a casar-se com o rei Gunther – revelou a Hagen o único local vulnerável do corpo do ex-marido, por onde afinal pereceu.

– *O Anão Alberico. Era uma vez como nas estórias. Existia um anão que por sua feiúra causava dois espantos de uma vez (...) Dizem que caiu de amores por uma de cabelos corridos, morena cor de cuia. Foi ela saber – Florinda – e desandou a rir sem parar.*

2) Os anões da mitologia nórdica eram seres monstruosos e repelentes, por sua feiúra, crueldade e avareza. Residiam nas entranhas da terra, no mundo subterrâneo de Nibelheim. Dentre eles o mais cruel e vingativo chamava-se Alberico, a quem uma das Valquírias, Flosshilda, imprudentemente fingiu amar e depois o repeliu com desdém. O anão jurou vingar-se e o fez, furtando o Tesouro do Reno, cujas guardiãs eram as três Valquírias Voglinda, Velgunda e Flosshilda.

– *A feiticeira Erda, sua figura temida por todos. Dona de altos segredos, por sua arte conhecia o futuro (...) Tinha tido marido, mas isso foi noutros tempos...*

3) Erda ou Wola, deusa que vivia também nas profundezas da terra, tinha o dom da profecia. Esposa de Wotan (Odin), o terrível

deus guerreiro e senhor dos fenômenos naturais, deu-lhe três filhas, as Valquírias.

– De novo o anão. Assim que chegou naquele lugar instalou-se numa gruta (...) E logo abriu o negócio de que mais gostava: uma casa de ferragens (...) Trabalhava noite e dia sem parar (...) Todo o lucro era para guardar, para comprar pepitas de ouro (...) Tinha um anel inseparável de si, mais que um talismã (...) Aquele anel, dois dos bandidos maiores não tinham morrido por ele em duro combate? Chorou, sofreu (...) ladrões assassinos – tinham roubado o seu tesouro (...) Aquele ouro ia servir para ninguém não, só infelicidade ia trazer para quem o possuísse.

4) Alberico, embora repellido por uma das Valquírias, continuou a vigiá-las, até que um dia ouviu o doce cantar das guardiãs do Tesouro do Reno:

*Ouro do Reno, Ouro do Reno, que prazer causa teu brilho!
Quem lograr forjar um anel com o Ouro do Reno dominará o mundo.*

As Valquírias haviam revelado o grande segredo. Alberico apoderou-se do imenso tesouro, tendo mandado fabricar por Mime, também anão, um capacete e um anel mágicos. Os deuses, porém, precisavam urgentemente do Tesouro do Reno para resgatar Freya, deusa do amor e senhora das maçãs do jardim da eterna juventude, sem cuja presença e assistência os deuses envelheceriam.

É que Wotan (Odin), tendo encarregado os Gigantes Fasolt e Fafner de construir o Walhala, o esplêndido palácio dos deuses e dos guerreiros após a morte, prometendo-lhes entregar Freya, não cumpriu a promessa. Os Gigantes enfurecidos raptaram-na. Para tê-la de volta, era mister pagar a Fasolt e Fafner um preço tão elevado, que só o Ouro do Reno podia cobrir. Wotan e Loki, o astuto deus do fogo, dirigiram-se então às profundezas do reino subterrâneo de Nibelheim, de onde, sob as maldições de Alberico, trouxeram o Tesouro do Reno, com que resgataram Freya. Recebido o pagamento, os Gigantes entraram em luta pela posse do mesmo e Fafner matou a Fasolt.

– O velho Quirino (...) Mas a história sua predileta era (...) a da donzela adormecida durante muito tempo por ação mágica ou malefício. Para livrá-la só o mais valente, sem medo no coração, capaz de subir altas montanhas e atravessar a parede de fogo (...) Um dia o moço foi parar num castelo de um rei, que tinha uma irmã Gutruna (...) E aqui o fim do episódio, tirado do conto: voltando da caçada, traiçoeiramente, pelas costas o golpe cruel que o prostou violentamente no chão.

5) E voltamos a Siegfried. Na luta entre Sigmund e Hunding, por causa da esposa deste, Siglind, a Valquíria Brunilda, contrariando as ordens de Odin, tentou salvar Sigmund, cuja morte fora decretada por aquele. Morto Sigmund, Brunilda conduziu a jovem Siglind, que estava grávida, para local seguro. Wotan, no entanto, não perdoava a quem lhe contrariasse as ordens: condenou Brunilda a um sono profundo e rodeou seu leito no alto de um penhasco com uma torrente de fogo tão espantosa, que só lograria chegar até a Valquíria e acordá-la com um beijo aquele que desconhecesse o medo.

Siglind, todavia, tendo dado à luz ao filho de Sigmund, que recebeu o nome de Siegfried, faleceu. O menino foi recolhido pelo interesseiro anão Mime, que desejava apoderar-se da espada mágica de Sigmund, quebrada por Wotan na luta do herói contra o covarde Hunding. Foi graças a essa espada, soldada por Siegfried; ao anel mágico que o filho de Siglind tirou ao Gigante Fafner e sobretudo ao sangue do Gigante que o tornou invulnerável, que Siegfried transpôs a barreira do fogo, que cercava o leito de Brunilda e a despertou, casando-se com ela. Tendo, por força de um filtro amoroso, abandonado Brunilda por Gutruna, foi traiçoeiramente assassinado, durante uma caçada, pelo pérfido Hagen, que conhecia, por denúncia da enciumada Valquíria, o único local vulnerável do corpo de Siegfried.

– *O Lorca, tinha alguma alma aquele? O fogo exercia fascínio quase hipnótico sobre ele. “Eu ainda vou domar esse diabo brabo.”*

6) Loki é uma das figuras mais confusas da mitologia germânica: ora se apresenta como espírito do fogo; ora entre os demônios, inimigos dos deuses; ora entre os Ases que o têm preso a um rochedo, onde permanecerá até o fim do mundo. De qualquer forma, Loki é sempre tido como um deus desleal, intrigante e insolente, embora dotado de grande poder de convicção.

– *Um inimigo: o Tiô-Donho ou Tô-Donho, brutaz, o mais forte que todos tinham conhecido. Com pesado soco não derrubou um? – e depois com seu martelo não despejou o golpe mortal, amassando o crânio do adversário e afundando-lhe os olhos na cara?*

7) Thor ou Donner era deus da guerra, dos relâmpagos e dos trovões. São atributos seus o martelo e o cinto megingard, que lhe duplica as forças, quando apertado. Certa vez, o Gigante Thrymer, aproveitando-se do pesado sono de Thor, furtou-lhe o martelo. Como o Gigante exigisse, para devolvê-lo, a deusa do amor e da juventude, Freya, foi necessário que Donner se disfarçasse em mulher, tomando a figura da deusa e se fingisse noiva de Thrymer. Este, para agradar a falsa deusa Freya, deu-lhe de presente o martelo. De posse de seu talismã, Thor matou o Gigante a marteladas.

– *O Duelo*

O fortíssimo Dingo – valente como um touro – desafiou Segismundo para luta de morte (...) No centro uma árvore, onde estava fincada pela metade uma faca.

8) Sigmund fugitivo e inerme hospedara-se, sem o querer, na casa do inimigo de sua raça, Hunding, casado com Siglind, que o detestava, pois o desposara à força. O hospedeiro, percebendo tratar-se de um inimigo, desafiou-o para um combate desleal – Sigmund estava desarmado – na manhã seguinte. Siglind, já apaixonada pelo hóspede, que era da mesma raça que ela, narcotizou o marido e fê-lo dormir profunda e longamente. Sigmund, porém, descobriu enterada até o cabo num grosso tronco uma espada. Esta, na realidade, fora ali fincada pelo próprio Wotan no dia mesmo do infeliz casamento de Siglind. O deus, do qual descendiam tanto Sigmund quanto Siglind, anunciara que a espada pertenceria àquele que tivesse bastante força para arrancá-la da árvore. Seu possuidor seria o mais forte dos heróis. Evidentemente que, tendo sido ali fincada por Wotan, somente um Welsa, isto é, um descendente do deus, como Sigmund, seria capaz de arrancá-la do tronco. A essa espada reluzente e mágica, que pertencera ao pai de Sigmund, morto pela gente de Hunding, o herói deu nome de Nothung, “a necessária”. Embora tivesse fugido com Siglind, o Welsa sabia que mais dia menos dia teria que enfrentar o ex-marido de sua amada. O combate de fato se travou nove meses após a fuga. Facilmente Sigmund teria vencido ao covarde Hunding, não fora a intervenção do próprio Wotan. O deus cedera aos ciúmes da esposa Fricka: esta odiava os Welsas descendentes todos de Wotan. Com a morte de Sigmund, Brunilda levou Siglind, como já se disse, para lugar seguro, onde esta deu a luz a Siegfried, o último dos Welsas.

– *O Corneteiro Aindal tocara o seu instrumento para dar o sinal.*

9) Heimdall, deus da luz matutina, talvez personificação do arco-íris. Esbelto, cavalgando um corcel de reluzentes crinas, montava guarda dia e noite junto à grande ponte Bifrost (arco-íris), caminho que une o mundo dos homens ao mundo dos deuses ou Asgard. Sua missão era avisar aos Ases, com o som formidável de uma trompa, a aproximação de seus inimigos. No combate fantástico que se travou “no fim dos tempos” pôde finalmente Heimdall encontrar-se com seu inimigo irreconciliável, Loki, tendo perecido ambos.

– *E aqui o prodígio: súbito o incêndio, sem causa aparente, por altos poderes engendrado (...) Era de tarde – o ocaso, crepúsculo*

que marcava o fim de uma jornada (...) O Destino como o tempo; o Destino não pode escapar de si mesmo.

10) Na mitologia germânica sempre houve uma constante: homens, deuses e Universo, nada era eterno. Todos estavam submetidos a uma lei fatal, o Destino. Um dia todos envelhecidos e desgastados pelas faltas cometidas pereceriam num combate gigantesco, para que surgisse um novo mundo limpo e pacífico. Essa catástrofe assombrosa, relatada num dos mais belos poemas do *Edda*, é conhecida com o nome de *Crepúsculo dos Deuses*, denominação aliás imprópria, mas consagrada pela tradição.

Eis em síntese como se passaram os fatos.

Na aurora dos tempos, os deuses viviam em seu palácio de Asgard (Céu) uma vida pacífica e laboriosa. Se tivessem sabido reprimir suas paixões, certamente desfrutariam uma eterna idade de ouro. Os Ases (deuses benfazejos), porém, por seus crimes, e perjúrios, inauguraram um longo período, pródigo em guerras e violências: deuses, Gigantes e homens entregaram-se ao ódio e à vingança.

O assassinato de Balder – deus da luz, o mais belo dos Ases – por insinuação do pérfido Loki, crime que os deuses juraram vingar, foi o princípio do fim. Unido aos Gigantes e Demônios, eternos inimigos dos Ases, Loki levantou o inferno contra o Céu e um gigantesco combate se travou. Com a morte de Tyr, o último dos grandes deuses e o protetor dos mortais, Thor, quase toda a raça humana foi também varrida da superfície da Terra e o planeta perdeu sua antiga forma. As estrelas, cansadas de uma longa viagem, desprenderam-se do firmamento. O Gigante Surt envolveu o globo terrestre numa imensa fogueira. Mares e rios transbordaram. Desapareceram as terras, e o campo de batalha, onde se feriu a derradeira luta, foi sepultado pelas ondas. Tudo acabou. Mas tudo iria recomeçar novamente. Aos poucos a Terra emergiu das águas. Uma nova geração de deuses apareceu. Eram Ases sem nenhum parentesco com os anteriores, mas deuses que tiveram uma existência anterior. Deuses sem crimes nem perjúrios, e que por isso haviam escapado ao látego do Destino.

Somente Balder, o formoso Balder, ressuscitou e passou a ocupar na sala dos banquetes o lugar até então reservado a Odin (Wotan). Reapareceu também sobre a Terra a raça dos mortais, pois nem todos haviam perecido no grande cataclismo. Alguns, encerrados no tronco da árvore da vida, Yggdrasil, que as chamas não puderam consumir, evitaram a morte.

Tudo recomeçou e continuou, pelo menos até quando o Destino o permitiu.

– *Morava sozinha do outro lado do rio, ali ninguém passava em noite fechada por medo de ser transformado em lobisomem, raça maldita condenada a comer defunto. Licaão, depois de comer a carne indigesta, não foi pegado em flagrante, não foi apedrejado pelos moradores?*

11) Licaão, rei da Arcádia, desejando saber se o estrangeiro que hospedara era realmente um deus, ofereceu-lhe para jantar os membros de uma criança que estrangulara. Acontece que o hóspede era Zeus, que transformou Licaão em lobo, símbolo da ferocidade, ou por outra, metamorfoseou-o em homem-lobo, lobisomem.

– *“Bendita é a terra que dá os frutos”, assim ela começava o ritual, recebia os consulentes com as mãos no peito em atitude de rezar. Ao pé do altarzinho invocava – “ó Terra, Terra...” – sentada em trípode de ferro, depois de lavar a cabeça e as vestes na fonte como rito purificativo (...) Dizia ouvir umas vozes do fundo da terra misturadas com uns sons que só ela interpretava. Ou o voo dos pássaros, augúrio (...) Nem sempre era fácil decifrar as palavras de Erda – sua mensagem quase uma adivinha.*

12) Neste passo a fusão e justaposição de lendas patenteiam a cultura e a técnica do Autor.

Erda, travestida de Pitonisa, viaja em seu delírio para analisar o voo dos pássaros etruscos.

Na Grécia, no monte Parnaso, estava localizado o oráculo de Apolo, que se servia de uma sacerdotisa de carne e osso, a Pitonisa, para responder às perguntas dos inúmeros consulentes que iam a Delfos (cidade da Fócida no Parnasso, onde se localizava o Oráculo).

A Pitonisa, após banhar-se nas águas da fonte de Castália, gesto de purificação e inspiração, e mastigar grão de cevada, sentava-se após invocar Geia, a Terra Mãe, numa trípode de ferro ou bronze, colocada sobre a boca de um antro, donde emanavam certos vapores. Fora de si, em êxtase, e possuída de Apolo, entusiasmo, a Pítia pronunciava frases desconexas que os sacerdotes, que lhe davam assistência, recolhiam para redigir o oráculo, a resposta de Apolo, que normalmente tinha um sentido enigmático, de difícil interpretação.

– *Ou o voo dos pássaros, augúrio.*

Auspício (*auspicium*), observação do voo dos pássaros e augúrio (*augurium*), cujo sentido etimológico é “acréscimo concedido pelos deuses a um empreendimento”, donde “presságio favorável”, acabaram na prática por confundir-se na religião romana, onde passaram a significar “previsão pelo voo dos pássaros”.

Na religião etrusca, que Roma herdou, a direção do voo dos pássaros tinha importância capital: se voassem da direita para

a esquerda (*sinistra*) mau presságio, da esquerda para a direita, bom augúrio.

– *O céu escuro, naquela manhã chuvosa os barcos atrasavam a partida. Os pescadores em redor das fogueiras; os dois grupos rivais. Rivais porque (tudo começou naquele banquete quando Lorca atçou com a fúria a discórdia) pela vingança do sangue os parentes do morto não deviam impor vingança contra os agressores?*

13) Éris, a Discórdia, filha de Nyx, a Noite, estava sempre presente, por mais que sua presença fosse indesejável.

Irritada por não ter sido convidada para o casamento de Tétis e Peleu, futuros pais de Aquiles, atirou no salão de festim o pomo da discórdia (a maçã) com a célebre inscrição *tei kallístei* – à mais bela – o que provocou terrível disputa entre Hera, Atená e Afrodite. Chamado a julgar qual das três era a mais bela, Páris ou Alexandre, filho de Príamo, rei de Ílion (Troia), outorgou o prêmio a Afrodite. Em recompensa a Deusa do Amor fê-lo amado de Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta. Raptada Helena por Páris, os Gregos se congregaram e sob o comando de Agamêmnon, irmão de Menelau, marcharam contra Troia, tomando-a e incendiando-a, após dez anos de luta.

– (...) *pela vingança do sangue os parentes do morto não deviam impor a vingança contra os agressores?*

14) Pode-se definir, histórica e religiosamente, *Guénos*, como reunião de cidadãos aparentados, cujo conjunto formava uma frátria. Ao *Guénos* se impuseram, sobretudo em Atenas, leis severas. Uma delas era “a vingança de sangue”. Como a “alma está no sangue”, o *Guénos* inteiro possuía a mesma alma. Derramado o sangue de um dos membros, o parente mais próximo tinha o dever religioso de vingá-lo.

– *Chegados que foram à casa de Segismundo, o intruso entrou como se a tal estivesse acostumado, qual anfitrião, tomando a figura do dono, fingindo a sua voz e imitando-lhe os passos (...) foi dividir o leito conjugal com a esposa do outro (...)*

15) Novamente a Grécia e a mitologia nórdica se fundem. Zeus estava violentamente apaixonado por Alcmena, esposa do general tebano Anfitrião. Sabendo-se fiel ao marido, afastou este de Tebas e, metamorfoseando-se em Anfitrião, usufruiu o leito de Alcmena. Hércules foi o fruto desses amores.

VII) O CAÇADOR DE ONÇAS JANUÁRIO:

– *Ultimamente, não. Entregou-se ao vício, virtude do Diabo. Dera-se total a bebedeiras – aos êxtases, depois entusiasmo.*

Os devotos de Dioniso ou Baco, por ocasião da festa do vinho novo, bebiam até cair desfalecidos. Acreditavam que, nesse estado, saíam de si – *ékstasis*, êxtase – e Dioniso mergulhava neles – *enthusiamós*, entusiasmo.

VIII) LINHA TORTA

– *De então em diante a dúvida passou a atormentar-lhe o espírito, isto é, pesou na balança a vida e a morte.*

1) No Canto XXII da *Ilíada* de Homero, Zeus, desejando saber qual dos dois iria morrer, se Aquiles, se Heitor, pesou numa balança o destino de ambos: o prato de balança do lado de Aquiles era mais pesado; Heitor morreria às mãos do herói grego.

– *Um dia sonhou que estava empurrando uma enorme pedra encosta cima, e que, chegando ao topo, por vontade superior a pedra tornava a cair – assim outra vez, num martírio sem fim.*

2) Sísifo, herói coríntio, símbolo da astúcia, conseguiu enganar até mesmo a Tânatos (Morte) e ao próprio Hades, rei dos Infernos. Tendo solicitado a este, após morrer, permissão de regressar por uns instantes à luz, para castigar a esposa, foi necessária a intervenção de Hermes para arrastá-lo novamente ao Tártaro, onde foi condenado a rolar um enorme rochedo até o cume de abrupta montanha, donde caía ao chegar, obrigando-o a recomeçar o incessante trabalho.

– *A moça Tíria, filha de Agenor, acariciando o boi branco. “É tão bonito, é inofensivo,” coitada, só depois é que descobriria o logro.*

3) Europa, filha de Agenor, rei da Fenícia, era uma jovem de rara beleza. Apaixonado por ela, mas temendo à esposa Hera, Zeus ocultou-se sob a forma de um touro branco, de pelo menos luzidio e fez-se tão cativante e manso, que a jovem o acariciou e graciosamente sentou-se em seu dorso. Foi o bastante para o Touro fugir com sua preciosa carga para a ilha de Creta, retomando então Zeus sua forma natural. De seus amores com Europa nasceram Minos e Radamanto.

– *O gigantesco Fineu tentando escalar um obstáculo altíssimo.*

4) Fineu, adivinho que Zeus castigou com a cegueira, por haver revelado ao homem o segredo do futuro.

IX) O CRIADOR DE ABELHAS:

Neste conto o Autor faz uma comparação entre a colmeia e a fazenda. Por exemplo: a fazenda Ápia provém do nome *apis*; a viúva representa a abelha-rainha; o ladrão Atrópio relaciona-se com o *Acherontia Atropos*, o ladrão da colmeia, etc.

– *A moça Hebe, com flores na cabeça, trazia uma jarra dourada cheia de refresco de um saibo agradável e doce que servia sorridente aos maiores. Até quando chegou o Menino e a substituiu, que o marido a chamava para ir se juntar com ele no lugarzinho chamado da Libra.*

1) Hebe, a Juventude, filha de Zeus e Hera, tinha o honroso encargo de servir, em taças de ouro, néctar e ambrosia aos imortais. Certa vez, porém, tendo caído de maneira muito pouco discreta, Zeus fê-la substituir por Ganimedes. Desposou Hércules, quando esse herói tomou lugar entre os deuses.

Ganimedes, jovem troiano de peregrina beleza, foi raptado por Zeus, metamorfoseado em águia, para servir de copeiro aos deuses. Nos banquetes divinos cabiam-lhe as honras de encher de ambrosia o copo dos imortais.

– *Alcides jungindo o boi bragado; recostado numa das duas colunas (...) dando prova de muita força depois de cumprir as suas doze tarefas.*

2) Hércules, também chamado Alcides, por ser “de certa maneira” neto de Alceu (o Forte), pai de Anfitrião, uma vez que, na realidade, Alcides não era filho deste, mas, como já se disse, de Zeus e Alcmena, esposa do dito Anfitrião. Desde que nasceu, Alcides teve de vencer as perseguições da ciumenta Hera, esposa de Zeus. Assim é que, tendo num acesso de loucura provocado por Hera, assassinado a esposa e os filhos, Hércules (nome latino do herói) foi a Delfos e consultou Apolo sobre o meio de expiar tão nefando crime. Em resposta, o Oráculo aconselhou-o a servir, durante nove anos, a seu primo Euristeu, rei de Micenas e Tirinto. Por insinuação de Hera, que não dava tréguas aos filhos adúlteros de Zeus, impôs-lhe Euristeu, com intenção de eliminá-lo, doze perigosíssimas tarefas, de todas as quais, no entanto, o herói saiu vitorioso. Entre esses doze célebres trabalhos, o sexto é a vitória de Alcides sobre o touro de Creta, terror da ilha, o qual Posídon lançara contra Minos. Hércules subjugou o touro enfurecido e o levou nos ombros, sobre o mar, até a Argólida.

– *Hélio, filho de Hiperião, de aguda vista; dava nome aos quatro cavalos brancos encarregados de puxar o carro seu (...)*

Aurora contando as horas, quem que abria de manhãzinha o portão para a luz entrar?

3) Hélio personifica o Sol e se confunde com Febo ou Apolo. De pé no seu carro, tirado por quatro fogosos corcéis, ergue-se do Oceano todas as manhãs e, tão logo Éos, Aurora, lhe abre as portas do dia, Hélio percorre a abóbada celeste, dardejando os raios de luz de seu olhar agudo e penetrante.

– Ascálafo colhia as alfaces ou olhava para os olhos da coruja.

1) Filho de Aqueronte e de Nyx, a Noite, Ascálafo denunciou haver Deméter, contra as recomendações de Zeus, comido no Hades sete grãos de romã (símbolo da fertilidade), quando ali fora reclamar sua filha Perséfone, raptada por Plutão, rei dos Infernos.

Irritada com a denúncia, Deméter atirou água do rio Flegetonte no rosto de Ascálafo, transformando-o em coruja.

– Taumas pedia à filha que servisse de mensageira numa importante questão entre os dali e os do Ponto.

2) Taumas ou Taumante, esposo de Electra, era o pai de Íris, mensageira principalmente da deusa Hera.

– Cianea, parada na fonte. Astéria fugia pelo caminho da Codorniz.

3) Cianea era uma jovem que Plutão transformou em Fonte, perto de Siracusa, por pretender impedir o rapto de Perséfone.

4) Astéria, ninfa que ousou resistir às investidas amorosas de Zeus, que, segundo algumas fontes, castigou-a, transformando Astéria em codorniz; segundo outros autores, a ninfa, para fugir de Zeus, metamorfoseou-se em tartaruga e lançou-se ao mar, convertendo-se numa ilha flutuante, chamada primeiro Ortígia e depois Delos.

– O Lício brincava a modo de rã para a imitar.

5) Lício, cuja origem é difícil estabelecer, é um dos epítetos de Apolo.

Sua mãe Leto, sempre perseguida por Hera, abandonou a ilha de Delos, onde nasceram os gêmeos Apolo e Ártemis e fugiu para a Ásia Menor, para o país dos Termitas, mais tarde chamado Lícia. Sentindo grande sede, Leto aproximou-se de um tanque, mas uns pastores maldosamente sujaram as águas. O castigo foi imediato: a deusa transformou-os em rãs.

– Velho teimoso e cheio de manias, um tinha que insistir com ele para arrancar-lhe a verdade. Deu a si o último prazo e: com todo o impulso e muita persistência, arrombou a porta da casa e sojigou o homem com o cipó na cadeira, não o soltava enquanto não tivesse a bondade de atender ao seu pedido (...) O velho depois de

ver baldados todos os esforços para libertar-se daquela fortíssima corrente – “o senhor seja bem-vindo” – disse, e se prontificou a ajudar o estranho.

6) Proteu, deus marinho, filho de Tétis e Oceano, era encarregado da guarda do rebanho paterno – peixes, focas, animais, monstros... – tendo recebido em troca o dom de conhecer o futuro, mas negava-se peremptoriamente a fazer predições e só respondia a consultas à custa de violências. Para fugir aos consulentes, metamorfoseava-se em dragão, serpente, leão, árvore e até fogo. Menelau, desejando saber o paradeiro de Helena, aconselhou-se com a filha de Proteu, Idoteia, e de acordo com as instruções dela recebidas, surpreendeu-o no sono, precipitou-se sobre ele e o amarrou fortemente. Proteu, de imediato, iniciou suas metamorfoses, mas vendo-se cada vez mais apertado, deixou de resistir e revelou o paradeiro da rainha espartana. Usando do mesmo artifício, Aristeu conseguiu a indicação dos meios de reparar o seu enxame de abelhas, destruído pelas Ninfas. Proteu aconselhou-o a imolar quatro touros e, feito o sacrifício, surgiu das entranhas das vítimas um novo enxame.

– Os cisnes moviam as asas brancas e deslizavam-se nas águas calmas da lagoa Híria.

10) Híria, Ninfa da Arcádia. Chorou tanto a morte de um filho, que se derreteu em lágrimas e foi transformada em um lago que conservou seu nome. Os cisnes brancos, o Autor, certamente, os furtou do velho prédio de Rio-Branco...

A ESPADA E A BALANÇA

Alemão loraço, Seo Hans tinha contratado os serviços de Jõejoca para guiá-lo por aqueles sertões. Alto, macérrimo, o professor com trajes típicos: umas calças curtas largas abotoadas com suspensório, meias brancas três-quartos, chapéu com pena branca, sapatos de verniz. Esquisito. Homem de ciência e arte, trazia avultado carregamento de objetos e aparelhos de precisão na garupa de quatro mulas fanchas de sela. Mal falando algumas palavras. Quando queria se fazer entender, tirava da algibeira um dicionário e pegava a soletrar devagarinho até formar a frase. Com seu modo de ser, seus latins e barbaroléxis. (*Lantana micropila*) e (*Rosmarinos officinalis* – L) – das leguminosas, da cesalpinácea. E a arnica do campo (*Chiolonaena latifolia* – Bakt) – das compostas, senecidonídeas. *A lactuca fluvis*, o *platypodium elegans* – Vog, *asplenium nigra*, *schinusterebentifolium* – Raddi. Aroeirinha, artimísia, algodãozinho, alface d’água... O professor catalogava as plantas. Examinava-as minuciosamente com sumo cuidado e muita mestria.

O Jõejoca não. Esse era viver atrás de moça donzela, gostava de tirar sonoras melodias na flauta de sete furos, o tal, ou assobiar para imitar o tiê e outros passarinhos. Caçoava das bobadas do professor, balançava a cabeça em sinal de reprovo com descaso. “Ora se tem cabimento caçar borboleta!...” O alemão colecionava os raros espécimes, pregados com alfinete em folha grossa de papelão. Saía pelo mato em carreira atrás de pegá-las com delicada rede ou fino véu. Saltava como cabrito, zanzava em todas as direções – a figura ridícula, desengonçado – fazendo piruetas como se fosse de circo. Quando alguém passava naquele momento e o surpreendia na dura tarefa, no começo Jõejoca pegava a rir também e a debicar dele. Depois não; procurava justificar de qualquer modo, inventava casos e mentiras, por efeitos de amizade.

E o professor? Tinha vindo em missão de estudo pelo Deutsche National Museum. Tudo examinava atento com grossa lente ou microscópio. Trazia tubos de ensaio, lâminas, vidros cheios de álcool ou formol – aos quais apunha uma fita de esparadrapo com nomes escritos a nanquim – para guardar sapos, jias, cobras, calangos, lagartos em conserva. Os insetos, guardava-os num envelope triangular de papel que fechava numa lata forrada com algodão ou pano molhado – depois de dar-lhes uma injeção no abdômen de álcool misturado com algumas gotas de creosoto. Durante a estada no Bananal conseguiu coletar e taxidermizar várias espécies de aves, répteis, mamíferos, peixes e anfíbios, para coleção científica. O sábio e suas altas equações. Misturava pós e líquidos de várias cores, substâncias químicas entre si. E depois da polimerização, o quê? Tinha alma de artista o professor. Falava a língua dos bichos, entendia o canto dos pássaros e a mensagem da natureza.

Baixo, parrudo, cavalgando empinadinho sobre esplêndido cavalo alazão, de óculos escuros e camisa xadrez. O Jõejoca ocupava-se do de-comer. Enquanto o professor se entregava aos trabalhos saía pelo mato a caçar – não desperdiçava nem uma bala – cortava o bicho pelo meio, limpava-o, punha a carne em forquilha para salgar e secar. Ou, quando passavam por dentro de currutela ou arraial, compravam mantimentos de que mais careciam, munição, algum remédio, pavio e querosene para a lamparina.

Foi e – num dia de muito sol quando o Jõejoca tinha descido a ribanceira para buscar água limpa e fresca do riacho depois da virada da outra colina – eles então chegaram, os dois. Bandidos de bando, assaltadores de caminho. O professor como vara verde, tremia de alto a baixo. Não respondia, nada entendia – amarrado no tronco da aroeira com pedaço de corda ensebada. Os homens logo pegaram a revirar tudo de cabeça para o ar.

E foi aí que chegou o imprevisto por detrás. Jõejoca e os bandidos, por três vezes a surpresa, a expectativa de duelo. Estudavam-se, farejavam-se como o cachorro quer descobrir a pista. “O senhor pode tirar o revólver da cintura, se faz favor” – disseram os malfeitores, tentando. O Jõejoca firme, forte, no silêncio e gesto de campeão. Os músculos retesos, como se à espreita; ou como quando bicho fica acuado ou à espera da presa. Pasmaram-se os dois. Cochicharam, pegaram a reconhecer no Jõejoca homem de tiro certo e até alma de jagunço assassino. “Deixa estar, Romualdo”, um falou para o outro, barbiano. “Isso é gente amiga, de boa paz.” E partiram, despediram-se com um sorriso.

Iam voando pássaros. Passavam animais. O professor então, já refeito do susto, olhou em redor, pegou a dar balanço. As coisas todas fora de lugar: vidro quebrado, nomes trocados, a desordem, o fim do mundo, o mundo abaixo, caos. Os livros todos no chão, tudo que se tinha feito até agora estava ameaçado: Astronomia, Matemática, Tratado de Ornitologia, Astrologia, *Philosophia, Vita et Opera...* Copérnico, Galileo, Da Vinci, Platão... O Mestre catou-os e empilhou-os, um por um. Depois sentou-se na pedra ou em banco improvisado, pôs a mão em atitude de pensar. Afinal, tudo se resume em pouco. Sem a lei e a ordem, todas as conquistas da civilização estariam comprometidas. A força acompanha o que é de direito. Ou como a Justiça é cega. “Não temes?” ao outro perguntou, olhando-o como um baluarte. Jõejoca calmo, orgulhoso como bandeira em mastro. “Tenho medo de nada não, meu patrão professor.”

Tinham chegado ao fim da viagem, pelo caminho de volta do Sururiá. Iam como vão juntas duas forças diferentes e iguais, unidos como dois e dois são quatro. O professor, barbilouro, socando fumo no cachimbo, cavalgava com o corpo todo empinado na sela e assoviava, para imitar a flauta e os passarinhos. O Jõejoca também, tinha deixado crescer a barba e até pegou a falar enrolado como o alemão. Com pouco iam chegar no campo de aviação, a cidade ainda estava dormida. Despediam-se, companheiros. O Seo Hans quis mesmo levar o Jõejoca para sua terra, como ajudante. “Eu fico aqui mesmo, meu patrão. Estes sertões, a minha alma.”

O professor, uma saudade acompanhou-o toda a vida.

BAALBEK

Um dia chegou por acaso no arraial aquele homem, sem saber uma palavra. Vinha sentado de mau jeito na carrocinha puxada por burrico – turbante cor de anil e folgada túnica colorida – com seu cachorro o Sheik. Repetia salamaleques, fazia gestos orientais. O povo olhava-o aturdido, desconfiado, de lado como fazem os gansos. Turco-sírio, bigode grosso comprido. A vender ambulante suas coisas que trazia. Começou com uma mala, mascate. Depois alugou o casarão azul em frente ao bazar da esquina e montou o próprio armazém. Rico de vontade, economizava o seu um, dois, três... Costurava as meias, pregava os botões. Com o tempo aumentou o negócio, foi ganhando confiança, comprou umas terrinhas no arredor perto do açude de Seo Rolán. Comia comidas raras, exóticas combinações: beringela recheada com arroz mais azeite com leite azedo e pepino, ou pepino com casca e sal; extravagâncias – feliz com sua boca de alho e gengibre, pão e azeitona. Homem de manias, caía de joelhos e encostava a testa no chão, muçulmano. Toda tarde via o Sol poente, Sol saara, a alma em Meca. Então, as mãos no peito ou em atitude de orar, enrolava a língua – começava as palavras por al, seus erres e coisas. Desenhava rabiscos arabescos – alfarrábios – escrevia cartas para longe. Lá tinha deixado uma esperança. Falava de sua terra, extasiava: que havia palácios encantados com tapetes e torres redondas cor de marfim, de mercadeiros, de danças de ventre e sete véus. O povo não o aceitando inteiramente, veio da estranja para quebrar a regra.

Foi – um dia foi e pegou de amor por ela, dita a Zica ou Zinha do Sapucaí. Morena dos olhos rasgados, morena cor de cuiá. Sonhou com ela mil e uma noites, sua lâmpada de Aladim. Não tocava nem sequer um fio de seu cabelo – respeitava-a, divinizava-a. *Iaiuni* – luz dos olhos meus. *Iahabibi* – querida. E olhava de soslaio para a pontinha de seus pés. Dizia: “Sherezade”. Fumava narguilé enquanto lia em voz alta o Alcorão. Trocava o pê por bê, soletrava o bê-a-bá.

Depressa aprendia a escrever o r do amor, o A da vaca – orgulhoso de números e alfabeto. Tudo começou do zero.

Vai – e uma vez adoeceu, o povo tratou dele com carinho. Traziam-lhe sopas, refinamentos; xaropes açucarados para calmar a tosse. Faziam chá de erva-cidreira e preparavam banhos e cozimentos com raízes finas e flores do campo. Breve caiu nas graças de todos. Tornou-se compadre, seu rosto franco de quem diz amém. Dali em diante, cristão.

Um dia foi viajou, ver a Zinha celebrada – seu lírio, aleli, cecém, açucena. No outro lado da serra, dois dias em cavalo pelo caminho curvo da estrada do Moagem. Levava-lhe alvissareiro ricos presentes de adorno, argolas douradas de escravas, mantel de veludo mais brocados, sedas, panos finos de cetim. Chegou como hóspede, solfejando seu trá-lá-lá. Ela recebeu-o como príncipe, beijou-lhe a mão por gratidão. Falou para ele que não carecia, tinha gente que mais precisava. E foi aí que o Diabo entrou na história, soprou-lhe recado no ouvido. Tinham-lhe roubado a loja aqueles do arraial. Levantou-se como mouro de espada na mão, os olhos faiscavam. “Porco suíno”, usando para xingamentos. “Infiéis!” Jurou pelas suas barbas, por cada palavra dada tirava um fio. “Haixix, assassinos” – no auge da cólera. “Arre!” A ela disse com ternura em sua própria língua: *maassalemi*, que fosse em paz. Em seguida, esporeou o cavalo e partiu. “Vai...” E foi. O pensamento em al, de trás para diante. Açoitou o cavalo azeviche lustroso puro sangue, seu orgulho de leão. Trazia nas veias nobre linhagem, filho de Alá, Salah-el-Din.

Quando chegou, pôs as barbas de molho. O Sheik vinha lambe-lhe as pernas, cachorro companheiro – abanava o rabo e fazia-lhe festas rosnando. Tudo estava em perfeita ordem. Isto é, sim que faltava mercadoria, mas coisinhas, musengas de pouca monta. Sentou-se na almofada, cruzou as pernas em atitude de sultão. Pediu tempo para pensar. O povo fingia, nada sabia. Ele também disse nada. Olhou na cara de um a alma de todos. Queriam-no bem! Era festa de Natal, lá fora faziam procissão. Reconheceu na mão do Bobo Zeferino pedaços de tecido listrado de amorim, prenda para o Menino Jesus que ia nascer, junto com balangandãs que ornavam o altazinho. O Bobo Zeferino, pobre honradamente – feliz como quem cumpre uma promessa. A intenção do bobo é o que vale. O árabe pegou a rir, pensou também em levar o seu presente como antanho tinham feito os três reis. Tomou o rumo do baú velho, tirou o que de mais valor possuía, o das grandes ocasiões – manto azul todo requintado com pedras raras incrustadas, bordado com fios dourados e lantejoulas carmesins.

Foi quando caiu em si de repente; fispou a ideia. Descobriu; abriu o segredo do Sésamo. Não pertencia mais àquele povoado-zinho, aldeia. A gente é o que sente nas horas de grande precisão. Ruiu seu castelo de areia, seu sonho de ficar. Vai e arrumou com cuidado todas as suas coisas, deu balanço, pôs nos lombos dos animais como se faz em longas caravanas. Ia partir como chegou. Antes perfumou-se, tomou banho de alfazema – novo, limpo como folha depois da chuva. E foi à igreja depositar o seu presente. Vestiu a túnica de linho branca e o turbante cheirando a naftalina. Pôs as vistas no presépio iluminado de velas: só o Menino, a Mãe, o caminho do burro e o boi, no ápice. A mão no coração, na boca e frente – fez o gesto habitual de reverência. “Oxalá” – disse; nobre, leal. Depois foi, tocou a alimária em marcha, ia a toa. Guardava era uma saudade. Com pouco chegaria a estrada de ferro, o arraial a ficar bonito. Olhou a vida para trás, nem tinha raiva. Só disse: “Minha gente, o meu povinho!” – e foi começar a sorte noutra parte. Tirou o alicate, quer dizer, a torquês. O mundo é uma bola – e jogou fora um pensamento. O luar contrastava enormemente com a figura e forma do viajante, naquelas paragens.

Maktub – estava escrito.

EUTERPE

A agência funerária. Um grande anúncio na porta, com cores vermelho-escuras e uma inscrição em latim: *Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris*. Seo Euterpe tinha os olhos fundos bem pequenos, vistos através de grossa lente. Uma figura alta muito magra, barbarruivo, ar profissional. Chegado com a estrada de ferro quando o arraial não tinha ainda o coreto. Fugia do convívio social, quase não falava com o povo – falava sozinho, de casaco preto, quando aparecia na rua chamava bastante a atenção. Dir-se-ia mesmo que guardava uma tristeza. Seo Eutérpio não ria nunca.

Fúnebre, funéreo, olhava a morte de todos os lados, convivia com ela. A oficina na própria casa. Isto é, um cômodo mal-iluminado que ficava na frente, onde se guardavam caixões de todos os tamanhos a preços módicos. Com as ferramentas de trabalho, mais uma fita métrica já gastada pelo uso. Primeiro pregava as ripas, depois escolhia o forro – depositava os caixões mais ricos em pé na vitrina; e os outros, alinhados no comprido balcão de madeira escura, em cada qual uma cruz de chumbo com o INRI.

Dizem que falava com a Morte. Uma vez olhando no espelho de água parada viu-a: um esqueleto envolto num manto encarnado carregando uma foice, em volta mariposas na muda, que simboliza a mudança de sua condição. De lá saiu chorando, sem compreender porquê. Dali em diante um mistério perseguia-o toda a vida. Seo Eutérpio não tinha raiz.

Jejuava, passava noites e noites buscando um não sei quê entre os seus livros guardados por chave com muito zelo, num lugar que só ele podia mexer. Disse que não descansaria enquanto não descobrisse o segredo. Mas dava os seus conselhos: “A gente deseja uma coisa com muita força, não consegue. As coisas vêm por si sós, se têm de vir. Vale é esperar com resignação, que tudo acontece na medida”. Quando dormia, nunca no escuro: usava uma candeia de

azeite no canto disfarçada atrás de um papel celofane, para não ficar muito claro e atrapalhar o sono. Justificava-se: “Mesmo de dia a gente vive no escuro”. Verdade incontestável, não brincava com as coisas sérias da vida, isto é, a morte.

Mas também na horta gastava muito do seu tempo. Todas as manhãs regava flores e plantas – açucenas, rosmaninhos, betúnias, hortências e rosas do campo.

Foi num dia, de manhã, na casa do vizinho. Todos acompanhavam com aflição e silêncio o que se passava dentro do quarto que dava para o terreiro. Primeiro chegou a parteira, chamada com muita urgência por Donhá. Depois os amigos íntimos, de dentro, e os mais velhos para dar conselhos. Dona Ilítia acudia, com panos quentes para minorar as fortes dores do parto. O sacristão de manhãzinha, com cheiro de igreja. E até o padre foi chamado para dar a última bênção. O marido na porta esfregava os dedos por nervosismo, ou dava voltas em torno da casa falando sozinho. Pediram a Seo Euterpe que se retirasse, pretextando alguma mentira. Mas ele sabia que era para não dar azar. Ele se sentia como uma palavra pejorativa.

Quando aconteceu, foi um verdadeiro milagre. Depois de horas de sofrimento o menino nasceu, o corpinho todo arroxeadado por marcas. A mãe segurava nos braços a criatura com fadiga, como quando a cachorra lambe a cria para afagar. “É mentira, mas é verdade.” Lá fora o povo fazia festa e chorava de alegria. A maior parte dançava quadrilha e tomava café com bolinhos de fubá feitos às pressas por Dona Astaminha. Tinham mesmo combinado ajudar a família em mutirão antes das águas. O Bobo parou de tocar a flauta e voltou a mergulhar na sua ranzinza. “Gente de veneta, essa.” Os demais iam pouco a pouco para as suas casas. Tudo voltava ao normal.

Naquela noite Seo Eutérpio não dormiu, nem mesmo conseguiu fechar os olhos. Pegou a ruminar sobre tudo aquilo. “O homem vive com a morte desde que nasce.” Aquele ser estranho, sua terrível condição. “O homem nunca deixa de pensar na morte, mesmo quando pensa em outra coisa.” Olhando para as vigas do teto já carcomidas e que ameaçavam desabar. O relógio com pouco ia dar as horas.

Já era quase manhãzinha. Devagar dirigiu-se até à sala para espevitatar o lume da lamparina, que lá fora ainda fazia escuro. Os vaga-lumes piscavam, imitantes as estrelas. Passarinhos vinham que voavam ou pousavam nos altos galhos das árvores. Os brotos do limoeiro já começando a cheirar. Os galos que cantavam como mensageiros. Seo Eutérpio, então, formal, vestiu o traje domingueiro como nas grandes ocasiões. Antes, porém, arrumou todas as coisas,

deixou tudo em ordem, não queria dar trabalho a ninguém. Estava pronto para partir.

Logo mais pegou o caminho do rio, que é curto. Pediu ao Barqueiro que o ajudasse a atravessar para o outro lado, tinha muita pressa, mais não podia esperar. O Barqueiro olhava aturdido, mas sem fazer perguntas. Nunca se metia com a vida alheia. Remava e remava, de um lado para o outro, que era ofício seu.

Já agora o alto da Vista Boa se enxergava. Seo Eutérpio então pôs o caixão nas costas, grande de seu tamanho. Despediu-se do remeiro com reverência, e pagou-lhe com um punhado de moedas o serviço. Tomou o rumo do cemitério velho, todo rodeado por cipreste, árvore consagrada aos mortos. No caminho topando o coveiro: “O senhor aqui?” Eutérpio nada respondeu. Só pediu ao homem que o deixasse sozinho, que fosse à vila buscar qualquer coisa. O homem pensou que pensou, mas saiu sem discutir. Seo Eutérpio olhava em redor do Campo Santo: nada lhe parecia tão claro como naquele instante, sua fisionomia que não conhecia. Uns nascem, e outros morrem – o mistério continua. A garganta embaraçada, desatou um nó no pensamento. O tempo passa, tudo muda, e a própria Terra muda também. Ficou pensando na vida, sem cogitar da Lógica. Ninguém cabe dentro de si, nada tem o seu limite.

E a porta do caixão fechou devagarinho.

HISTÓRIA NATURAL

A Charles Darwin

Paesano de viagem? Desde há algum tempo aquela inquietação, o rumor surdo dentro dele, a voz da consciência em desafogo. Interrogação, interrogações? Nem ele mesmo sabia o que era, assim como num sonho, a mensagem sendo aos poucos decifrada, a verdade tomando as suas formas. Dera-se sobretudo a constantes meditações, procurava ver mais alto, descobrir o segredo do enigma que tanto o molestava.

O Circo Paesano, herdara-o do pai antes mesmo de chegar à idade adulta. “Hoje não é nem sombra do que foi!” – com tristeza, com saudosismo os da *troupe*. O circo no apogeu: tinha viajado todo o mundo, aos lugares mais distantes para representar, trazia recordações, fotografias e comentários de jornais em diversas línguas. Chegou a ter considerável número de animais, pessoal subalterno, artistas famosos, o Circo Paesano!, na bagagem, a certeza de haver prestado bons serviços. Mas do mesmo modo que os negócios malconduzidos, assim o circo. Começou com o desdobramento pela venda das partes mais pesadas a fim de facilitar a locomoção. Depois a falta de amor à arte leva fatalmente ao empobrecimento do espetáculo. O desinteresse, a negligência, má situação, o circo falto de atrações.

Paesano, quê? Já estava cansado daquela vida, queria era mudar de rumo, largar tudo e começar outra vez. Eis o seu aqui na diária: levantar cedo, as compras, pagar pessoal, contabilizar...

Um dia quando cuidava dos animais. Assim por acaso firmou a vista, pôs reparo, pegou a observar o quê do cavalo e seu jeito de ser. Isto é: a aptidão que tem de mexer algumas partes da pele. Não pôde resistir à tentação de comparar o cavalo com aquele idiota por nome o Bolbo que havia trabalhado para o circo há muitos anos. Como imitava os beijos do cavalo e o relinchar, movia com muita destreza certos músculos, levantava as sobrancelhas, empurrava a pedra com o pescoço e as axilas.

E mais ficaria a pensar se não fosse: “Ei, Paesano” – de dentro uma voz a interromper. E era que Zeórgio vinha anunciar que o macaquinho de Bornéus amanhecera doente. Paesano não tardou em acudir, tinha alguns conhecimentos de Veterinária prática devido à experiência adquirida com o circo. Lançou mão do que estava ao seu alcance: sabia que os mesmos remédios curam as mesmas doenças de homens e animais – idênticos efeitos. Ademais, provas não havia suficientes de que uns a outros transmitem certas enfermidades infecciosas, e vice-versa?

O circo e sua atividade. O treinador dos símios a preparar o seu número: um que bebia café ou chá prazerosamente, cerveja e diversas bebidas alcoólicas, um que fumava até se faltar, aquele que amanheceu com tamanha ressaca e nunca mais pôde com álcool, os que fantasiados faziam as costumeiras acrobacias. Todos obedeciam à vontade do treinador, ensinados. No circo não há lugar para erro.

Paesano e o seu Míster, cachorro bom inseparável. O cachorro brincava com ele, compreendia-o. Quando Paesano se sentia triste, vinha lambe-lhe as mãos para consolar, acariciar, fazia a modo de quem chora, abanava o rabo, metia-se por entre as pernas do dono, e depois aquele olhar tão significativo. Cachorro de caráter aquele, nunca o havia deixado mal. Viram-se assim por acaso na rua, daquele encontro fortuito nasceu uma forte amizade. Às vezes gostava de pregar peças no Míster para pôr à prova a capacidade de tirocínio. Mas Míster também tinha o jeito seu de brincar. Esperava que Paesano atirasse pedaço de madeira ou coisa para ele buscar. Depois, com manha, em disparada trazia o objeto entre os dentes, depositava-o a certa distância e, quando Paesano se agachava para pegá-lo, Míster então tomava a dianteira. E assim outra e outra vez. Senso de humor?

E imaginação? Longe de Paesano o querer negar a existência dessa faculdade nos cães e outros animais. Pois quando dormem não dão mostras de que sonham? – o rápido movimento dos olhos e outros indícios? Ademais, não sabia do caso de um gato, animal dos que mais sonham que, privado de fazê-lo em virtude de experiência científica não chegou à loucura, e depois à morte? O mesmo não acontece com os homens? Ficou a pensar.

Associação de ideias. Como tantas vezes os animais sentem as mesmas emoções que nós outros, têm os mesmos instintos, sentimentos, e mais muitas semelhanças!

Desviou o pensamento, olhou em redor. O porco grunhindo desesperadamente, em vão tentando escapar da faca que o imolava. A inteligência das abelhas, a construção impecável da colmeia. O

mundo organizado das formigas. Os animaizinhos imitando os outros. A fêmea amamentando os filhotes desprotegidos quando nascem. O amor sexual entre as aves; a reprodução; os galanteios. A teimosia da égua empacada no lamaçal. De como a fêmea do elefante atrai os machos com artimanhas. A aranha fazendo a teia, desde que nasce não sabe tecê-la?

É Míster? Paesano e seu meditar. Lembra-se de Míster e a imensa alegria que sentiu quando ele, Paesano, chegou de viagem após muito tempo de ausente. Queria bem a seu amo, isto sim, ninguém encostasse a mão nele quando Míster por perto, nem por brincadeira. Os ciúmes que sentia quando Paesano acariciava outro cão, dava pena. Procurava atrair as atenções do dono, ou afastar o rival. Queria para si todo o afeto, agradavam-lhe os elogios e a adulação. Dava gosto vê-lo nas horas de prazer e felicidade, orgulhoso como cão que cumpre o dever. Tinha alguma consciência do dever, aquele? Cachorro perdigueiro sabe que deve caçar a perdiz e quando? Uma vez só vira Míster com medo, cachorro de valor era. Tão grande o susto: aterrorizado, o coração aos pulos, pelo eriçado, o corpo todo trêmulo. E o latido diferente que vinha do mais fundo do ser. Cada latido não traduz uma emoção diversa? Paesano nem precisava falar para se fazer entender. Sim, algumas frases e palavras que todo cão ensinado sabe. É que Míster conhecia o jeito de Paesano, só a convivência continuada pode trazer tanta intimidade. Não é a linguagem o que mais nos separa dos outros animais, juntamente com o sentido moral, a consciência?

Mas a razão, a atenção, a curiosidade, a memória? Uma série de pensamentos na mente de Paesano. O animal quando está à espreita e pronto para atacar a presa não fica atento ao menor sinal? Com pouco lembrava-se de caçadas e armadilhas. De como o descuido custara a vida da astuta raposa. Quantas vezes tinha ele se embrenhado na selva para a caça de animais para o circo ou para o Jardim Zoológico, os quais alcançavam alto preço no mercado. O leão, a zebra, o rinoceronte, o hipopótamo. A caçada do elefante...

O elefante? Era já hora de dar-lhe a ração diária. Paesano dirigiu-se ao lugar com uma cesta e, como fazia as mais das vezes quando não premido pelo tempo, deixava alguma coisa fora do alcance do elefante para que ele com o sopro da tromba a fizesse chegar até si. Este não o único que usava de engenho para atrair o objeto.

E depois o chimpanzé, que se servia de uma pedra lisa para quebrar o coco. Ele e outros mais como quando no espetáculo: com ferramentas abriam o pesado caixote, andavam de bicicleta, em gangorra, saltos e piruetas, e toda a algazarra.

E Míster? O que estava fazendo? Cão de raça que impunha respeito, e nem só por sua aparência. Alguém tinha lá coragem à noite de chegar perto do sítio onde montava guarda? O que era dele era dele, o seu. Osso de sua boca quem tirava só Paesano. Obedecia-o a mais não poder, verdadeira submissão. A vontade de Paesano era a sua. O homem recompensava-o com afagos e engodos, trato de primeira, mas sabia falar ríspido quando fosse o caso – obrava com justiça e autoridade. É verdade que animal sente admiração? Profundo afeto. Tantas vezes tinha tido Paesano provas de tal sentimento, quando no sonoite sentado na cadeira de balanço para um descanso, e Míster por perto com aquele modo tão de estilo. Gostavam sim da mútua companhia, um sabia no íntimo que podia contar com o outro na hora do apuro com toda a confiança. Uma vez não aconteceu que uma fera solta avançava para o lado de Paesano, e Míster não investiu contra ela incontinenti, pondo em perigo a própria vida? O instinto de conservação é menos forte ainda? Por efeito de gratidão aquilo? Ou é do cão o ser assim? Quem conhece a mente dos animais? Ser grato é de seu temperamento? Quando Míster caiu enfermo, machucado por dentro em virtude de forte desabamento, o tempo todo Paesano não arredou de seu lado; cobria-o com flanelas, dava-lhe mezinhas na hora certa, banhos quentes com ervas para desinchar o corpo. Míster chorando, a dor em aumento, a doença começante... Chegaram mesmo a aconselhar que um tiro acabasse de vez com o sofrimento dele. Paesano não: teimoso no seu persistir, com esperança ou cheio de fé, a certeza do restabelecimento depois. Qual a reação do cachorro, o ato seu, o sentir de cão?

Paesano então passou a fazer comparação, ligar ideias, conjecturas sobre o comportamento dos animais, a maneira de ser, o que se passa no mais interior de cada um, seus sentidos, suas emoções, seus instintos, seu espírito. Tão diferentes de nós? Tão semelhantes? Qual a desigualdade existente entre nós e os de que a nós mais se aproximam? Quanto a dessemelhança entre eles mesmos? Como explicar o que é comum a ambos, homens e animais?

Paesano tomou um tempo para pausa. E eis aqui o que a ideia sugeria: sair para caçada, um bom dia, próprio para as coisas do campo. Ato contínuo, arma a tiracolo. Aprontou-se; um assobio marcial para convocar o Míster.

Nas aforas da cidade começa extensa mataria. No caminho topou com um gaioleiro indo para a feira que veio lhe oferecer o que era seu de venda: as variedades do bem-te-vi, para coleção – o comum, o miúdo, o pequeno, do bico chato, o preto, o rajado, o

escuro. Tinha furado os olhos de um deles, que assim canta com mais alma.

Uma coisa leva a outra e – homem viajado que era – pegou a lembrar daquela ave cega que seguia vivendo pela ajuda que lhe prestavam os semelhantes, isto é, propiciando-lhe a alimentação. Que coisa, não é que às vezes os animais também se auxiliam mutuamente? A ave cega, os macacos da ilha, animais que caçam em bando, ou os que dão alarma se avistam o inimigo comum – vários exemplos haveria de citar. Então é sentimento de simpatia?

Paesano, a imaginação levava-o a pensar em bem-te-vis. Quando voltam ao galho primeiro, depois de elaborar desenhos com voo um tanto ondulado. Como dão vazão à alegria quando vem juntar-se ao bando outro casal. Não vivem aos casais? Apreciam a companhia um do outro, seus semelhantes? Sociabilidade? E os ciúmes? A contenda entre eles? Ou o descontentamento, a reprovação: patentes sinais para porem termo à luta entre os dois rivais do mesmo bando, se por demais prolongada – o agitação, o bater de asas, os sons dissonantes que emitem refletem o estado de ânimo. Arrepiam-se uns, outros eriçam as cristas. Movem guerra contra o gaviãozinho de cerrado – nasceram para ser inimigos segundo as leis da natureza – que sorrateiramente aparece para desfalcas os ninhos ou fazer estragos. Na hora do maior perigo todos juntos investem contra ele; a união faz a fraqueza do adversário.

Paesano e a caçada. Escondido esperava detrás da moita, fazendo todo o silêncio, em baixo o rio de águas espalhadas aonde bichos a beber. Caçador experimentado, primeiro assuntou a direção do vento e buscou a justa posição: lugar protegido, no alto, largo o campo de visibilidade. A espingarda de prontidão, apoiada na forquilha da árvore retorcida.

Enquanto esperava. Absorto, não podendo evitar os pensamentos, o fio lógico da espiral – assim como a correnteza arrasta o que está a seu alcance. Existe alguma força misteriosa por dentro – independente da vontade, como o mecanismo dos sonhos, por exemplo – que faz com que os pensamentos se juntem para formar sentido?

Com pouco olhou em redor. Chamava-lhe a atenção como o passarinho punha todo o esmero em cantar. O passarinho canta para si? Para atrair a fêmea. Ou como ostenta com orgulho as cores, ou com que arte constrói o ninho. Som, forma, combinação de cores – tanto a fêmea os aprecia? Sentimento do belo, diria o naturalista.

O olfato evoca impressões nos homens e animais. Imediatamente lembrou-se dos selvagens que encontrara numa das viagens

quando o navio aportara nas ilhas Virgens. Sua natureza de bicho: como trepavam com muita agilidade em altas árvores imitantes o macaco, o jeito desconfiado, como lhes fascinavam os objetos brilhantes sem valor. Comprazia-lhes sobremaneira o ruído desagradável que produziam os seus tambores e outros instrumentos. Sua visão de lince – a grande distância divisavam pequenas coisas ou acidentes geográficos que homens civilizados não podiam. De muito bons ouvidos, apuradíssimo o olfato. Mas o que mais o impressionara foram os costumes da tribo, sua condição de vida. Tanto se identificam com os animais?

Uma interrogação rondava-lhe o espírito: o que aconteceu com o homem branco que passou a viver com os silvícolas e que nunca mais teve contato com a civilização? Ou o inverso: o índio que embarcou no navio *Esperanza*? Aprendeu a falar, a fazer contas, a andar vestido, completamente mudou de hábitos, seguiu uma profissão. Introduzida a abstração.

Assim, só o homem é capaz de adiantamentos? Chame-se experiência ao que o animal adquire com o passar do tempo; não é quando adulto que dá mais trabalho ao perseguidor ou melhor sabe escapar da armadilha?

Memória de antanho, ou o medo instintivo. Isto é, como os bichos sentem a ameaça do perigo. O macaco não tem medo da cobra? Aves há que aprenderam a debandar ao menor sinal da presença do homem. Resultado de experiências, ou herança que uns recebem de outros? O erro aprimora a virtude – diga-se outra vez. Cobra que mata cobra, que come sapo, que engole moscas. É assim no reino animal. O que sente a jararaca quando percebe que a muçurana se apresta para devorá-la?

Um dia da caça, outro do caçador. O Sol já ia longe quando Paesano viu através do binóculo a futura presa vacilando de detrás da moita. Cautelosa, esguia, pronta para a fuga – a suçuapara. Olhando em todas as direções. A pata dianteira como que Tateando o terreno para não fazer barulho: depois é que apoiava todo o corpo. E então o tiro. Paesano malsofrido desceu o lugar terrento para ver o estrago que causara. A suçuapara nos últimos gestos, as patas esticadas, escorrendo-lhe pelos cantos da boca o sangue quente.

Paesano pôs o animal nas costas, tomou o caminho de volta, fugido em seus pensamentos. Vender o circo? Não podia aguentar mais naquele estado de coisas? Quando chegou, fazia um pouco de escuro, as estrelas já começavam a luzir. O circo preparava-se para a função. Paesano o primeiro que fez foi ir até à cozinha, abriu o apetite, mandou que preparassem a carne. Sentado à mesa ia esperar

o tempo passar. Ainda sentia a impressão de peso nas costas. Quando dali a algum tempo – quieto, à sua maneira, mil e mil pensamentos – tão de repente que nem soube explicar. Enquanto comia, veio-lhe à mente a imagem da suçuapara, aqueles olhos humanos que tanto pareciam com os da moça do trapézio. Ato contínuo, a vontade incontida de vomitar; o vômito aos jatos, escorrendo-lhe pela boca e as narinas. Sentiu por dentro a dor do animal.

Foi então que caiu em si. O quadro acabado, visão de conjunto. Todas as coisas tiveram nexos naquele instante. O homem, esse sublime animal – sorria, voltara-lhe de novo a cor nas faces. Desde o nascimento, cada um anela descobrir o próprio destino?

No reino animal, todos entre si se devoram, para saciar a fome da natureza. Bicho que come bicho que come homem que come bicho e até o próprio homem. A luta pela sobrevivência é a lei do mais forte. Não há vida sem sacrifício de vida. Como seria melhor o mundo sem violência! O erro de Deus foi ter criado o carnívoro.

Paesano nos seus grandes dias, o pessoal todo o reconheceu. O mesmo amor à arte, o sumo cuidado, a eficiência. Vestido a caráter apresentava o último número, espetáculo de gala. Vender o circo? Isso nunca. O circo era a sua vida. Ali junto aos seus, todos uma família.

O circo ia brilhar outra vez.

JOÃO CAPITÃO

Era um sujeito, João Capitão. Mas que bem podia ter outros nomes, de Damasceno ou Damaso, Barbacena, Brazabrantes. Um dia chegou ao povoado aquele, assim como assim – vindo de Curalinho pela picada do Engenho – montado com estilo no cavalo baio equipado. Sua figura de fazer rir: uma *kodak* dependurada no pescoço, chapéu de palha à mexicana, botas lustrosas enfeitadas com desenhos, bigodinho com as pontas finas voltadas para cima. Chegou fazendo gauchada para chamar a atenção. Primeiro desceu no meio da praça junto ao chafariz e amarrou o cavalo na estaca de pau roliço. Depois, como chovesse – nobre, dono de gestos elegantes – não hesitou em atirar a capa no chão para que a moça pisasse. E ainda fez reverência: abaixou a cabeça, a mão atrás, um pé na frente. O povo achou graça, nunca tinha visto igual. Nasceu no circo, isto é, no meio de uma viagem quando o circo em excursão. Daí aquela vontade louca de varar mundo, de nunca poder ficar parado muito tempo num lugar. Que tinha vindo fazer ali? Cismou de encontrar a de seus sonhos – Eunísia, ideada, trabalhada na memória. Pegou de amor por ela e – quando voltou, cumprindo seu destino de ser errante – não estava mais no arraial. Mudado com toda a família, ninguém sabia para onde. A vida não espera, João. Não a via desde menino, mas guardava um retrato já amarelado pelo tempo em que ela aparecia, os cabelos compridos até o joelho por efeito de promessa. “Tem uns olhos mais meigos” – cheio de suspiros – olhando para o ar com a mão no peito. Jurou não descansar enquanto não a encontrasse. Procurá-la-ia toda a vida, como com lanterna, se preciso fosse.

Mas e quem era o coronel? Por que entra na história? Homem esquisito, aquele, de veneta. O coronel Tomé tinha dois gênios. Às vezes mais bom do que mau, às vezes mais mau do que bom; outras, carrancudo. Dependendo do dia. Quase nunca saía. Quando,

sempre acompanhado de um por nome o Dígito, capataz, que tomava conta de uns negócios, e que trazia um berrante com argola dourada à tiracolo – conhecido por todos pela honestidade, quem uma vez lhe salvara a vida quando a correnteza o puxava – e por um velho ainda forte, barbirruivo, cicatriz profunda na cara, um pano preto amarrado com elástico tapando o lugar do olho, ex-jagunço perigoso que criava um pássaro de mau agouro como estimação. O capataz o aconselhava de um jeito, o velho o aconselhava de outro; divergiam – como a consciência manda fazer o bem ou fazer o mal. Também, na vida não real, o Gênio do Bem e o Gênio do Mal acompanham o indivíduo em todas as direções – um à esquerda, o outro à direita – fazendo força para seu partido. Ultimamente só ouvia as palavras do velho, o outro tinha relegado a trabalhos secundários, ou a quase nada, tratava-o mal, chegou mesmo a despedi-lo, caído em desgraça. O coronel dia a dia empiorava. Pouco a pouco ia esgotando todas as suas qualidades, por fim só restando a ruindade, como quando a balança pende inteira para um lado.

O João, não. O contrário do coronel; nunca fez mal a ninguém desta vida. Aquele era a virtude, a inocência, o que há de bom no mundo, a parte boa que cada um deveria ter dentro de si. “Há um João Capitão em cada coração” – era como dizia sincero, poeta, olhando para a linha do horizonte. Gostava de fazer rimas com o seu nome. “Vou contar um segredinho, segredozinho...” com graça, príncipe, com ares de artista. Então pegava a flor e cheirava-a – “Essa a minha predileta” – namorava-a. De circo, dando um jeito com as mãos, as pernas de três jeitos.

O coronel mais o João Capitão? Deu-se que por acaso uma vez os dois se encontraram. “A bênção, meu coronel.” No meio da rua principal que dava para o Largo. O João rodeado de gente com gestos profissionais fazendo mágicas. Tirou do ar e fez desaparecer uma moeda. O coronel não se conformou. “Uma coisa dessas não pode ser.” Ficou intrigado, isto é, pôs uma pulga atrás da orelha, as barbas de molho. “O senhor está é abusando.” E deu ordem para que a moeda aparecesse ali no soflagrante. A estrela do João brilhou aquele dia. Jogou a sorte num minuto: com um passe de mestre tirou do nada o seu tostão, o ato principal. O povo acreditando em milagre. O padre: “Heresia!” O coronel dizia que ele era um desbocado, isto é, desvairado. Sua indignação aumentou quando o João pegou a contar histórias ou fatos, o fenômeno da aurora boreal. “Lá, na terra dos gelos...” “Ora, se tem cabimento” – disse o coronel – não comportando com a ideia. “O senhor está passando dos limites.” Achava que estava caçoando. E exigiu explicação. O João dizia o que ele

não entendia. Simples, desdobrado. Humilde como padre diante da cruz. “É um segredo da natureza, meu Sor coronel.” Segredo? Pois sim, aquele ia falar nem que fosse preciso espremer-lhe o corpo todo; esfolá-lo; a força bruta. Não disse mais. E saiu de fasto, entregado aos excessos. O João ficou – fingindo-se de toureiro com aquele boi guenzo, aproveitando uns panos vermelhos que trazia no alforge.

Foi nada não. Com pouco pegou a escurecer. O coronel então mandou dois – o Tiago mais o Polastrino – capangas para dar cabo do João. Levaram-no às escondidas para fora da cidade no lugar dito da Virgem, seguia a pé com as mãos amarradas, enquanto os outros vinham com chicote montados nos cavalos. Açoitaram-no sem piedade até sangrar – “Desembuche” – queriam saber o tal segredo por mando do coronel. Depois amarraram-lhe o pescoço com uma corda ensebada que dava a volta num galho alto de árvore. “Faz isso não, minha gente.” O João pedia, chorava, não queria morrer. Puseram-no em cima de um tamborete, apoiado com as pontas dos pés, qual condenado. De modo que, com uma só chicotada, caiu o tamborete, e o corpo ficou balançando. Logo mais foram dar a notícia, tinham cumprido bem a missão.

O coronel? Trancado no casarão afastado, pior do que nunca. Foi então que, naquela mesma noite, apareceu-lhe o Diabo, bem trajado, a capa vermelha, bota preta, colarinho curto engomado, gravata borboleta. Mais parecia um homem, não fosse pelos chifres. “Aqui estou” – disse-lhe o lá de baixo. E o dia seguinte não amanheceu para o coronel. Com a língua de fora esticado em cima da mesa, roxo, como se enforcado. O povo, coitado, pensando em suicídio. E o que ninguém soube explicar foi as marcas de chibata no corpo, mas de um lado só; as marcas como que desapareciam ao passar para o outro lado. Os dois bandidos, ao ver aquilo, o Tiago e o Polastrino fugiram para nunca mais voltar. O João, misturado com a multidão, talvez fosse o único que chorava com pena do coronel. A cada minuto a gente escapa por milagre – pensou. E foi arrumar o seu cavalinho. Subitamente sentiu aquela dor de saudade, caiu em si como o estouro de um foguete. Eunísia, ela em seus sonhos crescia em progressão geométrica. Nervoso, inquieto, seus olhos nunca paravam – despediu-se do povo e foi encontrar o circo noutra parte.

Lá vai o João Capitão.

A PEDRA FUNDAMENTAL

The inherent virtues of the crystals, resulting in these outer conditions, might really seem to be best described in the words we should use respecting living creatures – ‘force of heart’ and ‘steadiness of purpose’.

JOHN RUSKIN

*Uma educação pela pedra: por lições; para aprender da pedra, frequentá-la; captar sua voz inenfática, impessoal.....
lições da pedra (de fora para dentro, cartilha muda), para quem soletrá-la.*

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Poderíamos ainda, continuando, mostrar, como fez Ruskin, nos seus Ethics of the Dust, os hábitos, o caráter e as astúcias dos cristais; as suas contendias; o que fazem quando um corpo estranho vai perturbar os seus planos, que são mais antigos que tudo que nossa imaginação pode conceber; a maneira como admitem e repelem o inimigo; a vitória possível do mais fraco sobre o mais forte, por exemplo o poderoso quartzo, que cede cortesmente ao humilde e hipócrita epídoto e lhe permite dominá-lo; a luta, umas vezes horrível, outras vezes magnífica, do cristal de rocha com o ferro; a expansão regular, imaculada, e a pureza intransigente de um bloco hialino, que repele de antemão todas as manchas; e o crescimento doentio, a imoralidade evidente de seu irmão, que aceita as manchas, e se contorce miseravelmente no vácuo; poderíamos invocar os estranhos fenômenos de cicatrização e de reintegração cristalina, de que fala Cláudio Bernard, etc.

MAETERLINCK

No Urubumicanga. Havia uma lenda que naquele garimpo devia estar escondida a maior das pedras, a mais rara, cristal puro – à espera de quem um dia a descobrisse. Para lá acorreram garimpeiros de todas as partes – abrindo valetas, levantando barracas; uns com suas famílias em acampamento mais para o alto – numerosas caravanas, comerciantes, jogadores, aventureiros. Logo formou-se o povoado de ruas irregulares com algumas construções sólidas.

Nhô Nísio era garimpeiro experimentado. Chegado de véspera, mas já conhecia bem a região. Fora ali perto que moço ainda começou aquela vida quando deu a grande febre no garimpo dito dos Claros. Até que conseguiu fazer bom dinheirinho, vendia o seu na cata a quem desse mais – um negociante alemão que muito conhecia o ramo, homem de emendar palavras, mas de pouco fazer barganhas. Quando veio o declínio, teve de mudar-se de lá, mas com o vírus, o vício do garimpo instalado definitivamente no fundo do ser. Foi então buscar a sorte em outras partes, conheceu muitos baixos e poucos altos, chegou mesmo a acostumar o corpo com a miséria. De toda aquela luta, no fim do jogo só lhe restava uma pouca de terra que – como dizia a mulher, rogando-lhe a toda hora deixasse de vez aquela lide de extravagâncias – se bem cuidada, dava bastante para os dois. Filhos, só teve o Lício e o Rinaldo, ambos arribados para o norte, com família e ofício, como é que manda Deus.

O garimpo do Urubumicanga. Que tinha vindo fazer ali? Era mais forte do que ele o impulso de bamburrar, abrir em cheio os olhos da fortuna, perseguir aquela pedra diaba que tinha de estar escondida num lugar qualquer, no ventre da natureza. Na falda da serra? No Areião? A resposta ele ia saber nem que custasse todos os anos de sua vida. Não falava com ninguém, não conseguia desviar o pensamento da pedra. De vez em quando se lembrava dela – Geralda, seu bem-querer – deixada lá sozinha meses a fio sem notícia naquele lugarzinho fim de mundo. A pedra era como se fosse um desafio da natureza.

Cada dia levantava-se antes do Sol, arrumava as coisas, pegava a pá e picareta e ia cavoucar o seu terreno até o Sol abaixar outra vez. Começou os trabalhos com um sócio, mas logo entraram em desavença por picuinha, e resolveram marcar o lugar de cada um. “O término.” Fugia do convívio social – isolava-se; uma cabana cercada de terra por todos os lados – ultimamente deu para ficar arredio, no seu meditar, só e as suas manias. A pedra. Nos sonhos via-a, rutilante, brilhando como o clarão do Sol. Tinha vontade de quebrá-la no meio para ver no fundo como era feita, arrancar a verdade da natureza. Meu Deus, por que a gente tem de buscar uma

coisa assim toda a vida? Por que não nascer já com o rumo certo? O que há, isto sim, tudo é posição. Aquela pedra o perseguia por inteiro. A essência do cristal, a transparência, a beleza e a forma de seis faces – há muito de mistério nesse negócio.

Mas o passar do tempo aumenta as recordações. Quanto tempo não procurava uma fêmea para as suas debilidades? Sentiu saudadeszinhas da mulher, ela naquele mundão talvez doente ou aflita, só com o mato em volta e o cachorro Tiu como companheiro. Começou a querer chorar miudamente, não fosse pelo orgulho de homem. Cavouca dentro de si. A vida não volta atrás – foi o que pensou. Quem era ele? O que viera mesmo fazer aqui? Pegou a reinar mais profundo a modo de quem tem fixação de propósito. Mas afinal para quê, por quem, onde, por quê? O segredo da natureza, o profundo das coisas, a vida e a morte, o Bem e o Mal – todos os mistérios estão ligados. Meu Deus, como a gente muda depois que começa a pensar. Cada vez ia entendendo mais de si. Tinha nascido no Matão, onde o rio se encachoeira e faz a curva. Saiu de lá menino e nunca mais voltou. Mas guardava bem claro na memória aqueles campos desverdes e uma fonte que não parava de jorrar. Mais ainda: um lugar plano em frente ao cemitério onde havia umas plantas – plantas baixas de folhas muito verdes – das quais não sabia o nome, conversava com elas, contava-lhes todos os seus segredos de criança. Quando teve de partir, despediu-se delas como o melhor amigo – chorou e levou a lembrança das plantas consigo.

Nhô Nísio cavava enquanto pensava. Súbito, o estalo, o suspiro de alegamento, a certeza de estar em paz consigo mesmo. Todas as coisas estavam mais claras num minuto. Tinha vindo ao Urubumicanga buscar a si mesmo. A pedra? A gente já nasce com ela nas profundezas da alma. Nem esperou mais: só olhou em redor como quando o artífice acaba a obra. E saiu renovado, carregado de forças. Era hora de deixar aquela vida cansada e dedicar-se de vez ao que é seu. Foi e arrumou com cuidado todas as coisas, vendeu as ferramentas e o mais de que não carecia. Estava pronto para partir. Antes ia passar no Matão, encontrar aqueles lugares, seu retrato de criança. Ver se tudo estava igual, saber talvez o nome daquelas plantas ou levar umas raízes consigo.

Era dia de São Sebastião que o povo inteiro comemora. Montou no seu cavalo estimado e pegou a direção de Cristalina – com ruas encascalhadas e abauladas, a praça ajardinada – oeste do povoado. Queria comprar umas tantas provisões, um vestido de renda com enfeites para a mulher – ela a esperá-lo pronta para ele. Parou, tomou tempo para um pensamento. Despedia-se do garimpo

agradecido. A gente é como a pedra, disse para si como se diante de um espelho. No fim a natureza vence o desafio. Ninguém escapa de ser humano e com isso tem de se conformar.

Conhece-te a ti mesmo. E ia mudar o rumo de sua vida.

BÂMBOLA

Tempus fugit

VERGÍLIO

Uma boneca feliz, guardada com mimos e agrados num berçozinho de grades douradas e finos panos de cetim. A rainha da casa, o encanto, cheia de manhas, la-ra-lá. De uns tempos para cá, porém, notou o desinteresse e o pouco caso da menina Donazinha para com ela. Talvez porque... o capetinha se introduzido na estória? Mas antigamente não. Quando ela dançava em dia de domingo – com brincos de cigana e botinhas russas – ficava no centro da festa. Todo o mundo batia palmas. Aí agradecia, fazia reverência – abaixava a cabecinha, dobrava o joelho, segurava a saia dos dois lados – com graça, gestos nobres de princesa.

Donazinha. “Vem, Bâmbola, vem brincar.” Então o cachorro vinha lambe-lhe o rostinho, o ruge, batom, despenteava-a para fazer graça. Por que é que os outros têm de mudar um dia, por que tudo não continua igual? Que pena a gente deixar de ser criança, tem de crescer como a borboleta sai do casulo para voar sozinha.

Dia de santo, festa de arromba. Homens e mulheres, gente mascarada dançava perto de onde se armava a fogueira feita de troncos de aroeira dispostos piramidalmente – de cima a baixo uma faixa com inscrição em latim – fogueira alta, para fingir a Torre de Babel. Os foliões brincavam que pulavam fantasiados com peles de cabra – em cortejo – a cara pintada de listras amarelas. Os palhaços davam pinotes e faziam piruetas, excitavam o riso dos pechotes. A banda de música. Os maioraes preparavam-se para escoltar o imperador, carregado em ombros todo o trajeto. Soltavam-se foguetes, mais o barulho dos morteiros e das ronqueiras. Ia dar-se o encontro das bandeiras no adro da igreja, com muita cerimônia, as quais corriam os pousos distantes para arrecadar esmolos. Logo a procissão, no fim da novena. Continuavam chegando moradores vizinhos para aproveitar a presença do padre que por lá passava raras vezes ao ano. Celebravam-se casamentos, crismas e batizados;

missas com comunhão geral. Os fiéis ora rezavam, ora entoavam cânticos sagrados, em andor carregando o santo invocado. Os alferes exibiam a bandeira vermelha com a pomba branca pintada no meio, enquanto os músicos ensaiavam. “Esta a maior tripulação.” Depois era a vez das cavalhadas, simulando as lutas entre mouros e cristãos. O estandarte dos cristãos com as letras: *Don Rodrigo de Tovar, matador de moros*.

Povoadinho atoa, aquele, só de quando em quando se quebrava a monotonia. Cresceu com a estrada de ferro, o Sucurizinho, ponto de tropeiros e carreiros que demandavam a região, com ruas irregulares acompanhando os meandros do rio. Circundado de serras e morros, cerrado e cerradão. Nasceu em louvor a Nossa Senhora do Desterro, padroeira do lugar. E em torno da capela...

Mas a bonequinha, quê? Aquele ser pequeno. Ninguém brincou com ela naquela noite, deixada ali sozinha com os grilos da manhã. Os outros tinham ido embora, a festa acabada. Teve saudades de si mesma. Pegou a lembrar. Sirena, também a chamavam Sirena quando punha sapatilhas cor de chocolate, dançando qual marioneta enfeitada. Ela de renda, mulherzinha. Tudo é triste no fim de contas, mesmo na hora da maior alegria. O tempo a tudo dá começo e fim – o Tempo – ele só a si não devora. Não há solução para nada neste mundo. A gente não devia era de morrer nunca. Só o tempo é que existe sobre todas as coisas? De repente, a gente nunca espera, o imprevisto chega por detrás. Começou com uma fagulha de nada, o fogo, e agora o vento o tocava para cá. O fogo como o tempo, ameaçador. Ela sozinha contra o mal que avança. A angústia, os olhos sofridos. Deitada no meio do capim com os movimentos paralisados. O fogo – carnívoro, exalando o bafo perigoso – seus braços como os tentáculos de um polvo a se mexer. Tinha chegado a sua hora? O tempo não perdoa. O fogo? Aquele corpo todo em cima de si se mexendo. A boca insaciável, ela escorregando pela garganta sem fundo, sensação de abismo-despenhadeiro. O monstro que roía – cego, a cara acesa – os membros se contorcendo. Ela ali sem poder falar ou transmitir que tem alma; sem sopro, desanimada – como quando a cera se derrete com o calor, enrugada, os olhos para fora, disforme. O tempo é infinito? Se um dia pudesse encontrar o anjo da guarda detrás das estrelas, Bonequinha, eu juro que contaria para ele. E depois da morte para onde é que se vai? Era de verdade que os anjos apareciam em ordem para abrir a Porta entoando em coro músicas maravilhosas? O que ninguém sabe é que todo mundo brinca de bonequinha pelo menos uma vez na vida. O tempo supera tudo. Ela então compreendeu. A gente desde que nasce nunca deixa de

pensar na morte, mesmo quando pensa em outra coisa. Tudo ficou claro num relance. O pé da árvore, a semente, a água da fonte – tudo tem o seu segredo. O mistério continua. A gente tem de fingir que a vida é eterna, Bonequinha. Só assim pode seguir vivendo. Como o trapezista é grande quando esquece sua humana condição.

Com os trovões da tempestade, o céu se balança. De repente: “Desperta, Bâmbola, que é hora de brincar”. O alívio, os suspiros, de novo a claridade. Só fica é a verde esperança no fundo da caixinha – pensou.

E amém.

OS TRÊS JOÃOS

João ó Grota

Acabado de chegar, e o apelidaram assim para fazer troça com o seu nome. De costeletas compridas bem feitas para ajudar a esconder umas cicatrizes que trazia desde a mocidade, quando uma vez entrou em desavença com o chefe de um bando de jagunços na barra do Paranaíba. Dedicava-se ao negócio de curtumes, viera ali comprar uns couros por grossas encomendas que recebera de um comerciante. Queria era esconder de toda forma a sua identidade, pois antes fora renomado pistoleiro – primeiramente a soldo do coronel Segismundo, depois formou o próprio bando. Desgostou-se com aquela vida e de um momento para outro mudou a sua pessoa, pôs nova máscara, a outra face da moeda. Constituiu família – seus filhos o ajudaram muito no começo, logo cada um tomou rumo diferente. Agora estava mudado, de coração grande para ajudar aos necessitados. Desejo seu era construir um abrigo dos velhos que levaria o nome da mãe em letras maiúsculas – seu objetivo maior – a fim de pagar o mal que havia feito. Ele mesmo desenhara o casarão cheio de cômodos no alto de uma colina fora da cidade, para boa vista e sossego. Levou anos e anos arquitetando aquela ideia. Por fim pôs em prática a teoria, a realidade do sonho. Com as próprias mãos amassava o barro, fazia os tijolos, cortava o madeirame para vigas e esteios, pouco a pouco ia levantando o edifício de dois andares na medida de suas posses. Só tinha o Tonho como ajudante para os serviços menores. Esse o olhava de esguelha com estranhos modos, não o entendendo por completo. “O patrão manda, a gente obedece, uai.” João ó Grota era um homem de nunca parar no meio.

O outro João

Era o que tinha vindo buscar um homem por motivo de vingança. Perseguiu-o havia vários anos e jurou não parar enquanto não o encontrasse. Uma vez quase chegara a alcançá-lo no caminho estreito da lagoa que levava ao Moeirão, mas de repente no cruzamento da estrada carreira perdera-lhe a pista e nunca mais ouvira falar dele. Plantada uma ideia fixa na cabeça: encontrar o homem que o deixara assim, um braço que não servia para nada. Isto é, sem mão, só com o antebraço terminado por um gancho. Esperava o dia em que pudesse topar com o gajo cara a cara, chamá-lo para justo duelo, enfiar-lhe o gancho pela garganta e rasgar as entranhas do bruto como se faz com gado no açougue. Depois amarrar o cadáver no cavalo e arrastá-lo de bruços no chão até deformar o corpo todo. Atirá-lo no poço das piranhas ou entregá-lo aos cães, como já se tinha feito. Não enterrá-lo para que a alma vagasse e não encontrasse descanso. Meu Deus, por que é que um carecia de fazer uma coisa assim? Todo homem tem dentro de si uma raiva guardada. Às vezes horrorizava-se com aquele pensamento e procurava voltar atrás, esquecer a velha rixa, acabar de vez com a perseguição doida e interminável. Mas o ódio é mais forte que a razão. Vivia com a vingança como um bicho morde dentro do corpo.

Nemésia, a que o impelia. A sua mulher que, ao vê-lo desfigurado ao chegar, no começo ainda tratou dele com suas artes: preparava raízes e folhas, banhos de arnica com água e sal para curar fortes dores. Mas depois, um dia pegou rumo do rio e nunca mais voltou. Deixou bilhete pedindo perdão, que era mais forte do que ela.

O braço. Aquele braço desaforado que pesava todos os males do mundo. Era culpa sua ter ficado assim? Aconteceu porque, caído prisioneiro de jagunços, os do outro lado do Paranaíba – amarrado em pau roliço, o corpo seu humilhado e maltratado. Sem julgamento, como mandava a regra. Nem sabe como escapou vivo, por milagre. Foi que chegou mensagem salvadora, amigos do coronel que intercederam por ele. Mas ficou aquele braço, a dormência eterna que o incomodava por inteiro. Agora precisava de encontrar o responsável, o homem alto de cicatrizes. Ia no piso dele como cachorro ensinado, pegava informação, trazia na garupa uma *winchester* e um binóculo, um mapa onde marcava com cruzinhas os lugares. Aquele encontro tinha de acontecer...

O homem do moinho

Com barba, cabelos soltos de profeta. Por não saberem o seu nome puseram-lhe o de João. Passava dias mais noites no alto do moinho, sem descer à terra, espiando as estrelas. Parado como coruja no galho fica horas a fio sem se mexer, ou o alma-de-gato. Esperava um sinal qualquer do Céu que era como uma mensagem para ele. Tinha ficado doido assim, dizem que era por culpa de uma mulher – Cristália, sua esposa legítima – fugida com outro não se soube para onde em noite de sexta-feira, levando também consigo os pertences mais o único filho Lisandro. Só ficou aquele retrato: uma mulher alta e magra, de olhar sério, como quem tem o passo firme, com rosas amarelas e brancas no cabelo, em ambas as mãos um copo de licor. Desde então passou a viver fugido do mundo, ou encasulado, falando sozinho por capricho ou lá as suas manias. Do que mais se sabia sobre ele: antes dono de pouso para os tropeiros que demandavam o arraial dos Couros e Mestre D'Armas. Que depois do ocorrido renunciou a tudo e veio parar naquele povoado por acaso, chegou só com a roupa do corpo, instalou-se no moinho velho à beira da estrada. Os dali pegaram a insistir com ele que deixasse a teima, se assentasse, largasse aquela vida e com a cabeça no lugar. Mas ele não, mudo à sua maneira – alto, ausente, como uma estátua – não fazia caso.

Os acontecimentos

Dera-se que um dia o Destino quis mexer o caldeirão, isto é, tirou três nomes da urna às cegas para ver o que dava. O Destino não é cego de nascença? Ninguém escapa às suas regras. Resultado: dois e dois são quatro, a aritmética tem também as suas contradições.

Foi numa noite de trovoadas e muita chuva. Aconteceu que por ali passavam o primeiro mais o segundo João, vindos de caminhos opostos, entraram no moinho para abrigo da chuva. Algumas horas depois. Não é por meio da discussão que se chega ao entendimento? Um se misturou na história do outro e... “Nemésia...” Ao ouvir aquele nome, o de cabelos brancos, velho do moinho que soltou um grito horrorizado. E tudo voltou à memória num minuto, tirou o véu da vingança. A vingança não tem asas e garras para perseguir o crime?

Aqui está: um matou um com a faca que matou o outro com o revólver – comorientes.

De manhã cedinho, sol nascendo, ao saber da notícia o povo dirigiu-se ao local. Dia de festa na cidade, os foliões trajavam ricas fantasias – cada pessoa uma máscara.

Um outro João nem teve tempo de entrar na história. Era filho do homem do moinho, o qual por fim conseguiu encontrá-lo, soube do seu paradeiro por gente amiga que passou por lá e o reconheceu. Vinha com importante notícia, trazia uma carta. Ela a esperá-lo no pouso dos tropeiros – Cristália, sua mulher para sempre, também a chamavam Nemésia – arrependida, sofrida, tinha apagado todos os pecados por penitência. Agora prometia amor que durasse toda a vida. A carta, mas isto já é outra coisa.

E aqui eis a equação lógica: tudo é desencontrado nesta vida.

UMA TARDE DE MAÇÃ

De como ali sucedera o caso. Que ela, Ilininha, moçoila, quase menina, de tranças, com seus treze anos ou mais, viera passar uns quantos dias na fazenda de seu tio. Fazenda Brava, verde, atrás do Capão Bonito, muitas léguas depois de lugar conhecido. Chegara de manhãzinha na hora do galo. Os cachorros deram o sinal. Na porta da entrada, o tio aparecera acendendo a lamparina. A menina logo se instalara para dormir, enquanto os outros na varanda se deleitavam em prosear.

O Sol vinha alto, quando se levantou. Foi até ao curral, sem pressa, cheirar as vacas e ouvir o berro dos bois. De longe avistara: coisas, nomes, que ela não conhecia. “É o ipê; dá roxo, branco, amarelo.” E mais: o mato alto, o capim-puba, os bambus ocos, o tamboril. Arara: “Ará-ra”. O João-conguinho: “Quem quer coco?”

Brincando pelo campo afora, depois de uma carreira parou na fonte para saciar a sede e tomar fôlego. A água parada qual espelho, refletindo o céu e a ramagem das árvores como um quadro. A flor do narciso debruçada sobre a fonte pela inclinação do terreno, açafroada, rodeada de pétalas brancas. Os passarinhos repetiam o assobio que a voz rouca do eco imitava, escondida no fundo da gruta ou no lugar das pedras.

Foi de repente que viu – no pomar – entre folhas e flores, a maçã. “É bonita, demais...” Os olhinhos de meia flor. Subiu e desceu, pela escada, entre mãos trazida a maçã. Depois foi, sozinha caminhava. Decerto sem rumo, no capim baixo, entre vassourinhas e maria-preta. “Você quer ser minha amiga?” – puxando conversa com a maçã. Atravessou a mata, perto do rio, e foi dar na lagoa, onde cresce o buritizal. Teve saudade de alguma coisa ou lembrou-se de comer. A maçã refletia a sua imagem. Deitou-se na relva, isenta, e pôs-se a dormir. O Grande Pensamento ou a Compreensão das Coisas. (O mundo é gira e ninguém sabe.)

De repente, a sucuri. Gorda, grossa, vermelha. Saindo de dentro d'água, entre os galhos da coivara. A cobra, constritora. Os olhos de fogo, duas brasas de pito aceso. Olhos que hipnotizavam. Quando a cobra dá o bote, ela toda se repuxa, só sentidos e virtual maldade – o peso, bafo, sua carga de reparo.

Mas veio a fada. Saída de dentro da maçã, transformada. Encostou a vara na cobra, e a cobra acabou. “Você quer ser minha amiga?” Ilininha nem teve tempo, sem falar, sem poder. O medo ficara-lhe fundo. A fada, sorrindo, com vestido vermelho comprido e lantejoulas prateadas. O gorro, reluzente; sapatinhos cor de íris. Não falou mais. Só desapareceu, enquanto as rãs coaxavam.

Parou de chover; respingava. A água da bica que toca o monjolo, que descasca o arroz. As coisas acontecem porque precisam. Primeiro o casulo; depois a borboleta. A vida: essa e outra.

Quando voltou, já fazia escuro. Os vaga-lumes se acendiam. De longe avistara as luzinhas da fazenda. Sentiu um bafo de alívio. Talvez, a essa hora, todos já estivessem à sua procura. Vinha pensando na fada, querendo ver o que não via. Adiantou-se o cachorro perdigueiro para lambe-lhe as mãos. O mato todo cheirava a lobeira madura.

Quando chegou, olhou para o alto – o pomar – o talo ainda pendente. Soltou um pensamentozinho de luz: “Que pena...” e suspirava.

A VENDETA DO DIABO

Tapera, povoação que foi. Coberta de urzes e vimes, o mato batido em derredor, algumas cercas de paus entrelaçados para marcar o terreno, meias paredes e outras ruínas – ali era aldeia de pescadores às margens do rio-mar.

Viviam da caça e da pesca, vendiam o produto aos do entreposto comercial – umas quantas léguas rio acima, até onde ainda se estendia o estirão – ou aos negociantes de peles que ali vinham regularmente. Por mínimos preços, quando não usavam do escambo: trocavam o seu por tecidos, armarinhos, louças, ferragens, sal e cereais – e outros artigos vasqueiros trazidos das praças maiores.

Mas e por que teve trágico fim a cidadezinha? Quais os que mandavam? As razões do ódio? Tiá-Gutruna, ela consentiu na morte do marido? As profecias estavam certas? Como e quais eram as personagens principais?

1

O anão Alberico. Era uma vez como nas estórias. Existia um anão que, pela feiúra, causava dois espantos de uma vez. Invejoso, complexado, fugia do convívio social. Quer dizer, odiava todo o mundo e a si próprio. Nem sempre fora assim, porém. Dizem que no começo caiu de amores por uma de cabelos corridos, morena cor de cuiá. Foi ela saber – Florinda – e desandou a rir sem parar. Que ela então teceu uma ideia com arremedos de aranha: prometeu a mão ao bobo e, na hora apazada do dia do casamento, era mentira, ela nem sequer aparecera. O anão mais amargo do mundo. Passou a viver afastado, devagarinho soletava a vingança. Ódio ao amor – era o que pregava – desprezo completo. Dali em diante...

2

A feiticeira Erda, sua figura temida por todos. Dona de altos segredos, por sua arte conhecia o futuro, o passado e o que o Destino havia disposto para cada um. “Tudo há de acabar em ruínas, pela maldade dos homens. Por todas as partes o fogo, por todos os lados cadáveres no meio das ruas...” Morava sozinha do outro lado do rio, ali ninguém passava em noite fechada por medo de ser transformado em lobisomem, raça maldita condenada a comer defunto. Licaão, depois de comer da carne indigesta, não foi pegado em flagrante, não foi apedrejado pelos moradores? “Bendita é a terra que dá os frutos”, assim começava o ritual, recebia os consulentes com as mãos no peito em atitude de rezar. Ao pé do altarzinho invocava: “Ó, Terra, Terra...” – sentada em tripode de ferro, depois de lavar a cabeça e as vestes como rito purificativo. Tinha parte com o Diabo, aquela? Dizia ouvir umas vozes do fundo da terra misturadas com uns sons que só ela interpretava. Ou o voo dos pássaros, augúrio, ou como caíam as pedrinhas que jogava para o alto de um jeito. Nem sempre era fácil decifrar as palavras de Erda – sua mensagem quase uma adivinha. “Mais não posso dizer”, os fados não consentiam. Andava torta assim porque, porque uma vez caiu da escada... “O Destino escreve tudo para a gente.” Vingativa sim: o dia quando foi injuriada, com suas manhas não atraiu o acuã para cantar nos arredores da casa e trazer a morte para o morador? Benzedeira também, sabia magicamente conjurar agouros, dona de rezas fortes. Um marido, mas isso foi noutros tempos quando era bonita. Que de repente ele pegou o rumo do rio e escafedeu-se na mata. Deixou um bilhete: não podia mais ficar parado, aquele desejo de andanças o sufocava, carecia de seguir o chamado que vinha de longe, o mando de seu coração e a natureza inquieta, aventureira. Ela a cismar naquela sua estimação por ele. “Tem importância não, o que é da terra não volta para a terra?”

3

De novo o ano. Assim que chegou àquele lugar se instalou numa gruta nas aforas até que ajudado por seus muitos irmãos construiu uma casa de madeiras escolhidas para durar. E logo abriu o negócio de que mais gostava: uma casa de ferragens. No começo teve alguma dificuldade, mas depois se firmou graças a sua habilidade para o ramo, bom vendedor que era. E artesão: sabia como ninguém usar o fole, dar forma ao ferro: fazia ferraduras de sete

furos, chaves e coisas chinfrins, quando não usava a fértil imaginação de escultor. Sofria dos olhos, isto sim; enxergava de sesgo, detestava a luz do Sol. Trabalhava noite e dia sem parar, com macacão ensebado de couro de bezerro e boina amarela de muita predileção, com duas fitas amarradas atrás. Quando não ele, o irmão mais velho Mimo quem muito o ajudava, dono de agilidade invejável, a cara marcada pelos anos. Seu maior desejo: mudar-se dali; era de seu gosto ir para um lugar que uma vez tinha visto num quadro – terra sem nome, de paisagem macia, cheia de verdes e ondulações a toda hora. Para isso se impunha demasiada economia: todo o lucro era para guardar, para comprar pepitas de ouro ou ouro em pó: fundia pouco a pouco o metal numa bola que cada vez engrossava mais. Um anel inseparável de si, mais que um talismã: “O dia em que sumir esse anel” – disse a feiticeira Erda – “a sua vida estará em perigo”. Aquele anel, dois dos bandidos maiores não morreram por ele em duro combate? Chorou, sofreu, quase morreu de desgosto, mil e tantas vezes amaldiçoou aquele ouro – “ladrões assassinos!” – haviam roubado o tesouro que ele com tanto afã ajuntara anos a fio. De então em diante padeceu enormes males, passou a falar sozinho, sorumbático, clamava por vingança, jurou despedaçar o culpado se o encontrasse. Deixa estar, aquele ouro ia servir para ninguém não, só infelicidade ia trazer para quem o possuísse. Com ele não brincassem. De uma feita quase não esganou aquele sitiante pardo que viera de longe debicar dele, brincador de viola, dançador de ligeira – “Alberico nanico” – fazendo rimas com o seu nome? Mas da mesma maneira que as formigas recomeçam o trabalho depois que animal ou homem causa estragos no formigueiro, com a mesma tenacidade o anão. Ia reconstruir o sonho pedrinha por pedrinha, proveu-se de resistência contra as tentações. Ele não nascera para escravo. Ele, Alberico, os outros iam ver.

4

O velho Quirino. Contador de casos, o mais antigo habitante do lugar. Conhecia o rio pelo avesso, contava que aparecia um espírito que regia os destinos do rio: velho sisudo de barba e cabelos compridos e espessas sobrancelhas, com uma coroa de flores na cabeça – como uma fumaça – recostado numa urna de onde mana água; trazendo na mão um chifre de boi. O chifre não imita as curvas do rio? Ou quando o boi muge...

Estória sua predileta era – e aí punha fôlego e fantasia – a da donzela adormentada durante muito tempo por ação mágica ou

malefício. Para livrá-la só o mais valente, sem medo no coração, capaz de subir altas montanhas e atravessar a parede de fogo. E assim foi, assim os fados o decretaram. E depois o que aconteceu, Quirino? Todo o bom deixa um pouco de tristeza, ou tudo que é bom dura pouco. Um dia o moço foi parar num castelo de um rei, que tinha uma irmã, Gutruna. Essa ao vê-lo, hipnotizada de amor, que coisa não faria para retê-lo? E aqui o fim do episódio, tirado do conto: voltando da caçada, traiçoeiramente, pelas costas o golpe cruel que o prostrou no chão. Insensato, ainda assim quis fazer algum esforço, última luta da vida contra a morte – agonia. Até que o escuro da noite lhe cobriu para sempre os olhos.

5

O Lorca. Tem veneno de cobra e mais o que diziam dele. Astuto, esguio, por natureza desconfiado, jamais o pegavam em flagrante. Não era amigo de uns nem de outros – mas gostava de ser necessitado onde quer que fosse, por vaidade, por efeitos de importância. Ninguém sabia compreender aquele homem, o que pensava no fundo – como reagia na hora da precisão? – frio e sagaz e manhoso como só o Diabo pode ser. Ou era Ele próprio tomando a figura de gente? Um lobo acorrentado no quintal – para guardião, dizia – achara-o ainda filhote detrás das moitas perto de um lugar barracento no cerradão. Às vezes deixava-o sem o de-comer – “para uivar com mais sentimento”, madrugada afora. Sua presença para impor respeito: avermelhado, com mancha branca no queixo, as pernas longas, crina de pelos escuros. “É animal perigoso não, só quando está criando ou é acuado.” O Lorca, tinha alguma alma aquele? O fogo exercia fascínio quase hipnótico sobre ele: “Eu ainda vou domar esse diabo brabo”. Um inimigo latente: o tiô-Donho ou Tô-Donho, brutaz, o mais forte que todos haviam conhecido. Com pesado soco não derrubou um? – e depois com seu martelo não despejou o golpe mortal, amassando o crânio do adversário e afundando-lhe os olhos na cara? Com extrema mestria manejava o martelo, atirava-o de longe, acertava em qualquer lugar; como o homem do circo é destro com os punhais. Mas deixasse estar. Com ele, Lorca, era diferente. Se um era forte, o outro era inteligente. Ninguém bulisse com ele, ninguém a tanto ousasse. Tinha a certeza que um dia os dois iriam se enfrentar. Ele sabia esperar, tudo saísse à sua maneira. A chuva e os ventos não acabam por mudar a forma da pedra? “Eu hei de amansar o bruto, acabar com essa raça.”

6

O duelo. O Céu escuro, naquela manhã chuvosa os barcos retravam a partida. Os pescadores em redor das fogueiras; os dois grupos rivais. Rivais porque (tudo começou naquele banquete quando o Lorca atçou com a fúria a discórdia) pela vingança do sangue os parentes do morto não deviam impor a vingança contra os agressores? Pois bem, naquela manhã ventava muito. “Ei, amigos”, e chegou de mansinho o Lorca, trazia importante mensagem dos do outro lado. O fortíssimo Dingo – valente como um touro – desafiava Segismundo para luta de morte. E fizeram um círculo no chão onde pelejariam os contendores. No centro uma árvore, onde estava fincada pela metade uma faca. Aquele que fosse o mais ligeiro, o que tivesse mais força... O corneteiro Aindal tocava o seu instrumento para dar o sinal. Os dois homens passavam óleo de animal no corpo e preparavam-se, enquanto esperavam a chuva passar. Segismundo, revolvendo no espírito tantos cuidados, na sua barraca de lona olhava para o retrato da esposa e falava com o filho pequeno, tinha-o trazido para que desde cedo aprendesse o ofício de lidar com o rio. Dingo? No acampamento próximo exercitava-se para a lide.

Quase de tardezinha. A feiticeira Erda imolava um cabritinho para aplacar o ódio. Foi então que apareceu a moça Quíria, cabelos de fogo, sabedora da notícia, montada no cavalo branco de crina aparada. Tentou dissuadir Segismundo do duelo, fez-lhe ver o que sucederia, o sim e o não da questão. Também os companheiros mais chegados. É melhor desistir, Segismundo, quem pode trocar os fios, mudar a roda do Destino? Mas não. Assim como o animal acossado reúne as forças para lutar, e o perigo lhe dá redobrada coragem para atacar, assim Segismundo. Segismundo vencedor? Como um aríete, arremeteu-se contra o peito do adversário, as mãos no ar a modo de equilibrar-se, a cabeça inclinada, dando ao corpo todo o impulso. Dingo caiu com estrépito – em ânsias, sem fôlego – jorrando sangue pelas narinas e vomitando com a violência da dor. No espaço que lhes estava reservado: do lado direito uns se regozijavam; do lado esquerdo os outros lastimavam o triste estado de seu maioral, o terrível transe.

Mas o Destino não tem as suas leis imutáveis? “A hora fatal está se aproximando” – a moça Quíria como uma aparição apontava para Segismundo, como quando na balança a sorte pende para um dos lados. Assim como a carroça desgovernada ganha mais velocidade à medida que vem descendo o morro, para chocar-se com estrépito lá em baixo, tal assim Dingo, refazendo as forças, três vezes atacado

pela fúria. Ó cruel Dingo, nem a mais pungente súplica do mundo te tocara, nem te moveria a piedade. Com dois golpes certos lhe derrubaste no chão. E outra e outra vez. Segismundo, um frio medo paralisou-lhe os membros, oprimindo o ânimo. E depois num talhe profundo, com a faca da árvore, lhe cortaste para sempre a jugular. Segismundo suplicante. Arrodilhado, o sangue espumoso jorrando da ferida. Assim como o náufrago busca a todo custo um pedaço de madeira para segurar, assim aquele tentava agarrar-se à vida. Até que toda a força lhe escorreu pelos membros amolecidos, até que soltou o último alento. E o seu espírito voou célere para as regiões eternas da sombra.

Mas nem assim tiveste saciada a ira, Dingo, de vontade terrível e inventor de malinagem. E logo ocorreu-lhe tal ideia (a tanto chega o engenho humano): o boi não puxa o arado para lavrar a terra? Da mesma maneira amarrou os pés daquele, de braços arrastou-o pelo chão; para humilhar, para injuriar o cadáver. “Todos os daqui contra os de lá todos”, disse um dos de Segismundo, não mais podendo conter a ira, querendo acabar de uma vez com aquela infâmia. Nisso se interpôs a moça Quíria, e com um gesto só temperou os ânimos. No meio do círculo, montada em seu cavalo branco. E falou-lhes nesses termos: “Basta de guerra”, a morte já não tinha feito muito estrago? E mandou que recolhessem o corpo, ela mesma ia cuidar dele, limpar as feridas, passar unguento oloroso, espalhar flores no leito de folhas com paus entrelaçados.

E fez-se lentamente a procissão, dois a dois, cada um segurando uma tocha acesa, Segismundo e a moça Quíria na frente – iam ir para o povoado.

Mas o que tinha acontecido com os vencedores? É fama que o insidioso Lorca soprou ideia no ouvido de Dingo, maioral. A formosa mulher de Segismundo! Valendo-se da confusão, mãos invisíveis raptaram o filho deste, e com doces afagos e promessas iriam levá-lo para o lado da mãe. E foi então que um cavalo esquipado partiu a toda rédea, conduzindo o infante e seu cavaleiro, o Dingo. Ah, menino de cabelos loiros, menos mal que não tinha consciência do que estava se passando, o entendimento das coisas não havia chegado à sua mente ainda, tal o de tenra idade.

Chegados que foram à casa de Segismundo, o intruso entrou como se a tal estivera acostumado, como anfitrião, tomando a figura do dono, imitando-lhes os passos. Pôs o menino na cama e, com a cumplicidade do escuro, foi dividir o leito conjugal com a esposa do outro, viúva sem saber.

Foi no meio da madrugada, o tempo já tinha dado uma volta. Ela espreguiçou-se como se para tirar do corpo o resto de sono. Súbito, o pressentimento. E um grito que saiu das profundezas da alma das profundezas da alma das profundezas...

E nisso vem chegando pouco a pouco a procissão.

E o menino? Que fim levou? Quando cresceu o que fez para enfrentar a desfeita? Por todos os meios a mãe procurava dissuadi-lo, com rogos e lágrimas, conselhos – o nosso partido é fraco, as vantagens todas estão com eles. Um frio temor acoitava-lhe. O moço inquieto, dentro de si um abutre a corroer-lhe as entranhas sem parar – como o culpado quer afastar o pensamento da consciência e não consegue. Arrependimento? Remorso? Por que não morrer ali no ato, enfrentar a desigualdade de forças, deixar fama duradoura e bom nome como o pai? Covarde? No fundo o que era o que sentia?

Assim como o vento passa e segue na mesma direção ou muda de rota, um dia o moço partiu sem ninguém saber para onde. De ninguém se despediu. Só deixou uma faca enfiada até o cabo no tronco marcado de uma árvore. A faca necessária.

Quanto tempo passou sem dar notícia, quanto tempo ausente? Que rumo tomou? Que destino o aguardava? Se voltou ou não ao povoado?

Um dia uma expedição científica aportou naquele lugar, inter-nando-se pelos sertões adentro. Um professor alemão e seus discípulos, naturalistas, com instrumentos de alta precisão transportados cuidadosamente ora no porão de embarcações, ora nos lombos das bestas de carga quando faziam incursões nas zonas menos conhecidas. O cabo Borman, comandante da tropa que tinha por obrigação escoltar e proteger os viajantes. O caçador profissional e seu ajudante. E mais muitos sertanistas expertos no explorar campanhas.

Por esse tempo já tinha algum progresso chegado à povoação: uma ou outra rua alinhada, a pracinha ajardinada, o coreto e a igreja, algumas construções sólidas, autoridades constituídas para garantir a lei e a ordem.

Acamparam nas aforas da cidadezinha, armaram barracas em galhos mais baixos das árvores ou em firmes estacas que o cabo determinou afincassem em sítio seguro, perto de um ribeirão de poucas águas facilmente vadeado.

Todos vieram recepcionar os da comitiva, os mais graúdos na frente formando um grupo, o povo trazendo flores. Com festa, como em dia de santo. O professor fez um discurso em sua língua.

Pôs empenho em que traduzissem: aquele rio fazia-o lembrar do Reno, rio de sua terra.

No dia seguinte levantaram abarracamento e partiram. E eis o que faltou no diário do escrivão: aquele jovem atlético com boina de marinheiro, que tinha vindo com a expedição até ali e ali ficou, quem não reconheceria naqueles traços o rosto do pai? Segismundo, quanto não lhe doera a notícia da morte de Dingo, atacado de maleita e febres fortes?

Foi no meio do círculo, eles se encontraram – três os descendentes de Dingo mais Segismundo, o filho. Este olhava aqueles como um adversário olha o outro para conhecer-lhe a força. E foi então que o Diabo introduziu a faca na mão. Mas eis que chega o imprevisto, e o golpe ataca por detrás. Lorca e outros tantos, todos contra um. E pronto fizeram o julgamento e sentenciaram. O Lorca soltou palavras de veneno, domador de serpentes. Colocá-lo na árvore, pregar-lhe as mãos e os pés – crucificá-lo. O Diabo não se vingava de Deus pela criatura humana? A luta continua.

Tal o cavalo que quer se lançar à carreira e tem o freio na boca para reprimir-lhe o ímpeto, tal aquele colado à árvore. Árvore só cresce e dá fruto em terreno que lhe seja propício – assim o Bem não cria raízes no meio adverso.

E aqui é o prodígio: súbito o incêndio, sem causa aparente, por altos poderes engendrado – de quando em quando a Terra não devia sofrer o incêndio purificador? – com suas elevadas chamas tudo consumindo. Era de tarde – o ocaso, crepúsculo que marcava o fim de uma jornada – o fogo da mata confundindo-se com o fogo do Sol.

O Destino como o tempo; o Destino não pode escapar de si mesmo.

A TRISTE HISTÓRIA DO BOBO MUITO ALEGRE

Ali, na fazenda, o bobo Ernestino. Que segredo era aquele? Todos já falavam, depois da quaresma. Desde que por lá passara um certo Inturges, andarilho, homem de muita verdade, com poder de adivinhações. Veio carregando uma bandeira de santo, percorrendo os pousos, recolhendo esmolas; vinha para salvar o mundo. “Eu e o meu santo São Sebastiãozinho.” Quando passava, os meninos todos se escondiam. “O lobisomem!” Tão feio, que fazia secar plantas. Barbudo e com cabelos à Jesus Cristo, por virtudes de pureza. Só deixara uma previsão: uma coisa ia acontecer, naquele lugarejo. “É o fim do mundo” – concordavam as velhas na igreja. O padre acreditava que era a imagem da Virgem, prestes a aparecer; ali, então, ergueria a capela. Para muitos, um tesouro que alguns, por antecipados, já começavam a gastar. Uma voz sensata: “O senhor acredita nessa bobice?” O prefeito a contratar obras, tendo em vista os impostos futuros. Os forasteiros chegavam.

E agora então foi acontecer? Logo quando o bobo Ernestino, dizendo que já sabia, vinha para a cidade contar o segredo? Saiu em carreira desembestada, como bobo nunca correu. Foi – e caiu, lá de cima do barranco, altura de uns dez metros. Pum-dum-gum, e um barulho de canela quebrada. O bobo, expandongado. Caiu como pedra não cai. Escorregou, despencada a informe figura: boca torta, olho zarolho, a papeira e a corcunda.

Quando a notícia chegou, todos para lá acorreram. “Morre não, bobo excomungado.” Quem é que pode! “Fala, homem de Deus.” Ele mmmmm nem conseguia gaguejar, já que falar nunca pôde. O bobo, autoinsuficiente. Ninguém entendia seus latins e suas gramáticas. O turco, negociante, rodopiava nos calcanhares. O menino comia carne, ou com o dedo no nariz. A mulher não falava o nome da doença, modo de não atrair. O velho com as mãos fazendo gestos imorais. A moça, vendo que havia gente, foi pôr vestido novo. Outro bobo

chegou perto, ficou com medo, e saiu correndo rezando o Pelo-sinal. Bobo não acredita em bobagem.

Naquela hora desfilavam os do circo pelas ruas em ruidosa passeata. “Hoje tem espetáculo?” E também eles acudiram para presenciar a agonia do bobo. As pessoas, as máscaras. Cobriam-se com peles de animais, longas e alvas cabeleiras postiças, bastão nas mãos enfeitado com pâmpano e hera e terminado em forma de pinha. Tocavam tambores e pandeiros, flautas, mulheres gritando em algazarra; na frente do cortejo jovem imberbe fantasiado com cornos na cabeça e sua tia – “Isso, meu filho” – que o puxava pelo braço. Timbreu, perito em flexas. O velho montado no jegue. Míncias e suas filhas bordadeiras. O circo, o espetáculo ia começar.

Ninguém viu, quando ela chegou. Meninazinha de poucos anos. Bonita, como os olhos de garça esguia. Chegou-se para perto do bobo, abrindo o caminho. Ela olhou para ele, ele olhou para ela. Ela piscou os olhinhos, como quando a garça voa. Sorriu. O bobo balbuciou: bubobibebá. E morreu, com uma alegria nos olhos. Morreria como fora nascido. O que passou pela vida e viveu. Todos os caminhos são marcados. O Destino não tece os fios sem parar? A menininha deu meio passo para trás. Depois saiu; nem se deixou ver. Viu o que os outros não viam. Só a pureza tem essa percepção. Entrou debaixo da paineira, ouvindo o barulho da chuva. O xexéu imitava, voando em arco. De longe o cheiro de capim cortado. Os brotos do limoeiro já começavam a surgir. Teve intenção de pensar: “Cada dia é um milagre...” e desapareceu.

INTERPRETAÇÃO DE UM SONHO

O culto ia começar. O feiticeiro levantava a cabeça e pronunciava nervosas palavras em torno do fogo sagrado. Os tambores tocavam a dança erótica, e os guerreiros preparavam-se – com penas de ave na cabeça, o corpo todo tingido de listras brancas e amarelas seguindo rigoroso desenho. Depois entravam as virgens com rosas no cabelo e colares em delicados passos ritmados pondo-se em fila. Um por um os guerreiros sacudiam o corpo no centro, ou por gestos simbólicos transmitiam a sua linguagem. A cada movimento de um correspondia um movimento de outra. Querer ir e querer que venha. Os demais membros da tribo sentavam-se por ordem de precedência de pernas e braços cruzados, ou nas mesas compridas onde foram servidas frutas diversas mais bebidas finas preparadas com raízes e folhas. Foi quando ele entrou, dos mais fortes e valentes entre os guerreiros. Acabado de chegar da mata, o corpo ainda suarento e com marcas de luta com animal feroz, talvez o jaguar-da-mão-pelada. Sentou-se sozinho perto de onde havia as pedras. A dança já estava completa, não havia lugar para ele. Os outros parecia estranharem a sua presença. Então, ele não era irmão, não tinha crescido entre aqueles? Quem sabe fosse a imaginação, ou um pressentimento que vinha do fundo e não podia errar. Pegou a ruminar: que importava o fato de levar sangue estrangeiro na veia, de outra tribo, se de pequeno tinha vindo parar ali. Sua nação seria a vizinha que ameaçava com a guerra? Nem ele mesmo sabia. Seus pais não conhecera, fora deixado lá por acaso como quando a tartaruga abandona os filhotes na areia da praia. Os que durante tanto tempo o chamavam de irmão – que lutaram e sofreram a seu lado – agora viravam-lhe as costas? Que culpa a dele? Às vezes pegava a duvidar.

A dança continua. E entra o Gênio do Mal brandindo o tacape, enfeitado de cores, com espinhos no tornozelo. Ameaçador, parecia querer destruir a Terra e o Céu.

Mas o índio mais pensava. De nada lhe valera ausentar-se para não invocar o nome daquela. Ela, a dos olhos mansos de novilha. Pôs-se a lembrar: uma manhãzinha quando a viu agachada na beira do córrego catando pedrinhas coloridas. Olhou-a diferente, distraidamente. Um pensamento intruso parou-lhe na cabeça. E... e, num átimo, o coração então contou-lhe uma verdade. Foi de repente, como quando o Sol sai detrás das nuvens ou como a águia mergulha no abismo. No começo não quis acreditar, mas depois aquela força que o envolvia como anéis de sucuri. O amor aparece quando nunca ou menos se espera. Foi aí que caiu em si, teve medo de pensar. Ninguém a si se conhece.

A dança tomava outras feições. Furor e tempestade, o Deus estava zangado. Os amantes cometeram grave ofensa: os dois bailarinos em pé no centro abraçados, enquanto os demais, em atitude de orar, ajoelhados, ou com o rosto e os braços tocando o chão. A voz dos tambores mais forte se ouvia. O alto Poder que lança os raios ameaçava com a pena de morte.

E o índio? Não podia ficar mais ali, seu orgulho não permitia. Pegou a arrumar as suas coisas. Antes olhou em redor: cada canto do lugar guardava para ele uma saudade. Cada dia que passa traz menos uma esperança – pensou. O Sol não nasce igual para todos. Sentiu vontade de não ir. E foi então que criou uma ideia.

A dança? – os elementos desgovernados. Invocavam o Deus supremo.

Mas qual seria mesmo a ideia? Matar à traição o rival do outro lado do rio, filho do cacique, o esposo legítimo de Olhos-de-Novilha. Ou chamá-lo para um duelo de morte. Mas como justificar o crime? A consciência estremeceu. A razão tem suas razões que o próprio coração desconhece.

Uma voz suave. Ela sussurrou o seu nome: “O meu irmãozinho...” Aquela palavra, como uma pedra afunda dentro da alma. Vinha e sorria, carregando no ventre o peso de seu amor. Cada vez que a gente faz um sacrifício fica mais forte – pareceu-lhe dizer. Olhou para ele com gratidão. Ela sabia tudo, adivinhava. Ele guardaria para sempre a imagem de seus pezinhos deixando rastros na areia molhada. Levava consigo uma ausência. Disseram adeus – ele, guerreiro, filho do Sol. Ela, como quando as acácias desabrocham.

Já pegava a clarear. A dança chegava ao fim. O amor vencera, que é maior força. Expulsos o Gênio do Mal e os espíritos maléficos que o acompanham. Os pares davam-se as mãos ou abraçavam-se, anunciando o nascer da primavera. O coro entoava uma canção. Faziam reverência a um como totem, símbolo fálico, espírito coletivo da tribo, e davam a volta em redor com disciplina. Divinizavam o rio; oferenda de flores. O dia principiava a nascer.

Um dia vai, um dia vem – e a Terra não permanece a mesma.

O CAÇADOR DE ONÇAS JANUÁRIO

Na Barranca, detrás do monte onde o Sol se põe. Um ranchinho de adobe, coberto de muito capim-jaraguá. Januário vivia ali – ermo, brenha, lonjura – lugar de mau nome e onde a mata tem começo. Morro atrás de morro, ou horizonte sem prumo. “A Barranca...” queixosa a mulher, sua vontade era sair de lá. Tudo podia resumir-se nisso: rocinha para mantimento, pomar, e algumas criações. Só havia mesmo o trilheiro, antigo caminho de tropas que levava à estrada real, muitas léguas beirando o espigão. Januário nem sabia como viera parar ali, caçador de onça. Trabalhava para o coronel Altino, duro no puxar gatilho – homem seco de gesto, forte no mando – dono de muitas terras e muito gado. Certo atirador, o coronel respeitava-o, fazia-lhe agrados. Talvez por isso tivesse ficado por lá, quase patrão de si mesmo no decidir e aprovar. Embrenhava-se na mata, dormia em cima de árvores, caçava como a onça. Só voltava com uma na garupa do cavalo, afora a barrigada: ele mesmo tirava o couro, curtia, e levava para o coronel: “Essa não come mais bezerro!” Primeiro que tudo, a mão firme e experiente abria o bicho pela parte de baixo com afiadíssimo canivete, numa linha reta desde o queixo até a cauda. Esfolava-o com paciência, tomando o cuidado de virar as orelhas até a ponta. Depois lavava-o com água corrente para retirar o resto de sangue, pedacinhos de carne e outras impurezas. E pendurava-o em galho para secar na sombra. Enquanto isso, com alúmen, sal e água preparava o curtume – misturado na bacia com pedaço de pau. Então punha o couro no curtume, com pedra ou peso em cima para que permanecesse no fundo.

Sá Arminda, ele a conhecera no arraial. Encostou os olhos nela, morena de viva flor. Casaram-se, felizmente. Pondo todo o amor. Juntos construíram a alegria, o tempo não a gastando.

Ultimamente, não. Entregou-se ao vício, virtude do Diabo. Dera-se total a bebedeiras – aos êxtases, depois entusiasmo – por

cima os azares da vida. “Faltando o sal, mais o toucinho” – constante batia na mulher. Ou passava dias no arraial, entre aquelas de rua, mulheres-damas. Passou a brigar, valente. Januário com medo? Todos falavam, inventavam. Até o coronel fazia pouco caso. Tudo por causa do Libório, feiticeiro e benzedor. Dizia que por lá andava a Onça-da-Mão-Torta, encarnação do Diabo, onça enfeitada que tiro não matava. Januário dormia com a insônia. Maldava-se. A mulher curtindo as noites sozinha. Por último, dizia sofrer de alucinações, em sonhos aparecendo-lhe a onça maligna. Hipócrita ou ator de si mesmo, em agonia com Aquela. Uma vez, quase matou a mulher. A Onça crescia dentro dele, ou era o Mal.

Quando foi num dia, Januário arrumou a matula. Pegou a carabina, arreou o cavalo. Atrás da Onça bandida. A mulher tirou o bentinho do pescoço e deu-lhe o São Marcos brabo, oração milagreira, que afugentava perigos. “Por pressentimentos.” Mal escondendo o que ia no íntimo. “Nha mãe” – rodeavam-na os meninos. Januário amontou no cavalo. De longe ela via-o, através das lentes, sua figura desaparecendo. Januário foi até onde o rio se estreita, e a onça vinha beber. Tomou a direção do vento. O capeta viesse, os cachorros acuavam-no. Encostou-se à sucupira branca ou ficou à espreita como quando a onça ataca. De repente, a aparição. Ela, a força bruta. Achara o caminho de Januário. A Onça – tramontana, felina, corporal. Descarregou a carabina; os tiros não atingindo o alvo. Só sentiu o peso da onça – bafo, rugido – a devorar-lhe as entranhas. Apertou o bentinho no coração.

Com pouco, recobrou os sentidos. Olhou em redor. Não viu a onça, nem sinal de luta. Afastou-se devagarinho. Sacudiu o corpo e sentiu-se leve. Nem sabia direito o que aconteceu. Tomou o rumo de casa, no caminho encontrando caçadores. Os outros parecia não perceberem a sua presença. Continuou, mais adiante. Não sentiu a chuva molhar. Súbito, estremeceu. Teve consciência do que se passara. A vida é breve como o Sol se inclina.

No ranchinho, todos estavam dormindo. Abraçou-os, um por um. Antes, ele não chorava. Se ao menos pudesse voltar... Ah!, o remorso. A mulher nunca visitara outros lugares. Lá fora, os galos cantavam. O passarinho treinava um assobio. Do fundo da mata vinha o chamado triste da jaó. As corujinhas, nos cupinzeiros. Já era madrugada. O Sol pintava de amarelo.

Caminhou até à curva do trilheiro, olhou para trás. O milharal, tão bonito. Logo mais os outros iriam acordar. A lamparina alumiaava o ranchinho. O cachorro começou a latir como que sentindo a saudade do dono. O espigão apontava a estrada. Cada um tem o seu caminho – e era uma vez uma estória.

CRONICON

A usina de açúcar. As chaminés soltavam preguiçosamente a fumaça como nuvens que demoravam a desaparecer. Personagem principal, a cana. Primeiro de tudo a plantação. Último, a colheita. E aqui o comecinho da estória: que um Gradivo ali crescera, operário como os outros. Não tivesse motivos para queixa: bem-casado, a casa modesta, mas com todo o necessário, de vez em quando até podia dar-se ao luxo de uma que outra extravagância. Seu limite era aquele; nunca viajara, não conhecia outra paisagem a não ser a da cana. A vida organizada, sem tempo para diversidades. Isto é, desde o levantar e o deitar a usina – descontado um tempo para televisão e algum que-fazer. Sua função sempre a mesma, não mudou através dos anos, quando começou como aprendiz. Lidava com a caldeira e o que gira em torno dela. Mas conhecia a indústria em todos os seus avessos.

Ultimamente queixava-se de um mal que ele mesmo não sabia direito caracterizar, vinha notando acentuado debilitamento, quase um envelhecer precoce, assim como um impulso reprimido, ou o adormecer da vontade.

Ela ia acabar por absorvê-lo, a máquina? Como um narcótico, aquele barulho surdo que ficava no subconsciente. O torpor a tomar conta de seus membros, a monotonia, quase um autômato, arremedo de si mesmo. Ele ia perdendo para a máquina dia a dia. Ela intacta e persistente, minando-lhe a força, o estado de ânimo, a resistência. Assim como a gota da água acaba com o passar do tempo por alterar a forma, a natureza da pedra. Então, para isso o homem fora criado? Pouco a pouco despersonalizando-se, deformado o seu caráter. Tinha um hábito saudável: gostava de estudar para aprender mais. Logo deixou de fazê-lo. A leitura relegava a plano secundário. E com o passar do tempo, deixou de ler. A música? Abandonou por completo o instrumento musical de que mais gostava – o violão.

E o círculo mais se fechando. Dera-se a excessos à medida que ia esgotando os recursos próprios contra a fadiga, ou as suas qualidades inerentes. Passou a viver isolado o tanto quanto lhe era possível. Tinha mudado bastante o jeito de ser: deixou de dar os costumeiros passeios nos arredores – o campo, a cachoeira, a natureza, o moinho. Não mais o perfume das flores e o canto dos pássaros, homem simples que era. E aqui o produto final, exagero da técnica: errar é humano – quer dizer, cada vez errava menos. Agia assim como quem tem fixação de propósito, acostumando os sentidos com a nova condição. Os movimentos mecânicos, identificado com a máquina.

E foi que numa noite não pôde conciliar o sono, isto é, nasceu um pesadelo. A máquina, ela pronta para vencer? Que não. Com um só golpe ele ia parar o coração de ferro, uma pedra na engrenagem a paralisar-lhe os movimentos – a força bruta, a garganta de fome insaciável, a voragem, os tentáculos, o que nada deixa escapar.

E aqui haveis a situação criada: a inteligência da máquina, ou seja, a vontade detrás dela. Um braço mecânico empurrara-lhe para dentro – ou a surpresa do escorregão? – foi parar nas entranhas, o estômago da máquina. O bagaço da cana misturado com o bagaço do corpo, o sangue para fermentar o líquido açucarado.

E agora de novo o ciclo ininterrupto: primeiro a plantação, depois a moagem, a circulação da riqueza, a transformação em divisas, a...

Moral da história: a máquina acabou com o Humanismo?
Resultado: o espírito do homem ficou enjaulado.

Mas fica a flor nascida do mel, isto é, a esperança – soltos os males no mundo.

LINHA TORTA

Trobobó – e era uma vez um bobo. Sempre vivera no Muquém, lugar sumido no sertão, campos cerrados e charravascais. Nunca saíra dali, morava com mãe e irmã, Rua da Alegria, depois do córrego.

O coronel Ignácio? Esse o que mais tinha – gado e ror de terras – desde o Sabugão até ao das Antas. Com peonada por conta e serviço, garimpeiros, positivos. Aquele, sim, respeitado, montado no cavalo. Dava as ordens, apontava os braços membrudos: “Antes d’o Sol sair”. Homem de dois gênios, passado da conta, o coronel não parava em limites.

E agora o bobo. Alegria sua era a égua Hipa de cor tirante a castanho claro, que antes acudia pelo nome de Ocirroa, salva de rápida corrente quando pertencia ao primeiro dono – um grego que se dedicava ao ramo de curtumes. O bobo, ambulante, ia até ao curral para espiar o jeito dela, a beleza do relincho, boa de trote e jamais empacadeira, sempre pronta a obedecer ao menor sinal; controlava-a por assobios, ensinara-lhe mil e mil truques. Cada vez que ela fazia uma arte, ele aplaudia, isto é, simbolicamente – e ficava no seu bem-bom, naquela bonomia e um sorriso. Só uma vez sentiu-se respeitado, orgulhoso de si mesmo, quando o coronel veio pessoalmente mais o capataz pedir-lhe a égua Hipa para cruzar com o cavalo seu.

Sem pernas, sem braço, toco de gente, o corpo torto, prisioneiro de si mesmo. Arrastava-se de lado – com papo e corcunda – como quando o caramujo escorrega. Ele, o peso morto. A mãe – dona Urminda – lavava, passava, cozia. A irmã ajudava, cuidava dele. Ela mesma preparava o cordial, em época de lua certa. Fervia folhas ou pequenas raízes, fazia chá de arnica, cozimentos, dava-lhe banhos de trevo azedo. “O meu príncipezinho...” O bobo, gago. Tão feio, como só o diabo aparece em noite de quaresma. A natureza-mãe nada lhe ensinara, a não ser as dores da vida. Sem sexo, sem nexo.

Tinha manias de esperança, apesar dos maus sucessos. Pedia à cigana para ler-lhe a sorte, ou ficava olhando o destino oculto das estrelas. Por último, morreria-lhe a mãe; sumida a irmã no mundo. O bobo desanimado. E ainda por cima, para seu mal, a casa em precaríssimas condições: ripas, caibros, comunheira, pontalete, trava, esteio, espigão – tudo tinha de ser feito outra vez.

De então em diante a dúvida passou a atormentar-lhe o espírito, isto é, pesou na balança a vida e a morte.

Um dia sonhou que estava empurrando uma enorme pedra encosta acima, e que, chegando ao topo, por vontade superior a pedra tornava a cair – assim outra e outra vez, num martírio sem fim. Ei, bobo, tal castigo mais te parecia prêmio – quem dera ter braços e pernas musculosos para subir a montanha rolando aquele peso.

Intrigado que estava com o tal sonho – talvez não fuisse uma mensagem? – para decifrá-lo decidiu consultar vidente de muito nome que morava num sítio às margens do Verde em direção sudoeste. Aprontou-se; achou quem o puxasse em carrocinha por caridade até metade do caminho, depois pegou uma tropa que passava por aqueles confins. Quem diria! Mais vale a vontade como força que a força de dois touros ajuntados.

No momento mesmo que viu a adivinha, às vezes ela respondia claramente, outras vezes tinham duplo sentido as palavras, quando não versos de difícil interpretação. Antes de receber os consulentes purificava-se para o ritual, isto é, jejuava por três dias e três noites, por volta da tardinha banhava-se nas águas frescas do remanso, mastigava flores de limoeiro ou folhas de hortelã. Só então se podia começar a sessão, ela sentada numa trípode dentro de um quarto à meia-luz com incenso e outros cheiros fortíssimos, aí o espírito estranho tomava conta de seu corpo – o entusiasmo, a convulsão – adquiria outros modos e mudava de figura, a custo mantida no assento, ou pelos ajudantes sojugada. Para depois a calma, examinava o caso de um por um com o seu jeito de ser.

Quando chegou a hora do bobo, ela apontou com o semblante grave para a roca de fiar, e em seguida mandou que escolhesse um novelo ou um fio entre os fios de várias cores. O bobo pensou que pensou, elegeu. “É o branco, o da sorte”, ela disse, sorriu para ele. Que seguisse em paz o seu caminho; a resposta ele ia encontrar.

Naquela mesma noite apareceu-lhe o Destino disfarçado de velho andrajoso, os olhos mais brilhantes que havia, com um globo na mão e uma urna. Perguntou-lhe quem ele gostaria de ser se pudesse mudar de vida. O bobo teve tempo de responder? Não teve? Então não queria mudar de máscara, o pensamento não voou

célere para a pessoa do coronel? E eis que o velho adusto põe a mão na sacola como se a procurar alguma coisa. “A vida tem dois fios”, disse, e afastou-se de mansinho – uma aparição – sumindo-se adiante na encruzilhada.

O bobo? mais confundido ainda. Vai-vém, e pegou o caminho de volta, tinha saudades da égua Hipa deixada atrás no Muquém. E é aí que vem a surpresa, os fados assim o quiseram. Depois de uma cheia das maiores de que se teve notícia – o rio arrastando tudo, fazendo estragos – eis que esforçado o bobo avista corpo de meninazinha boiando em meio à coivara e às escumas. Com esforço e demasia rasteja como bicho, enfia o corpo n’água e – com as mãos de Deus e os dentes do bobo – puxa-a pela cabeleira, salva das águas. Soube-se que ela se chamava Deusimara, menina de Primeira Comunhão, pezinhos de boneca e rostinho de anjo. Os pais dela iam encomendar a um riscador de milagres que fizesse o quadro, o bobo ocupando o lugar de maior destaque. A cidade inteira lhe rendia homenagens.

E o Muquém? A fama chegou primeiro que o bobo. Tinham-no convidado para engajar-se no circo. Foi recebido como herói nos braços do povo. Festejavam-no. Ele ligando para nada. Amor seu era a égua Hipa, que só a ele atendia.

Foi e sentou-se à sombra da árvore, pensativo, ficou vendo a vida passar. O sol em cheio. Os arrozais começando a crescer os grãos. O gado rumo à aguada passava pelo batedor. O padre entregado ao seu bem-fazer, bem-afortunadamente, em meio à bosca gem. O menino Estélio brincando com o lagarto, rindo de uma dona que tomava um prato de sopa com avidez. “Menino cheio de mania tem de criar tenência”, e entornou-lhe o caldo em cima, mais o prato de esmalte grosso descascado; não desistiu até o menino pedir a bênção. A moça Tíria, filha de Agenor, acariciando o boi branco, “é tão bonito, é inofensivo”, coitada, só depois é que descobriria o logro. O gigantesco Fineu tentando escalar um obstáculo altíssimo. Ao longe ouviu-se um barulho, tiro de caçador assustando as criações. O homem, fazendo um sinal de assentimento, com má cara. A mulher em meio a infusões e tinturas, queixando-se de vasca e vento virado. “Me dá um dó de ver uma gente assim.” O gato Té-rê-tê bebendo o apoio, perto de lugar barrento de mau cheiro. O cavalo mexia o rabo em forma de espantar mosquito. Estórias que Siá Nisa contava: a da mulher morta pelo raio numa terrível noite de tempestade; seu filho, tirado da fogueira na floresta pela força musculosa do pai, criado pela tia materna Don’Inha numa gruta a salvo de malefício. Os sinos tocando. A avó passando em revista:

tamborete, partilheiro, mancebo, jirau, gamela, tina, cantoneira, talha, jacá de bambu. O garrafeiro ensinava: unguento depurativo de cera, azeite, pez e resina – basilicão. Folhas de bananeira rasgadas pela ação do vento, os passarinhos experimentavam o assobio, borrachudo na beira do rio, a cobra mudava a pele, cidade preguiçosa onde o tempo ficava parado.

E que é do bobo? Mais ficaria a reinar se a noitinha não viesse chegando. Pensou uma vez mais na menina Deusimara, e com pouco adormeceu.

Na madrugada seguinte. Do que o povoado inteiro se estareceu: o coronel suicidara-se, com tiro de espingarda. Tudo pode; o Diabo não está escondido no meio da gente como no rodaminho? O homem de siso, com os dentes para fora. O bobo foi ver, apalpar a verdade. Prestou atenção num fio preto apertado na mão do coronel, numa sacola que ninguém sabia de quem era. O homem da encruzilhada? – pensou. E olhou para o alto. O Céu se desestrelava de mansinho. Depois de uma, outra estrela – a aurora anunciando o dia. Tudo tem o seu lugar por força de ordem. Não esperou mais. Saiu correndo, a modo de rã. E foi fazer penitência, tão certo de achar o caminho. No íntimo lembrou-se de culpas passadas? E aprendeu a viver com o sofrimento? Chuva suja não cai no chão. Ou: tudo acontece direito. Foi até à igreja, o punho nu. Tirou o chapéu e a sacola. Desvestiu-se. O corpo todo doído, rastejando. Sua presença miúda, a igreja confundia-o. Passeou a vista por cima da nave, “INRI” – disse. E disse mais, com voz acordada de sono e em apertados sons vocálicos. Aprendeu a ler a Bíblia, Padre Antão ensinara. “O de Deus, Santos Evangelhos.” O que ninguém sabia: o bobo sem ser bobo, por ser aleijado. Rezou o terço com alma e rezou uma Salve Rainha. Olhou o Jesus Cristo sentado. Aspergiu água benta. Compreendeu-se num instante. “Amém” – e foi dar graças a Deus. Entre o sim e o não, a dúvida ficou no meio.

Faltou um analista para ordenar, de forma cartesiana, o pensamento confuso do bobo. A primeira questão, por exemplo. Deus, espírito perfeíttimo, criador do Céu e da Terra, no sétimo dia descansou. Mas não é próprio da matéria o desgaste físico?

A segunda questão. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Mas então Deus tem boca, nariz, orelha?... Deus tem barba? O homem – animal racional, com as suas necessidades físicas não é a antítese da perfeição? Deus é onipresente, não teve princípio nem terá fim, é do tamanho do infinito e está em todas as partes.

A terceira questão. São muitas as religiões. Partindo da premissa que uma esteja certa, todas as outras estão erradas? Cris-

tianismo, islamismo, budismo, taoísmo... Cristo, Maomé, Buda, Confúcio...

Qual é a fronteira entre o mito e a religião? Como explicar a intolerância e o fanatismo religioso? Onde a origem do dever? E as Cruzadas? E a Inquisição, terribilíssima? O monoteísmo, o politeísmo, o ateísmo, o sincretismo, a multiplicidade das religiões e dos deuses da Antiguidade... *A ensomátesis?* A metempsicose?

A quarta questão. O mistério da Santíssima Trindade. Três Espíritos perfeitíssimos podem ocupar, simultaneamente, o mesmo lugar no espaço. A Física celeste e a Física terrestre.

A quinta questão. O pecado original. É lícito ao juiz impor pena aos descendentes?

A sexta questão. Adão e Eva ou a Teoria do Evolucionismo?

A sétima questão. A origem do Tempo e do Espaço? Ei-la: não tiveram princípio, nem terão fim. Mais um problema insolúvel para a mente humana.

A oitava questão. Deus interfere ou não interfere?

A nona questão. *Agnus Dei qui tollis peccata mundi*. Ah! Como é difícil para a mente humana compreender a correlação entre a morte do Cordeiro e o perdão dos pecados do mundo. *Deus Deus meus, quid deleriquisti me?*

Décima questão. Como se explica o sacrifício humano na História da humanidade? Para agradar aos deuses? E sacrifício animal, idem?

Décima primeira questão. As pragas do Egito. Deus, espírito perfeitíssimo e misericordiosíssimo, ordenou a morte dos primogênitos para convencer o Faraó?! A lógica do absurdo.

Décima segunda questão. Quem criou o Caos? E como era o Caos?

Não. Basta! A religião não resiste à lógica. Dogma é dogma e não vale o questionar. Mas no fim das contas permanece o mistério. Um mistério que nem o dogma explica.

CRIADOR DE ABELHAS

Estranha pequena república, tão lógica e grave, tão prática, minuciosa e econômica, e sem embargo vítima de um sonho tão vasto e precário.

MAETERLINCK

His quidam signis atque haec exempla secuti esse apibus partem divinae mentis et haustus aetherios dixere.

VERGÍLIO

Quem como ele? Ninguém amava mais aqueles seres diminutos que faziam parte de sua vida. De pequeno ainda, um dia foi e viu um tal enxame de abelhas pendido em forma de cacho em galho de alta árvore. De então em diante gastava todo o tempo em espiar o jeito delas, a boniteza do voo, os movimentos e a esperteza – seguava-as pelas pontas das asas ou colocava-as em garrafas de vidro claro. A colmeia, o trabalho das abelhas encantava-o.

Quando moço, agachado à beira de riacho em atitude de pensar, foi então que lhe ocorreu a ideia – por que não? O primeiro que fez foi pedir conselhos ao velho Alaor, quem muito entendia dessas coisas. Depois encontrar um lugar onde havia uma fonte e um rego d’água, protegido de vento forte e enxurrada, cheio de árvores em redor. Cercou-o com arame farpado para impedir que animal entrasse. E pegou a fazer o seu jardim: espalhou a grama, plantou flores – aroeira, anjico, assapeixe, cipó-uva, amor-agarradinho, eucalipto, flor de laranjeira... Punha esforço e fantasia, e muita paciência. Sítio esse ia ficar bonito, cheirando de longe, com flores de variados tamanhos e de todas as cores.

Pegou a meditar: engraçado como as ideias têm vida própria, latejam e insinuam-se por dentro, mesmo se a gente não tem consciência disso, como uma força estranha quer nascer. Não de outro

modo poderia explicar o verdadeiro fascínio que exercia sobre ele o açúcar moreno – como a forma das areias. E não passava horas e horas a espiar o homem safreando o engenho, vendo o melado escorrer? O melado, o mel; todas as coisas estão ligadas neste mundo. O rio aquele que corre debaixo da terra não desponta mais adiante?

Depois de tudo pronto, no começo do ano seguinte. Com sabidas artimanhas atraiu rápidas nuvens de abelhas para pousarem ali. O próprio instinto não as guia? Não vão albergar no sítio aonde melhor lhes convém? Ele bem conhecia os sinais de quando elas estão para se mudar: pequenos ajuntamentos fora da colmeia, a ameaça que pesa sobre os zangões, a interrupção das tarefas diárias. E o nervosismo da abelha-mestra, quando às vezes – tal é a sanha do poder – não vacilaria em matar os da própria estirpe real se não vigiadas pelas outras operárias. Porque uma vez libertas de sua cela, as de sangue nobre não lutam pela soberania?

Onde a origem do dever? Que lei, a voz uníssona do comando, qual a força que as arrasta às implacáveis regras do êxodo? É da natureza da abelha ser assim? Abandonar o tesouro de mel, larvas e ninfas deixadas atrás, a certeza e garantia da colmeia. Não vivem para o dia da partida? Impulso? Premeditação? O espalhar e fortalecer a raça? Este talvez o segredo maior no reino das abelhas...

Aristeo pouco a pouco ia mais se familiarizando com elas, o modo seu de vida. Como fazem no tempo de restaurar a população de sua cidadela. A rainha, única mãe de seu povo, e a posta de ovos. Da primeira leva, nascem as operárias. Depois os zangões. Finalmente mais muitas operárias e umas quantas rainhas. E aqui o ciclo completo: o ovo, a lavra, a ninfa, o inseto perfeito. A natureza se equilibra.

De volta à imigração. Lançam-se aos ares, com mel guardado para uns quantos dias e cera vermelha. Às vezes enviam batedoras para explorar o terreno. E...

Mas e o que acontecia na sede da fazenda? Que, onde, de quem? Fazenda Ápia, dona uma tal conhecida por a Viúva; quarentona ruiva e de olhos azuis com fala e gestos de gente da cidade, diferente do povo dali, não era filha do lugar. Padecia um mal de olhos, no mais das vezes saía para as suas caminhadas. Dizem que tinha um medo – “filho da gente quando cresce não vê hora de um morrer para ficar com tudo” – medo de perder o senhorio daquelas terras. Não bastava a cobiça dos outros herdeiros? Não teve de muito lutar para fazer valer os seus direitos? Respeitada sim. Deixava que cada qual escolhesse o seu de-fazer, mas vigiava todos tanto quanto lhe era possível, à tardinha que viessem pô-la

a par do andamento das tarefas. Mas ai de quem não cumprisse a regra. Tinha misericórdia não, justiceira que era: despedia o sujeito no soffragante sem tir-te nem guarate. Fazia exceção para um por nome Prosópio – “Criatura mais estranha” – que tinha aparecido por lá ninguém sabia como. Esse vivia de não trabalhar. “Um dia – e acabar com a tal boa vivência.” Sofria da cabeça; gesticulava, falava sozinho – parecia ignorar o resto do mundo, alheio completo às regras e convenções, geralmente sujo nos seus hábitos. Tolerava a sua presença porque tolerava, “a vida tem dessas coisas.” Vivia na parte baixa do antigo celeiro, cruzadas as mãos e cruzados os braços em eterna modorra, sua atitude de sonhador. Lavavam-lhe a roupa, davam-lhe de comer na hora certa, e tudo seguia igual. “Até a paciência atingir o limite.” De bom coração também – ouvia as queixas com interesse e paciência, procurava ajudar, cuidava dos doentes. Por isso todos a queriam. Sempre gente ao lado seu como para protegê-la.

O bandido Ataúlfo. Que vivia de saquear com o seu grupo de jagunços. Uma vez não entrou ali fazendo muito estrago e pegou a gente desprevenida, roubou o que tinha no celeiro mais os mantimentos guardados na despensa? Mas agora que cuidasse. Peões sempre armados e que se revezavam na guarda da fazenda, naqueles mundões dos gerais.

E agora de novo o criador de abelhas. Aristeo Aristides. Aristô chamava-lhe de modo carinhoso a mulher Sá Antônoa ou Antônhoa.

Aristeo: “Que o quê as abelhas?” E aqui é a distribuição do trabalho: aquelas depois de curto voo vão pousar nas flores para sugar o néctar e colher o pólen, e do resíduo do pólen surge a samora, amarela e agridoce guardada nos alvéolos. Estas outras constroem as paredes de seu edifício com a cera segregada. As mais novas cuidam das larvas, tanto amor as move pela prole comum. Outras finalmente encarregadas da ventilação da colmeia – muito o calor faz derreter as celas, cavidades dos favos.

Arquitetura dos quatro tipos de celas o que mais deslumbrava Aristeo – os seis lados formando figura perfeita, sem espaço nenhum de sobra – matemática e engenho das abelhas. Tanto aquilo o deixava intrigado. A construção daquela obra-prima a que era devida? À arte das abelhas? Ao instinto? Ou a causas físicas? Não se põem elas em igual distância para armar as celas? Ou são as próprias formas que buscam o justo equilíbrio? A cera não é plástica, não está sujeita ao calor e à pressão?

Assim nasce a colmeia: no meio do silêncio imposto pela regra, no galho onde está pendido o enxame. Depois de quase um

dia de espera, eis que o ritual da cera: uma a uma lançam os fundamentos da cidade e abaixam as paredes do intrincado edifício; os cálculos e a técnica da construção. Que às vezes também erram; mas procuram amiudar o malfeito o mais que podem, tanto a vontade de perfeição. Isto é, o espírito, o tirocínio das abelhas.

O pedreiro Teotônio. Esse o encarregado de construir as casas dos moradores da Ápia. Esmerava-se em bem cumprir a tarefa, questão de muita honra. Orgulho seu era o celeiro da fazenda, construído no alto – no fundo do quintal onde começa a boscaçagem – de madeiras escolhidas, com telhas modernas, seis portas exatamente iguais pintadas de verde-claro, bem alinhado, caiado de cinza – nada havendo para reprovar. Não tinha ajudante. Ele mesmo gostava de fazer tudo sozinho, amassar o barro, pôr os tijolos para secarem ao sol, cortar as árvores para os vigamentos, comprar o de que necessitasse, e outras providências.

E o Aristeo e as abelhas? Cada vez mais ia aprendendo a arte de lidar com elas, conhecendo-lhes os segredos e as intimidades. Passava dias e dias no mundo das abelhas, não em outra coisa absorto o pensamento. De como elas eram capazes de distinguir objetos a distância, preferir cores – o azul, por exemplo, ou o escarlate. O sentido de orientação e as impressões visuais, o poder de comunicação, como distinguem pelo gosto os néctares. Hospitaleiras sim, de bom grado recebem a abelha de fora quando carregada de mel; com animosidade afastam a outra faminta, ou aniquilam a que vem para roubar. As abelhas não nasceram para o trabalho? De curta memória, não reconhecem a rainha tirada da colmeia dias atrás pelas mãos hábeis do apicultor. Constantemente não estão a dar provas de fina inteligência? Que dizer do progresso da raça? Se nasceram sabendo trabalhar a cera, ou experimentaram o crivo do tempo. Desprovidas de todo de compaixão, indiferente uma à morte da outra, impassíveis diante do sofrimento da companheira em apuro – nada fazendo para salvá-la – vêm quando está em jogo o próprio interesse ou se é para o bem da colmeia. E o que fazem na matança dos abelhões? Depois que fertilizam a rainha, quando não mais se tem necessidade deles, as abelhas os isolam em um canto – e sem nenhuma piedade e toda a falta de respeito pela vida – os que escapam da chacina são deixados sem alimento até quando as forças lhes abandonam. Ou então quando estão para se mudar, se advém uma causa repentina, as abelhas operárias no desespero e na confusão muitas vezes não acabam por aniquilar os machos da colmeia? Estes sim têm o período de vida contado, desde quando nascem já estão fadados ao extermínio. Estranha sociedade, aquela, em que tudo gira

em torno da rainha. Pela forma e beleza tanto se difere das outras, e pelo tempo que lhes é permitido viver; cinco anos vive a soberana, menos dessa metade as demais. Cercada de respeito e obediência ilimitados – salvo se incapaz para o exercício da soberania, se idosa demais, se estéril – uma colmeia sem a rainha abelha é como a catástrofe que trás em si a confusão, ou como o barco desgovernado em águas bravas. Vela pela segurança interna, pela ordem e pelo bom andamento dos trabalhos. Não é que, quando estão para saquear uma colmeia, as abelhas invasoras o primeiro que têm em mira é matar a rainha? Para vencer-lhes a resistência, forçar-lhes à capitulação como quando o dique cede ao poder das águas estancadas. Mas às vezes o que acontece é duas rainhas na mesma colmeia. Então travam o feroz combate, com o afiado agulhão – mais compridos nestas que nas outras abelhas – procuram atingir a adversária. O governo não pode ser dividido, o governo não é de uma?

Aristeo humilimo diante da Natureza. Isto é: de então em diante passou a concentrar a atenção em torno da rainha. Assim como o novelo de lã vai a pouco e pouco se consumindo, e os fios tomando formas as mais diversas – assim o aprendizado. O nascimento ímpar dos machos; o de como o mel especial é capaz de transformar a larva da obreira; quando é chegado o tempo da enxameação...

A rainha, escrava do próprio destino; no mais interior da colmeia vive quase todo o tempo, ali onde a escuridão. A posta sem cessar, a postura que adota; dona de múltiplos segredos, adivinha o ovo que vem a ser? Para ela o manjar puríssimo – extrato, o licor das flores. Rodeada de sumo cuidado, as de sua corte protegem-na do perigo, embelezam-na, servem-na com todo o empenho e o melhor de si – jamais lhe viram as costas. Assim como a barca que vagueia ao sabor das ondas, assim não são capazes de morrer por ela, isto é, não lhe dão o último mel se a necessidade o exige? E a matança. Quando num dia, atacada de furor invade o solar principesco, destruindo a semente real – dando vazão ao ódio que a anima.

O voo do amor, o terrível destino do zangão. Como os pássaros em bando que depois de longa jornada vêm saciar a sede nas águas da lagoa, com igual ímpeto lançam-se de todas as partes os machos em busca da fêmea.

Aristeo. Mais punha reparo em sua criação, mais conhecia a manha das abelhas. O melhor jeito de evitar ferroadas é um ficar na quietude. Um dia enquanto cuidava do jardim. Lugar tranquilo aonde as borboletas vinham amiúde pousar, ali só se ouvia a voz mansa do vento e o barulho da mata. Foi de repente, pasmou-se de ver. O céu todo se cobrindo. As asas das abelhas

fazendo zumbido e som de z. Como um exército, os dois bandos a empenhar-se em dura guerra, nenhum arredando do lugar – um ajuntamento em torno de ambas as rainhas – punham toda a força, tal a vontade de vencer. Era só atirar um tanto de areia em sua direção para abrandar o ânimo marcial que as movia – conforme a antiga tradição?

Aristeo já por esse tempo produzia o mel em muita quantidade, afamado em toda a redondeza; ia ao comércio distante umas boas léguas para vendê-lo regularmente. Afugentava as abelhas com a fumaça de feixe de capim seco ou outra coisa que produzisse os rolos de fumo para assim apropriar-se do mel.

Sonho seu era um dia possuir um colmeal em tudo e por tudo funcionando com o de mais moderno – o Jardim das abelhas – tirado de livro: com os panais móveis, bastidores; interferência do progresso para salvar a colmeia, ou para evitar a curva do tempo, isto é, desperdício: a cera aplicada a uma superfície pela mão do homem não leva à economia de esforços, maior produtividade?

Também reservava o mel para garrafadas: tosses, bronquites e outras curas. “Meizinha como não há.” Para males do peito e outras serventias. Mas nem só de mel. Com a cera fabricava velas para serem vendidas nos lugares próximos ou nas igrejas. O negócio ia de bom a melhor. Mas aí que um dia a desgraça na casa do Aristeo. A infelicidade é como os elos de uma corrente: depois de uma, outra. Coisas da mesma igualha não se atraem? Primeiro o seu filho o Atião. Em meio de uma caçada, por ousar demasiado foi comido por bicho do mato perto de uma lagoa ou tremendal. Tal assim referido por Dona Deo e mais algumas que por ali passavam em viagem, testemunhas. Depois o de Sá Antonha, ficava noites inteiras de vigília queixosa de uma dor e fraqueza, sem poder atinar com a causa. Por último adoeceram-lhe as abelhas, atacadas de um mal forte. O cansaço tomando conta, interrompiam o trabalho, tanto a lentidão de movimentos, mudada a cor e mudado o aspecto – tais os sintomas. Como uma grande peste, as que morriam eram atiradas para fora da colmeia, para limpeza. Ameaçado de perder todos os enxames, Aristeo sem saber o que fazer. Quê? Foi pedir conselhos a sua mãe, trabalhadora safreira na fazenda.

A Ápia. Sentados à beira de riacho e debaixo de árvore que dava boa sombra, durante toda a tarde a mãe ouviu paciente as queixas do filho. Depois mandou que fosse consultar renomado adivinho, um que conhecia o segredo das coisas, que bem poderia encontrar a cura para seus males. E o instruiu como fazê-lo: que levasse consigo raízes, cipós e fortes correias, que seguisse à risca

o ritual. Logo mais abençoou-o e ensinou-lhe o caminho. Foi até à cozinha preparar-lhe matula para a viagem.

Aristeo ainda teve tempo para uma caminhada, pôr o pensamento em outra coisa. Em seguida pegou a observar o dia-a-dia da fazenda. O velho sentado no caixote da cisterna a assuntar o tempo. A moça Hebe com flores na cabeça, trazia uma jarra dourada cheia de refresco de um saibo agradável e doce que servia sorridente aos maiores. Até quando chegou o Menino e a substituiu, que o marido a chamava para ir se juntar com ele no lugarzinho chamado da Libra. Alcides jungindo o boi bragrado; recostado numa das duas colunas – “mais não é possível” ou “ninguém pode com este” – dando prova de muita força depois de cumprir as suas doze tarefas. A Belina demorava toda a vida para encher o barril. O cuim do porco, a moça no telhado, a mulher que malpariu. O bobo medindo o número do sapato com palha; ia afogar um arrozinho para comer com guariroba numa trempe mal-arranjada. Ai, porque uns querem sempre acabar com a boa vivência de outros? Os meninos na pega do passarinho. O boieiro tangendo os bezerros?

Atrópio era sujeito mudo de nascença, também chamado o “Caveira” – boquitorto, o tronco grande de disforme, tanto a corcunda – que vivia de incomodar os demais, por causa de aleijamento nas pernas. De molesta presença, fechavam-lhe a porta na cara, davam qualquer tola desculpa. Todos sumiam com a sua aparição. E não rondava o colmeal para – se com descuido do dono – pôr o mel na boca? Falava sim era a linguagem dos gestos, levantava os braços como as abelhas movem as antenas. Aristeo não pôde fugir à comparação. Pelos sons guturais que emitia, os outros mesmo de longe sabiam o que ele queria dizer. Cada urro expressava um sentimento de alegria. Tristeza, dor, aprovação, felicidade – “tantos quantos os dedos das mãos”.

Hélio, filho de Hiperião, de aguda vista; dava nomes aos quatro cavalos brancos encarregados de puxar o carro seu. Ascáfalo colhia as alfices ou olhava para os olhos da coruja. Aurora contando as horas, quem que abria de manhãzinha o portão para a luz entrar? Zaumas pedia à filha que servisse de mensageira numa importante questão entre os dali e os do Ponto. Cianea, parada na fonte. Astéria fugia pelo caminho da cordoniz. O Lício brincava à modo de rã para a imitar. A filha do Seo-Seo afugentava os sapos do poço – “que coisa mais feia” – sedenta que estava. O feiticeiro Telquim...

“Aristeo” – um grito de dentro que trouxe de volta a realidade. Era a mãe. Eh gente, afinal a fazenda é uma colmeia! – como que

pensou. Sem mais tardança, aprontou-se, pegou a canoa e tocou rio acima.

O homem da lagoa, sua casa perto da gruta aonde o som sonoro do vento vinha parar. O velho recusou-se a recebê-lo, que naquela época do ano não estava para consultas. Aristeo ficou três dias e três noites sem arredar dali à espera de um sinal qualquer. Lembrou-se das palavras da mãe. Velho teimoso e cheio de manias, um tinha que insistir com ele para arrancar-lhe a verdade. Deu a si o último prazo e: com todo o impulso e muita persistência, arrombou a porta da casa e sojigou o homem com cipó na cadeira, não o soltava enquanto não tivesse a bondade de atender ao seu pedido. Que aquilo era coisa de muita carência, ora.

O velho depois de ver baldados todos os esforços para libertar-se daquela fortíssima corrente – “O senhor seja bem-vindo” –, e prontificou-se a ajudar o estranho. Depois pronunciou estas palavras:

– É fogo?

– É não.

– É água?

– É não.

O que é então? É luz que ilumina o dia, é borboleta voando, é árvore ou é aparição? O velho foi em direção ao quintal e demorou um tempo, voltou com a resposta pronta. Ficasse tranquilo, Aristeo, que as abelhas iam achar por si a salvação. E então narrou-lhe a história de um bezerro morto à paulada e deixado na mata para apodrecer, num lugar onde antes havia uma grande quantidade de abelhas, dizimadas por uma praga ou não sei quê. É fama que passados uns dias abelhas foram vistas pastando no ventre do corrompido animal. Adquiriram novo vigor, venceram o mal que as ameaçavam – e, em breve, o seu número multiplicado. Por que não? Não chupavam o suco de plantas, algumas espécies às vezes não se alimentam de larvas, insetos, animais?

Aristeo meio que duvidoso confiando na sorte ou no destino cego. Tirou o chapéu, em sinal de respeito, despediu-se do velho com reverência.

Os cisnes moviam as brancas asas e deslizavam-se nas águas da lagoa Híria.

Aristeo assim que chegado à fazenda notou as coisas empio-rando. E para cúmulo do azar: e – enquanto podava as plantas e espalhava flores saboridas às abelhas – o bandido Ataulfo. Chegou de mansinho como o silêncio da sombra, ensaiando maldades. Por detrás; dirigiu o golpe mortal. Viera para roubar o mel guardado em litros ou barris na despensa e que devia ser vendido de véspera.

Aristeo ainda teve tempo de cambaleante chegar até o açafroal. Suas últimas palavras foram para as abelhas. Até que a cor da noite tapou-lhe completamente os olhos, no meio do dia.

E o bandido Ataulfo? Eis o destino que o aguardava: morto ali no local, picado por cobra venenosíssima. O mal não atrai o mal? Os moradores por horror ao crime não iam enterrá-lo. Deixar o corpo exposto para bicho comer.

E aqui o milagre. Não é de crer em tais coisas? Passados uns quantos dias, de seu ventre em putrefação alimentavam-se as abelhas, já refeitas da doença que as vitimava, multiplicadas como por encanto, enxames por todas as partes pendidos das árvores.

Assim como a semente germina e brota da terra, assim o trabalho das abelhas.

E ainda o muito que se tem por descobrir.

O BOM PASTOR

Se tens que reconhecer que o homem bom em seu vago impulso é consciente e conhecedor do caminho reto.

GOETHE

MABINOION – ou o conto galês

A paisagem: montes ondulados cobertos de vegetação rasteira onde as ovelhas a balir. Lugar longe dos outros – terras altas – em dia muito claro com algum esforço vê-se o mar.

Um jovem com cajado na mão, ou agachado tirando sonoras melodias da flauta. Tinha amor àquilo, sua arte de pastorear. Nem nascera para outra coisa. De família de criadores, o ofício transmitido de geração a geração. Primeiro de tudo ordenhava as fêmeas na cabana para esse fim; preparava o leite para queijo, se tivesse de. Em atos puramente mecânicos, ditados pelo uso continuado da prática, não desperdiçava nem sequer um movimento. O pensamento absorto em al, sua mania de irrealidade.

Assim como o rio aprofunda o leito com o passar dos anos, o moço com o correr do tempo concebia uma ideia. Perdia o hábito de sonhador. Via-se que alguma coisa o preocupava.

A tarefa continua. O cachorro em busca das ovelhas desgarradas, ou forçando-as a atravessar o riacho – maneira de a lã ficar mais limpa. O pastor cuidava para que nenhuma quebrasse a perna, caísse nos lugares desbarrancados, se extraviasse. E depois ao banho obrigatório se quer evitar a sarna e os parasitas externos, eliminar do velo a gordura animal natural e facilitar o trabalho do tosquiador. Ultimamente vinha preferindo usar o jato d'água com inseticidas e outros medicamentos, para assim evitar os perigos do banho: riscos de afogamento, fraturas de ossos, machucaduras da pele, perdas no velo.

O cruzamento do gado lanar. Vez por outra fazia intercâmbio com os criadores das planuras, para introduzir alguma melhora na raça apesar das limitações que sofria. Ovelhas de montanha, graças ao processo de seleção natural, têm vigor, grande resistência, rusticidade e capacidade leiteira. Maior tamanho, fertilidade e rendimento em carne as das planícies vizinhas.

O carneiro de padreação, objeto da mais minuciosa escolha, como o costume. O semental deve estar à altura das exigências, forte e são no momento do emparelhamento.

A gestação dura vinte e uma semanas, tempo variável. Na época azada construía abrigos para as ovelhas parideiras – currais e estábulos holandeses, ou refúgios de palha – de acordo com as estações do ano.

Mantinha estrita vigilância, redobrado de cuidados durante a paridura, para aminguar os males que então advêm.

A vez de tratar do cordeiro recém-nascido, muito sensível ainda ao frio e à umidade, até que o velo esteja seco.

E o espírito do pastor? Que mudança vinha ocorrendo que o oprimia? O que era, qual o segredo? A luta da consciência, a consciência, como o fiel da balança, entre o bem e o mal.

Época de tosquia. Uma a uma eram as ovelhas despojadas da envoltura lanosa, depois de submetidas a minucioso exame em jejum. Tosquiava-as com tesoura de gume afiado; nem a máquina nem o pente especial. Ato contínuo, livrar a lã de impurezas, submetê-la ao processo de lavagem, pô-la a secar, e finalmente a operação de armazenamento – que a lã em bruto ao ser lavada experimenta um diminuir de peso. Hábil no tosquiar, evitava os erros que amiúde se cometem. Com cuidado, para não causar lesões nas peles das ovelhas. Com jeito, para não tesourar duas vezes, evitando a redução do comprimento da fibra.

Também aos pastos dedicava a maior atenção. Algumas vezes praticava o partoreio dirigido, sistema rotativo; movia as ovelhas de lugar para evitar que as melhores espécies vegetais se esgotassem. Porque, quanto menor for o rendimento dos pastos, maior o espaço ocupado por um determinado número de ovelhas.

Mil e outros fatores tinha que levar em conta, próprios do seu labutar. A porcentagem de partos. O preço por cordeiro abatido no mercado. O valor da lã. O custo alimentício. A densidade de alojamento ideal. Experto no bom manejo, conhecedor do terreno e da área dos pastos, sabia limitar o tamanho da manada em relação aos recursos disponíveis, evitando os riscos de infecção parasitária.

A lã. Tomava todas as precauções contra as impurezas que podem prejudicar a lã – barro, matérias vegetais, resíduos de banhos antiparasitários, materiais para marcar tais como tinta, breu e alca-trão, fibras de sisal ou juta quando se usam de forma incorreta os cordéis para amarrar os velocinos. Primeiro que tudo limpava o lugar onde ia tosquiara os animais. Imersões não corantes e produtos químicos que não deixavam manchas; para marcação, facilmente laváveis. Ia enrolando os velos, como bom profissional, à medida que tosquiava, assegurando-se de que estavam isentos de umidade. O preço e a qualidade, o rendimento, a finura, o comprimento, a pureza e a solidez da lã.

O pastor de novo apascentando o rebanho. Tanto mais cuidava das ovelhas – para distrair, enganar ou entorpecer a mente – cada vez mais forte insinuava-se aquele pensamento. Todo o ser estremeceu à ideia daquilo. Qual a decisão a tomar? Plantada a semente da dúvida. Sins e não, as duas opiniões brigam.

Era de manhãzinha, um vento frio do Norte. A aurora abria o portão do dia. O moço colheu outro braçado de lenha e soprou o fogo para avivar a chama. Começava a morrer o brilho das estrelas. Todo amanhecer tem uma beleza diferente – como que pensou. Os passarinhos solfejavam um assobio.

As ovelhas. Para tratar das enfermidades que as atacavam, o moço lançava mão dos remédios e conhecimentos locais. Dedicado, ele mesmo acompanhava todo o processo das doenças, até o restabelecimento total. Ou se moléstia de ordem mais séria, apesar das habituais medidas preventivas, levava o gado ovino ao veterinário do Condado. A solidez da lã não depende do estado de nutrição e saúde da ovelha? Se não, a qualidade da lã produzida diminui, e a fibra afina-se e enfraquece.

Como as ondas se espumam contra o rochedo em dia de mar agitado, a dúvida a cada instante assaltava-lhe o ânimo. A indecisão, isto é, a cada segundo o pêndulo do relógio muda de lado. E, para agrandar o problema, enquanto tentava salvar a ovelha, ele próprio caído de cima do barranco. A ovelha negra.

Ainda teve tempo para mais um pensamento. Olhou de lado a vida movendo lentamente a cabeça. Época bonita do ano, com pouco o engraccer dos cereais. Ali era tudo o que de valor possuía, as suas ovelhas – pecúnia.

O carneiro berra, as ovelhas balam. O cachorro inquieto e ganindo como que compreendendo a gravidade da situação. O pastor tomou do instrumento de sopro, agora pela última vez. E morreu como a música se acaba de mansinho. Mas em paz consigo mesmo.

No fundo, soube que nunca teria coragem para aquilo – pesadas as coisas na balança, prós e contras. O segredo levou consigo. O importante é que soube no momento final a decisão que iria tomar, se tivesse. O rumo a escolher, o arbítrio da consciência. Ser mau ou ser bom – qual o próprio da essência do homem? Qual o seu verdadeiro sentido? O homem nasce bom, e as circunstâncias é que o levam a praticar o mal? Ou o contrário: é preciso ensinar a si o bem, domesticar a vontade – assim como o feno arde ao poder do fogo? Dependeria da formação de cada um, isto é, o produto do meio? As faces do cristal. Ou o movimento oscilatório. O bem é congênito? O mal uma necessidade? Finalmente, o certo ou o errado depende da vontade? Ah, como é difícil provar o fruto da sabedoria. No fim tudo é absoluto. O bom pastor – sua alma, seu íntimo, o hálito divino.

Fim de Geórgicas – Estórias da Terra.

O ÚLTIMO DIA DO HOMEM

PREFÁCIO

Junito de Souza Brandão

Novos mitos de William Agel de Mello

William Agel de Mello é um clássico. Clássico primeiro no sentido etimológico de convocado (*classis* de onde provém *classicus* significou, a princípio, “convocação para o serviço militar” e depois “as várias classes de cidadãos convocáveis”). Convocado certamente pela Moira, o Destino – uma de suas grandes obsessões – para levar de volta ao humanismo, à qualidade (estamos cheios de quantidades) esse montão de técnicas da segunda metade do século XX. Clássico depois na acepção literária e histórica: *classicus* significou, a seguir, o cidadão da primeira classe, pois que William é *classicus scriptor*, um escritor de primeira classe, que a todos convoca, sem se desligar do “atual”, para o grande retorno às fontes greco-latinas.

É exatamente o acervo, a riqueza mítica greco-latina que vamos examinar em *O Último Dia do Homem*, que se poderia classificar de tragédia, certamente grega, euripidiana sem dúvida, com mimese e catarse.

– Através dos séculos tidos como manifestações sobrenaturais, finalmente chegou-se à conclusão de que os sonhos eram simples produtos da atividade mental.

Para os “antigos”, entre os quais gregos e latinos, claro está, o sonho era sempre manifestação divina. Todo ato, todo pensamento e toda palavra involuntária eram considerados como projeção do sobrenatural. Ora, que há de menos voluntário e inconsciente que os sonhos, que só se manifestam quando o sono aniquila a vontade e a consciência? Assim, a oniromancia (arte de interpretar os sonhos) se tornou na Grécia e Roma uma verdadeira “ciência”.

Na Grécia sobretudo, com Pitágoras e Platão, se desenvolveu até mesmo uma verdadeira técnica para se “sonhar bem”. Essa técnica consistia sobretudo na ascese: para Pitágoras a catarse

consistia em proporcionar, cada tarde, tranquilidade à alma, pela frugalidade da refeição (que excluía sobretudo carne e favas), pela meditação e incantações musicais, esperando, com isso, favorecer a eclosão de sonhos verídicos enviados pelos deuses.

Platão bate na mesma tecla no livro IX da *República*: consoante sua divisão tripartite da alma, é conveniente, diz ele, tranquilizar as duas partes onde residem a cólera e o desejo e estimular a terceira, sede da sabedoria, se é que se deseja atingir durante a noite a verdade por intermédio do sonho.

O mesmo se poderia dizer dos sonhos recebidos no santuário de Asclépio (o Esculápio dos latinos) em Epidauro, com vistas à cura de doenças. O próprio Aristóteles se impressionou com os sonhos. Escreveu um tratado curioso sobre a adivinhação por meio dos sonhos. Com muitas de suas observações estão de acordo, ao que parece, psicólogos hodiernos. O estagirita se preocupa notadamente com a significação “clínica” dos sonhos, à qual alguns médicos atribuem uma grande importância.

– *À descoberta do líquido supressor do sono, chamado por ele projeto Argos.*

Muito bem relacionado pelo autor o líquido “supressor do sono” com a figura mítica de Argos, uma vez que este é o “anti-sono” por excelência da mitologia grega. Argos, bisneto de Argos, filho de Zeus e Níobe, foi um célebre príncipe da Argólida. Possuía cem olhos, dos quais cinquenta estavam sempre abertos. Hera, enciumada com a mais recente amante de seu esposo Zeus, confiou-lhe a guarda de Io, que o pai dos deuses e dos homens, por temor à esposa, havia metamorfoseado em vaca. Zeus, saudoso de Io, encarregou seu filho Hermes de adormecer Argos, o que foi conseguido graças ao som eletrizante de uma flauta. Hermes cortou a cabeça do adormecido Argos e libertou a prisioneira. Hera, para compensar os esforços do guardião, transformou-o em pavão, em cujas penas espalhou os cem olhos.

– *Três as mulheres de luto dando vazão à sua febre raivosa. Vingança eterna e insaciável (...) Alecto!*

As Erinias (Fúrias), Alecto, Tisífone e Megera, filhas de Plutão e Perséfone ou de Aqueronte e da Noite, são representadas vestidas de preto, com o rosto ameaçador, a cabeça eriçada de serpentes, tendo na destra uma tocha inflamada e na mão esquerda um azorague de cobras.

Divindades infernais do ódio, da vingança e da justiça, monstros da vingança dos deuses, executavam as sentenças que puniam os crimes dos homens. Megera, personificação da inveja e do ódio,

perseguia os culpados e semeava a discórdia entre eles; Tisífone, armada de um chicote, os açoitava; Aletto, a mais terrível, personificava a cruel vingança.

– *A queda no espaço vazio, em espiral, sonho incubo.*

Como já se disse, para gregos e latinos, o sonho era sempre manifestação divina. Havia, no entanto, “sonhos bons” e “sonhos maus” e, por isso mesmo, Pitágoras e Platão procuraram desenvolver, com auxílio da ascese, a técnica de sonhar bem, afastando, em consequência, os sonhos provocados por gênios noturnos e perversos. No rol dos sonhos demoníacos estavam os incubos, isto é, sonhos provocados por demônios que se supunham descer sobre as pessoas, causando-lhes terríveis pesadelos. Os cristãos nas *Completas* cantam ainda (ou cantavam) *Procul recedant somnia et noctium phantasmata* – para longe os sonhos e os fantasmas noturnos.

– “*Oneiros*”, disse o professor. *E pausa.*

Oneiros é o deus ou deuses dos sonhos.

– *A conversação girava em torno das ideias de Pitágoras, ou mais propriamente do último livro das Metamorfoses...*

Metamorfose, título de várias obras da antiguidade (imitadas até hoje) que, sob uma forma épica, contam as transformações de seres humanos em animais, fontes, árvores e objetos diversos.

As *Metamorfoses* a que se refere o autor pertencem ao poeta latino Públio Ovídio Nasão (42 a.C. – 18 p.C.) Trata-se de um poema em hexâmetros, composto de 15 livros, com mais de 12 mil versos. A obra, uma das mais significativas da literatura latina, narra duzentas e quarenta e seis lendas sobre metamorfoses, dispostas em ordem “cronológica”, desde o Caos até a metamorfose em astro de Caio Júlio César.

– *E aqui tome-se o fio interrompido de um sonho (...) assim o Destino cumpre o decreto inelutável.*

Moira (porção, parte que cabe a cada um) é a personificação do destino. No princípio, cada um tinha a sua Moira, o que significa sua parte (de vida, de felicidade, de desgraça...), depois essa abstração tornou-se uma divindade. Impessoal e inflexível, a Moira encarna uma lei que nem mesmo os próprios deuses poderiam transgredir, sem grave ameaça à ordem universal. A pouco e pouco desenvolveu-se a ideia de uma Moira universal, a que os próprios deuses estavam sujeitos. Com as epopeias homéricas (*Ilíada e Odisseia*) a Moira passou a ser representada por três irmãs, as Parcas: Cloto, a que fia, Láquesis, a que sorteia e Átropos, a inflexível, a que corta o fio da vida.

– *E logo a visão de onde tem começo o mundo subterrâneo*
 (...) *A primeira cena. O julgamento.*

Nestes textos, como em vários outros, o autor se refere ao Hades (Inferno) com a respectiva topografia, divisão, juízes, julgamento, divindades, castigos, tendo tido por fonte de inspiração a concepção grega da outra vida, ora isoladamente, ora através do VI canto da *Eneida*, poema épico de Públio Vergílio Marão (70-19 a.C.), ora através da *Divina Comédia* de Dante Alighieri, cuja base, sob muitos aspectos, para a composição do Inferno foi, como se sabe, o mesmo Vergílio. Parece conveniente, por isso mesmo, apresentar logo uma visão geral da concepção greco-latina do Hades.

O reino de Plutão é comumente designado por Hades, Orco, Tártaro, Inferno, Campos Elíseos e Érebo.

a) Hades, sem etimologia segura, designa tanto o deus infernal, Plutão, como seu reino, o Inferno.

b) Orco, também sem etimologia certa, é sinônimo de Hades.

c) Tártaro (coisa tenebrosa?), é o local subterrâneo em que se precipitavam os criminosos.

d) Inferno ou Os Infernos, do latim *Infernu*. Etimologicamente *infernus* é um *doublet* de *inferus* (que se encontra em baixo) por oposição a *supernus*, *superus* (que se encontra em cima), donde a oposição: *di superni* ou *superi* (deuses do Olimpo) e *di inferni* ou *inferi* (deuses do Hades). Por isso mesmo, *inferi*, *orum*, designava, necessariamente, “os habitantes do mundo subterrâneo” e *inferna*, *orum*, as mansões desses habitantes.

e) Campos Elíseos, local onde ficavam os bem-aventurados.

f) Érebo, a escuridão tenebrosa.

Localização do Hades: o Orco era concebido como um imenso labirinto subterrâneo, aonde iam ter as almas, após a morte.

Travessia das almas: Caronte. Os rios. Julgamento.

A entrada para o Hades se fazia, ou pelo Cabo Tênaros (sul do Peloponeso) ou por uma caverna existente perto de Cumas, na *Magna Graecia* (Itália). Deviam as almas, para atingir o Hades, atravessar na barca do torvo Caronte, barqueiro do inferno, os quatro célebres rios: Estige (o glacial, o odiado), Aqueronte (o rio das dores), Cocito (o rio dos gemidos) e Piriflegetonte (o rio de chamas ardentes). Caronte deixava de transportar não só as almas que não podiam pagar a passagem (daí o hábito de se colocar uma moeda na boca dos defuntos), mas também aquelas cujos corpos não haviam recebido sepultura. Constituía, por isso mesmo, um dos maiores sacrilégios o fato de se deixar um corpo insepulto.

Chegadas ao Hades, apresentavam-se perante o tribunal do Orco, constituído de três juízes integérrimos; Éaco (julgava os europeus), Radamanto (asiáticos e africanos). Em caso de dúvida, Minos intervinha e seu veredicto era inapelável.

Divisão do Hades.

O reino de Plutão e Perséfone dividia-se em três zonas: Érebo (trevas infernais), Tártaro (aonde eram lançados deuses criminosos e mortais irrecuperáveis) e Campos Eliseos (planície dos bem-aventurados).

Divindades do Hades.

Hades ou Plutão, rei dos infernos.

Perséfone, esposa de Hades.

Erínias, divindades da expiação e do remorso. Perseguiam os culpados, batendo-lhes com varas e tições ardentes. Eram elas: Alete (a implacável), Megera (o ódio, a inveja) e Tisífone (vingadora do homicídio).

Nênese (a justiça distributiva, donde a vingadora da injustiça praticada).

Cérbero, cão de três cabeças, com o pescoço eriçado de serpentes, montava guarda à porta do inferno.

Vergílio, no VI c. da *Eneida*, aproveitando-se do inesgotável tesouro da mitologia helênica, completa a visão que se acabou de dar, com a teoria da metempsicose, muito em voga entre os adeptos de Pitágoras e de Platão e a descrição minuciosa da Entrada do Hades, a que o Autor se refere no “Guia do Mundo Subterrâneo”.

Seria talvez mais proveitoso ouvir o próprio Vergílio: “No limiar e nas primeiras gargantas do Orco puseram seus covis o Choro e os Cuidados Vingadores; habitam aqui as Pálidas Doenças, a Velhice Triste e o Medo, a Fome, má conselheira e a Indulgência repugnante, figuras terríveis à vista, e a Morte e o Trabalho, depois o Sono, consanguíneo da Morte, e as más alegrias de um coração perverso e a Guerra mortífera na entrada fronteira ao vestibulo, e os férreos tálamos das Fúrias, e a insensata Discórdia, tendo atada com fitas ensanguentadas a cabeleira de víboras”... *Eneida*, c. VI, vs. 273-281.

– *O Eco, detrás das pedras; a moça e o girassol.*

Eco, ninfa, filha do Ar e da Terra, favorecia as infidelidades de Zeus, distraindo Hera, com longa e atraente prosa, sempre que o deus supremo descia à Terra, para se entregar a ligações amorosas com as ninfas. Tendo descoberto a astúcia, Hera metamorfoseou Eco em rochedo, condenando-a a não mais falar, senão quando interrogada e a repetir sempre a última palavra das que lhe fossem dirigidas.

– *Ave, Priapo.*

Priapo, filho de Baco e Afrodite, foi o grande deus da cidade asiática de Lâmpsaco. Representado sob a forma de uma personagem itifálica (com o falo em ereção), com orelhas de cão ou asno, tinha na cabeça uma coroa de folhas de vinha ou de loureiro. Deus da fecundidade, símbolo da energia fecundante vegetal e animal, Priapo era o guardião dos vinhedos e dos jardins. Seu atributo essencial era com efeito afastar o mau-olhado e neutralizar os malefícios e as pragas dos invejosos que procuravam prejudicar as colheitas.

– *Invocação de Nêmesis. Ate.*

a) Nêmesis, filha da Noite, é simultaneamente uma divindade e uma abstração. Como divindade foi-lhe consagrado um mito: amada por Zeus, procurava evitá-lo, metamorfoseando-se em tudo que lhe ocorria, até que se transformou em pata, mas Zeus metamorfoseou-se em cisne e uniu-se a ela. Nêmesis pôs um ovo que foi recolhido por pastores e entregue a Leda. Desse ovo nasceram Helena e os Dioscuros (Castor e Pólux). O mito evidentemente está relacionado com o valor simbólico de Nêmesis, pois que esta personifica a vingança divina, encarregada que é muitas vezes como as Erínias de castigar os crimes dos homens e sobretudo de punir toda e qualquer *démesure*, como por exemplo o orgulho e o excesso de felicidade de um mortal. Eis aí uma das concepções fundamentais do espírito grego: todo aquele que se eleva acima de sua condição mortal, isto é, todo aquele que ultrapassa o *métron* (medida de cada um), comete uma *hybris*, uma violência, uma *démesure*, ficando, por isso mesmo, sujeito a represálias dos deuses. A ultrapassagem do *métron*, com efeito, tende a transformar a ordem do mundo e põe em perigo o equilíbrio universal, devendo o infrator ser punido.

b) Ate é a personificação da cegueira da razão, da loucura e, por extensão, a divindade que pune toda e qualquer falta cometida, após se tornar cego o espírito. Ate é de importância capital na estrutura da tragédia grega: o herói, após ultrapassar o *métron*, cai em *hybris* (violência feita aos deuses e à ordem universal); desta é arrastado para Nêmesis (a vingança que pune a *démesure*) e lançado em Ate (a cegueira da razão) que o cega e pune as faltas cometidas nesse estado, atirando-o por fim nos braços da Moira, o destino cego.

Miticamente Ate é apresentada como uma divindade de extrema leveza, cujos pés pousam sempre sobre a cabeça dos mortais. Quando Zeus jurou que daria a supremacia ao primeiro descendente de Perseu, que estava para nascer, submetendo, por isso mesmo, Hércules ao rei Euristeu, Ate conseguiu enganá-lo. Zeus vingou-se, lançando-a do Olimpo. Ate caiu na Frígia, numa

colina que recebeu o nome de Colina do Erro. Foi exatamente aí que Ilo construiu a cidadela de Ílion (Troia). Impedida de retornar ao Olimpo, Ate permaneceu na Terra e é por isso que o Erro é um triste quinhão da humanidade.

– *Ator ou hipócrita.*

O ator exatamente por estar em êxtase (fora de si) e em entusiasmo (possuído de um deus) faz um papel que não é o seu, tornando-se assim um *hypocrités*, isto é, ator, “o que responde” em êxtase e entusiasmo.

– *Perseu cortando a cabeça de Medusa, o monstro sem expressar nenhum sentimento na face.*

Perseu era filho de Zeus e Dânae. Por ordem de seu avô Acrísio, pai de Dânae, Perseu foi encerrado com a mãe em uma caixa e ambos atirados ao mar. Arremessados pelas ondas à ilha de Sérifo e encontrados por pescadores, foram levados à presença do rei Polidecto, que tomou a seu cuidado a educação do jovem príncipe. Mais tarde, apaixonado por Dânae e querendo desposá-la, procurou livrar-se de Perseu, para o que lhe ordenou fosse combater as Górgonas e lhe trouxesse a cabeça de Medusa, cujos olhos tinham o poder de transformar em pedra a quantos os vissem. O rei estava certo de que Perseu pereceria nessa perigosa empresa, mas os deuses vieram em seu auxílio: Atená emprestou-lhe o escudo, de cujo espelho se serviu Perseu para guiar o golpe, sem encontrar o olhar de Medusa; Plutão cedeu-lhe o capacete, que o tornaria invisível; Hermes deu-lhe suas sandálias aladas e a espada forjada por Hefesto. Munido de armas tão formidáveis, Perseu voou até a habitação das monstruosas Greias, Enio, Pefredo e Dino, irmãs mais velhas das Górgonas. No momento em que uma delas passava às outras o olho e o dente únicos de que todas se serviam em comum, Perseu os arrebatou e só os restituiu depois de conseguir delas a indicação precisa do esconderijo das três Górgonas, Medusa, Euríale e Ésteno. Para lá se dirigindo, surpreendeu-as em profundo sono, cortou a cabeça de Medusa e fugiu, montando no cavalo Pégaso, nascido do sangue do monstro. Chegando a Sérifo, soube que Polidecto maltratava a sua mãe, a quem, por meio de violências, pretendia unir-se. Apresentou-lhe então a cabeça de Medusa, convertendo-o numa estátua de pedra.

– *Nesse momento surgiram três mulheres com passo apresado: “É o tal” – falaram ao mesmo tempo em tom raivoso...*

O autor, conhecedor profundo que é da literatura grega, “traduziu”, para usar da feliz expressão de Heidegger, a cena terrível da perseguição de Orestes pelas três Erínias na última tragédia da grandiosa trilogia de Ésquilo, *Oréstia, Eumênides*, vs. 255-270.

– *À sinistra margem do rio, por vontade de altos poderes, há de vagar a alma de quem não recebeu os devidos ritos fúnebres.*

A sepultura é um dos pontos fundamentais da religião grega. Deixar um corpo insepulto é condenar a alma a voitar eternamente em torno do Hades, sem paz, sem descanso, sem esperança, como se pode ver através da majestosa tragédia de Sófocles, *Antígona*.

– *Um homem loiro personificando a Hidra de Lerna.*

A Hidra era um dragão ou serpente monstruosa que vivia nos pântanos de Lerna, na Argólida. Possuía sete cabeças que renasciam, quando cortadas, enquanto não fossem decepadas de um só golpe. Somente Hércules conseguiu cortá-las de uma só vez e em seguida molhou suas flechas no sangue do monstro, para que produzissem feridas mortais.

– *Naquele momento queria apenas esquecer de tudo, uma lassidão irresistível apoderara-se de seus membros. E logo após ter tomado daquela água, experimentou um como sono letárgico.*

As almas, após determinado tempo no Hades, tinham de regressar a esta vida para reencarnar-se; bebiam, no entanto, das águas do rio Letes (rio do esquecimento) a fim de não mais se lembrarem do mundo do além. Vergílio, *Eneida*, c. VI, vs. 713-715, fala a esse respeito: “As almas, às quais são devidos pelo destino outros corpos, bebem junto das águas do rio Letes uns licores seguros e perpétuos esquecimentos”.

– *De então em diante passou a nomear o homem-fera de Górgono.*

Naturalmente por ter-se tornado um monstro semelhante às Górgonas.

– *O professor ao homem da caverna: “Dançar, Górgono, dançar” – assim como Ulisses na gruta com os companheiros exortava o ciclope a provar o líquido inebriante.*

O encontro de Ulisses e doze de seus companheiros com o medonho ciclope Polifemo, filho de Posídon e da Ninfa Toosa, é narrado em minúcias por Homero, na *Odisseia*, c. IX, vs. 216-460, cuja síntese é a seguinte: atirado por uma tempestade às costas da Sicília, Ulisses penetrou com doze de seus companheiros na gruta do mais terrível dos Ciclopes, Polifemo, que devorou seis dos nautas aqueus. Ulisses, todavia, sem perder a calma, oferecendo-lhe vinho por três vezes seguidas embriagou-o e vazou-lhe o único olho. O ciclope, ferido, deu urros medonhos, atraindo os demais ciclopes e quando estes, ao saberem do ocorrido, perguntaram o nome do agressor, Polifemo respondeu-lhes chamar-se Udéis, Ninguém, pois o esperto Ulisses dissera ser este o seu nome. Os demais ciclopes,

julgando que o filho de Posídon havia enlouquecido, retiraram-se. Polifemo, porém, para impedir que os prisioneiros escapassem, colocou-se na entrada da gruta e tomou tal posição, que as ovelhas, para saírem, tinham forçosamente que passar, uma a uma, entre as suas pernas e sob o contato de suas mãos enormes. Ulisses, fecundo em recursos, e seus companheiros amarraram-se por baixo das ovelhas e conseguiram escapar.

PRIMEIRA PARTE

O último dia do homem.

História de um cientista em conflito consigo mesmo e com o mundo, que em determinado momento toma consciência da verdadeira natureza do homem, com suas fraquezas e limitações, angústias, paixões, seus contrastes e sua dualidade – mas dotado de uma força interior tenaz que o impele à busca de si mesmo, à descoberta de suas origens, e ao segredo do próprio Universo que o envolve.

O professor, imbuído de um idealismo sublime, procura com todo o afã encontrar os meios que possibilitem ao homem – alterando artificialmente sua trajetória natural – distanciar-se cada vez mais de seu ponto de origem, ou do ser primitivo que lhe serviu de modelo e que lhe transmitiu por herança toda uma carga de atavismo com suas implicações. À medida que se aprimora, vai-se desvencilhando das peias que o prendem a seu estado anterior. Desviando o Tempo de sua rota natural, lança o ser humano no futuro.

Violentando o princípio da evolução gradual, o professor se atribui a missão de elevar a espécie humana a alturas superiores, sem percorrer as diversas etapas do processo evolutivo normal.

Dada a magnitude da tarefa, o cientista fracassa na consecução dos objetivos, e cai vítima da própria invenção que o leva fatalmente à ruína. É a impotência humana diante do Universo, do mistério insondável.

Tempo, Espaço, infinito, o primeiro átomo – são alguns dos temas tratados no livro, além do aperfeiçoamento do Homem, preocupação constante do professor, o *thânatos*, e as raízes do Bem e do Mal.

A alegoria está sempre presente. Assim, e só para citar as principais: Giny, a encarnação da mulher do futuro, modelo de ser humano que mais se aproxima da perfeição, o Amor sublimado,

simboliza a Filosofia, ideal inatingível, consubstanciação do *Mithos*. Górgono, o ser primitivo, representa a matéria desprovida do espírito – ou do *logos*, da Razão – acúmulo de conhecimentos transmitidos através de gerações, orgulho do gênero humano.

Densidade, dramaticidade, condensação, estruturas de camadas superpostas e assimétricas, arquitetura intrincada que se situa dentro de um arcabouço lógico, uma concepção rígida e um plano preconcebido seguido à risca norteiam o livro em todas as ramificações.

A simbologia atua como pano de fundo, mas está intimamente ligada com a realidade dos fatos, como num contraponto literário. Tomemos, por exemplo, o episódio do Senhor Blau. O professor, consternado, depois do enterro deixa-se ficar no cemitério, que simboliza o lugar de transição entre dois mundos. A cena seguinte é surrealista, focaliza a descida aos infernos e a evocação dos mortos. O veículo é o pensamento do professor, isto é, o seu pesadelo, que o transporta para o Além. Num estreito paralelismo com Vergílio e Sibila, a própria Morte é o guia do mundo subterrâneo.

Há a fusão de duas versões na concepção do inferno: – o inferno clássico-mitológico, e o cristão – onde elementos heterogêneos se unem em perfeita simbiose. Há, ademais, outras características, encontráveis na obra de Dostoievski, em que o limbo do inferno começava na Terra. (Leia-se a propósito o episódio do “Édito” – em que o computador arrola as notícias dos jornais: epidemias, cólera, peste, desastres, inundações, incêndios, guerras, etc..) Além disso, há uma contribuição original: o inferno singular. Diferente da concepção e síntese dantesca, constituída de legiões e legiões de danados, aqui o inferno é individual, no sentido de que praticamente um indivíduo é receptáculo das diversas gradações de suplícios. O sonho íncubo não traduz o sentimento de culpabilidade do professor? No que se refere à Geografia dos infernos, novas sendas são percorridas, com a introdução de um corredor, que simboliza o Espaço infinito e o Tempo, “onde o último dos castigos equivale ao aniquilamento total”.

Por que inferno? O professor não tinha um terrível complexo de culpa? Tal manifestação é patente na cena do Julgamento, em que está em foco também o próprio julgamento da Ciência.

As principais figuras mitológicas são passadas em revista, componentes do mundo inferior. Estas mesmas personagens identificam-se, num trabalho de recriação, nos capítulos posteriores, com seres da vida real. Assim, o homem da ponte equivale a Caronte; o bando de rapazes e moças que iam ao baile de máscaras, atenzando

o professor, equivalem aos demônios; o homem que representa a Lei é a personificação do Juiz do Inferno; as três irmãs que o acusam são as megeras, as Fúrias (que mais tarde também reaparecem, incitando a multidão para linchar o professor), e mais muitas outras alusões. O próprio Senhor Don, não são vínculos, os meios que estabelecem contato com a parte má de nossa consciência? Ou são os agentes externos que influenciam (ou determinam) a nossa conduta em sociedade?

Num condado qualquer da Inglaterra...

Imagine-se uma cidade, no alto da montanha havia um castelo. O professor levantou-se estremunhado, como se com febre, a mente ainda estonteada de sono, os olhos congestionados. Pediu ao mordomo que trouxesse um cálice de conhaque, por favor. Molhou o rosto com água fria – o corpo dormido de mau jeito e cheio de dores. Era um castelo reconstruído, circundado por bosque e árvores altas e gramado. Propriedade privada – ali ninguém entrasse sem permissão; cães amestrados guardavam dia e noite o portão de grades de ferro, e um homem de vigília. O professor ilhado com seus livros fugia do convívio social. Isto é, quase. Ocasionalmente vinha à cidade para uma ou outra coisa. Acudia constante às suas aulas na Universidade, chegava nunca atrasado, antes de começar consultava o relógio de bolso pelo qual tinha muita predileção.

Resumo de uma aula em que o professor falava sobre a ciência objetiva dos sonhos.

Começou por salientar que se privado de sonhar o homem morre, depois de chegar à insanidade no prazo de poucos dias. Através dos séculos tidos como manifestações sobrenaturais, finalmente chegou-se à conclusão que os sonhos eram simples produto da atividade mental. O mecanismo dos sonhos, sua interpretação e análise. Depois falou sobre a vigília, a sonolência, o estado de transição ou intermediário, o sono ligeiro e o médio e o profundo. O ritmo do sonho: o ritmo alfa, o beta, o delta. A fase paradoxal e os REMS. A porcentagem de tempo dedicado ao sono no transcorrer da idade – desde o nascimento prematuro até à velhice. O período dos sonhos e a sua repetição cíclica. A prova experimental de recordação do conteúdo dos sonhos. O rumor branco ou neutro. “...Entre as fases de sono profundo (ondas alfas) e as paradoxais (fases do sonho), um círculo invariável de tempo...”

Um enorme gráfico sintetizando o sono: a) traço da atividade elétrica do cérebro; b) curva da temperatura do corpo; c) profundidade do sono; d) movimentação do corpo humano no período de sono; e) as horas de sono do paciente.

De como o professor chegou à sua mansão naquela tarde, cansadíssimo...

Um carro preto parou em frente ao portão. O chofer fez um sinal, o chofer muito bem uniformizado, de terno escuro com botões dourados e quepe apropriado. O veículo cruzou rápido a alameda. O professor tirando os óculos, colocando as mãos nas têmporas. Cambaleante – mas sem permitir que ninguém o ajudasse – chegou até à sala para estirar-se no divã. Em seguida fez gestos ao criado para que trouxesse os seus remédios e água. Que se retirassem todos, ninguém perturbasse.

O diálogo.

Uma voz como se do Além: “Acorde, professor, já é quase dia”.

Este se despertava com a costumeira sensação, como quando um peso é puxado do fundo das águas para a superfície, e – “Que faz aqui?” – parecia inquirir com os movimentos paralisados pelo torpor, como quem recobra a consciência, passado o efeito do narcótico.

– Isto não tem importância.

Que mesmo o que queria?

– Ajudá-lo.

Como tinha entrado, burlado a vigilância? De que maneira...

– Não pense, professor, alivie o espírito das dúvidas.

Quem era aquele homem? Acalmado o ânimo, o professor a examinar o estranho. De indumentária negra, ruivos o cavanhaque e as sobranceiras, o olhar inexplicável como as figuras de cera tem os olhos sem o líquido retinal. Ele próprio parecendo uma figura de cera, não fossem pelos ágeis e compassados gestos elegantes. Deu uns quantos passos largos, de costas para o professor. Parecia conhecer a casa em todas as suas intimidades.

– Posso?

Tão seguro de si. E foi servir-se de bebida, não antes de pegar dois cálices.

– Conhaque?

O professor estarecido, nada respondeu. A presença daquele tinha uma força estranha.

O intruso repetiu a pergunta. “– Quer?”

O professor assentiu com a cabeça.

O outro: “*Ecco!*”

Os dois se entreolhavam.

Depois de uma pausa. Bruscamente.

– Tire a máscara, professor.

Como? A tanto se atrevia?

Ora... Esperasse, os outros iam vir. Com uma ordem sua, e a ousadia... Mas o estranho com um gesto só e uma palavra dissuadiu o professor. A pessoa toda do cientista tremeu quando o homem ruivo mostrou ter pleno conhecimento dos experimentos que ele vinha levando a cabo. Mas como? Se ninguém sabia!? Tudo não era segredo total?

– Eu sei o que o senhor sabe.

Formal. Sarcasticamente. De que modo tinha se inteirado?

– Pelo senhor.

– ?

Como se chamava?

– O nome acaso faz diferença?

Insistiu o inquiridor.

– Às vezes me chamam de Senhor Don.

Em que discutem as teorias do sábio professor. Afligido pela angústia do tempo, eis em síntese o que visava: suprimir o sono do ser humano, ou reduzi-lo a tempo mínimo.

– O que em última análise equivaleria a um aumento de vida, visto que o homem *perde* um terço de sua existência dedicado ao sono.

– Mas e não é contrariar as leis fundamentais da natureza? Não é próprio do ser humano? A essência das coisas.

Interrompeu o professor: “Nada é, tudo vem a ser”.

Ou: “– As coisas no seu permanente estado de mutação”.

O Senhor Don: “Certo”.

Acreditava o cientista que o homo sapiens sofreria transformações radicais também físicas?

O Senhor Don: “De maneira que: o homem atual está para o Neanderthal assim como o homem do futuro está para o atual na mesma relação, sendo igual o interregno de tempo?”

O professor: “Não na mesma relação; é sabido que o homem não se modificou muito nos últimos períodos”.

Continuando: “O que se pode dizer com segurança é que haverá transformações – atrofia de determinadas partes do corpo (citou os órgãos rudimentares como exemplo), desenvolvimento de faculdades até agora desconhecidas. O homem, provindo de uma forma inferior, não é passível de modificações em sua estrutura física e em suas faculdades mentais? À medida que os antecessores do homem tomavam com grande vantagem a posição vertical – paulatinamente convertendo-se em bípedes – verificaram-se muitas mudanças na estrutura corpórea. O livre uso de mãos e braços, antes empregados como meios de locomoção. Os pés mais aplanados, preparados para suportar o peso todo do corpo, em detrimento da faculdade apreensora. Alargou-se a pélvis; a cabeça e a espinha dorsal tomaram posição diferente”.

O Senhor Don. (Falando para si.): “*Nihil novis sub sole*”.

O professor: “E se houvesse uma causa artificial que fizesse avançar o processo evolutivo?”

O Senhor Don: “Um salto do homem na História?! *Natura non facit saltum*”.

O professor: “– Uma causa que contrariasse o princípio da evolução gradual”.

O Senhor Don: “De modo que o senhor... a supressão do sono...”

O professor: “– A supressão do sono é apenas o início de todo um processo. O que vem depois...”

E olhando para um ponto fixo, o pensamento absorto como se distante. A supressão do sono, permitindo maior concentração de esforços por parte do homem em todos os setores de atividades, não promoveria um adiantamento muito mais rápido das Artes, Ciências e Letras?

Verdade é que o professor por meio da combinação de elementos químicos procurava chegar à descoberta do líquido supressor do sono, chamado por ele projeto Argos.

O Senhor Don: “Quais as consequências?”

Ou também: “Que alterações no organismo humano?”

E: “E a psique? de que maneira seria afetada?”

E: “– E o metabolismo?”

Ou: “– Se possível abolir o sono...”

(Depois da pausa.): “...E o sonho?”

E (com a mão no cavanhaque): “Com o prolongado uso da droga, o organismo adaptar-se-ia?”

Mais ainda: “Os efeitos hereditários?”

O uso constante da droga através das gerações não tenderia a introduzir modificações hereditárias?

O professor: “As futuras gerações já não necessitariam do Argos. Admitindo a teoria...”

E nesse ponto o cientista interrompe-se; cai em si; quer a todo custo conhecer a identidade do interlocutor; chama a criadagem. Passos no corredor.

Naquele momento sente-se mal, a cabeça inchando, uma terrível pressão nos ouvidos, dor nos pulmões, o Senhor Don como desaparecendo em fumaça, ou seu rosto tomando formas diversas como quando a figura se deformando diante do espelho convexo. Aquela cena não lhe saía da mente. Depois aquela cena não lhe saía da mente, a cena, o estojo, o Senhor esteja contigo, “professor impostor”, ou: “A tanto ousa a mente-humana-mente-ousa-desvendar-o-Lado-proibido?” A falta de lógica da discussão: “Eu sei o que o senhor sabe”. Três as mulheres de luto dando vazão à febre raivosa. Vingança eterna e insaciável. O duro aço te cortará o pescoço. Alecto! A queda no espaço vazio, em espiral, sonho íncubo. O professor se sentia culpado? A impressão de estar mergulhado de cabeça para baixo, qual pássaro sem asa, até o desmaio.

Pouco a pouco recobra a consciência. Gente em volta. Pergunta pelo Senhor Don.

– Quem?!

Impossível. Ninguém poderia ter entrado, especialmente àquela hora quando os cachorros à solta. Mas e como se explica o fato de dois copos em cima da mesa, professor? No momento ele não queria pensar, lasso, a custo mantendo as pálpebras em movimento, aquela sonolência toda, o vento batendo na vidraça com força, o vento batendo na vidraça com força...

– O doutor deseja alguma coisa?

Que não.

Algumas horas mais tarde o cientista dirigiu-se ao laboratório da Universidade.

Com a aplicação de elétrodos no crânio de pacientes, preparava-se para estudar a sua atividade cerebral. Depois, com o auxílio de instrumentos de observação – medidores do movimento de bulbos oculares, do ritmo da respiração e outros – para identificar o período de tempo em que sonhavam.

Começou pela moça que sonhava com cavalos, no caso manifestações do instinto sexual reprimido por traumas psicológicos ou por censuras impostas. Deitada no divã, as mãos postas sobre o ventre. O crânio ao encefalógrafo, captando pequenas correntes elétricas de 30 microvolts. A agulha do aparelho sobre o papel especial agitando-se a razão de 8 a 10 ziguezagues por segundo. A própria amplitude destes variando sem parar a cada dois-três segundos. Caracterizado o ritmo da vigília em repouso, o ritmo alfa. Para efeito de demonstração, fez soar o alarma. Imediatamente a aceleração do ritmo. Como quando o esforço cerebral...

Em seguida foi observar outro paciente, um velho quase em sono profundo. O aparelho registrava um ritmo muito lento, 1 a 3 ziguezagues por segundo, ritmo delta. E à medida que o sono era mais profundo, de forma mais lenta se movia a agulha. Quantas vezes no decurso de sua vida lembrar-se-ia o professor daquele velho, quem viu em sonho premonitório os acontecimentos da própria morte? Comprovou o fato o próprio professor, acompanhando o féretro até ao cemitério, maravilhado com a coincidência de detalhes, descritos com tanta clareza e precisão. Até que ponto é permitido desvendar os mistérios da mente humana? Até que ponto prever o futuro pelos sonhos? E o supersonho? E a hipervigília?

O terceiro paciente do laboratório-dormitório. Acordou-o bruscamente em plena fase do sonho, fase paradoxal, tão logo notou o rápido movimento dos olhos. Para fazer a prova experimental da recordação do sonho. Já tinha sonhado quatro ou cinco vezes, a intervalos de 80 a 100 minutos, desde o momento em que entrou no primeiro sono profundo.

O rumor branco ou neutro. O catedrático preparava-se para fazer experiências com outro paciente, segundo técnica conhecida, para recolher com fidelidade as experiências resultantes da atividade onírica, sem que intervissem as cargas de censuras de quando a mente recorda em estado de vigília, quando a psique funciona em estado normal.

O gato submetido a experimento. O próprio professor ensinando aos alunos de diversas classes, para pôr a teoria em prática tinha feito a ablação de partes do cérebro do felino, para que fosse impedido de sonhar. Verificou-se o mesmo que se tinha verificado em

experiências anteriores: o gato dormia, mas não sonhava. Primeiro a alucinação, após terceiro ou quarto dia, depois a loucura; e finalmente a morte no fim de três meses. O assistente lendo a autópsia: “Lesões nas glândulas renais, que produzem a noradrenalina, substância química que garante a transmissão de influxo nervoso entre grande parte dos neurônios do organismo”.

O professor deixava o laboratório após três dias e tantas noites de intensos trabalhos, exaustivas pesquisas para coletar dados e analisar os resultados.

Chegado que foi à sua casa, dirigiu-se ao laboratório particular que ficava nos fundos, onde ninguém tinha acesso. Já se sabia: quando o cientista ali, luz vermelha da entrada acesa, que não ousassem bater à porta para interromper, por mais importante que fosse, já que entrar nunca podiam.

Teve tempo para uma chávena de chá. Indecisão? A dúvida vinha e voltava. Como as ondas do mar vinham e voltavam, ou em baixo se chocavam com estrépido contra os rochedos. Antes de dormir queria experimentar em si os efeitos de uma droga, quando em insônia. Misturou com cuidado extremo líquidos dos diversos tubos de ensaio, seguindo a fórmula sua. Todo ele hesitava. Suor frio. Era a primeira vez que aquele líquido corria nas veias de um ser humano. Era tarde demais para voltar atrás?

Que queria o professor? Até que ponto se consumiria para descobrir aquela verdade da Ciência? Ambição? Curiosidade científica? Homem de ideia fixa? Ou uma força maior que o arrastava àquele fim? Por um momento o olhar tornou-se tenso, as mãos procurando atingir algo invisível. Sentou-se depois. Apoiou a cabeça nos braços ou na mesa. E, estando em tal postura, adormeceu.

O regresso do Senhor Don.

Um vento frio entrando pela janela semiaberta. O barulho do mar. Primeiro os passos, depois a figura.

O Senhor Don, com gestos de paz: “Liberte-se de todo o temor”.

(Entre os dedos o rei de copas): “A glória?”

(Olhando para a faca de dois gumes): “Os fins não justificam os meios?”

Andando de um lado para outro.

O professor: recobrando o ânimo pouco a pouco, a cor voltando-lhe ao rosto. Seu olhar entre interrogativo e surpreso:

– O senhor aqui?!

E levantou-se com movimentos rápidos, indo até à janela; dificuldade de respiração, crise dispneica.

O outro em voz alta como num teatro lendo trecho em latim.

Um dia de domingo quando o amigo do professor, o Senhor Blau, “que bom dia, eh”, vinha com importantes notícias.

Que nos círculos científicos se comentava insistentemente sobre a atitude estranha do professor, e esquiva. Rumores de que experimentos contrários à ética profissional tinham sido levados a efeito. Que o incriminavam por desaparecimento de um cadáver do Cemitério Municipal. Por intermédio da Associação Médica iam solicitar se fizessem investigações rigorosas a respeito.

O cientista impassível: “Nem por isto...”

Depois fez uma como palestra, relembrou episódios vários da vida de Galileo, Da Vinci, citou outros exemplos.

Surpreenda-se o Senhor Blau diante dos quadros alegóricos de Jeronimus Bosch em atitude de admiração.

Tentação de Santo Antônio, em que aparecem as figuras de pesadelo do pintor flamengo. E a representação de Adão e Eva no Éden. “*Oneiros*”, disse o professor. E pausa.

Depois passou-se a falar sobre o onirismo no ato da criação artística. O credo surrealista. Magritte, Dali, Ducase, Poe. *Metamorfose dos Amantes. Pôquer com Max Ernst. Os Esqueletos de Delvaus-Picabia. Van Hersgo. Jan Queor. E o quadro Adão, bem Apresentado*, de Husner.

Chegada a hora da ceia, o professor vegetariano convicto. A conversação girava em torno das ideias de Pitágoras, ou mais propriamente do último livro das *Metamorfose*s, em que o Poeta fala sobre o sábio.

“Tudo muda, nada perece: o sopro vital...” Ou: “Nossos mesmos corpos se transformam também continuamente, sem nenhum descanso, e o que fomos ou somos não o seremos amanhã; já passado aquele dia em que não éramos senão uma semente, mera esperança de homens, e habitávamos o seio materno. A natureza nos moldou ali com suas mãos de artista e, não querendo que nosso corpo ficasse encerrado entre...”

De repente o professor interrompeu a leitura. Viu a imagem do Senhor Don refletida no espelho. Deu um salto para trás, cobriu com a mão os olhos, com toda força queria expulsar da mente o pensamento. Meu Deus, aquele homem era verdade, tirado de um pesadelo? Até que ponto o homem é senhor de sua razão? Ou o Mal independe das ações humanas?

O Senhor Blau sem compreender a cena: “Precisa de um descanso”.

Por uma razão ou outra, o cientista resolve revelar o seu segredo. Temor da morte prematura, professor? O uso constante das drogas desconhecidas poderia levar à insanidade mental? Ou que queria deixar um discípulo para continuar a sua obra? O fato é que conduziu o Senhor Blau ao laboratório, única testemunha do resultado de suas pesquisas. Apontou-lhe um mapa colorido e cheio de luzes: os astros e sua posição no firmamento, em direção ao ápex. O professor, versado em Matemática e Astrologia. E...

– Existe no Universo uma força vital, a energia cósmica – resultado da maravilhosa e complexa combinação do movimento dos astros e sua interposição – passível de ser captada pela mente quando em estado superior, estado de gênio, que resulta da combinação de altas faculdades.

E como atingir este estado? Quando? – em interrogação o visitante.

Passaram então para a sala contígua, bem montado e moderno laboratório com dispositivos de segurança.

E o catedrático: “Eis!”

O Cérebro Cósmico, aparelho-veículo da energia pura? E como tinha chegado a essa descoberta o professor? Que fim visava? O cérebro de um idiota, conectado ao aparelho e estimulado pela energia, poderia desenvolver as suas faculdades mentais até chegar ao modelo de cérebro normal? Mais ainda: o cérebro normal de um indivíduo, submetido à ação do aparelho, poderia retroagir? Até que ponto? Às origens? Ao homem na forma anterior? Super-hipnotismo ou as altas esferas da Parapsicologia? E o fenômeno inverso: poder-se-ia chegar ao homem do futuro? Uma viagem através do tempo e do espaço. Qual o segredo da vida? No limiar do desconhecido.

O professor então vestiu o avental. Em seguida, fez entrar um aldeão que respondia pelo nome de Bo-Bo. Convidou-o

para que se sentasse na cadeira de estranhas formas, aplicou-lhe injeção na veia, o cérebro todo coberto pelos múltiplos fios que convergiam para um só ponto, uma espécie de capacete de cor muito viva. Depois pôs em funcionamento o aparelho, fazendo cálculos com a ajuda de um cérebro eletrônico. E então as explicações do professor. De como o homem evoluiu de uma forma inferior e quais as modificações que sofreu na estrutura física e nas faculdades mentais até à forma atual. E, se possível retroceder, reproduziria um tipo anterior? O homem atual sujeito a novas modificações de estrutura?

O professor fazia outros cálculos, pressionava os botões de controle do Cérebro Cósmico, movia a alavanca do Tempo. “O homem antediluviano.” À proporção que os ponteiros da máquina se moviam para trás, o paciente apresentava patentes sinais de retrocesso. O professor levou-o à sala de observações, não antes de tomar as devidas precauções. O Homem no seu processo involutivo. À medida que involui não apresenta características estruturais mais semelhantes com os animais de escala inferior, por estar em linha genealógica mais próxima de seu progenitor semi-humano?

Na sala de observações. De bípede a quadrúpede, o homem objeto de estudo se parecia ao macaco, não fosse pela ausência de pelos. Mudança no modo de locomoção: as mãos a suportar parte do peso do corpo, os pés com grande capacidade para a apreensão. Parecia ter adquirido muita força corporal e agilidade; e uma vontade irresistível de manter-se no alto, em cima dos móveis como se fossem galhos de árvores. “O Homem darwiniano!” Movia certos músculos com muita naturalidade, os quais se encontram no homem normal em estado rudimentar. Levantava a toda hora as sobrancelhas. Movia as orelhas. Contraía os músculos superficiais do pericrânio. Parecia ter apurado sentido do olfato, conforme vinha demonstrando com os alimentos. Comia carne crua que se lhe dava, quebrava nozes com os dentes de siso. Usava os caninos para se defender do cachorro, como se os tivesse muito desenvolvidos.

Entre o Senhor Blau e o professor.

O Senhor Blau, depois de demonstrar surpresa: “Se se continuar a experiência, o paciente submetido várias vezes à ação do Cérebro Cósmico, qual o resultado final?”

Mais ainda: “É possível descobrir o segredo da vida, o mistério da criação?”

O professor: “Aqui o limite. Ir além seria fatal para o paciente. O Cérebro Cósmico, atuando sobre o cérebro normal de um indivíduo, fazendo retroagir ou desenvolver as faculdades mentais, atinge o ponto máximo...”

O Senhor Blau interrompendo: “O senhor disse desenvolver?”

O professor confirmando.

O Senhor Blau maravilhado: “Então é possível chegar à visão do homem do futuro?!”

O professor pensativo.

O Senhor Blau: “E quais as implicações decorrentes? Como reagiria o homem do futuro no presente?”

O professor com a fisionomia afligida pela dúvida.

Das implicações decorrentes. Ou considerações de ordem geral. Pergunta.

– Quais as principais modificações na estrutura física do homem? Acreditava o professor ser possível recuperar em parte os sentidos do olfato, da audição, da visão? “O sentido do olfato, de grandíssima utilidade para a maior parte dos mamíferos, não assim é para o homem, cujo antecessor o tinha muitíssimo mais desenvolvido e o mantinha em constante exercício.”

Que dizer dos órgãos rudimentares? Ou das modificações no volume do cérebro à proporção que se desenvolvam as faculdades mentais?

Uma vez submetido à prova do Cérebro Cósmico, o indivíduo transformado reteria para sempre as aquisições do novo estado, ou voltaria às condições do estado anterior? Em suma: os efeitos são permanentes ou provisórios?

Todos os indivíduos poderão sofrer a ação modificadora e evolutiva do Cérebro Cósmico? Ou se apenas reservada a certos indivíduos com determinadas características? Se a verdade repousa na última indagação, um imenso abismo então a separar a humanidade – com a formação de uma classe privilegiada, super-seres, os homens do futuro no presente. E como se daria a convivência entre uns e outros? Mais ainda: qual a norma de conduta a ser seguida pelos indivíduos artificialmente evoluídos em relação aos gradualmente evoluídos? A grande superioridade dessa nova casta não levaria a humanidade a completo servilismo, ou mesmo ao extermínio – quer total, quer parcial? – de todos aqueles que não são considerados úteis à comunidade do futuro? Uma nova experiência em relação à seleção natural? O homem, antes de ocupar o lugar que lhe cabe na escala

dos seres orgânicos, teve de passar por uma série de transformações. Provido de instintos sociais por sua própria natureza, à medida que suas faculdades mentais se desenvolviam não ia adquirindo um sentido moral ou consciência? Ora, o *homo sapiens* do futuro teria o sentido moral mais aperfeiçoado, uma noção de consciência mais definida – e portanto maior responsabilidade? Sentiria mais simpatia por seus semelhantes? Sentir-se-ia mais obrigado a vir em seu socorro? Se assim fosse – o progresso em sua fase galopante – verificar-se-ia um surto de progresso inimaginável para a criatura humana em seus moldes atuais, se fossem gerados os tais seres. O desenvolvimento anormal em todos os setores da atividade. Os benefícios do futuro no presente. Um salto do homem na História. A Época da Razão, ou a volta à Idade do Ouro.

Como tinha chegado a essa descoberta do Cérebro Cósmico o professor? Para vir em auxílio aos retardados mentais? Chegou a alguma conclusão importante ao estudar a paralisação do desenvolvimento do cérebro dos idiotas microcéfalos?

SEGUNDA PARTE

*Quem nos guiará nessa viagem, já que nenhum homem chegou
jamais ao Hades em negro navio?*

HOMERO

Or discendiam qua giù nel cieco mondo.

DANTE

A morte do Senhor Blau.

O enterro às quatro horas da tarde. Quando o professor lá chegou – uma rica residência rodeada de boscaçem, com várias colunas gregas – já havia considerável aglomeração de pessoas.

O Senhor Blau com um aspecto muito sério, postura acadêmica, as mãos cruzadas sobre o ventre – de uniforme. O caixão bastante formal, impondo respeito pelo alto custo; de madeira especial, envernizado, metade da parte superior em vidro.

O coche fúnebre saiu pontualmente. A viúva muito bem trajada, liderando o cortejo, com as filhas e demais familiares. Atravessaram as alamedas do cemitério, em passo lento.

A morte com todos os seus detalhes: os discursos dos oradores, a oração final, as palavras elegíacas, o ato funéreo com o seu ritual e as normas preestabelecidas.

Uma tarde muito ventosa. Depois que todos se foram, o professor ainda ficou lá, o pensamento absorto nas coisas da vida. Punha a atenção no coveiro dando os últimos retoques. O homem tomando medidas, encarregado de erigir o túmulo. A lógica das inscrições, o *Memento homo*. Os pássaros indiferentes. Folhas caindo, o cheiro dos ciprestes. E flores diversas para perfumar a presença da morte.

O canto quarto. Ou a descida aos infernos.

E aqui retome-se o fio interrompido de um sonho. O professor como um autômato – indiferente, sem nenhuma expressão na face – a passo lento em direção ao abismo; assim o Destino cumpre o decreto inelutável.

De repente cai em si como quem recobra a consciência. E o medo paralisa-lhe os membros. Uma caverna profunda; um vento quente e uma força que o impeliam a seguir rumo contrário à vontade. E logo a visão de onde tem começo o mundo subterrâneo. Lugar ora sabuloso, ora cheio de pedras. Subitamente vê-se um teatro de arena – o inverso da ordem – e: ele no centro, espectador; os atores nas arquibancadas.

A primeira cena. O Julgamento.

A VOZ: “O espetáculo vai começar”.

O TROBADOR, a caráter. Acompanhando com o seu instrumento musical: “*A la Memori de la Vescontessa n’ Ermengarda*”.

O JUIZ: “professor impostor”.

O ECO, detrás das pedras; a moça e o girassol: “... impostor”.

O ESPANTALHO: “Lições de Amor”.

E: “Ave, Priapo”.

A voz dos mimos imitando os animais.

O ATOR, COMEDIANTE: “Maia, a ilusão”.

O ARLEQUIM, *arlecchino*, com trajes de cores várias. EL TRUBADOR e seu cantar d’ Amor.

O BACHAREL: “*Nucleus reticularis pontis caudalis*”.

VOZES: “Aqui o lugar inferior”.

Onde os tempos se misturam, e os culpados pagam os delitos.

– Invocação de Nêmesis. Ate.

– professor impostor.

– Ator ou hipócrita.

– Dize-me, espírito em tormenta, qual culpa te perdeu?

– A fórmula supressora do sono?

– E do sonho?

– Cambiar a estrutura do homem?

– Descobrir o mistério da vida?

– Contrariar a evolução gradual?

– O homem do símio? O homem na sua fórmula primária, os catirrinos, os platirrinos...

– Até quando, ó criatura humana, desafiar os altíssimos poderes?

–... a semelhança existente entre o embrião humano e o dos mamíferos...

–... que a lei das variações análogas...

– Mas o senhor foi mais além.

– Ah!

– O professor um deus.

– Não quis desvendar as raízes do Bem e do Mal?

– Fementido.

– Pecado.

– Ambição de desvendar o desconhecido?

– Cobiça.

– A experiência proibida?

– Super-hipnose, a Parapsicologia?

– É tudo isto. É mais do que isto. É a “força vital”, a energia cósmica.

– O aparelho conectado ao cérebro...

– Do Diário do professor. “Com isto é possível chegar ao homem primitivo, o Neanderthal que...”

– Deitando por terra várias teorias e estabelecendo novas verdades.

– Mas não é tudo. Se a alavanca girar em sentido oposto chegaremos ao conhecimento, à visão do homem do futuro.

– A maravilhosa Viagem através do Tempo e do Espaço.

– O bem da Humanidade?

– Sede de curiosidade incontida?

– Doxomania?

– Orgulho em demasia?

– Ou o quê?

– *Vanitas, vanitatis!*

– A imortalidade?

– Blásfemo.

– Simoníaco.

– O remorso?

– professor impostor.

– Tanta a audácia sem castigo?

– Onde o certo?

– O limite?

Os três juízes levantam-se.

O professor sentia-se como uma cobaia. Ou como quando a fera se sente acuada e não pode fugir. Com o ânimo afligido, pobre

professor e sua exata Ciência. Com dificuldade de raciocínio, só o aquém das coisas.

Sciencia omnium rerum per altissimas causas.

– *Fugere?*

– *Miserere.*

– Ó juiz das almas, *mea culpa, mea culpa.*

De repente todos se calam com a chegada de um ser estranho. Fazem reverência em sinal de respeito: “Ó Espírito Altíssimo, Senhora da vida, recolhe os fios”. A morte, o guia do mundo subterrâneo.

Chora o professor em presença da Morte. Remorso? Arrependimento?

O sono, sob o disfarce da morte, tem sobre si o encargo de acompanhar a sombra nas regiões tartáricas. A sombra representa o pensamento, o sonho, o ser humano em estado de sono profundo. A Morte com os seus simbolismos: um esqueleto envolto em manto escuro; na mão direita traz uma foice; e na esquerda, a clepsidra. O cipreste é-lhe consagrado por convenção. E as mariposas simbolizam a outra vida. Primeiro a morte explica à sombra sua missão de guiá-la na mansão da noite eterna, para cumprir as leis inflexíveis do Destino. A sombra sem esboçar nenhuma reação, mecanicamente; era como se aquilo tivesse de acontecer normal, de forma inevitável.

No pórtico.

Aquela impressão de já ter estado naquele local.

O aulido do cão por três vezes, do alto de um cômodo projetando a sua sombra.

Os de outra banda, que digam os nomes seus:

– O espectro da Dor

– O Sono, irmão da Morte

– A Fome

– A Velhice

– A Discórdia

– O Remorso

– As Ansiedades

– O Medo

– O Cansaço

– A Miséria.

O professor conseguiria escapar de seu pesadelo?

Mude-se o cenário. Um castelo no alto, construído com pedras de tamanho desigual, para imitar o prolongamento da montanha. Cheio todo de numerosos subterrâneos e caminhos meândricos – como um sopro, paisagem de Gaudí.

Circundava a montanha um canal de águas escuras e lodosas que exalavam uma espécie de vapor. Único modo de passar para o outro lado, uma ponte levadiça – de madeira pesada, com cadeias de ferro – que sempre ao mover rangia. Guardião seu era homem fortíssimo, que punha na tarefa toda a força dos membros. Primeiro identificava quem vinha, depois fazia toda sorte de indagações. Rondavam o lugar três cães ferozes que mais pareciam lobos, os quais ladravam ameaçadores ao menor sinal de presença humana.

Uma vez da outra banda, um caminho muito longo e fatigoso para se chegar ao castelo.

De repente, abre-se o portão, como por encanto. De tão pesado, somente uma legião de homens poderia movê-lo. Não obstante, não se notava a presença de nenhum ser vivo em redor. Imponente, de um lado em alto relevo desenhados o Terror e a Vingança. Do outro, um touro em posição de investir; e doze símbolos. Ouve-se um som surdo de tambor, ao longe. Um bafo de ar quente e pestilento.

O professor com o coração aos pulos entrou dentro do recinto desconhecido. Mas seguia aquele estranho chamamento, num misto de medo e curiosidade, como quem sabe que o inevitável tem de acontecer. O destino não impõe as regras de antemão?

Para confirmar a proposição, logo na entrada o professor deparou com a estátua de Xenofonte – colocada ali como advertência – fruto de seu pesadelo. Perseu cortando a cabeça da Medusa, o monstro sem expressar nenhum sentimento na face.

E aqui a concepção do Castelo, segundo os portentos da imaginação. Todo de pedra, divisões, subdivisões, simetria e assimetria; com um corredor infinito, simbolizando o Espaço e o Tempo. Palácio dos horrores, singular câmara de torturas; ali todas as espécies de castigos – suas modalidades e gradações – que o engenho humano pode conceber, aplicados por sentença, em relação à culpa, ao crime cometido.

No primeiro recinto o professor Érilus viu um homem com os movimentos paralisados, absolutamente imóvel, sem consciência de si mesmo, alheio a tudo, como se estátua fora.

Na segunda cela outro homem, feito à imagem do primeiro, tanta a semelhança física que era impossível distingui-los. A única

diferença é que se locomovia como um autômato, de um lado para outro, sem cessar. O olhar absorto, mudo, os braços esticados para a frente à maneira de sonâmbulo.

O édito.

As bacantes davam a volta nuas em torno do fogo inextinguível, e contorciam o corpo ao som do ritmo desenfreado – último episódio na madrugada de Walpurgis.

Depois o professor teve de atravessar um círculo. Do outro lado esperava-o o espectro da Morte, terribilíssimo, envolto em mistério, guia do ente humano naquelas paragens estranhas. Prosseguiram no caminhar. Adiante depararam com uma cena de julgamento. “A cada um corresponde o lugar que lhe é atribuído” – o juiz proferindo a sentença em plano alto, ladeado por dois outros juízes em plano inferior; com a *toga virilis*, vasta cabeleira, infatigáveis, implacáveis.

Ato contínuo, era o condenado conduzido à cela, acorrentado, para cumprir pena, expiação do ato delituoso – por seres que obedeciam a ordens superiores, sociedade de rígida hierarquia. Tais seres eram os robôs, prontos para atender ao menor chamamento, feitos à semelhança do homem, *homo insapiens*. O computador calculava, sem a mínima possibilidade de erro, o lugar exato que correspondia ao indivíduo. O cérebro eletrônico em fração de segundos respondia a toda sorte de perguntas. As máquinas de torturas testadas eletronicamente, capazes de produzir ruídos, fumaça, gás carbônico, poluição, asfixia, paralisação dos membros, radioatividade, uma gama de produtos nocivos ao homem, uma gradação quase infinita de sensações desagradáveis. Uniformização, automação, produção em série. A técnica impunha o seu domínio, de forma absoluta. Sem interrupção, sintetizando as principais notícias dos jornais, na tela do computador sucediam-se as imagens da resenha dos últimos acontecimentos: guerra, fome, epidemia, desmoronamentos, enchentes, cataclismos...

E o professor? Sua presença despercebida, invisível aos olhos dos componentes daquele submundo, como se de um ser de outra dimensão se tratasse. O Guia dava-lhe as convenientes explicações: “Difícil é traçar os limites entre os dois mundos” – disse o Espírito de Luz – “mas os tormentos começam lá em cima”. O professor não pôde evitar de fazer comparações. Assim, pois, entram em cena os cegos, os morféticos com o corpo todo desfeito, o soldado que perdeu a vida em cumprimento do dever e mais muitos outros

exemplos. Não vivem eles, na Terra, numa das regiões dos infernos? Haveria alguma correlação? Ou é apenas o *karma* físico imposto pelo nascimento? Acima de tudo, o que impera é a falta de lógica total.

Atravessa-se outro círculo concêntrico. À medida que se avança no corredor sinistro, mais recrudescem os castigos, com mais severidade são impostas as penas. O último dos castigos é o aniquilamento total.

Num dos cantos três megeras discutem entre si quanto ao destino do prisioneiro. Acalmam-se os ânimos com a chegada de um mensageiro portador de instruções.

E suste-se aqui o pesadelo do professor Érilus, com todas as possibilidades de interpretação. Assim como um corpo afunda no oceano e, em dado momento, a pressão se torna insuportável, com igual sensação o médico despertava de seu pesadelo.

TERCEIRA PARTE

Uma certa manhã friorenta...

O professor levantou-se com ânimo moderado, fazia tempo que não se sentia assim. Abriu as janelas, foi até à sacada aspirar ar puro, debruçou-se sobre a amururada. O céu obnubilado. Em atitude contemplativa diante do mar. E assim ficaria horas a fio mergulhado em seus pensamentos se não fosse:

– Queira perdoar, o senhor.

Os criados dispostos em semicírculo, cabisbaixos, reverentes. Um só falava por todos, enquanto o professor ouvia com visíveis sinais de impaciência. Estavam de malas prontas, tinham vindo se despedir. Que ele não levasse a mal, mas continuar ali por mais tempo não podiam. Abstinham-se de nomear a razão ou razões; com subterfúgios, para não ferir a susceptibilidade do professor. Nem eles mesmos sabiam direito o que estava se passando. Como explicar os urros de fera acuada vindos do subterrâneo, madrugada a dentro? O Castelo não era mal-assombrado? Nos últimos meses vinham consumindo-se na dúvida, amedrontados que estavam. O Espírito do Mal rondava as imediações. O monstro encadeado a qualquer momento libertar-se-ia da prisão... Fez-se um silêncio explicativo.

O professor adivinhou: “Superstições” – gritou com a raiva entre os dentes.

Depois tentou por todos os modos dissuadi-los, mudou o tom de voz, rogou-lhes não dessem ouvido ao populacho.

Nada conseguia demovê-los, sua fortíssima impassibilidade rechassava os argumentos do dono. Por fim o professor sentou-se, cruzou as pernas, mãos apoiando o queixo, ah que é difícil convencê-los, de costas para todos: “Retirem-se, por favor”.

O mordomo ainda quis balbuciar algumas palavras, prontamente interrompido por um gesto brusco do professor. Sua presença tinha a maior autoridade.

Aqui interrompa-se o fio lógico da narração. Duas perguntas agora se impõem. O que aconteceu depois da morte do Senhor Blau? E que destino teve o aldeão que sofreu o processo retroativo?

A bem dizer, o professor passou por uma fase bastante difícil depois da morte de seu melhor amigo. O estado de saúde empiorando, febres intermitentes, a mente confusa ainda pelos últimos acontecimentos, o uso mais frequente das drogas que descobrira afetava-lhe sobremaneira, causando-lhe mal-estar prolongado e desconcertantes lapsos de memória.

Quanto ao indivíduo submetido à árdua experiência, diga-se a bem da verdade que o professor não alcançou o êxito almejado. O primeiro homem a sofrer a metamorfose no início apresentou evidentes sintomas de regressão mental – à medida que atuavam sobre o cérebro os efeitos da máquina eletrônica, combinados com substâncias químicas – e em seguida radicais transformações físicas. O resultado foi a criação de um ser de natureza imperfeita, sua aparência de causar espanto, em muito semelhante ao orangotango – se não fosse por causa dos pelos que lhe cobriam o corpo, menos densos, e mesmo quase rarefeitos em certas partes, lembrando a sua natureza de homem. Onde andou errando o professor? Qual a equação, o elo incompleto? Grande foi a surpresa do sábio ao encontrar o inesperado. O primeiro impulso que teve foi o de voltar atrás, – não engendrara um monstro? – arrependeu-se momentaneamente, mas a curiosidade científica acabou por vencer. Afinal, aquele era apenas o antepassado do homem, o próprio homem na sua forma primária inferior. No que concerne ao desaparecimento do aldeão, pouco provável que o fato fosse despertar surpresa. Tanto mais que – sem família nem haveres, notório retardado mental – tinha o hábito de viagens repentinas, ou vez por outra a mania de isolar-se em seu antro imundo. Ademais, não tinha motivos a gentalha para inculpá-lo, se bem que... Em todo o caso, o que havia agora era uma situação *de facto*, isto é, o homem primário não podia voltar ao estado anterior, normal, pelo menos por enquanto. Isto porque, logo depois da transformação, o instinto agressivo se fez sentir, e, num acesso de raiva, acabou por danificar o instrumento que o levava a fazer a primeira viagem ao passado. O professor a custo conseguiu subjugá-lo. A fera, tendo

os pés atados por grossa corrente de ferro, tinha certa mobilidade, e no seu debater causou vários estragos. Por sorte, o doutor chegou a tempo e impediu mal maior. Teve de usar de muita astúcia para contê-lo, à custa de coragem e não poucos riscos. Atirou uma rede em cima do dito, e por detrás aplicou-lhe injeção de narcótico, cujos efeitos rápidos abrandaram o ânimo marcial que o movia. Daí em diante – conhecedor da força descomunal do bruto, de sua periculosidade – passou a adotar medidas de segurança mais rígidas. Aperfeiçoou um tipo de pistola que disparava o mesmo narcótico, assim pô-lo-ia fora de sentidos quando lhe conviesse. Além disso, encerrou-o na prisão subterrânea do Castelo, na parte mais antiga, a única que não tinha sido objeto de remodelação levada a efeito alguns anos atrás.

As experiências.

À medida que o tempo avançava, o professor ia mais se familiarizando com o ser pré-histórico. Estudava-o por todos os ângulos, analisava as reações com a atenção máxima. A toda a hora pondo a prova a sua inteligência, capacidade de raciocínio, etc. Comparava-o com os animais superiores, isto é, os que na escala zoológica ocupam lugar logo abaixo do homem. Punha-o em contato com o fogo, a roda, instrumentos variados para usos diversos. Buscava estabelecer a relação progresso/tempo, qual o grau de progresso atingido num determinado período de tempo. De todas as experiências que realizara, de algumas obtivera resultados surpreendentes; de outras, conclusões pouco animadoras. Finalmente, o ser objeto de estudo às vezes permanecia alheio ao que se estava passando, parecia ignorar as sondagens da ciência.

Um descuido que quase custara a vida do médico.

Um dia enquanto tomava notas, de costas para o homem fera. De repente dois braços peludos por entre as grades a esmagar-lhe o corpo todo. Asfixiado, como anéis constritores de serpente enrolados no pescoço, a força sumindo-lhe dos membros. Num último esforço, derrubou a mesa sobre a qual estava apoiada a pistola que detonava o narcótico de efeito instantâneo. Com um dos pés conseguiu arrastá-la, fê-la chegar às mãos como quando o cego tateia desesperado a busca do caminho. Por fim, apertou o gatilho, mas só o terceiro disparo levou a carga a rumo certo.

O cientista, escapado do abraço mortal, pôs-se de novo em pé, cambaleante, sufocado, sem ar, o sangue esguinchando farto pelas narinas. Tossiu durante muito tempo. Tirou o avental escarlate, e ofegante encostou-se à parede para recobrar o ânimo. Tão logo recuperou em parte as forças, tratou de apagar o fogo que ameaçava alastrar-se por todo o laboratório, originado de maneira acidental quando lutava por salvar-se.

Uma pausa na vida do professor.

Assim como o barco preso no rodaminho luta por soltar-se, com o mesmo afã o doutor procurava uma saída para si. O organismo, habituado com as drogas desconhecidas e de efeitos imprevisíveis, exigia doses cada vez maiores para acalmar-lhe os nervos e a tremura. Precisava de um descanso, encontrar a paz e a tranquilidade, pelo menos a ilusão de poder desvincular-se de tudo momentaneamente. Ocorreu-lhe pervagar pelas redondezas como fazia outrora, até sentir-se extenuado, sem rumo definido.

O encontro com o homem da ponte.

Dera-se que o professor fora parar numa das pontes dos poucos canais que cortavam a cidade. Ponte estreita e de pedra, lembrando paisagens conhecidas. Em posição de descanso ficou a observar por muito tempo o rolar das águas, e o ruído que produziam quando encontravam obstáculos no terreno em declive.

Nem soube quantas horas ficara ali absorvido em suas meditações. Já era noite, um denso nevoeiro espalhava-se por todas as partes. De repente – “professor, o senhor aqui?!” – e ele se sentiu como quando alguém recobra a consciência ou se desperta no meio de um sonho. Tinham-no reconhecido. O professor esforçou-se por se lembrar de quem se tratava, aquela face e voz eram-lhe de certo modo conhecidas, mas não sabia onde e quando e em que circunstâncias havia encontrado aquela personagem. Quase sempre alheio a conversações com estranhos, daquela feita aceitou de bom grado o diálogo.

Nesse íterim aproximaram-se alguns homens embriagados; a roupa em desalinho, cambaleantes, os braços de um nos ombros dos outros, o mais alto com garrafa na mão. Vinham cantando alegres melodias desafinadas. Um deles, gordanchudo e baixo, tirou o chapéu e fez reverência: – “A quem devo pedir licença para atravessar a ponte, passar para o outro lado?” – de forma jocosa.

O homem da ponte – o professor nunca soube o nome seu – olhou-os fixamente sem dizer palavras, e o modo de olhar tinha uma como força hipnótica que os deixou aturdidos por completo. Seguiu-se um pesado silêncio. Dali a pouco os intrusos afastaram-se cabisbaixos, voltaram para trás, de volta à margem de onde procediam. O professor limitava-se a acompanhar a cena. Impassível, nunca punha à mostra as emoções, de natureza fleumática. Disse: “Cada qual ponha-se no lugar que merece”, referindo-se aos quatro bêbados, altivo no trato com as pessoas. O outro: “Aprenderam a lição”.

Mal reencetaram o diálogo, a conversação girava sobre a travessia do rio depois das obras e as consequências que disto adviriam, e eis que de novo outra interrupção. Bando de rapazes e moças fantasiados com indumentária de cores variegadas e berrantes, fazendo algazarra, atirando *confetti* e serpentinas, com instrumentos musicais. Iam ao baile de máscara organizado para aquela noite no centro da cidade, como parte de festividades tradicionais. Fizeram um semicírculo em torno do médico e seu interlocutor.

Robin Hood, tirando a seta da aljava, retesando o arco, fazendo pontaria: “Desde a floresta de Sherwood sou vindo, atendendo ao chamamento dos indefesos contra a tirania”.

O Cavaleiro Andante, desembainhando a espada: “Lanço o repto de menos valer!

Luís XIV: “*L’Etat c’est moi*”.

Para completar, Belzebu e seus asseclas transportaram o professor para a outra margem contra a vontade. Em seguida fizeram uma roda, ele no centro debatendo-se. Deram-se as mãos, a modo de como as abelhas em raríssimas ocasiões aprisionam a abelha-rainha. O jogral pôs-lhe uma coroa dourada na cabeça, simbolizando a coroa de espinhos. Movia-se a roda humana como no baile grego – de forma lenta a princípio, a pouco e pouco aumentando a velocidade – na noite fantasmagórica e pagã. Aqueles vultos contorcendo-se, o fato inesperado, o ruído e as gargalhadas, tudo aquilo atordoava o professor e o confundia. Não podia suportar mais aquele tormento, ultimamente seus nervos à flor da pele.

Foi num átimo, recobrou o valor. Retesou os músculos, encurvou o corpo, tomou impulso, e como um aríete arremeteu-se contra a barreira disposto a tudo. Desvencilhou-se afinal. Aos brados foram-lhe ao encalce, mas cedo perderam-no de vista. O desertor pôs-se a correr até perder o fôlego. Fora parar num beco mal iluminado e sujo na parte antiga da cidade.

Lex.

Enquanto esperava o retorno das forças – os membros trêmulos, taquicardia, dificuldade de respiração – colara a face e as mãos contra a parede, banhado de suor.

De repente apareceu um vulto: “O senhor é o suspeito?” O cientista ainda sob o efeito da cena anterior, passando em revista o lugar e o homem. Não podia atinar com o que era.

“O senhor é o suspeito?” Insistiu enérgico.

O professor inquiria com o seu silêncio.

– Eu represento a lei.

Era um homem de aspecto severo, gestos firmes, voz alta, em atitude de julgar.

Nesse momento surgiram três mulheres com passo apressado: “É o tal” – falaram ao mesmo tempo em tom raivoso, apontando para o professor. Fala e maneira vulgares, de baixa condição social, por uma certa semelhança nos traços fisionômicos adivinhava-se que eram todas irmãs. Cada uma apresentava um defeito físico – mas os olhos esbugalhados comuns às três.

A primeira, franzindo o cenho: “Esse não vai negar!”

A segunda afirmava tê-lo pegado em flagrante. Dizia ter tropeçado em umas latas vazias enquanto tentava cometer o delito. O barulho chamara-lhe a atenção e... “A prova!”

A terceira usava expressões de baixo calão, gesticulava furiosa, arreganhava os dentes como o cão se apresta para investir: “Eu vi primeiro”.

Depois de ouvir as testemunhas de acusação, o homem que representava a Lei sentenciou: “O senhor esteja preso”.

Pouco depois chegou uma viatura policial para conduzir o professor. Este não esboçou nenhum ato ou disse palavras que intercedessem em sua defesa. Limitou-se a cumprir ordens. Aparentemente, porém. Uma vez dentro do veículo, concebeu uma ideia de evasão. E por meio de estratagemas conseguiu a sua soltura, ludibriando a escolta policial. E foi ocultar-se por entre a multidão.

A noite clássica do Teatro de Arena.

O professor entre os espectadores. A peça a ser levada no centro da praça onde se apinhava o populacho. O primeiro ato ia começar. (Todos os atores trazem máscara.)

Entra o CLARIM: “Eis-nos aqui de volta”.

CORO: “O *leit-motiv*, a história se repete”.

A ANGÚSTIA: “Quando aprendereis, orgulhosos mortais?”

O ALQUIMISTA: “O remédio do mundo?”

AS ANSIEDADES: “À sinistra margem do rio, por vontade de altos poderes, há de vagar a alma de quem não recebeu os devidos ritos fúnebres”.

A DOR: “O terribilíssimo espectro”.

OS PESARES: “Ó formas horríveis”.

O MEDO (contorcendo-se nos seus limites): “Espíritos condenados”.

A VELHICE: “Ah, a psiché”.

A MISÉRIA: “Ó alma danada, não se pode negar e afirmar ao mesmo tempo, quebrar o princípio lógico”.

Um homem loiro personificando a Hidra de Lerna. Os braços terminando em garras, um traje de seda de cores várias, máscara de borracha simbolizando a nona cabeça.

Nessa altura entra o cortejo acompanhando um caixão, depositado no centro. O cortejo retira-se. Silêncio e mobilização geral.

Entra Caronte, o velho e esquelético barqueiro; “alto lá” – disse, fazendo um gesto vigoroso e decidido – “ninguém dentre vós ouse tocar o esquife, antes de eu movê-lo para lugar conveniente. A mim a primazia. A Lei no reino das sombras é implacável e tem de ser seguida. Assim dispôs o fado, e nada escapa aos seus desígnios imutáveis”. Ao contínuo, passa uma corda por uma das quatro argolas do caixão e o arrasta para o lado.

Entram em cena as Erínias, promovendo a discórdia, desafogando o ódio. (As cabeças cobertas de serpe, tom e gestos ameaçadores.)

As três: “Onde o réu?”

ALECTO: “Aqui há de expiar a pena...”

TISÍFONE: “... quem escapou da justiça pública...”

MEGERA: “... Com duros e secretos tormentos”.

ALECTO (dando a volta em torno do caixão): “Eis a que é reduzido o ser humano”.

TISÍFONE: “A hora fatal aproxima-se. Expiará a culpa do orgulho que o movia”.

MEGERA: “Onde a justiça que o condena?”

A arena então se divide em três partes. De um lado os palácios da Noite e dos Sonhos; os Espectros. Do outro a prisão dos Gigantes e o seu símbolo de guerra. No último círculo as outras personagens.

Entra carregado em liteira o Juiz, com sua longa cabeleira ruiva.

CORO: “Minos é,

ó suma potestade,
sapiéntíssimo entre todos,
quem decreta a sentença
na medida justa”.

Surge inesperadamente um homem alto de terno preto e capa da mesma cor, sapatos de verniz e um bastão – contrastando com o cenário. Os movimentos mecânicos, protuberâncias córneas na cabeça, máscara que lhe cobria todo o rosto.

– É mister interromper a comédia. Os atores que tirem as máscaras e se misturem com a plateia para entabular conversação.

Qual não foi a surpresa do professor e o espanto ao reconhecer três atores que pareciam vir em sua direção. Caronte – o homem da ponte; o Juiz do Inferno – o mesmo homem que encontrara no beco e o ameaçara com voz de prisão; as Erínias – as três mulheres que o acusaram junto com o policial, a fala e os gestos cambiados. O último a descobrir a sua indentidade foi o Homem de Preto. Mas um pressentimento irrompendo do mais íntimo do professor contou-lhe de antemão quem era. O Senhor Don! Um pensamento fez-lhe gelar o sangue nas veias. Uma palavra fora suficiente. Era possível? Onde termina a realidade e começa a fantasia? Estava condenado a suportar aquele pesadelo toda a vida? Durante certo tempo, como não houvesse deparado mais com o Senhor Don, pensou que tivesse ficado livre de uma vez por todas daquele vulto de cera, a imagem odiosa que lhe impedia de encontrar a paz interior. Em vão tentou buscar a solução inatingível, o lenitivo que poria fim aos males seus. Assim como a aranha tece os fios a pouco e pouco até formar a teia – aonde vem a cair no emaranhado a mosca descuidada para não se soltar mais – assim o Senhor Don tecia a sua rede com plano preconcebido para aprisionar o professor?

Como hipnotizado, temporariamente paralisadas as suas reações. De repente caiu em si, e igual que um possesso abre caminho por entre a multidão, derrubou um que outro circunstante, quis afastar-se dali a todo o custo. É possível escapar de si mesmo, transgredir as normas do destino e violentar a lei? O fato é que o professor correu a não mais poder, tomando caminhos diversos para evitar de ser perseguido. Foi ter ao ponto de partida, isto é, a ponte. Esconder-se debaixo dela, o coração aos pulos, mais uma vez aquela dificuldade de respiração. Desvestiu-se do sobretudo, tirou o cachecol e as luvas. Suor frio gotejava-lhe das faces. Outra vez se faziam sentir os efeitos da droga perniciosa sobre o organismo – os sintomas que não desmentem: a tremura, a visão embaçada, a

febre intermitente, o barulho insuportável no ouvido e uma pressão no peito como quando o corpo afunda no oceano. Primeiro molhou as têmporas, depois bebeu água do rio para saciar a sede que lhe deixara a garganta seca. O pensamento voltava-se para o ser monstruoso que criara. Sentimento de culpa? Naquele momento queria apenas esquecer de tudo, uma lassidão irresistível apoderara-se dos membros. E logo após ter tomado daquela água, experimentou um como sono letárgico, ou chegara mesmo a perder os sentidos – como acontecia cada vez que tinha aqueles acessos, motivados pelos excessos contidos na droga.

Algumas horas depois, alta madrugada.

O professor acordou com a costumeira dor de cabeça, mal-estar geral, enjooso sentia tudo rodar à volta. O corpo desequilibrado, apoiava-se em alguma coisa para não cair. Pôs-se a caminhar, com certa dificuldade no começo, até que pouco a pouco foi recobrando o estado normal.

Quando chegou ao Castelo, o primeiro que fez foi tirar a roupa molhada e suja de barro. Recostou-se à cadeira de balanço e tomou uma chávena reconfortante de chá, enquanto concatenava os pensamentos e retemperava as energias. Passeando o olhar pela ampla sala, de repente viu a sua imagem refletida no espelho. Chegou para perto. Reparou em toda a sua figura detidamente entre perplexo e atoleimado. O professor envelhecia a olhos vistos – não tanto pelo passar do tempo, mas de modo prematuro. Olheiras profundas, cabelos grisalhos, que outrora não os tinha. A cor pálida, fugira-lhe o vermelho das faces. Ah, quanto haveria de arrepender-se da vez primeira em que injetara o soro maldito nas veias. Bem verdade que pensara nos riscos, mas nunca pudera supor que as consequências chegassem a tão terríveis extremos. Ainda mais que fizera várias experiências com cobaias – ratos, coelhos e outros animais. Depois de acurada análise e um período de observação que julgou satisfatório, verificou-se o resultado final desejado, isto é, os ditos animais passaram a prescindir do sono, ou melhor, de então em diante reduziram o tempo a ele dedicado. Talvez ao mínimo indispensável para dar vazão ao fenômeno dos sonhos. Não que todos acordassem ao mesmo tempo na experiência conjunta; uns dormiam mais, outros menos. Todos conservaram as características anteriores, reduziram proporcionalmente as horas de sono. Obtivera pleno êxito no seu intento. A descoberta era para revolucionar os meios científicos. O mundo estava prestes a entrar em nova fase, a Idade da Razão.

Denominou de maneira enfática a substância de *lacrima Argus*, ou líquido antimorfeico.

Talvez o erro maior residiu no fato de ter agido de forma precipitada. Claro que levou em conta a extensão dos riscos, sabia ao que estava exposto, mas a curiosidade científica o impelia a ir mais longe, aos limites do sobre-humano. Ampliando a série de experiências que vinha realizando, para melhor estudar os efeitos do líquido, deixou de aplicá-lo em alguns animais; em outros ministrava-o em doses maiores com menos frequência.

Qual não foi o espanto ao assistir horrorizado à decomposição quase instantânea dos primeiros. Compreendeu tudo num instante. Mas já era tarde demais para voltar atrás. Tinha aplicado a injeção nas próprias veias, mesclado o líquido ao seu sangue. Agora o círculo estava fechado. Procurava com afinco o antídoto que neutralizasse os efeitos da droga. As experiências com o homem símio poderiam ajudá-lo a encontrar a solução que tanto anelava?

Assim como todas as coisas estão ligadas entre si, de um modo ou de outro, a droga antissonífera tinha que ver com o Cérebro Cósmico, aparentemente duas coisas distintas sem nenhuma conexão. Tenha-se em mente que o aparelho cósmico estava em fase incipiente, apenas um simulacro do que deveria vir a ser. Só atuava em conjunção com a Química – *conditio sine qua non* em sua fase rudimentar. Isto é, alcançava pleno funcionamento quando no organismo do indivíduo submetido à transformação se encontrasse determinada substância. Que vem a ser, em última análise, substância baseada na droga letárgica, mas sem os efeitos aterradores desta. Pelo menos, esta a conclusão a que tinha chegado. Até o momento parecia que os efeitos secundários não afetaram o monstro, nem tinha seu organismo adquirido o hábito.

Por outro lado, uma superinteligência – o ser humano presente metamorfoseado no super-homem do futuro – não poderia sem dificuldade encontrar a fórmula química do antídoto? O remédio miraculoso que impedisse o processo irreversível da droga de cor vermelha – chamada por seu artífice de Sangue do Diabo, quando num acesso de raiva incontida quebrou o tubo de ensaio na mão, caindo debruçado no mármore num misto de desespero e covardia, falta de esperança, retrato da impotência humana.

A hipótese da criação do homem do futuro – o ser cósmico, na terminologia do professor – estava fora de cogitação no momento, em nada factível. A máquina tinha ficado bastante danificada pela fúria do monstro, na noite fatídica da mutação psicossomática. Empregaria muito tempo para reconstituir o aparelho-captor de

energia desconhecida. Difícil e delicado era lidar com as peças e os instrumentos de precisão. Ademais, não podia recorrer a seus colegas. Quem para ajudá-lo naquele terrível transe? Como confessar o crime sem paralelo nos anais da História?

O professor sentia-se física e mentalmente extenuado, como acontecia nas primeiras horas depois de passada a crise, que era como uma espécie de ataque epiléptico seguido de um desmaio súbito. E o próximo, quando ocorreria? Incógnita que exasperava o doutor.

Um dia um pensamento intruso insinuou-se pelas fendas do instinto de conservação. Encontrava-se o cientista no laboratório pesando os pós de diferentes propriedades, buscando o equilíbrio da balança. Primeiro a rejeição, depois a certeza da dúvida. Desde então, com maior frequência, voltava à tona aquele pensamento, à medida que fracassava no intento de encontrar uma solução que o liberasse daquele terrível estigma.

Dois fatores impediam-no de tomar a última das decisões. Primeiro, o que aconteceria com o Neanderthal? O médico não tinha a obrigação moral de restituí-lo ao estado normal? Segundo, o Cérebro Cósmico, a maior das invenções, quanto não haveria de usufruir benefícios inimagináveis a espécie humana? Tais argumentos procuravam a obstinação necessária e o proviam com incrível energia para levar a cabo o presente trabalho de pesquisas.

Tão logo sentiu o retorno das forças, dirigiu-se ao laboratório disposto a reencetar a tarefa interrompida, perseverante apesar de tudo. Encontrou o monstro andando de um lado para outro da cela, excitado, grunhindo, com as mãos forçando as grades da prisão – como soía acontecer em algumas ocasiões. Outras vezes, porém, entregava-se a um mutismo inexplicável. Que difícil era penetrar no íntimo dos brutos com as rudezas da ciência! Decifrar o enigma da criatura era o maior desafio para o professor. De pensamento cartesiano, tinha o animismo algum sentido para ele?

De então em diante passou a nomear o homem-fera de Górgono. Alimentava-o com carne crua, tomando toda precaução para ficar fora do alcance das mãos peludas. Sabia que no fundo o odiava. Será que tinha alguma consciência aquele, *ratio*, uma lembrança extra-memorial de seu estado anterior, – isto é, antes que ocorresse a mutação física com todas as implicações decorrentes – em poucos segundos lançado em período anterior, o inverso da evolução gradual?

Dois homens ali, um olhando para o outro, um feito à semelhança do outro – separados pelo tempo, a barreira intransponível das Idades.

Os acontecimentos posteriores. O rapto do professor. A fuga do monstro e o ataque à vila. Repercussão na imprensa e na população. A busca incessante empreendida pela polícia; a mobilização geral.

Dera-se que o controvertido catedrático se pusera a caminho da Universidade para dar uma conferência sobre tema de sua especialização. Quando o Rolls Royce escuro passava perto da prisão, o motorista deparou logo após a curva com um obstáculo a bloquear a estrada. O carro freou subitamente, mas mesmo assim atingiu a barreira. Enquanto se refaziam do choque, cercou o veículo a turba, vociferando e esbravejando. O professor ainda atordoado pelo golpe, através do vidro via aqueles vultos desfeitos – assim como o observador vê através do binóculo desenfocado – julgando tratar-se de outra alucinação. A pouco e pouco, porém, o olhar inquisitivo foi desvelando a realidade. Tratava-se de um rapto, queriam-no para refém. Tal assim referido por um dentre eles que parecia ter certa autoridade sobre todos. Rogou ao professor que desse a colaboração, instando que ficasse em sua companhia até que aos descontentes fosse outorgado o favor do Governo. Queixavam-se de maus tratos, desleixo da Administração, precariedade das instalações, e outras coisas do gênero. O mesmo homem assegurou ao professor que nada tinha a temer, e era motivo de grande honra para aquele grêmio a presença de tão proeminente autoridade.

O professor, sem trair o caráter britânico, deu ares de não preocupado pelo evento. Calmo abriu a porta do veículo, e convidou o interlocutor para que tomasse assento. Em seguida deu ordem para que o chofer os conduzisse ao destino indicado. Se o professor não se importasse, disse, preferiria que um dos seus... e fez um gesto explicativo. O médico assentiu com a cabeça. Pouco depois o carro foi parar em frente dos portões principais do Hospital, e o refém confinado aos aposentos na ala esquerda do vetusto edifício.

A polícia passou a montar vigilância constante nas proximidades.

Alguns dias depois e ainda prosseguiram as conversações entre as facções – os descontentes e os representantes do Governo. A essa altura o prisioneiro mostrava-se apreensivo, procurava por todos os meios evadir-se da prisão. De certo pensava no homem-fera deixado sem alimento. Tentou convencer os revoltosos que era imperioso que retornasse ao laboratório, consequências gravíssimas adviriam com sua ausência. Mas o ânimo dos guardiões não se deixou persuadir.

Algumas horas mais tarde chegou-se a acordo, e procedeu-se, *ipso facto*, à soltura do refém. O catedrático dirigiu-se a toda pressa para o Castelo, temendo o pior. E seus temores não estavam infundados. Um átimo fora suficiente para compreender o que se passara, num lance de vista: Górgono premido pela fome forçara as grades menores da prisão, que estavam em lugar de janela, por onde entrava claridade. Por fricção e força descomunal acabaram cedendo as pedras que retinham as barras de ferro.

Sem mais tardança, em alta velocidade dirigiu o carro em direção à vila; se os pressentimentos estivessem certos... Ainda chegou a tempo para presenciar o pior. Àquela hora da noite estavam de saída os últimos frequentadores do *pub* que ficava nos arredores da cidade. O médico freou bruscamente o veículo, tentou desviar a atenção da fera. Tirou da cintura a pistola que tomara a precaução de trazer. Mas quando disparou a carga tranquilizadora contra o monstro, o inevitável já havia ocorrido. Um jovem inconsciente, prostrado no chão por terrível golpe. A moça em poder de Górgono debatia-se em vão, seus gritos de pavor sufocados pelo abraço mortal.

Assim que afastou Górgono, o professor debruçou-se sobre o corpo inerte da jovem para tomar-lhe o pulso e auscultar-lhe o coração. Com pesar verificou que nada mais podia fazer por ela. Pensativo, fechou-lhe as pálpebras para sempre, estampada na retina aquela expressão de horror. Os faróis do carro iluminavam a cena. Enquanto isso, a sirene da polícia se ouvia cada vez mais perto.

O professor não sem muita dificuldade conseguiu arrastar o homem-macaco e acomodá-lo na trazeira do carro. Depois rumou a toda velocidade para o Castelo, no caminho quase atropelando um indivíduo que parecia apresentar patentes sinais de embriaguês, pelo que pôde observar de relance. Tê-lo-ia reconhecido? Houve testemunhas do crime? O importante no momento era desvencilhar-se da carga incômoda e denunciadora.

Dali a pouco a polícia chegaria ao local, procedendo às investigações. O corpo da vítima jazia no chão – uma linda jovem com as vestes todas rasgadas, tal a violência com que lutara para se salvar. O moço fora levado às pressas para o Hospital. Tiraram-se fotografias, cercou-se o terreno, procurou-se com minúcia por evidências. Depois chegou a ambulância para remoção do cadáver ao necrotério, onde o médico-legista ia proceder à autópsia.

Nos dias subsequentes o médico viveu em constante estado de apreensão. A polícia esteve várias vezes em sua residência para interrogatório.

Algumas horas depois do crime, altas horas da noite, soava com insistência a campainha do Castelo. O professor adivinhou de quem se tratava, já estava mesmo esperando a visita. Depois da introdução de praxe, o inspetor entrou acompanhado de dois detetives. O anfitrião convidou-os a tomar assento, ofereceu-lhes variedades de bebidas. O inspetor interrompeu de forma cortês, declinando o convite, que não lhes era permitido beber quando em serviço.

E em que poderia ser-lhe útil? Perguntou o professor com ares de surpresa. O inspetor fez um circunlóquio; estranhou o fato de ele estar desperto àquelas horas, pelo que deduziu do modo como estava vestido. Os olhos de policial experimentado olhavam em todas as direções, disfarçadamente, enquanto falava.

– Se eu lhe contasse que sou o único homem que não dorme, o senhor acreditaria?

O inspetor sem atinar com o conteúdo da frase: “Acurado senso de humor, professor Érilus”.

E depois de um curto silêncio, explicativo: “Talvez o senhor possa justificar a sua presença nos arredores do *pub* quando ocorreu o crime”.

“Crime?!” – fazendo-se de rogado o doutor. A verdade é que aquele é um antro de bêbados e malfeitores. Os efeitos da pergunta pairavam no ar.

– O senhor ainda não respondeu, se me permite lembrar-lhe.

O inspetor acendendo o cachimbo, com todos os sentidos em suspenso para estudar a reação do suspeito, captar o momento psicológico, faculdade que se adquire com a longa experiência.

Mas o sangue-frio do professor deixou-o desconcertado. Tão seguro de si explicou que tinha o hábito de trabalhar pela noite adentro, amiúde ia ao laboratório, que aliás estava a seu cargo. E o caminho que seguira era o mais prático para chegar-se à Universidade, como era fácil comprovar-se. O álibi do professor parecia convincente. Ademais não tinha motivo para o crime, nenhuma conexão aparente entre ele e a vítima.

Mas aquela força desconhecida que cada um tem dentro de si – e que de vez em quando atua misteriosamente, aflora do mais íntimo do ser – fez com que o inspetor olfateasse aquilo que está além da percepção, assim como um corpo estranho se esconde na pureza de um mineral. Soube dissimular, porém. Examinou como um perito a estatueta branca em cima da mesa: “Tem um certo fascínio”.

O professor: “Da Tailândia. Opinam os entendidos ter mais de trezentos anos. O que não é muito, em termos de Ásia”.

E então o inspetor: “Gostaria de saber o que está pensando, desvendar o segredo do mármore”.

O professor sentiu um calafrio. Adivinhou a intenção daquele olhar que perscrutava o íntimo das pessoas. Sabia que estava diante de um homem implacável, cuja argúcia suscitava os maiores elogios. De carreira brilhante, sempre levava a bom termo as missões que lhe foram confiadas. Estava em vias de aposentadoria, deslindar o enigma daquele crime era questão de honra. O professor desejou-lhe boa sorte.

E como o médico manifestasse o desejo de continuar as pesquisas, o inspetor: “Desculpe tê-lo interrompido”.

Não, não fora incômodo nenhum, estava sempre ao dispor da Lei, a qualquer hora.

O inspetor sorriu: “Ah, sim. Havia-me esquecido de que o professor sofre de insônia incurável”.

O professor: “Essa é a palavra exata, inspetor”.

Os dois sorriram e se entreolharam. Boa noite, passe bem. O diálogo chegava ao fim.

O que se apurou depois. O resultado das análises de laboratório, a palavra dos técnicos. As declarações do jovem acompanhante da moça; as conclusões desconcertantes; o papel da imprensa e o pânico geral. *A causa mortis*.

Já não havia lugar para dúvidas. Somente a uma força desconmunal e extra-humana poder-se-ia atribuir a morte da infortunada jovem. Constatou-se sufocamento, fratura da coluna cervical e inúmeras lesões, hemorragia interna, o tecido auricular lacerado, múltiplos ferimentos. A polícia vasculhando a área encontrou no terreno baldio pegadas estranhas, como se de símio se tratasse. Ademais um tufo de pelo de animal fora achado na mão fechada da vítima. Tratava-se de um caso sem dúvida inusitado. Seria obra de algum demente? Ou de assassino que usava de artimanhas para enganar a polícia. O fato é que a imprensa notificava em letras cabídulas o ataque do monstro. A polícia em constante estado de alerta patrulhava todas as estradas e zonas desertas. A população mostrava-se amedrontada, as pessoas recolhiam-se o mais cedo possível, guarneciam-se com armas, tomavam toda sorte de precaução. Mais de um chamado fora feito à polícia com motivo infundado. Recomendava-se calma, as autoridades asseguravam que não havia razão para alarme, mantinham estrita vigilância.

O dilema do professor.

Que decisão tomar? Até que ponto o arbítrio da consciência é responsável pelos próprios erros? E os agentes externos que a cada hora interferem nas decisões e mudam o rumo das coisas? Toda resposta faz parte do mistério angustiante que nos envolve.

Até quando poderia ocultar a presença da fera? A polícia apertava o cerco, descobria novas pistas, testemunhos comprometedores foram dados pelos ex-criados do Castelo. O professor vira-se na contingência de confinar o homem-macaco na câmara secreta do subterrâneo. Só ele tinha conhecimento de sua existência, ninguém mais. A última pessoa que sabia algo a respeito – e ainda assim de forma imprecisa – morrera havia coisa de dois lustros. Construção engenhosa, verdadeira obra de arte do arquiteto que a ideara alguns séculos atrás. Ficava localizada na gruta que se comunicava com o mar. O professor vestia a roupa de homem-rã, mergulhava até o fundo, movia a pedra que servia de obstáculo, e passava para o outro lado da gruta, cheia de estalagmites e estactites. Claro que tomou as devidas precauções, obrou bem em acorrentar o monstro. Muito arriscado seria deixá-lo à solta – embora não houvesse nenhuma possibilidade de fuga – pois poderia com facilidade ferir-se com as saliências pontudas, ou afogar-se por acidente. Não lhe tolhendo de todo a liberdade de movimentos. Uma corrente de ferro prendia-lhe o tornozelo, o que muito o molestava. Às vezes debatia-se em vão nos acessos de fúria, mas o professor a pouco e pouco abrandava-lhe o ânimo.

A verdade é que começava a conhecê-lo melhor, aventurava-se mesmo a pensar que em algumas ocasiões chegava a adivinhar-lhe as reações. Aliás, notara que a criatura vinha experimentando um crescente progresso. E seria capaz de um progresso mais acentuado à medida que absorvesse novos conhecimentos? Em outros termos: o *quantum* de progresso num dado período de tempo. E quando atingiria o ponto de saturação? Determinar a exatidão de algumas premissas e fixar o alcance de outras hipóteses era de transcendental importância, e implicava o próprio conhecimento dos destinos do homem. Dois homens no mesmo recinto olhando um para o outro, basicamente iguais – diferentes em graus, não em essência – separados por milhares de anos.

O professor, pessoa de contrastes. Quem entendia a linguagem fria e objetiva dos números e sonhava com a sociedade perfeita do futuro, pelo menos o modelo que mais se aproximava do ideal de perfeição, dentro dos limites do humano.

Qual a intenção que se escondia no íntimo do professor?

Saber se o homem é bom ou é mau. Assim como certas substâncias viscosas por intermédio de processos químicos vão-se depurando até mesclar-se com o éter – assim também com o homem, poder-se-ia desenvolver-lhe as qualidades morais e inibir-lhe as tendências para o Mal? E o agente responsável sendo um sistema político aperfeiçoado, não ainda de nosso conhecimento? Em suma, o sistema político do futuro? O egoísmo, a ambição desmesurada, a cobiça, a apropriação indébita, o ódio, a violência, o orgulho exagerado, a soberba, tudo aquilo que é a antítese do Bem poderia ser submetido a um processo de atrofia? Ou são inerentes ao homem, congênitos, um estigma da espécie? O que levava o cientista a fazer tais considerações era o temor da dúvida. Se tivesse êxito na consecução da obra, restaurando a máquina cósmica e engendrando os seres do futuro – qual o resultado dessa grande incógnita? Que aconteceria se viessem à Terra habitantes de um planeta que pertencesse a outro sistema solar, superiores em inteligência e em grau de civilização, em um estágio de evolução muitíssimo mais avançado? Como se daria o confronto entre os terráqueos e os seres vindos do espaço?

À medida que o homem se civiliza, vão-se aprimorando as qualidades morais? Essa a questão fundamental – discutida à farta por estudiosos – o ponto de partida para que o cientista tomasse a maior das decisões. As experiências com o ser primitivo poderiam lançar luzes sobre o problema? Conclusões definitivas?

Por que o seu instinto agressor fez com que matasse a indefesa moça? Qual o *motu* do crime? Juridicamente, como conceituar o crime? Tinha alguma noção – por mínima que fosse – de responsabilidade aquele ser bruto? Sabia que estava praticando o mal, *animus nocendi*? Ou é o próprio conceito de Mal que varia, não só de grupo racial para grupo racial, mas também de indivíduo para indivíduo? Nessa mesma linha de raciocínio, a noção do Mal varia, no tempo e no espaço, e é passível de evolução e involução. A História e o estudo das Ciências Sociais apresentam exemplos inequívocos. Continuando o argumento, o soldado que na guerra mata o inimigo não comete crime nenhum; ao contrário, em determinados casos é seu dever. Então o conceito passa a ser maleável: varia num mesmo indivíduo, às vezes de forma radical, conforme as circunstâncias.

Outras considerações de ordem técnica.

Tudo leva a crer que a ciência atingirá um grau de adiantamento tal que permitirá ao homem sondar o cérebro do semelhante, a profundidades até hoje inconcebíveis, subtrair do subconsciente os mais íntimos segredos. Talvez fosse por meio da Química – uma substância que equivalesse ao soro da verdade, e cujos efeitos dessem o resultado almejado. Ou o detetor de mentiras, aperfeiçoado, o aparelho infalível que fizesse aflorar a verdade.

Que possibilidades teria o crime em face das novas condições? É inegável que as estatísticas acusariam um decréscimo surpreendente. De maneira especial se se tem em conta os meios de que disporia a ação policial nas épocas vindouras.

Haveria, é claro, o problema da diversidade das leis – ponto que talvez valesse a pena discutir com certa minúcia. Espalhados pelo globo terrestre em nações e raças diversas, os seres humanos não se regem pelas mesmas leis. E o Direito Internacional Privado ensina que, no capítulo consagrado ao conflito de leis, não raro dois países apresentam soluções antagônicas sobre o mesmo princípio.

O professor era partidário da doutrina que pregava a abolição das fronteiras, o mundo sob um único poder, a cúpula a quem competia as decisões políticas, o CENTROPOL. A humanidade teria de passar por longo processo evolutivo até chegar a este estágio, com várias experiências intermediárias. Uma das medidas seria a criação de um órgão que reclamaria para si a missão de uniformizar os diversos sistemas de pesos e medidas, unificar os Códigos de Leis, estabelecer princípios gerais válidos para todo o mundo; criar enfim os substratos da Linguagem Universal. Uniformização, naturalmente, respeitando as características peculiares de cada povo. Esta tarefa via-se facilitada pelo intercâmbio cada vez maior entre os povos, e com os meios de comunicação cada vez mais aperfeiçoados, diminuindo as distâncias entre as nações – conforme a teoria de Macluhan.

Por muito mais tempo ainda ficaria absorto nas meditações o professor, fazendo conjunturas sobre o mundo do futuro. Se não fosse...

De repente a multidão raivosa nos portões do Castelo. Atirava pedras e forçava as grades da entrada. O médico através da vidraça contemplava toda a cena, na antiga atalaia. Sem nenhum temor no coração, completa resignação, uma quase vontade de suicídio. Impassível, não esboçou nem sequer um gesto de defesa. Estavam ali para linchá-lo. A imprensa sensacionalista havia feito várias

insinuações, de modo especial no que concerne ao depoimento dos ex-criados do Castelo.

Na noite anterior, com toda a atenção voltada para as pesquisas no laboratório, súbito sentiu algo estranho, inexplicável – assim como uma vontade independente dentro do próprio organismo querendo contactar o seu consciente. O pressentimento funcionou como atalaia, prevenindo-o contra o perigo. De certo modo, o ego teve conhecimento de um mal iminente. A seguir sentiu uma espécie de tonteira, a mão tremeu por uns segundos, palpitação. Dali a instantes voltava ao normal. Como tudo é intrincado, tão pouco sabemos de nós mesmos – foi o que pensou.

A turba a essa altura já havia transposto os primeiros obstáculos, ameaçava derrubar a grossa porta de madeira reforçada com partes de ferro. O professor fixou a vista em três mulheres exaltadas que pareciam estar à frente da multidão. Apresentavam certa semelhança física e trajes em tudo iguais. De um plano elevado faziam gestos, gritavam, apontavam em direção do professor, acirrando os ânimos, incitando à violência.

Dali a pouco chegava a polícia, para dispersar a multidão. Um dos detetives tocava com insistência a campainha. O professor sem apressar o passo, ao cabo de alguns minutos apareceu à soleira da porta: “Os senhores sejam bem-vindos”.

O inspetor tomando a dianteira: “O senhor está ferido?”

Nada grave, respondeu o médico. Ferimentos no rosto, o sangue jorrando do orifício auricular esquerdo, os óculos danificados.

E como o policial insistisse em saber os pormenores do incidente, o professor: “Uma pedra”. E não disse mais. O inspetor tirou as conclusões lógicas, dedicando alguns momentos a examinar a atalaia. E por que não chamou a polícia, professor?

O detetive: “Podia ter sido muito pior. Se um projétil houvesse atingido...”

O catedrático continuou a frase com o pensamento:... teria sido misericordioso.

Ofereceram-se para levá-lo ao Pronto Socorro, ou chamar a ambulância. O professor agradeceu, mas não deixou nenhuma dúvida quanto às suas intenções: “Não há necessidade para tal”.

“Como o senhor determinar” – falou por último o inspetor. “Agora, se o senhor não tem nada em contrário, gostaria de fazer-lhe outras perguntas.” Excusou-se pelo incômodo que lhe vinha causando, mas em vista das circunstâncias...

– Asseguro-lhe não ser incômodo. Ademais, o dever exige.

O interrogatório prolongou-se por várias horas ininterruptas. Ao indiciado coube prestar substancioso depoimento, dando conta de suas ações na noite do crime, com toda minúcia exigida. Além disso, fez um retrospecto que abrangia fatos desde o período da infância. A polícia fizera um levantamento completo sobre o assunto, uma equipe de homens capazes e técnicos com longa experiência trabalhavam no caso com toda a diligência. A verdade é que até ao momento não haviam apurado nada de concreto contra o principal suspeito. Com marcada insistência citavam o depoimento dos membros que compunham a criadagem do Castelo, algum tempo antes da ocorrência do delito. Por que haveriam de renunciar às funções, bem-remuneradas, todos pelo mesmo motivo? Estariam todos errados, com suspeita infundada?

O professor não se deixava intimidar, conhecia muito bem a força do pensamento positivo, o efeito da repetição das afirmações: “Também na Idade Média acreditavam em bruxarias e coisas do gênero”.

O inspetor com um pouco de ironia: “Não há como negá-lo”.

O professor continuando: “Para esta gente supersticiosa, qualquer coisa era pretexto para atribuir à presença do sobrenatural fatos ou fenômeno de simples explicação científica. Bastante para isso que houvesse os ingredientes novelescos para a criação da atmosfera apropriada”. Depois de curta pausa: “Também mencionaram o fantasma do Castelo?”

O inspetor: “Bem...”

O professor insistiu na pergunta. Queria uma definição do outro: “Sim ou não?”

O inspetor: “De fato, ouvi algo a respeito”.

O professor tinha um trunfo na mão. Não queria deixar escapar a oportunidade: “Diz a tradição que foi valoroso guerreiro, moveu guerra contra família de nobre estirpe. Talvez o antepassado mais ilustre da árvore genealógica. Infelizmente...”

E nesse ponto interrompeu-se.

O inspetor: “Continue”.

Notava-se que o professor ficara um pouco transtornado, com habilidade esforçando-se por mudar o assunto. O inspetor quis tirar partido da situação. Completou a oração iterativa: “Infelizmente foi traído por membros da própria família que ambicionavam as suas riquezas”.

O professor não escondendo a surpresa: “Então o senhor sabe?!”

O inspetor, continuando a frase anterior: “Acabou perdendo as faculdades mentais. Teve triste fim. Antes de morrer, porém, lançou terrível maldição sobre sua descendência”.

– Vejo que o senhor sabe toda a história com muita precisão.

O inspetor sorriu de forma lacônica. Em seguida dirigiu-se ao centro da sala e passou a contemplar o majestoso quadro: “É este, não?”

O professor respondeu: “O próprio”.

O inspetor: “Notável semelhança com o senhor. Os mesmos traços fisionômicos, o mesmo modo de olhar...”

O professor guardava silêncio.

O inspetor de novo; infiltrando-se mais ainda: “Dir-se-ia que se trata da mesma pessoa, não fossem pelos trajes da época”.

O professor refez-se por dentro, readquiriu o total controle sobre si mesmo. E em tom jocoso: “Às vezes até eu mesmo acredito...” Olhando fixamente para o quadro que dominava a ampla sala: “... que somos a mesma pessoa”.

O inspetor atento aos movimentos do médico, procurando captar um sinal de fraqueza, um passo em falso. Notou pelas primeiras reações do professor que havia qualquer coisa de estranho com relação àquele quadro; dono de uma firmeza invejável, não titubeara durante todo o transcorrer do interrogatório, por mais capciosa que fosse a pergunta. Aquilo haveria de conduzir a uma pista esclarecedora? O antepassado do professor Érilus, a loucura hereditária? Como encararia o extravio de suas faculdades mentais?

O inspetor fez menção de retirar-se; vestiu o sobretudo, chapéu à cabeça. Despediu-se com cortesia.

Fosse eu talvez capaz de matar? Perguntava para si o professor, fazendo profundo exame de consciência. Interrogava aquela parte ignota dentro do ser humano, que jaz em estado de dormência perpétua, que só raramente é invocada. Tal estado equivaleria à reminiscência do estado primitivo do homem?

O homem sofreu transformações de ordem física e mental no transcurso de uma evolução gradual, conforme a teoria de Darwin. E os órgãos rudimentares testemunham as modificações na estrutura corpórea. Ora, haveria equivalência quanto ao outro sentido?

Considerava um sem-número de situações. Punha diante de si a realidade em hipóteses. No fundo queria perscrutar os seus íntimos segredos, saber se era capaz de conscientemente praticar um ato violento que subtraísse a vida de um ser humano. Formulava

perguntas, indagava o outro lado da verdade. E suposições... Se, qual Werther, por circunstâncias quaisquer se encontrasse numa ilha e aí condenado a viver para sempre, sem nenhuma possibilidade de contato com o mundo exterior – com duas outras pessoas, um homem e sua mulher – que compartilhassem o mesmo infortúnio! Então, se a oportunidade se apresentasse, não eliminaria o rival para obtenção do que mais almejava, ou seja, a mulher? Por exemplo, se o mesmo se visse em situação de extrema necessidade – caso de afogamento ou ataque de feras – tomaria providências para salvá-lo, ou deixá-lo-ia entregue à própria sorte?

Assim como o nevoeiro vai a pouco e pouco se desfazendo, desvelando aos olhos ávidos o contorno das terras e a forma dos objetos em redor – assim o professor ia chegando a uma conclusão. Já não tinha o mínimo sinal de dúvida quanto às intenções daquela força misteriosa e autônoma que às vezes atua dentro de nós... Como quando a ideia se insinua como corpo de mulher esguio. Aqui o resultado do circunlóquio: matar o monstro – eis a questão. Não deixar traço nenhum de sua existência, aniquilá-lo, romper com o passado, não desviar o Tempo de sua rota natural. Górgono, sua presença interferindo com a lógica, excrescência da natureza.

Depois, desceu as escadarias de pedra do Castelo; segurando um candelabro para iluminar a escuridão das passagens meândricas que conduziam à gruta, excavadas na rocha de forma assimétrica.

O mar estava agitadíssimo, as ondas com estrépito chocando-se contra os obstáculos; vento forte, tempestade, trovões e raios como nervura nos céus.

O professor preparava-se para o mergulho, vestia o traje de homem-rã. Grave a expressão do rosto, tenso, como quem tem fixação de propósito, o modo de olhar traduzia o estado de ânimo.

Mas a surpresa acabaria por mudar o rumo que iriam tomar os acontecimentos. Enquanto tentava afastar a pedra que segurava a gruta da caverna onde se achava o monstro, notou que a mesma oferecia resistência, mais que de ordinário. Habilmente disposta de tal maneira que um empurrão era suficiente, o arquiteto que a ideara bem soube tirar partido das leis da Física. Estranhou o fato, que aquilo antes não havia acontecido. O primeiro pensamento que lhe ocorreu à mente foi a dúvida de a polícia ter ali estado. Ou o homem-macaco?

Não tardou em saber a razão. Os elementos em fúria, o mar entrando pela gruta adentro provocou o desabamento de algumas pedras soltas. O próprio professor sentiu os efeitos do mar enraivecido. Só mais tarde teve consciência do que se passara. O fato é

que sentira um golpe na cabeça, já quase do outro lado. Mas ainda com muita dificuldade teve força para chegar à superfície. Depois perdeu os sentidos, ou em estado letárgico. Não podia lembrar-se de mais nada. Como se pusera a salvo? O olhar inquiridor a concatenar as ideias. Será que antes de cair desacordado conseguira arrastar o corpo? Ou será que havia sido o próprio animal que o puxara das águas? Embora raríssima, a solidariedade também existe nos animais de ordem superior na escala zoológica – assim têm demonstrado Darwin e outros naturalistas.

De todos modos, era forçoso reconhecer que o símio não lhe fizera mal, embora tivesse estado à sua mercê durante todo aquele período de tempo. Teria sido porque estava inerte, sem esboçar nenhum sinal de vida? Ou teria sentido algum sentimento de compaixão, por impreciso que fosse, aquela alma bruta? Qual o enigma da criatura? O médico notou que o homem-símio o olhava de modo estranho, meneando a cabeça, como quem não compreende determinada situação. O professor – “eia, Górgono” – e disse-lhe palavras de elogio. O outro conhecia as modulações da voz do dono, sabia quando estava contente ou irritado. O homem primitivo não era sensível à opinião que dele tinham os semelhantes – aprovação ou desaprovação – como vários estudiosos já haviam salientado?

As experiências continuam.

Examinava com atenção a estrutura corpórea do homem do passado, fazia comparações com os mamíferos superiores, as analogias e semelhanças existentes. Detinha-se em estudar as diferenças positivas entre o encéfalo do homem e do orangotango.

Nas últimas semanas vinha notando certo debilitamento geral por parte de Górgono, entregue ao mutismo, triste semblante, falta de interesse pelas provas que o Mestre punha diante de si. Algum sintoma de enfermidade física? Ou simplesmente o fato de ele estar encerrado na prisão contribuía para deixá-lo naquele estado? Indício de solidão? O professor ficou a meditar. Teriam algum reflexo do hálito divino os seres brutos? Quando começavam a ter noção de alma, por imprecisa que fosse, os progenitores semi-humanos?

Reencetando a série de experimentos que vinha realizando com o animal, o cientista não pôde resistir à tentação de verificar os efeitos que produziam o fumo e álcool em demasia. Não tardou que os resultados se fizessem sentir. Reagia como o orangotango do Jardim Zoológico, quando as autoridades permitiram que o

embriagassem para fins científicos. Fazia gestos curiosos, batia no peito com força, saltava de um lado para outro, arreganhava os dentes, movia com muita destreza os músculos superficiais do pericrânio e outros músculos do sistema paniculoso. O professor ao homem da caverna: “Dançar, Górgono, dançar” – assim como Ulisses na gruta com os companheiros exortavam o ciclope a provar o líquido inebriante.

Algumas horas mais tarde o homem-fera acordou com forte dor de cabeça – como se poderia deduzir pela maneira como punha as mãos nas têmporas – irrequieto, lançando gemidos. Rejeitou tudo o que o médico lhe oferecia, inclusive refeição. Notável semelhança com o homem – teria pensado o professor Érilus.

O professor adquiria novo alento para continuar a obra, depois do incidente ocorrido que quase lhe custara a vida, do ponto de intersecção debaixo das águas.

Paulatinamente ia engrossando o triângulo de comparação entre o ser orgânico pré-neanderthal, o homem atual no grau mais avançado de civilização e os mamíferos superiores – no que respeita às faculdades mentais, aos sentidos, às intuições fundamentais, aos instintos comuns.

Numa ocasião o cientista quis satisfazer a curiosidade de ver como se comportaria o homem híbrido diante dos outros animais. Sua reação foi a esperada. Não titubeou em trucidar os inofensivos – a galinha e a ratazana, por exemplo. Mas adotou atitude outra em presença da serpente. Guardou distância conveniente, com receio de chegar perto demais. Titubeou. Várias vezes deu a volta em torno dela. Medo instintivo?

E quais as graduações de medo que poderia sentir a rude criatura? O professor pôs o gravador a funcionar a todo volume, imitando barulho de tempestade e trovões. Assustado, Górgono encolheu o corpo contra as protuberâncias rochosas da caverna, cobrindo os olhos com o antebraço peludo. Nos albores da História, o homem não sentia grande temor em relação aos fenômenos naturais que escapavam à sua compreensão?

Sem dúvida, o terror causaria nele os mesmos efeitos – palpitações do coração, tremura nos músculos, o eriçamento dos pelos. O professor absteve-se de realizar a prova por, com muito acerto, julgá-la desnecessária e cruel – de colocar o ser semi-humano na jaula e descendê-lo pouco a pouco até ver-se coberto pelas águas, e depois retorná-lo à superfície – assim como certos capitães de

navios piratas amarravam os marinheiros e lançavam-nos à água como medida punitiva.

Górgono, aquele tinha alguma noção de responsabilidade? Não sabia que deveria cumprir o dever – fazer aquilo que o dono esperava – para ganhar o alimento?

Para testar a inteligência do bruto, o médico usava de mil engenhosos artifícios. Se êxito imediato, o amo mostrava com entusiasmo a aprovação, o que muitas vezes não passava despercebido ao homem das cavernas. Era-lhe sobremaneira agradável o encômio: “Bravos, Górgono!”

Por certo que entendia algumas palavras e frases. Expressava-se por meio de gritos inarticulados que traduziam emoções diversas, às vezes acompanhadas de movimentos e gestos – ânsia, ira, temor, surpresa, orgulho. Imitava os sons emitidos pelas aves e por outros animais, produzia cadências musicais, engendrava palavras desconexas.

E a faculdade de articular? Quantas centenas de anos tardaria para chegar ao estádio em que as faculdades mentais lhe permitiriam associar sons às ideias? A pergunta seria respondida, tivesse o professor reconstituído o Cérebro Cósmico. Não estaria longe, porém, o dia em que veria realizada a obra, reparados os danos causados à máquina pelo ser monstruoso, na noite fatídica de sua reversão ao passado.

Enquanto isso, as experiências que continuassem; o resultado final das pesquisas muito contribuiria para o estudo do conhecimento do Homem. Além de possibilitar a gênese da raça do futuro.

Continuando a longa série de experiências que vinha realizando para confirmar na prática a presença das faculdades superiores no ser primitivo, o professor notou que o canto dos pássaros era de certo modo apreciado por ele. Pelo menos um certo interesse, um misto de curiosidade e observação, pelo que se deduzia da maneira pela qual movia a concha das orelhas em direção de onde vinha o som. Ou procurava com insistência ver quem o emitia. Sem dúvida nenhuma, em sua mente havia estabelecido a relação pássaro-som característico. Desta vez, porém, o trinado melodioso era produzido pelo efeito do gravador. Sem poder compreender o enigma, depois de certo tempo mostrava-se irrequieto, movimentando-se de lugar para outro, lançando gritos, de bom grado rebentaria a corrente que lhe impedia a liberdade total de movimentos.

Era capaz de abrigar algum reflexo de sentimento do belo aquele ser bruto e fora do tempo? Górgono, outra versão de King-Kong? O professor fazendo conjecturas a respeito. É claro que era

pouco factível levar a cabo determinadas provas por a exiguidade de tempo e carência de meios serem bastante limitados. Não que se extasiasse com um espetáculo da natureza, alguns milênios transcorreriam antes de o homem chegar a este estágio de desenvolvimento das faculdades mentais. Mas assim como em outros animais tal sentimento pode ser encontrado – principalmente no que se refere aos atrativos do sexo oposto – como negar sua existência no homem primitivo? De maneira especial se se considerar que este é passível de progresso muito mais que os outros.

O cientista ficou a pensar num mundo de seres primitivos, transformados pela máquina-veículo da energia cósmica, as relações que manteriam entre si, a conduta do macho para com a fêmea, o importante papel da seleção natural.

O professor ficou a encarar o habitante da caverna. Górgono, a maior das experiências realizadas com o homem. A fantástica viagem retrospectiva a épocas remotas, quando ainda os nossos progenitores estavam em plena fase de transição no modo de locomoção.

Durante aquele período de convivência continuada, o cientista passou a conhecer melhor a criatura, estudar-lhe as reações, analisá-lo por vários aspectos, compará-lo com o homem civilizado e os animais superiores – instintos, intuições, sentidos, sensações, afeições e emoções. Também as faculdades de memória, imitação, deliberação, atenção, associação de ideias, imaginação e razão.

Certa vez ocorreu-lhe pôr em confronto dois animais que guardavam estreitas semelhanças entre si, pelo menos quanto ao aspecto físico, não obstante a diferença na estatura. Górgono, o homem retroagido no estado que mais se aproxima do da natureza semisimiesca, e um macaquinho das ilhas Fiji. Lograria lançar luzes sobre o problema de convivência entre os seres do passado? Absteve-se com muita razão de colocar em cena o orangotango do circo, conforme era seu intento no princípio. Rechaçou por completo tal hipótese, tão logo pesou as consequências que adviriam da possível rivalidade entre os dois seres de estruturas semelhantes, pondo em perigo o experimento único com a criatura humana. Depois de um período de “reconhecimento” mútuo – o ser mais privilegiado – se não em inteligência (em grau pouco pronunciado naquela fase da História, mas com a capacidade muito maior que os outros animais para desenvolvê-la) – com vantagem patente quanto à força física, tomou a iniciativa da aproximação. Com o passar do tempo foram-se acostumando com a companhia um do outro. A tal ponto que quando o professor privou o homem de forma simiesca da convivência continuada com o semelhante, aquele muito haveria de sentir a falta do outro, conforme ficou evidenciado pelo

seu comportamento. O que levou o professor a confirmar a teoria que os progenitores símios do homem foram sociáveis.

Como determinar o porquê de os instintos sociais não se estenderem a todos os indivíduos da mesma espécie, e a origem dos sentimentos de solidariedade – era tarefa por demais árdua, e cuja solução não apresentava um panorama claro; o mesmo que indagar a origem do dever.

Quanto a saber se Górgono prestaria algum serviço ao chimpanzé – assim como soem os animais superiores auxiliarem-se mutuamente em determinadas ocasiões – o professor tinha a relatar o seguinte: de uma feita, julgando-se em situação de perigo (uma das muitas ciladas que o cientista preparava para analisar as reações dos símios) fez tamanho reboliço que induziu o mestre a aventurar a hipótese ou pelo menos a suspeita de que seu comportamento servia como advertência ao outro animal em força menos avantajado, como que para alertá-lo. Em outras circunstâncias, porém, denotara uma total indiferença quanto à sorte funesta que aguardava o companheiro. Claro que não se podia esperar de um ser bruto patentes manifestações de sentido moral já que este é consequência do aprimoramento das faculdades morais, e o que mais separa os homens dos animais, juntamente com a linguagem. Mas a semente, a semente começou a germinar quando? Quando começou o homem a ter alguma consciência, algum sentimento do Bem e do Mal?

A luta entre os instintos.

Qual o rumo a tomar? Qual o papel desempenhado pelo prazer ou pela dor? Ou o impulso? Quando começou o homem na sua forma grosseira a simpatizar com as desventuras dos semelhantes? Não é pelo hábito, determinando a conduta do indivíduo na sociedade, que se fortaleceu a simpatia?

Assim como um animal, cuja mente se acha conturbada pela disputa de instintos diferentes – que como é sabido atuam dentro de uma escala de intensidade diversa – assim também o homem de antanho quando se viu na contingência de escolher entre uma disposição habitual *versus* determinado instinto; primeiro duvidou, vacilou, retomou o primeiro impulso, recuou, acabou por tomar o partido que melhor lhe convinha. Por que obedeceu a um e não a outro instinto? Como soube qual o certo e qual o errado? De que modo se introduziram os fatores determinantes de sua conduta? E em que época obscura começaram a delinear-se os sentimentos de fidelidade recíproca?

O professor anelava no espírito o desejo e a esperança de poder lançar algumas luzes sobre os intrincados e fundamentais aspectos da natureza do homem, sua essência, seus mistérios nunca dantes sondados pelo engenho humano àquele nível – com exceção de algumas conjeturas a respeito.

O professor dentro em pouco teria a oportunidade de estudar a conduta de Górgono quando, depois de curta ausência, fizera a sua reaparição. O animal emitia gritos, andava em todas as direções, fazia os costumeiros gestos, subia nas pedras – tomado de intensa excitação. Tinha-se habituado com a presença do professor assim como o macaco da jaula é dependente de seu guardião?

E eis aqui em síntese a pergunta que o pensamento lógico lhe impunha: aquele ser que reproduzia formas humanas anteriores era passível de ser domesticado, ou melhor, amestrado – assim como acontecia com outros animais? Se se levar em conta a analogia com os animais com os quais tinha certa semelhança (e dada a sua capacidade de atenção, já manifestada em ocasiões várias) tudo leva a crer que algum resultado se alcançasse. E se continuando no terreno da especulação – comprovado o fato, registrando-se um certo avanço, pelo menos neste setor, por parte do homem-animal, quiçá não fosse de todo descabido aventar a hipótese de afirmar que as relações com os outros seres – ainda que aparentemente imperceptíveis – ver-se-iam afetadas de algum modo. Vale dizer que seria uma causa que contribuiria para abrandar-lhe o instinto agressor.

Continuando o raciocínio, se se admitisse a possibilidade da existência de uma causa artificial, uma substância que tivesse as mesmas propriedades benéficas quanto à modificação do mencionado instinto, os efeitos com o transcorrer do tempo seriam transmitidos aos descendentes dos representantes daquela espécie, pelas leis da hereditariedade? Conforme salientado por Darwin e outros estudiosos da matéria, “não se pode negar que os câmbios de condições produzem efeitos, que algumas vezes chegam a ser consideráveis, sobre toda classe de organismo”. O celebrado autor do evolucionismo, no que tange aos efeitos do aumento de uso e desuso das partes do corpo, depois de assinalar que o uso fortalece os músculos do indivíduo, assim como o desuso absoluto ou a destruição de seu nervo os debilita, assim se manifesta: “Não se sabe com certeza, se bem que é provável, se muitas das anteriores modificações, por efeito de continuarem-se durante muitas gerações os mesmos hábitos, acabam por converter-se em hereditárias”.

Ora, se a Górgono lhe fosse dado viver em condições especialíssimas, sob estrita vigilância, e sendo-lhe imposto o exercício

obrigatório de determinados músculos – enfim, um *modus vivendi* artificial e controlado, sem a intervenção da seleção natural e consequentemente da luta pela sobrevivência com a vitória do mais apto – é de crer que o ser humano desenvolvido dentro desses moldes apresentaria formas distintas das que tiveram os nossos antepassados no longo processo da evolução gradual. Assim, pois, se os seres precursores do homem atual fossem gerados dentro desse laboratório experimental, os descendentes difeririam do *homo sapiens* não apenas quanto ao aspecto físico, com a atuação dos fatos determinantes das modificações hereditárias nas proporções do corpo, mas também no relativo às faculdades mentais. Como conclusão, se se comparassem os dois termos – o homem atual desenvolvido segundo os ditames da seleção natural, pelo processo histórico normal; e os outros seres desenvolvidos de modo artificial, seguindo um critério preestabelecido e racional, é certo que se verificaria uma grande diferença, uma dicotomia. Se se aplicasse o princípio hedonístico no desenvolvimento de tais seres, para a obtenção de espécimes mais perfeitos física e mentalmente, segundo a lei da seleção metódica, muito haveria de esperar de uma raça assim constituída. De maneira especial se se utilizasse a livre seleção sexual, espontânea, sem os entraves do interesse material que acarreta não poucos danos à Eugenia. Em resumo: os seres desenvolvidos de forma metódica difeririam – em grau, não em essência – dos outros representantes do gênero humano não apenas no plano físico, mas também no que tange às altas faculdades intelectuais. Seres diferentes educados no sentido de aprimorar o sentido moral, a fim de estender a simpatia não a um grupo racial determinado, mas a todos os semelhantes. Assim, a sua evolução histórica tomaria um curso diferente da do *homo sapiens*, justificando uma sinonímia própria para designar os tais seres, uma intromissão da natureza na escala dos seres orgânicos, uma espécie distinta.

QUARTA PARTE

A trágica comédia da vida

Ya tengo juicio ya, libre y claro, sin las sombras caliginosas de la ignorancia, que sobre él me pusieron mi amarga y continua leyenda...

Cervantes

Uma visita inesperada.

O professor tomou tempo para pensar, estava indeciso entre abrir ou não abrir a porta. Mas a insistência da campanha acabou por aguçar-lhe a curiosidade e tirá-lo do estado de indolência e imobilidade. Quem poderia ser àquela hora da manhã?

Assim como o paraquedista pouco experiente vacila diante do salto, toma impulso e, num ímpeto, se joga com tanta força que lhe é impossível voltar atrás, assim o professor, para vencer a inércia e o cansaço, num movimento brusco levanta-se de um só golpe, que lhe exigiu tamanho esforço. Pelo interfone perguntou quem era e o de que se tratava, com sinais de impaciência.

Uma voz feminina, da outra extremidade do fio: “Sou eu, titio. Não se lembra de mim?” É Jane.

– ?!

O portão abriu-se automaticamente, um simples toque do indicador acionou o mecanismo fotoelétrico.

– Entre, por favor.

Dentro em pouco surgia uma moça muito atraente, pele bronzeada, cabelos louros compridos e vivos olhos azuis. Identificou-se como sendo sua sobrinha. Acabava de chegar da Austrália. Logo acorreram à mente do professor numerosas recordações: algumas nítidas, outras como se se encontrasse num nevoeiro. Lembrou-se

de quando fora ao cais do porto despedir-se do irmão, que com os filhos ainda pequenos resolvera mudar-se para a Austrália, desgostoso com a morte da esposa. “Começar vida nova, há muita coisa ainda por fazer.” Foi uma das últimas frases que pronunciou antes de embarcar. No fundo – o professor sabia-o – era um pretexto, uma fuga; na verdade o que procurava era desfazer a imagem da mulher que amara com grande devoção. Talvez, no outro lado do mundo, pudesse apagar os rastros da sua presença ou minorar as fortes dores da ausência. Tivera nunca notícias depois disso, nem sequer uma carta. Talvez fizesse parte de sua fórmula de romper para sempre com o passado, o que perseguia com tanto denodo. Quem sabe o que se passa no interior de cada um? Na parte desconhecida da mente há uma zona de conflito entre o positivo e o negativo, entre o lógico e o ilógico, e na qual a verdade se disfarça. Uma zona cujos contornos são maldefinidos, e os valores não raro se invertem.

– Titio, o senhor está se sentindo bem?

O professor balançou a cabeça de forma quase imperceptível, como quem procura num movimento físico desvencilhar-se de um pensamento que segue uma espiral, para retornar à cena presente.

– Ah, sim... desculpe. É que às vezes me perco nas minhas recordações. Não tive nenhuma intenção de ser indelicado.

Em seguida deu mostras de hospitalidade, convidou-a para tomar assento, ofereceu-lhe algo para beber. Cortês – mas sobretudo formal – como era de seu feitio, aliás. Ela, pelo contrário, bastante descontraída, se bem que houvesse aparentado um certo nervosismo de início.

O diálogo, como era de esperar, passou a girar em torno de assuntos familiares. A moça, respondendo às perguntas ávidas do professor, pouco a pouco ia reconstituindo para este a trajetória da vida do irmão, preenchendo a lacuna deixada pelo tempo. À medida, porém, que se ia esgotando o objeto de conversação, as primeiras dúvidas nasciam a intervalos irregulares, e a preocupação se introduzia no íntimo do professor. Tudo começou com um pequeno deslize por parte da visitante, uma contradição relativa a datas, que bem poderia acontecer com qualquer pessoa, e que em condições normais quiçá houvesse passado despercebido. A moça retificou o erro. E talvez tenha sido por isso que o professor fixou a atenção no particular. Em todo caso, tudo o que acontecia no momento, se não relacionado com as suas experiências, era destituído de importância. Urgia que retornasse ao laboratório sem mais delongas. Precisava descartar-se da moça, ainda que sendo

sua sobrinha. Ademais, não podia aceitar a ideia de tê-la em casa como hóspede nas atuais circunstâncias.

A jovem, amiga de estar à parola, principiou outro reconto, com a intenção de granjear a simpatia do professor, de tornar-se mais íntima. De certa forma, e com muita razão, sentia-se como se um corpo estranho naquele ambiente. Ele, com a atenção voltada para os problemas, apenas olhava imóvel para os olhos da moça, como que ausente. Não tardou para que ela notasse a brusca mudança nas atitudes do tio. Enquanto isso, ele arquitetava um pretexto para interromper a narrativa da moça e desobrigar-se de recebê-la, de modo a não ferir-lhe a susceptibilidade. Percebendo a tática, por intuição feminina, ela tomou a dianteira e: “Uma dor de cabeça horrível. Deve ser do cansaço, a emoção da viagem, as noites maldormidas...”

Falando pausadamente, pondo ênfase nas palavras: “O senhor se incomodaria se eu descansasse aqui algumas horas, antes de prosseguir viagem para Londres?”

“Com prazer” – respondeu o professor, muito a contragosto. Não lhe restava alternativa. Consolava-o o fato de ela ter sido explícita a respeito da estada no Castelo: algumas horas apenas não fariam muita diferença, inda mais que não interferiria com seu trabalho, por estar repousando.

– Por aqui. Vou conduzi-la a seus aposentos.

No caminho ele foi desenrolando o fio do raciocínio. Estranhou o fato de ela nada ter mencionado a respeito da ausência de empregados na residência. Estranho não ter reparado no mau estado de conservação do Castelo, a poeira dos móveis, o jardim malcuidado...

Sem perda de tempo a moça procurava abarcar tudo com a vista, colhendo o máximo de impressões, como que estudando a disposição do Castelo. Não poupava elogios à riqueza e ao bom-gosto da decoração.

Quando chegaram ao quarto de hóspedes, o professor: “Seja bem-vinda”.

A reação da moça não se fez esperar: deu-lhe um beijo na face e agradeceu-lhe a gentileza. Ato contínuo, o professor retirou-se para o laboratório, não antes de tomar algumas precauções, a certeza de não estar sendo seguido.

Algumas horas depois o professor foi ter com a moça, com a firme resolução de não prolongar por mais tempo a sua permanência ali. Qual não foi a surpresa quando deparou com o leito vazio. Como um possesso foi ao seu encalço. Como poderia ter sido tão ingênuo a ponto de admitir a presença de uma estranha invadindo

os domínios de sua intimidade? E se não fosse sua sobrinha? Não teria se apresentado com falsa identidade? Não seria outra jornalista acostumada a importunar as pessoas? As pulsações aceleradas traduziam o estado de apreensão. A dúvida cedia lugar à certeza.

E os temores não estavam infundados. Surpreendeu-a em atitude suspeita, revolvendo às pressas algumas gavetas.

“Não achará nada de interessante aí” – disse-lhe com ironia o professor, acompanhando-lhe todos os movimentos.

Ela procurou dissimular, tartamuda; forjava pretextos, consciente da gravidade da situação. Que não era nada daquilo que ele estava pensando, que ela... apenas... buscava... uma lembrança... de... família.

O professor lançou algumas perguntas, como um balão de ensaio para testar as verdadeiras intenções da moça. Ela pouco a pouco ia recobrando a confiança, firmeza, seu modo altivo, suas respostas quase um desafio para o interlocutor.

Súbito, o professor resolveu mudar de tática, a cartada decisiva: “Basta de fingir, senhorita. Eu sei que meu irmão morreu há muito tempo”.

– Como?!

Apesar de seu relativo sangue-frio, ela perdeu o domínio de si, não percebeu que ele estava blefando. O professor cravou-lhe os olhos vigilantes, tomou-a pelo pulso e dirigiu-se a ela em tom ameaçador. Talvez assim se deixasse intimidar e revelasse os motivos da intrusão. Usar de energia no momento psicológico para trazer a verdade à baila. Ele bem conhecia aquele tipo de personalidade, pessoas muito seguras exteriormente, mas que entram em pânico ao menor sinal de perigo.

No momento crítico a jovem, debatendo-se, suas forças redobradas pelo medo, no auge da desesperação, conseguiu desencilhar-se. Perseguida de perto pelo médico, após duas ou três tentativas frustradas, logrou chegar à soleira da porta e, como um felino aguçando os sentidos, deu um salto em direção da saída para ganhar a liberdade, escorregando por entre as mãos do perseguidor. Assim como o gato usa de toda astúcia e manha para capturar o seu desvantajoso inimigo convencional – tal como age a natureza para equilibrar o reino animal – com a mesma tenacidade o homem não dava trégua à jovem, que a esta altura já apresentava patentes sinais de cansaço e debilidade. Atravessaram a *Queens’ Drive*, o bosquete, transpuseram o portão – que ela tomara a precaução de deixá-lo soaberto para eventual escapada. Então começou a perigosa escalada do rochedo. De início ela vacilou, fraquejou; mas tão logo recobrou

a coragem empreendeu a arriscada empresa. Os pés tenteavam o abrigo seguro para evitar a queda mortal, abraçada ao rochedo. As mãos aflitas procuravam a fenda entre as pedras – como quando o moribundo no deserto cava a areia para encontrar água, que o livra da morte certa.

Embaixo o mar, ameaçador. O professor instando-a para que retornasse, desistisse do intento, mantivesse a calma. Mas quem pode manter a calma e escutar a voz da razão, quando o pânico invade a mente e obscurece o discernimento? O professor, então, convencido de que as súplicas não surtiam efeito, foi ao encontro da moça e – após uma série de peripécias – conseguiu livrá-la de morte pavorosa, dando-lhe a mão no momento em que perdera o apoio – como quem puxa do fundo das águas o moribundo, devolvendo-lhe a vida.

Mas há outra versão para o caso...

O professor nunca poderia prever o curso que iriam tomar os acontecimentos. Vamos reconstituir a cena precedente, no quarto, no momento em que a pseudossobrinha – as intenções encobertas por pretexto – despede-se do anfitrião com um ósculo e ternas palavras de agradecimento. Por meio de artifício engenhoso lograra introduzir na roupa do professor, com habilidade, minúscula peça que fazia parte de aparelho magnético, dando a exata posição de onde se encontrava o portador daquela. Além disso, usou de outra artimanha, omitida aqui de propósito, com o fito de não perder de vista o objetivo visado e levar a bom termo a missão. O fato é que ela o seguiu, com cautela guardando certa distância, mas acompanhando atenta a trajetória que lhe indicava a agulha magnética, com todo o cuidado para não ser vista.

O professor, precavido que era, por via das dúvidas ainda olhou para trás a fim de certificar-se de que não estava sendo observado, antes de penetrar na passagem secreta que conduzia à gruta pelo subterrâneo. Jamais poderia imaginar que levava em si a prova denunciadora.

A perseguição continua. A moça seguia no vídeo do aparelho os movimentos do doutor Érilus. Demorou algum tempo em decifrar o enigma que lhe permitia passar para o outro lado e alcançar as escadarias tortuosas e seculares do frio e úmido corredor. Deteve-se alguns minutos na entrada para acostumar a vista. Mal-iluminado, de forma irregular, de pedras salientes e reentrâncias, com água filtrando-se pelas paredes, o ar pesado – obra inacabada onde a ação do tempo se fazendo sentir. Túnel de aspecto pavoroso, lembrava

a garganta de um dragão no ânimo abatido e assustado da moça. A disposição e conformação das pedras sugeriam em sua mente figuras destorcidas, a inclinação e as curvas do comprido corredor faziam-lhe perder a exata noção de equilíbrio. As paredes sinuosas, excavadas de forma irregular na rocha, davam-lhe a impressão de movimento ondulatório, máscaras gravadas em alto relevo – produto da imaginação. Por algumas vezes quase obedeceu ao impulso de retroceder, mas uma firme determinação se impôs em seu espírito – como quando o fanatismo inspira os maiores feitos, e o risco da própria vida passa a plano secundário.

Tão logo chegou à gruta, o professor Érilus começou aprontar-se para o mergulho, vestindo o traje de homem-rã. A esta altura já estava dentro do raio de visão da moça, que oculta atrás da pedra interrogava os seus movimentos, procurando compreender a cena. Não tardou, porém, que adivinhasse as intenções do doutor. Exímia nadadora, seguiu-o até o fim, constante em seus propósitos, enquanto não encontrasse as provas condenatórias. Ela então afundou-se com suavidade na água para evitar o barulho que o peso do corpo, em contato com a superfície líquida, provocaria num mergulho. Guardando a distância conveniente, com dupla finalidade: não perder de vista o professor e não deixar a sua presença ser detectada. Campeã olímpica de natação, estava em seu elemento – a água. Mas nem por isso deixava de ter os maiores receios. Não só por causa da terrível experiência do túnel, mas também por desconhecer o destino que a aguardava. Com a agravante, além disso, de estar sob tensão nervosa, os nervos à flor da pele. Mas força nenhuma, nenhum obstáculo poderia demovê-la, mudar o rumo de uma decisão tomada, uma quase obsessão, ideia fixa que a impelia. Iam em direção ao fundo da gruta, iluminada pelos efeitos da luz exterior, com reflexos, filtrada através da água. A juventude e o excelente preparo físico da moça compensavam a falta de indumentária subaquática, já que nadavam a uma profundidade considerável, não fazendo referência à operação de deslocamento da pedra, que por si só demandava certo tempo.

Foi num átimo. O professor, através do vidro da máscara, surpreendeu-a, procurando camuflar a sua presença rente às pedras. Manteve a calma, pelo menos na aparência. Tentou dissimular, agindo com naturalidade como se nada houvesse acontecido, embora a surpresa o tivesse deixado desorientado de início e todo confuso. Não podia atinar com o fato de ela ter encontrado a sua pista, mesmo esforçando-se em aventar diversas hipóteses. Agitando os pés, passou para o outro lado da gruta, enquanto concebia um plano. Deixou a passagem aberta de propósito para atraí-la. E escondeu-se detrás da pedra, à espreita. Não demorou que ela caísse na armadilha. E o

professor com um abraço paralisou-lhe os movimentos, a esta altura quase já sem forças para debater-se devido ao tempo sem respirar. Trazendo-a pelo pescoço, levou-a à superfície.

Acordou prisioneira. Fortes correias prendiam-lhe o corpo na mesa de operações que o doutor usava nas experiências com Górgono. Pouco a pouco foi montando a cena até fomar sentido.

– Não se preocupe. Nada de mal lhe acontecerá.

O professor tentando acalmá-la. Ela em vão rogando que a soltasse, temendo pelo pior: “Por precaução, disse o professor”.

Em seguida começou um longo interrogatório. Ela acabou revelando o que o médico queria saber – com certa relutância, porém. Seu nome era realmente Jane. Tinha empregado muito tempo estudando tudo o relacionado com ele: hábitos, dados pessoais, livros, acontecimentos de sua infância, contatos com parentes próximos, etc. Tudo com o máximo de detalhes possível. O professor não pôde conter a surpresa quando ela confessou ser irmã da moça assassinada no *pub*, naquela noite em que o médico passara por ali. Ela acompanhara todos os lances da investigação policial, e estava convencida de que ele podia pelo menos fornecer-lhe uma explicação.

O som primitivo, emitido por Górgono, veio compor o último elo. Assim como dois corpos não podem ocupar simultaneamente o mesmo lugar no espaço, assim a certeza e a dúvida. Ela estava diante do monstro que tirara a vida de sua irmã. O instinto de conservação atuou de maneira poderosa: tomando consciência da gravidade da situação, entrou em pânico, estado de ânsia, com toda a força agitando o corpo para livrar-se das apertadas tiras de couro que a mantinham sojugada. Debalde o professor tentou por todos os meios restituir-lhe a calma. Não teve alternativa senão aplicar-lhe uma injeção de narcótico, que não tardou a fazer o efeito almejado, adormecendo-lhe a vontade durante algumas horas.

A transformação.

E aconteceu que, depois de extravasar a alegria pelo sucesso da reconstituição integral da máquina cósmica, o cientista teve um pressentimento, assim como adivinhando uma ideia que se insinuava no subconsciente, sugerida pelas circunstâncias fortuitas – a presença da moça, no caso – e o encadeamento lógico dos fatos.

Dirigiu-se à mesa de operações, afrouxou as fortes correias, tomou-a nos braços e carregou-a até onde se achava instalado o Cérebro Cósmico. Ajustou-lhe o capacete na cabeça, e tomou as outras providências que se faziam necessárias. Funcionaria o apare-

lho capturador da energia desconhecida? Corria perigo de vida a indefesa jovem que lhe servia de cobaia? Mil indagações estavam prestes a ser respondidas, na contagem regressiva de segundos. Enxugou o suor que lhe escorria do rosto, respirou fundo como para tomar impulso, e com mãos firmes moveu a alavanca do Tempo em direção do futuro, alguns milhares de anos à frente. Ainda poderia ter ido avante; sustou-o o receio de criar um obstáculo intransponível entre ele e o cérebro desenvolvido.

Enquanto esperava os resultados, fazia toda espécie de conjecturas, especialmente no tocante ao comportamento do novo ser.

Passando o efeito anestésico, ela ia pouco a pouco voltando ao estado físico normal, recobrando a consciência e a percepção dos sentidos. Ele procurava reanimá-la, tão de perto que chegava a sentir-lhe o batimento do coração. Ela estranhava tudo em volta, tateando a realidade, algo semelhante a amnésia.

O médico a observar-lhe com minúcia todas as reações. Tomou-a pela mão e fê-la sentar-se em outro lugar, talvez para testá-la. Ela obedecia como um autômato, sem vontade própria. Durante algum tempo ficou imóvel, olhando fixo para algum ponto, como ausente ou altista.

De repente, porém, operou-se uma mudança no seu modo de agir, com a manifestação da capacidade dos sentidos – o sopro vital – reflexo de sua personalidade. Rebatizou-a com o nome de Jinnie, ou Giny, a mulher do futuro. O professor contemplou-a extasiado, obra prima e portento da natureza, a maravilha do Universo. Sentiu-se como o primeiro homem a pôr os pés num planeta. Havia realizado a experiência mais ousada na história da humanidade. Tinha diante de si as três ramificações do gênero humano – o presente, o passado e o futuro.

Um convívio inusitado ia começar.

Uma vez surpreendeu-a ajeitando os cabelos, a água parada refletia sua imagem como num espelho. As vestes curtas desenhavam-lhe as formas e deixavam à mostra os joelhos bem-torneados. O azul dos olhos traduzia uma indefinível melancolia. Nem soube porque – movido por força estranha – tirou-lhe os pezinhos de dentro d'água e enxugou-os com o avental. O professor desconheceu-se. Sentiu-se como quando um pensamento intruso penetra no reduto da consciência, portador de revelações. Via-a como o artista depois da obra acabada.

Igual que a sonda permite a exploração e o consequente conhecimento da conformação do relevo submarino – os dois seres perscrutavam o íntimo um do outro.

Com o passar do tempo, foi dando mostras cada vez maiores das altas faculdades intelectuais, da capacidade, incrível rapidez de raciocínio. Resolvia com a maior facilidade complicados problemas matemáticos. Descobria fórmulas, apresentava teorias revolucionárias. O professor sentia-se como uma criança em fase de aprendizado, reconhecia a ínfima condição diante daquele supercérebro.

Tivesse tempo suficiente e dispusesse dos meios necessários para estudar pormenorizadamente as modificações introduzidas, por mínimas que fossem, na estrutura corpórea do ente superior depois da operação. O cérebro, por exemplo, experimentou uma evolução de milhares de anos em poucos segundos. Melhor dito: o homem, no estágio atual, que usa somente 1/4 do potencial do cérebro, levaria milhares de anos para chegar ao modelo daquele cérebro hiperdesenvolvido. Teria aprendido a controlar as emoções? O ódio, o desejo, a sexualidade? Em um só dia, avançou séculos na vida. A caixa craniana, como teria se adaptado para abrigar as novas dimensões do cérebro? Que outras modificações? Estaria mais predisposta a contrair certos tipos de doença, o organismo teria mais resistência, seria imune a certos vírus? Os remédios surtiriam os mesmos efeitos? Ou haveria perfeita identidade de tecidos e de sangue?

O médico ofereceu-lhe cigarros e bebidas, disfarçando a verdadeira intenção, que era a de verificar se as suas preferências continuavam as mesmas. E o sistema nervoso? Poderia ser afetado da mesma maneira que em seu *status quo ante*? Bem que o professor se sentia tentado a submeter o novo ente a um completo e minucioso exame físico e mental. Convocar uma equipe de médicos, cujos representantes seriam escolhidos entre os mais ilustres cientistas do mundo, e usar os aparelhos mais aperfeiçoados dos melhores laboratórios, num esforço de cooperação multinacional.

Se se pudesse marcar a trajetória, acompanhar a progressiva evolução do cérebro humano nos diferentes estádios através dos tempos – perfilando os correspondentes modelos ao vivo, o que tornaria viável tal hipótese – com comparações sistemáticas e metódicas. Que diferença entre o crânio do ser supercivilizado e o do Homem de Lan T'Ang!

Um capítulo anterior.

Como o cérebro da moça havia sofrido transformações consideráveis, o professor começou a indagar-se das possíveis alterações no comportamento e na maneira de ser, logo depois de efetuada a operação. O ser humano continuaria o mesmo? Os primeiros indícios denunciadores da mutação da mente, violentando o princípio da evolução gradual, não tardariam a se manifestar.

“Sintomático” – exclamou o doutor.

O modelo normal do Homem – tal como está constituído e tal como o concebemos na atualidade – passou a ser um conceito ultrapassado, em certo sentido. Todos os tipos intermediários poderiam ser reconstituídos, os elos perdidos, caracterizada a natureza plástica do homem.

A verdade é que a moça apresentava provas cabais de possuir uma superinteligência, a ser igualada somente pela inteligência do ser humano do futuro. Teria o uso da potencialidade total do cérebro? Ou em que época da História seria possível atingir esse estado? De qualquer forma, era de esperar que pendessem a seu favor os benefícios de vantagens incontestáveis frente ao homem nos seus moldes atuais. De fato, aprendia com uma facilidade deveras inimaginável diversos ramos das ciências exatas, postos diante de si pela leitura de tomos especializados. No que concerne aos idiomas, com facilidade surpreendente aprendia-os. A uma memória privilegiada aliava-se uma incrível capacidade de absorção.

O professor mais uma vez certificava-se estar diante de um fenômeno. Estaria munida de poderes hoje considerados sobrenaturais? A operação cerebral teria facultado o exercício da telepatia? Mil e uma dúvidas assolavam o espírito científico do doutor, ansioso por definições, voltado para as pesquisas cujos resultados lhe proporcionariam algumas pistas que lhe permitissem uma visão de conjunto, ou pelo menos dissipar em parte o denso nevoeiro de incertezas. Em outras palavras, esforçava-se por descobrir os limites do novo ser.

O professor continua com as experiências.

Com muito tato, para não ferir susceptibilidades. Para testar se houve alterações para melhor no sentido do olfato, “não está sentindo um cheiro estranho?” – inquiria o médico a intervalos irregulares, adrede borrifando com essências de diferentes olores alguns pontos do recinto, disfarçando todos os gestos.

No que concerne à audição, sob pretexto de ela o estar ajudando, fazia várias experiências com os sons, seguindo a escala.

Também no que diz respeito à visão. “Este pequeno objeto brilhante é visto a esta distância?” Desenhou os vários tamanhos de letras, com modalidades e cores diversas, como no consultório de oculista. E o tato: “Qual o mais macio, qual o mais áspero?”

É bem verdade que o examinador, no final de contas, não conseguiu detectar nenhuma alteração nos sentidos que o autorizasse a fazer qualquer declaração nesse particular. Não contava com os aparelhos especializados, mas tudo levava a crer que, mesmo que se registrassem diferenças, seriam de certo modo insignificantes. Mas havia a ponderar o seguinte: o professor poderia ter acionado a máquina para levar a criatura muito mais além no tempo, milhões de anos no futuro, mas por cautela resolveu abreviar a distância. Ademais, era sua intenção refazer a experiência e, à medida que fosse factível, alargar o raio de ação do aparelho cósmico, projetando o indivíduo em direção ao futuro, até a máquina atingir a capacidade máxima. Mas este plano ficava reservado para outra ocasião.

O que interessava no momento era, primordialmente, encontrar a fórmula da solução química, o antídoto que o liberaria das fatais doses maciças do Argos. De fato, os sintomas de envelhecimento precoce das células eram cada vez mais evidentes, além da tremura, semelhante ao mal de Parkinson, que precedia os ataques cada vez mais frequentes, acompanhados de tontura, desmaio e fortíssimas dores de cabeça. De uma feita sofrera um desses ataques em presença da moça. Quando recobrou os sentidos, com as costumeiras sensações de mal-estar, o corpo dolorido, torcicolo e outras indefiníveis sensações, encontrou-a impassível, fitando-o como se desprovida de emoção. Teve um começo de pânico, o mal agravava-se a olhos vistos, o fim era inevitável – como um barco desgovernado se dirige em direção à cachoeira. Tão logo recuperou a calma, voltando ao estado normal, pensou em pedir ao cérebro privilegiado que encontrasse o antídoto, que ele com tanto afincou em vão tinha tentado encontrar, fácil tarefa para a mulher do futuro. Mas fá-lo-ia no momento azado, não queria dar-lhe a impressão de que sua vida dependia dela, que seus dias estavam contados, a não ser que ela o salvasse com sua interferência, por meio de seus conhecimentos científicos. Só por isso refreava o ímpeto de pô-la a par da constrangedora situação, premido na zona contígua entre a vida e a morte.

E seus receios não estavam infundados. Desde logo notara uma crescente animosidade para com ele. Certo, ela se considerava prisioneira, e com toda razão. Ela só poderia sair dali com a anuência do professor, que a esta altura tinha tomado as medidas necessárias

para mantê-la cativa enquanto assim o desejasse, com dispositivos de segurança que obstruíam a passagem submarina, único modo de escapar-se da gruta. Verdade que ele frustrou, por algumas vezes, tentativas de fuga – inclusive uma por fabricação de substâncias explosivas, que ela quase lograra levar a efeito, lançando mão do que dispunha no improvisado laboratório.

O professor Érilus esforçava-se por compreender as razões do ódio que ela nutria por ele. Teria recuperado a faculdade da memória, lembrando-se de fatos de sua vida pregressa, da *causa mortis* da irmã assassinada de forma trágica, culpando-o por isso? Não foi essa ideia obsessiva que a impeliu a arrostar perigos e entregar-se a uma sorte desconhecida? Além disso, a presença física do monstro pré-histórico não era a prova cabal que faltava para determinar a culpabilidade do doutor? Sem embargo, ela nunca tocara no assunto, nem fizera a mínima referência, parecendo desconhecer qualquer nexos entre o assassinio da irmã e a besta fera. Ora, isto só seria possível se realmente se encontrasse em estado deficiente, com a perda parcial da memória, verificada depois da operação cerebral. Mas não seria outro estratagema? Que outros motivos teria para avivar aquele sentimento adverso, que se manifestava no seu modo de ser? Um erro de cálculo da máquina cósmica poderia ter provocado um desequilíbrio das emoções – hipótese esta que merecia ser aventada no terreno abstrato das especulações. Um profundo desprezo pelo professor, não só por causa da incontestável superioridade intelectual – um abismo intransponível separando centenas de gerações, duas comparações numa escala – mas também pelo fato de ele evidenciar a sua fraqueza, não controlar as emoções, prisioneiro do amor. Mas então, ele não fora o seu Criador? Não tinha o mérito de ser o primeiro homem a romper a barreira do Tempo?

Os papéis invertem-se.

De forma irreversível, o professor ia perdendo o domínio da situação. O cérebro superpotente emitia uma como força de efeitos hipnóticos, embaralhando as ideias do cientista, confundindo-o, sustando-lhe as ações. Assim como ondas hertzianas, emitidas de uma poderosa estação, impedem a captação de ondas menores, segundo o aparelho receptor. Parece que às vezes tinha o poder de ler os pensamentos, pelo modo como se concentrava e olhava fixo para o professor. Passou a conhecer-lhe as fraquezas, observar-lhe os movimentos; sabia que no fim sairia vencedora, era apenas uma questão de tempo.

O médico não escondia os temores diante da gravidade da situação. O tempo escoava-se com rapidez, urgia tomar uma decisão: as drogas calmantes cada vez surtiam menos efeitos e eram aplicadas com maior frequência, abalando os nervos do professor. Resolveu apelar para os seus sentimentos humanitários, humílimo rogou-lhe que o ajudasse a encontrar a fórmula química para o antídoto, prometeu-lhe a liberdade em troca do líquido que o livrasse dos tormentos e do espectro da morte.

Ela cedeu. Aparentemente, porém. No íntimo urdia um plano para ganhar tempo, revolvendo na mente um misto de vingança e cólera reprimida. A esta altura, já estava de posse de todos os dados, aos poucos foi-se inteirando de tudo, por via direta ou indireta: a explicação de Górgono, as experiências do professor, a própria condição de ente privilegiado e superior. O fato é que ela desconfiava da palavra do doutor. Depois de ele conseguir o que queria, salvando-se de morte abjeta, que destino estaria reservado a ela? Continuará servindo de cobaia, ou mero instrumento da ambição do professor? Nos dias que se seguiram dedicou-se à atividade de pesquisas no laboratório, procurando determinar os componentes químicos que livrassem o médico da terrível moléstia que o deformava, e disseminava horríveis máculas em todo o corpo.

Por outro lado, ele não poderia deixar de ministrar-se doses cada vez maiores, maciças, da droga que causava os tremendos efeitos. Porque – uma vez interrompido o ciclo, o curso normal da droga, que de modo inexorável o levaria à ruína – a cessação da aplicação da droga abreviaria o seu fim, uma velhice súbita apoderar-se-ia de seu corpo, decompondo-o em instantes, como aconteceu com os animais no laboratório.

Entretanto, à medida que o tempo passava, o professor foi-se dando conta da verdadeira intenção da moça, pelo modo esquivo de comportar-se, com subterfúgios. Bastou um gesto infeliz, num momento determinado, para que a certeza se firmasse em seu entendimento, o que o pressentimento há muito adivinhara. Não tinha nenhum sentimento de piedade, aquela? Ele havia criado um monstro pior do que Górgono, que dera morte brutal à jovem, sem consciência do que estava fazendo, como é próprio da natureza dos brutos. Mas ela? A superinteligência, o modelo humano que mais se aproxima da perfeição, esperança dos homens do presente. Oxalá pudesse abrandar-lhe o coração e a dura raiva que a movia, insensibilíssima. Aquela frieza só poderia atribuir ao mau funcionamento da máquina. Os mais mínimos deslizes poderiam ser responsáveis pelos maiores transtornos. Rechaçava a hipótese de que o homem

do futuro não teria o sentido moral mais aperfeiçoado e, em consequência, sentisse mais simpatia por seus pares.

Como explicar então o mau procedimento daquela representante da espécie humana do futuro? Chegou mesmo a pensar em retrocesso – se se descartasse a hipótese de possível desregulagem do aparelho cósmico – retrocesso não em sentido físico, mas em sentido moral, ou o que a ele equivalesse, com toda a liberdade de expressão, é claro, e faltando a sinomínia apropriada. Assim, quando um homem civilizado pratica um crime com todos os requintes de crueldade, digno dos tempos bárbaros – dar-se-ia um retrocesso da consciência, um reflexo da vida anterior, emanção de antanho, estrutura ou modelo de tempos idos que retornam com toda força se ativada por fatores desconhecidos? A parte primitiva do homem voltando à tona?

As mais ignotas regiões do cérebro ainda oferecerão muitas surpresas aos cientistas quando devidamente exploradas.

Na antevéspera do clímax.

O círculo cada vez mais se apertava em torno do professor, que a esta altura dos acontecimentos mantinha nenhuma ou quase nenhuma esperança de sair ileso da situação. Preparou o espírito para o pior, fez um profundo exame de consciência. Interrompeu-lhe a série dos pensamentos lógicos encadeados, trazendo-o de volta à realidade presente, a moça.

– Professor?

Desvestiu o avental cor de rosa e em seguida limpou as mãos, sujas um pouco de líquido vermelho. O modo calculado de agir disfarçava as verdadeiras intenções. Mas o médico não demorou a traduzir o seu pensamento. O veículo fora um pressentimento que o advertira, que aflorou das regiões recônditas de seu ser tumultuado, como quando a borrasca para de modo imprevisto, e um raio de luz do Sol se escapa de entre as nuvens. Já não havia margem para a dúvida: o professor estava convencido de que era de seu conhecimento a fórmula do preparado, cujos efeitos livrá-lo-iam da morte perniciosa e prematura, restituindo-lhe novo vigor aos membros. Giny. Apenas pronunciou aquele nome.

Em seguida, depois de um silêncio significativo, caminhou a passos largos – determinado a não retroceder, como quem tem de cumprir uma obrigação inadiável – em direção à máquina cósmica. Iria devolver ao presente aquele ser engendrado artificialmente, subtraído do futuro. Nada impediria que ele repetisse a experiência outras vezes. A questão era encontrar outro paciente, e submeter seu

cérebro à ação do aparelho cósmico. Górgono, porque não Górgono? Porque não lhe ocorrera a ideia antes?

Súbito, ela percebeu a intenção do médico: queria regredi-la no tempo, fazer com que voltasse ao estado normal. Isso não estava disposta a permitir nunca, nem que preciso fosse recorrer à violência, lançar mão de uma pedra e pegá-lo desprevenido. “Nem mais um passo!” Abrir mão de suas prerrogativas? Nunca jamais. Tão logo saísse dali para o mundo exterior, pensaria em utilizar o potencial de seu cérebro na obtenção do maior número de vantagens possível. O confronto entre a superinteligência e as inteligências normais lhe proporcionaria benefícios incomensuráveis. “Pare!” Ela disse. E outras frases de situação. Em seguida, como para hipnotizar o professor, seus olhos imitavam o brilho do cristal exposto ao Sol. Concentrou-se, usando toda a força do pensamento para a consecução de um fim.

O professor ficou com os movimentos quase paralisados, as mãos trêmulas, o suor escorrendo-lhe da fronte, as ideias embaralhadas, um terrível zumbido no ouvido que o estonteava. Impotente para alcançar o aparelho, por mais que a vontade o quisesse. Teve de afastar-se do objetivo para aliviar a pressão. Retrocedia. Assim o ímã atrai o metal.

Afinal, quando não mais constituía uma ameaça, conseguiu escapar do que o mantinha preso no circuito. E, sem olhar para trás, foi esconder-se numa das ramificações da gruta, úmido corredor aonde a luz mal penetrava.

Foi o amor que o perdeu?

Esperar. Aguardar o momento oportuno para agir. Ele podia prescindir do sono, mas ela não. Por mais que opusesse resistência, as pálpebras fechar-se-iam para dar o merecido repouso aos membros, como é próprio da humana condição.

Certo. Bem que poderia ter tomado as providências que julgasse convenientes no início do processo, antes de a moça ter adquirido pleno poder de suas faculdades. Como então saber de suas tendências? – justificava-se. O rumo que iriam tomar os acontecimentos contrariou as expectativas e frustrou-lhe os íntimos desejos.

Na tarde do outro dia, o professor reapareceu, com o semblante visivelmente transtornado, a fisionomia grave. Encontrou-a dormida com a cabeça apoiada no alto.

Górgono estava inquieto, andando de um lado para outro, nervoso, emitindo aqueles sons próprios dos da sua estirpe. Salvante

isso, portava-se bem. Mas tudo indicava que iria dar trabalho aquela noite.

– Calma, Górgono.

E talvez tenha acrescentado em voz baixa: “Em breve terá fim o tormento que te aflige”. E chegou mesmo a sentir certa afeição por aquela criatura grotesca e, de certo modo, até a invejar-lhe a sorte. Quando pudesse pensar normalmente, livre das peias que o prendiam ao estado selvagem, quanto não haveria de compadecer do infortúnio do cientista, talvez já sob o peso da morte?

– Tem-te, Górgono.

Uma série de imagens perpassava-lhe pela mente. Lembrou-se dos momentos aflitivos que sucederam à decomposição da máquina, o aprendizado de Górgono em contato com as conquistas da civilização: a descoberta do fogo, a invenção da roda, ferramentas e utensílios diversos, e até mesmo aparelhos produzidos pela técnica moderna. O gáudio em face do êxito obtido no transcurso das experiências. Ou a decepção, em caso contrário. A total impossibilidade da palavra articulada, apenas a imitação das vozes de animais. As emoções de Górgono, registradas no gravador: a dor, a alegria, a ira, o medo, a tristeza...

Súbito desviou a trajetória dos pensamentos encadeados. A moça. A cena iluminada como quando o dia amanhece. O professor então aproximou-se. Contemplou-a como um ideal inatingível, o homem diante do Universo. Sua visão começou a embaçar um tanto, da mesma maneira que um binóculo mal enfocado. Apertou com toda a força a frente com os dedos contraídos, andando, em direção à parede de pedra. Arremeteu a cabeça contra a mesma, desgovernado, em atitude de desesperança. Suava frio por todos os poros, fera acuada que pressente o perigo da morte.

Tomou um tempo para sossegar os sentimentos, ordenar os pensamentos com a lógica. Assim também a tempestade que pouco a pouco se vai amainando, cedendo lugar à calmaria. As águas estagnadas refletiam a luz artificial e transfiguração do professor, como num espelho.

A moça repousava, estátua da perfeição, num sono tranquilo e reparador. Tomou-a nos braços, sentindo sua presença como o amor é incomensurável. Antes mesmo que ele soubesse, já estava fadado àquele amor impossível, réplica do ideal do doutor Érilus. Carregou-a com todo o cuidado para não despertá-la do sono eterno, pô-la de leve no assento da máquina do espaço. Quando acordasse, seria outra pessoa, tirada de um mundo diferente. O professor olhou-a

pela última vez. Tomou coragem para o impulso, mover a alavanca do tempo. Prendeu a respiração.

Qual não foi a surpresa quando a máquina não obedeceu à vontade do criador. Não surtia efeito nenhuma tentativa para pô-la em funcionamento. Não podia atinar com a causa. De repente... Ao virar-se, deparou com o olhar duro e calculado da moça. Imediatamente ligou os fatos e tirou as devidas conclusões.

Ela: “Então o senhor acha que eu permitiria tais excessos?” – com voz sarcástica.

O professor, aturdido, desnortado, sob o impacto do absurdo. Tomado de assalto pelo imprevisto, dizia coisas sem nexo, esforçando-se para concatenar as ideias. Com gestos mecânicos vestiu o traje subaquático. Afundou-se na água e passou para o outro lado, em vão tentando escapar da realidade e do determinismo que o rodeavam. Tomou precauções para abortar qualquer tentativa de fuga por parte da prisioneira, colocou no devido lugar a peça de segurança para evitar que a pedra – que permitia a comunicação entre as duas grutas – se movesse. Chegado que foi à superfície, trocou de roupa, tomou o caminho que conduzia ao salão principal do Castelo. Estava pronto para as últimas consequências. Já refeito da terrível comoção que o sobressaltara, tinha plena consciência da situação. A essa altura era impossível adiantar o tempo em relação a Górgono, e atrasá-lo em relação a Giny.

O Manicômio Municipal. Um corredor comprido e uma cela mal-iluminada no fundo. Um homem dá urros selvagens e joga-se contra as paredes e as grades, querendo evadir-se – como o animal quer fugir da jaula, ou como a ave não pode escapar do meio ambiente quando é chegado o tempo do instinto de emigração.

Mas e esse estado de coisas, por quê?

De como o professor chegou em casa, e de como movido por fortíssimo impulso ateou fogo ao laboratório e em toda a propriedade.

Impulso? Premeditação? Ou simplesmente porque compreendeu que não mais era senhor da própria alma? Por que perdeu o equilíbrio da consciência – como quando a balança pende para o lado do Mal? Primeiro que tudo, a certeza. Depois consultou umas páginas de seu Diário no laboratório. E ao som de Wagner num acesso de cólera foi destruindo tudo o que estava a seu alcance, sem poupar os animais. Em seguida espalhou líquido combustível...

E o fogo resumiu tudo a cinzas. A explosão da dinamite completou o trabalho.

As suas profundas meditações. Um dia quando o professor em longas caminhadas pela praia deserta. Ou o reencontro com o diabo.

Teve um pressentimento súbito, pouco a pouco nascia uma ideia engendrada pelo receio. O professor advertindo a presença de um estranho.

– Professor.

E era o Senhor Don, qual aparição, com a aparência um tanto cambiada: as sombrancelhas mais hisurtas que antes, os dentes caninos como mais salientes. A figura maquiada.

Deram juntos uns quantos passos, em direção ao atol. E foi que de repente ao olhar para o chão o professor estremeceu, reprimindo um gemido. Um luar claríssimo fazia projetar a sombra do Senhor Don na areia: a bengala como um prolongamento do cóccix, as orelhas ponteagudas, duas saliências córneas na cabeça; e uma capa. Duas pessoas em uma só. Ou porque a sombra não coincidia com a pessoa?

É então o professor:

– Eu sabia que o senhor existia!

O Senhor Don ensaiando uma gargalhada.

O professor aturdido pôs-se a correr, tropeçando nas dunas. Evitar a todo custo a incômoda presença. É possível escapar de si mesmo?

O Senhor Don, gritando para o outro:

– Volte, professor.

Ou:

– Eu sou o produto de sua imaginação.

A voz ia sumindo à medida que o professor se afastava.

O eco:

– Volte, professor.

De novo o manicômio.

Ele amanheceu no dia seguinte, os cabelos despenteados, os olhos de um morto-vivo inexplicável, uma certa semelhança com a figura do Senhor Don, horrendo prodígio. Antes de morrer, porém, por um instante teve consciência de si mesmo. Ele, o professor Érilus, o homem de duas almas?

E até aqui a Ciência: o professor nasceu e morreu, logicamente.

Post Scriptum. Ponderações, ou palavras do crítico.

Se o leitor se der ao trabalho de algumas reflexões, não lhe será difícil detectar uma série de contradições, incongruências, falta de nexos, pontos obscuros que pululam em decorrência da leitura dos textos. Assim – e só para citar alguns exemplos – reporte o leitor ao capítulo em que ocorre a transformação da desditada moça, supostamente feita à imagem do ser do futuro, como pretendia ou acreditava o professor Érilus. Ora, para abrigar as novas dimensões do cérebro, é de supor que a caixa craniana também sofresse transformações, na devida proporção. O que equivale a dizer que o Cérebro Cósmico atuava não somente no órgão mais complicado e menos conhecido do ser humano, mas também no próprio tecido ósseo. Como não foi dada nenhuma explicação científica convincente a respeito, e se a sinonímia não está mal-aplicada, trata-se de uma imperdoável omissão.

O mesmo raciocínio pode ser usado no que concerne às mutações de ordem física do aldeão, metamorfoseado em Górgono pelo veículo artificial que conduzia indistintamente ao passado ou ao futuro.

Deixando de lado a viabilidade do projeto, há muitos outros pontos a dissecar, declarações que demandavam explicações. Em se tratando de uma invenção de tal envergadura, para atingir os fins a que se propôs, não seria necessário uma quantia astronômica?

Para não incorrer no mesmo erro de Júlio Verne, seria lícito duvidar das possibilidades de um só homem na consecução de tão arrojada empresa – pelo menos para pôr em condições de uso a referida máquina – que, pela própria natureza, implicaria esforço conjunto de cientistas, num programa que compreendesse vários estádios, sob a égide do governo de um determinado país que, por intermédio dos órgãos competentes, destinar-lhe-ia uma verba específica.

Variações sobre o mesmo tema. Ou como continuar a criticar o livro.

Passando para outro tópico, no que diz respeito à teoria do evolucionismo o autor em nada inovou. Ao contrário, limitou-se a seguir Darwin e outros doutores na matéria. Poder-se-ia dizer a seu favor que teve o mérito de bem estudar o assunto, mostrando-se reservado e cauto. Todas as vezes em que é chamado a intervir na

matéria, raramente se compromete. Por isso, registre-se um abuso de interrogação excessivas.

Pode objetar-se, porém, que ele teve a intenção de traduzir o estado de espírito do professor, conturbado, sobrecarregado de dúvidas, para tanto apelando o autor para os recursos da estilística. Além disso, em vez de se pronunciar sobre determinada matéria, procura estimular a imaginação do leitor, inculcando-lhe insinuações em seu ânimo generoso. Se assim o foi, diga-se de passagem que não é desprovida totalmente de mérito a sua atuação, nesse particular.

Outro ponto que talvez valesse a pena discutir com mais vagar – o que escapa ao intuito deste breve comentário – seria o fato de alguns capítulos estarem como que soltos, vagamente relacionados com o contexto geral ou desligados do mesmo. Assim também algumas personagens, que não participam do episódio, alheias ao conjunto da obra, e sem fazer parte do enredo, corpos estranhos dentro de um bloco de cristal. Justifica-se o autor alegando que a intromissão é proposital, um artifício para melhor transmitir a atmosfera de sonho. Talvez tudo não passasse de outro pesadelo do professor. E nesse caso, como toda liberdade poética, justifica-se de modo pleno o processo criativo empregado pelo autor.

Por último, apesar de a ideia central ser interessante e original, as decorrências não são exploradas a fundo, ou não o são ficcionisticamente, e sim sob formas de dissertações frequentes.

Ora, o sonho – responderia o autor – além de ser forma de “poesia involuntária”, é amiúde prolongamento da realidade de cada indivíduo, ou o reflexo do indivíduo dentro de seu *environment*. Assim, o ator sonha que está no palco representando, o pintor que está pintando, o músico que está tocando ou compondo, o orador eletrizando a multidão. Logo, nada mais natural que o professor sonhasse estar diante de auditório, ministrando seus profundos conhecimentos, em pleno exercício da profissão. A linguagem, portanto, é um artifício, ou o instrumento empregado pelo autor para melhor refletir essa realidade, captar um momento determinado da atividade onírica da personagem. Afinal, o homem é aquilo que escreve.

Escreveria apenas o Advogado do Diabo: “Resta saber se a experiência é válida, se o objetivo foi conseguido em sua plenitude ou em parte”.

Fim de *O Último Dia do Homem*.

METAMORFOSE

SUMÁRIO

Prefácio	365
Metamorfose, realismo fantástico ou sonho premonitório	373
Duas estórias	379
O espírito do vinho.....	389
Gitano	395
O coveiro de Notre Dame	403
Rômulo e Rêmulo	407
O vendedor de tapetes, Omar.....	417
As marionetas encantadas	423
Haras	427
Crime (im)perfeito	435
Utopia	439
O homem imortal	455
O outro planeta terra	479

PREFÁCIO

Junito de Souza Brandão

O mito em Metamorfose

Afinal, conhecer o mito não é apenas tentar oferecer uma explicação do mundo e de seu próprio modo de existir no mundo, é antes rememorar o mito e reatualizá-lo, sendo possível destarte repetir o que os deuses, os heróis e os ancestrais fizeram *ab origine*. Conhecer o mito é aprender o segredo da origem das coisas. Aprende-se não somente como as coisas passaram a ser, mas também onde descobri-las e como agir para fazê-las reaparecer, quando desaparecem. E quem se apossa do segredo das origens das coisas, adquire sobre elas um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-las, multiplicá-las e reproduzi-las à vontade. A importância dessa volta às origens é a reaquisição das forças que jorraram nessas mesmas origens.

Creio que William está de acordo com *Myth and Reality* do extraordinário Mircea Eliade.

Vinho, Baco, êxtase e entusiasmo. Sal, viagens, morte na água, Ulisses retorna e Telêmaco escapa às emboscadas. A Moira, como sempre, atuante. O deus *ex machina* fecha a estória. Ésquilo, Sófocles e Eurípedes também estão presentes, naturalmente. As abelhas que riscaram com o relâmpago de suas asas de ouro o céu azul do quarto canto das *Geórgicas* de Vergílio estão de retorno...

Eis aí novamente William Agel de Mello e seu eterno começar. Eterno retorno, diria Mircea Eliade. Escritor grande e feito, fez do mito greco-latino um de seus pontos de partida. Leu Platão, claro está: ninguém é poeta sem mito. Mas, sendo o mito intemporal, voltando sempre sobre si mesmo e como a cada retorno há uma reiteração – uma nova criação – William mitifica para criar. O grande escritor não se repete. Repete-se o mito, que se reatualiza. Vamos

também nós – sem nada criar porém – repetir e repisar alguns mitos-chaves da *Metarmofose*.

– *Depois sentou-se a custo à comprida mesa de madeira pesada. E foi então que teve início o festim. As figuras mitológicas desenhadas na parede aos poucos foram adquirindo vida (...) E subitamente o recinto inundou-se de luz, e música, e barulho, e alegria (...) Baco sentado à cabeceira, no lugar de honra como lhe convém.*

Dioniso ou Baco, filho de Zeus e Sêmele, para fugir aos furores de Hera, foi educado numa caverna pelos Sátiros, homens-bodes, consoante a imaginação popular. Tendo casualmente, quando um dia percorria as bordas da caverna, descoberto um novo néctar – o vinho – e seus efeitos, ofereceu-o aos Sátiros, que juntos com o descobridor puseram-se a dançar e cantar até cair semidesfalecidos.

Em homenagem a Baco, nome grego do importado Dioniso, celebravam-se anualmente, sobretudo em Atenas, por ocasião da vindima, grandes festas, com desfiles e procissões, danças e cânticos, as Dionísias Urbanas (havia também as Rurais) em que os participantes com as cabeças coroadas de hera se embriagavam liturgicamente, até cair semidesfalecidos. Nesse estado acreditavam sair de si, *ékstasis* e ter o deus Dioniso dentro de si, *enthusiasmos*, o que lhes conferia um *status* de dialogantes, *hypocrités*, precisamente o que responde em êxtase e entusiasmo. Literariamente, criou-se para tais comemorações o Ditirambo, isto é, um coro tumultuoso com cantos e danças em honra de Baco. Da evolução do Ditirambo há de nascer, como se sabe, o Teatro Grego.

– *Tal assim as abelhas quando o instinto ruge. (...) Da mesma maneira que a rainha das abelhas sai de seu esconderijo, quando é chegado o dia da fecundação, e lança-se aos ares com todo o impulso em direção às nuvens: subitamente o céu vê-se coalhado de zângãos que, alertados pelo instinto, vão atrás dela para o abraço final...*

As abelhas perseguem o Autor há muito tempo. Basta abrir *Geórgicas – Estórias da Terra*, e lá estão elas com seu amor ao trabalho, sua técnica, seus princípios instintivos de seleção natural, sua hospitalidade, sua sede de azul e seu mel.

Não seria, ao que parece, extrapolar muito, se se dissesse logo que o Autor armazenou grande quantidade de mel do IV canto das *Geórgicas* de Públio Vergílio Marão.

As *Geórgicas* do poeta maior da latinidade, como a *Eneida*, são uma obra *engagée*. A apologia do trabalho agrícola, a dignificação da profissão do lavrador significavam coisa muito importante para a época. *Digna manet divina gloria ruris* – permanece digna a glória do divino campo, diz Vergílio. Não é só: entre as reformas

de Augusto também estava a religiosa – *In primies venerare deos* – antes que tudo cultua os deuses. *Travailler et prier*, disse um crítico francês. Augusto tinha plena consciência do valor social do pequeno agricultor do tipo antigo, da época de Catão – *bonus agricola bonusque colonus*, de sua ação consolidadora, da qual a nação romana extraíra a melhor parte de sua capacidade de resistência e de projeção.

Exaltando o trabalho e a prece, As *Geórgicas* são um convite de retorno ao campo. Um convite envolvido em alta poesia, mas numa poesia prática, tornando-se o poema didático um verdadeiro breviário do agricultor romano. Se nos três primeiros cantos sobreleva a técnica, naturalmente conjugada ao encanto do poeta pela natureza, à afeição pelas fainas do campo e à ternura pelos animais e pelas plantas, o IV canto é consagrado às abelhas, as mesmas que hoje canta William, somando Vergílio com Maeterlinck.

– *A essa altura, faça-se a comparação entre fatalidade e o mecanismo de uma engrenagem, aparentemente dois termos que nada têm em comum entre si. (...) A roda não tem princípio nem fim – já foi dito.*

“Já foi dito” e quantas vezes. O Destino atua como um *leit motiv*. A Moira, também já se disse em *O Último Dia do Homem*, é a porção, a parte que cabe a cada um. Impessoal e inflexível, a Moira encarna uma lei que nem mesmo os próprios deuses poderiam transgredir, sem grave ameaça à ordem universal. Representada por três irmãs. As Parcas, Cloto, a que fia, Láquesis, a que sorteia e Átropos, a que corta o fio da vida, a Moira, o Destino cego, tem sempre um encontro marcado com o autor.

– *Dois irmãos gêmeos, em tudo e por tudo iguais, um feito à imagem e semelhança do outro, como Castor e Pólux, nascidos de amor obscuro...*

Sílvio Proca, rei de Alba, deixou dois filhos, dos quais o mais moço, Amúlio, apoderou-se do trono que pertencia de direito a seu irmão Numitor e, para não perdê-lo mais tarde, obrigou Reia Sílvia, filha de Numitor, a consagrar-se ao culto de Vesta, a fim de que não tivesse descendentes. O deus Marte, no entanto, tornou-a mãe de dois gêmeos: Rômulo e Remo. Expostos no rio Tibre, dentro de um berço, foram encontrados pelo pastor Fáustulo, que os confiou aos cuidados da esposa, Aca Laurência. Amamentados por uma Loba, os dois irmãos cresceram e, ao se tornarem adultos, restabeleceram Numitor no trono usurpado e fundaram uma cidade. Para decidirem a qual deles competia dar nome à nova cidade, consultaram os auspícios, e presságio favorável deu a Rômulo a honra da escolha.

Chamou-a Roma e nela passou a reinar. O seu primeiro cuidado foi divisá-la, o que foi feito com um simples rego, a que chamou muralha, e cuja transposição proibiu terminantemente a quem quer que fosse. Remo, menosprezando a proibição, saltou por sobre as divisas, sendo por isso mesmo morto pelo irmão. As muralhas de Roma não poderiam, nem por brincadeira, ser ultrapassadas.

Até aqui a lenda de Rômulo e Remo. O conto do Autor, todavia, extrapola de muito o mito e conduz o leitor para o mundo da purificação. O enigma é claro: Rômulo e Rêmulo são apenas significantes, os signos são respectivamente Telêmaco e Ulisses. Trata-se, como acentua Roland Barthes em *Mythologies*, de um sistema semiológico segundo, pois se a Língua comporta apenas Significante e Significado, o Mito vai mais longe, desdobrando-se em Significante – Significado – Signo. Caronte é o signo do barqueiro. As salinas, o local de purificação para “a longa viagem”. O homem do farol personifica o fiel Eumeu, porcariço de Ulisses. Também Argos, o cão fiel até a morte, está presente, à espera do dono.

Ulisses, o solerte Ulisses, partiu para uma longa viagem. Partiu por *mar*, de Ítaca e Troia, e retornou por *mar*. Partiu para purificar-se e ser digno do reino e de Penélope, sua esposa. Todas as lutas, todos os perigos e sofrimentos simbolizam as provas por que passavam os iniciados. Telêmaco, seu filho, a conselho de Atená, a deusa virgem, parte por *mar* em busca do pai e retorna a Ítaca, por *mar*. Ambos, pai e filho, refugiam-se na tapera do velho porcariço Eumeu. O alquebrado cão Argos aguarda há anos a chegada do Senhor. Viu-o, arrebitou as orelhas e morreu. Ulisses, “voltando a cabeça para o lado, enxugou uma lágrima furtiva”. (*Odiss.* XVII, 304.).

– *Nas salinas. Igual que areia alva a se perder de vista, salgada.*

Sal é a conservação, a durabilidade, a purificação – a catarse. Cristo sempre se referiu ao sal em linguagem simbólica: *vos estis sal terrae* (Mat. V,13), vós sois o sal da terra, disse aos Apóstolos. Por isso mesmo, nos Evangelhos, ocorre não raro a saliva (que, por falsa etimologia, se relacionou com sal) como elemento terapêutico. Cristo, untando os dedos de saliva, tocou na língua e nos ouvidos do surdo-mudo de Decápolis e o curou, Marc. VII, 33. O cego de Betzaida, Marc. IX, 23 e outro de nascença foram curados pelo mesmo processo. Na cerimônia do batizado, o sacerdote toca com os dedos ensalivados os ouvidos do catecúmeno, purificando-o, mandando-o “abrir”, *Ephpheta*.

Rômulo purificou-se e partiu para uma longa viagem.

– *Mas, quando menos se espera, é que uma ideia intrusa consegue penetrar no subconsciente (...) Desde algum tempo aquela mania de mudar de vida, viajar, recomeçar tudo outra vez, cumprir um mandato da natureza.*

Purificado, a longa viagem de Rômulo “para as montanhas” foi a morte no rio, nas águas que correm para o mar.

– *Qual não foi a surpresa ao saber que o desventurado irmão encontrara a morte assim que havia chegado de viagem das salinas, isto é, logo que mudou de vida e assumiu a outra identidade.*

Rômulo, na realidade, mudou de vida e assumiu outra identidade: a morte conferiu-lhe purificado nova dignidade.

Rêmulo nas montanhas...

– *Nas montanhas, os homens acostumados àquele tipo de vida. Levantar cedo, serrar as árvores previamente escolhidas e marcadas com tinta branca (...)*

Um dia, porém, resolveu, partir... para as salinas. A busca da purificação, da ascese.

– *E Rêmulo? A mesma ideia clandestina que se introduzira no ânimo de Rômulo, instando-o a que mudasse de vida, ei-la aqui a afligir as noites de Rêmulo.*

Regressou, todavia, às montanhas em busca do irmão, antes porém de haver terminado a purgação. Não mais o encontrou, mas como Ulisses chegou até o limiar da morte, encontrando inclusive o Barqueiro, o velho, mas eterno Caronte: “*A figura do homem do rio, quem encarregado de transportar homens e cargas, de um lado para o outro, conforme o ofício que exercia há anos*”.

E Rêmulo voltou para o sal, isto é, para as salinas. “*Estava indeciso entre ficar – e revelar sua identidade, seu sócia – ou voltar para as salinas, reassumir as funções. Tomou foi o primeiro trem no povoado, rumo norte, no caminho certo. Ia recomeçar a vida, ou vê-la por outro prisma*”.

Na realidade, Rêmulo-Ulisses regressou. Esperava-o um velho cão. Era Argos, que matou as saudades e morreu feliz.

– *Reconheceu o cachorro ao antigo dono. Era como se estivesse ali de prontidão anos a fio à espera do amo. Depois de ter dado vazão à alegria, deve ter morrido feliz, tão velho estava.*

–... *como Castor e Pólux, nascidos de amor obscuro.*

Castor e Pólux, heróis mitológicos, também cognominados Dioscuros, isto é, filhos gêmeos de Leda e Zeus. Tomaram parte na expedição dos Argonautas, sob o comando de Jasão. Eram tão unidos, que Zeus, tendo concedido a imortalidade a Pólux, este a repartiu com Castor, resultando daí que os dois irmãos viviam e morriam

alternadamente. Transformados em astros e colocados no Zodíaco, receberam o nome de Gêmeos.

–... *o gênio das árvores – dríades e hamadriades.*

Dríades, ninfas dos bosques e das florestas e que habitavam as cascas dos carvalhos. Embora sua vida estivesse estreitamente ligada à duma árvore, podiam livremente vaguear, o que não acontecia com as Hamadriades. Também estas eram ninfas dos bosques e das florestas, mas diferentemente das Dríades, nasciam e morriam com a árvore a cujo destino se prendiam. O carvalho era sua árvore predileta, por isso que o carvalho era a árvore sagrada de Zeus.

– *Como bem ensina a precaução da raposa, igualmente te disfarçaste com a máscara de outra pessoa, protagonista, desempenhando um papel diferente que te cabia nas cenas seguintes...*

Os atores na Tragédia Grega eram três: Protagonista, o que fazia o papel principal, normalmente a personagem que dava nome à peça, *Édipo, Hécuba, Antígona...*; Deuteragonista, encarregado, via de regra, de desempenhar os papéis femininos e Tritagonista, uma espécie de factótum, exercia os demais papéis. Como eram apenas três e a Tragédia comporta um número bem maior de personagens, os atores usavam máscaras diversas, a fim de que no decorrer da peça pudessem aparecer em papéis diferentes.

– *E vence a esfinge.*

Esfinge, nome grego adaptado do egípcio *chespankh*, que significa “estátua viva”, pela qual se designavam particularmente leões com cabeça humana. O leão no Egito era o símbolo do poder soberano, guardião das portas oriental e ocidental do mundo subterrâneo, tornando-se, por isso mesmo, a Esfinge a guardiã dos locais de culto. O clero de Heliópolis atribuiu-lhe uma cabeça humana, a de ATUM, nascendo destarte a Esfinge: a de Gisé, executada por ordem de Juéfren, é a mais antiga que se conhece.

Mitologicamente, na Grécia, Esfinge é um monstro com cabeça de mulher, asas de águia e corpo de leão, que, postada à entrada de Tebas, devorava a todos os que não lhe resolviam o enigma proposto: “qual o ser que pela manhã caminha com quatro pés, ao meio-dia com dois e à tarde com três?”

É o homem, respondeu Édipo, que resolvera enfrentar o monstro. A Esfinge, vendo resolvido o enigma, precipitou-se rochedo abaixo ou atirou-se ao mar, segundo outros.

Muito se tem discutido acerca da interpretação que se deve dar ao enigma da Esfinge no *Édipo Rei* de Sófocles. No momento, ao que parece, as opiniões oscilam entre duas interpretações bem diferentes: para Sigmund Freud o enigma é a expressão simbólica da

curiosidade sexual infantil – “de onde vem a criança?”, para Bachofen o elemento mais importante do enigma não é a parte salientada na formulação manifesta do mito, isto é, a charada propriamente dita, mas sim a resposta a esta – o homem. Isto quer dizer que, para Bachofen, o enigma é a revelação do que há de mais importante para a sociedade matriarcal, “o homem”, a saber, o princípio da fraternidade e do amor.

Em conclusão, se se traduzissem as palavras da Esfinge da linguagem simbólica para a clara ter-se-ia: “aquele que sabe que a resposta mais importante que o homem pode dar à pergunta mais difícil com que o homem se pode defrontar é o próprio homem pode salvar a humanidade”.

METAMORFOSE, REALISMO FANTÁSTICO OU SONHO PREMONITÓRIO

Todos estavam ao redor de Lena, consternados. “Mas qual o diagnóstico do médico?” – a voz surpresa do pároco.

Os convidados continuavam a chegar para a festa. Cumprimentar o dono da casa, ator de profissão, ator mais por diletantismo que por necessidade. Diga-se de passagem que tinha até certo talento, talvez exagerado através das lentes de aumento pelos olhos imaginativos do autor. O repertório incluía algumas peças de sua lavra, a última por sinal bastante elogiada por críticos locais, de modo especial por aqueles que frequentavam a adega renomada pelos vinhos seletos nos ágapes dominicais. Ele próprio representava o papel de várias personagens tiradas de suas obras, tal a versatilidade ou a múltipla personalidade do dramaturgo, como o ator muda de máscara para representar no teatro da vida. Os limites entre realidade e ficção?

Pois bem – esse homem era eu – vô-lo confesso. Mas só vim a descobrir a minha verdadeira identidade depois que tudo aconteceu. Contar-vos-ei o fato no devido tempo, com os mínimos pormenores. Por ora, atentai na continuação da história.

O anfitrião – eu, por conseguinte – havia-se retirado para os aposentos, talvez a parte mais suntuosa da casa, imitante o estilo romano – a tal ponto chega a excentricidade! – com estátuas de mármore, quadros de pintores famosos, objetos de adorno e piscina oval no centro.

Desvesti o paletó e tirei a gravata. De quimono vermelho, comprado numa das viagens ao Extremo-Oriente. Diante do espelho fiquei ensaiando algumas palavras para dizer aos convidados. Depois, imóvel contemplei a imagem – um rosto maduro, marcado pela cicatriz do tempo. As rugas na face como a hera se espalha pela parede. E aí tendes uma figura literária. Não. Está totalmente fora de contexto. Talvez se enquadrasse melhor se aplicada a um ancião, por exemplo. Eu sendo apenas um homem de meia idade, com muito

caminho ainda a percorrer. Prestes a ser apartado do convívio dos semelhantes – como um peão no jogo de xadrez – por circunstâncias que escapam à minha compreensão.

Mas deixemos de divagações. Não mais tropos nem figuras de retórica. O que importa no momento é tomar as providências inadiáveis. Era a primeira vez que me encontrava em situação semelhante. O destino houvera por bem conceder-me apenas mais algumas horas. O próprio médico me confirmou – de maneira um tanto direta, aliás, sem nenhuma emoção na voz, como se tratasse de um fato normal, como se prescrevesse uma receita. (O que não deixa de contrariar a ética profissional, pelo menos em certo sentido.) Tenho a impressão de que...

Mas voltemos à cena do espelho. Eu diante de mim, aprendendo a me conhecer melhor. Se bem que é muito difícil a isenção de ânimo em se tratando da própria pessoa. Ou talvez um aforisma latino: *nemo esse iudex in sua causa potest*. As primeiras dúvidas começavam a crescer dentro de mim.

O meu eu – os traços do rosto definem *grosso modo* as características básicas do indivíduo. Tudo está em relação com o movimento da pessoa, objeto de análise. Um só gesto é capaz de traduzir o seu estado de espírito num determinado momento. Cada qual tem o ritmo que lhe é peculiar: o modo de andar, de falar, ou de usar as mãos para determinado fim, tudo é significativo para revelar o seu caráter.

De repente bateram à porta, trazendo-me de novo à realidade. Confesso que levei um susto, mergulhado que estava nas minhas elucubrações. Era a minha mulher Lena, vinha perguntar se estava me sentindo bem. Tranquilei-a. E pedi-lhe que retornasse à sala para entreter os convidados. Claro que todos reclamavam a minha presença, mas em virtude das circunstâncias inusitadas ninguém poderia censurar o fato de eu querer isolar-me – pelo menos por enquanto. Uma das últimas vontades.

Ah!, as cartas. Precisava pôr a correspondência em dia. Despedir-me dos amigos distantes. Se bem que o desejo meu era despedir-me pessoalmente – como é de meu feitio, aliás. Mas premido pelo tempo, tinha poucas opções no momento. Impunha-se a tomada de decisões prioritárias. Pagar dívidas – se as houvesse; homem de bem não deixa dívidas. E convocar o tabelião para ditar o testamento. De temperamento imprevidente, nunca me ocorrera pensar em tal. Deixaria tudo para Lena, exceto uma quantia nada desprezível para a Academia. (Se porventura quisessem erigir-me uma estátua, como homenagem póstuma aos meus méritos de artista, não fossem aos membros faltar os fundos necessários.)

Tomaria o cuidado de deixar os manuscritos de minha obra *post mortem* na gaveta – as páginas numeradas, o título bem visível, com a intenção de evitar quaisquer controvérsias a respeito. Alguns trechos teriam de ser refeitos – não só pela caligrafia, mas também para melhor precisar os pensamentos – a fim de facilitar o mais possível a tarefa dos estudiosos e pesquisadores de minhas obras.

Como não falei em roupa antes, falo agora. Para muitas coisas sou meticuloso. A morte sendo ocasião solene requer indumentária à altura. Terno preto, sapatos de verniz, gravata borboleta e abotoaduras de ouro. Não daria azo aos inimigos para me criticarem – pelo menos nesse particular.

O caixão. Ah, esse tinha de ser feito de madeira pesada, alças de prata, com abertura de vidro para permitir a contemplação da face do *de cujo*. (Prefiro não usar o termo defunto para mim.) Além disso, seu interior deveria ter o máximo de conforto. Macio a mais não poder, o travesseiro envolto por linho branco irlandês. Iria encomendar o caixão agora. Talvez, trabalhando toda a noite, pudesse o dono da funerária preencher os requisitos todos, ou quase, exigidos por mim. Se possível, experimentá-lo-ia antes, se houvesse tempo físico para tanto.

Deixei instruções escritas à minha secretária para desmarcar o horário que havia fixado com o dentista e cancelar os compromissos assumidos.

Já era madrugada quando dei por encerradas as minhas atividades. Tive plena consciência do dever cumprido, fiz o melhor que pude. Agora só faltava tomar banho – morno, prolongado, com sais perfumados. Não fosse o corpo desprender maus odores durante a cerimônia, exposto ao sol horas seguidas.

Escovei os dentes, rapei a barba e o bigode, limpei as unhas, introduzi a ponta da tesourinha nas fossas nasais para cortar rente os pelos. Usei a sauna por uns momentos, localizada ao lado do quarto. Tudo isso ao som da 5ª Sinfonia de Beethoven.

De novo olhei-me ao espelho, desta vez para os últimos retoques. Tudo preparado para a *rentrée*. Na sala, a expectativa geral. Ao entrar, todos me aplaudiram. Como eu, ali cada um fingia o seu papel. Vieram-me à mente cenas de teatro nas quais os atores trocavam de disfarce para a Comédia.

Àquela altura muitas pessoas já se haviam retirado, preferiram não passar a noite em claro. Inclusive um político influente que me devia muitos favores, por sinal. O fato não passou despercebido. Mas notei com certo orgulho que a maioria havia permanecido. Uns se dirigiam a mim como se nada de mais fosse acontecer; outros

procuravam animar-me. Uns, arredios no trato, como se esquivando, assim como quem não sabe que atitude tomar em determinadas situações; outros, ao contrário, fazendo questão de marcar a sua presença. O fato é que havia muita confusão, muito vozerio, muitos protagonistas. Pensei em pedir silêncio e fazer um discurso, mesmo breve – *esto brevis et placebis*. Mas, para não atrasar o cortejo, despedi-me às pressas, não esquecendo a mordomia, cuja dedicação eu havia recompensado com valiosos presentes.

O coche fúnebre saiu pontualmente às oito horas da manhã, como ficou combinado de véspera. Passou pelo centro da cidade, onde os circunstantes faziam referências elogiosas à magnanimidade do falecido. Infelizmente não ouvi nenhuma frase concernente à vida artística do autor. Com grande lentidão conseguiu chegar ao cemitério, sua marcha fora interrompida várias vezes pela curiosidade popular e pelo trânsito. (A cidade celebrava com grandes festividades o aniversário de sua fundação.) Certa hora o chofer exaltou-se e pronunciou uns palavrões, na intersecção de duas ruas principais. O incidente despertou indignação por parte de alguns acompanhantes, que prometeram tomar providências a respeito. Afora isso, tudo transcorreu de modo normal. Confesso que fora agradável saber que, durante todo o percurso, havia assistência para presenciar o cortejo.

Enfim, ali estávamos nós, cruzando a alameda. Pelas frestas do caixão entrava um cheiro que prazia ao olfato de eucalipto e cipreste.

A tumba ornada de flores, tanto que o espaço circunvizinho também fora ocupado. Tal prova de carinho me deixou sensibilizado. Foram tantas as homenagens póstumas que quase não me contive. Não termino a frase por me faltarem as palavras.

Sou obrigado a admitir que os discursos foram alguns longos e enfadonhos. A tal ponto que, em determinado momento, quase me traí. Mudei ligeiramente de posição, e cocei as costas, da maneira mais discreta possível, para não chamar a atenção.

Por fim o féretro abaixou à terra. *Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris*. É forçoso confessar que o medo cresceu dentro de mim. A pá descarregando a terra no caixão. A terra atirada de cima, ao bater na madeira produzia aquele som característico.

Uma dor forte comprimia-me a cabeça na altura das têmporas. Suor frio. Uma sensação indescritível, como um entorpecimento gradual se apossava de meu corpo, até à paralisia total.

Quando acordei, estava no meio de um túnel, com aquele barulho surdo de terra atirada pela pá nos ouvidos. Era um túnel bastante comprido, salvo ilusão de ótica, e deu-me a impressão de que me

encontrava no meio. Tinha de sair por uma das extremidades. Fiquei na dúvida, não conseguia raciocinar direito. Como o paciente após o efeito da anestesia. Depois dos primeiros momentos de hesitação, escolhi o caminho como quem tira a sorte. E pus-me a andar. Pouco a pouco fui recobrando o funcionamento dos sentidos.

Não sei explicar porquê, mas subitamente comecei a sentir um remorso profundo. Remorso, remorso pelo tempo perdido em coisas inúteis e superficiais. Se pudesse recomeçar, não cometeria os mesmos erros.

Por fim, a saída. O que me estaria reservado do lado de lá? Não tive de esperar muito pela resposta. Pesadelo ou não, contra mim avançaram uns pássaros de aspecto horrendo, em bandos, em gritos, arranhando-me o corpo todo com possantes garras. Várias vezes fui atirado ao chão. Tal imagem poderia simbolizar a carne entregue aos vermes? Como por milagre, encontrei abrigo que me pôs a salvo das terríveis figuras aladas.

Não seria capaz de calcular o tempo que fiquei ali, escondido, até certificar-me de que havia cessado o perigo.

Depois empreendi a caminhada, já refeito em parte do susto. Uma força estranha como que me impelia ao movimento. Quis saber onde estava. Impossível descrever o ambiente, já que o nevoeiro era intenso. Desorientado, andava a esmo, não tinha o menor sentido de direção.

De repente, o abismo, o vácuo inexplicável, a queda no espaço vazio. A escuridão total.

(O ator remove com dificuldade a máscara de borracha, colada que estava ao rosto. Em seguida agradece com reverência os aplausos do público. Faz a apresentação dos demais atores, entrados no palco por ordem alfabética. Fecha-se a cortina.)

E termina o último ato do espetáculo.

DUAS ESTÓRIAS

O cigano

Antes mesmo de a caravana aportar no sítio escolhido para pouso, ele já havia tomado a decisão. Esperou que o velho guia fincasse a estaca no terreno; estaca terminada por flexa de estanho que apontava em determinada direção: – o sinal para que as carroças fossem enfileiradas. Essa operação repetia-se cada vez que chegavam a um acampamento. O velho à frente do comboio, primeiro se concentrava, impunha silêncio absoluto. Depois, guiado pela posição dos astros, ou apurada percepção, estabelecia contato com as forças telúricas. O fato é que a orientação das carroças num certo sentido propiciava à tribo sono reparador.

Decisão de nunca se voltar atrás. Aliás, são os próprios acontecimentos muitas vezes que determinam as ações do indivíduo, alterando profundamente a sua vida. No caso do cigano Astúrias, sim. Jovem, no verdor dos anos, o seu amor plenamente correspondido. Deu à ciganinha Zuleika um bracelete banhado a ouro e um colar que simbolizava o direito de posse, e que ela deveria usar por toda a vida. As joias têm um valor simbólico muito acentuado no reino cigano.

Mas eis como o interesse interfere no livre jogo da seleção sexual. Os pais da moça concederam a sua mão ao que mais possuía, homem de meia idade, viúvo desejoso de contrair matrimônio segunda vez. Em vão as súplicas da noiva, apelou para todos os recursos. A abstinência de comida mais as noites em claro não trouxeram nenhum resultado prático, apenas acrescentaram-lhe uma cor amarelecente nas faces e olheiras profundas. E o que pode a inexperiência dos dezesseis anos, ou a pureza de sentimentos, contra a obstinação e o preconceito, a inversão de valores dos adultos? Senhor, seja feita a sua vontade, isto é, uma vez mais prevaleceu a

vontade paterna. Mas ela fez-lhe ver que no fim o amor venceria, como nas lendas e nos mitos. O mundo dá muitas voltas. A roda, impulsionada encosta acima, chega até certa altura, depois retorna ao plano mais baixo. O amor e a lei da gravidade.

O moço? Afastado da cena, como um peão perdedor é retirado da jogada do tabuleiro de xadrez. O cigano Astúrias – daquele momento em diante sua alma não mais pertencia à comunidade cigana. Se se deixou ficar por algum tempo ainda foi quiçás para vê-la uma última vez, captar aquela expressão indescritível, como um pintor no auge de sua arte. Dizer que não respeitaram a sua dor seria faltar com a verdade. Durante as festas do casamento, todos procuraram confortá-lo, cada um a sua maneira. O próprio noivo convidou-o a tomar assento no lugar de honra. Mas o que ele queria mesmo era ficar só, longe e perto dos acontecimentos. Guardou uma distância conveniente, descansou as costas no tronco da árvore, em al absorto o pensamento, o corpo como se estivesse sob o efeito de drogas. Uma das coisas mais difíceis da vida é aprender a renunciar. Cena que ficaria gravada para sempre na memória do cigano Astúrias: a recém-esposa com as mãos paradas no joelho, cabisbaixa, o semblante triste como atormentado por dúvidas, enquanto o marido a tomar as últimas providências

No dia seguinte a caravana marcharia dali para outras paragens, seguindo sua trajetória no globo terrestre, conforme é da natureza irrequieta do cigano. Seu destino não está intimamente ligado à roda, ou à sua morada ambulante?

O Destino a tudo assistia impassível, deixando escorrer o tempo na ampulheta.

De volta à cena em que o cigano Astúrias se prepara para abandonar o convívio cigano, mudar de identidade, assumir outra personalidade no mundo dos *gadgés*. Estava pronto para ir, antes de surgirem os primeiros claros da madrugada. Desceu da carroça sem fazer ruído, para não despertar ninguém. Levava somente a roupa do corpo.

O pai lá fora, passou a noite inteira de vigília. Adivinhou a intenção do filho. Conhecia-o a fundo, sabia que força nenhuma seria capaz de demovê-lo. Nem os rogos da mãe. Abraçaram-se, com lágrimas nos olhos. Não disseram uma palavra. Compreenderam-se.

Fazia um frio intenso. As fogueiras, como balizas que marcavam os limites do acampamento.

Ei-lo muitos anos depois, negociante próspero, conceituado, um dos homens influentes do local – cidadezinha aprazível cortada

por rio e não longe do mar. Ali havia criado raízes definitivas, dali não sairia nunca mais.

Construiu a sua casa numa ilhota fluvial, com muitos cômodos para receber convidados quando lhe aprouvesse. Se bem que era mais de seu feitio ficar só à noite, depois da labuta, hora de descansar. Ou então rodeado por poucas pessoas, um ou outro empregado que aparecia para as últimas providências.

Possuía uma área considerável de terra de primeira, e dedicava-se à agricultura. Punha toda a energia no trabalho, infatigável, acompanhava as tarefas atribuídas a cada um. Pessoal numeroso a seu serviço, cujo número quase duplicava por ocasião das colheitas e da estocagem do produto nos armazéns de sua propriedade. Tal empenho visando exclusivamente à ganância de lucro? Não. Havia também uma dose de idealismo, um desejo irreprimível de vencer na vida, ou quem sabe uma maneira de desviar o pensamento de alguma lembrança que lhe afligia a alma? Vez por outra entregava-se à bebida, tanto que nem aguentava manter-se de pé, quando não perdia os sentidos por completo.

Estranha é a natureza do homem, às vezes é preciso desequilibrar a parte, para manter o todo em equilíbrio – pelo menos aparente. Ou diga-se de outro modo: cada pessoa reage de maneira diversa, o ser humano sofrendo de modo contínuo transformações no tempo e no espaço.

Tristeza, melancolia – qual a palavra para traduzir o estado de ânimo quando cantava aquelas músicas dolentes, à noite, acompanhando com o violão, numa língua estranha para os demais?

Ninguém abrigava a menor suspeita de sua origem cigana, segredo que fez questão de manter até o fim. Poucas reminiscências da vida anterior, talvez um que outro hábito arraigado. Nunca mais teve contato com os de sua raça. Exceto uma vez. Foi quando a viu inesperadamente, vestida à moda cigana. Reconheceu o bracelete banhado a ouro e o colar, prenda de namorado que simboliza o amor eterno, conforme o juramento. Foi como um quadro que transmite uma mensagem, ou uma cena com forte carga de emoção. Estavam fadados àquele encontro.

E o Destino deixou o curso da estória em suspenso...

O homem que tinha alma de cigano

Fato verdadeiro? Que um seu antepassado fora raptado por ciganos, criança de berço ainda? Isso talvez pudesse explicar o estranho fascínio que sobre o seu espírito exerciam as coisas ciga-

nas. Os objetos, por exemplo. Estatuetas, colares, anéis, broches, pedras preciosas; ou metal trabalhado – enfim, tudo o que lhe caía nas mãos. Seleccionava com cuidado o material que lhe interessava para depois estudá-lo com afinco. Procurava captar a mensagem do ourives cigano, o profundo simbolismo, a fina arte apurada através dos tempos. Com uma lente especial para pôr em evidência os mínimos pormenores, as entranhas dos objetos. A maneira de como o sábio examina as inscrições e os hieróglifos, com a mesma persistência de um cientista em busca de uma fórmula. Essa quase obsessão pela linguagem oculta das pedras não nascera por acaso. Na hora da morte, o velho cigano Alexei entregara-lhe um anel, anel mágico do saber. “Meu filho.” O dia que ele descobrisse o segredo daquela joia, seu verdadeiro sentido, decifrasse o enigma proposto pelo artífice, então atingiria o estado de bem-aventurança que proporciona o conhecimento da verdade. Depois deveria passar adiante o anel, a fim de ele completar o ciclo, cumprir a sua função. O estado ideal, dentro dos limites do ser humano. Encontrar o equilíbrio e a harmonia interior. Passíveis talvez de aplacar aquele desejo de alguma coisa a mais, um sentimento de falta que se apoderara de seu espírito tão de repente. Ou teria sido gerado por uma série de fatores, um processo lento de formação e que, uma vez completo, aflorou com ímpeto do fundo do ser? Também não tarda o processo de formação das lavas, até culminar com a erupção do vulcão?

Aconteceu assim, de repente, no meio da noite. Uma vontade irreprímível, lei imperiosa. O momento psicológico quando a gente se encontra com o próprio destino. Tinha de partir – era inevitável. Saiu sem se despedir da mulher e dos filhos. Tivesse talvez lágrimas nos olhos.

Caminhando pela estrada deserta àquela hora da madrugada, avistou as luzes de uma carroça parada no acostamento. Recebeu-o um velho de figura esquelética, a tez azeitonada. “Seja bem-vindo” – disse naturalmente. “Eu já esperava por essa visita.” Fitaram-se por alguns momentos. O velho convidou-o a entrar, a tomar assento. O recém-chegado olhou com atenção o interior da carroça. Teve uma estranha sensação. Como se aquela cena tivesse acontecido antes, há muito tempo. Reconheceu a maioria dos objetos, o lugar em que estavam colocados. O velho era como se tudo adivinhasse. Abraçou-o com força, fazendo pressão sobre os ombros. A terra, envolvendo a semente, não lhe transmite a força vital? A sua presença tinha um como fluido indefinível. Alexei, o chefe dos ciganos. Depois de uma pausa, o velho: “Vamos pegar o rumo do acampamento?” – e incitou os cavalos. O comboio ia partir antes que o Sol aparecesse de corpo

inteiro na linha do horizonte, conforme ordens suas na noite anterior. Tinha ficado para trás porque sabia que alguma coisa ia acontecer. Aquele encontro?

Durante todo o trajeto não trocaram palavra. O estranho, sentado à esquerda do condutor, imerso nos pensamentos. Ocasionalmente vinha-lhe à memória lembrança de fatos isolados, com imagens um tanto apagadas pelo tempo. Às vezes tinha uns sonhos estranhos, como se de outra vida se tratasse. Via uma criança chorando, gritos de terror, a máscara inalterada pelo calor do fogo, uma pessoa perdida num bosque envolto por neblina espessa. Pesadelo. Procurava a todo custo lembrar mais, interpretar os diversos simbolismos – assim como o antropólogo ajunta os fragmentos de objeto ou fóssil, para melhor estudá-lo e conhecer-lhe as origens. Mas faltava um elo. Fora isso talvez o que o impelira a empreender aquela viagem rumo ao futuro desconhecido, à maneira de como a canoa é levada ao sabor da correnteza? O fato é que precisava conhecer mais de si mesmo. Afinal, quem era ele? Tivera pais? De sua infância só se lembrava mesmo dos duros tempos do orfanato, sob o peso da disciplina de ferro imposta aos residentes. Um dia, menino ainda, resolvera fugir. Começo difícil, até fome passou, muitas as necessidades. Mas pouco a pouco foi-se aprumando na vida, guiado pela mão da providência. Fizera uns negócios com terra que lhe renderam lucros bastante apreciáveis. No jogo da vida, a roda da fortuna para às vezes onde menos se espera. Hoje estava bem, a família garantida – quanto a isto tinha a consciência tranquila. Sem ser ambicioso, contentava-se com o que amealhara. Homem inteligente, sensível, seu interesse principal residia no estudo da Filosofia, vocação natural. De muitas leituras, às vezes passava noites inteiras com os autores preferidos.

“Eia!” – em voz alta o cigano, puxando as rédeas para frear os cavalos. “Vamos apear.” Haviam chegado ao acampamento. Algumas fogueiras ainda estavam acesas. Primeira providência foi fornecer-lhe roupas da indumentária cigana. “Pronto. Agora já é um dos nossos.” Pegou o velho samovar e atçou o fogo para fazer o chá. Foi-lhe apresentando aos membros do bando à medida que acordavam. O amarelo do Sol já confundia a madrugada.

Com pouco levantaram acampamento e seguiram viagem para as proximidades de sítio conhecido. Três pessoas compartilhavam a mesma carroça: Alexei, sua neta Cora, menina de uns quatorze anos, e ele. A estrada cheia de curvas. Uma nova vida ia começar?

A carroça. Aquele pequeno mundo foi seu lar durante muito tempo. O interior da lona era revestido por tecidos de cores variaga-

das, inclusive o teto. Almofadas de penas, empilhadas no canto, para servirem de cama. Utensílios de cozinha dependurados em ganchos. Um baú contendo roupas e os objetos mais valiosos. Diversos potes, sobre uma prateleira, que armazenavam água e víveres. Um lampião preso no teto. Ícones e bandejas. Espécies de cortinas para separação dos aposentos.

Naquela noite ia ser julgado um, por nome Zvar, acusado de grave ofensa contra as leis básicas da tribo. Em andamento os preparativos para o improvisado tribunal. O desterro era a pena devida?

De tardezinha quando chegaram ao lugar aprazado, à beira de um córrego, altas árvores. Primeiro tomaram as providências de praxe no assentar o acampamento, de acordo com a distribuição do trabalho. Do jeito que as formigas trabalham como um todo em prol do bem comum, também os ciganos.

Paulatinamente ia assimilando, com grande naturalidade, os usos e costumes do povo nômade. Aprendeu vários ofícios – a lidar com o bronze, a cuidar dos animais, a negociar com gajos à maneira cigana. Hábil no afiar instrumentos cortantes, a fabricar ferradura, a consertar tachos e outros utensílios. A língua, aprendera-a com a maior facilidade, era como se tivesse feito um esforço apenas para reaprendê-la, como que estocada nos subterrâneos da memória.

Alexei, feiticeiro, iniciava-o nos mistérios assim como o mestre instrui o discípulo aplicado. Homem dotado de extraordinária força mental, capaz de quebrar objetos a distância. Possuía o dom de ler os pensamentos. Focalizava o olhar em uma pessoa – fixo, direto, firme, como a transmitir uma poderosa energia cujas origens ele próprio desconhecia, mas de que era veículo. Por intermédio de exercícios físicos adequados e profundas meditações, através dos anos, desenvolvera certas faculdades, percepções extrasensoriais. “O cérebro é como um *iceberg*” – costumava dizer – “a menor parte é a visível, a outra continua submersa.” Conhecía o segredo da clarividência, a tribo não tomava as decisões importantes sem antes consultá-lo. Sua presença era um símbolo de autoridade. Tinha certo fascínio. Dele emanava um intenso fluido pessoal, um magnetismo capaz de influenciar o destino dos semelhantes. Não que pudesse convocar a qualquer hora esses poderes sobrenaturais. Era preciso haver o momento propício, a coincidência de certos fatores. Às vezes a manifestação dessas forças ocultas independia de sua vontade, era como se uma segunda natureza quisesse impor a sua presença. Tinha necessidade de um contato estreito e íntimo com os animais. “Para melhor estabelecer o equilíbrio de forças.” Como se, do convívio com os animais, dependesse o aprimoramento constante

de sua arte – da mesma maneira que certas substâncias extraídas de árvores ou plantas são imprescindíveis à preparação de um remédio. Conhecer-lhes as virtudes e os defeitos, com mais profundidade, no estabelecer os seus verdadeiros limites. Mestre do fogo. O movimento das chamas fornecia-lhe elementos para a interpretação de certos fatos. “Tentativas adivinhatórias.” Às vezes, depositava um punhado de brasas no côncavo da mão sem se queimar. Ficava só um leve vestígio superficial. Força do pensamento? O segredo milenar das contrações musculares? Curandeiro. Com a ginástica das mãos, ou apenas um toque em determinada posição, passível de aliviar a dor física dos pacientes. Depois da cura, geralmente entrava num estado de cansaço extremo, os membros pesados, a cabeça dando voltas, certa dificuldade para concatenar os pensamentos. Poderia levar horas, e até dias, para a completa recuperação.

Pietro, como quem acorda de um sono profundo. Quantos anos? Quanto tempo levava naquela vida de andanças, entregue ao convívio com os ciganos? De vez em quando sentia uma fisgada por dentro. Um sentimento de, era assim como um vazio profundo ou falta de raízes, dor da saudade. Talvez por isso aquela tristeza nos olhos, principalmente quando vinham à tona lembranças da família, recordações da vida anterior. A voz surda do instinto reclamava, como um bicho se contorce.

E foi quando sobreveio o inesperado. Pinte-se com cores fortes o quadro da morte de Alexei. Quis ser enterrado ao pé da árvore, que naquela época do ano cheirava a resina olorosa. Árvore a que estava ligado por razões afetivas. Não é comum no reino cigano o destino de uma pessoa estar para sempre vinculado a uma árvore, de acordo com o signo de seu nascimento?

O velho Alexei pouco antes de morrer contou-lhe a história de uma criança, salva das chamas por ciganos, os pais morreram no incêndio. Foi criada pelo povo itinerante até a tenra idade de cinco anos. Era um menino, marcado por uma cicatriz no ombro... Morreu sem terminar a história, fato verídico presenciado por ele mesmo. Sua linguagem em código, maneira de dizer as coisas por metáforas.

Pietro e seus pensamentos. Primeiro a dúvida. Mas de uma coisa estava certo: – tinha chegado ao fim da longa viagem. A distância percorrida era suficiente para dar a volta ao mundo. Deu balanço em sua vida, retrospectiva. Descobriria as causas que lhe inquietavam o espírito? Algumas respostas, mas as perguntas principais ainda em suspenso. A falibilidade é própria do ser humano. Restava a grande interrogação: – valera ou não valera a pena? De qualquer

forma, quando tomara a decisão de empreender aquela viagem, foi mais uma compulsão, ele sendo apenas o objeto de uma vontade interior mais forte. Agora sentia-se leve, tranquilo, em paz consigo mesmo. Com idêntico estado de espírito de um cientista que resolve complicada equação matemática. Ou como a balança se equilibra.

O bem mais cobiçado, e ao mesmo tempo o mais difícil – a felicidade é. Na sua verdadeira acepção, ideal inatingível. Lembra a imagem da sombra projetada à frente do corpo, o Sol estando em determinada posição. Por mais que o indivíduo corra, nunca chegará a alcançá-la. Mas pelo menos o homem tem o poder de sonhar com a felicidade, e aí o grito de protesto contra as próprias limitações, seu repto formal às divindades.

Terminada a cerimônia dos ritos fúnebres, levantou-se acampamento, uma operação secular executada pela gente nômade, uma de suas principais características.

De noite, enquanto a caravana em movimento. Ninguém percebeu quando ele saltou da carroça, morada ambulante que o abrigara durante todo aquele tempo. Passou em revista os acontecimentos mais importantes de sua vida como peregrino. Tinha em mente a fisionomia de cada um, companheiros de longo convívio. Como parte integrante do grupo, partilhou com eles a mesma sorte, as grandes alegrias e os infortúnios, seus irmãos de sangue. Guardava a maior saudade. Queria ficar e queria ir, viver duas vidas como o rio se bifurca.

Tempo de ir para casa. Por uma dessas coincidências, não se encontrava muito longe de sua cidadezinha. Tomou uma condução que o levou até lá.

Ao chegar, as luzes estavam acesas. Sentia-se acanhado. A garganta seca, um descompasso no coração. Vacilante, apertou a campainha da porta. A mulher. “Entre” – recebeu-o com o mesmo sorriso. Sempre guardava a esperança, ou melhor, a certeza absoluta de que um dia ele iria voltar. “A casa sua.”

Tudo estava no mesmo lugar. Os chinelos de couro ao pé da cadeira de balanço. O copo de bebida em cima da mesinha, toda tarde costumava tomar o licor de preferência. A cama arrumada. O jornal e as revistas ao lado do pijama. O mesmo livro que estava lendo ao partir, com a página marcada. Era como se ele nunca tivesse se afastado dali. “O jantar está servido.”

Não disse nada, para não chorar. Mas mesmo se fosse obrigado a dizer, dificilmente encontraria a palavra. A dicotomia que existe entre as limitações da linguagem e a capacidade de sentir – talvez tivesse pensado como um filólogo naquele momento. Valera

a pena ter vivido. Saber que nem tudo está perdido, afinal. Que o ser humano, capaz de destruir a si mesmo e aos semelhantes, pode abrigar as maiores virtudes, a compreensão elevada ao mais alto grau. Tão sublime, às vezes, que faz o homem transcender os próprios limites.

E assim, cumpriu-se um mandamento imperioso do Destino.

O ESPÍRITO DO VINHO

Região vinícola, tudo em redor se resumia numa só paisagem, ora ondulada, ora plana: uma plantação de uva a perder-se de vista. A maioria das terras pertencia à Empresa, que gradativamente ia absorvendo os pequenos proprietários, com raras exceções. Um desses proprietários era um francês de descendência italiana: Monsieur Nicola. De hábitos morigerados, de rígida disciplina, desde o levantar ao pôr-do-sol entregava-se com afinco ao trabalho. Bom pai de família, uma retidão de caráter a toda prova, moral inquebrantável, e outros lugares-comuns que são palavras mais adequadas para definir o tipo humano estereotipado, o burguês, apenas um número na escala ou um retrato a mais na multidão.

Via na mulher todas as virtudes, admirava-a como uma pedra preciosa rutilante valorizada pelos efeitos dos raios solares. Ela instava-o para que se mudassem dali; queria viver na Capital em grande estilo, dizia. Ele se esforçava para dar-lhe todo o conforto, múltiplos presentes, o melhor de si, o primeiro pensamento da manhã. Mudar-se dali? Ele procurava temporizar, adiar a decisão o mais possível – assim como o elástico vai-se distendendo. O fato é que amava o ofício e aquele lugar como a si mesmo. Para ele, produzir um bom vinho era questão de honra. Uma verdadeira arte, na acepção própria do termo. Um desafio constante, cujo resultado final seria, nada menos, atingir num ponto a perfeição. Em seu espírito, faça-se a comparação entre o aperfeiçoamento do vinho e o aprimoramento das qualidades morais do homem. Uma vez tinha chegado a admitir... não, nada admitira, apenas uma frase solta e sem sentido que se lhe alojara na mente. A Empresa acaba vencendo no fim? Por mais forte que, até quando é possível resistir às pressões?

Que dizer de seu trabalho? Conhecedor profundo dos segredos do vinho. Era-lhe sobremaneira agradável aspirar o perfume dos vinhos, o buquê, que se forma com o envelhecimento natural. De alma singela, Monsieur Nicola.

Dia de muita faina, aquele. Já se aproximava a época da colheita. Viticultor experimentado, vinha acompanhando com atenção o aumento de peso da uva durante a maturação, a fim de precisar melhor o momento mais propício para recolção. Observava o aspecto dos cachos, o sabor, a consistência dos grãos. A última tarefa da tarde, antes de o Sol desaparecer por completo, consistiu em colher alguns cachos de uva; macerou-os na caldeira e em seguida fez com que o bagaço fosse prensado.

De repente, interrompeu o trabalho. Tomou tempo para um pensamento. Ou melhor, um pensamento tomou conta dele, jogando de parceria no tabuleiro contra a vontade. A mulher. Nem soube porque se lembrou de um fato, já adormecido na memória, e ao qual não atribuíra então a mínima importância. Foi assim como um corpo aparece boiando na superfície. Ou um como solavanco da natureza para despertar os sentidos, chamar a atenção da consciência.

Passou em revista as suas coisas, tudo o que havia conseguido com tanta dedicação e esforço. Retrospecto. Um capítulo anterior. Era uma vez, e lembrou-se de como havia chegado ali. Moço ainda, com a fagulha do entusiasmo, a força vital que palpitava dentro dele. Quando no começo, não havia nada. Foi preciso avançar do zero. O primeiro que teve em mente foi instalar a adega, ele mesmo construiu tudo, pedra sobre pedra. A qualidade e o valor do vinho não estão intimamente ligados com a bodega? Construiu-a voltada para o norte, de paredes grossas, o teto elevado. Plantou árvores em redor, para proteger do sol. As variações da temperatura não são nefastas para o vinho? Depois de tudo pronto, tomou o cuidado de bem limpar o local, que os maus odores e a água estancada prejudicam o futuro do vinho.

Homem precavido que era, e amante da ordem, não deixava para última hora as providências para a vinificação da vindima. Cada coisa no respectivo lugar: o material ao alcance da mão e em estado de funcionamento. Com muita antecedência contratava o pessoal extra, que se fazia necessário por ocasião da colheita.

Quanto aos barris – para evitar que dessem um gosto desagradável aos vinhos – lavava-os com água do mar e, depois, com água limpa do córrego. Comprara-os já usados. Às vezes enchia de água os recipientes de madeira, conservando-a durante alguns dias; ou constantemente molhava as paredes externas para deixá-las úmidas, envoltas com pano de saco. “Assim a madeira não se resseca.” Rechaçava a ideia de substituir os velhos recipientes vinários pelas cubas de cimento armado, em voga nas grandes companhias que se dedicam ao ramo. “Não é mais como nos moldes de antes” – em

tom saudosista falava para a mulher. Ela o ajudava nos serviços menores: após a vindima, pintava os arcos de ferro dos recipientes com minio. E depois recobria-os com verniz. A lembrança da mulher trouxe de volta a realidade. Atrás dela pedir explicações? Talvez nem ele mesmo se lembrasse. O que acontece quando a verdade está sustentada por premissas falsas?

Tomou o rumo de casa, entre pensativo e conformado. E tanto melhor que assim se sentisse, quer dizer, porque... Mas, nessa altura, interrompa-se a narrativa e introduza-se a figura do amigo fiel, outra personagem no teatro da vida. De uma gratidão a toda prova. Basta citar o fato de ele ter recusado a polpuda oferta da Empresa. Monsieur Nicola muito o ajudara no começo da vida, acreditou nele, deu-lhe a grande oportunidade. Sisudo, cumpridor exato do dever, impecavelmente talhado para seguir a carreira burocrática – seu grande sonho, aliás. Nutria um certo desdém pelos outros, talvez para denotar firmeza ou superioridade. No auge de sua pior crise foi que encontrou Monsieur Nicola, sua última esperança – como dizia. Mas quem o conhecia melhor sabia que, no íntimo, seu jeito de ser encobria uma debilidade e insegurança latentes. Basta um arranhão para tirar o brilho do verniz. E quem o conhecia bem era uma velha do povoado vizinho que aparecia de vez em quando. Procurava evitá-la o mais possível, desviar o olhar para não encará-la. Uma vez todos se riram dele, quando ela jogou uma indireta sobre sua origem humílima, usando o nome de interposta pessoa. “Imagem! Um órfão, desvalido da sorte.” A velha era uma representante da nobreza local, uma reminiscência da *belle époque* – com vestidos fora de moda, gestos estudados, estilo clássico misturado com o rococó. Na juventude, cantora de ópera, mas a verdadeira vocação era o teatro, carreira que lhe estava vedada por força das circunstâncias. Contava histórias intermináveis, principalmente da realeza, com a qual mantinha certos vínculos, verdadeiros ou inventados. Padecia ou aparentava padecer de fortes dores nas pernas; por isso mesmo, servia-se de uma bengala para ajudá-la a caminhar. De muitas posses, sempre acompanhada de serviçais, para satisfazer-lhe os inúmeros desejos e caprichos.

Mas voltemos ao assunto principal, ao que realmente interessa. Quando Monsieur Nicola chegou em casa, eis o quadro que encontrou: não restava nem a última esperança. Mais um lugar-comum no decorrer de sua vida, desta vez de situação. Não; ninguém pode descrever o estado de espírito do viticultor, sem rir ou sem chorar, conforme é do temperamento do autor. Diga-se de passagem, porém, que a reação posterior foi de todo inesperada. No momento, esforçava-se por tomar consciência da realidade.

Assim, os valores foram caindo por terra, um por um. A mulher, seu sustentáculo, o rótulo imaculado. O amigo leal, quase um prolongamento de si mesmo, para quem não guardava nenhum segredo. Desconheceu-se. Olhou no espelho a imagem que não conhecia. Quis reinventar o mundo.

Enquanto dava livre curso aos pensamentos, apareceu-lhe uma velhinha octogenária, espécie de ama da casa, mas que na verdade gozava das maiores regalias, considerada mesmo como pessoa da família. Sem dizer palavra, mas o olhar profundo parecia transmitir-lhe uma mensagem. De sua presença emanava um fluido, ou era como bálsamo. “Então, compreendeu?” – o que ela parecia querer transmitir-lhe na sua linguagem absoluta, seu diálogo de silêncio. Compreendeu o quê? A essência das coisas, a falta de lógica da vida, sua carência de sentido? Basta um segundo para se conhecer toda a verdade, a revelação, assim como de repente a luz no meio das trevas. Nada mais é do que a sabedoria. Ele agradeceu-lhe sem gestos, à altura do diálogo, completo como quem decifra um enigma. Ato contínuo, dirigiu-se mecanicamente à adega.

E aqui tendes a situação imaginada, o quebra-cabeça armado, assim como uma catapulta pronta a disparar. Ou a moral da estória. Ora, se considerardes que a segunda anciã seja a encarnação da sapiência, da Filosofia, a verdade sem restrições; e a primeira velha a superficialidade, a luxúria, a falta de senso, o lado artificial das coisas, a solução que não satisfaz – então chegareis à conclusão que a vida pode enveredar por dois caminhos distintos: ou atingir seus altos propósitos, pela via construtiva; ou tornar-se estéril, vazia, o que não conduz a nada, a matéria desprovida de significação.

Na mesma linha de raciocínio, a mulher representa a falsidade, o egoísmo, o desprezo aos valores reais. O amigo fiel simboliza a ingratidão, a indiferença, a instabilidade dos sentimentos e a fraqueza do ser humano.

Monsieur Nicola na adega, seu estado etílico e seu estado de consciência. Tinha feito grandes descobertas, renascido para o mundo, em poder de alta percepção. Sentiu uma vontade incontida de rir sem parar. Guardava a mais grata recordação dos dois, da mulher e do amigo. Chegou mesmo a ter saudades. Assim como num sonho as melhores coisas da vida.

Cambaleante, invocou Omar Khayyam, sua alta filosofia e seus saberes. Chegou mesmo a recitar algumas poesias no original. Depois sentou-se a custo à comprida mesa de madeira pesada. E foi então que teve início o festim. As figuras mitológicas desenhadas na parede aos poucos foram adquirindo vida. Com movimentos lentos

no princípio, sem fala, até atingirem o estado normal. Da mesma maneira que um organismo congelado susta as suas funções e, de novo submetido à temperatura ambiente, recobra os sentidos. Tal assim o despertar dos deuses do sono milenar. E o recinto inundou-se de luz, e música, e barulho, e alegria. Todos de copo na mão brindavam à vida, em meio às gargalhadas. Baco sentado à cabeceira, no lugar de honra como Ihe convém. Não faltou nem o popular jumento de cor tirante a castanho, que acompanha a comitiva a todos os lugares. Coroavam-Ihe a cabeça com hera, e banhavam-no com vinho tinto. O anão pulava em cima da mesa, dando cambalhotas no bom estilo circence. O velho roncava alheio ao ruído. Fez-se a apologia do álcool neste mundo conturbado pela falta de compreensão, de comunicação, de amor ao próximo, e onde excedem a violência e a intolerância.

Os momentos mais propícios para as grandes discussões, empenhados que estavam na construção de um ordenamento mundial. O presidente abriu a sessão. Todos os países estavam presentes simbolicamente. Assuntos que foram trazidos à baila: guerra, fome, proliferação das armas, explosão do artefato nuclear, poluição, crescimento demográfico desordenado e outros flagelos da humanidade. E mais: os espetáculos do Coliseu, as Cruzadas, a Inquisição, o Holocausto, o massacre dos inocentes, a escravidão, e a crueldade infinita do ser humano...

Só o dia veio pôr fim à euforia. Monsieur Nicola acordou com o corpo todo dolorido, boca amarga, a cabeça dando mil e uma voltas, o estômago sob o efeito da montanha russa. Silêncio total. As figuras tinham voltado ao devido lugar na parede, absolutamente imóveis.

Saíra dali cansado, é verdade, mas um homem realizado – e feliz – até onde a natureza humana permite.

GITANO

*De rôte stándele
se guitarô...*

A colmeia

No acampamento cigano todos se preparavam para a partida. Desfaziam as barracas de lona com extrema facilidade, já que a força do hábito aprimora a execução da tarefa; cada qual com função específica, ali não há lugar para o ócio na hora da necessidade. Uns ainda ultimavam os preparativos para a viagem, colocando os pertences nos baús, enquanto os outros, mais adiantados, tomavam posição para colocar os animais em marcha. Tinham urgência em deixar as imediações do povoado.

Tal assim as abelhas quando o instinto ruge. Ao inverso dos gitanos, que só mudam de pouso quando se escoam todos os recursos de exploração do local, as abelhas emigram no auge do progresso da colmeia, para recomeçar do nada, seguindo a espiral de seu destino ignoto. Imperativo da natureza, ou cabe indagar com Kant a origem do dever?

Ambos, porém, os gitanos e as abelhas, nômades, com um traço em comum – o que mais uma vez comprova as afinidades, ou a diferença gradual, não essencial, que existem entre os homens e os outros animais.

O enxame

A jornada fora dura e fatigosa, marcada por inúmeros acidentes. O mau tempo constante, a travessia do rio na cheia (o que motivou perdas materiais de grande monta, inclusive uma das carroças levada pela correnteza), o cansaço dos animais fustigados a toda hora para manter o passo, e a perseguição dos moradores da

vila que vinham no encalço dos ciganos. Por motivos de vingança, por faltarem coisas. Além disso, por agravo que um deles sofrera quando tentou passar dos limites com uma das ciganas do bando.

Quando o pior passou, quando já estavam fora do alcance dos obstinados perseguidores, foi aquele alívio geral. Tomaram tempo para descanso, e até celebraram com vivas e bebidas; cantavam, abraçavam-se em meio à alegria.

Daí em diante a viagem prosseguiu normal. Na tardezinha do dia seguinte arrancharam em sítio adrede escolhido, na entrada de arraial conhecido. Por lá também dentro de algum tempo passaria outra caravana de ciganos, os quais deveriam encontrar-se com eles, conforme mensagem recebida.

Armavam as barracas em fila, separadas uma das outras por distância conveniente. Em seu interior, as mulheres estendiam os ricos e bem-trabalhados tapetes orientais e os rechonchudos e macios travesseiros de ganso que lhes serviam de leito; separavam as acomodações para os diversos membros da família, conforme o costume.

Os homens cuidavam dos cavalos, davam-lhes banho em água limpa e corrente do riacho, tratavam das machucaduras com ervas medicinais, depois deixavam-nos à solta para comer o abundante capim-meloso da região, sempre com o cuidado de não invadir os pastos alheios, para não atrair a ira dos donos.

Logo então têm início as atividades normais. Os ciganos vão às ruas para vender tachos de cobre e objetos de cutelaria, fazer baldrocas com cavalos e outros negócios, escambos, além de oferecer seus serviços para consertos de certos objetos, ou para amolar facas, tesouras, navalhas, etc. As ciganas com vestes estampadas – o avental, a saia comprida trabalhada na barra com fitas multicores e desenhos sinuosos feitos com linha. A manga rodada, comprida, enfeitada com renda. Algumas amarram lenço na cabeça, simbolizando seu estado civil. Vão ler a sorte dos mortais, que as linhas das mãos revelam. Compram do povoado tudo o de que necessitam: pano para roupa, alguma ferramenta, querosene para lampião, sal e mantimentos. No comércio com os calões é preciso vencer a desconfiança natural que existe contra os ciganos. O importante é deixar um saldo positivo na hora da saída – ganhar sempre, perder nunca. Só assim estarão prestando homenagem ao espírito de outro cigano que os acompanha, desde o nascimento até a morte. Para tanto, usam de todos os artifícios – inclusive a prática de atos ilícitos como o roubo, por exemplo, de joias, dinheiro, animais, etc. O roubo, no reino cigano, tem um sentido muito mais amplo, com outras conotações além do valor

material que lhes garante um lugar na luta pela sobrevivência. Experto nessa arte, de mãos leves como a seda, muito conceituado entre os seus, era o cigano Valodja. Esse pertencia a outro grupo tribal, fora deixado com eles quando ainda criança por uma dessas vicissitudes da vida. Soube-se que os pais pereceram em desastre ocorrido na passagem de um desfiladeiro na Oltênia. Nem por isso tinha recalques. Gozava de muita popularidade não só pelos dons naturais, mas também pelo jeito de ser, alegre e prestativo.

E agora introduza-se uma comparação, a título de pausa, e invoquem-se novamente as abelhas. A abelha intrusa, de outra colmeia, é rechaçada incontínente se não aporta nenhum benefício à comunidade. Mas se vem carregada de mel, laboriosa como as outras, então é muito bem-vinda, porque seu trabalho contribui para o bem-estar social. Assim é, *mutatis mutandis*, o que acontece na república dos ciganos.

O voo nupcial

Da mesma maneira que a rainha das abelhas sai do esconderijo, quando é chegado o dia da fecundação, e lança-se aos ares com todo o impulso em direção às nuvens; subitamente o céu vê-se coalhado de zângãos que, alertados pelo instinto, vão atrás dela para o abraço final – assim em cena a ciganinha Paulena, tão formosa quanto a palavra mais bonita, a dos olhos mais brilhantes, vinda de longe com a caravana chegada.

À medida que a abelha-mestra vai subindo, vão-se escasseando os rivais na disputa singular, e somente o mais apto, escolhido por seleção natural, consegue alcançá-la, para usufruir o gozo mais perfeito. Felicidade na sua versão física é o uso concomitante de todos os sentidos no mais alto grau. Depois do acoplamento seu corpo despenca para o abismo como fruta sazoadada, massa inerte. E assim mais uma vez os machos da colmeia dão uma lição aos mortais. Vale arriscar a vida por um minuto de eternidade.

Como acontece na sociedade das abelhas, no mundo cigano acontece igual. De todos os pretendentes, um só obteve a palma. A sorte recaiu sobre Valodja, o das ágeis mãos, fadado a ter fama imorredoura entre os ciganos. Marcou-se o casamento para muito breve, antes mesmo de as duas caravanas se separarem, como estava previsto para a lua cheia. Quem sabe nunca mais voltariam a cruzar-se, ou se, só depois de muito tempo ou por acaso, conforme a lei da vida de andanças que levam.

Celebrou-se a festa de noivado, *manglemôs*. O pai do noivo, no caso o pai adotivo, dirigiu-se à tenda dos pais da jovem para pagar o alto preço estipulado, de acordo com o costume. Ofertou ricos presentes: um vaso de cristal finíssimo da Boêmia trabalhado com esmero, um jarro de ouro de boca larga para escansar vinho e uma pulseira de prata com pedras preciosas incrustadas. Trouxe também uma garrafa de vodca polonesa enfeitada de fita vermelha. Confraternizaram os membros das duas famílias.

O casamento

Mal havia despontado a manhã, e já começavam os preparativos para a festa, *miritissáilon*, planejada para durar uma semana. Armavam-se fogueiras para assar a carne de animais degolados na véspera. Armazenava-se água nos recipientes apropriados. Fazia-se sarmálea, com folhas de repolho, doce de siviaco, dibanicha com chá servido em samovares, e outras iguarias.

As melhores amigas da moça, umas se deleitavam em contar casos de amor, enquanto outras tomavam providências no tocante à indumentária da noiva.

A ciganinha Sibinca, a de pele mais alva, também em idade de maridar-se, antes de unir-se a Yórgulo devia cumprir promessa feita à cigana que a acompanha em espírito, depositando sete rosas vermelhas na encruzilhada ou no rio, conforme o preceito do banho de rosas.

No espaço reservado, coberto por toldo para abrigo de chuva, tocavam músicas do folclore cigano, de origem perdida na bruma dos tempos, com cítara, violino e outros instrumentos:

*“Volga, volga, matranaia
Olhos, olhos, a quem pertenceis?
volga ruski,
volga perclai.
De rôite stánde
se guitarô.
Seguindo o caminho
das estrelas...”*

O juramento. Na hora da cerimônia o venerando chefe do acampamento, seguindo à risca o ritual, dá um corte em forma de cruz no pulso esquerdo dos nubentes, para misturar sangue com sangue. *Tindorerê auê cauíza*, tu és sangue, e eu sou real. Homem

e mulher, unidos para sempre – corpo com corpo, alma com alma. Assim, mesmo depois da morte, seus espíritos estarão unidos num só espírito.

Mas os fados haviam disposto que o *cohén*, o chefe da tribo, quando atirasse o vaso de cristal para o alto, a noiva não o aparasse – conforme a tradição cigana. O vaso, então, caiu com estrépito e reduziu-se em mil estilhaços.

A carta número 29

Sem mais tardança foram consultar a velha Yordanca, a mais respeitada na hierarquia cigana, filha do tempo, quem ultrapassa as fronteiras do futuro e do passado. Encontraram-na meditando na tenda, como soía acontecer as mais das vezes. Ela adivinhou, conforme os ciganos leem a íris. Em seguida tomou do baralho, envolto no lenço de seda azul. Retirou as pétalas de rosas vermelhas de entre as cartas, próprio para rachaçar malefício. As velhas de maior autoridade acenderam uma vela branca, e providenciaram um copo cheio de água. A água para atrair os fluidos negativos da consulente.

Antes de colocar as cartas na mesa, pediu licença ao protetor espiritual da moça. Era a primeira vez que iria utilizar aquele baralho. Baralho virgem, cujas cartas ela mesma levou ao rio à meia-noite, molhou-as sete vezes, cruzando-as no peito igual número de vezes, ajoelhada na areia, olhando para a Lua e pedindo clarividência. Que sempre aquelas cartas pudessem revelar o Bem e o Mal, e o destino reservado às criaturas. Sete dias com suas noites deixou-as ao sereno e ao sol – como ensina a escritura cigana. Nunca utilizá-lo na segunda-feira, dia das almas.

A consulente então ofertou-lhe um buquê de rosas vermelhas e um lenço liso para a cabeça, a fim de agradecer ao guia, *naô*, da velha cigana. Depois cortou as cartas com a mão esquerda, entre trêmula e inquisitiva. Então, os presságios não eram bons, o vento não espanta os maus espíritos?

E assim o próprio destino dispôs as nove cartas na mesa, na seguinte ordem, por intermédio da cigana: noites álgidas de luar; amor; homem; mulher; aliança; uma cruz; caixão; rival; peixes. As cartas estavam marcadas, com alta carga de significação. *Martcha*, morte – uma carta varia conforme a posição da outra, do lado.

E ouviu-se então o latido de um cachorro ao longe, o aviso da fatalidade. Quebrou o silêncio, interrompendo a sessão, um viajante que vinha à procura de informação, ignorando que assim

procedendo cortava a corrente positiva, e os desejos da consulente não seriam realizados.

A jovem esposa, com o coração comprimido pela angústia, pediu ao gênio cigano que a guardasse de todo o mal, embora sentisse no íntimo a presença do inevitável. Assim como a vista paulatinamente se acomoda, quando se dá o câmbio claro/escuro, no nascer da madrugada; à medida que se aproxima a manhã, a retina, acostumando-se ao meio ambiente, consegue divisar objetos cada vez mais situados ao longe.

As ciganas mais velhas diante da gravidade da situação:

Vôlea: “*Sô kerdáu?*”

Zôrca: “*Parôtuquê?*”

Tsura: “*Tu san perdi pricaz.*”

Pêrsa: “*Bi bartali.*”

Náschtea: “*Que bezêr!*”

Zuza: “*Godiassi ê bar.*”

Vena: “*Le carte chihohavéu.*”

Dena: “*Godiassa ki bar.*”

Desafio

Como nas leis da Física dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço simultaneamente, assim no reino das abelhas duas rainhas não podem habitar numa mesma colmeia. É o próprio olor que as guia, além da confusão geral. Investem uma contra a outra, escravas do instinto, numa batalha de vida ou morte, usando o agulhão como arma assassina.

Tal assim aconteceu quando o cigano Savlo, filho de Yórgulo, regressou depois de algum tempo de ausente. De espírito indomável e aventureiro, fora em busca da fortuna. Deixou o convívio cigano, morou em cidades, passou grandes privações. Mas agora voltava próspero, com um propósito no coração. Todos os sacrifícios são poucos para conseguir a mão da ciganinha Paulena. Durante todo esse tempo aquela ideia fixa é que lhe dava força para vencer, assim como a lenha seca alimenta o fogo. Como o mel está para as abelhas, assim Paulena está para Savlo.

Bastou chegar ao acampamento, e seu coração adivinhou, embora não querendo que existisse a realidade. Do mesmo modo que as abelhas comunicam em instantes uma notícia dentro da colmeia, a presença de Slavo foi notada no acampamento.

Do outro lado do rio, o rival. O outro compreendeu, aceitou o desafio como manda o código de honra cigano. Cada um com uma faca entre os dentes. Encontraram-se no meio do rio, duas forças iguais, movidos pelo desejo de vitória na guerra. Debatiam-se tenazmente, como quando duas feras lutam pela sobrevivência – rio abaixo, em direção à cachoeira.

* * *

O enterramento cigano pouco difere dos demais. Talvez não no seu aspecto formal, o ritual de que se reveste; mas a essência permanece idêntica, igual o significado, no que respeita ao gênero humano.

Como acontece na vida real, muitas vezes é o sujeito quem não pratica a ação. Isto é, o sujeito é o objeto, ao contrário da análise lógica.

No dia seguinte levantaram acampamento – com lamúrias, lamentações e o coração oprimido pela tristeza. Seguir avante o caminho, conforme é seu destino errar sempre, guiados pelas estrelas. Todo o povo cigano chorava.

E, intacto, indiferente ao passar dos tempos, seu segredo é transmitido de geração em geração.

O COVEIRO DE NOTRE DAME

Nunca uma criatura como ele. Seu aspecto de causar espanto: surdo-mudo de nascença, o corpo disforme por doença, lábio leporino, a cara marcada por cicatriz longitudinal; os olhos esbugalhados que olhavam para direções diversas. Sua descrição produzia um efeito nas pessoas. De fraca constituição física, uma tosse com crises intermitentes perseguia-lhe a existência, era como um forte chiado no peito a modo de gato. Se teve pais, se não os teve – quem poderia dizer? – era apenas um filho do mundo. Julgava-se a parte enjeitada de alguma coisa, vivendo de favor, um desperdício da natureza. Diferente dos demais, assim como um bicho, ou outro ser orgânico na escala zoológica.

Tinha medo dos outros, isto é, os outros tinham medo dele. Raríssimas vezes atrevera-se a deixar a vila. Calara-lhe fundo a impressão da última viagem. Algum tempo atrás uma ideia tomou conta dele. A princípio insinuava-se timidamente, sendo rechaçada incontínenti. Mas aos poucos, porém, foi-se encorpando, e, trabalhada pela imaginação – assim como o ourives esculpe a pedra preciosa – tornou-se uma realidade com tal força de persuasão que era impossível resistir-lhe. Mania essa de buscar a sorte em outra parte.

E qual foi a reação dos moradores do outro arraial assim que o viram? Tão logo perceberam a intenção de ficar, escorraçaram-no como cão sem dono, convencidos de que era portador de lepra, ou qualquer outra doença grave ou infecciosa. Depois foi obrigado a ficar alguns dias de repouso, à beira de um riacho, para sanar as feridas e os inchaços em virtude das pedradas que levava. Teve de voltar ao ponto de partida. E – diga-se de passagem – até com certa satisfação. Já tinha começado mesmo a experimentar um quê de saudadezinha. Os contornos das montanhas em redor, o rio cheio de corredeiras, a lagoa bonita, os campos verdes e o buritizal.

Não. Daí ele não sairia nunca mais. Se não nutriam grande estima por ele, os do lugarejo, pelo menos não o hostilizavam, acostumados que estavam com sua presença.

Mas às vezes acontecia. Quando passava na rua do centro, os meninos escondidos atiçavam os cachorros em seu encalço, ou apontavam o estilingue contra ele. Violência desordenada das crianças. Ou a maldade inconsciente que cada um traz dentro de si. Como as águas do dique forçam o obstáculo para extravasar.

Em compensação, alguns até lhe tratavam bem, com certa deferência para com ele. É o caso por exemplo do dono da venda e sua mulher, que sempre lhe davam uma coisa que outra.

Mas e de que vivia? Profissão mesmo não tinha. Tomava conta do cemitério local, como zelador, encarregado da conservação e responsável pelo asseio: pintava os muros de branco, fazia algum conserto, plantava ciprestes e flores diversas, cortava a grama, e outras providências. Morava ali mesmo, num cômodo construído por ele, um depósito onde guardava as ferramentas e o material que utilizava. Quando alguém morria, era ele que abria a cova, calcando a pá com o pé torto, experto no cavar pela força do hábito. Na hora do enterramento, assumia ar profissional, compenetrado, como se fosse obrigação compartilhar a dor alheia.

Sem ninguém saber porquê (ou inventado pelo povo) aquele cemitério ganhou o apodo de Notre Dame, talvez pela semelhança física do coveiro e a célebre personagem. O que emprestava à cidadezinha certa notoriedade, quando não um motivo de conversação.

A essa altura, faça-se a comparação entre fatalidade e o mecanismo de uma engrenagem, dois termos que nada têm em comum entre si. Uma engrenagem cujos dentes se encaixam na medida certa, com idêntica função. A roda não tem princípio nem fim – já foi dito. Assim, pois, aquele caso tinha de acontecer – logicamente.

Uma morte que deixou toda a cidade conturbada. O enterro de tardezinha, o Sol mal acabava de pousar. Uma donzela de cabelos louríssimos, pele alva, os olhos azulados. Flores cingiam-lhe a fronte, e pétalas que se espalhavam pelo corpo todo, coberto por rósea túnica longa de seda com franjas douradas. Os pezinhos à mostra, como quando a natureza é perfeita ou o artista exhibe a obra-prima.

O coveiro, ninguém reparou que lhe escorriam as lágrimas, ninguém soube o que lhe passava no íntimo.

Assim, pois, aquele caso tinha de acontecer. No seu esconderijo subterrâneo, as feiticeiras de Shakespeare, no exercício de sua arte, previam o desfecho, sabedoras do futuro reservado aos mortais.

Pouco antes de meia-noite, um vulto foi visto por entre as cruzes do cemitério, segurando uma pá com uma das mãos, com a outra um lampião, arrastando a perna defeituosa.

Da mesma maneira que o vento vai e volta, ou a bala ricocheteia, foi o tempo de a notícia chegar à vila, e fazer com que os moradores acudissem indignados. Que o coveiro queria profanar o corpo da bela jovem? Verdade ou mentira, a dúvida nem chegou a entrar em cena.

Como os abutres em bando despedaçam a presa esfomeados, com igual ímpeto e fúria assassina a turba lançou-se sobre ele, clamando por vingança. Só o instinto primitivo predomina nessas horas.

E aqui o capítulo final. Depois que todos se foram, o silêncio e o vento disputavam a primazia do ambiente. E foi então que apareceu a figura do Destino para corrigir a estória. Com a capa plúmbea, encapuzado, envolto em seu eterno mistério, dono de mil interrogações. Veio para operar o milagre, mudar o curso dos acontecimentos. Quando completou o trabalho já era noite avançada, quase madrugada. Pacientemente removeu com a pá toda a terra que abrigava o corpo deformado do coveiro. E fez o que devia ser feito. Colocou numa mesma sepultura os dois seres que a natureza criara tão diferentes.

RÔMULO E RÊMULO

I – Rômulo

Nas salinas. Igual que areia alva a se perder de vista, salgada. O reflexo do sol na superfície branca aumentava a luminosidade – assim também os raios solares, filtrados através de grossa lente, elevam os graus do calor.

No período de seca intensificam-se os trabalhos das salinas. Pirâmides de sal introduzindo uma alteração na paisagem. Da mesma maneira que as formigas que seguem em direção oposta, em filas como duas linhas retas: a primeira constituída por aquelas que levam no respectivo dorso pedaço de folhas verdes, a serem depositadas no fundo do formigueiro; a segunda, pelas outras que convergem para o local onde estão as folhas a serem despedaçadas – tal assim nas salinas quando é chegado o tempo de atividade febril: enquanto uns carregam nas costas o balaio cheio, para depositá-lo no lugar devido, engrossando a montanha de sal, os outros tarefeiros voltam com o balaio vazio, para recomeçar. Assim o ciclo não se interrompe, como em roda viva, ou moto contínuo – a salina em muito se assemelhando ao formigueiro.

E Rômulo? Rômulo era o mestre, encarregado de prestar contas ao patrão, responsável pelo bom andamento do serviço. Começou do nada, de simples tarefeiro foi galgando todas as posições. Merecia a confiança do empregador. Em todos aqueles anos de trabalho, não falhara um só dia, nunca chegara atrasado. Sabia dar as ordens, nascera para o mando. Pessoa aparentemente ríspida no trato, como requer o ofício, no fundo era de uma bondade a toda prova. “Desde que a causa seja justa” – diziam. Muita vez, no decurso de sua carreira, ficara na salina além do horário de regra: “Para deixar tudo na ordem”. Seu mundo era aquele, nunca fizera outra coisa na vida a não ser lidar com o sal.

Mas quando menos se espera é que uma ideia intrusa consegue penetrar no subconsciente, burlando a vigilância da mente, com uma força capaz de pôr em risco a situação criada, a estabilidade, quebrar o princípio lógico. Desde há algum tempo aquela mania de mudar de vida, viajar, recomeçar, cumprir um mandato da natureza.

Também não as abelhas? Não é que largam tudo, contrariando o que há de bom-senso, para seguir a voz rouca do instinto?

O homem do farol. Solitário, como o eremita da caverna ou o naufrago na ilha deserta. Fugia das pessoas, arredio no trato, detestava o convívio social. Somente Rômulo tinha acesso às suas intimidades – e assim mesmo com restrições. O seu núcleo era impenetrável. Assim como num santuário mãos profanas nunca tocam. O homem do farol era como se fosse capitão de navio, rei de seu pequeno mundo, outra versão da ilha de Sancho. Nos sonhos, via-se de uniforme branco comandando uma esquadra inteira. Sempre de binóculo a tiracolo, perscrutando os segredos do mar, ou à espera de algum navio inventado pela imaginação. Dizia ouvir vozes do mar, em noites de tempestade, de piratas mortos em combate, vozes do passado que se propagavam pela atmosfera, a serem captadas pelos ouvidos mais sensíveis. Quando queria entregar-se às meditações, ou quando procurava a solução de algum problema, descia para o poço do farol – como a tartaruga se recolhe ao seu casco – poço úmido, escuro, coberto de lodo nas paredes, com o barulho surdo de goteiras. Lá diziam estar enterrado um corpo de mulher. Após ouvir a razão ou razões de Rômulo, aconselhou-o sim a mudar de vida. Que quando um se sente infeliz, o melhor é enveredar por outros caminhos. Quem sabe não iria deparar com a sorte? Às vezes basta um pequeno empurrão para a enorme pedra despencar lá de cima.

Rômulo. Já não abrigava a mínima dúvida quanto à validade de sua decisão. Mas nem por isso relegava a plano secundário o exato cumprimento das tarefas. Ainda havia muito sal para carrear. Era preciso dobrar o trabalho, para compensar o atraso na safra causado pela água doce das chuvas nos chocadores. E, para evitar que as tábuas podres cedessem à pressão do peso dos homens – e para que estes pudessem andar com segurança sem cair nos cristalizadores – mandou reforçar os empranchamentos com tábuas novas e arame grosso. Dava ordens para que desentulhassem as escoadeiras, fizessem reparo na bomba do catavento, que melhorassem o caminho a fim de os caminhões terem livre acesso ao paiol. A tudo atendia com a máxima diligência. Acompanhava o trabalho das mulheres

com grandes agulhas lidando com as sacarias. Inspeccionava as comportas, os paióis, os cercos. Fazia recomendações diversas aos chefes de turma. Até na enfermaria improvisada punha atenção. Ali eram tratadas as pessoas afetadas pela ação venenosa do sal verde: com compressas sobre os olhos inflamados para minorar a dor, com unguentos e pomadas balsâmicas para ajudar a cicatrizar as feridas provocadas pelo cloreto. Também se tratavam brotoejas, maxixes, coceiras nos olhos, calos brancos – e os primeiros socorros em qualquer eventualidade nos acidentes. Como as peças gastas de uma engrenagem são substituídas, os homens também. Nas salinas o trabalho não pode parar. Pilhas de sal fresco, que picaretas manejadas por hábeis mãos e experientes deitavam por terra, para ser levado ao moinho. E aqui completa-se o ciclo salineiro: o moinho sem interrupção a moer sal grosso, misturado com ingredientes químicos para apuração do sal refinado. O moinho, como complemento indispensável para compor a paisagem salineira, pás tocadas pelo vento eternamente à espera de Dom Quixote.

O trabalho? A salina? E neste ponto interrompa-se a estória, para inserir uma outra – à maneira de como duas plantas enxertadas produzem um fruto aprimorado.

II – Rêmulu

Uma estória de lenhadores

Nas montanhas, os homens acostumados àquele tipo de vida. Levantar cedo, serrar as árvores previamente escolhidas e marcadas com tinta branca. Viviam para o trabalho, mais ou menos isolados, com poucos contatos fora da comunidade. Casas de madeira com teto inclinado, chaminé, lareira, mais a paisagem humana – se bem que havia vários braços locais – induziriam o pintor a misturar cores europeias para pintar o quadro daquela região serrana. Para não falar nas festas tradicionais, com a indumentária requerida, as danças e as músicas folclóricas, as comidas típicas.

Rêmulu. Era quem mais rápido cortava uma árvore, sem usar nenhum instrumento a não ser o machado, conforme as comemorações de passagem de ano. Temperamental, dado aos excessos do álcool – mas de uma eficiência e um amor ao trabalho incomuns. Fora talhado para o ofício, vocação natural. A floresta não tinha segredos para ele. Amava a natureza e tudo o relacionado com as árvores. No

fundo tinha bom coração, apesar das aparências em contrário. Era o único que saía à procura de animais feridos, ou órfãos, para cuidar deles, ou criá-los durante certo tempo, para depois devolvê-los à floresta quando estivessem em condições. Em compensação, sob o domínio do álcool perdia a cabeça, não media consequências para satisfazer os instintos, alargando a área de seus direitos em detrimento dos direitos de outrem. De uma coragem que não admitia contestação: de uma feita, mesmo sem saber nadar, equilibrou-se por entre as toras no rio, para atender a desafio de seu opositor, que o esperava para luta corporal. Quando nas horas de trabalho, era a responsabilidade personificada. Nada escapava à aguda percepção, ao tino comercial aprimorado. De espírito cartesiano, de princípios hedonísticos, suas opiniões acabavam prevalecendo no fim, após acurado exame da situação para aumentar a produção e minimizar os custos. Gozava, portanto, da inteira confiança de seus patrões estrangeiros. Nomeado chefe de turma ainda quando muito jovem, tinha a maior autoridade sobre os subordinados. Suas ordens eram acatadas sem discussão. Com olhos de bom profissional, não deixando escapar os mínimos pormenores, acompanhava pessoalmente todo o processo para o aproveitamento da madeira: a começar pela derrubada da árvore. Depois o corte da galharia, o alinhamento, a pesagem, a seleção, a classificação e, na fase final, o embarque das toras no porão dos navios ou no bojo dos caminhões, conforme o lugar de destino.

A empresa madeireira. Como toda empresa em geral, também esta não fugia à regra: movia-lhe o desejo de lucro – como é natural, aliás. Mas, diferentemente de outras do gênero, esta tinha a preocupação de preservar o meio ambiente, na medida do possível. De fato, faziam uma escolha racional das árvores a serem tombadas, de modo a permitir um espaço ideal entre as restantes, com o consequente benefício que disso advém. Outras vezes empregavam a técnica de enxadrezamento, isto é, de devastar uma determinada área, deixando intacta a área vizinha, de igual tamanho. As reservas seriam tombadas quando houvesse escassez do produto e seu aumento de preço. Além disso, o reflorestamento era preceito obrigatório, tinha força de lei: para cada árvore sacrificada, uma semente era plantada no lugar. Talvez por isso tivesse a empresa madeireira granjeado simpatia e alguns elogios, mesmo por parte dos ambientalistas mais radicais. Tenha-se em mente que a floresta estava aberta à visitação, em determinada época do ano. Para lá acorriam caçadores, pescadores, artistas, fotógrafos... Melhor do que na floresta virgem – argumento

dos lenhadores contra os ambientalistas – aonde mal se pode locomover, é fácil perder o caminho, não se vê o Céu nem o horizonte...

E Rêmulos? A mesma ideia clandestina que se introduzira no ânimo de Rômulo, instando-o a que mudasse de vida, ei-la aqui a afligir as noites de Rêmulos. Como nos irmãos corsos, a dor física de um era simultaneamente sentida pelo outro? Dera-se que o Destino, agindo por interposta pessoa, tomando a forma de um lenhador, apareceu-lhe em sonhos e contou-lhe da existência do irmão, indicou-lhe onde estava e o que fazia. Em seguida exortou-o a que se juntasse com ele, sem mais tardança. Mas nem era preciso tanto, a curiosidade aguçada é irresistível. Entre um lugar e outro há a distância de um pensamento. Em seguida, aprontou-se para compor mais um elo da realidade: aquele encontro estava fadado a acontecer, esperado há tantos anos.

III – Rômulo e Rêmulos

Dois irmãos gêmeos, em tudo e por tudo iguais, um feito à imagem e semelhança do outro – como Castor e Pólux, nascidos de amor obscuro. Fique a cargo da imaginação do leitor o decifrar o enigma de como dois seres, oriundos do mesmo ventre, privados da mútua companhia desde a mais tenra idade, fossem apartados um do outro por contingências que escapam à sua compreensão. O fato é que estavam ali, um e outro olhando para o espelho, estarecidos, como se o existir fosse o milagre mais importante. Faça-se uma reflexão quanto à hierarquia dos valores, de acordo com as circunstâncias e o momento psicológico. Como dois naufragos à espera do navio salvador, ou como dois viajantes perdidos no deserto à procura de água – assim Rômulo e Rêmulos.

Registre-se aqui apenas o capítulo da transformação, isto é, o momento em que decidiram trocar de vida, conforme a aspiração que vinham alimentando. Os anseios de um vinham ao encontro dos anseios do outro – como os dentes de uma engrenagem encaixam-se de modo natural.

Feito o quê, concertaram o *modus faciendi*. Nos dias subseqüentes dedicaram-se ao aprendizado das respectivas profissões, seus segredos e percalços. Quando se julgaram convenientemente preparados para um ocupar o lugar do outro – preparados pelo menos para tentar, já que a experiência só se adquire com o tempo – puseram em execução o plano.

Rômulo ainda tomou as últimas providências antes de partir. Aconselhou o irmão a no começo usar chapéu de abas largas para proteger-se do sol. Despediu-se, a seu modo, do velho que morava além do carago. Esse havia dedicado a vida inteira a serviço da salina. Andava torto, com marcas de paus de balaio nas costas. Cego, quiçá pelo excesso de luminosidade das salinas. Era como se o ancião fosse o representante daquele tipo de vida. Ou o próprio retrato, de Rômulo, no futuro. Depois, deu outras ordens ao pessoal de frente. Ainda havia muito sal para quebrar. Mas tinha a consciência tranquila. Mesmo se o inverno chegasse adiantado, com muito sal para ser cristalizado, a produção deste ano suplantaria a do ano passado. Primeiro, o dever. Depois deu uma última olhada para trás. O moinho a vomitar gasguito. A montanha de sal granulado no paiol. As águas-mães. Ferros-de-cova e chibancas nas placas cristalinas. O cheiro da maresia trazido pelo vento e o gosto salgado que molhava os lábios. As sacas de sal, o produto terminado. Começou a sentir a saudade do presente.

Como numa balança, o prato que representava simbolicamente o arrependimento quase que igualava o da vontade de Rêmulo também. Acorreram-lhe à mente cenas de filhotes de animais desamparados, a beleza do cenário inigualável da floresta, a cascatinha do riachuelo, as cores, os vales e os valores das montanhas; o gênio das árvores – driades e hamadriades. Paz e tranquilidade, as horas dedicadas à meditação. A alma da floresta.

E agora entra em cena o tempo, que amadurece as coisas e faz envelhecer as pessoas. Nada permanece igual, ou repita-se a propósito as palavras do Poeta. A cada momento que passa já não somos iguais ao momento que passou.

IV – Rêmulo

Sendo que a areia fina se vai escoando no relógio do tempo, certo dia ocorreu-lhe a Rêmulo visitar o irmão, alguns anos já passados. Não que estivesse desgostoso com a atual condição, mas verdade é que um esboço de saudade já se insinuava com grande força dentro de si – como um quadro aos poucos vai ganhando forma definitiva.

Como quando Ulisses, depois de longa e lutuosa ausência, voltou à terra pátria, e, disfarçado de mendigo andrajoso, foi primeiro ver o porcação Eumeu, também tu, Rêmulo, estavas predestinado a voltar ao lugarejo. Os ambientes que circundam o homem no tempo

de sua formação, cuja lembrança leva consigo toda a vida, é como se fosse parte integrante do próprio ser. As ondas do mar, no movimento de oscilação perpétuo, vão e voltam, mas ficam os resíduos de areia na praia. Como bem ensina a precaução da raposa, igualmente te disfarçaste com a máscara de outra pessoa, protagonista, desempenhando um papel diferente que te cabia nas cenas seguintes, montando assim o primeiro ato da tragédia.

Que fim levou o irmão? Como teria se saído? Se teve ou não descendentes? As respostas não tardaria a descobrir, tão logo encontrasse as pessoas do local. Como nos irmãos corsos, teve aquele pressentimento, presságio da fatalidade. Qual não foi sua surpresa ao saber que o desventurado irmão encontrara a morte assim que havia chegado de viagem das salinas, isto é, logo que mudou de vida e assumiu a outra identidade. Para se chegar ao sítio dos lenhadores, é preciso atravessar o rio por balsa ou canoa, já que ponte não havia. A embarcação que transportava seu irmão mais os pertences afundou inexplicavelmente. Seu pé ficou preso na corda, e o resto é fácil de adivinhar. Debateu-se em vão, como o naufrago quer alcançar a terra a todo o custo. Quando conseguiram resgatá-lo das águas, já era corpo sem vida, com sinais de afogamento estampado nas faces. Depois de lamentar o ocorrido, chegou mesmo a sentir um peso na consciência, complexo de culpa. Uma ideia leva à outra e, ao se formarem todos os elos da corrente, a lógica aparece nítida, como um corpo aflora à superfície, se mais leve que as águas. Ele, homem das montanhas e florestas, antes não sabia nadar, fato notório. Mas seu irmão Rômulo era exímio nadador, criado nas salinas, acostumado a lidar com o mar.

Também Telêmaco, se os fados não tivessem mudado, ao regressar à casa materna depois de longa e arriscada viagem, deveria sofrer morte traiçoeira, em emboscada preparada por seus inimigos detratores.

O pensamento de Rêmulo concentrou-se num ponto fixo, como um feixe de luz: – a figura do homem do rio, quem encarregado de transportar homens e cargas, de um lado para outro, conforme o ofício que exercia há anos. Os antecedentes não deixavam lugar para dúvida – como o cão fareja a pista até encontrar o objeto de sua procura, ou como o rastro nítido conduz ao lugar certo. Assim como a água comprimida tem mais força, quando o rio se estreita, ou encontra obstáculos laterais na trajetória descendente – de igual maneira Rêmulo não pôde conter a ira, e o desejo de vingança apossou-se de seu espírito. Ato contínuo, contratou os serviços do barqueiro para levá-lo à outra margem. Disfarçado de Destino, juiz

absoluto, senhor da pena de morte, prestes a qualquer momento cortar os fios da vida que prendiam o outro homem à sua morada terrestre. Suprima-se o diálogo durante a travessia, e insira-se apenas um fato, passível de mudar o curso dos acontecimentos. À medida que o canoeiro ia contando a sua vida ao estranho, sem nada perceber de anormal, os pratos da balança invertendo de posição. Do jeito que o barco pequeno é juguete das ondas revoltas, o poder de discernimento de Rêmulos estava sujeito a mil oscilações, com a indecisão pendendo para um dos lados. Finalmente predominou o bom senso, e o resultado da análise chegou a tempo para evitar mal maior. Como o trem, quando encontra um obstáculo à sua passagem, não pode parar a tempo, em virtude da alta velocidade, e o choque é iminente – o tiro então foi disparado. Mas bastou uma fração de segundos para desviar-lhe a trajetória, e o projétil foi alojar-se nas partes onde o ferimento não é mortal.

O mal que se dissemina durante toda a existência pode ser remediado, assim como se resgata a coisa penhorada? Vieram-lhe à mente cenas do passado, num rápido retrocesso de sua vida pregressa, em que o Barqueiro era submetido aos maiores vexames, a mulher deste sendo a contragosto partilhada com o mais forte. Se a neblina turva a visão, o álcool é a cegueira da razão. Deu balanço em sua vida, com um saldo negativo. As más ações suplantavam de muito as boas. Viu no espelho a figura odiosa de Mister Hyde, ou o retrato de Dorian Grey, embora formulasse de modo diferente a imagem. Contrariamente ao irmão – benquisto de todos, que espalhava o bem por onde passava, igual que um rastro, ou esteira luminosa. Tal assim comprovado por ele nas salinas. Como nas fábulas, um era bom, o outro era mau? Sim que existiam semelhanças de caráter e outros traços comuns – como formulam as leis da hereditariedade. Mas ponha-se em confronto com estas o postulado clássico de que o homem é produto do meio.

Estava indeciso entre ficar – e revelar sua identidade, seu sócia – ou voltar para as salinas, reassumir as funções. Tomou foi o primeiro trem no povoado. Ia recomeçar a vida, ver através de outro prisma. Antes, porém, despediu-se do barqueiro. Lamentou que o tiro houvesse sido disparado por engano, enquanto limpava o revólver. Acidentes assim são muito comuns – concordaram. Todo o cuidado é pouco quando se aponta uma arma. Pagou a travessia com um saquinho de moedas, que o Canoeiro reteve entre os dentes por ter os braços ocupados.

Dizer que permanecera incógnito todo o tempo é faltar com a verdade. Reconheceu o cachorro ao antigo dono. Era como se

estivesse ali de prontidão anos a fio à espera do amo. Depois de ter dado vazão à sua alegria, deve ter morrido feliz, tão velho estava. Rêmulo sentiu um nó na garganta, e a custo conteve uma vontade de chorar.

Mas ainda restava uma dúvida, produto de suas reflexões. E Rômulo? A vítima imolada em causa injusta? O que há é a falta de lógica total.

Mas acima de tudo paira o mistério – o enigma proposto e nunca decifrado.

E vence a esfinge.

O VENDEDOR DE TAPETES, OMAR

Mas (para completar a frase iterativa com o pensamento) um fato novo houve que fez com que a moça mudasse o itinerário e fosse ter à casa do mercador. Atribua-se ao acaso, à falta de lógica, fatalidade, ou a quaisquer outras razões. O fato é que estava ali, no umbral da sala, a contemplar admirada o recinto recoberto por tapetes de todos os tamanhos – paredes e teto inclusive. O mobiliário constituído por tapetes dispostos de tal forma que faziam as vezes de poltronas e sofás – bastante confortáveis, por sinal. As cortinas também feitas com o mesmo material. Sobressaía algum que outro objeto de adorno: jarras de porcelana chinesa, um narguilé, vasos de metal dourados, o Corão em formato grande sustentado por madeira, um lustre de cristal trabalhado com muito esmero.

Após um primeiro momento de hesitação, a moça foi entrando como se estivesse habituada a frequentar aquela casa. O mercador a esperar por ela, solícito, de braços cruzados. Convidou-a a tomar assento. Em seguida mandou que servissem o chá de jasmim, e fez recomendações para que os deixassem a sós. Conversaram sobre tópicos os mais variados, como se já se conhecessem há bastante tempo. Tudo muito naturalmente, como se numa cena de realismo fantástico. E riram-se a valer da falta de nexos do mundo.

A figura do mercador para chamar bastante a atenção: parecia tirado de outra época. Sua indumentária – ele próprio admitira – era característica de uma das regiões da Pérsia, de onde afirmava proceder. A uma pergunta da moça, respondeu: viera de tapete mágico fluando pelos ares, para dar cumprimento a uma missão importante.

Enquanto conversavam, um criado de gestos polidos interrompeu o curso do diálogo para anunciar a chegada de um comprador. Rápido Omar levantou-se, com a fisionomia cambiada, assumindo o papel de vendedor, apto para receber o visitante. Antes desculpou-se com a moça. E, durante todo o tempo em que o outro estivera

no recinto para negociar a compra dos tapetes, pareceu ignorar a presença feminina, concentrado que estava.

Cumprimentaram-se com a cortesia oriental os dois negociantes. Logo em seguida começou uma discussão acalorada, em língua ininteligível. A moça espectadora das cenas que se seguiram. Omar, agilíssimo, acrobata, num ato de verdadeiro malabarismo, com as mãos e os pés – quando não todo o corpo – servindo de mostruário, mestre no lidar com os tapetes. Teatral, ajoelhado talvez para ocultar alguma imperfeição sob as partes gastas. Ora apregoava as virtudes de uns, geométricos e florais, ora acentuava a irregularidade do desenho de outros. Procurava captar, nos menores movimentos do parceiro, as preferências. Ressaltava as cores vivas – os verdes, os azuis, os amarelos – os de ponto fino e os de ponto grosso. Deixava à mostra o verso do tapete para mostrar os nós. Uma vez localizados os tapetes que o outro desejava comprar, tinha início então a barganha. Tudo conta: a tribo de procedência, a história dos tapetes (alguns revestiram as tendas de personagens famosos), o tamanho, os fios usados, a idade. O *toque* do tapete, a suavidade, como pele macia de animal. Às vezes um pormenor aumenta bastante o preço. Tão logo o negócio foi concluído, confraternizaram. Dois lutadores ao deixar a arena. E o vendedor – muito baixo, gordo, bigode curvo – com estilo e medidas despediu-se.

Depois, como a jovem demonstrasse curiosidade a respeito do inusitado ofício, o mercador conduziu-a às dependências da casa, onde eram consertados tapetes de qualidade com fios de ótima procedência. Muitas mulheres eram empregadas nesse mister. A pouco e pouco desvendava-lhe o mundo maravilhoso dos tapetes: o estilo, a hierarquia, a concepção, os valores. E, sobretudo, a mensagem que cada um deve transmitir – como um poema ou uma oração, um quadro acabado, ou a moral de uma fábula.

Da maneira que a água escorre para o declive no terreno acidentado, o assunto próximo deslizou-se para a moça, mais propriamente sobre o terrível problema que a atormentava – angústia existencial agravada ao extremo? Um mal crônico de origem indetectada? Tristeza congênita? Faça-se válida a seguinte indagação metafísica: é possível alguém ser ou ficar triste, sem motivo aparente? Ou se possível atribuir a causa da tristeza a um motivo que pertence ao passado, e que de repente aflora do mais íntimo do ser – assim como o vulcão passa a ser ativo depois de séculos de dormência? Por último, um fato que não afete o indivíduo de forma direta pode contribuir para agravar-lhe o estado de tristeza? – assim como por exemplo a guerra, principal responsável pelos males que

afligem os povos implicados e que, de maneira geral, preocupa a toda a humanidade. Agora faça-se outra pergunta, a exemplo de como o navio-oceanográfico experimenta a sonda em várias direções para melhor conhecer a natureza do terreno submarino. Em casos especialíssimos, em se tratando de determinadas pessoas ultrasensíveis, a tristeza é passível de ser *contagante*, assim como uma moléstia é transmissível? Além disso – e na falta de um tratado geral completo sobre a matéria – considere-se aqui, a título meramente especulativo, de ordem experimental, a teoria da culpa hereditária. Que, por analogia, poderia ser aplicada no caso em apreço? Um antepassado, que consumiu toda a existência em um terrível complexo de culpa, transmite ao descendente por herança tal sensação, ou parte, aplicando-se a sinonímia adequada?

E um complemento necessário eis aqui: tão pouco sabemos de nós mesmos, empenhados que estamos em pesquisar a periferia. Quer dizer, outra ciência ainda terá de ser criada, no futuro.

E retome-se neste ponto os ensinamentos da sabedoria oriental, sua filosofia. Para se fazer um bom tapete não basta ser apenas artesão. É preciso a mão do artista para a criação. Pôr a alma no trabalho. Dom, presente dos deuses. Antes de tudo deve-se escolher um motivo – como o enredo das novelas – e depois seguir à risca a orientação. É preciso procurar a mensagem nas entrelinhas, ou melhor, entre os fios, dispostos de maneira a produzir o efeito almejado – como o experto no procurar interpretar, analisar um quadro. Um bom tapete deve ter dignidade, sobriedade, uma peça indispensável para compor o ambiente. O tempo empregado na sua elaboração é variável. Às vezes consomem-se anos para se confeccionar um tapete. O que ornava o salão principal do palácio de um rei na antiguidade levou anos a fio para ser completado, duas ou três gerações para levar a cabo a ingente tarefa. Uma verdadeira obra-prima, principalmente pela riqueza de detalhes. Contava a história de um povo, seu acervo cultural, suas conquistas, vicissitudes. A simbologia sempre presente. As cores, variegadas e bem distribuídas, produziam um efeito óptico surpreendente. Parecia ter vida, movimento, ação. As figuras muito bem representadas. Um dos pontos capitais era o cavalo branco do príncipe, com a expressão de terror estampada na cara, os olhos esbugalhados, os músculos retesos, como preparado para o salto a fim de escapar da morte em pleno campo de batalha. Outro ponto alto do tema, que merecia os maiores encômios por parte dos especialistas na matéria, era a sequencia da morte do guerreiro audaz. O momento preciso em que a espada curva lhe traspassa a matéria; representação da cena em que proferia as últimas palavras

de amor à pátria invadida; o cortejo dirigindo-se à aldeia; o corpo velado na mesquita; as homenagens póstumas.

Na extensa literatura dos tapetes, registre-se outro fato que a História relega a plano secundário: o de ter um sultão mandado exterminar toda uma família de nobres para juntar às suas riquezas tapete de predileção. Além disso, em muitas outras ocasiões, os tapetes serviram de pomo de discórdia entre tribos rivais, aguçando-lhes a cobiça, e motivando guerras de extermínio para pilhagem.

Em contrapartida, já serviu de veículo de aproximação de povos, como objeto de presente de um soberano a outro, não só pelo valor material, mas também pelo tema, que exaltava as glórias de um reino e as façanhas de seus heróis. Assim, e para citar outro exemplo, um célebre tapete ajudou a celebrar a paz entre os contendores, sabiamente ofertado ao chefe do país vizinho por inspiração de um dos conselheiros.

Transcorrido algum tempo mais de conversação, o assunto recaiu em seguida sobre tema de ordem pessoal – assim como o ator entra em cena no momento preciso. Como palavras soltas sem nenhum seguimento lógico formam uma frase sem sentido – tal assim a confusão que se estabelecia no espírito conturbado da moça. Seu íntimo lembrava cenário de um relevo desolado, com agentes externos atuando para apressar sua decomposição (se é lícito comparar termos de medidas tão desiguais). Seu existir era um *não* comprido e absurdo. Esplim. Ou um sentimento opressor indefinível que refletisse seu estado de espírito. Como um mal que se vai agravando com o passar do tempo. Durante horas ela falava sem parar – como em confissão ou ao divã de um analista – fez um retrospecto de sua vida enquanto a areia do tempo escorria inexoravelmente da ampulheta. Sua falta de esperança, sem alento, prestes a qualquer momento recorrer à última solução – assim como o vento apaga a tênue chama da candeia.

O mercador sem proferir palavra. Apenas ofertou-lhe um rico tapete de porte médio, como quem propõe um enigma. Em seguida despediu-se da moça com uma reverência. Humildade nos olhos e sabedoria de um filósofo, o olhar de quem conhece os altos segredos do Universo.

Naquela noite a jovem custou a conciliar o sono. Mil pensamentos perpassavam-lhe na mente, desconexos, embaralhando-lhe o raciocínio. Por fim, adormeceu.

No dia seguinte amanheceu outra pessoa – leve, célere, a fisionomia descontraída, o espírito livre das tensões que a oprimiam. Deu-se conta da transformação. O pensamento concentrou-se no

mercador e no tapete que ganhara na véspera, cheio todo de símbolos e significações, que o sonho se encarregou de decifrar para ela. Sentia-se forte outra vez, com aquele mesmo ímpeto que latejava dentro de si, sentimento indefinido de quem dá o justo valor à vida, depois de escapar ileso de perigoso acidente. Aspirava a prolongados haustos o ar puro que cheirava a mato fresco. A chuva molhara a terra, que exalava odor prazeroso. Pensou segunda vez. Não há problema insolúvel, se existe uma determinação impossível de ser vencida.

Começou a rir sem parar – alegre, com igual entusiasmo de antanho. Sentiu o pulsar de uma nova vida assim como a semente em terreno fértil. E, da maneira como estava, correu para a casa do mercador. Quando lá chegou, a casa misteriosamente vazia. Nem sinal de pessoas, ou de tapete ou de qualquer outro objeto. Dava a impressão de estar desabitada havia muito tempo. Tudo em ruínas: janelas quebradas, as paredes ameaçavam ruir, buracos no teto, teias de aranha, mofo, os tacos fora de lugar, a mais perfeita desordem. Era uma casa abandonada, segundo informação colhida.

Por uns momentos, no começo ainda ficara entre indecisa e atoleimada. Tomou o caminho de casa, pensativa, impaciente por verificação. Lá estava o tapete – com a figura mística do mercador estampada no canto, assim como a efígie de uma moeda. Sentiu uma pontada de saudade. E não pensou mais no assunto. Apenas aceitou a realidade, sem cogitar da lógica.

AS MARIONETAS ENCANTADAS

Homem diferente, seu aspecto físico lembrava a figura esquelética de Dom Quixote. Não podia ficar parado por muito tempo num mesmo lugar, era como uma compulsão, quase uma necessidade orgânica. Ademais, sua profissão o exigia. Fora sempre assim, desde pequeno quando começou a trabalhar sob as ordens de um senhor que atendia pelo nome de Mestre, e que o recolhera do orfanato. Curioso, durante aqueles anos todos de convivência, nunca chegara a saber seu nome verdadeiro. Com ele aprendera tudo, e com a vida, que é a grande mestra.

Mestre morto, Mestre posto. Dele herdara tudo o que possuía: o teatrinho de marionetes. Em seu próprio caminhão transportava tudo, de cidade em cidade: a lona que servia de abrigo para os espectadores – embora os espetáculos fossem quase sempre ao ar livre – as cadeiras, o baú onde guardava as bonecas (sabia exatamente o lugar que correspondia a cada uma), o palco, os cordéis, o vestuário e os cenários, com as mesmas variedades de um teatro verdadeiro, e os livros das peças, as principais dentre elas sabidas de cor, de tanto representá-las em inúmeras ocasiões. Sim, tinha amor ao trabalho. Não exercia o ofício apenas como ganha-pão, para ele havia qualquer coisa de sublime naquilo.

Homem desprendido era, não poucas vezes se havia empenhado a fundo para auxiliar os mais necessitados. De uma feita, até mesmo cancelar um espetáculo. A tal ponto chegava seu espírito de magnanimidade, capaz de abrigar altas virtudes.

Mas, como artista, também temperamental – o outro lado da moeda. Dado a excessos, empenhava-se em lutas corporais pelos menores motivos ou em causas injustas. Qualquer menção à sua falta de diplomas provocava-o a mais não poder, causava-lhe os maiores dissabores. Chegava a perder o controle de si, algumas vezes ia até às últimas consequências. Quase não matou o Juiz de Direito,

por pouco não lhe tirando o fôlego por completo? Ainda bem que os moradores do local acudiram antes que fosse demasiado tarde, libertando o magistrado das terríveis mãos de Otelo. Tal referência a seu grau de educação era injusta – diga-se de passagem. Apesar de não ter frequentado os bancos escolares, tinha uma cultura razoável, de modo especial no que tange à literatura em geral, e ao teatro clássico em particular. Autodidata, era dado às Letras com algumas produções de sua lavra de incontestável valor artístico.

Boêmio, discípulo declarado de Dioniso, não raro trocava a noite pelo dia, saía de madrugada, recitando no original Shakespeare ou Milton, Sófocles ou Eurípedes, Goethe, Dante. Consciente ou inconscientemente em busca de si mesmo, ou em busca da Verdade, tomado daquela angústia cósmica que só as pessoas privilegiadas podem sentir e sofrer.

*Oh flowers that never will in other
climate grow...*

E o Mestre ia aprendendo a grande lição. Suas marionetas, conversava com elas de igual para igual, como gente viva. Tido como excêntrico, e mesmo louco. Às vezes repreendia-as, às vezes terno e suave, pronto para elogios depois de magistral interpretação. Não deixava por menos: exigia o melhor de si e de todo o elenco. Pouco se importava de o público ser numeroso ou não. Nem lhe molestava o apuro, desde que tivesse a consciência do dever cumprido. O que vale, o que realmente vale é a coisa em si. Cada espetáculo servia para aprimoramento de sua arte, da própria vida, ou de seus valores. Punha toda a alma no exercício da profissão. Iconoclasta, desprezava os valores da sociedade burguesa, o lugar-comum, a falta de originalidade. *Odi profanum vulgus et arceo*. Um dos últimos representantes do paganismo talvez, buscava com grande intensidade as aparências sensoriais da vida. Procurava exercitar os sentidos em toda a plenitude, a fim de captar-lhes a essência.

E lor s'en van ad una ad una...

E também os anos, contados com parcimônia pelas mãos experientes do Destino. A verdade é que ele já começara a presentir aquele chamamento intruso, um corpo estranho como se de outro mundo a se insinuar no íntimo. O mesmo efeito de um sonho premonitório. Teve medo, não há como negá-lo. A princípio quis dar outra interpretação ao fato, procurando camuflar a realidade,

distorcendo a mensagem que tanto temia. Mas aos poucos foi caindo em si, a custo aceitando o inevitável, procurando acomodar-se como o algodão entre os cristais, premido pelo instinto de conservação.

*I' son Beatrice che ti faccio andare;
Vengo dal loco ove tornar disio;
Amor mi mosse che mi fa parlare.*

Adorou uma mulher, morta ainda em plena flor da juventude. Desde então nunca se refez por dentro. Guardava uma mágoa indescritível, era como se sofresse de um mal incurável. Talvez por isso não tivesse constituído família, fiel ao amor sublimado. Como o cão uiva de maneira pungente de saudade do dono, também aquele exprimia o sentimento com igual intensidade. Conheceu-a na beira de um rio, atravessando a ponte acompanhada pela ama de estimação – cena tirada de um quadro famoso. Pôs a mão no peito e, sem dizer palavra, foi tomado daquela emoção tão grande que só os grandes acontecimentos inspiram. Viveu a realidade duas vezes. Conheceu-a e desconheceu-se. Mudou por completo o ritmo de vida. Aspirava o perfume das flores, com o pensamento fixo no perfil captado magistralmente pelo pincel. Tudo tinha sua razão de ser, desde que ela estivesse presente. E foi quando então sobreveio a tragédia. Nem Êsquilo saberia traduzir o estado de espírito do ator.

Em ler não fomos nesse dia avante.

Daí em diante, não mais encontrava deleite na leitura, nem o consolava a música de Vivaldi. Amargou por dentro, rolou despenhadeiros. Só dava vazão aos sentimentos brutos quando representava. Então podia experimentar certo alívio, cura temporária, um lenitivo até o próximo ato. Quantas vezes chorava ao pé da estátua querida, imagem da perfeição, a busca eterna da Filosofia, o saber todas as coisas.

Dessa água haurir é conveniente

De nada lhe valera beber das águas do esquecimento. Atravessava os vários círculos da vida preso ao passado. O álcool entorpecia-lhe a mente durante certo tempo, o que em parte servia como coadjuvante no aliviar-lhe as tensões. Ou punha na arte todo o esmero – outra forma de corrigir as distorções de seu espírito convulsionado. Mas a dor latente estava.

Rechaçava incontínenti o conselho dos amigos que o mandavam tomar estado. Cultuava aquele amor como num santuário, onde não penetrava o profano. Teria existido realmente aquela mulher, ou era outra versão de Dulcineia del Toboso? Dentre as muitas estórias que contavam dela, uma que serviu de motivo para galhofa: a de que teria perdoado o opositor, com a condição de este depositar flores no túmulo da amada. Certo ou errado, fica a dúvida para compor outro elo da controvertida personalidade do discutido dramaturgo.

E lor dinanzi: “Accorri, accorri, morte”.

Aconteceu que um dia, naquela vida de andanças, parou em sua cidadezinha natal. Fazia tempo que não passava por lá. Olhou com carinho a igreja antiga, a praça, os monumentos antigos, a estação – assim como quem ensaia a definição de uma saudade. Súbito teve um pressentimento. Começou a escurecer.

Pegou o caminho do mar, àquela hora a praia estava deserta. O outono trazia um vento frio que embalava as ondas. Tomou tempo para pensar, enquanto esperava a hora do espetáculo. Um artista completo, no auge de sua carreira. Havia atingido a perfeição. Pelo menos com a certeza de que mãos nenhuma moviam aqueles bonecos com tamanha mestria. A leveza dos gestos – como um balé. O aprumo, a elegância, os movimentos harmônicos.

Aquela noite foi sua melhor interpretação. O público o aplaudia de pé. Todos pediam sua presença no tablado. Mas não o viram. Ou melhor, viram-no de maneira surpreendente: em posição de trabalho, debruçado, segurando os cordéis, hirto, como é próprio dos defuntos.

Depois que toda a assistência se retirou, o médico-legista hesitou em escrever o relatório, notificar a hora da morte. De acordo com a ciência médica, ele havia morrido antes mesmo de o espetáculo começar.

Mas e as marionetas?!

HARAS

Alors, Allah lui dit: “Je te préfère à toutes les autres bêtes”.

Maomé

Poucos os mortais que podiam se gabar de conhecer tão a fundo o mister. Talvez fosse predestinado, ou apenas um homem que encontrara a vocação natural. Nascido e criado no campo, desde tenra idade os primeiros contatos com os equinos. Descendente de uma família de criadores de grande reputação, cujos membros transmitiam o negócio de geração a geração. Daí, o ter herdado a habilidade e técnica de lidar com os cavalos.

Entretanto, somente mais tarde, no começar da idade adulta, depois de um acidente que quase lhe custara a vida, foi que passou a encarar os animais por outro prisma. Meditava sobre o jeito de ser dos cavalos, estudava-lhes a natureza e a constituição, para melhor penetrar-lhes no íntimo, descobrir o segredo dos animais e adivinhar-lhe as intenções.

A maior parte do tempo dedicava ao negócio propriamente dito. Todos os dias passava em revista as estrebarias e examinava os animais. Cuidava que cada qual recebesse a ração na hora determinada. Verificava o estado das cercas, substituía o material gasto, encomendava equipamento para montaria. E sobretudo – o que era mais importante – supervisionava o treinamento dos cavalos e os cuidados especiais a que deviam ser submetidos.

Extensão de terra a se perder de vista, cujo limite fora aumentado com recentes aquisições. Além disso, construção de outras alas, mais a modernização levada a efeito e outras inúmeras benfeitorias davam-lhe a certeza de ter prestado bons serviços. Quando passasse o facho ao descendente, fá-lo-ia com a consciência do dever cumprido.

Para tanto, punha a alma no negócio. Seguia um ritual todos os dias. Levantava-se de madrugada, começava a inspeção nas depen-

dências reservadas às reprodutoras. Assegurava-se de que as éguas prenhas estivessem em plena forma, aptas a conceber. Cuidava que recebessem água fresca do riacho, alimentação sadia e abundante, mas controlada, para evitar que engordassem de forma exagerada.

Na época do parto, fazia questão de assistir o veterinário, com muita prática no assunto. Como criador de cavalos, apenas duas experiências malsucedidas relativas à paridura teria a relatar. A primeira, a morte da égua puro-sangue. A outra, um caso de rejeição de potro recém-nascido. Talvez por muito nervosa, perturbada com a presença do novo ser, ela o rechaçou incontinenti. Quem poderia descrever o sentir do potro naquelas condições? Baldados todos os esforços para conseguir que ambos ocupassem o mesmo compartimento, como era de norma nos primeiros dias. Nem sempre a natureza segue o caminho melhor. O proprietário mais os peões sujeitaram-na à força no canto, enquanto o potro mamasse. Deram-lhe forte tranquilizante. Em situações semelhantes, quase sempre a égua aceita a cria. Nesse caso, não. Fora preciso separá-los – e para sempre, já que a convivência era impossível – a fim de que o potro não sofresse as consequências.

O garanhão era escolhido a dedo, para perpetuar e aprimorar as qualidades da espécie equina. O cavalo não é o produto da hereditariedade e o resultado da intervenção do homem no sentido de desenvolver-lhe as potencialidades? Também participava das operações de castração. Punha empenho em estar presente, muitas vezes ele próprio aplicava o aziar.

O cavalo Quíron, companheiro das grandes horas, a quem dedicava uma afeição tão grande como se de ser humano se tratasse. Tudo começou antes mesmo de ele nascer, depois as mãos do destino completaram o quadro. Um parto difícil. Poucas as esperanças para a bonita égua ferosa de cor tirante a castanho-escuro, apesar dos esforços do veterinário. Após inquietante espera, fora-lhe injetado medicamento para estimular as contrações do útero e expulsar a placenta. Esforço em demasia acaba por minar a resistência. Mas o potro nascera forte, se bem que de início tudo levasse a crer o contrário. Alguma coisa dentro dele havia pressentido a ausência do calor materno? Tão logo se rompeu o cordão umbilical – de forma espontânea, como manda o preceito, com o remexer da égua primípara ou o agitar-se do potro – o veterinário a região desinfetou com iodo em profusão. Para tanto, fê-lo deslizar o mais suavemente que pôde sobre a palha, colocando-o em posição adequada. Em seguida, mandou que se recolhesse o primeiro leite do corpo inerte da égua, e o deu de beber ao recém-nascido.

Guardou o colostro para ser aproveitado em ocasiões oportunas, como é de uso nos grandes haras. Injeções de antibiótico para proteger-lhe o organismo contra infecção, e lavagem intestinal para expulsar o mecônio. E outras precauções costumeiras. Observava-o a intervalos regulares.

Dava pena vê-lo despertar para o mundo. Tão frágil, sem coragem, desanimado, a custo pondo-se de pé, e procurando firmar-se nas patas, bastante traumatizado durante o parto. Fora preciso estimulá-lo para seguir o chamamento do instinto. Titubeante a princípio, como é próprio dos de sua condição. No afã de erguer-se do chão, chegou mesmo a chocar-se contra a porteira, o que lhe provocou machucadura de pequeno porte e uma cicatriz que nunca desapareceu por completo.

Encarregou-se com afinco da educação daquele potro, educação essa que, segundo as normas de sua escola, começava tão logo o potro se pusesse de pé. Nele havia depositado muitas esperanças, não só por causa de sua linhagem, mas também pelo fato de a mãe ter ostentado por várias vezes o título de campeã em competições esportivas.

Colocou-lhe o cabresto na manhã do segundo dia, ajustado na medida certa para não prejudicar a mastigação ou a deglutição, e também para permitir que respirasse normalmente. Um cabresto malcolocado pode trazer sérias consequências, até mesmo deformar a cabeça do potro. Por isso acompanhava com o máximo cuidado o seu crescimento, reajustando o cabresto ou substituindo-o, conforme fosse o caso.

Todos os dias levava-o a passeio pelo campo, para transmitir-lhe a sensação de liberdade em seu meio natural. Conduzia-o pelo cabresto, com uma das mãos alisando-lhe a garupa. De vez em quando pronunciava algumas palavras de encorajamento. Cavalo acaba por entender o dono – segundo ele. Nas primeiras lições encontrara alguma resistência, como acontecia as mais das vezes. Depois, como o potro continuava a se rebelar, teve de lançar mão de outros expedientes para que se sujeitasse às regras do treinamento. Um deles foi o de apelar para o cachorro, especialmente treinado para esse fim, para morder-lhe de leve os tornozelos e perturbar-lhe com os latidos – assim constringendo-o a seguir a direção do cabresto. Potro tem de obedecer a vontade do dono, sob pena de o adestramento ser incompleto. Outra lição importante era acostumá-lo a levantar as patas, para não estranhar quando solicitado para tal, deslocando o peso do corpo a fim de facilitar a tarefa. O que tinha de ser feito periodicamente, para polir os cascos e nivelá-los.

Deixava-o à solta para pastar no prado, junto com os outros. A convivência estabelece as medidas de valores – suas qualidades e seus defeitos. Animal precisa de espaço e de sol, para correr sem peias, fortificar o corpo e aumentar a resistência do organismo.

As instalações do haras eram ideais para esse propósito – com abrigos apropriados, água corrente, planura toda recoberta de vegetação rasteira, desprovidas de obstáculos fixos que pudessem impedir o livre trânsito dos cavalos. Às vezes não se chocam contra árvores, pedras, e mesmo máquinas agrícolas? A propriedade estava limitada por cercas de madeira, com a última trava quase rente ao chão para evitar que os potros tentassem passar para o outro lado. A parte reservada para exposições, ou outras finalidades, perto de onde chegava a divisa do município, era de cercas de malhas triangulares e estreitas, com um cano por cima, com a dupla vantagem de não permitir o acesso a animais de pequeno porte e de dificultar a entrada de cobras, como também de proteger os potros, caso contra ela se chocassem.

Alimentação equilibrada, rica em proteína – soja, aveia, e abundância de sal – na manjedoura.

Num cercado especial, aplicava vacinas nos animais, imunizando-os contra tétano, gripe equina e outros vírus que afligissem o gado cavalari.

Objeto do maior cuidado era a limpeza diária dos estábulos, a higiene muito contribuindo para diminuir as possibilidades de infestação parasitária. Praticava-se, também, o sistema de rotação de pastos que, além de trazer benefícios para a terra, servia como coadjuvante poderoso no combate ao parasitismo, evitando que os animais pastassem no terreno infecto. Para completar, um ritmo constante de vermifugação – ou por sonda estomacal, ou mistura de vermífugo na comida. Recorria também a outros métodos; um eficaz somente para potros e potrancas, como o de despejar o líquido de garrafa ou outro recipiente na boca dos animais. Para os cavalos adultos lançava mão de cápsulas envolvidas por gelatina, atiradas na garganta. Quanto aos parasitas internos, tanto nos cavalos quanto nas estrebarias aplicava-se uma substância química em forma de vaporizador para espantar moscas e insetos em geral.

O cavalo Quíron. Com o passar do tempo foi dando mostras de qualidades intrínsecas – cavalo de raça que era. O estilo, o garbo, a elegância, o temperamento, seu ar de campeão. Cavalo nenhum corria como ele. Dava o melhor de si, parecia aceitar o desafio da velocidade. Quando saltava um obstáculo, músculos retesos, como

uma cena tirada de um quadro famoso, o cavalo em pleno fragor da batalha.

Tivera toda sorte de experiências no gênero, conforme a profissão o exigia, mas nenhuma como aquela. A convivência com esse cavalo – não é exagero dizer-se – acabou por mudar o rumo de sua vida, pelo menos em certo sentido.

Pensava. E continuava a desenrolar o novelo das recordações. Também ele, seu nascimento fora marcado por uma série de dificuldades, o corpo do recém-nascido todo arroxeadado por efeito do bíceps. A mãe morrera do parto. Conheceu-a somente por retrato, um retrato enorme que compunha a decoração da sala, seguro por corrente em ambos lados: era uma mulher formosa, em pose clássica, traços finos, o olhar firme e decidido, os cabelos até à cintura. Cavalgava como ninguém, segundo testemunhas da época. Em seu quarto, que não havia sofrido nenhuma transformação desde que falecera, havia vários troféus de equitação, como uma prova incontestável da habilidade para o esporte.

Aquela tristeza latente – como uma força estranha mantida em estado de repouso no mais fundo do ser, e que de vez em quando inexplicavelmente se manifesta – conturbando-lhe o espírito e entendimento, talvez não fosse um sentimento de saudade cíclica do seio materno? Ou o muito que a Psicologia não explica.

Criança raquítica, exigiu muitos cuidados para sobreviver. Depois, não. Uma infância normal. Praticava exercícios, tinha compleição atlética, uma invejável resistência física. Cair de cama – só uma vez, e assim mesmo por poucos dias. Tivera de ser levado às pressas ao hospital com fortes dores. Mal comparando, havia algumas coincidências entre a sua vida e a do cavalo Quíron. Cavalo bom de fato, inteligente, nunca o deixara na mão, animal de caráter, fidelíssimo à sua maneira. Desde cedo acostumara-o à disciplina, adestramento rigoroso, duras provas de exercício em terrenos variados. Exigia dele mais do que de qualquer outro, sem entretanto ultrapassar os limites da resistência. Empregado nenhum, só ele lidava com aquele cavalo. Dava-lhe ração especial, enriquecida, na hora certa. Polia-lhe os cascos no tempo certo, e lixava-os se tivesse de. Cuidava pessoalmente de tudo o que se relacionasse com ele. Cavalo esse que tinha afeição pelo dono – lá isso era. Gostava que o amo penteasse a crina após o banho, escovasse as ancas, deixasse o pelo lustroso. Sentiria algum orgulho com isto? – se é próprio do cavalo o sentir orgulho.

Do cavalo Quíron muitas histórias para contar. De uma feita, fora roubado, talvez por um bando de ciganos que pernoitara nas

imediações a caminho de um festival. Debalde procurou-o por todas as partes e com todos os meios de que dispunha – como mãe aflita procura a filha desaparecida. Ofereceu polpuda recompensa por qualquer informação que conduzisse à pista verdadeira. Quando já havia renunciado à busca, alguns meses depois e eis que um dia o cavalo achara o caminho de casa. Maltratado, com sinais de violência e marcas de chicote. Com maus hábitos, ao comer entortava ligeiramente a boca – sem dúvida problemas de mastigação que o afligiam. Teria relutado em deixar montar-se por alguém? O primeiro que fez foi isolá-lo no cercado, para não contaminar os demais, e só o liberou depois de rigoroso tratamento anti-helmíntico. Sabão medicinal e produtos químicos para combater sarnas, pulgas e carrapatos. Na enfermaria – para cuidar da ferida que ameaçava piorar. Passou-lhe uma corrente pela boca, segura pelos anéis do cabresto, como se fazia nas intervenções cirúrgicas daquela natureza. Excelente preparo físico, nunca caíra doente, exceto quando tivera de permanecer inativo, por motivo de febre forte. Durante todo o tempo que estivera com a infecção o dono não se afastou de seu lado. Homem e animal – um vínculo de amizade os unia. Pintor nenhum saberia captar a expressão de felicidade do cavalo, mergulhado antes em estado de melancolia, ao ver o dono chegar e chamar por ele depois de um período de ausente.

* * *

Mas assim como a semente germina, transforma-se, produz frutos e fenece – também a vida segue o ciclo natural. Ultimamente dera para meditações, pensativo, como a fazer exame de consciência, preparando-se para futuros acontecimentos. A verdade é que a saúde estava um tanto abalada. Vinha sentindo um debilitamento gradual, mais a falta de ar, um certo descompasso no coração, e de quando em vez um mal-estar difícil de descrever. Sentia um profundo desânimo em relação a tudo, como um cansaço temporário do mundo. As emoções como que chegavam entorpecidas, já não causavam o mesmo efeito nos sentidos como outrora. Veio-lhe à mente um pensamento perdido. As imagens não sugerem lembranças assim como o ímã não atrai os objetos dentro de seu raio de ação? Lembrou-se de um episódio do valoroso guerreiro árabe; consoante a lenda, de espada na mão e montado em seu cavalo inseparável, atirou-se do alto de rochedo, quando percebeu que doença incurável lhe reservava morte inglória no leito. Simplesmente pressentiu o fim, e quis morrer antes que o vigor da força lhe fugisse de todo?

O cavalo também não era o mesmo. Havia envelhecido a olhos vistos. Não mais o vigor de outrora, os movimentos mais lentos e os reflexos. Ia perdendo a majestade do porte.

A velhice das coisas e dos seres como um ciclo ininterrupto, ou a ação do tempo que tudo transforma, o velho cedendo lugar ao novo – repita-se. E acrescenta-se ainda que, em certo sentido, até o próprio tempo se transforma – o tempo de ontem não será o tempo de amanhã.

Assim como as favas contadas, os anos também. Naquela madrugada brumosa, em que tudo parecia normal. A realidade é como um espelho convexo, a imagem varia de acordo com a posição do espectador. Se de um lado a planície coberta de vegetação rasteira – do outro o terreno acidentado, separados por uma fenda enorme; embaixo o precipício. Todas as hipóteses foram aventadas para encontrar-se a explicação porque o cavalo tentara pular para o outro lado. Teria ficado louco? Algum bicho? Uma dor muito forte? Ou a presença do sobrenatural? O fato é que as pegadas das patas dianteiras estavam impressas no terreno. Depois o corpo rolou para o fundo. A distância que media entre as duas margens é uma largura descomunal.

* * *

Pedi que todos se retirassem. Quis ficar sozinho, o pensamento voltado para o cavalo. O que teria realmente acontecido? Tentou provar que era capaz daquela proeza, e assim dar a última alegria ao dono? Quantas vezes este o trouxera ali – ambos a avaliar o desafio da distância. No seu íntimo, fitando o horizonte, o cavaleiro sonhava com as façanhas que conferem a imortalidade aos grandes heróis. Não é pelo trabalho que o artista se aprimora? Vencer a barreira do medo em ordem inversa ao instinto de conservação – não é sobrepujar-se a si mesmo? Teria o cavalo de algum modo percebido a intenção do cavaleiro? Homem e cavalo – até que ponto um é capaz de compreender o outro? Como são misteriosas as relações entre os seres – pensou. Depois empreendeu a descida ao fundo do desfiladeiro. Demorou a chegar, atrasando o encontro com a realidade.

Lá estava ele. A boca escancarada e suja de sangue e barro, o corpo inchado e machucado por dentro, o pescoço quebrado mais as pernas. No fim de tudo, a conclusão é uma só. Cenas do passado povoaram-lhe a mente, o cavalo Quíron correndo nas planuras como o vento, a crina desgrenhada e o rabo flutuante, os cascos

confundindo-se com a paisagem, ou como um risco, por causa da velocidade. Cavalo de grande envergadura era, destemido, de impor respeito. A luta que manteve com o cavalo branco de crina aparada foi bem uma prova disso. Os dois rivais com todo o ímpeto arremeteram-se um contra o outro – como duas naves inimigas se chocam no fragor da batalha. O cavalo Quíron – os olhos vivos, as pernas longas e nervosas, tendões de aço, a graça dos movimentos harmônicos para compor uma linguagem.

Enterrou-o ali mesmo, aonde passava filete de água clara, um dos elementos que simbolizam a eternidade. Terminada a tarefa, subiu ao topo, voltou ao mesmo lugar aonde o cavalo tinha saltado, para examinar outra vez as marcas deixadas pelos cascos. Estava cansado, a garganta seca. Ofegante, uma dor irresistível a comprimir-lhe o peito. Um pressentimento. Olhava as duas margens, como se move o pêndulo de um relógio. E meditava sobre a arbitrariedade da vida, ou a necessidade de seguir vivendo. E a eterna dicotomia: – a matéria e o espírito. A sorte dos mortais pende para um dos lados.

E resta mais um problema insolúvel na história da humanidade.

CRIME (IM)PERFEITO

Bastou uma fração de segundo, para ele compor todo o quadro. Assim como nos sonhos o tempo sonhado pode ser muito mais longo do que o tempo vivido – em um minuto pode-se viver dez anos.

Tome-se a cena seguinte, para a reconstituição dos fatos: O local – uma residência suntuosa, ricamente decorada, nos arredores de uma cidade. Um assaltante mantém prisioneiros os donos da casa, ameaçando-os de morte. Lá fora a polícia, os jornalistas e o público, à espera do desenrolar dos acontecimentos.

Os protagonistas: um de cada vez. O facínora, no caso um jovem inexperto na profissão, levado pela força das circunstâncias a cometer o primeiro ato fora da lei. Nunca poderia imaginar que as coisas tomariam aquele rumo inesperado. Depois de muito relutar, no fim optara por cometer o delito. No fundo era de índole pacífica. Mas o fato é que a família se encontrava em séria dificuldade, e o produto do furto serviria para minorar o sofrimento paterno.

Não importam os antecedentes do caso. Nem os elementos elucidativos da questão. Registre-se apenas a parte final do processo, a que realmente interessa, com as consequentes implicações de ordem prática. Assim como o binóculo focaliza um ponto, ou a câmara capta uma cena num determinado momento. E a sequência objeto de análise? O assaltante surpreendido em pleno ato delituoso. Tudo correria como previsto, até àquele momento. Lograra introduzir-se no objetivo, burlando a vigilância do sofisticado sistema eletrônico de segurança com delicado tato e movimentos mestres. Mas aí o imprevisto. Pegado em flagrante em pleno ato. Caracterizado o roubo em linguagem legal, a subtração com violência.

O casal, tomado como unidade – a outra personagem do caso. Quais as suas relações? Teria o marido, por mais recônditas que fossem, razões que o levassem a desejar a morte da mulher? Ou, na falta de motivos, apenas o exercício do intelecto voltado para o mal – um desafio à inteligência, o gosto da experiência inédita. O

homem, na sua qualidade de ser superior. De um lado o *homo unus*, do outro a sociedade – o repto de mais valer.

O criminoso em potencial, as características somáticas são passíveis de indicar a periculosidade? O facínora com a arma voltada para a mulher, no intuito de conter os impulsos ou abortar as reações do marido. E aí entra o imprevisto, que veio precipitar os acontecimentos. Bastou um ato: abrir a porta para dar entrada à polícia. E a mão do perigo fez o resto. O pânico, que se apoderou dos membros do agente, empurrou o gatilho. A mulher caiu morta com um tiro nas têmporas.

E assim se constrói a estória, à maneira de como se monta um quebra-cabeças. Sem os elementos clássicos do crime, a falta dos elementos essenciais do gênero: o detetive, o criminoso, o caso, a prova. O que põe em evidência a fissura da Justiça, que nem sempre é igual para todos, com a espada sem gume e a balança desigual.

Todo crime tem de ter motivo? Só houve uma testemunha muda: a consciência. Mas mesmo assim, tudo é relativo. Quem pode atestar o grau exato de culpabilidade? A própria consciência tem mecanismos que atuam sobre o indivíduo de acordo com seu caráter.

Falta unir um elo na cadeia lógica. E neste ponto intervém a lógica. O Estado não chamou a si, não avocou a tarefa de administrar Justiça, ou seja, a incumbência de aplicar o direito objetivo aos casos concretos? O direito à vida não é titulado pelas normas penais, e sua violação não constitui o ilícito penal? Logo, corresponde ao Estado o direito de aplicar o *jus puniendi*, o direito de impor a *sanctio juris* a todo aquele que descumprir o mandamento proibitivo inserto na lei penal. Com a prática da infração penal aparece a pretensão punitiva. Mas o Estado só poderá exercer o direito de punir por intermédio do processo, já que seu poder repressivo é limitado. A via processual, portanto, é a garantia dos indivíduos contra os abusos do poder público. Assim, não há crime sem lei anterior que o caracterize, nem pena sem prévia cominação legal. Daí os princípios jurídicos *nullum crimen sine lege* e *nulla poena sine iudicio* serem elevados à categoria de dogmas constitucionais.

Mas, após as divagações necessárias, voltemos ao assunto principal. Se o criminoso, prevendo o desfecho do caso, abrindo deliberadamente a porta para a polícia entrar, com seu ato dando ensejo à perpetração do crime – como caracterizar o caso concreto? Nessas circunstâncias, como poderá atuar o aparelho repressivo do Estado? Qual o limite entre o *jus puniendi in concreto* e *in abstracto*? A infração penal, se não for descoberta, não enseja a pretensão punitiva. Sem pretensão punitiva, não há processo. Se lei

anterior não define o crime, consoante o princípio *nullum crimen sine lege*, simplesmente não há infração penal. E o criminoso não sofre restrições em seu *jus libertatis*. Da mesma forma, o Estado não pode exercer o direito de coerção.

E aqui tendes a sequência do processo às avessas, o antiproceto: quando alguém não comete uma infração penal, o Estado não vai a juízo por meio do órgão competente (o Ministério Público) e não reclama a sua pretensão. O Juiz não ouve o pretense culpado, nem examina as provas que não lhe foram apresentadas por ambas as partes (Ministério Público e réu) e, na ausência de material de cognição, não dita a sentença.

Em suma, eis a conclusão básica, a verdade indiscutível: a Justiça (e também a condição humana) padece de imperfeição congênita.

UTOPIA

The end of our foundation is the knowledge of causes, and secret motions of things.

FRANCIS BACON – *New Atlantis*

Quando Rafael terminou a sua narrativa, muitas coisas nas leis e nos costumes da Utopia me pareceram absurdas.

THOMAS MORUS – *Utopia*

Que la felicidad nos acompañe, pues, tanto en este mundo como en ese viaje de mil años que acabamos de hacer.

PLATÃO – *A República*

O não lugar. Sociedade de rígida hierarquia, disciplinada ao extremo, cujo destino estava voltado para a consecução de um objetivo – a perfeição. O medo de errar era quase uma obsessão, na acepção própria do termo. Sociedade impecavelmente organizada, impunha-se a dedicação ao trabalho e o culto à ordem.

Nem sempre fora assim, porém. O que antes havia era um aglomerado de nações, cada uma com suas particularidades e aspirações – a exemplo do que acontece na Terra.

O atual modelo foi fruto de uma longa e custosa evolução, iniciada sobretudo a partir da Guerra dos Minutos. O que sobrou daquele mundo devastado, os sobreviventes da terrível catástrofe decidiram estabelecer um novo ordenamento mundial. E logo surgiram os filósofos da doutrina nascente. Uma das primeiras medidas que se teve em mente foi a abolição de toda e qualquer espécie de fronteira política, barreiras alfandegárias, e outros empecilhos do gênero. O passaporte simplesmente deixou de existir, como documento que permitia o livre trânsito entre nações.

Houve uma cisão violenta com o passado; era como se tudo tivesse de começar outra vez, embora a partir de certo ponto. O movimento, em seus primórdios denominado de Renascença, instituiu as chamadas Comissões de Depuração, soberanas, com a incumbência específica de, por meio de critério seletivo rigorosíssimo, dar um balanço geral em tudo o que se tinha feito até então, abrangendo todos os ramos da atividade humana. O revisionismo histórico visava sobretudo ao acervo cultural. Apenas os grandes valores seriam perpetuados, ou aqueles cujas obras fossem dignas de estudo. Os demais não atravessariam os séculos. Tudo o que era supérfluo, que não contribuísse com sua parcela por menor que fosse, que não tivesse validade, seria apagado da memória coletiva dos Tempos – era como se nunca tivesse existido. Bibliotecas, pinacotecas, discotecas, excluídas as obras de real valor, foram entregues ao fogo, destruídas completamente, de tal forma que não deixassem vestígios de sua existência. Era decretada a morte histórica de todo o superficial e medíocre. Foram criados, nos anos da grande Defenestração, órgãos especiais incumbidos de velar pelo bom nível das produções artísticas. Somente adquiriam o direito de nascer, desde que apresentassem certos requisitos, um mínimo exigido pelo Conselho de Cultura.

O escopo precípua da nova ordem política era a obtenção da paz permanente, além de lançar os fundamentos da criação do Estado hedonístico. Uma das etapas intermediárias era a unificação, identidade em todos os sentidos, até mesmo no modo de pensar. Estabeleceu-se um único sistema de pesos e medidas. Todas as cidades eram iguais. O ensino unificado, com a adoção de um livro único para cada matéria, dividido em tomos para facilitar a exposição racional da matéria. Livro didático esse elaborado por um grupo dos maiores especialistas, o qual abarcava desde as noções preliminares – destinada às classes primárias – até os mais avançados conhecimentos. Não havia autores isolados para livros didáticos. Os dicionários eram completos, organizados por uma elite de lexicógrafos. Dado o volume dos conhecimentos na época, a elaboração dos mesmos obedecia a um critério de classificação rigoroso. Havia um dicionário separado para cada matéria – dicionário de Química, de Física, de Biologia, etc., e um dicionário propriamente dito, excluídas as palavras técnicas que integravam os demais.

Ao ensino era dada prioridade absoluta, em escala logo depois da saúde. Após o nascimento, a criança, além de ficar sob os cuidados de médicos e enfermeiras, também era entregue a pedagogos especializados, encarregados de sua educação. Músicas clássicas e

sacras eram tocadas a intervalos regulares. Ora, se até as plantas e os animais sofrem a influência benéfica da música, por que não o ser humano em tenra idade? Desenhos de cores variegadas e formas diversas ornavam o berçário, em lugares adrede escolhidos. A orientação pedagógica ficava a cargo das autoridades governamentais, cujos peritos procuravam desenvolver ao máximo as aptidões de cada um. Cultura gera progresso – era o lema das escolas. Educação e Arte – eis os vetores que orientavam o Estado Moderno.

O fortalecimento do sentido moral

Ao contrário do que acontece na Terra, onde o homem vai paulatinamente aprimorando suas qualidades morais – não sem sofrer algumas regressões, porém, a exemplo do que se registrou de barbárie no transcorrer da Segunda Grande Guerra – naquele mundo em foco uma descoberta houve que contribuiu de forma decisiva para que o ser humano se visse na contingência de exercitar o uso de suas qualidades no que diz respeito ao sentido moral. Assim como, no plano físico, o uso acentuado de um determinado músculo o enrijesse, e o contrário, a ausência do exercício implica a atrofia do órgão, na órbita moral o homem, diante de uma força coercitiva que o impele a praticar o bem, impondo-lhe uma conduta até certo ponto exemplar, nos moldes requeridos pela sociedade de que é parte integrante, acaba por aprimorar os dotes morais. O que vale dizer que o habitante do planeta em tela é moralmente melhor do que o terráqueo, pelo menos no estágio atual. O invento que veio revolucionar a sociedade – primor da técnica, orgulho do gênero humano – acabou por alterar-lhe o *modus vivendi*, estabelecendo um relacionamento justo entre os seres, pelo menos em certo sentido, até então considerado ideal inatingível até mesmo por parte dos espíritos mais otimistas. O Aparelho da Verdade – denominado de Avérnio – em última análise contribuiu para lançar os fundamentos do Estado hodierno – baseado na Justiça e na igualdade de direitos. Periodicamente eram os cidadãos convocados para exame de consciência. Assim, pois, o indivíduo que houvesse infringido a Lei, ou cometido um mal contra o semelhante – verificado o *animus nocendi*, é claro – não tinha a mais mínima possibilidade de escapar impune.

As questões eram dirimidas nas Cortes de Justiça, sob a hegemonia absoluta do Avérnio, juiz supremo, cuja intervenção fazia com que aflorasse a verdade em todas as ocasiões.

Como decorrência, o que se verificou foi, pois, um decréscimo quase em nível extremo das infrações penais, já que do indivíduo

era exigida uma retidão de caráter compatível com a Nova Ordem estabelecida pela Sociedade. A não ser em condições esporádicas e especialíssimas, os delitos graves não mais foram cometidos, graças particularmente ao fato de o Estado poder, quando bem lhe aprouvesse, desvendar o lado íntimo da consciência.

Os transportes

Como é de presumir, aquela sociedade pragmática e em estágio cultural avançado dispunha de meios de locomoção ultrarrápidos, impulsionados por várias fontes de energia.

Aviões capacitados para dar a volta ao planeta, de dimensão aproximada da Terra, em apenas alguns minutos. Digno de registro também a chamada Cidade Voadora, para abrigar centenas e mesmo milhares de passageiros, com todo o requinte de conforto a bordo, a técnica a serviço do bem-estar da coletividade. Levantava voo e aterrissava de forma vertical, e tinha a propriedade de voar em todas as direções, a exemplo do que acontece com os discos voadores. Dispunha de um sistema prático para desembarço rápido de bagagem. Por intermédio de uma escada rolante, na vertical, que partia de um ponto do interior da nave até ao trem do subviano reservado aos passageiros que desembarcavam das aeronaves, as bagagens eram transportadas para o Depósito Central, localizado na Estação Urbana, e aí classificadas e guardadas automaticamente, de acordo com um número, recebido no momento em que passaram à custódia dos agentes aeroportuários – atravessando as etapas sem a intervenção do homem, graças a um aperfeiçoado sistema eletrônico, o que eliminava a congestão nas estações terminais. Depois os interessados, de posse de uma chave que correspondia a um determinado número, liberavam o que era de sua propriedade com a simples introdução da chave no orifício indicado pelo número. Uma vez aberta a porta do cubículo, a chave era aí retida por força de dispositivo. As aeronaves transformaram-se no veículo de massa por excelência. Isto graças ao emprego de nova fonte de energia – o neutrônio – que possibilitou modificações estruturais nos aparelhos, os quais passaram a oferecer uma capacidade de carga muitíssimas vezes maior, e velocidade extremas. Registrou-se, *ipso facto*, um decréscimo considerável nas tarifas aéreas, o que tornou o avião um meio de transporte prático, passando a merecer a preferência geral. Além disso, as aeronaves não causavam problema social, já que não produziam ruído.

Os trens eram bastante aperfeiçoados, deslizavam quase que de modo imperceptível, dispostos em dois andares, dotados de salas

de jogos, televisão, cinema, bares, etc. Com referências também aos macrotrens, de dois ou mais andares, larguíssimos, que corriam sobre seis “trilhos”, verdadeiros edifícios compridos, denominados apropriadamente de edifícios móveis.

Diga-se de passagem que os portos, aeroportos, as rodoviárias, estações de trem eram todos iguais – como as cidades, aliás – construídos sobre o mesmo protótipo, variando apenas quanto ao tamanho, que dependia do número da população a que serviam. Os expertos adotavam a chamada técnica do dominó, que permitia as ampliações na medida da necessidade. Assim, quando as instalações fossem consideradas insuficientes para completo atendimento – e em virtude do crescimento da cidade ou de qualquer outro fator que tenha motivado um maior movimento nos estabelecimentos superlotados – eram acrescidas de mais uma unidade, no espaço adrede reservado para este propósito. E assim sucessivamente, até dar vazão ao fluxo normal de passageiros. Como os locais que abrigavam tais construções (os portos e aeroportos situavam-se na periferia das cidades) dispunham de grandes áreas escolhidas para tal, não havia o menor empecilho em aumentar as suas dependências, em cuja planta já estava prevista essa eventualidade.

Por analogia – e sempre que fosse conveniente e factível – as plantas das indústrias em geral seguiam a mesma orientação.

No que concerne aos veículos particulares, não havia o mínimo problema quanto ao controle de velocidade. Pois os carros fabricados não tinham potência para ultrapassar determinada velocidade. Daí a preferência pelos outros meios de transporte, a não ser em viagem de recreio ou casos semelhantes. Como aquela sociedade tendia para a uniformização, sua vocação natural, havia somente quatro ou cinco tipos de carros. Não faziam ruídos e não eram poluentes. Acrescente-se também que a própria conformação das cidades – a par da velocidade controlada pela própria potência do motor, e a perícia exigida por parte dos motoristas em acurados exames – contribuía para evitar colisões.

Como as vias – bastante espaçosas, por sinal – ficavam afastadas das quadras habitacionais, e, nessas, os veículos ficavam restritos às áreas reservadas, os pedestres não sofriam a ameaça de atropelamento.

O barulho das buzinas também era controlado, com sua utilização apenas quando se fizesse necessário, campanha essa levada a efeito pelos dirigentes do Bem-Estar Social, a fim de manter a escala dos decibéis em nível mais baixo possível.

Os esportes considerados perigosos, tais como a corrida de carros e outros, que implicavam risco de vida, não eram viáveis numa sociedade que tem como uma de suas metas prioritárias a segurança do próprio homem.

Caminhões pesados não eram empregados no transporte de combustível líquido, que também ainda se usava, por ser mais barato que o sólido e de outras fontes – a solar, a cósmica, etc. A propósito, concebeu-se um sistema prático e eficaz, com base nos oleodutos. De fato, no trajeto entre cidades, construía-se um oleoduto subterrâneo que beiradeava as estradas, com os dispositivos de segurança que se faziam necessários. Os oleodutos comunicavam-se diretamente com os postos de abastecimento, encontráveis a espaços regulares para um atendimento racional, por meio de um sistema de canais e comportas. Com o simples apertado de um botão, os oleodutos abasteciam os postos de combustíveis das estradas. Como as plantas dos postos eram idênticas – tanto as das estradas quanto as urbanas – todos obedeciam ao mesmo processo de abastecimento. Assim, desde a fonte até o consumo, o produto era escoado sem nenhuma interferência de outro meio de transporte a não ser os oleodutos subterrâneos de controle acionado por dispositivos eletrônicos. A cada posto correspondia uma quota determinada, segundo as necessidades previstas no Plano.

Plano urbanístico de uma cidade inteligente

A cidade aqui apresentada é cortada por 2 eixos: o vertical, que divide a parte leste da oeste; e o horizontal, que divide a parte sul da norte.

A parte norte é formada por ruas que congregam uma atividade específica. Por exemplo: Rua dos Hotéis, Rua das Escolas, Ruas da Diversões, Rua dos Escritórios, Rua das Indústrias, etc.

Todas as Ruas são constituídas por 6 pistas. Assim, não se põe o problema do congestionamento, mesmo nas horas de maior movimento. Também não há problema no que se refere ao estacionamento, pois é destinada uma área contínua para esse fim, entre uma Rua e outra. Ou seja, no fundo de cada Rua, há uma rua de Estacionamento que, além da finalidade específica, tem por objetivo facilitar o acesso dos usuários aos edifícios demandados. Para algumas Ruas – a Rua dos Hospitais, por exemplo – o estacionamento é opcional. Separando um edifício de outro, há uma área reservada ao estacionamento, para facilitar a locomoção.

No interior do Eixo Vertical Norte – a denominada Rua do Governo – encontram-se todos os edifícios onde funcionam os órgãos do Governo – dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

E no interior do Eixo Vertical Sul – ou Rua do Povo – se localizam os edifícios ou áreas de domínio público: a Biblioteca Municipal, o jardim Botânico, o Jardim Zoológico, fontes luminosas, parques de diversão, kartódromo, etc.

Na parte sul localiza-se a zona residencial, constituída por Células Habitacionais (Célula 1, Célula 2, Célula 3..). Cada Célula se compõe de prédios (prédio 1, prédio 2, prédio 3...), do mesmo gabarito, dispostos verticalmente, e separados por área verde, com uma distância conveniente. Entre uma fileira e outra de prédios se localiza uma zona de estacionamento de veículos, de modo a facilitar o acesso aos prédios. O conjunto das Células Habitacionais, dispostas horizontalmente, forma uma Rua (Rua 1, Rua 2, Rua 3...). Entre uma Rua e outra se encontra uma Rua dos Esportes que, como o próprio nome indica, é destinada à prática de esportes (com ciclovia, *cooper*, tênis, basquete, vôlei, natação, pista de patinação, ginástica, etc.). Separando as áreas destinadas a cada atividade desportiva, há uma área verde, com gramado, árvores e flores.

A disposição das Células Habitacionais em relação às Ruas da Parte Norte indica que os moradores da Células despenderão, praticamente, o mesmo tempo para chegar a uma determinada Rua, mesmo seguindo trajetos diferentes – se forem tomados por base certos parâmetros.

Ao contrário de muitas cidades construídas nas pranchetas de arquitetos, às quais são impostas limites de crescimento – como é o caso de Brasília, por exemplo – a cidade em tela, conforme é da característica do seu plano arquitetônico, pode se expandir indefinidamente, na medida de suas necessidades naturais. Em consonância com o pensamento de Toynbee, a tendência das cidades modernas é transformarem-se em megalópoles.

O aspecto religioso

Sociedade pragmática, norteadada pelo princípio hedonístico, de pensamento cartesiano, o animismo era desprovido de qualquer significado. O homem era o princípio e o fim de tudo.

Celebravam-se algumas festas pagãs, mas pelo simples desejo de folguedo popular, de folclore, parte de tradição, sem nenhuma conotação religiosa.

Em determinada fase de sua História conheceram também o Deus uno, espírito perfeitíssimo criador do Universo que substituiu os deuses plurais, geralmente representantes de uma força da natureza. Em época posterior, porém, a concepção de um ser superior que regia os destinos da humanidade foi esvaziada de sentido, à medida que o ser humano evoluía.

Para eles a religião, que teve suas raízes na superstição, refletia um estágio inferior de cultura, próprio de civilizações decadentes.

A História registrava também os profetas, durante o período de florescimento das religiões, depois elevados à categoria de filósofos, que pregavam doutrinas de amor ao próximo, muitos deles respeitados e acatados pela visão das coisas e pelo profundo conteúdo do pensamento.

O vestuário. A alimentação

Sociedade sóbria no comer e no vestir. Quanto ao item primeiro, tinha-se como uma das metas prioritárias a boa alimentação. Os nutricionistas – além de estar sempre à disposição do público para quaisquer informações a respeito do teor nutritivo dos alimentos, bem como fazer sugestões para uma alimentação racional – supervisionavam todo o processo da produção, incluindo o plantio, a colheita, o depósito, o transporte e, em certos casos, até mesmo o consumo.

Davam a maior importância à alimentação como fator de crescimento, de saúde, de equilíbrio em geral. Os alimentos ingeridos estavam isentos de produtos químicos, adubos, fertilizantes, etc., que eram considerados nocivos à saúde. Permitiam apenas o emprego de produtos que, por sua própria natureza, não prejudicavam os alimentos, nem interferiam de forma negativa em seu ciclo, mas que contribuíam para aumentar as qualidades intrínsecas do produto.

Os grãos eram postos a secar naturalmente, submetidos à ação do vento e do sol – sem interferência de fatores artificiais.

Não havia comer carne, ato considerado primitivo e até mesmo ignóbil. Passível de, em diversos casos, transmitir doenças, além de conter toxinas. Não existia, portanto, gado de corte. Em compensação, o gado leiteiro era numeroso e selecionado.

Ao contrário do que ocorre aqui, onde o indivíduo é livre para comprar o que bem lhe aprouver, ali não sucedia o mesmo. O Estado determinava o que deveria ser produzido e o que posto à venda. Assim, não se encontravam no mercado alimentos considerados nocivos, como os impregnados de produtos químicos, por exemplo.

Era dever do Estado zelar pela saúde do indivíduo, prolongar-lhe a existência e assegurar-lhe o bem-estar.

Quanto à indumentária, tinham em mente sobretudo o conforto aliado ao bom gosto. No verão usavam trajes folgados manufaturados com tecidos leves. E sandálias, cujo material exalava cheiro de pinho silvestre. Nessa mesma época do ano, entregavam-se à prática generalizada de naturismo, à vida livre e aos esportes.

No inverno usavam material especial, resultante de produto químico que, apesar de leve, abrigava do frio. Muito difundido era o uso de botas com pilhas no solado, para manter os pés sempre aquecidos.

Outra novidade em matéria de indumentária era o uso de uma espécie de macacão de matéria plástica para chuva, vestido por cima da roupa, com capuz e viseira de vidro, a fim de permitir a visão.

A família

Direitos e deveres distribuídos equitativamente para os cônjuges. Cônjuges maneira de dizer, pois o matrimônio era apenas um ato simbólico, que não obrigava nenhuma das partes contratantes. Contrato social cujo vínculo se desfazia com a simples anuência das partes. O amor, que dá origem à união dos seres, como todo sentimento é passível de sofrer alterações. Cessadas as causas que motivaram a união, ou se a experiência conjugal provou ser julgada insubsistente, nada mais racional do que o recurso ao desenlace.

Uma vez desfeito o vínculo matrimonial, que se consumava com uma notificação formal por parte dos interessados à Vara de Família competente, não sobravam compromissos de ordem econômica decorrentes da desunião. Como na República o trabalho é compulsório, não se admitindo a hipótese de pessoas inativas a não ser nos casos especificados pela Lei – e dada a igualdade de sexo estabelecida na Constituição, nada havia a considerar sobre o assunto, no que tange a questões pecuniárias.

Os filhos, desde o nascimento até a maioridade, ficavam sob a tutela do Estado, encarregado de sua educação e orientação. Visitavam os pais nos fins de semana e nos períodos de férias, mas mesmo assim recebiam um estipêndio que lhes garantiam o sustento. O montante despendido pelo Governo na educação do indivíduo, até a maioridade, iria ser repostado por este, tão logo se integrasse na sociedade com o seu trabalho.

A classe dos dirigentes

O exercício da Política era considerado como verdadeira profissão. Os candidatos no currículo escolar deveriam demonstrar a aptidão vocacional. Além disso, o curso era rigorosíssimo, e incluía matérias tais como Direito, Economia, Administração, Política, Psicologia e Oratória.

Com o decorrer do tempo, iam ocupando vários cargos, de importância crescente à medida que se adiantavam na carreira, a fim de adquirir a necessária experiência, e testar a capacidade profissional.

Nada impedia, porém, que uma vocação tardia se manifestasse. Nessas condições, o cidadão, mesmo que se dedicasse a outro ramo do saber (todos na República eram formados), poderia eventualmente tornar-se político, desde que apresentasse os requisitos necessários, além de submeter-se às duras provas.

Nem todos conseguiam chegar ao final, e eram desligados assim que ficasse evidenciada a inaptidão. Dedicar-se-iam a outro curso afim, cumprindo determinação do Estado de que todo indivíduo completasse o ciclo escolar – Faculdade inclusive.

Os bem-sucedidos, uma vez aprovados no curso regular, ainda tinham de cumprir uma série de difíceis exigências. Era mister que apresentassem um programa de ação, se bem que alguns itens já constavam do Programa Básico, formulado pelo Conselho, e que mantinham seu curso normal, e independentemente da vontade dos futuros chefes de Estado. Estes só podiam alterar pontos do Programa Básico se autorizados pelo mesmo Conselho.

Note-se que a concepção de governar era de acepção diversa da que se enquadra nos nossos moldes. O governante já recebia vários encargos que teria de cumprir à risca. Tinha muito menos liberdade de ação, e suas decisões eram objeto de meticoloso exame – e posterior aprovação, se fosse o caso. Reservava o direito, como é óbvio, ao recurso. Mas a palavra final cabia ao Conselho Supremo.

Alguns cargos eram eletivos, outros técnicos. Estes últimos eram conservados pelos titulares mesmo na eventualidade de mudanças de gestão. Como se vê, ao governante cabia escolher apenas os seus colaboradores mais diretos. Quanto aos chamados cargos de confiança, por exemplo, o que equivaleria a um presidente de Instituto, era matéria que competia ao Conselho de Administração. Cada indivíduo que fazia parte do Governo tinha a parcela de responsabilidade limitada a seu âmbito de ação.

A função do político estava circunscrita, em sua maior parte, aos encargos administrativos.

Prevalencia o sistema de três Poderes, independentes e harmônicos – subordinados, entretanto, a um quarto, cujas funções precípuas se limitavam a manter estrita vigilância sobre tudo e sobre todos. Era o Poder que dispunha do uso exclusivo, por intermédio de seus órgãos competentes, da máquina detentora de verdade, aos quais eram submetidas regularmente todos os cidadãos, inclusive os que tinham a responsabilidade do Governo.

A todo e qualquer cidadão estava assegurado o direito de propor leis, desde que o texto estivesse redigido de modo conveniente e se enquadrasse nos moldes exigidos pelo Poder Legislativo encarregado de as aprovar ou rejeitar.

No mundo em apreço não havia problemas prementes ou de maior envergadura a serem resolvidos – fome, guerra, as terríveis consequências e os desajustamentos resultantes da explosão demográfica, a malversação das verbas, etc. A máquina da Administração funcionava normalmente.

O sistema político vigente, denominado Autismo, como o próprio nome indica, pressupunha uma engrenagem tão aperfeiçoada que era como se o próprio sistema se autogovernasse, de maneira impessoal, dada a estrutura do aparelho administrativo.

Selecionados os candidatos elegíveis (somente para o preenchimento dos cargos superiores), o povo então era chamado a intervir pelo voto direto.

Durante o mandato, se os governantes não correspondessem à expectativa, descumprindo os deveres, o não cumprimento de uma das cláusulas básicas expostas no seu programa de governo era o suficiente para alijá-lo do alto posto que ocupava, se não ocorressem motivos de força maior, é claro. Em todo o caso, ao mandatário era assegurado o direito de defesa. Cabia ao Conselho Supremo decidir a questão. O *impeachment* era proposto pelos órgãos de inspeção, subordinados ao quarto Poder. Ou então a iniciativa partia do próprio povo, quando a petição contava com certo número mínimo de elementos, mediante motivo justificado.

Os ministros também, se julgados incapazes para o exercício de suas altas funções, eram substituídos, cabendo ao Chefe do Executivo indicar o sucessor – como em todos os casos sempre com a aprovação do Conselho que, apenas em situações esporádicas, era negada.

A propósito, nenhum funcionário, ou profissional, ou quem quer que fosse, poderia relegar a plano secundário os deveres impu-

nemente, pois o Estado dispunha de meios eficazes para detectar as falhas, por meio da própria consciência individual, cuja sondagem era feita com periodicidade.

Do ponto de vista administrativo, os continentes eram divididos em áreas de tamanho idêntico, compondo a Célula *Mater*, as quais eram subdivididas em Células. Cada divisão comportava uma implantação dos quatro Poderes, com diferentes atribuições, é óbvio. Os Poderes locais subordinavam-se aos Poderes Regionais que, por sua vez, se subordinavam ao Poder Central. Para cada continente instalava-se o Poder Regional, e, para governar o mundo, pairava a autoridade indiscutível do Poder Geral, chamado Políticon.

Como se depreende do exposto, não havia partidos políticos.

A organização da sociedade

Como salientado, todo indivíduo era compelido a ser bom, por indução dos meios coercitivos indiretos de que dispunha o Estado, graças à virtude do Aparelho da Verdade que, em última análise, era o sustentáculo do regime. Assim, pois, o indivíduo não poderia cometer nenhum ato ilícito e permanecer impune.

Além disso, tinha o dever de prestar socorro ao semelhante em caso de necessidade, sob pena de enquadrar-se nos artigos da Lei, que puniam com severidade tal omissão.

Sociedade civilizada, em estágio cultural avançadíssimo, em plena Era da Cibernetica, a prestação de serviços considerados secundários era feito na sua totalidade por intermédio de máquina, com técnica sofisticada. Assim, não havia serviços de lixeiro, jornalista, engraxate, barbeiro, etc. Ademais, as residências dispunham de um mecanismo que permitia que o escoamento do lixo, depois de triturado de modo conveniente, se fizesse sem a intervenção do homem, por meio de tubulações que o conduziam ao despejo.

Aliás, o mesmo sistema de “canais” permitia que o indivíduo, sem se mover de casa, se utilizasse dos serviços do Correio, estivesse em contato com a Biblioteca Pública, recebendo e devolvendo livros, fizesse compras no supermercado, farmácia etc., incluindo também as transações bancárias.

Ao indivíduo cabia escolher a sua profissão – já que havia igualdade de oportunidade para todos – desde que tivesse capacidade para tanto. Se não, deveria optar por outras indexadas pelos Conselheiros, segundo completos testes vocacionais, e tendo em vista o equilíbrio na divisão do Trabalho.

Sociedade competitiva – repita-se; com um nível de vida elevado, homogêneo, pelo menos sem grandes desproporções. Apenas os grandes valores sobressaíam – artistas, cientistas, inventores, etc. – os quais eram cumulados de honrarias, além de vantagens de ordem material.

A cada um era reservado o mínimo para subsistência. E, como na República não havia lugar para o ócio, todos eram convocados para o trabalho. Foram instauradas as Comissões de Avaliação do Trabalho Individual que, como o próprio nome indica, dava a justa recompensa ao indivíduo, pelo sistema do salário móvel. Se o interessado trabalhasse além do tempo regulamentar, desejoso de acumular poupança em determinado período, fazia jus a uma recompensa. E não necessariamente em seu ramo de ocupação. Podia solicitar ao Estado para prestar serviços onde necessário fosse, por exemplo: em construção de obras ou coisas do gênero, se bem que o trabalho pesado fosse executado por máquinas ou robôs programados para determinada missão.

Sociedade de consumo com um nível de renda bastante elevado – que facilitava aos cidadãos a possibilidade de aquisição dos bens materiais mais cobiçados.

Quem trabalhasse nos serviços menos nobres tinha direito a férias mais prolongadas, e mais estímulos.

Também ali havia a instituição das Forças Armadas, cujo papel se resumia na preparação para a eventualidade de uma invasão espacial.

O controle de natalidade era rigoroso. Um dos maiores males que afligiram o planeta antes da conversão ao novo regime foram as consequências da explosão demográfica. O controle racional da taxa de natalidade foi que proporcionou ao regime equilíbrio estável e duradouro. Salvo raras exceções, a média era de dois filhos para cada família constituída. Em caso de óbito, é claro, cada casal era autorizado a procriar outra vez.

Quem primeiro lançou os fundamentos da Nova Técnica da População foi um estadista que deixou fama imorredoura. Advertiu dos perigos do crescimento desordenado da população, e formulou uma equação para fixar o número ideal de habitantes para determinada região, que seria ditado pela conjugação dos fatores de produção. Assim, ao contrário do que se supõe, uma grande extensão de terra não implica necessariamente um número elevado de habitantes. É preciso levar em conta o estádio cultural da atual população que, detentora de técnica avançada, possa ou não explorar as potencia-

lidades da terra. Desta maneira, determinava-se a quantidade ideal de km² por um número de indivíduos.

A Medicina era socializada, e exigia-se do cidadão exame de saúde periódico. Os exames eram feitos por aparelhos de precisão absoluta. Todos os órgãos do corpo humano eram passíveis de serem reconstituídos, ou melhor, substituídos por transplante e – o que é digno de admiração – por órgãos artificiais. Até mesmo certas intervenções cirúrgicas delicadas podiam ser levadas a efeito por aparelhos sensibílicos, sem a intervenção do médico.

Quanto à idade legal, quatorze anos era o limite para os que se enquadravam na classificação de absolutamente incapazes e, dezesseis, para os relativamente incapazes. Aos quinze anos de idade, adquiria os direitos políticos. Dependendo do caso, em virtude de infração cometida por menor, procedia-se a exame de maturidade, para determinar o grau de culpabilidade em relação ao delito. Em caso positivo, a punição era aplicada de conformidade com a Lei.

A promoção nas carreiras do Serviço Público era rigorosíssima e obedecia a um critério racional, que exigia do candidato a grau superior exames completos das matérias pertinentes, dedicação permanente comprovada, tempo de serviço, cursos, obras, enfim, uma série de requisitos que serviam para atestar o interesse do indivíduo e avaliar-lhe os méritos.

A burocracia era simples. Os processos tinham curso rápido e preciso. Processos havia que, por sua natureza, eram resolvidos em tempo mínimo. Por exemplo, em caso de furto, assassinato, estelionato, etc. O Aparelho da Verdade caracterizava o *animus nocendi* tão logo consultado a respeito. Diga-se de passagem que tais processos eram raros, quase nunca ocorriam.

As comunicações

A tecnologia das comunicações evoluiu rapidamente após a invenção do transistor, que deu início à era do estado sólido, precedida pela era eletrônica e pela eletromecânica ou elétrica.

Com a aplicação de tecnologia aperfeiçoada, os computadores puderam afinal vencer a barreira da linguagem. Tão logo incluiu-se nos computadores a “compreensão” do conhecimento humano, foi possível criar a máquina da tradução, capaz de transformar uma língua escrita em outra. Ou mediante dispositivos operados por vozes, sensíveis à fala humana, traduzir de maneira instantânea discursos em língua diferente.

Outra invenção de uso corrente, que refletia o alto grau tecnológico alcançado, era a máquina de escrever vocal, que transformava a língua falada em escrita.

A comunicação visual para qualquer parte do mundo – inclusive de indivíduo a indivíduo – aumentou de forma considerável a capacidade da rede de comunicação.

Era muito usado também o dicionário falante (ilustrado ou não), para aprendizado de línguas, de utilidade para professores e estudantes, tradutores, firmas especializadas e público em geral. Compunha-se de duas partes: a) um dicionário propriamente dito, ao lado de cujas palavras estava inscrito um número, que correspondia a um número determinado na memória do gravador, e b) utilização de um aparelho de vídeo-teipe portátil, com gravação e imagem sincronizadas numa mesma fita e que permitiam uma correspondência perfeita de som e imagem. Esse aparelho possuía uma memória capaz de localizar em segundos a imagem e o som desejados, acionando-se o botão de avanço e retrocesso, parando-se no número de memória correspondente a imagem-som solicitados. Em suma, era um conjunto audiovisual para fins educativos ou profissionais de comando individual a teclas para o ensino de línguas estrangeiras caracterizado por um livro-índice especial, por associar a cada palavra um número, o qual, quando chamado pelo comando de teclas na memória, fornece no vídeo-teipe portátil as corretas grafia e pronúncia da palavra desejada, assim como, se for o caso, a imagem que lhe corresponda. Paralelamente era vendido no mercado, para os mesmos fins, outro tipo de dicionário falante, ilustrado, de tecnologia mais aperfeiçoada, se bem que o custo de produção era mais elevado. Tratava-se de um aparelho de mecanismo semelhante às máquinas de calcular portáteis cujo teclado, em vez de números, era composto de letras do alfabeto. Assim, o indivíduo escrevia a palavra que quisesse em uma determinada língua, e, poucos instantes depois, tinha a tradução na língua requerida – grafia, som e imagem da palavra traduzida.

O tempo

O progresso técnico permitiu o controle do tempo e do clima, pelo menos em parte. Avaliando as consequências da intervenção no meio físico, como fator de desenvolvimento das áreas menos favorecidas ou de clima hostil, experimentou-se um surto de progresso notável.

Apreendeu-se também a aproveitar a quantidade de energia envolvida nos sistemas e processos do tempo, que ocorrem na atmosfera. Também descobriu-se um meio de aproveitar a tremenda energia contida nos chamados orifícios negros.

As cidades eram aquecidas por meio de um sistema que as isolavam do frio.

O destino do planeta perfeito

A esta altura, uma pergunta impõe-se no ânimo do filósofo: o grau de felicidade coletiva está relacionado diretamente com o progresso material alcançado por uma nação?

Sociedade cujo modelo atingia as raias da perfeição, sem problemas de ordem econômica que a afligissem, sociedade na qual o ser humano havia conseguido os limites de sua expansão. O que restaria para ser feito?

As máquinas haviam substituído o homem no trabalho. O apogeu da Cibernética: máquinas que fazem máquinas que governam o homem. O ser humano, súdito da máquina – prenúncio do suicídio coletivo?

O *Homo Mecchanicus* foi perdendo dia a dia os seus reflexos, ou aviltando-os. E até a própria essência.

E aqui haveis a descrição do planeta morto: visão de um mundo em ruínas. Um dia os habitantes todos pereceram, com a mesma expressão da máscara mortuária de quem aspira gás mortífero, vitimados pela epidemia de um vírus fatal, talvez trazido por um ser inferior de outro planeta: o vírus da liberdade, da individualidade, do livre arbítrio, que torna o indivíduo consciente de sua condição humana.

E o próprio planeta foi reduzido a poeira cósmica, sem História, perdido na imensidão no Universo.

O HOMEM IMORTAL

1. Os mortos-vivos

Uma propriedade rural isolada, onde vivia certo professor de descendência germânica, muito conhecido por seus trabalhos no campo da Genética, por nome doutor Megisto. Desde há algum tempo havia cessado as atividades clínicas, salvo em casos patológicos que julgasse dignos de interesse. Ultimamente dedicava-se com exclusividade à pesquisa. Além de atender a convites formulados para proferir conferências ou dar entrevistas. Ou contribuir com artigos para revistas de cunho científico sobre matéria de sua especialidade.

Exceto os contatos esporádicos que mantinha com seus semelhantes, vivia a maior parte do tempo em regime de reclusão, em companhia do fiel servidor Borgo. Este cumpria presto as ordens do mestre como um cão obedece ao dono – guardadas as devidas proporções. Mantinha a casa em ordem, cuidava do jardim com esmero, preparava as refeições, despertava todas as manhãs o professor. Esse servilismo quase animal era motivado não tanto pela contrapartida de ordem pecuniária, mas pela afeição que nutria sem limites pelo amo. Sua maior recompensa eram as palavras elogiosas que aquele vez por outra lhe dirigia. Detentor de uma força muscular descomunal, era capaz de arrastar o tronco de uma árvore de porte médio, derrubar um touro pelos chifres e outras proezas do gênero. De uma feita, aconteceu numa taverna de cais de porto, no meio de uma pendência desfechou um golpe tão violento contra o adversário que lhe fraturou o crânio. Disforme, portador de defeito físico irreparável, qualquer referência à condição de aleijado enfurecia-o sobremaneira. Foi em virtude de um acidente quando menino, a casa desabou em cima dele, as vigas do teto e o fogo deformaram-lhe o corpo todo. Os membros não se desenvolveram de maneira uniforme.

Tinha uma perna maior do que a outra, o que o obrigava a usar um pesado sapato de madeira para compensar a altura. E ainda por cima, a pele toda enrugada, pelos efeitos da queimadura. Daí o aspecto de monstro. Depois da briga na taverna, acochado pela polícia foi obrigado a fugir. O professor deu-lhe abrigo, acolheu-o mesmo sem conhecê-lo. Tratou-o com naturalidade, não demonstrou nenhuma aversão para com ele. O que raramente acontecia nos encontros com as pessoas. Desde então passou a trabalhar para o professor, com fidelidade canina, a toda prova. O mestre, por sua vez, foi-se acostumando com sua presença e, com o transcurso do tempo, fê-lo depositário de sua confiança – dentro de certas limitações, é claro. Era um ser anormal, retardado. Assim que o viu, o médico deu-se conta do fato. Em todo caso, era bastante útil, e sem sombra de dúvida servia aos propósitos.

O professor passava a maior parte do tempo no laboratório, mergulhado nas pesquisas, estava trabalhando em experimentos revolucionários. Nem os amigos mais íntimos – se é que ainda cultivava alguma amizade – sabiam dos projetos. Para traçar o perfil do médico, uma de suas características principais era ser impenetrável, fechado por natureza. Sua presença, por certo aspecto, inibia as pessoas. Era como se dele emanasse uma certa autoridade. Um quê indefinível que transparecia no relacionamento com os demais. Determinados assuntos nunca vinham à baila, por exemplo, quando o professor estivesse presente. Não que fosse uma atitude forçada. Ao contrário, aquilo fazia parte de seu temperamento. De vez em quando comparecia a reuniões sociais, congressos, solenidades, mas essas visitas vinham-se escasseando, principalmente nos últimos meses. Vivia confinado nos limites de sua propriedade rural, de alguns quilômetros quadrados, localizada dentro de um bosque, com algumas clareiras e a estrada de terra que conduzia à casa. Na parte posterior, o terreno era pantanoso, com vegetação característica, insalubre. Nos dias mais frios, um denso nevoeiro formava-se, nas horas matutinas. O que tornava arriscado o trânsito por aquelas paragens, de maneira especial por parte das pessoas que não conheciam bem o local. Aquele cenário, mais o fato de o professor ter adquirido fama de cientista excêntrico, fazendo experimentos com cadáveres, fazia qualquer mortal pensar duas vezes antes de ingressar naqueles recintos.

Que experiências eram aquelas? O que perseguia com tanto afincio o professor? De manhã até à noite no laboratório, com luvas e indumentária apropriada de médico, só interrompia o trabalho para tomar as refeições, assim mesmo porque Borgo lhas vinha trazer.

Às vezes perdia por completo a noção do tempo, concentrado que estava nas pesquisas.

O laboratório fora construído mais tarde, mas era como se fosse um prolongamento do vetusto casarão. Bem-aparelhado, satisfazia as necessidades de seu orientador. No centro havia uma estranha máquina, invenção do professor, com fios de várias cores, um bojo vítreo, e vários recipientes em volta.

Homem passado dos cinquenta, aparentava muito mais. Talvez por causa do estado de saúde, que não era dos melhores. Ou devido ao esforço sobre-humano que desenvolvia em sua atividade.

Para pôr em prática os resultados dos estudos teóricos, estava a necessitar constantemente de uma matéria prima difícil de obter: cadáveres frescos, cuja escassez dificultava os progressos das pesquisas. Para suprimento de cadáveres em troca de recompensa pecuniária, fizera um pacto secreto com um coveiro de uma cidadezinha próxima. Ao ter notícia dos óbitos ocorridos na jurisdição, o professor procurava colher todas as informações possíveis sobre o *de cuius* – idade, sexo, dados pessoais, se o falecimento fora causado por acidente ou moléstia, etc. Quase sempre estava presente nos enterramentos, observando a cena de longe, disfarçando a sua presença para não despertar suspeita. Na calada da noite, com a cumplicidade do escuro, voltava ao cemitério para auxiliar o coveiro na tarefa de desenterrar o corpo. Após violar a sepultura, colocava o defunto na parte traseira do veículo, e dirigia-se com pressa para casa. O coveiro encarregar-se-ia de deixar as coisas em ordem, como se nada houvesse ocorrido.

Chegava exausto em casa, que o esforço físico não lhe fazia bem. Depois que contratou os serviços de Borgo, o professor passou a ser somente o mentor intelectual da operação, o coordenador, enquanto os outros dois executavam a ingente tarefa.

Depois de usar os cadáveres nos experimentos que levava a efeito, devolvia-os à cova respectiva, sempre protegido pelo disfarce da noite. Tinha de trabalhar depressa, antes de o corpo entrar em estado adiantado de putrefação. Por isso, só os cadáveres frescos é que podiam ser objeto de suas preocupações. Disponha de uma geladeira para conservar os corpos, como em necrotério. Colocava os cadáveres em um recipiente de vidro, chamado por ele caixão térmico. Retirava as roupas que os envolviam, e banhava-os com uma substância química determinada. Em seguida conectava vários cabos do aparelho de sua invenção em diversas partes do corpo. Uma bomba injetora descoagulava o sangue e inseria um líquido escuro nas veias. Às vezes tinha de substituir estas por condutos de plástico

que se comunicavam com o coração. Depois fazia uma incisão no peito do paciente objeto de estudo, com a ablação do órgão, substituindo-o por um coração artificial. A máquina fazia o bombeamento ritmado, imitante o movimento de sístole e diástole. Desta forma, conseguia manter o corpo *vivo*. Muitas vezes era preciso amputar os membros do cadáver, para facilitar a circulação, e diminuir o trabalho de colocar as veias artificiais.

O problema capital residia no cérebro, que não reagia aos choques elétricos produzidos pela máquina. Revitalizar as células mortas daquela parte específica do corpo humano parecia tarefa insolúvel. De qualquer maneira, havia já conseguido um feito espetacular, um marco fundamental. Por enquanto manteria em segredo o resultado de suas experiências. Antes de tornar públicas as descobertas, queria aprofundar mais no sentido de desenvolver uma técnica apropriada para o cérebro, com o propósito de revitalizá-lo. Só então estaria completa a obra. Um dos fatores que o impediam de dar à luz o invento, pelo menos no estágio atual, era o de como justificar o uso indébito de cadáveres nas experiências. Mas se conseguisse dar vida ao morto, tudo estaria resolvido. Para ser a maior descoberta de toda a História.

O primeiro cadáver a ser “ressuscitado” era o de um rústico trabalhador braçal, vítima de lesão cardíaca. Sem família nem bens, fora enterrado logo após a defunção, cumpridas as formalidades legais. “Ressuscitado”, modo de dizer, pois não reagia a estímulos de espécie nenhuma, sempre em estado imóvel. Era uma coisa, mas pelo menos estava vivo, respirava, os pelos cresciam e a barba. Poderia mantê-lo indefinidamente nesse estado? Pelo menos em parte o objetivo fora conseguido: o ser híbrido havia recebido a fagulha da vida. Restava dar o grande passo, mas para isso era preciso efetuar ainda uma série de experiências.

O mais cômodo seria continuar os experimentos revolucionários, a partir daquele ponto, no próprio ser que ele engendrara, e que recebera o sopro da vida depois de penetrar nas regiões incógnitas da morte. Mas o professor não poderia correr o risco de pôr tudo a perder. Teria de repetir a operação, revitalizar outro cadáver, a fim de testar os efeitos da máquina em outro organismo. Se conseguisse reeditar o êxito anterior, então ficaria mais à vontade para agir. É claro que tinha em mente a intervenção cirúrgica delicada e exaustiva, complicada, que demandava muito tempo e habilidade, tinha de ser perfeita nos mínimos pormenores. Mas era o caminho mais aconselhável a seguir. Ainda mais levando-se em conta que o tempo *post mortem* era um fator decisivo, conforme tivera

oportunidade de comprovar. Ademais, organismos diversos em condições desiguais, submetidos à intervenção, talvez reagissem de maneira inesperada, e a eficácia da máquina poderia não surtir os efeitos desejados.

Esperou a ocasião oportuna para pôr em execução a segunda fase do projeto. A bem da verdade, experimentou alguns insucessos. Mas não tardou para que aperfeiçoasse o sistema, aprimorasse a técnica, aprendesse as lições do passado – e, em breve, estava apto a revitalizar qualquer cadáver, desde que preenchesse os requisitos necessários. O que lhe deu novo alento para continuar a obra.

Dentro em pouco passou a dispor de alguns corpos em condições anômalas de vida, vida artificial em situação *sui generis*, alimentados por sonda.

O médico necessitava de um descanso, porém. Um interregno entre as experiências, por menor que fosse, far-lhe-ia um grande bem. A fisionomia cansada, olheiras profundas, insônia, sistema nervoso um tanto abalado, má-digestão – tudo isso aliado à tensão contribuía para o agravamento do estado de saúde. Precisava de umas férias com a maior urgência. Relutou bastante antes de tomar a decisão. Mas não havia outro remédio. Se lhe acontecesse alguma coisa, as experiências estariam fadadas ao insucesso, era como se nunca houvessem existido. A força de tal argumento impeliu-o a ir. Sabia que poderia contar com a cooperação incondicional de Borgo, ele cuidaria de tudo, afastaria os estranhos que porventura aparecessem, alimentaria os cadáveres-cobaias na hora certa, conforme aprendera com o mestre. Quanto a isto podia ficar descansado. Claro que não lhe era permitido ausentar-se por muito tempo. A inteligência de Borgo era limitada, e talvez não soubesse agir em situação de emergência. Em todo o caso, correu o risco; não lhe restando alternativa, aliás. O estado de saúde requeria cuidados imediatos. Foi até à Capital, onde mantinha uma residência num dos bairros centrais. Aproveitou para tomar providências a respeito de sua reforma e da contratação de novo serviçal, para cuidar da casa durante a sua ausência. Fez consulta com um colega seu, contemporâneo de Universidade. Tomou os remédios indicados, e logo sentiu uma melhora sensível no estado geral.

Ao cabo de duas semanas voltou. Respirou aliviado ao verificar que tudo estava em ordem. Não poupou elogios a Borgo, para quem era a melhor coisa que poderia acontecer. O idiota emitia aqueles sons guturais, para expressar sinal de contentamento.

O cientista retomava o trabalho com grande vigor. Uma série de experiências estava programada, a partir do ponto em que parou,

relacionadas principalmente com a região cerebral e os condutos nervosos. Seria possível dar movimento à criatura? Os aparelhos registrariam alguma atividade mental? Todo esforço nesse sentido redundava em fracasso. Não podia atinar com a causa. Mas mantinha a firme convicção de que não era uma tarefa impossível. Mesmo que não descobrisse – esperava que não fosse o caso – os cientistas poderiam aproveitar o seu trabalho e, a partir daí, desenvolver as pesquisas e encontrar a solução final.

Empregou parte do tempo em escrever um Diário, que continha todas as especificações com o máximo de minúcias, inclusive a fórmula química dos preparados e o segredo do mecanismo da máquina. A posteridade iria apreciar o esforço. Fazia aquilo não por mera vaidade, mas porque acreditava no destino superior do homem, a quem estava reservado empreender a conquista do Universo e desenvolver a inteligência ao mais alto grau. No preâmbulo explicava as razões de seu procedimento, as causas que o moveram a enveredar por tão ínvios caminhos e o que esperava conseguir com isto para o bem da humanidade. Excusava-se por ter usado os cadáveres sem permissão, de forma ilegal, mas no testamento que havia escrito o seu próprio estaria à disposição da Ciência. Que fizessem uso dele como bem entendessem. Tudo em nome de um ideal superior. Além disso, o fim justificava os meios. Que seria do progresso científico se os espíritos mais ousados não assumissem a responsabilidade dos atos e levassem avante os planos? Não se julgava culpado. Não tinha a consciência pesada. Quem quisesse, que o recriminasse. Ele havia dado as razões. Deformar os cadáveres, amputando-lhes os membros – era isso um crime diante do que estava em jogo, uma vida eterna? Tudo o que havia feito fora pensando no bem-estar da coletividade, prolongar a vida dos homens, dar nova oportunidade para os que morriam prematuramente. Em nenhum momento havia passado pela mente auferir lucro com o resultado das pesquisas, fizera tudo com desprendimento, com a intenção apenas de contribuir para o progresso científico.

Antes de reencetar o trabalho, fora interrompido por um grupo de amigos e alguns ex-discípulos que foram ter à sua casa no campo, com a firme intenção de convencê-lo a voltar para a cidade em caráter definitivo, reassumir o magistério e a clínica particular. Queriam demovê-lo do propósito de permanecer ali, em total isolamento. O lugar que lhe cabia era outro. Lamentavam o fato de ter relegado os meios científicos a plano secundário, se ausentado dos congressos, cessado as conferências e as contribuições que lhe deram fama internacional. Exortavam-no a que retomasse a Cátedra.

O professor agradeceu tamanha prova de consideração. Mas ponderou que o ar do campo de certa maneira lhe fazia bem. Ademais, estava no meio de um empreendimento, não podia largar as coisas pela metade. Mas que tão logo terminasse... Arrependeu-se depois de ter mencionado o fato, normalmente comedido nas palavras. Não queria despertar a mais leve suspeita do que estava acontecendo. Procurou desconversar, que estava escrevendo uma obra de vários tomos e, assim que pudesse, retornaria à cidade.

Depois da ceia, como não poderia deixar de ser, o magistrado convidou-os a passar a noite em casa. Já era tarde e, com aquele temporal, não seria prudente viajar. Não podia proceder de outro modo, se bem que a vontade desejava o oposto. Mostrou as dependências da casa aos convidados, bem como os aposentos em que iriam dormir. A presença de Borgo despertava grande curiosidade. “E aqui?” – indagou um dos convidados, apontando para a porta do laboratório. O médico respondeu que era um depósito onde guardava as coisas imprestáveis, objetos sem valia, alguns móveis, etc. Em dado momento, o doutor Megisto notou que pairava algo estranho no ar, um certo mal-estar, talvez não tivesse sido convincente o bastante nas assertivas. Um dos interlocutores durante a noite fez mais uma tentativa para penetrar no recinto proibido, pretextando ter-se equivocado de porta. Mas a presença de Borgo, vigilante, frustrou-lhe o intento.

Na manhã seguinte, após o desjejum, despediram-se do cientista e empreenderam a viagem de volta. Ficou assentado que iriam dar mais um prazo para o mestre, se não cumprisse a promessa, voltariam a importuná-lo. O médico tranquilizou-os. Não tardaria muito para que retornasse ao convívio citadino. De fato, foi sincero quando disse que de vez em quando sentia falta da vida de cidade grande, de modo especial nas noites em que a insônia lhe assaltava. Sentia falta do gabinete de trabalho, das aulas na Universidade.

Mas o que mais importava no momento eram as suas pesquisas científicas. Precisava de paz e tranquilidade para levar avante os planos, longe das pessoas e do mundo. Ali era o lugar ideal.

Qual não foi a surpresa quando o notificaram que saíra uma reportagem sobre ele num dos matutinos de maior tiragem no país. O artigo fazia alusões a pesquisas secretas. Também continha referências, embora de forma indireta, sobre furto de cadáveres, segundo versão de um dos moradores do local que teria presenciado a cena. Aquilo irritou profundamente o professor. O primeiro impulso foi tomar providências a respeito, processar o jornal por danos morais. Passados os primeiros momentos, pensou melhor sobre o assunto,

achou mais conveniente ignorar o fato. A publicidade em torno do caso seria nociva à sua reputação. Além disso, como era muito conceituado, talvez não levassem a sério a opinião isolada de um jornalista desconhecido, e a notícia em breve cairia no olvido. Ele próprio deixara de ler jornais fazia muito tempo. Soube da notícia por intermédio de uma carta anônima que encaminhava o recorte de jornal. E por chamadas telefônicas de amigos indignados. Não fora por isto, nem teria tomado conhecimento do fato.

O que importava no momento era retomar as atividades, sem mais delongas. Doravante convinha não mais correr o risco do furto de cadáveres. Urgia interromper o fornecimento pelo menos por ora. Deixaria escorrer o tempo, até que as coisas esfriassem. Ademais, dispunha de um número considerável de seres revitalizados, podendo dispensar as remessas futuras, sem prejuízo para a continuação dos experimentos. Entrou em entendimento com o cozeiro a respeito. Não convinha ser vítima de curiosos, ou do próprio jornalista que tentara envolvê-lo em escândalo. Redobrou a vigilância da casa, por precaução. Instalou um sistema de alarme e transmitiu a Borgo os motivos da inquietação.

As experiências. Dedicava-se sobretudo à anatomia do cérebro, o órgão menos conhecido do corpo humano. Primeiro removia os pelos da zona em apreço. Expor a região, por meio de um corte incisivo no couro cabeludo. Duas pinças, uma de cada lado, para deixar livre o campo de ação. Com a serra elétrica apropriada perfurava a caixa craniana. Examinava com lente as veias que em condições normais são responsáveis pelo irrigamento do cérebro, as suas dobras, a matéria de que era constituído, sua natureza. Estudou profundamente o assunto. Leu as obras mais importantes a respeito. Fez experiências com macacos vivos. Fazer intervenções nas minúsculas veias, e reconstituir as células mortas da zona que pareciam mesmo irrecuperáveis, conforme os ensinamentos da doutrina tradicional, constituíam os obstáculos principais para que o cérebro dos mortos-vivos reagissem aos estímulos da máquina criada por ele, para despertar os seres híbridos do sono letárgico.

Continuar tentando – uma, duas, mil vezes, mesmo que fosse impossível lavar o intento. Homem persistente era, característica natural de sua personalidade. Se bem que, vez por outra, a custo reprimia a vontade de renunciar. Alguns anos atrás, quando começou a orientar os trabalhos nessa direção, a possibilidade de recuperação parcial de cadáver estava fora de cogitação. Havia chegado até àquele ponto, proporcionando à Ciência os elementos para os pósteros continuarem a partir dali.

De vez em quando assaltava-lhe dúvida sobre matéria religiosa. Era lícito prosseguir nas experiências? A consciência reclamava. Talvez tivesse pesadelos com as horríveis criaturas deformadas, em virtude dos membros amputados, monstros criados por ele, por seu próprio engenho. Mas a curiosidade científica instigava-o à complementação do trabalho.

2. *O Robô Humano*

À medida que o tempo passava, o professor aproximava-se cada vez mais da verdade. Numa manhã de Páscoa, conforme transcrevera no Diário, a ser convertido mais tarde em livro de memória, o cérebro do homem-vegetal reagiu por primeira vez aos estímulos da máquina, embora de maneira descontínua. Era apenas uma reação desordenada, sem detectar nenhuma forma de “inteligência” por parte da criatura. De qualquer modo, o resultado do teste comprovava a viabilidade do projeto. Aquele era o primeiro elo da corrente. Exultante, o médico não cabia em si de contente. Estava-se no limiar de uma nova era para a Ciência. As consequências dos experimentos eram imprevisíveis. Paulatinamente fora conseguindo melhores resultados nas experiências ulteriores, eliminando as falhas, aperfeiçoando o material de introspecção cerebral.

Foi quando sobreveio o inesperado. Começou por um mal-estar prolongado, depois uma sensação estranha pelo corpo todo. Médico experiente, percebeu que se tratava de complicações coronárias, talvez os sintomas iniciais de um ataque cardíaco. Antes de perder os sentidos ainda teve tempo de chamar a ambulância, pôr-se em posição horizontal, dar algumas instruções mais importantes a Borgo. Temia que este perdesse a calma, ou entrasse em pânico. Sentiu uma dor violenta no peito.

Quando recobrou os sentidos estava no hospital, rodeado por médicos e enfermeiras. Não sabia precisar quantos dias estivera ali, havia perdido a noção do tempo. Sofrera uma intervenção cirúrgica. A garganta seca, uma dificuldade em raciocinar. Ainda estava sob efeito das drogas.

O período de recuperação fora lento, e quando recebeu alta para deixar o hospital, não foi diretamente para casa. Acatando conselho médico, iria passar uma temporada inativo, numa cidadezinha à beira-mar. Procurou descansar o mais que podia, desligar-se dos problemas, embora mantivesse contatos telefônicos amiúde com Borgo. Sorte sua dispor de um ajudante daquela estirpe, não fosse por ele as pesquisas teriam sofrido solução de continuidade.

E agora o estado pós-operatório exigia tranquilidade e repouso, as experiências teriam de ser postergadas. Não queria correr o risco de expor-se a outro colapso cardíaco, logo agora que havia conseguido superar as dificuldades concernentes ao ponto básico da questão; estabelecida uma espécie de comunicação com o cérebro do morto-vivo. Além disso, não tinha disposição física, sentia-se cansado, psicologicamente não estava preparado para retomar o trabalho exaustivo do laboratório.

Na verdade, no íntimo sentia de perto o medo da morte, rondando os seus espaços vazios nas noites de insônia. Nunca antes havia pensado tanto no assunto. Lamentou o fato de ser celibatário, antes tivesse constituído família e levado uma vida normal e burguesa como a maioria. Sentia-se deprimido e solitário, abúlico.

É claro que estava agindo ainda sob os efeitos dos acontecimentos recentes que quase o vitimaram. Assim que o estado de saúde apresentasse uma melhora sensível, desapareceriam os temores, e encararia a situação por outro prisma. Os amigos mais chegados procuravam incutir-lhe ânimo.

Contratou uma enfermeira para acompanhá-lo, ministrar-lhe os remédios na hora certa, controlar a dieta e tomar outras providências que se fizessem necessárias. Uma moça belíssima. Excedia em cuidados para com o professor. Em intervalos regulares tomava a temperatura do paciente, media-lhe a pressão, auscultava-lhe o coração. Obrigava-o a tomar as refeições e a recolher-se na hora devida. Uma disciplina impecável, embora não fosse enfermeira de profissão. Era estudante de Medicina, prestes a formar-se. Independente, trabalhava no período de férias para pagar à Faculdade, que não era de seu feitio receber ajuda paterna. Aquele seria o último serviço, por sinal. Admiradora do professor, conhecia as suas teorias muito bem, havia lido todos os seus livros. Conversavam muito sobre os temas principais versando sobre matéria de especialidade do médico e que o tornaram famoso no mundo inteiro.

Tinham por hábito dar longas caminhadas pela tarde, como tratamento profilático indicado nas circunstâncias. Uma vez enquanto passeavam pela amurada do cais ela dissera-lhe em tom jocoso: sorte ele ter tido o enfarte, só assim poderia conhecer aquele cientista misterioso que, por uma razão ignorada, havia cortado relações com o mundo, vivendo uma vida reclusa no campo.

O mestre ria. Aliás, a presença daquela moça fazia-lhe um bem enorme. Tinha-se acostumado com ela. Uma certa dependência, mesmo.

Muitas vezes, nas circunstâncias mais imprevistas floresce o amor. Insinua-se timidamente a princípio, lateja por dentro, e depois transforma-se numa força maior.

A areia do tempo escoava-se rápido para a outra metade da ampulheta. Até que souu a hora do regresso, o final do período previsto para o restabelecimento do paciente. Tomaram o trem expresso, que os levou ao local de destino. Despediram-se na estação. O professor quis acompanhá-la até à casa, mas ela insistiu em que não o fizesse. Houve um aperto de mão, significativo. Queriam transmitir o que estavam sentindo, só que não sabiam como.

* * *

A chegada do professor fora uma verdadeira festa para Borgo. O idiota mostrava-se radiante, confundindo as tarefas.

O cientista estava pronto para recomeçar o trabalho, senão fosse... Achava-se ridículo, relutava em aceitar a situação tal como se apresentava. Aquele não era o seu papel. Mas simplesmente não podia continuar assim. À medida que os dias passavam, um sentimento de inquietação aumentava. Andava de um lado para outro, nervoso, não conseguia concentrar-se no trabalho. Borgo notava a mudança de atitude. O médico enumerava uma série de pretextos, no íntimo querendo convencer-se a si mesmo.

O telefone! O pensamento adivinhou quem era. A moça perguntava pela saúde, como estava se sentindo, se precisava dela.

Como o mar enfurecido arremete a frágil embarcação contra os rochedos, o professor não mais pôde conter aquele sentimento que extravasava os limites, ganhava uma força própria, incontrollável.

Viram-se dali a dias, num fim de semana, o doutor Megisto viajava para ir ao seu encontro. E a presença do Amor fez o resto. De então em diante, viram-se todos os domingos. Durante a semana ela estudava com afinco, aplicada, dentro de alguns meses terminaria o curso de Medicina.

O médico enfurnado no laboratório, só se afastando dali para encontrá-la. Sua vida adquiriu outro significado, com a introdução da parte mundana nos hábitos. Os amigos passaram a frequentar a sua residência da Capital assiduamente, quando ele lá se encontrava. Uma grande festa fora marcada com a dupla finalidade de celebrar o noivado e comemorar a formatura da doutora Alida.

Um dia a moça manifestou o desejo de conhecer a casa de campo, onde o futuro marido passava a maior parte do tempo. O doutor Megisto estremeceu, o semblante com sinais de preocupação.

Sabia que aquilo mais cedo ou mais tarde teria de acontecer. O que precisava era ganhar tempo, terminar com as experiências o mais breve possível, e depois mudar-se para a cidade. Enquanto Alida estudava, o problema não fora então aflorado. Mas agora era diferente, ela dispunha de todo o tempo, achava natural acompanhá-lo. Tais argumentos não conseguiram demovê-lo. O professor, sem circunlóquios, foi direto ao ponto. Não teve alternativa senão usar de toda a franqueza. Relatou que estava na iminência de uma grande descoberta, mas cujo teor não poderia revelar a ninguém – nem mesmo a ela. Vinha-se empenhando a fundo para a consecução de seu objetivo. E que já estava na fase final. Era apenas uma questão de tempo. E adicionou: “Tenha confiança em mim. Preciso mais do que nunca de sua compreensão”. Embora relutante, a doutora Alida acedeu, desde que fosse estipulado um prazo para a sua permanência no campo. Sabia que o doutor Megisto era um homem de gênio, um cientista excêntrico, cujo comportamento não se enquadrava em certos padrões considerados normais. Arrolava uma série de argumentos para justificar a ausência temporária do médico, tentando convencer a si mesma, embora no íntimo estivesse sobressaltada pela dúvida. A custo, aquiesceu.

De fato, pelo menos durante algum tempo ela manteve a sua palavra intacta. Encontravam-se tão-somente nos fins de semana; nos dias úteis o professor prosseguia com os experimentos, conforme o estilo de vida que escolhera.

Aos poucos, porém, foi-se operando uma transformação no ânimo da jovem. Parecia-lhe ilógico – mesmo em se tratando de excentricidades de cientista famoso – que duas pessoas, a esta altura compartilhando dos prazeres e das obrigações da vida em comum, estivessem separados a maior parte do tempo, em nome de um ideal superior.

O professor continuava a procrastinar a vinda definitiva para a cidade. A moça então foi amadurecendo uma ideia, arquitetando um plano para penetrar no recinto proibido, burlando a vigilância instalada para rechaçar os invasores da residência.

Numa noite fria e ventosa; chuvas intermitentes. Parou na entrada do bosque que circundava a casa. Tirou o carro da estrada de terra, para ocultá-lo entre as folhagens. Não fossem detectar a sua presença antes do tempo. Depois foi-se esgueirando por entre as árvores, com a cautela de um animal na caça. Trajava um conjunto negro para disfarçar a sua presença, confundindo-se com o escuro da noite. Aproximou-se da casa, as luzes estavam acesas. Transpôs as grades de modo a não acionar o alarma. Tinha pleno conhecimento

do sistema de segurança. Com uma lanterna iluminou o mapa da casa, que trazia consigo, a fim de melhor localizar a entrada do laboratório. Encontrou uma janela aberta. Ao entrar, tomou todo o cuidado para não fazer nenhum barulho. De repente ouviu passos no corredor. Escondeu-se atrás da porta. O medo quase paralisando-lhe os movimentos. Somente as batidas descompassadas do coração.

Borgo com uma bandeja, dirigindo-se para o laboratório. Ela seguiu-o. Pela porta entreaberta, viu o médico debruçado com instrumentos cirúrgicos na mão. Foi fixando melhor a vista. Cadáveres mutilados deitados sobre mesas de cimento...

Não mais pôde conter-se e, horrorizada, soltou um grito de pavor. “Monstro, Demônio.” E correu em direção à porta, procurando afastar-se da cena. Encontrava-se como em estado de choque, as mãos cobrindo o rosto, chorando, emitindo algumas palavras sem nexos. O médico tentou acalmá-la. E convencê-la. O espírito científico devia prevalecer naquela situação. Ela como médica tinha o dever moral de compreender e aceitar o fato consumado. Apelou também para os seus sentimentos.

Mas a comoção é muito mais forte do que a lógica, em certas ocasiões, quando se trata da *ratio* feminina. Mediante artimanha, conseguiu escapar, fechando atrás de si a porta, ganhando o tempo necessário para alcançar o veículo. O médico, após tentar em vão arrombar a porta, pulou a janela e saiu em perseguição da moça. Ainda conseguiu divisar o carro, que partia a toda velocidade.

O que aconteceu depois foi que o automóvel desgovernou-se, chocando-se contra um obstáculo. A jovem médica, inconsciente, fora levada às pressas para um hospital da localidade. Sofrera algumas contusões e quebra da clavícula esquerda. Assim que passaram o efeitos da anestesia, o doutor Megisto estava a seu lado. Ela protestou enérgica contra a intrusão, tomando as providências para que se retirasse. No início o médico ainda tentou dissuadi-la, mas depois concordou com os termos impostos, por não querer contrariá-la e agravar-lhe o estado de saúde.

Naquela noite não conseguiu conciliar o sono, de tão preocupado que estava. Não poderia conceber a vida sem a presença daquela mulher que amava tão profundamente. Só agora caíra em si. Soubesse que esse seria o desfecho, nunca teria continuado com as experiências.

Quando voltou ao laboratório, teve o ímpeto de destruir tudo, seu primeiro impulso. A consciência estava a reclamar uma medida punitiva. A consciência? Ou o coração. Queria recomeçar a vida normal, anterior à fase dos experimentos. Estancar um período da

memória, ou como quando se amputa uma parte do corpo. Tomou um sedativo muito forte para não pensar mais no assunto.

Quando a doutora Alida se restabeleceu, o professor foi procurá-la na Capital. Estaria disposto a sacrificar toda a obra, com a condição de tê-la de volta. Mas não chegou a dizer-lhe nada, pois naquela manhã mesmo ela embarcara para a Europa. Paradeiro ignorado. Nem os amigos mais íntimos sabiam dos planos. Pelo visto, havia-se mudado com ânimo definitivo, fixando residência em outra parte.

O professor ficou num estado entre perplexo e pesaroso. Durante várias noites seguidas foi visto embriagado nos lugares em que costumavam frequentar juntos. Os amigos chamaram-lhe à razão. Ele simplesmente não poderia continuar daquela maneira, era forçoso enveredar por outros caminhos. A sua reputação de médico poderia ficar comprometida. Apelo esse que encontrara certo eco na mente conturbada do mestre.

Passada a fase aguda da crise emocional, o professor foi-se recompondo aos poucos. Voltara a trabalhar com intensidade no laboratório. Era uma maneira de afastar os pensamentos. Estava prestes a testar a mais importante das experiências levadas a efeito até então.

Colocou o cérebro do paciente, o homem-vegetal, em posição adequada, em contato com os raios luminosos emitidos pela máquina e, ao cabo de algum tempo, começou a notar as primeiras reações. O corpo estava vivo! De olhos abertos. O cérebro, embora destituído das funções plenas, reagia parcialmente. Atendia presto à vontade que pressionava os botões da máquina.

De então em diante, o cientista foi obtendo resultados cada vez mais satisfatórios no sentido de estabelecer uma comunicação mais direta com o cérebro. Aperfeiçoou a máquina, adaptando-a às circunstâncias emergentes. Instalou no cérebro um minúsculo aparelho receptor. A princípio só se entendia com o ser por meio de ondas emitidas pelo aparelho emissor, e a “linguagem” era bastante reduzida. Foi educando o cérebro no sentido de compreender certos sinais convencionais. Por exemplo, a emissão de determinados sons cadenciosos, e repetitivos, equivalia a uma ordem para que a criatura se movesse. Se relutava em obedecer, o médico ampliava o som, provocando uma sensação desagradável, ou uma espécie de dor.

As experiências passaram por vários estádios. Por fim, com a instalação de outro aparelho receptor no ouvido, na entrada da trompa de Eustáquio, conseguira estabelecer comunicação direta por intermédio da voz, desenvolvendo ao máximo a pesquisa em

determinada direção. Alcançara pleno êxito, pelo menos em certo sentido.

Em certo sentido somente, porque a criatura era incapaz de pensar por si mesmo, incapaz de moto próprio, não tinha vontade própria, passivo, um homem autômato, um robô humano. Obedecia a qualquer ordem, mesmo a mais descabida. Não hesitaria em cair no abismo, se convocado para tal. *Homo* ilógico, não pensava, motivado apenas por vontade alheia.

De qualquer modo, representava um grande passo em direção ao objetivo último. Passou a transformar os cadáveres revitalizados do estádio 1 para o estádio 2, transportando-os 1 grau acima na escala zoológica. O estádio atual daqueles homens-animais não encontrava paralelo no passado. Nem seria certo dizer que correspondiam aos seres mais atrasados na escala.

O professor entusiasmava-se com o resultado das experiências. Havia superado a fase em que era imprescindível a mutilação de cadáveres. Sua obra agora se revestia de um significado todo especial. Valera a pena ter percorrido o longo caminho, e passado as privações necessárias.

Restava, porém, a grande indagação: atingiria a meta proposta consubstanciada na operação denominada por ele de alfa-ômega, cujo enunciado previa a recuperação total dos cadáveres? Em outras palavras – ressuscitar o homem? Que consequências adviriam para a humanidade, se se concretizasse tal hipótese? Como consequência positiva, a longevidade assegurada a todos os representantes do gênero humano sem distinção. Todos os seres humanos viveriam até à idade limite, corrigindo as distorções da natureza, dependendo da capacidade de recuperação do organismo. Como se depreende da ilação precedente, ao indivíduo era facultado aumentar de maneira considerável o período de vida além dos limites normais. Como consequências nocivas, era de esperar o aumento desordenado da população. As previsões de Malthus tornar-se-iam realidade, e a humanidade teria de enfrentar um de seu maiores dilemas. Ou então impor o controle rígido da população.

Mas estas elucubrações eram destituídas de sentido, naquela hora. Ademais, talvez o mestre nunca conseguisse de forma plena o seu intento. De qualquer modo, marcaria uma época na história da Medicina. Já tinha capacidade técnica para produzir em série as criaturas semi-humanas. Dispunha, no momento, de alguns espécimes.

Os tais seres apresentavam um aspecto físico peculiar – mantinham os olhos sempre abertos, sem piscar, vazios do líquido retinal. Uma palidez cadavérica. Olheiras profundas, lembravam atores de

teatro com *maquillage*, preparados para entrar em cena. Andavam como que arrastando as pernas, pesadamente, sem mover os braços. Estavam vivos e estavam mortos – criaturas do outro mundo. Depois de cumpridas as tarefas que se lhes impunham, permaneciam em estado de imobilidade completa. Não tinham iniciativa. Parecia não sentirem sede, ou nenhuma espécie de necessidade. A mente num estado intermediário entre a vida e a morte. Sem consciência do perigo, nem sabiam distinguir entre o bem e o mal. O professor, para mantê-los aptos, obrigava-os a caminhar em torno da casa, a fim de evitar problemas de circulação. Preparava-lhes uma alimentação especial. Até mesmo as funções orgânicas eram efetuadas mecanicamente, mediante ordem.

Mais tarde pensou que talvez fosse possível desenvolver a sua “inteligência” por meio de exercícios mentais. Mas todas as vezes que tinham de usar o raciocínio próprio, as experiências redudavam em completo fracasso. Um exemplo prático: se mandasse uma das criaturas resolver problema simples de Matemática, ou qualquer outro problema; ou mesmo se tivesse de tomar uma decisão, caso se apresentasse a necessidade – então ficava atônito, não sabia como agir, voltava ao estado de imobilidade habitual, como estátua, sem mover nem sequer uma parte do corpo.

Às vezes, misturados com a paisagem, poderiam fazer parte de um espetáculo de horrores. Qual seria a sensação de um simples mortal ao deparar com uma cena semelhante? Um dia resolvera pôr em contato os homens-mistos com a multidão, nas ruas de uma cidade. Queria testar a impressão que causavam. Levaria consigo apenas um membro da estranha família. Tirou medida do corpo de um deles para confeccionar um terno escuro. Comprou um chapéu para esconder a cicatriz na cabeça rapada. Óculos escuros. Qualquer pessoa que encarasse detidamente a criatura, pelos olhos deduziria que se tratava de um ser anormal. Usou *maquillage* para dar cor às faces. Em tudo e por tudo parecia um homem, a não ser pelo modo grotesco de andar. Se bem que os transeuntes poderiam atribuir-lhe um defeito físico qualquer, que o impelia a arrastar as pernas daquela maneira. Em todo o caso, o médico estaria sempre a seu lado, segurando-o pelo braço, atento ao menor perigo. De qualquer modo, não poderia deixar de submeter o ser gerado artificialmente àquela prova, a curiosidade que o movia era mais forte que as medidas de precaução. Havia ponderado os riscos a que estava exposto, mas julgava-se preparado para qualquer eventualidade. Afinal ele era médico, estava acompanhando um anormal.

Dissolvidas as dúvidas iniciais, pôs o plano em execução. Dirigiu-se à rua principal de uma cidadezinha, distante dali duas horas de carro. Havia logrado o que queria: o ser artificial assim disfarçado não chegou a despertar a atenção dos passantes, pelo menos de maneira alarmante. O ser de natureza dupla portava-se como um autômato, e qualquer indivíduo poderia confundi-lo com um anormal. O resultado da experiência com o público poderia ter sido classificada de satisfatória, se não fosse por causa do incidente com os cães policiais. Assim que o avistaram, acossaram-no. Saíram em seu encalço. Latiam a mais não poder. Os esforços do professor resultaram inoperantes no sentido de afastar os cachorros. O fato chamou bastante a atenção, e provocou um ajuntamento de curiosos no local. A polícia interveio, a custo refreando os cães que, a esta altura, já haviam causado demais estragos. As mordidas, os ferimentos profundos não afetaram de nenhuma maneira o comportamento da criatura desprovida de instintos, ausente, alista, alheio por completo aos acontecimentos. Não esboçara nem sequer um movimento de defesa. O fato não passou despercebido aos olhos do policial, que submeteu o professor a interrogatório. Por sorte ele foi reconhecido por um dos habitantes, uma autoridade local, que o livrou do vexame, pondo-se a salvo da situação constrangedora, caso viessem a descobrir a identidade do ser ignóbil.

De então em diante o médico absteve-se de experiências análogas. Não valia a pena colocar em cheque o êxito da operação, ainda mais em se tratando de questões não essenciais.

Quando chegou à residência, foi ao laboratório fazer curativos nas partes afetadas do ser inumano. Embora fosse isento de dor, não era imune às doenças e infecções que contaminam o organismo humano. A gangrena, por exemplo, poderia alastrar-se e provocar um atraso considerável no ciclo da evolução da espécie *sui generis*.

O professor já dispunha de um estoque de oito criaturas. Sem considerações de ordem moral ou ética, tecnicamente seria possível produzir um número ilimitado de indivíduos daquela categoria, um exército de cadáveres recuperados e ativados. Seriam os robôs humanos, que substituiriam com vantagem os seus homólogos mecânicos. Muito mais “inteligentes”, estariam aptos a executar tarefas vedadas aos robôs convencionais, além de dispensar a programação. Poderiam ser empregados em missões espaciais e em uma série de situações. Por outro lado, levou em conta o perigo que a criação desses seres intermediários representaria, em caso de guerra, para a destruição de seres humanos. Antes de se configurar tal hipótese, de serem desviados para fins bélicos, seria necessário uma convenção

internacional para vedar o seu uso nesse particular. Além disso, era preciso também evitar a proliferação de tais seres, fabricados em série, para servirem apenas como mão-de-obra, ou quaisquer outros fins que não os justificáveis. Seria necessário um controle internacional rígido, um órgão encarregado de examinar a possibilidade de produção, de determinar o número exato dos robôs humanos, e manter controle permanente sobre suas atividades. Tais seres fariam parte do mundo do futuro, como auxiliares indispensáveis ao homem.

Tornava-se imprescindível uma campanha de esclarecimento da opinião pública no sentido de facilitar o trabalho do legislador. Era de esperar muita controvérsia no início do processo. Mas tendo em vista os altos fins a que se destinariam, era de crer também que engrossaria de forma gradual o número de adeptos às novas ideias. Seriam escolhidos os cadáveres fisicamente mais aptos para sofrer a operação. O princípio se justificaria no âmbito do axioma seguinte: “Todos são iguais perante a Lei”. Se têm os mesmos direitos, têm as mesmas obrigações.

3. A fase final: a ressurreição

Passar para a fase final. Encontrar a solução perseguida com afincos através dos anos. Cabia agora, entretanto, a mais importante das perguntas. Se porventura viesse a se concretizar a hipótese de o professor encontrar a fórmula, os meios que lhe propiciassem recuperar os cadáveres, devolvendo-os à comunidade como indivíduos normais, como no estado anterior ao de sua morte – seria lícito então conservar uma parcela dos robôs humanos para a prestação de serviços específicos? Seria justo condená-los a um sono letárgico eternamente? Por outro lado, por que prescindir de um elemento tão valioso, misto de homem e robô? Poder-se-ia estabelecer a seguinte regra: todos prestariam serviços como robôs, antes de serem ressuscitados. Exceção feita aos grandes homens, que poderiam ser mais úteis à sociedade se integrados sem tardança como seres aptos.

Haveria uma legislação especial, criar-se-ia um ramo do Direito para tratar dos assuntos concernentes à matéria em apreço.

O cientista entusiasmava-se – e com justa razão. Havia conseguido um feito único na História. Seu nome comporia a lista dos homens que mudaram o mundo. Certo, tinha tudo para regozijar-se, de modo especial após o êxito da recente operação, que deu movimento ao corpo inerte dos cadáveres, e entendimento a seu cérebro.

Mas o fato é que sentia uma falta quase que insuportável da mulher que amava. Oxalá pudesse encontrá-la, transmitir-lhe os últimos resultados e o campo ilimitado que se abria para o futuro. Teria certeza que compreenderia. De repente teve uma ideia. Iria tomar as diligências para contratar detetives particulares para descobri-lhe o paradeiro. Assim que a encontrassem, explicaria tudo desde o começo. Não podia mais suportar a sua ausência.

Pouco tempo depois, teve notícias de que ela já se encontrava na Capital, recém-chegada da Itália. A pressa. Correu ao seu encontro com a celeridade do Amor. Mas não pôde explicar-lhe nada. Ficou mudo como os seres que criara. Quis repudiar a realidade, sentiu ânsias de fantasia. A doutora Alida apresentava-lhe o marido, um conde italiano que conhecera durante recente viagem ao Mediterrâneo.

* * *

O professor encontrava certo lenitivo no esforço exagerado, concentrado que estava nas pesquisas, em companhia de Borgo e dos homens-sonâmbulos, tirados de um mundo irreal. Borgo, o idiota, mudo como os autômatos, incapaz de pronunciar palavra, era um espectro a mais a povoar aquela atmosfera de sonho.

Estava prestes a efetuar uma experiência decisiva. Havia trabalhado quase doze horas ininterruptas. Dentro em pouco disporia de elementos que lhe permitiriam ter uma visão mais realista da viabilidade da operação alfa-ômega. Atingiria a meta proposta no início do processo? Nos próximos minutos iria saber.

Pôs o aparelho em funcionamento. E ficou aguardando com grande expectativa os resultados da operação. Denominou o homem-cobaia de Laz-3. Laz, por alusão à Lázaro; e o número 3, para simbolizar o terceiro e último estágio do projeto. Ao cabo do tempo previsto, o homem deu sinais de vida, como quem desperta de sono profundo, ou recobra a consciência depois de passados os efeitos da anestesia. Pôs a mão na cabeça, sentia dor. Proferiu algumas palavras. Frases sem sentido. O médico deu-lhe forte sedativo. Já não havia a menor dúvida. O homem estava vivo, e pensava! Tinha alma! O encefalográfico registrava atividade cerebral. Algumas horas depois presenciou o seu despertar. Aguardava aquele momento com a maior das ansiedades. Quis logo estabelecer contato com o enfermo. Qual era o seu nome? Não obteve resposta. Mas o homem olhava fixo para ele, percebia a sua presença.

– Está me ouvindo?

A reação do homem foi inesperada. Levantou-se da mesa de operação, os olhos arregalados. Começou a grunhir como um animal selvagem. E atacou o professor. As mãos apertando a garganta, tirando o fôlego do cientista, sufocando-o. Nesse momento entrou Borgo que, percebendo a situação aflitiva do amo, interveio na cena para salvar-lhe a vida. E ambos subjugaram o paciente.

O professor atônito. A cena passara-se tão depressa que mal tivera tempo para reagir. Ia conservá-lo atado com fortes correias, até formar uma ideia a respeito de seu comportamento.

Com o passar do tempo, o doutor Megisto chegou a conclusões definitivas sobre o assunto. Já não abrigava a mais mínima dúvida quanto ao estado mental do ser que gerara. Apresentava todos os sintomas de um anormal, um louco furioso. O seu lugar era no manicômio. O que teria havido de errado? Mal funcionamento da máquina? O estado mental daquele homem, anterior à morte, requeria cuidados médicos? Teria sido um louco na vida passada? Consultou os seus arquivos, não constava nada a respeito. De qualquer modo, uma verdade ficava assentada: havia conseguido ressuscitar o homem. Não importava em que condições. Um fato consumado. O que lhe cabia fazer, como próxima etapa, era estudar o comportamento do paciente, mantê-lo em observação constante, tratá-lo como um doente mental, e verificar da possibilidade de cura, pelo menos parcial.

Dentro de poucos momentos ia submeter outro corpo semi-humano à operação. Disporia de mais dados para aquilatar melhor a situação. Se a sanidade mental dos indivíduos “operados” ficaria para sempre afetada ou não. Preparou o segundo espécime da fauna *sui generis*, já submetido a outras intervenções, que lhe transformaram de cadáver – estágio zero da operação alfa-ômega – em ser, em estágio equivalente aos seres mais primitivos da escala zoológica. Depois, graças a outra operação, adquiriu um *status* mais elevado, ser intermediário. Agora ia transportá-lo a um nível acima, devolver-lhe a identidade de *homo sapiens*. Numa escala hipotética, o homem transformado estaria muito mais próximo do ponto máximo que do ponto mínimo. Só o fato de ter restituído vida a um cadáver era recompensa mais que suficiente para os esforços.

As operações subsequentes obtiveram resultados semelhantes. Os homens revividos eram fisicamente normais, mas todos apresentavam distúrbios mentais no mais alto grau. O cientista estava desapontado. De que valia devolver a vida a seres anormais? Teriam muito mais utilidades se conservados no estágio intermediário, em que pudessem servir como robôs humanos. A máquina,

utilizada como veículo para transportar o homem objeto de estudo do segundo para o terceiro estágio, somente produzia tipos anormais como produto final.

O que fazer diante das circunstâncias? Convocar uma reunião de imprensa e revelar toda a verdade? A máquina seria passível de sofrer modificações, e seu método ser aperfeiçoado a ponto de produzir indivíduos aptos? Tudo indicava que não, pelo menos no momento. Devia então prosseguir com as experiências? O empreendimento estava acima de suas forças. O próprio organismo apresentava sinais de franco debilitamento.

Deu ordem a Borgo para que construísse algumas celas, com grades de ferro, a fim de abrigar os loucos furiosos que ele engendrara contra a vontade, fruto das experiências proibidas. Sua casa transformou-se num verdadeiro manicômio, em pequenas proporções. Como iria explicar às autoridades a presença dos doentes mentais, caso viesse a ser interrogado a respeito?

Passou a questionar o valor das últimas experiências. Do insucesso das operações recentes foi que surgiu a ideia de reverter os seres anômalos ao estágio intermediário, uma regressão propositada na escala. Seria possível intentar com êxito a operação? Calculou o tempo necessário para introduzir as modificações no aparelho que lhe facultasse pôr à prova a experiência. Se retrocedesse os seres de natureza múltipla à escala mais baixa, ficaria desprovido de material de estudo, e, *ipso facto*, impedido de observar a conduta dos pacientes. Existiria a possibilidade de cura, por mais remota que fosse, se não total, pelo menos parcial? Uma operação cerebral surtiria algum efeito? Ou eram casos perdidos? Quase certo que se enquadravam nesta última categoria.

Apelou para um colega de Universidade, especialista na matéria, e colocou-o em contato com o ser duplo. Sem, entretanto, revelar-lhe os pormenores de sua procedência. Para justificar a presença do enfermo, lançou mão de um pretexto qualquer. O médico especialista chegara à mesma conclusão que o exame perfunctório já havia assinalado: portadores de demência em alto grau, incuráveis.

* * *

Um dia, quando o cientista no laboratório. Soou o alarma, acusando a presença de estranhos. Borgo foi ver quem era. Dois homens bem vestidos que diziam ser do Fisco, vieram com o propósito de colher algumas informações. Borgo antes de abrir o portão que dava acesso ao pátio foi consultar o amo. Como se tratava de

representantes do Erário Público, o doutor Megisto resolveu facilitar-lhes a tarefa. Concedeu-lhes a necessária autorização para entrar, franqueando-lhes a residência. Pouco depois descobriria o logro. Tratava-se de um assalto planejado, levado a efeito por profissionais. Os facínoras, de revólver em punho, revistavam o domicílio em busca de valores.

– Onde o senhor guarda o dinheiro em espécie?

O professor decidiu cooperar. De nada adiantava resistir, à mercê dos assaltantes.

– Não é muito. Mas é só o de que disponho no momento.

Os ladrões não se deram por contentes. Recolhiam os objetos que lhes pareciam mais valiosos. Queriam visitar todas as dependências da casa, a fim de proceder a uma pilhagem completa. Bastante incisivos, se bem que até certo ponto polidos. O doutor fosse na frente, mantendo distância conveniente, para mostrar-lhes o caminho. Borgo obedecia muito a contragosto, e mais de uma vez teria investido contra os assaltantes se não fosse a intervenção do professor em sentido contrário. Terminada a vistoria, os dois intrusos estavam prestes a se retirar com o despojo. Restava, porém, o laboratório.

“E aquela porta?” – Indagou o líder.

– Conduz ao laboratório. Posso lhes assegurar que não vale a pena entrarem.

“De verdade?” – disseram ao mesmo tempo os outros dois, sarcásticos.

A recomendação do doutor surtiu efeito contrário, aguçando ainda mais a curiosidade dos elementos indesejáveis. O professor, diante de imposição, não tivera alternativa senão aceder, em vão tentando dissuadi-los do intento.

– A chave, por favor.

O professor, ao sair, tomara a precaução de fechar a porta do laboratório, como acontecia as mais das vezes. Relutante, procedeu de acordo com as instruções recebidas. O doutor Megisto, de propósito, deixara o corredor das celas que abrigavam os anormais, no fundo, mal-iluminado. O que causou um sério incidente, pondo em perigo a vida de um dos assaltantes. Enquanto olhava atrás das grades, inspecionando o cômodo, fora acometido por um ataque de surpresa, o demente apertando-lhe a garganta e arrebatando-lhe o fôlego, a custo salvo pela intervenção dos demais. Assim que se recuperou, encolerizou-se por não ter sido advertido do perigo. Contando com o concurso do companheiro, amarrou o médico e

seu ajudante. E passaram a quebrar os objetos de vidro e danificar os instrumentos, como represália.

Imobilizado, o professor em última instância apelou para os autômatos, os robôs humanos que estavam cobertos por lençóis brancos. Atendendo ao chamado, despertaram do sono tumular, e puseram-se em movimento.

Assim que terminou aquele episódio inesperado, o doutor Megisto foi acometido de um súbito mal-estar, acompanhado de dores, falta de ar e taquicardia; hipertenso.

Tomou um tempo para se refazer do choque e, tão logo sentiu-se melhor, arrumou as malas e partiu. Estava necessitando com urgência de um repouso, uma pausa no trabalho. Sentia-se esgotado, a cabeça pesada, com dificuldade de raciocinar, anorexia. Antes mesmo de traçar o itinerário de viagem, uma vontade interior impunha-lhe seguir o mesmo trajeto de quando fora para a temporada de descanso e recuperação, após o ataque cardíaco que quase o vitimara. Razões sentimentais? Os lugares conhecidos trariam de volta a lembrança da mulher amada. Reservou o mesmo quarto no hotel em que estivera. Passava todas as tardes pelos sítios habituais. Naquela época do ano, o tempo não sendo ainda propício, não havia muita gente. Em todos os atos a imagem daquela mulher estava presente, com o seu sorriso, o modo de olhar tão característico, como uma imagem esfumaçando-se ao contato. Tão perto e tão longe, realidade impossível. A solidão rondava os seus fantasmas noturnos. Pesadelos afligiam-lhe durante o sono. Às vezes abstinha-se de dormir, ou deitava-se de madrugada, aproximando-se a manhã, com receios profundos. Era inútil permanecer por mais tempo ali. Por mais que esperasse, o sonho nunca se tornaria realidade. A volta ao passado simbolizava de alguma maneira a despedida?

Tomou o trem de volta rumo à sua mansão na Capital. Ainda a vira mais uma vez. Por pura coincidência? Ou fora o próprio instinto que o guiara, forças desconhecidas que atuam no subconsciente. Olhou-a de longe. Ela nem percebeu a sua presença.

Na casa de campo. Quando se encontrava no laboratório, o médico fora preso por forte crise nervosa, e, arrebatado pela fúria, teria destruído tudo, se não lhe tivessem faltado as forças no exato momento. Primeiro a tremura. Depois não sentiu mais as pernas. A dor. O desmaio. A escuridão total. Entrara em estado de coma.

Antes, porém, tivera tempo de causar algum estrago, completando a obra dos assaltantes. Arrastara-se até à escrivaninha e lançou às chamas o seu Diário, única testemunha digna de fê das experiên-

cias. O segredo morria com ele. Borgo, quem iria dar crédito a um homem como aquele? Idiota, mudo, nem saberia como expressar-se.

O que se passara no íntimo do cientista? Vendo o fim aproximar-se, teria repudiado a sua obra? Ou agiu inconscientemente, o raciocínio perturbado pelas circunstâncias do momento, a doença turvando-lhe o entendimento?

O laudo médico acusara colapso cardíaco. Os jornais com grande estardalhaço noticiavam a defunção. Denunciavam a existência de câmaras frigoríficas destinadas a alojar cadáveres, com fotografias estampadas nas primeiras páginas. Vestígios de experiências macabras levadas a efeito, de natureza ignorada. A presença não autorizada de anormais, dementes irrecuperáveis com enorme cicatriz na cabeça. Destroços de aparelhos para fins desconhecidos. Se se descobrisse um meio para revelar ao mundo toda a verdade, a consciência coletiva ficaria escandalizada. Lamentavam o fato de um cérebro tão privilegiado pôr-se a serviço de causas ignóbeis.

O enterramento ocorreu no cemitério da cidadezinha mais próxima. Para lá ocorreu um número reduzido de amigos mais íntimos, um grupo de cientistas famosos e alguns homens de letras. A cerimônia fora simples e não tomara muito tempo. O padre proferira um sermão em que expunha os feitos e as contribuições da insigne personagem, alertando para os perigos das distorções a que estão expostos os mortais. A Academia de Ciência pretendia render-lhe homenagem póstuma. Sua cidade natal iria erigir-lhe uma estátua em praça pública.

Tempo escuro. Uma chuva fina e persistente. A doutora Alida na frente, de preto, enxugava com um lençinho as lágrimas furtivas que lhe turvavam a visão – enquanto o corpo baixava à sepultura. Apertava na mão esquerda uma lembrança de viagem, um presente que ganhara. Estava absorta, pensando quiçás nas gaivotas da praia, debruçada na amurada do cais, em frente ao hotel em que ficara hospedada.

Todos lamentavam a perda do amigo. E, terminada a cerimônia, partiam em diferentes direções, cada um ao encontro do próprio destino.

O OUTRO PLANETA TERRA

A viagem

Todos a postos nos respectivos lugares, previamente escolhidos, de acordo com a função que cada qual iria desempenhar durante a longa travessia interplanetária. Tripulação de escol, os componentes foram selecionados de entre os melhores profissionais, com o máximo de rigor que a missão exigia.

A expedição fora preparada com toda meticulosidade. Mais de uma década e meia transcorreu desde que se começou, de maneira efetiva, a pôr em execução o plano daquela ousada aventura no espaço desconhecido. Nunca havia sido intentada empresa de tamanha envergadura, uma façanha histórica, embora as possibilidades de risco houvessem sido objeto do mais acurado exame. A aeronave, primor da técnica, fora a maior construída até então, aparelhada com o que havia de mais moderno, resultado de conquistas recentes no campo da tecnologia espacial.

O empreendimento era fruto do esforço conjunto de vários governos, transnacional. A ideia foi lançada por um dos representantes americanos na Conferência de Paris, cumprindo determinação expressa de seu Governo. Prevaleceu a sugestão do Governo da África do Sul – a de que todos os países participantes contribuíssem com uma soma estipulada, proporcionalmente ao Produto Nacional Bruto de cada um. Afinal, o êxito da missão interessava à toda a Comunidade das Nações. A própria sobrevivência do gênero humano estaria ameaçada num futuro não muito remoto. As consequências funestas da explosão demográfica se faziam sentir, de acordo com as previsões. O mundo estava em crise. Em vários países, a estabilidade periclitava, com o agravamento da crise energética, a paralisação parcial dos transportes, e os efeitos decorrentes no setor produtivo, a escassez de alimentos

e de moradia, o desemprego acentuado. Os saques tornavam-se cada vez mais frequentes. A violência aumentava, de maneira especial nos grandes centros. E a população continuava a crescer em progressão geométrica...

Naquela expedição residia, portanto, a esperança de milhões de seres no almejar uma vida melhor. Tinha por fito preparar o caminho para a futura colonização do cosmos. Conquistar novos mundos para permitir o *optimum* populacional na Terra. Ideia já antiga, começou com as primeiras investidas do homem no espaço, e retomada com vigor a partir do estabelecimento das colônias espaciais de grandes proporções. Talvez muito antes disso, ideia dormida no subconsciente da humanidade. Mas a partir de então é que poderia ser posta em prática, com a descoberta de uma forma de propulsão. Com o desenvolvimento da tecnologia dos transportes, a viabilidade dos comboios espaciais em larga escala – e a inauguração de linhas regulares de um ponto a outro – tornar-se-ia realidade dentro em breve.

Os jornais noticiavam com grande destaque os objetivos do projeto e a significação de que se revestia para o futuro da humanidade. O dia da partida fora marcado com muita antecedência, mas só confirmado na véspera, tão logo se certificou que as condições meteorológicas eram favoráveis.

A nave, batizada com o nome de Argos, com clara alusão mitológica ao primeiro navio e à expedição dos argonautas. Era a primeira no gênero, talvez a aventura mais ousada do homem no cosmos. Seria possível transplantar o ser humano para outro meio ambiente, fora de seu *habitat*? O organismo adaptar-se-ia? Que mudanças nas funções biológicas ocorreriam? Alguma alteração no aparelho reprodutor? Como se comportaria a primeira geração? Era preciso levar em conta que, direta ou indiretamente, os fatores de ordem psíquica muito haveriam de influenciar na fixação dos colonos nos novos mundos. Afinal, era a primeira vez que o terráqueo estaria exposto àquele sentimento indefinível, a *doença do cosmos*. Poderia suportar a sensação de afastamento do planeta de origem? E a solidão? A nostalgia? Com a convivência forçada, como se daria o relacionamento entre uns e outros? Essas e outras mil indagações eram objeto de estudo por parte dos pesquisadores, analistas e psicólogos. Mas naquele momento o que importava era o fato de a missão Argos ser levada a bom termo. Após o retorno à Terra, estaria aberto o caminho para que fosse empreendida a tarefa da emigração em massa para outros planetas. A tentativa em apreço era apenas o germe de um longo e custoso processo, dividido em

várias fases, e que implicaria múltiplas experiências até que fosse iniciado de modo efetivo.

O astrônomo dava aulas aos interessados. Aquela nave fora a que mais se aproximara do Sol. Com 4,5 bilhões de anos, aproximadamente, o Sol é considerado estrela média. Alcança uma temperatura de 27 milhões de graus em seu núcleo. Naquele momento, estava ocorrendo um fenômeno interessante, que coincidia com período de turbulência, caracterizado pelo aparecimento de manchas na superfície. Tal fenômeno dá origem a enormes faixas brilhantes, denominadas Luzes do Norte. Explosões violentas, com labaredas que ultrapassam 100 quilômetros de altura. Na superfície da Terra, protegida por cinturão magnético, a intensidade dos raios solares não foi sentida.

Muito já se conhecia a respeito do sistema solar, graças às sondas, dotadas de equipamento de investigação do cosmos, as quais utilizavam a força gravitacional dos planetas, para acelerar sua força e velocidade – procedimento este denominado “estilingue cósmico”.

Uma das tarefas da nave Argos era estudar mais detidamente o planeta Júpiter, o maior de todos os planetas do sistema solar, e suas dezesseis Luas. Cinco vezes mais distante do Sol do que a Terra. Sua força de atração gravitacional só é inferior ao do astro-rei. O equilíbrio de Júpiter e as luas é considerado como um modelo em miniatura do sistema solar. Daí a importância de estudá-lo de forma conveniente para lançar luzes sobre alguns dos mistérios que envolvem a origem dos planetas. Um dos objetivos da investigação era determinar a quantidade de gases que compõem a sua massa – a proporção de hidrogênio e hélio. Uma minissonda blindada em forma de cone, construída para resistir a uma pressão vinte vezes maior que a da atmosfera terrestre, entrará na atmosfera gasosa de Júpiter.

Outra parte da missão consistiria em estudar Plutão, o menor e mais distante planeta do sistema solar, que leva 248 anos terrestres para completar a volta ao redor do Sol. A partir de Plutão – o desconhecido.

Os argonautas

O comando da nave estava a cargo do comandante Edgar Morgan, dos Estados Unidos, profissional dos mais competentes. Nunca durante toda a sua carreira chegara um minuto atrasado ao local de trabalho – exato cumpridor do dever. Disciplinado ao extremo, eficiente, soube granjear a simpatia dos superiores, que o tinham no mais alto conceito, a sua escolha para a importante missão

não causou surpresa. Intimorato, de uma feita arriscou a própria vida para salvar o companheiro desfalecido, num lance audacioso e perigosíssimo. Como estudante, alcançara os graus mais elevados. Unia aos atributos pessoais o fato de ser um cientista de renome internacional, professor cujas conferências eram disputadas pelas melhores Universidades. Havia escrito livros sobre matéria espacial. Homem seco, parco de gestos, media as palavras e as ações, se bem que era capaz de atos surpreendentes, em contraste com sua natureza fleumática.

Inglês oriundo de Manchester, o comandante Alan Enfield era veterano de várias viagens espaciais, astronauta com muita experiência no campo profissional, discípulo do comandante Morgan. Conservador, de princípios morais rígidos, dividia o tempo entre o trabalho e a família. Frequentador assíduo de cultos religiosos de sua seita. De atitudes anacrônicas, ao traçar-lhe o perfil poder-se-ia defini-lo como homem talhado para viver num mundo utópico, sem contato com a civilização, para ele permissiva e corrupta. Abominava os vícios, exigia para si e os seus uma conduta rigorosamente exemplar. Desde a Reforma, em sucessivas gerações, membros de sua família, representantes da nobreza, foram missionários da Igreja.

Em nítido contraste com o antecedente, o comandante francês Roland Ventura era de natureza pragmática, boêmio, que colocava os prazeres mundanos acima de tudo – pelo menos é o que se depreendia de uma análise perfunctória de sua personalidade. Se bem que, em determinados momentos, percebia-se uma expressão indefinível – quiçá melancólica – que lhe pairava nos olhos e turvava-lhe o ânimo. Na verdade, tinha um certo complexo de culpa por ter causado a morte da esposa, num acidente de carro, quando guiava em alta velocidade. Espírito hedonístico, agnóstico, cético. Niilista, em sentido político ou ético. Era de seu feitio desafiar o perigo, onde quer que se apresentasse. Praticava esportes que requeriam habilidade e coragem. Ex-piloto de provas, não vacilava em arriscar a vida. As acrobacias no ar valeram-lhe o apelido de “Nervos de Aço” e deram-lhe grande notoriedade. Talvez o melhor piloto de seu tempo, no gênero. O animismo não tinha sentido para ele, a morte era apenas um acontecimento, o cessar das funções vitais – conforme entrevista que concedera à imprensa, depois de feito memorável na História da Aviação.

O russo Boris Petrov fora o astronauta indicado para representar a Rússia, sua vocação natural. Sem dúvida um dos alunos mais brilhantes que cursaram a Universidade do Ar. Não escondia

a ambição de entrar para a História, num feito espetacular que lhe garantisse um lugar na galeria dos heróis da Astronáutica.

A Rússia somente aceitou em tornar-se co-partícipe do empreendimento em apreço, sob liderança americana, depois de assegurar-se de que, num futuro próximo, caberia a ela a parte majoritária em projeto similar.

O representante da Alemanha, comandante Werner Schultz, e o do Canadá, comandante John Stuart, completavam a lista dos responsáveis diretos pela condução da nave espacial que contava, além dos já citados, com um número considerável de astronautas menos graduados, para o cumprimento de tarefas específicas.

A cidade espacial

Tal era um dos apodos do veículo espacial, a maravilha do século, construído para abrigar cerca de milhares de pessoas. Era uma verdadeira cidade voadora, com população heterogênea – os “colonos”, povoadores de novos mundos. A cidade fechada dispunha de todas as comodidades, na medida do possível. Todos os fatores foram levados em conta – tendo sempre em vista a limitação do espaço disponível – para que os habitantes usufríssem o maior bem-estar. A cidade volante dispunha de ruas estreitas, veículos para locomoção interna, jardim, igreja, hospital, escola, biblioteca, cinema, área reservada para a prática de esportes, etc. Com peso descomunal, a nave era constituída por uma parte central, cuja forma lembrava até certo ponto a figura de um zeppelin, e por partes laterais desmontáveis a serem acoplados ao corpo central em pleno espaço – à semelhança de um gigantesco dominó. Cidade autosuficiente, pelo menos durante um espaço considerável de tempo poderia suprir as necessidades, abastecer-se de víveres produzidos na fazenda espacial, um como apêndice da nave, ou no laboratório.

Estufas especiais, submetidas à ação dos raios Delta-A, onde as plantas se desenvolviam à razão de 1/8 do tempo requerido para o crescimento normal. Assim, um representante específico do reino vegetal que, em condições normais, demandaria um tempo x para atingir determinado estágio no processo evolutivo, em condições artificiais necessitaria apenas de um oitavo desse tempo. O que equivale a dizer que havia várias colheitas de cereais por ano.

A descoberta da água sintética facilitou as viagens interestelares de longo percurso. A “água sólida” consistia em pastilhas de água concentrada, que se dissolviam em contato com líquidos, ou na própria saliva.

Ao longo do itinerário a ser seguido, pelo menos no âmbito do espaço explorado, havia as estações espaciais, verdadeiros entrepostos onde a nave poderia abastecer-se.

O objetivo principal da viagem era mergulhar no espaço desconhecido, em busca de mundos para colonização.

Os tripulantes foram preparados de forma conveniente, receberam durante meses a devida instrução de como proceder no espaço, no seu micromundo autônomo. Desligar-se-iam da Terra de forma gradual, manteriam contato permanente com o nosso planeta, até onde houvesse viabilidade de comunicação.

Como estivesse prevista a passagem da nave por várias estações espaciais, pelo menos dentro do espaço explorado, os tripulantes que não se achassem em condições de prosseguir viagem, em caso de inadaptabilidade, eram autorizados a voltar. Poder-se-ia ainda lançar mão de um último recurso: desmembrar uma ala da nave espacial, que ficaria em órbita de um corpo celeste, até que a equipe de salvamento viesse recolher os desistentes. Mais tarde, a ala seria rebocada para a estação mais próxima, ou diretamente para a Terra.

Uma particularidade muito importante a salientar era o fato de que, por primeira vez, as famílias dos astronautas também integravam a expedição.

Diga-se de passagem que as atividades normais do indivíduo não ficariam sustadas; sofreriam uma limitação, é claro. A Universidade, por exemplo, permitia a escolha de uma vasta seleção de cursos, estocados na memória dos computadores.

Em certo sentido, a Cidade do Ar oferecia uma série de vantagens, e contava com mais recursos do que uma cidade pequena – e mesmo média – dos Estados Unidos.

O homem de mil anos

Uma descoberta que deixou o mundo civilizado em suspenso. Um grupo de cientistas renomados da Universidade das Nações Unidas, após vários anos de pesquisa mantida em segredo, havia conseguido um meio de paralisar... de sustar o processo sistêmico de envelhecimento das células orgânicas. Talvez a maior descoberta de todos os tempos. Uma revolução na Genética, com uma série infundável de implicações. O que, em última análise, equivaleria a dizer que a média de vida do ser humano, nas novas condições, poderia alcançar a espantosa cifra dos mil anos.

Se a população continuasse a crescer nas proporções atuais, esse crescimento poderia trazer consequências desastrosas para o

destino da Humanidade. A disparidade entre a explosão demográfica e a escassez de alimentos ameaçava tornar realidade, em futuro não muito remoto, as catastróficas previsões de Malthus. Mesmo com a reformulação da ordem internacional, quando foram tomadas várias medidas para o controle da natalidade, as providências nesse sentido não tiveram a eficácia esperada, além de esbarrar com o preconceito e a falta de cultura das classes sociais menos favorecidas.

A descoberta dos raios Delta-A, e sua aplicação na agricultura, embora de forma considerável multiplicasse a produção de alimentos, além de ser onerosa, era insuficiente para atender a demanda.

A Terra estava ficando superpovoada, e em consequência diminuía-se os espaços livres. Pairava sobre o meio ambiente uma ameaça cada vez maior. As sucessivas Conferências das Nações Unidas sobre o assunto, que propunham legislação internacional para a proteção dos recursos naturais do globo terrestre, mediante sistemática planificação ou ordenação, carecia de autoridade para impor sanções aos países infratores, conforme é da própria natureza do Direito Internacional.

Qual a solução? No foro das Nações Unidas já se debatia, com maior insistência, a adoção imediata das medidas drásticas consubstanciadas no Plano do Crescimento Zero, que preconizava sustar o aumento da população e redistribuir a renda de maneira equitativa.

Nessa altura, o avanço tecnológico permitia explorar mais de forma apropriada e em maior escala o fundo do mar – com cidades e fazendas submersas, viveiros gigantesco para a criação de peixes e crustáceos em geral, obtenção de proteínas necessárias para o sustento de milhões de seres humanos.

A exploração do espaço exterior era a melhor das soluções. Muito já se tinha feito nesse setor até então, com ênfase no campo das comunicações e na captação da energia solar para fins industriais. Fazendas espaciais, para abastecer as aeronaves; e estações, como ponto de apoio avançado nas rotas espaciais. Muito já se conhecia a respeito do Universo, novas teorias científicas que lançavam luzes sobre a sua formação. O homem já havia estado em alguns dos planetas do nosso sistema solar. E os cientistas haviam chegado à conclusão que até àquele momento era inviável, pelo menos economicamente, a exploração dos referidos planetas, a não ser na eventualidade de detecção de algum mineral raríssimo. E mesmo assim, a extração de minerais em situação adversa tornaria muito onerosa a sua industrialização. Restava descobrir um corpo celeste, com idênticas condições da Terra, para efetuar a transferência de colonos em larga escala. Dentro do nosso sistema solar os planetas

conhecidos não apresentavam os requisitos de viabilidade. Era preciso ir mais além. Daí a importância de que se revestia aquela missão exploradora do cosmos, fora dos limites conhecidos, na qual residia a esperança de milhões de seres humanos.

O outro planeta Terra?

Yuri, o cronista oficial da expedição, assim descreveria a passagem para o outro lado do Universo, seguindo sua trajetória em direção ao ápex: “De repente, sentimo-nos como se dentro do raio de ação de um ciclone. Ou um campo de força magnética que nos arrastava de forma inexorável para determinada direção”. Estas foram as últimas palavras escritas no diário de bordo.

A cena seguinte foi a aterrissagem forçada num mundo desconhecido. O pânico inicial, compreensível em situação semelhante, a custo contido pelo comandante. As providências para o desembarque. A apreensão natural. Por fim, o contato com o corpo celeste. O comandante mais três voluntários, vestidos com a indumentária adequada, baixaram à terra pela saída inferior, conforme ficou deliberado. Os quatro astronautas entraram num compartimento que, até certo ponto, lembrava o lugar destinado aos mergulhadores de um submarino. Moveram a roda de aço para fechar a comunicação com o interior, e acionaram o botão de células fotoelétricas para que se abrisse, com lentidão, a portinhola que dava vazão ao mundo exterior.

O comandante foi o primeiro a descer a rampa, conforme o cerimonial. Sentiu certo alívio ao pôr os pés no chão. Entre cauto e destemido fez sinal para que os oficiais mais graduados o seguissem. Havia um silêncio de expectativa, ninguém ousava dizer palavra. Limitavam-se a contemplar uma paisagem rochosa, acidentada, aqui e ali recoberta de vegetação rasteira. Em certo momento o comandante deu uma ordem. A voz saiu-lhe embaraçada, engoliu seco pela garganta. Após uns instantes de indecisão, ficou acertado que os quatro exploradores tomariam rumo diferente. Passada uma hora, reencontrar-se-iam no mesmo sítio, e trocariam impressões.

Centenas de olhos perscrutadores acompanhavam, com a maior ansiedade, os acontecimentos através dos visores da cidade cósmica. Aos poucos as figuras dos astronautas, vistas de plano superior, foram ficando diminutas, até desaparecer por completo na linha do horizonte.

Na hora aprazada, os quatro viajantes do espaço, vindos das direções dos pontos cardeais, chegaram ao local quase ao mesmo tempo.

O comandante, com a expressão desanuviada. Parece que todos tinham chegado às mesmas conclusões. Devia tratar-se de um planeta, pelas dimensões constatadas muito antes da aterrissagem. E o que era mais importante, era habitável!

O subcomandante foi o primeiro a remover o capacete protetor; em seguida, os outros imitaram-lhe o gesto. Respirou o ar puro a golfadas, com júbilo acenando para os habitantes da cidade voadora.

Pouco depois já se encontravam a bordo da aeronave *sui generis*, com importantes revelações. Paisagens em tudo e por tudo semelhantes às da Terra, pelo menos dentro do âmbito do espaço percorrido.

Ato contínuo, reuniram-se na ágora para tratar das providências necessárias ao desembarque geral, com estrita observância das medidas de segurança.

Enquanto deliberavam, o capitão inglês à frente da equipe técnica inspecionava os danos sofridos pela nave avariada. Antes mesmo de o capitão retornar com o relatório, ouviu-se tremendo estrondo na parte sul da cidade. Tudo indicava tratar-se de um dos módulos que se havia desprendido do corpo central. E aqui a posição exata do veículo espacial: assentado no alto de montanhas, ligeiramente inclinado para a direita. O lado Sul da cidade, por sinal o menos frequentado, achava-se em parte suspenso no ar, sem nenhum ponto de sustentação, em virtude de localizar-se às bordas de falésia, rochas altas e íngremes, resultado da erosão marinha.

A dúvida então passou a atuar como elemento de pressão. Se o peso colossal provocasse uma fissura na rocha, a cidade poderia despencar-se das alturas, e seus destroços engolidos pelo mar. O comandante deu ordem de evacuar a cidade o mais rápido possível. Soou o alarma de emergência. A população estava preparada para tal eventualidade, procedendo com ordem e de acordo com as instruções ministradas no curso.

Mais tarde seria designado um grupo especial para recolher víveres e outros bens de primeira necessidade. E a equipe técnica permaneceria na nave a fim de reparar os danos e pô-la em condições de voar outra vez.

O Novo Mundo

A sensação de pisar terra firme, depois de muitos anos viajando através do cosmos. Os primeiros contatos com a natureza. As chuvas orográficas faziam desprender um cheiro de terra e plantas, que trazia de volta recordações do planeta de origem. Uma cascatinha de água

límpida e fresca que caía de altura de uns cinco metros, para gáudio dos expectadores. Uma temperatura característica de fim de verão europeu. A liberdade inebriava...

Dirigiram-se para um vale formoso e verdejante, a menos de uma hora de caminhada. O comandante ordenou que todos ficassem nas imediações, que não ultrapassassem certos limites – pelo menos por enquanto, por medida de precaução, até que a zona ficasse mais bem conhecida. Grupos de seis pessoas partiram em várias direções para explorar a região mais pormenorizadamente.

Os viajantes do espaço festejaram com grande júbilo a descoberta do mundo novo. Tomaram posse da terra em nome das Nações Unidas, em curta solenidade. Celebraram-se cultos diversos, de acordo com a seita a que pertenciam os participantes. Os cristãos chantaram uma cruz tosca feita com troncos de madeira local. Entoaram-se cânticos religiosos e hinos de vários países.

Yuri, o cronista, escrevia um relatório completo sobre os acontecimentos, para ser enviado à Terra como o primeiro documento oficial sobre a histórica expedição. Foram filmadas as cenas principais desde o desembarque. Estavam abertas as portas para a conquista do Universo.

Tão logo a cidade do espaço estivesse em condições operacionais, os astronautas retornariam à Terra, portadores da notícia do descobrimento. Os colonos permaneceriam, de acordo com o Plano Básico de Colonização do Espaço, a fim de fundar uma nova civilização para além-fronteiras do sistema solar conhecido, e preparar o terreno para o fluxo de outros imigrantes.

Com a chegada da noite, acenderam-se as fogueiras. Montou-se guarda nos pontos estratégicos do acampamento, como medida de segurança. Os habitantes iriam dormir ao relento, dispostos em fila, pois de maneira nenhuma seria viável o retorno à máquina espacial, enquanto estivesse em situação de perigo. Os guardiães estavam armados com o que havia de mais avançado na indústria bélica: as pistolas que armazenavam o calor do sol, multiplicando em centenas de vezes a sua intensidade.

O primeiro grupo de voluntários encarregados de buscar víveres na cidade alada acabava de chegar ao acampamento. Foram distribuídas as rações de forma equitativa entre os habitantes.

Os pioneiros do Novo Mundo. Assim que raiasse o dia iriam pôr em execução os planos para a conquista gradativa e racional do planeta recém-descoberto. De acordo com a divisão do trabalho, cada qual iria aplicar os conhecimentos em prol da causa comum. Na pauta das tarefas mais prementes constava o estudo dos solos

levado a efeito pelo geólogo. Resultado de uma análise perfunctória, à primeira vista parecia tratar-se de terra bastante fértil, de acordo com as amostras trazidas.

O astrólogo estudava o Céu por outro prisma, um panorama jamais visto por homens da Terra. As galáxias – sistemas com bilhões de estrelas, gás e poeira interestelar – de forma espiralada, esférica, elíptica ou irregular. Explicava. Fazia comparações. A Via-Láctea, galáxia espiral comum, tem aproximadamente 100 bilhões de estrelas. Seu diâmetro é de 100.000 anos-luz. O outro sistema solar tinha mais ou menos as mesmas proporções? Quantos milhões de anos levaria o Sol para completar uma revolução – o ano cósmico? Tratava-se de uma galáxia ativa, emitindo grande quantidade de radiações? Encontrava-se numa posição privilegiada para estudar a natureza do Universo. Dava nomes aos astros, conforme a denominação que receberam na Terra. A estrela mais próxima do Sol, por exemplo, foi denominada Próxima Centauri-2. Os planetas também recebiam a mesma denominação, de acordo com a distância com relação ao Sol, e até onde houvesse coincidência de número. Estudava as estrelas binárias, múltiplas e variáveis. A magnitude. A cor e a temperatura. Os tipos espectrais. O diagrama de Hertzsprung-Russel. As nebulosas. As proto-estrelas. A evolução estelar e os buracos negros, os quais podem ser detectados ao se observar seus efeitos gravitacionais sobre outros objetos. Não aceitava a teoria do *big bang*. Para ele, havia um conjunto de elementos espalhados em todo o Universo, os quais – em virtude de um fenômeno ainda não explicado – teria dado origem aos corpos celestes.

O órgão encarregado do planejamento iria fazer um estudo das viabilidades do planeta. Um relatório seria enviado às autoridades responsáveis pelo projeto, o mais substancial possível.

Duas aeronaves menores, com capacidade para quatro passageiros cada, iriam fazer vários voos rasantes para reconhecimento do terreno e coleta de dados básicos. E, antes de partir definitivamente, a nave-mãe daria a volta em redor do planeta para ter uma visão global.

Que surpresas estariam reservadas aos habitantes do novo planeta? No momento, o mais importante era entrar em contato com a natureza, com as forças telúricas. O deslocamento no espaço, a longa jornada, o confinamento obrigatório, a atmosfera artificial que envolvia a cidade-do-ar, o afastamento prolongado do meio ambiente, a própria falta de convívio contínuo com a natureza quiçá pudessem provocar distúrbios de caráter diverso, afetar os sentidos e alterar a balança invisível do corpo humano.

Não que a cidade estivesse desprovida de verde. Essa questão foi objeto de acurado estudo. Além do jardim que ornava a cidade, a fazenda espacial também acompanhava a metrópole voadora, como um apêndice necessário. Como medida profilática para compensar a ausência da natureza, os cidadãos deveriam fazer um estágio obrigatório na fazenda itinerante, numa espécie de rodízio para estudar Fitologia.

A mudança súbita e inesperada de rumo

De repente, no meio da noite, o barulho violento de uma explosão e um clarão prolongado que iluminou os céus. Todos estavam perplexos, abraçando-se uns aos outros, com plena consciência do que aquele acidente representava, cientes da gravidade da situação.

Depois outro barulho surdo que vinha das entranhas da terra, abrindo fendas no solo, sacudindo tudo em redor – terremoto. O pânico tomou conta de todos.

Quando o perigo maior já havia passado, quando cessaram os efeitos devastadores do tremor da terra, a população se concentrou em determinado ponto saliente. Uns tinham lágrimas nos olhos, outros se lamentavam de modo diverso. Aquilo que se apresentava como prenúncio de um começo venturoso agora representava uma catástrofe de proporções assustadoras, de consequências inimagináveis.

O que primeiro se fez foi socorrer os feridos e contar as baixas. Faltos de recursos, pois tudo havia sumido com o desaparecimento da cidade. Teriam de recomeçar tudo do nada, à mercê das circunstâncias. Pouco havia sobrado: algum mantimento, suficiente para um ou dois dias, poucos cobertores, em uso para os enfermos, uma que outra coisa, que os retardatários haviam trazido consigo. Quase nada. Por sorte, ainda dispunham de algumas armas que disparavam o calor do sol concentrado, se bem que a munição não iria durar muito. Mas pelo menos dava a sensação de alguma segurança.

Estavam a milhares de quilômetros da Terra, sem possibilidade de retorno, num planeta fora do sistema solar conhecido.

A ideia de sobrevivência ganhava de então em diante uma perspectiva toda especial. Dependiam dos próprios recursos para sobreviver, a ajuda externa estava fora de cogitação. Uma expedição de socorro, mesmo conhecendo grande parte da rota seguida, nunca encontraria um ponto minúsculo no espaço, pela lei das possibilidades. O mesmo que descobrir uma agulha num palheiro. Ficavam entregues à própria sorte.

O Pastor exortava os companheiros de infortúnio a levar avante a ideia de colonização, procurava incutir-lhes coragem e vigor no ânimo combalido. Uma nova civilização iria despontar naquele mundo. Uma civilização isenta de vícios, uma semente de escol para florescer naquela lonjura do Universo. Quem sabe – repetia com ênfase – a chegada àquele planeta não fora pura e simplesmente uma obra do acaso, mas do centro de onde emana o Poder supremo.

O primeiro a fazer era encontrar um sítio adequado para se estabelecerem. Empreenderam marcha de quase dois dias, até encontrar uma planície de vegetação rasteira, cortada por um rio de águas claras, seguindo um roteiro do grupo de reconhecimento do terreno. Ali iriam lançar os fundamentos da cidade. O arquiteto já tinha em mente o traçado em suas linhas gerais, se bem que precisasse levar em conta as peculiaridades do terreno, como era óbvio, além de outros fatores.

Para suprir as necessidades urgentes de alimentação, o rio oferecia abundante reserva de peixes, como ficou comprovado logo em seguida. No princípio, pescavam com varas compridas e pontudas, à maneira dos índios. Ou com redes feitas de cipós entrelaçados, trazidos pelos componentes do grupo de reconhecimento de lugares mais distantes.

Como não havia instrumentos cortantes, afiavam a pedra por meio de fricção, ou a própria pedra lascada para fazer machados, picaretas, facas grosseiras, etc. Mais tarde, descobriram ossadas de animais que foram utilizados para diversos fins. Como arma, por exemplo, a lança terminava por ponta de osso. Por extensão, logo apareceu a flexa. Praticamente, cada habitante estava armado de arco e flexa, ou lança, não só para obter alimento para subsistência, mas também para prevenção contra possível ataque de animais ferozes.

A caça também era abundante. Os animais apreendidos nas armadilhas eram conduzidos para o centro de abastecimento da fazenda coletiva, para o abate em momento oportuno.

Um dia, um grupo de caçadores avistou uma manada de cavalos selvagens. De então em diante mudou por completo a vida da comunidade. Reinventou-se a roda. E a carroça, como meio de transporte. O cavalo, como montaria, permitiu ao homem ir cada vez mais longe. A canoa e a balsa propiciaram incursões para o interior.

A expedição

Era mister conhecer o mundo em que habitavam. Construiu-se uma embarcação de madeira com capacidade para abrigar seis

peessoas, a ser impulsionada por vela e pela força dos remos. A expedição iria seguir o curso do rio até onde fosse possível. Abasteceu-se o mais que pôde de provisões, o suficiente para durar alguns dias. Levavam armas para caça e rede para pesca.

Tão logo terminaram os preparativos, a embarcação lançou-se ao rio e desapareceu no horizonte. Um dentre os tripulantes, como uma espécie de gajeiro, devia montar guarda, para evitar surpresas desagradáveis. Para tanto, revejavam-se nesse mister. Não fosse a embarcação chocar-se contra obstáculos ou despenca-se de queda d'água.

À medida que iam viajando, o geólogo dava nomes aos acidentes geográficos – rios, mar, montanhas, lagos, vales, etc. Já conhecia alguma coisa de referência, por descrição dos que se haviam aventurado antes por aquelas paragens, cobrindo pelo menos uma pequena parte do trajeto. Escrevia com um estilete terminado com ponta de osso em couros secos de animais.

Seguiam uma rotina determinada. Paravam para repasto e descanso. Ao cair da tarde, escolhiam um sítio adequado para passar a noite, amarrando a embarcação ao tronco de árvore. Com o bater de uma pedra contra outra produziam o fogo. E acendiam uma fogueira.

Na manhã seguinte, com os primeiros raios de sol, levantavam acampamento e continuavam a viagem. Compunham a expedição seis tripulantes de nacionalidade diversa: um italiano, um espanhol, um grego, uma iugoslava, um romeno e um francês. Cada qual tinha uma função diferente, de acordo com a sua profissão. Por finalidade, obter o máximo de proveito daquela experiência, levar o maior número de informações possível. O astrólogo passava horas a fio observando o Céu, tirando as suas conclusões a respeito da posição dos astros. Era o que mais lamentava a falta de instrumentos adequados. O geólogo estudava os solos na esperança de descobrir minerais. O naturalista catalogava as várias espécies de representantes do mundo animal, vegetal e mineral, recolhendo algumas amostras mais interessantes.

Durante o percurso de ida, não houve ocorrência extraordinária a registrar no improvisado diário de bordo, salvo dois ou três episódios. Um deles, aliás, originado por descuido: enquanto dormiam, a amarra da canoa soltou-se. Na manhã seguinte, qual não foi a surpresa quando se deram conta do fato. Felizmente, a poucos quilômetros do local encontraram a canoa parada num remanso. O outro episódio pôs a perder a própria embarcação, quando esta foi ao encontro dos escolhos. A moça iugoslava quase se afogou. Bateu

com a cabeça nas pedras, e chegou mesmo a perder os sentidos. Tiveram de atrasar a viagem de volta até ela se recuperar.

O regresso foi penoso, não só pela longa caminhada, mas também porque, em alguns trechos, a mata espessa dificultava os movimentos. Pelo menos tinham a seu favor o fato de o caminho de volta não lhes ser estranho. Bastava-lhes seguir o rio para se chegar ao ponto de partida. O que de fato se deu, algum tempo depois.

A curiosidade em torno dos exploradores era imensa, todos queriam ouvir o relato pormenorizado. A descrição minuciosa da viagem foi objeto de cuidadoso exame por parte dos cidadãos do novo mundo, particularmente pelos responsáveis mais diretos daquela empresa. Afinal, aquele planeta era ou não habitado por homens? Até então não se tinha encontrado nenhum vestígio de sua presença. Como se explicaria o fato de naquele planeta, semelhante à Terra, com as mesmas condições de vida, não se comprovar a existência do *homo sapiens*? Ainda mais levando-se em conta que a fauna e flora específicas da região visitada eram idênticas às da Terra, comparando-se as regiões climáticas respectivas. Teria havido, em idades geológicas anteriores, uma ruptura de um elo na evolução dos seres, uma anormalidade na Genética? Em todo caso, ainda era cedo para se tirar conclusões apressadas. As informações colhidas restringiam-se a uma área determinada. Faltava explorar o resto todo do planeta, o que seria na prática inviável em curto prazo. Estavam apenas no limiar.

A vida na cidade

Decorridas algumas décadas de sua fundação, Brasília apresenta uma série de defeitos – alguns de difícil solução, e que tendem a se agravar com o transcurso do tempo. Vamos examinar os principais:

O primeiro diz respeito ao trânsito. Contando com a vantagem de dispor de um espaço praticamente ilimitado, o planejador de Brasília não tirou partido da situação. As vias estreitas não dão vazão ao fluxo de veículos, de modo especial nas horas de maior movimento. Os eixinhos têm apenas duas pistas e, no acesso às entrequadras, uma pista única. As denominadas tesourinhas permitem a passagem de somente um veículo por vez. Nas horas de maior procura, as filas intermináveis demonstram de forma cabal a falta de adequação do trânsito em relação às necessidades da cidade. Basta ocorrer um acidente para que o tráfego fique, total ou parcialmente, interrompido. Outros pontos de engarrafamento podem ser detectados. No final da L-2, por exemplo, na bifurcação das vias que demandam o

Setor de Autarquias e o Eixo ou a passagem para a Asa Norte. Outro ponto controverso pode ser localizado no início dos eixinhos, nas proximidades da Rodoviária, zona de convergência de trânsito, ou no Setor Comercial Sul, em virtude da densidade demográfica. A W-3, em razão dos numerosos semáforos disseminados ao longo da pista, também não estimula uma circulação desimpedida.

O segundo problema refere-se ao estacionamento. Novamente o planejador incorreu em erro, destinando um espaço insuficiente para o estacionamento de veículos. Não vale o argumento de que Brasília foi construída para abrigar determinado número de habitantes. Toda cidade cresce de acordo com suas necessidades. O Centro Comercial Sul constitui um dos exemplos mais patentes da falta de planejamento, no que concerne ao estacionamento, com número desproporcional de edifícios concentrados num espaço (relativamente) exíguo. Os estacionamentos localizados nas entrequadradas, na W-3 e em outras partes da cidade, não correspondem à expectativa dos usuários.

O terceiro problema refere-se ao excesso de decibéis, ou seja, ao excesso de barulho provocado por carros, ônibus, motos e aviões. Os moradores dos edifícios situados à margem das vias de circulação, bem como os residentes nas áreas próximas ao aeroporto, se ressentem de proteção contra o barulho. Teria sido suficiente construir os edifícios mais afastados, em relação às vias de circulação, para sanar tal inconveniente. E o aeroporto foi construído muito próximo à cidade. Embora tenha a vantagem do fator distância, fez aflorar uma série de problemas.

O quarto problema diz respeito à irracionalidade quanto à seleção dos lugares para concentrar determinados setores da atividade humana. Na Avenida W-3, por exemplo, há um setor comercial, um setor habitacional, um setor hospitalar e um setor de atividades várias. O que vem contrariar, inclusive, a própria filosofia da cidade.

Finalmente, e este constitui talvez o problema maior de Brasília, é o limite imposto ao seu próprio crescimento, conforme o plano urbanístico adotado. Num futuro próximo, o ponto de saturação da cidade será atingido.

A solução – a única solução – é construir uma cidade-satélite, com características especiais, uma segunda Brasília, possível de se expandir indefinidamente, de acordo com as suas necessidades.

Proposta de um plano urbanístico para construção de uma cidade satélite

A cidade aqui apresentada é cortada por 2 eixos: o vertical, que divide a parte leste da oeste; e o horizontal, que divide a parte sul da norte.

A parte norte é formada por ruas que congregam uma atividade específica. Por exemplo: Rua dos Hotéis, Rua das Escolas, Ruas da Diversões, Rua dos Escritórios, Rua das Indústrias, etc.

Todas as Ruas são constituídas por 6 pistas. Assim, não se põe o problema do congestionamento, mesmo nas horas de maior movimento. Também não há problema no que se refere ao estacionamento, pois é destinada uma área contínua para esse fim, entre uma Rua e outra. Ou seja, no fundo de cada Rua, há uma rua de Estacionamento que, além da finalidade específica, tem por objetivo facilitar o acesso dos usuários aos edifícios demandados. Para algumas Ruas – a Rua dos Hospitais, por exemplo – o estacionamento é opcional. Separando um edifício de outro, há uma área reservada ao estacionamento, para facilitar a locomoção.

No interior do Eixo Vertical Norte – a denominada Rua do Governo – encontram-se todos os edifícios onde funcionam os órgãos do Governo – dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

E no interior do Eixo Vertical Sul – ou Rua do Povo – se localizam os edifícios ou áreas de domínio público: a Biblioteca Municipal, o jardim Botânico, o Jardim Zoológico, fontes luminosas, parques de diversão, kartódromo, etc.

Na parte sul localiza-se a zona residencial, constituída por Células Habitacionais (Célula 1, Célula 2, Célula 3..). Cada Célula se compõe de prédios (prédio 1, prédio 2, prédio 3..), do mesmo gabarito, dispostos verticalmente, e separados por área verde, com uma distância conveniente. Entre uma fileira e outra de prédios se localiza uma zona de estacionamento de veículos, de modo a facilitar o acesso aos prédios. O conjunto das Células Habitacionais, dispostas horizontalmente, forma uma Rua (Rua 1, Rua 2, Rua 3..). Entre uma Rua e outra se encontra uma Rua dos Esportes que, como o próprio nome indica, é destinada à prática de esportes (com ciclovia, *cooper*, tênis, basquete, vôlei, natação, pista de patinação, ginástica, etc.). Separando as áreas destinadas a cada atividade desportiva, há uma área verde, com gramado, árvores e flores.

A disposição das Células Habitacionais em relação às Ruas da Parte Norte indica que os moradores da Células dispenderão, praticamente, o mesmo tempo para chegar a uma determinada Rua,

mesmo seguindo trajetos diferentes – se forem tomados por base certos parâmetros.

Ao contrário de muitas cidades construídas nas pranchetas de arquitetos, às quais são impostas limites de crescimento – como é o caso de Brasília, por exemplo – a cidade em tela, conforme é da característica do seu plano arquitetônico, pode se expandir indefinidamente, na medida de suas necessidades naturais. Em consonância com o pensamento de Toynbee, a tendência das cidades modernas é transformarem-se em megalópoles.

A evolução do planeta

A esta altura, uma indagação se impõe. Um planeta povoado com seres qualificados e, portanto, homogêneos, dispondo de terras férteis e subsolo riquíssimo e inexplorado – e sem os problemas que afligem a Terra, tais como pauperismo, excesso de população, desnível cultural e social, etc. – em quanto tempo o referido planeta, com as condições favoráveis, alcançaria o grau de progresso e civilização da Terra? Em outras palavras, quanto tempo transcorreria para que se chegasse ao mesmo estágio evolutivo da Terra? E, uma vez alcançada a paridade, tudo levaria a crer que os habitantes do novo planeta teriam condições para evoluir mais com maior rapidez do que os terráqueos, em período igual de tempo. É dado ao ser humano evoluir indefinidamente, tanto física quanto mentalmente? Ou chega-se a um ponto no qual a evolução se paralisa, devido à própria natureza do homem – assim como a esponja atinge o ponto de saturação em contato com a água? A capacidade do cérebro é limitada, ilimitada?

Sem dúvida tratar-se-ia de uma experiência interessantíssima acompanhar o processo de desenvolvimento de uma população de escol num meio ambiente propício à expansão. Uma população sadia, eugênica, com alto padrão de vida e longevidade, nível intelectual superior – assim seriam as características da população futura naquele planeta, em tudo semelhante ao planeta de origem. Se se colocasse em cotejo o elemento humano, os representantes da espécie humana dos dois planetas em apreço – pelo menos no que se refere ao aspecto qualitativo e não quantitativo – é forçoso reconhecer que ao novo mundo caberia a supremacia nesse terreno, com as vantagens incontestáveis decorrentes do fato. O que equivaleria a dizer que teriam a tendência a progredir mais rápido que os segundos. Além disso, não teriam de suportar o ônus – como acontece em parte, na Terra – de uma população subnutrida, disforme, e em alguns

casos faminta, como ocorre em várias regiões do globo terrestre. Outro ponto a considerar, no processo de evolução do planeta, é os problemas que adviriam com o alto nível atingido pelos cidadãos em geral, por paradoxal que pareça. Um desses problemas diz respeito à mão-de-obra para a prestação de serviços em determinados setores. É bem verdade que, com o avanço tecnológico, a máquina substituía o homem nas tarefas que demandavam esforço físico – a era da cibernética. Assim, e para citar um exemplo, no item relativo aos transportes públicos, os veículos utilizados – os trens – eram automatizados, prescindindo de condutores. Os robôs – ou máquinas apropriadas – eram utilizadas para efetuar o serviço de limpeza, ou máquinas programadas para tal fim. O lixo era dissolvido em recipientes especiais de que estavam providas as próprias casas. O serviço de correios também era automatizado; e a manipulação das cartas, feita por intermédio de computadores, até no que se refere ao transporte das mesmas. Uma vez chegadas ao destino, na cidade indicada, eram armazenadas nas caixas postais da repartição pública onde funcionavam os Correios.

Os usuários dos postos de combustíveis encarregavam-se eles próprios de se servir, de acordo com as necessidades. Mediante depósito prévio de dinheiro, no recipiente adequado, da máquina, esta fornecia-lhe a quantidade demandada.

Aliás, este sistema de servir-se a si próprio era muito difundido e constituía a regra – desde que fosse viável, é claro. Assim, nos restaurantes, cinemas, bares, mercados, postos de abastecimento em geral – e praticamente tudo o que exigia esta espécie de prestação de serviço – seguia os referidos padrões.

Grande parte das indústrias era controlada por intermédio da automação, dispensando o concurso ou a participação do homem.

No que se refere à lavoura, o ciclo era mecanizado, desde o plantio até à colheita. As máquinas eram programadas para levar a efeito o trabalho de estocagem.

O trabalho doméstico via-se reduzido ao mínimo, com as casas controladas pelos computadores, que acionavam dispositivos de múltiplos efeitos, em horário estipulado. O fogão eletrônico substituía com vantagem o concurso humano. Programado para preparar determinados tipos de comida, com as indicações previstas no manual, encarregava-se de seguir à risca a receita de acordo com a quantidade requerida.

É óbvio que nem todos os serviços eram passíveis de dispensar a atuação humana. Com o intuito de suprir esta lacuna, fora instituído o “Serviço Compulsório” anual, para ambos os sexos, de cidadãos

recrutados aos dezoito anos de idade, com vantagens incontestáveis para a comunidade.

Os órgãos estatais arrogavam-se o direito de programar as atividades, mas a propriedade privada era tolerada, pelo menos até certo ponto.

Cada cidade tinha o seu Governador, cuja autoridade se estendia até para além dos limites da cidade propriamente dita, englobando uma faixa contígua de terras, numa distância predeterminada, que constituíam os distritos.

Os políticos eram eleitos pelo povo, mas tinham de apresentar certos requisitos indispensáveis. E podiam ser destituídos do cargo, no final do ano, quando o povo aprovava ou desaprovava a sua conduta política. O mandato supremo era exercido pelo Conselho do Povo, um pequeno grupo seletivo de cidadãos, sob cujos ombros recaía a responsabilidade de conduzir os destinos do planeta. Havia uma só nação, regida pelas mesmas leis. Os componentes do Poder Legislativo não eram eleitos, mas selecionados por concurso de acordo com sua capacidade. Além disso, a qualquer cidadão era facultado a apresentação de leis, desde que observasse as normas estipuladas. Sua proposição era, então, analisada, e depois de seguir os trâmites legais, se aprovada, incorporava-se ao acervo jurídico do Estado.

O regresso ao planeta Terra

O tempo chegou em que a tecnologia tornou possível a construção de uma nave espacial, ainda mais aprimorada que a anterior que os trouxera para aquele mundo. Organizou-se a expedição de retorno com todo cuidado, como as circunstâncias o exigiam. Estavam preparados para o longo mergulho no espaço, com todos os riscos e as implicações decorrentes. Era óbvio que, a população tendo se expandido de maneira considerável, nem todos poderiam embarcar. O processo seletivo levaria em conta os conhecimentos técnicos necessários para que a operação fosse levada a bom termo. Proceder-se-ia, secundariamente, à seleção dos candidatos por sorteio. Muitos os habitantes do novo mundo que preferiam ficar, *sponte sua*; ali haviam criado raízes, aquele era o ideal de vida. Além disso, no que diz respeito à juventude, conheciam o planeta Terra apenas como referência ou relato. O seu planeta de origem era aquele. Portanto, a sua realidade era diferente da realidade dos maiores, habituados que estavam a um estilo de vida diferente do que vige na Terra. Não obstante, grande era a expectativa por parte de todos em torno de cada fase do projeto.

No dia marcado para a partida, houve grande concentração de gente nas imediações do lugar indicado para tal fim. Foram várias as festividades comemorativas do feito. O comandante, em longo discurso, enalteceu o significado e os objetivos de que se revestia tal empresa. Na hora aprazada, procedeu-se à prática da contagem regressiva para a partida, conforme a regra. O tempo apresentava-se bastante bom para o início da viagem intergaláctica, considerado por alguns como prenúncio favorável. Muitos tinham lágrimas nos olhos – não só entre os que partiam, mas também entre os que ficavam. Talvez aquele adeus fosse definitivo, tantos os perigos que ameaçavam as aventuras de tal natureza.

Um misto de euforia e apreensão, de ambos os lados. Se a viagem tivesse o êxito desejado, se os navegantes conseguissem chegar incólumes à Terra – quais as consequências práticas que adviriam para os povos dos respectivos planetas? Haveria uma emigração em massa para o novo mundo em busca de melhores condições de vida? Não era essa a finalidade da primeira viagem? E o que representaria para o planeta receptáculo a absorção dos alienígenas? Como se daria a convivência entre uns e outros? Qual o foro legal para as pendências? Mil e uma indagações pairavam no ar. Que surpresas estariam reservadas para os povos das duas galáxias?

No espaço confinado da aeronave-cidade, outra espécie de temores acoitava os navegantes do cosmo. Tinham consciência dos perigos inerentes às viagens daquele tipo – forças desconhecidas poderiam atuar poderosamente e desviar a nau para rumos ainda mais ignotos, ocasionando-lhes a ruína e a morte prematura. Um sem-número de surpresas reservado aos astronautas. Para não mencionar o malfuncionamento da máquina, passível de retê-los para sempre no espaço – como um ponto obscuro, ou um minúsculo corpo celeste na imensidão do Universo.

E agora vem a pergunta fundamental: é lícito ao ser humano pesquisar os segredos mais recônditos do espaço, ou é próprio do homem aceitar a sua humílima condição e conformar-se em ser apenas expectador do movimento dos astros que lhe estão mais próximos? Em suma, Deus existe? Como aceitar a ideia de que o Universo é infinito? A própria noção de infinito não é caótica na mente humana? A resposta do homem é a seguinte: o infinito, no seu conceito ontológico, é inconcebível, e a sua explicação constitui o maior desafio de todos os tempos para o ser humano, que tem o dever – movido pelo desejo incontido de curiosidade peculiar a sua espécie – de elucidar o mistério. É parte do eterno conflito entre o espírito e a matéria. De um lado, a sua fraqueza, que o limita; do

outro, a sua fortaleza, que o impele. Tal assim a natureza dúbia do homem, constituído por um mecanismo tão frágil, mas dotado de uma superforça que o impulsiona a ir mais além, a superar-se a si mesmo. Não é uma escolha, é uma contingência. Dentro do próprio Universo, o ser humano é também infinito e inexplicável. Que destino estaria reservado aos navegantes, caso concluíssem a travessia, no planeta Terra? Que tipo de sociedade encontrariam? Como estariam organizados? Teriam aprendido as lições do passado? A conviver de forma pacífica, proscrevendo para sempre o flagelo da guerra? Ou optaram pela autodestruição – o planeta Terra aniquilado pelo artefato nuclear, com os seus destroços vagando pelo espaço, apenas um vácuo no sistema solar? Em resumo: à medida que atinge os diversos estádios de sua longa evolução, o homem aprimora as qualidades morais? Ou é característica de sua condição o ser como é? O ser humano na sua grandeza e miséria: o ódio, o amor, o egoísmo, a magnanimidade, a vida e a morte – tudo, enfim, que faz parte da essência humana, como um amálgama de virtudes e defeitos. Uma coisa é certa: de origem desconhecida, a força que o impulsiona a ir mais longe é mais forte do que ele mesmo.

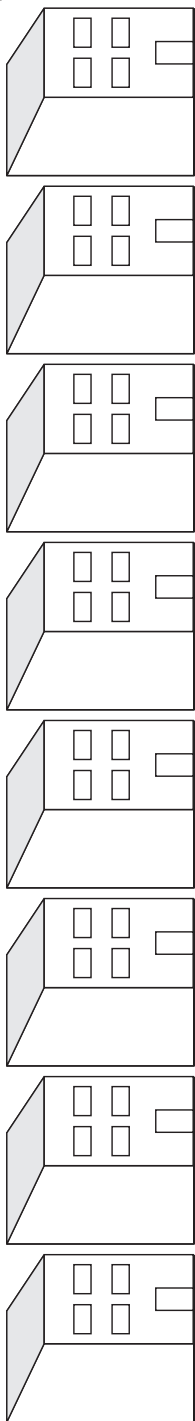
E eis a moral de estória: a viagem intergaláctica, com todos os lances espetaculares, teria realmente existido? Ou fora apenas um produto da imaginação, ou um sonho de uma personagem que nem chegou a fazer parte da história?

Fim de Metamorfose.

A MAIOR UNIVERSIDADE DO MUNDO

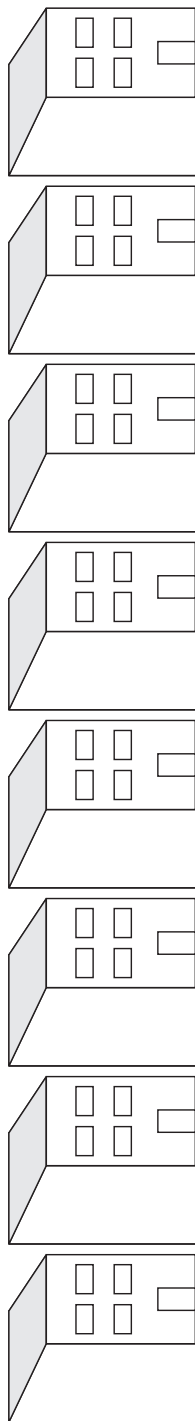
(Todas as faculdades num só conjunto arquitetônico)

SALAS DE AULA



RUA

ALOJAMENTOS



ESTACIONAMENTO

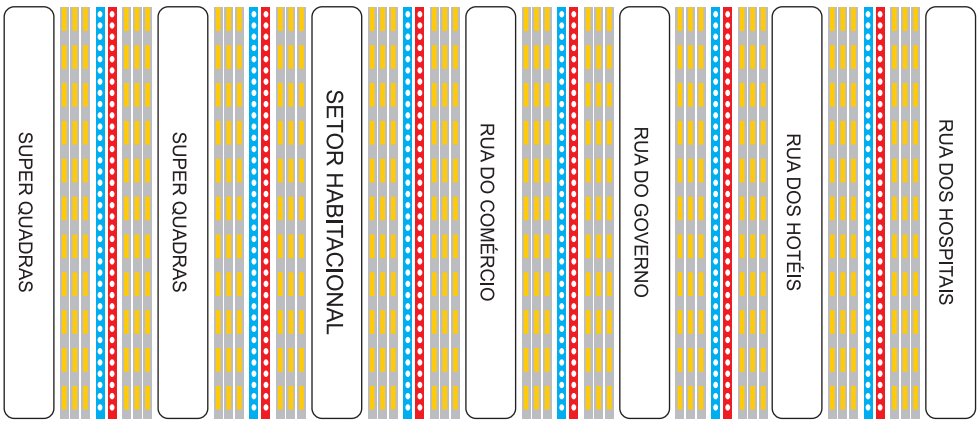
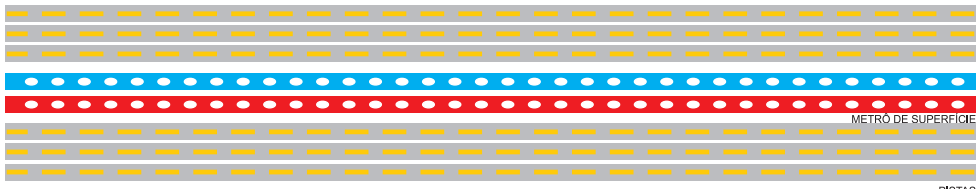
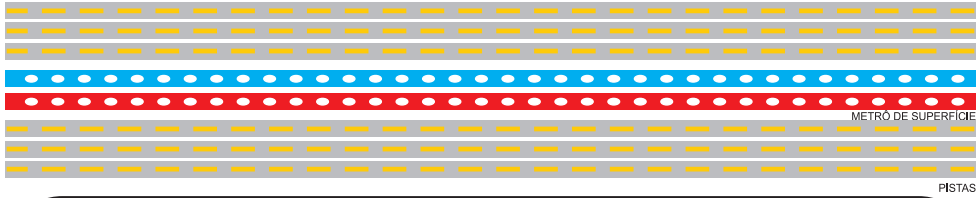
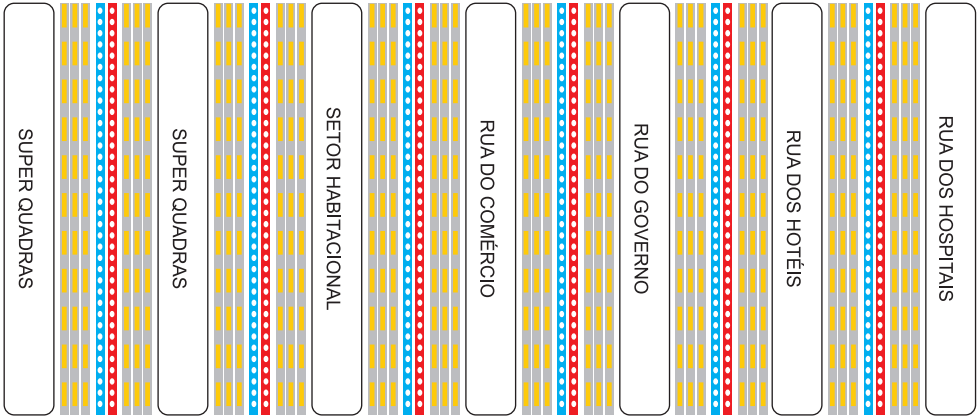


RUA

ÁREA DE LAZER
JARDIM, RESTAURANTE, BAR, COMÉRCIO EM GERAL

A CIDADE INTELIGENTE

(Uma rua para cada atividade)

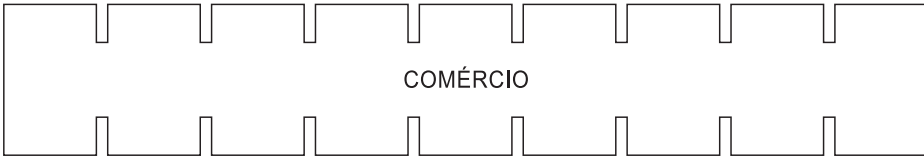


PARQUE MUNICIPAL

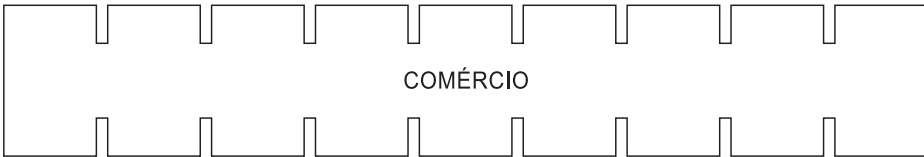
• ÁREA DE LAZER • CINEMAS • SHOPPINGS • RESTAURANTE • PADARIAS • BIBLIOTECA • TEATRO • MUSEU • ETC.

ESPORTE

QUADROS HABITACIONAIS



RUA 01



RUA 02

JARDINS

William Agel de Mello é um dos meus escritores prediletos.

GUIMARÃES ROSA

William Agel de Mello, criador da neolíngua. Seu destino é vir a ser grandíssimo escritor.

GUIMARÃES ROSA

O diálogo de Rolando e Auda – um dos trechos mais bonitos da literatura brasileira.

GUIMARÃES ROSA

William Agel de Mello é finíssima e formidavelmente dotado para levantar a incríveis zênites a nossa literatura – o que acho, acho, acho.

GUIMARÃES ROSA

William Agel de Mello é, hoje, um dos melhores contistas brasileiros.

JORGE AMADO

Epopéia dos Sertões é um livro de grande força, que prende o leitor da primeira à última linha.

JORGE AMADO

O Último Dia do Homem tem todas as condições para sucesso, inclusive de público. É ao mesmo tempo de alta qualidade literária e de grande interesse romanesco.

JORGE AMADO

O nome de William Agel de Mello está indelevelmente ligado ao nome de João Guimarães Rosa, considerado por muitos o maior escritor brasileiro.

Em primeiro lugar, quando William ingressou na carreira diplomática, foi lotado no Serviço de Demarcação de Fronteiras, cujo chefe era o embaixador Guimarães Rosa. Foi um convívio de quase três anos, que resultou numa profunda amizade, que durou até a morte do Mestre.

Em segundo lugar, o grande escritor homenageou o amigo no livro *Tutameia – Terceiras Estórias*, dando nome a um dos personagens – Iô Wi, Io Williamzinho – no conto *Retrato de Cavalo*.

Em terceiro lugar, o livro João Guimarães Rosa – *Cartas a William Agel de Mello* foi o resultado da correspondência trocada entre o Mestre e o jovem diplomata, enquanto este servia no Consulado-Geral do Brasil em Barcelona. O pequeno livro traz revelações importantíssimas sobre aspectos da vida de Guimarães Rosa, leitura imprescindível para a exegese da obra Roseana.

Em quarto lugar, como único detentor de originais do livro *Tutameia* de Guimarães Rosa, William os doou ao Museu de Cordisburgo – na casa onde nasceu o grande escritor mineiro – com os seguintes dizeres: “doação do Cônsul William Agel de Mello”, o que ficou gravado para sempre.

Finalmente, nas OBRAS COMPLETAS de Guimarães Rosa consta o livro *Cartas a William Agel de Mello*, que constitui um vínculo indissolúvel entre os dois colegas e escritores.

Antônio Olinto

